



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

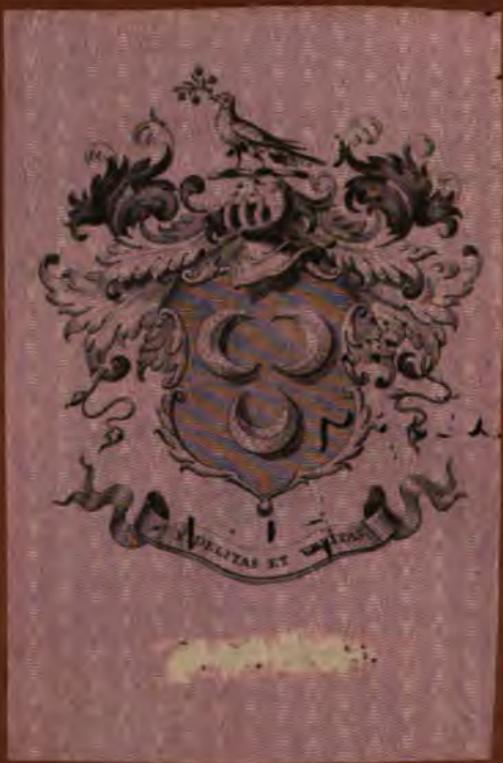
We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>





TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD

Count Cito
Retraçado secondo o traçado
número a trazado
+ XXIV Pk + 586 Pk

88 M

Vet. Port. III B. 77

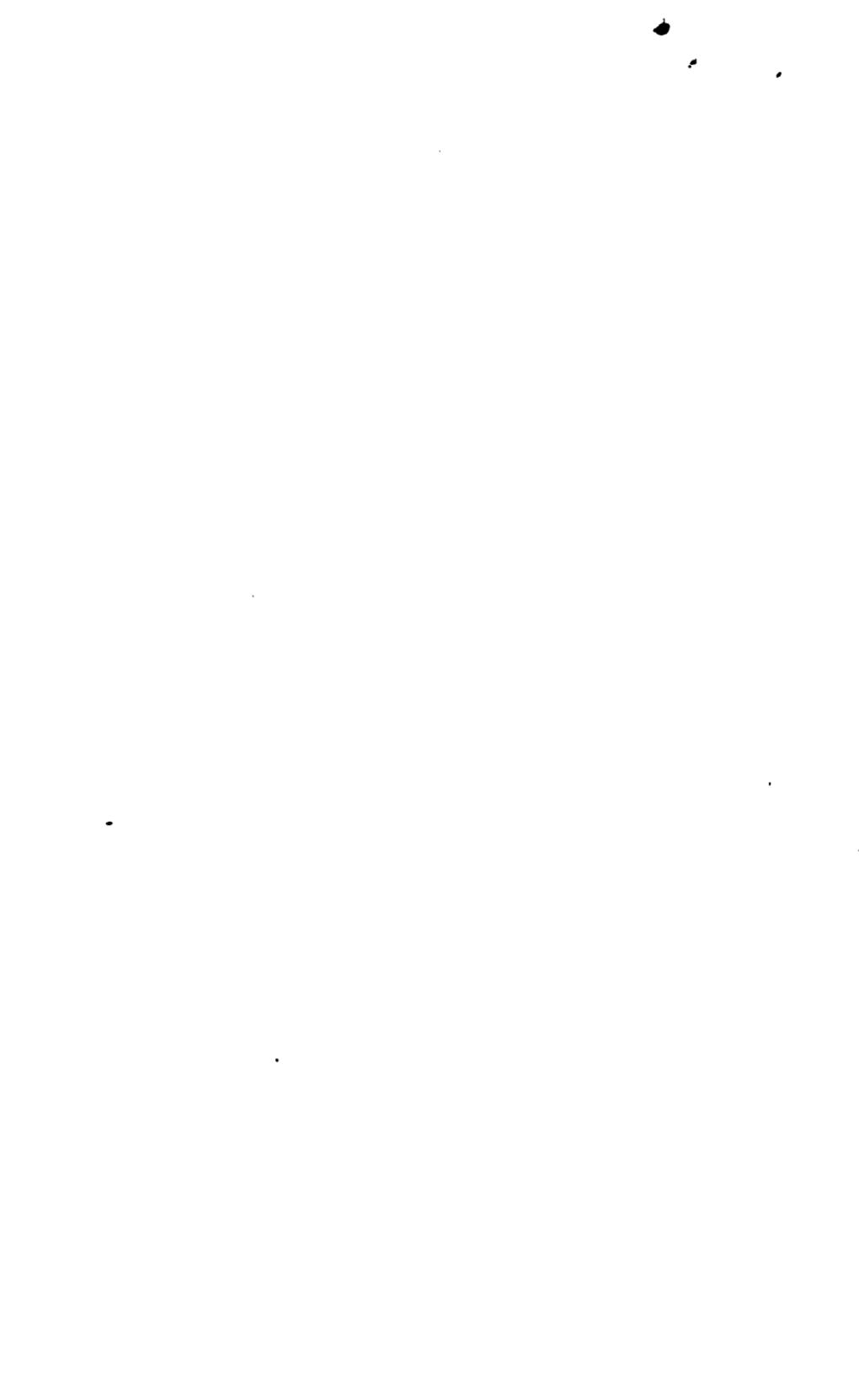




J. F. Freire

OS LUSIADAS.

PARIS.—NA TYPOGRAPHIA DE FAIN E THUNOT RUA RACINE, 28.





F. Gerard del't

B. Roger sculpt'

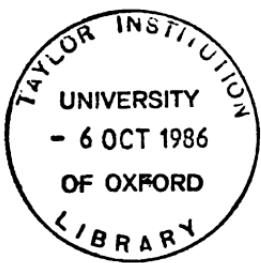
OS
LUSIADAS,
POEMA EPICO
DE LUIS DE CAMÕES,
RESTITUIDO A' SUA PRIMITIVA LINGUAGEM,
AUTORISADA COM EXEMPLOS
EXTRAHIDOS DOS ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS A CAMÕES;
AUGMENTADO COM A VIDA D'ESTE POETA,
UMA NOTICIA ACERCA DE VASCO DA GAMA,
As estancias e lições achadas por Manuel de Faria e Souza,
as variantes colhidas nas melhores edições,
e muitas notas philologicas, historicas, geographicas e
mythologicas;
POR
JOSE DA FONSECA.



PARIS.

NA LIVRARIA EUROPEA DE BAUDRY,
3, QUAI MALAQUAIS, PERTO DA PONTE DAS ARTES.
NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD, 11, QUAI VOLTAIRE
E EM CASA DE
STASSIN E XAVIER, 9, RUE DU COQ.

1846



PROLOGO.

O principal motivo, que me decidiu a emprender este trabalho, foi o querer eu offerecer, tanto aos meus conterraneos, como aos estrangeiros estudiosos, e amantes de Camões, uma edição limpa d'alguns erros, que afeiam as precedentes; ajudando-me, para isso, das notas, e observações dos editores, que as prepararam, e da lição dos classicos portuguezes coevos ao nosso Epico, em cujas obras se acha estabelecida a verdadeira pronuncia do mesmo Epico; pronuncia que tam viciada corre nas edições que, de seu immortal poema, saíram á luz. E ora, se os editores de nossos antiguos authores, tanto s'esmeraram em conservar-lhes escrupulosos as palavras orthographadas tosca e irregularmente, porque alterámos nós a pronuncia de Camões, enchendo assim os seus bellissimos versos de amphibologias, e de contracções escabrosas?

Puz particular desvelo em so me servir, para este trabalho, d'edições publicadas per homens de notorio saber e auctoridade, dando de mão ás que tiveram por alvo o interesse; visto que,

PROLOGO.

similhantes edições, sobre estarem erradissimas, não apresentam uma so lição digna de aproveitar-se.

Tenho por excusado inculcar aos intelligentes o apuro, que empreguei n' esta edição; so lhes rogo que, se algumas falhas lhe acharem, as desculpem; pois é quasi impossibil alcançar-se cabal perfeição em obras d' este genero.

No que diz respeito á orthographia , comoinda não temos uma fixa , segui a que me pareceu accommodar-se melhor á ethymologia , e á recta pronuncia dos Escriptores quinhentistas.

Quanto ás notas, escrevi somente aquellas que julguei indispensaveis á intelligencia d' alguns ló-gares duvidosos ou difficeis. As pessoas, que dese-jarem explicação mais ampla, poderão recorrer ao index dos nomes proprios, que João Franco Barreto annexou aos *Lusiadas*, ou ao Diccionario da Fabula, composto em francez per Chompré , e traduzido em portuguez per Pedro José da Fonseca.

VIDA DE CAMOES.

A opinião mais probabil acerca da familia de Camões é que Vasco Pires de Camões, estando el-rei D. Henrique II de Castella em guerra com D. Fernando, rei de Portugal, passou de Galliza a este reino, onde o mesmo rei lhe deu muitas terras, e rendas em recompensa das que deixara; mas perdeu depois a mor parte d'ellas, por seguir a facção da rainha D. Leonor contra el-rei D. João I.

Vasco Pires casou com uma filha de Gonçalo Tenreiro, capitão-mor das armadas portuguezas; de cujo matrimonio nasceram Gonçalo, João, e Constança; os quaes brotaram descendentes illustres.

Todavia o nosso Poeta procede do segundo-genito João Vaz de Camões; o qual, per suas virtudes militares em serviço d'el-rei D. Afonso V, conseguiu o titulo (assás honorífico n'aquelle tempo) de seu vassallo. Fundou casa em Coimbra, e no claustro da cathedral da mesma cidade, sumptuoso monumento. Houve por mulher Inez Gomes da Silva; e d'ella a Antão Vaz de Camões, que esposou Guiomar Vaz da Gama. D'estes nasceu Simão Vaz de Camões; o qual passando á India por capitão d'uma nau, e salvo d'um naufragio em as costas de Goa, falleceu depois n'essa cidade. Contraiu nupcias com D. Anna de Sá, pessoa nobre, natural de Sanctarem, e teve d'ella Luis de Camões, em o qual (por viver celibatario) se apagou esta linhagem. Elle nasceu em Lisboa no anno de 1524.

Que o nosso Poeta assistisse alguns annos da sua adolescencia na universidade de Coimbra (erecta então de novo) sob pretexto d'estudos, conjectura é deduzida da sua canção IV, a qual assim principia :

VIDA DE CAMÕES.

Vão as serenas aguas
 Do Mondego decendo, etc.

 N' esta flórida terra
 Leda, fresca e serena,
 Ledo e contente pera mi vivia.

Findos os estudos, e restituído a Lisboa, affeiçoou-se a certa dama; e essa affeição deu motivo a que o desterrassem da corte. Pensam alguns que o tal desterro foi na villa de Sanctarem, fundados na elegia que começa :

O sulmonense Ovidio desterrado , etc.

Onde chora a saudade da corte, e onde diz que estava vendo o Tejo , e as côncavas barcas, que rasgavam sua corrente :

Vejo o puro, suave e brando Tejo,
 Com as côncavas barcas, que nadando,
 Vão pondo em doce effeito seu desejo.

Achando-se pois impossibilitado de volver a Lisboa, resolveu ir servir a Ceuta, em cuja praça militou e assistiu algum tempo, como consta da elegia que começa :

Aquelle que de amor descomedido , etc.

Na qual diz :

Subo-me ao monte , que Hercules Thebano
 Do altissimo Calpe dividiu ,
 Dando caminho ao mar Mediterrano , etc.

No Estreito de Gibraltar, pelejando denodado juncto a seu pae , que commandava uma das naus, perdeu o olho direito, como elle toca na canção que principia :

Vinde ca meu tam certo secretario , etc.

Havendo passado algum tempo no militar exercicio, tornou a Lisboa, persuadindo-se obteria algum premio polo dito exercicio; mas perdidas de todo as esperanças a esse respeito, decidiu-se a passar á India; e o fez na occasião que Fernando

Alvares Cabral foi nomeado capitão-mor de quatro naus; as quaes partiram para a mesma India em março de 1533. Embarcou Camões com elle na capitania; e esta, após um grande temporal, em que se perderam as outras tres, surgiu em Goa no fim de setembro do dito anno, governando aquelle estado D. Afonso de Noronha.

So pouco mais d'um mez se deteve o nosso Poeta em Goa; por quanto, no de novembro seguinte, tornou a embarcar com o vice-rei em uma poderosa armada, que foi soccorrer os rês de Cochim, e de Porcá, aos quaes o de Chembé tinha tomado algumas ilhas. D'essa expedição, e dos prosperos successos d'ella, trata na elegia que começa :

O poeta Simónides fallando , etc.

Vôlto a Goa no comêço do anno 1533, colheu a noticia de que em Lisboa, no dia 2 de janeiro de 1534 morrera o principe D. João, pae d'el-rei D. Sebastião; e, em Africa a 18 d'abril do anno antecedente 1533, seu particular amigo D. Antonio de Noronha, filho do segundo conde de Linhares D. Francisco de Noronha, em um recontro com os Mouros de Tetuão; a cuja memoria compoz o soneto XII que começa :

Em flor vos arrancou , etc.

Ah senhor D. Antonio ! a dura sorte , etc.

E a ecloga I , em que tambem toca na morte do antedito principe.

Continuando o marcial exercicio, passou , no anno de 1535, ao Estreito da Meca, em outra armada, da qual foi capitão-mor Manuel de Vasconcellos. Ahi demorou-se algum tempo, sofrendo incommodidades gravissimas, como consta da canção X , que escreveu em Goa, e principia :

A piedade humana me faltava ,
A gente amiga ja contraria via ,
No perigo primeiro ; e no segundo ,
Terra em que pôr os pés me fallecia ,
Ar pera respirar se me negava ;
E faltava-me emfim o tempo , e o mundo .
Que segredo tam árduo , e tam profundo ,

VIDA DE CAMÕES.

Nascer pera viver, e pera a vida
 Faltar-me quanto o mundo tem pera ella !
 E não poder perdella !
 Estando tantas vezes ja perdida !
 Emfim, não houve trance de fortuna,
 Nem perigo, nem casos duvidosos,
 (Injusticas d' aquelles que o confuso
 Regimento, do mundo antiquo abuso,
 Faz sobre os outros homens, poderosos !)
 Que eu não passasse, atado á fiel coluna
 Do sofrimento meu, que a importuna
 Perseguição de males em pedaços
 Mil vezes fez á força de seus braços.

Em o começo da ecloga XI, tambem escripta após haver regressado a Portugal, Camões, sob o nome de Limiano, rompe nas mesmas queixas, dizendo, que cuidando acharia descanso, socego e abrigo em sua patria, so achara n'esta uma continuação dos mesmos, ou maiores infortunios. Eis suas palavras :

Podia ser ; que muito tempo fora
 Andei d'esta ribeira, patria minha ,
 Onde triste me ves andar agora.
 Tinha la pera mi, que a vida tinha
 Mais socegada ca , e mais segura
 Entre os meus, que com gosto a buscar vinha.
 Foi d' outro parecer minha ventura ;
 Discordia so achel, e achel dureza ,
 Em logar de socego e de brandura.

Quando o nosso Poeta (acabada a expedição contra o rei de Chembé) arribou a Goa, governava Francisco Barreto, per morte de D. Pedro Mascarenhas, sucedida n'esta cidade em 16 de junho de 1535 ; e, porque, em tal occasião, escreveu alguns versos mordazes, com o título de *Disparates da India*, e certa composição satyrica em prosa e verso (1) motejando pessoas principaes, que fizeram um festejo em obsequio do novo governador, mandou-o este prender, e depois exiliar para as ilhas Molucas, em o anno seguinte de 1536. Sentiu em extremo

(1) Uma e outra cousa anda co' as suas Rhymes.

Camões tal prepotencia, de que se queixou nas Rhymes, dizendo :

A pena d'este desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro.

Navegando de Goa para Macau, á vista da foz do rio Mecón, na costa de Camboja, deu a nau em uns baixos, e fazendo-se pedaços sobre um d'elles (renovando o caso de Cesar) sahiu o nosso Poeta a terra, preservando com uma mão este seu poema *Os Lusiadas*. Elle mesmo narra esse infasto sucesso na bellissima estancia 128 do canto X. Eis-a :

Este receberá plácido e brando,
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
N'aquelle, cuja lyra sonorosa
Será mais afamada, que ditosa.

N'essa paragem compoz (segundo se presume) as suas Redondilhas tam celebradas de Lope de Vega (1), e as quaes começam :

Sobolos rios, que vão
De Babylonia, me achei, etc.

Em que, paraphraseando o salmo 13º *Super flumina Babylonis*, faz erudita allusão entre as calamidades, que padeceram os Hebreus n'aquelle captiveiro, e as que elle, no seu actual desterro, experimentava.

Chegado Camões a Macau, assentou ahi residencia, e acquiriu algum cabedal no emprego de provedor-mor dos defuntos; o qual (conforme Mariz) lhe havia conferido o vice-rei, *para ver se o podia levantar da pobreza, em que sempre andava involto*; mas a esta circumstancia parece oppor-se a razão do motivo; pois foi exiliado; e assim é mais verosimil

(1) Edição de Madrid, no prologo.

que obtivesse depois o tal emprego per outros meios, que não chegaram á noticia dos Escriptores da sua vida.

Cinco annos se demorou em Macau; e presume-se teve tambem alguma assistencia em Tidore, e Ternate; pois descreve, como testimunha ocular, as situações, e cousas notaveis d'essas ilhas, em o canto X dos *Lusiadas*; poema que elle bastantemente adiantou em todo aquelle tempo.

É tradição constante que passava muitas horas a trabalhar n'essa composição em uma gruta, a qual inda hoje se mostra em Macau, e é denominada : *Gruta de Camões*.

Ao fim d'esse periodo embarcou para Goa, onde chegou no anno de 1561, sendo vice-rei D. Constantino de Bragança, o qual sucedera no governo a Pedro Barreto, em o dia 3 de septembro de 1558. Em obsequio d'esse fidalgo, que lhe mostrava affecto, compoz o nosso Epico as elegantes oitavas que começam :

Como nos voessos hombros tam constantes , etc.

Em as quaes celebra os heroicos feitos de seus progenitores, e as acertadas accões do seu governo. Mas, durando esse governo poucos mezes(pois findou no de septembro d'aquelle anno 1561, em que lhe sucedeiu D. Francisco Coutinho, conde de Redondo) experimentou logo o Poeta diversa fortuna ; por quanto, imputando-se-lhe algumas culpas na administração do cargo, que exercitara em Macau, foi outra vez preso per ordem do novo vice-rei.

Havia ja purgado as pretendidas culpas, eis que um tal Miguel Rodrigues Coutinho, alcunhado *Fios-seccos*, por certa dvida o mandou embargar no carcere, do qual escreveu ao conde vice-rei (estando este de viajein) o seguinte facetо memorial :

Que diabo ha tam damnado ,
Que não tem a cutilada
Dos *Fios-seccos* da espada
Do fero Miguel armado ?
Pois se tanto um golpe seu
Sôa na infernal cadeia ,
(De que o demonio arreceia)
Como não fugirei eu ?

Com razão lhe fugiria,
Se contra elle , e contra tudo ,
Não tivesse um forte escudo
So em Vossa Senhoria.

Por tanto , senhor , proveja ,
(Pois me tem ao remo atado)
Que antes que seja embarcado ,
Eu desembargado seja .

Pôsto em liberdade , volveu Camões ao exercicio das armas , sem todavia abandonar o das Musas ; por quanto , n'esse mesmo tempo compoz algumas de suas Rhymas , e terminou *Os Lusíadas* , no intuito de offerecer essa immortal epopea ao seu joven monarca ; para cujo fim resolveu trasladar-se a Lisboa .

Poz-lhe atalho porém a essa determinação Francisco Barreto ; o qual , com o cargo de capitão , passava a Sofala ; instando - lhe fosse em sua companhia , e offerecendo-lhe por emprestimo duzentos cruzados para as provisões da viajem ; o que elle aceitou , por intender que assim conseguiria mais facilmente o seu transporte para o reino , aguardando alli en-szej o de embarcação .

Correspondeu-lhe , n'esta parte , o effeito á esperança ; pois , a poucos mezes d'estada em Sofala , arribou áquelle porto (de passagem para Lisboa) a nau denominada *Santa Fé* ; e n'ella Heitor da Silveira , Duarte de Abreu , e outros cavalheiros seus confidentes ; os quaes brindaram o nosso Poeta com a conveniencia d'embarcação gratuita . Presentiu esse designio Pedro Barreto ; e , para impedil-o , interpoz a restituçao dos duzentos cruzados ; que , por serem ja gastos , difficultavam a partida ; mas congregando-se os referidos cavalheiros , satisfizeram a dívida , e resgataram o devedor . Avultava tambem entre elles o nosso célebre historiador Diogo de Couto ; o qual , n'essa occasião , contraiu familiaridade com Camões ; e este , apôs haver-lhe mostrado o poema dos *Lusíadas* , incitou-lhe o desejo d'ilustral-o com algumas annotações : o que o mesmo Couto executou depois ; mas esse trabalho não sahiu a publico .

Chégou finalmente o nosso Poeta a Lisboa , no anno de 1569 , governando ja el-rei D. Sebastião , e estando esta ci-dade afflictissima com um grande contagio ; o que foi motivo

de Camões dilatar a publicação do sobredito poema quasi tres annos; pois so no de 1571, a 4 de septembro, obteve o privilegio real; e, no seguinte 1572, se acabou de imprimir com tanta acceitação do mundo litterario que, no mesmo anno, se reiterou a edição.

Passou depois o restante de sua vida, isto é, espaço de sete annos, em tal extremo de miseria, que lhe era necessario mandar o seu escravo Antonio de noite a pedir esmola, para remediar, no preciso sustento, o a que não podia suprir a limitada somma de quinze mil reis annuaes, de que el-rei lhe fez mercê polos seus serviços, com obrigação de residir na corte.

M. Raynouard, na sua ode a Camões, traduzida per Francisco Manuel, celebrou, na seguinte estrophe, a fidelidade d'esse bonissimo escravo :

Se o caro nome teu não pouse o Vate
Illustrar no seu metro,
No meu te hei por segura alta lembrança
De gran' renome, *Antonio*.
Sabe, que esse sublime sacrificio
Tem de achar nos meus hymnos
Ecco fiel, oh servidor magnaalmio !
Nos devolvendo seculos ;
Pregando, que enobrece esse teu zelo
Da mendiguez a opprorio.

E Antonio Ribeiro dos Santos, na sua ode a Camões :

O sublime Cantor, que sobre as azas
Do sagrado Poema leva aos astros
O Gama illustre, e a lusitana empresa
Dos gangeticos mares ;
Dizei, qual digna recompensa, oh Musas !
Teve o seu canto, de que se honra Appollo,
Que a tanto feito, a tanto heroe valente
Deu immortal memoria ?
Do rico imperio da gemmante Aurora,
Onde soltou aos ceos a voz divina,
Nem ouro, nem fulgente pedraria
Lhe deu a sorte avara.
De seus illustres meritos sublimes,

Que as estranhas nações tanto invejaram,
So teve em premio, e galardão sobrejo,
A hórrida pobreza.
Tu, escravo de Java, oh se amigo
Que o seu lhe dera em tanta desventura!
Entre as trevas da noite mendigava
Seu miserio sustento.

D'ahi procedia o motivo de viver continuamente retirado; e isso de forma que, á reserva d'alguns doctos religiosos do convento de san' Domingos (onde tambem fa algumas vezes ouvir a lição de theologia moral) ninguem mais o tractava.

Foi então que um fidalgo chamado Rui Dias da Camara, veio ao pobre quarto de Camões queixar-se de que tendo-lhe elle Camões promettido uma versão dos salmos penitenciaes, não acabava de a fazer, sendo tam grande poeta; ao que este respondeu : « Quando eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, namorado, e querido de muitos amigos, e damas; o que me dava calor poeticó : agora não tenho espiritu, nem contentamento pera nada : ahi está o meu Jau, que me pode duas moedas (de cobre) pera carvão, e eu não as tenho pera lh'as dar. »

Concorreu outro-sim a lamentavel catastrophe da patria (e Camões amava esta excessivamente, succedida n'essa quadra com a perda d'el-rei D. Sebastião em Africa) a augmentar seus desgostos; os quaes lhe aggravaram a molestia, que ja de muitos dias experimentava; thé que lhe sobreveio a ultima enfermidade; em a qual (talvez por ver-se destituído de meios para os remedios) consta escrevera n'uma carta as seguintes linhas :

« Quem ouviu dizer que em tam pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tam grandes desventuras? E eu, como se elles não bastassem, me ponho ainda da sua parte; porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desavergonhamento. »

E n'outra escripta, pouco antes de morrer, dizia :

« Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tam affeiçoadão á minha patria, que não somente me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella. »

Essas lastimosas queixas do nosso infelissimo Epico, mo-

veram o judicioso Francisco Dias Gomes a traçar as expressões que eu aqui repito :

« Sem vergonha o não digo, é tam desacreditado o conceito que as nações estrangeiras fazem de nossas luzes, que nos reputam quasi barbaros : eu não duvido que haja n'isto excesso; mas infelizmente vemos, per casos de publica notoriedade, que a sua opinião não deixa de ter fundamento. Em primeiro logar vemos que os maiores homens, que mais honraram a nação com escriptos sublimes, não so não foram premiados, mas publicamente vexados. Camões, o maior poeta da Hespanha, o unico a quem o grande Tasso temia na Europa (como elle publicamente confessava); Camões, esse raro Ingénho, de quem a lingua portugueza recebeu todas as graças, força, e harmonia, de que tanto se abona ; e que apezar da mediocridade dos talentos dos que modernamente a tractam, não deixa de se manifestar visivelmente ; Camões emfim, esse grande homem, sem o qual não haveria poesia portugueza, a que miseras se não viu reduzido em todo o tempo que viveu? Sendo elle um dos homens mais valerosos, que passaram á India; o qual, por descanso das armas, compunha obras immortaes, nunca lhe foi possivel achar um asylo onde reposasse ; e, se não fosse o auxilio *de um pobre Indio*, em quem a força da mais pura amizade fez tanta impressão, que deixando as delicias da sua terra, o accompanhou athé á morte, terminaria certamente com mais brevidade uma vida, de que tanta gloria resultou á sua patria; que tam insensivel foi ao merecimento do mais illustre de todos os seus filhos. Sabem todos que das esmolas, que aquelle *amavel Indio* grangeava, quando não tinha trabalho honesto, em que ganhar, se sustentava o grande Camões, tam digno dos maiores applausos, tam celebrado dos sabios da Europa; o grande Camões emfim, acabou sua tam misera e cansada vida na mais extrema, na mais infeliz miseria. »

Camões morreu em Lisboa no anno de 1579, em idade de 55 annos, por haver nascido no de 1524. Deu-se-lhe sepultura ao lado esquerdo da entrada da porta do convento de sancta Anna, de religiosas Franciscanas. Poucos annos depois (foi no de 1595) D. Gonçalo Coutinho lhe deu nova sepultura no meio da igreja, mandando-lhe gravar na camaña esta inscripção :

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES,
PRINCIPE
DOS POETAS DE SEU TEMPO:
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE;
E ASSI MORREU.
ANNO DE M. D. LXXIX

Foi Luis de Camões (diz Manuel Severin de Faria) de meia estatura, cheio de rosto, algum tanto carregado da fronte; nariz comprido, levantado no meio, e grosso na ponta; cabello louro quasi açafrão; gentil e engracado na apparencia, quando era moço, e antes de perder o olho direito. Era no tracto muito facil, alegre e jocoso athé o tempo em que a adversidade o volveu nos ultimos annos melancolico.

Eis-aqui o juizo que, acerca do talento poetico do immortal author dos *Lusiadas* formou o ja citado Francisco Dias Gomes: « É tanto o que se tem dito d' este grande homem, que parece ocioso fallar d' elle : comtudo, postoque o credito de um tam admiravel Poeta esteja estabelecido na justa idolatria que todos lhe consagram, seja-me permittido dizer alguma cousa a seu respeito. Luis de Camões, natural de Lisboa, é, sem contradicção alguma, o maior Poeta, não so de Portugal, mas de toda a Hespanha. Os seus talentos resplandeceram em mais de um genero. A imitação phantastica, como mais propria, mais analoga á grandeza das ideias, que fermentavam na sua phantasia, foi o principal objecto do seu pincel ; que, isso não obstante, quando descia á imitação icastica, na primorosa destreza com que executava as pinturas d' este genero, mostrava quam habil era para isso. As personagens dos seus quadros todas estão no lugar, que devem ocupar. Os seus rasgos são os mais liberaes, as suas tinctas as mais brilhantes e macias. A verdade da sua imitação está no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a sublimidade são os caracteres principaes da sua poesia, cujo maravilhoso tanto se remonta, que vai buscar no imperio do ideal assumptos nunca sabidos, nunca imaginados ; para cuja expressão acha novas tinctas, novas côres, tam vivas, tam fortes, tam cheias de fogo, que movem, que accendem, que abrasam o coração do leitor de tal modo, que o seu espiritu penetrado do entusiasmo da admiração, fica como incantado, sentindo ao

mesmo tempo sublimes emoções, novo interesse n'uma pintura que, sem ter fundamento em alguma existencia physica, ou moral, goza, com justa razão, dos privilegios de original o mais nobre, o mais sublime, o mais arrojado, que nunca existiu no mundo phantastico da mais prodigiosa poesia. Tal é o soberano maravilhoso do grande, do nunca assás louvado episodio de Adamastor nos *Lusíadas*, a primeira epopea, que appareceu na Europa escripta em oitava rhyma. Além d' estas preciosas qualidades, que tanto distinguem a vivacidade das suas pinturas, ou contrastes, a gradação das tinctas são tambem dispostos, que servirão de modelo eterno aos bons imitadores d' este divino Poeta, cujo merecimento eclypsou o de todos os poetas, que lhe precederam, sem, talvez, deixar esperança de ser igualado, quanto mais excedido! A sua poesia toda filha da imaginação mais elevada, e mais instruída, a tudo dá corpo, e vida : os objectos horríveis, os humildes, os menos decorosos, são desenhados com cores fortissimas, e decencia propria; mas em grau tam superior que arrebata. A phrase é a mais pura, a mais culta, e a mais brilhante : clareza, e elegancia são o caracter do seu estylo sempre cheio de movimento, e a quem a magia da harmonia faz extremamente recomendavel. Na sua composição se ostenta todo o luxo de uma imaginação soberanamente fertil e abundante; que assim como a corrente de um rio engrossado com as aguas do hiverno, rompe, e transgride algumas vezes os limites, os preceitos da arte; mas com tal liberalidade e bizarria, que desculpa o erro, e persuade a cahir n' elle : o que tem sido causa de muitos que, sem terem forças para imitar as suas bellezas, o seguiram nos seus defeitos. Finalmente, foram tantas as gracas, que este grande homem communicou á lingua, e á poesia portugueza, que seguramente se pode afirmar que elle creou uma poesia, e uma linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime, cujo resplendor, posto que immenso, é tam suave, que não cega; antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre : oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! Com que arte affeçoa, e interessa! Com que força de expressão não traça o terrivel! Mas com que amabilidade não

desenha as graças da natureza! Uma aurora, um dia claro e socegado, um bosque ameno ventilado da frescura dos zephyros, uma fonte rompendo do seio das penedias, a verdura dos campos matizada de flores, e regada das aguas, os rios, ora serenos, ora arrebatados, o silencio, a serenidade d'uma noite de verão, o estrondo das tempestades, a lua, as estrellas, os gados, os pastores, as aves, a caça, a luta, o amor, o ciume, tudo emfim retrata a poesia d'este grande Ingênuo com tal e tam prodigioso primor, que a sua leitura nos transporta ao mesmo logar da scena, que representa; nos lança em extasis tam deliciosos, que a alma so appetece jazer eternamente n'aquelle amabilissimo incanto que, longe de a enfraquecer, lhe dá força e vigor, sciencia e elevação. Com que heroica resolução não reprehende, não fere, não fulmina os vicios, inda mesmo nas pessoas mais sublimadas! Com que cōres, com que amaveis cōres, se não vêem a cada passo deserthadas pelo seu prodigioso pincel todas as virtudes que mais devem resplandecer no coração do homem! Camões emfim é um d'aquelles escriptores, que são, pelas suas rarissimas qualidades, admiração do mundo, e eternos magistrados das nações.

« Camões, auxiliado do seu grande ingênuo e sciencia, estableceu de todo ao idioma a analogia, e o enriqueceu de vozes, de formulas infinitas, extraídas das linguas sabias, ou nascidas no elaboratorio immenso da sua grande imaginação, com as quaes trouxe os superlativos de uma só forma em quasi todas as desinencias, que conservam na lingua latina; e determinou a indole do idioma portuguez, fazendo-o capaz de todos os assuntos; dando-lhe magestade, e harmonia, perspicuidade, e atticismo; fazendo-o finalmente flexivel para todos os estylos, e capaz das mais sublimes audacias para lhe determinar a elegancia, sem se afastar da clareza; qualidades que ficou conservando como distintivos perpetuos do seu carácter. »

Muitos foram os escriptores, tanto nacionaes, quanto estrangeiros, que elogiaram o nosso Poeta; mas como eu não posso aqui transcrevelos todos, limitar-me hei aos mais insignes, que são Torquato Tasso, Diogo Bernardes, e Filinto Elísio.

TASSO A CAMÕES.

SONETO.

Vasco , le cui felice ardite antenne
Incontro al sol , che ne riporta il giorno ,
Spiegar le vele , e fer colà ritorno
Dov' egli par che di cader accenne ;

Non più di te per aspro mar sostenne
Quel , che fece al Ciclope ultraggio e scorno ;
Nè chi turbò l'Arpie nel suo soggiorno ,
Nè diè più bel subietto a colte penne .

Ed or quella del colto e buon Luigi
Tant' oltre stende il glorioso volo ,
Che i tuoi spalmati legni andar men lungi .

Ond' a quelli , a cui s'alza il nostro Polo ,
Ed a chi ferma incontra i suoi vestigi ,
Per lui del corso tuo la fama giunge .

DIOGO BERNARDES A CAMÕES.

SONETO.

Quem louvará Camões que elle não seja ?
Quem não vê , que em vão cansa ingenho , e arte ?
Elle so a si se louva em toda a parte ;
E so elle toda parte enche de inveja .

Quem juncto n' um esp'ritu ver deseja
Quantos dões , entre mil , Phebo reparte ,
(Quer elle de amor cante , quer de Marte)
Por mais não desejar , a elle so veja .

Honrou a pátria em tudo : imiga sorte
A fez com elle so ser encolhida ,
Em premio de estender d'ella a memoria .

Mas se lhe foi fortuna escaça em vida ,
Não lhe pôde tirar depois da morte
Um rico amparo de sua fama , e gloria .

FILINTO ELISIO (NA SUA ODE O ESTRO) A CAMÕES.

ESTROPHE X.

Ai ! im Camões , per ti ensuicido ,
Ao cume do Parnaso se avisinha ;
E os déiphicos loureiros ,
Quando elle sobe , acurvam

VIDA DE CAMÕES.

Ao novo Homero os orgulhosos topes,
E arredam larga estrada ao Vate egregio.

XI.

Calliope a mão lhe dá ; e ás doctas grutas
(Do rapido talento asylo) o guia ,
 Onde a sublime trama
 Da Iliada sonora ,
Palpando as cordas da épica harmonia ,
Cantara Apollo , e transcrevera Homero.

XII.

Alli subiu Camões ; alli a Musa
A boca e vozes do immortal alumno
Banhou de poesia ;
E co' as Irmãs , que invoca ,
Co' as tres Graças , que tudo afermoseam ,
Enchem do Vate o peito , dadivasas.

XIII.

Eis chega ao sabio córo o ausonio Cyone
Comedido , e das faces reasumbrando
 Assomos de celeste ;
 E tanto se affeçoa
Do válido das Musas tagitanas ,
Que por alumno e considente o accepta.

XIV.

Das recônditas minas da memoria ,
A seu pedido , as ricas velas abre ,
 Que Camões enthesoura :
 Tambem lhe rega o ingenho
Co' o epico arcano , em limpidas correntes ,
Que manaram nos novos Argonautas.

XV.

Entoa o forte Gama , avaassallando
Os mares não-trilhados de outros lenhos ,
 Impávido affrontando
 O conflicto das ondas ,
Que o Thyoneu contra elle acapellava ,
Ajudado do impróvido Neptuno.

xvi.

Sobrevenem Sapho, e canta de Inez linda
 A ternura fiel, trágico termo
 De viçosos amores.
 Ambição crua e cega,
 Cubica de mal-firme valimento,
 Tu lhe enterras no peito o frio ferro !

xvii.

Homero, inchando á tuba o bronzeo ventre,
 Mais alto resoava, e tinha em fogo
 A vista rutilante
 Quando lançava as vozes
 Do Adamastór membrudo, e arduas vinganças
 Do quebrado segredo de seus mares.

xviii.

Como sentiste do ânimo o alvorôgo,
 Aborto Vate, quando o íntimo seio
 Os sons te revolviam
 D'aquellea voz valente,
 Tonante voz, encérro de prodigios;
 Voz, de que assim se usava a natureza !

xix.

Como ja n'alta mente as côres punhas
 Nos quadros dos *Lusiadas* illustres !
 Aqui se ateia a briga
 Dos doze de Inglaterra;
 Além, da agua que sorve, engrossa a nuvem,
 E o pe, que tem no mar, a si recolhe,

xx.

Quanto se ergue entre estúpidos humanos
 Quem ao nascer sortiu um peito altivo
 Capaz de inclita empresa !
 Mais que homem é um Nume.
 Os parabens te dou, oh lusa patria !
 Tambem os tómo de dever-te o berço.

NOTICIA

ACERCA DE VASCO DA GAMA,

E DA SUA VIAJEM A' INDIA,

EXTRAHIDA DA CHRONICA D' EL-REI D. MANUEL, ESCRIPTA
PER DAMIÃO DE GOES.

El-rei D. Manuel tendo em ficto a descoberta da India, mandou logo apparelhar naus, no que se passou mais de um anno. Em quanto se ellas faziam prestes, teve el-rei conselho sobre quem mandaria por capitão d'ellas, e assentou que fosse Vasco de Gama, fidalgo de sua casa, natural da villa de Sines, homem solteiro e de idade pera poder sofrer os trabalhos de uma tal viajem; polo que o mandou chamar, estando em Estremoz, no mez de janeiro de 1497, e lhe deu a capitania d'ellas, com palavras de muita confiança, pondo diante o peso de tammanho negocio consistir, não na despesa que se n'elle podia fazer, nem no que se n'isso aventurava, senão no serviço de Deus, e bem de seus reinos; o que tudo se podia conseguir, se, passando elle adiante do que ja era descoberto, podesse chegar á India: do que se lhe podia seguir tanta honra, e louvor, quanto elle bem podia cuidar; ao que se ajunctariam muitas mercês, que lhe esperava fazer em galardão de todos os trabalhos, que n'esta viajem passasse: ao que Vasco da Gama respondendo com palavras de bom caval-

leiro, lhe beijou a mão pola mercé, que lhe fazia, e confiança que d' elle tinha; accrescentando «que lhe pedia houvesse por bem, n' esta viajem, se querer tambem servir de Paulo da Gama, seu irmão: porque com tal e tam fiel companheiro, esperava vir ao fim d'ella, sem differenças, nem cautelas, que poderiam caber, e acontecer entre outras pessoas, que não fossem tam conjunctas em sangue como elles eram; o que lhe el-rei muito agradeceu, e houve logo por bem ser Pauló da Gama um dos que houvesse de mandar em sua companhia. Despois d'el-rei ter isto assentado, se foi d' Estremoz a Evora; e d' alli despediu Vasco da Gama, e seu irmão Paulo da Gama, dando-lhes por companheiro a Nicolau Coelho, cavalleiro de sua casa; os quaes partiram do porto de Belem aos dous dias do mez de julho do mesmo anno de 1497.

O piloto d' esta armada se chamava Pedro d'Alemquer, homem mui experto nas cousas do mar. Seguindo Vasco da Gama sua viajem, passou á vista das ilhas de Canarea, e d' ahí foi ter ao porto de sancta Maria, na ilha de Sanct' Iago, aos 28 dias do mez de julho: d' onde, seguindo seu regimento, começoou de cortar a Leste em busca do cabo de Boa-Esperança; no que andou os mezes de agosto, setembro, e outubro, com muitas tormentas, e tempos contrarios, athé que descobriu terra a 4 do mez de novembro; a qual foram demandar com muita alegria, e acharam ser uma terra baixa, em que ha uma grande bahia, a que pozeram nome *a angra de sancta Helena*. Estando Vasco da Gama alli surto; por quanto na angra se não mettia rio, nem regato, nem menos achavam fontes, nem poços, de que podessem tomar agua, mandou a Nicolau Coelho, que no seu batel fosse per diante ao longo da praia buscar algum rio: o qual indo sempre apegado com a terra, a quatro leguas da angra foi dar em um rio fresco, e de boas aguas, a que poz nome *de Sanct' Iago*, onde todos fizeram aguada, lenha, e carnagem de lobos marinhos, de que n'aquelle paragem ha muitos, e d' elles tamanhos como grandes cavallos. N' esta angra foi Vasco da Gama com outros tres homens ferido: e o negocio se armou d' esta maneira: Ao dia seguinte, que a frota alli chegou, por não verem gente na praia, saiu elle em terra com os outros capitães, pera mais á sua vontade tomarem a altura do

sol, e verem se havia alli algumas povoações, ou se era deserta. Andando assi espalhados em magotes de uma parte pera a outra, foram dar com dous homens pretos de cabello revolto, como os de Guiné, um pouco mais baços, que estavam apanhando mel ao pe de uma monteira, com cada um seu tição na mão, pera os quaes se foram chegando a passo largo; e, posto que ambos com espanto e medo de verem gente tam desacostumada, se poszessem em fugida, tomaram os nossos um d'elles, e o trouxeram a Vasco da Gama; com que se recolheu alegre ás naus, cuidando que se intenderia com alguns dos linguas, que levava; mas em toda a frota não houve pessoa que o podesse intender senão per acenos: e, sem medo, nem receio, comeu, e bebeu de todas as iguarias, que lhe deram, com dous grumetes, a quem Vasco da Gama mandou que lhe fizessem boa companhia. E porque era ja tarde quando se recolheram, o negro ficou aquella noite na nau; e ao outro dia pela manhã o mandou vestir de pannos de côres, e pôr em terra, despedindo-se elle dos nossos mui ledo e contente da boa companhia que lhe fizeram, e sobre tudo, d'alguns cascaveis, continhas de crystal-lino, e outros brincos, que levava. Estes arreios com que este homem saiu em terra, fizeram inveja aos que o viram; porque ao outro dia vieram á praia quinze ou vinte d'elles: polo que, mandou logo Vasco da Gama poiar a gente nos bateis, com que se veio a terra, trazendo consigo mostra d'especiarias, ouro, aljosfar, e seda: o que os negros estimaram pouco, por não saberem o que era. Então lhe mandou dar cascaveis, cespitos, e anneis d'estanho, e outras cousas d'esta calidade; o que tomaram mui alegres, especialmente os cascaveis, polo som que faziam; e d'alli per diante começaram de vir á praia seguramente, e dar dos mantimentos, que havia na terra, a troco de outras cousas.

Com esta familiaridade, um homem honrado, per nome Fernan' Velloso, determinou, em companhia d'alguns d'estes negros, a que se ja fizera familiar, ir ver suas habitações, e modo que tinham em suas casas; e pera isso houve licença de Vasco da Gama: os quaes mostrando n'isso contentamento, o levaram consigo, e de caminho tomaram um lobo marinho com que o festejaram; e como nem o guisado do lobo, nem o

inodo da terra satisfizessem muito a Fernan' Velloso, acabado o banquete começou de caminhar pera onde as naus estavam. Os negros, que per ventura faziam conta de o trazerem com-sigo mais tempo pera o festejarem ao seu modo, vendo-o tornar tam de subito, se vieram com elle athé á praia, mandando aos moços da aldeia que os seguissem com suas armas, que são dardos, e zagaias guarnecidos nos cabos de ossos, e pontas de cornos de alimarias, com que ferem, como se fossem de verdadeiro aço temperado. Isto parece que devia ser pera se defenderem, se Fernan' Velloso se queixasse da companhia, que lhe fizeram, e os nossos lhes quizessem, por isso, fazer mal.

Chegando Fernan' Velloso á praia, começou a bradar « que lhe acodissem ; » mas por elle ser mui rebolão, assomado, e fallar sempre valentias, não se deram os nossos muita pressa, nem os negros lhe faziam mal, nem intendiam que pedia socorro contra elles; comtudo como Vasco da Gama, que á mesma hora estava ceiando, soube o que passava, mandou fazer signal aos capitães pera o seguirem : os negros vendo os bateis vir com muita gente, recolheram-se pera onde os moços estavam escondidos com as armas, deixando Fernan' Velloso na praia, sem lhe fazerem nenhum mal. Vasco da Gama, cuidando que eram todos ja idos, saiu com a gente em terra, descuidado do que havia de ser; porque os negros parecendo-lhes que os nossos vinham com má tenção, se descobriram dos matos em que estavam embrenhados, e deram tam de subito nos nossos que, ás zagaiaadas, os fizeram recolher aos bateis mais depressa do que desembarcaram. N'esta briga foi ferido Vasco da Gama, e outros tres da companhia.

Vasco da Gama se fez á vela uma quinta feira 16 dias de novembro; e, aos 20, dobrou o cabo de Boa-Esperança; a quem os marinheiros, por ser muito espantoso, chamam *das tormentas*. Ao domingo seguinte chegaram á *aguada de San' Braz*. Alli fez Vasco da Gama queimar a nau dos mantimentos, de que era capitão Gonçalo Nunes, por d'ella não haver necessidade.

D'essa aguada de San' Braz partiu a frota a 8 de dezembro, e navegando ao longo da costa, lhe deu um temporal, que a fez engolzar; o qual acabado, tornou a buscar a terra, e aos

16 dias chegou á vista de uns ilheos chãos; e aos 10 dias de janeiro de 1498, viram andar ao longo da praia muitos homens e mulheres grandes de corpo, e de cõr baça. D'esta terra partiu a armada aos 15 dias de janeiro; e aos 25 dias chegou á bocca d'um rio grande onde ancorou.

Logo pela manhã viram vir pelo rio abajo algumas almadias a remo com gente da mesma calidade, que os que atraç tinham visto. Estes homens, em chegando ás naus sem nenhum medo, nem receio, subiram pela enxarcia tam seguros como se tiveram conhecimento com os nossos; que vendo a limpeza d'elles, os deixaram entrar nas naus, onde foram bem festejados, tudo per acenos e signaes: por quanto Martin Afonso, nem os outros linguas os poderam entender.

Entre algumas pessoas de calidade, que vieram ver o Gama, veio tambem um mancebo, de quem, per acenos, com algumas palavras que fallava do arabigo, poderam os nossos entender que da terra onde elle era, vinham naus tammanhas como as nossas, e que não era muito longe d'alli. A qual nova foi de grande contentamento a todos; e por isso poz Vasco da Gama nome a este rio *dos bons signaes*. Ahi mandou dar pendor ás naus, e lhe adocceram muitos dos nossos de diversas doenças, por a terra ser alagadiça, baixa, e lançar de si vapores grossos e maus.

Despois que as naus foram prestes, partiram d'aquelle logar aos 24 dias de fevereiro; e, ao primeiro de março, surgiram em Moçambique.

O Xeque ou capitão d'esse logar, per nome Çacoeia, mandou um presente de refresco a Vasco da Gama; e este mandou-lhe em retorno alguns vestidos, e outras cousas. Çacoeia foi ver Vasco da Gama á nau, acompanhado de muitas almadias, e gente bem adornada com arcos, frechas, e outras armas que usam. Vasco da Gama o veio receber a bordo, e aos que com elle vinham, mandou dar vinho e fruta. N'esta merenda, entre outras practicas, que tiveram, perguntou Çacoeia a Vasco da Gama « se eram Turcos, se Mouros, e d'onde vinham; se traziam livros de sua lei, que lh' os mostrassem, e assi as armas que se mais usavam em sua terra »: ao que lhe respondeu, « que os livros de sua lei lhe mostraria despois; que, quanto ás ar-

mas, eram aquellas com que os seus estavam armados. » Isto dito, pediu a Çacoeia pilotos pera o levarem á India; os quaes elle lhe prometteu, e lhe mandou dous. Sabendo porém os Mouros que os nossos eram christãos, cobraram-lhe tal odio, que resloveram matal-os, e tomarem-lhes as naus; o que um dos pilotos descobriu a Vasco da Gama: polo que se fez logo á vela, e chegou a Mombaça; mas como o rei d'esta cidade lhe quiz armar traição, velejou pera a cidade de Melinde, diante da qual surgiu dia de Pascoa de Resurreição.

El-rei de Melinde era muito velho e doente; e, posto que desejasse de ir ver as naus, a má disposição lh'o estorvava: com tudo, seu filho mais velho, herdeiro do reino, que ja regia por elle, as veio ver no mesmo dia, despois de jantar, em uma almadia grande, acompanhado de gente nobre muito bem ataviada. Vasco da Gama, como soube da vinda do principe, mandou toladar e embandeirar o batel; e com doze homens dos mais visitosos, o veio receber antes que chegasse ás naus. O principe como vinha desejoso de ver os nossos de perto, em chegando ao batel, se lançou dentro, e foi logo abraçar Vasco da Gama sem pejo, nem ceremonias, perguntando-lhe, despois que se assentou, muitas cousas como homem prudente; no que despendera um bom pedaço de tempo. Este principe pediu a Vasco da Gama que quizesse ir ver seu pae que, por ser muito velho e entrevado, não podia fazer o mesmo: e que, pera segurança d' isso, elle se iria com seu filho pera as naus; do que se Vasco da Gama excusou, dizendo « que não trazia licença pera o fazer. »

Todo o tempo que alli esteve a armada, mandou o principe visitar a Vasco da Gama, e os outros capitães com refresco da terra: além do que, lhe deu um bom piloto Mouro Guzarate, per nome Malemocanaqua; e com o muito desejo que tinha de nossa amizade, tomou a fé a Vasco da Gama, que tornasse per alli; porque em sua companhia queria mandar um embaixador a el-rei de Portugal, pera com elle assentar paz, e amizade; com a qual, e muito amor dos da terra, partiram os nossos d' aquella cidade de Melinde uma terça feira 24 dias d'abril; e seguindo sua viajem pelo golpham que se faz da costa de Melinde athé a de Malabar, a uma sexta-feira 17 dias de

maio, viram uma terra alta, a qual o piloto Malemocanaqua não poude bem conhecer, por o tempo andar encoberto com chuveis; mas ao domingo seguinte pela manhã viu umas serras, que estão juncto da cidade de Calecut; de que logo pediu alviçaras a Vasco da Gama, que lh'as deu boas, e de boa vontade: e no mesmo dia foram surgir duas leguas da cidade de Calecut; d'onde despois alguns barcos os levaram ao surgidouro d'essa mesma cidade.

Um degradado, que Vasco da Gama mandou desembarcar, encontrou casualmente na cidade um Mouro, natural de Tunez, chamado Monçaide, com o qual voltou a bordo. Vasco da Gama, despois de abraçal-o, tomou d'elle largos informes acerca de Calecut, e do seu rei. Despois do que, mandou pedir ao mesmo rei uma audiencia, a qual este lhe concedeu.

Vasco da Gama deixou as naus encommendadas a seu irmão Paulo da Gama, e a Nicolau Coelho, dizendo-lhes « que se algum desastre lhe acontecesse em Calecut, e sentissem que podiam correr risco em esperar por elle, que se fizessem á véla, e tomassem outro porto do Malabar, pera ahi comprarem algumas especiarias, com que, e com as novas do que tinham descoberto, se tornassem ao reino; que elle não podia al fazer senão em pessoa ir ver el-rei de Calecut, e dar-lhe as cartas que trazia del-rei seu senhor; que era o remate do caminho, que tinham feito. » E, por as naus não ficarem desprovidas de gente, não quiz levar consigo mais que doze homens.

Na mesma hora que Vasco da Gama desembarcou, o fez o Catual tomar em um andor. D'este modo começaram a caminhar, Vasco da Gama no seu andor, e o Catual em outro; indo os Naires, e os nossos a pe ao redor dos andores, espantados de verem homens de tam longe, e de trajo tam desacostumado em todas aquellas províncias.

Assim chegou Vasco da Gama aos paços do Samorim; o qual o recebeu n'uma sala magnifica. Em Vasco da Gama entrando fez a reverencia requerida em tal logar; e o mesmo fizeram os outros Portuguezes: el-rei lhe acenou que se chegassem pera o catel em que elle estava, e o mandou assentar em um dos degraus do estrado em que tinha o catel, e aos outros mandou que fizessem o mesmo nos assentos que estavam ao redor da

casa : e a todos mandou dar agua ás mãos pera as refrescarem : lavadas as mãos, lhes mandou trazer agua, e figos, com outras frutas da terra , de que todos comeram e beberam. Acabada a merenda, começou el-rei de fallar com Vasco da Gama , pelo seu lingua tam alto que o ouviam todos os que estavam na casa ; e nas perguntas que lhe fez , vendo Vasco da Gama que começava d' entrar em negocios , além do que lhe ja perguntara, de seu caminho e trabalhos da longa viajem , disse per Fernan' Martins seu lingua, ao lingua del-rei, « que entre os rēis christãos se não acostumava tomarem uns dos outros embaixadas senão em particular; e que aquelle costume lhe pedia que quizesse ter n' aquella que lhe trazia del-rei de Portugal seu senhor, tam desejoso de sua amizade , assi elle, como seus antecessores, que havia mais de sessenta annos que trabalhavam no descobrimento d'esta navegação; athé que Deus lhe fizera a elle mercé de vir ao cabo d' ella : do que se tinha polo mais bem-aventurado homem de todo o mundo. »

El-rei tomou bem o que lhe Vasco da Gama fez dizer; e logo mandou que elle e Fernan' Martins, se fossem pera outra camara , que estava juncto d'aquella , seguindo logo traz elles. Na camara havia um catel muito mais rico que o de fóra , em que se el-rei lançou; e sem haver n' ella mais gente que o Bramane-mor, e o que dava o betel a el-rei , e um seu veador-da-fazenda, fez dizer pelo seu lingua a Vasco da Gama, « que estava em logar em que livremente podia dar sua embaixada ; que em tudo se lhe manteria bom segredo, polos que estavam presentes serem do seu conselho secreto , e pessoas de que elle confiava todos sens negocios e fazenda. » Vasco da Gama, pelo seu lingua Fernan' Martins, propoz o a que vinha, e de quam longe, e per mandado de quem ; e que o fim de sua embaixada era querer el-rei D. Manuel de Portugal, seu senhor, amizade com um tam poderoso e tam nomeado rei como elle era per todas as partes do mundo ; e que pera signal d'isso lhe trazia cartas suas de crença, que lhe apresentaria quando o houvesse por bem.

El-rei folgou muito com o que lhe disse Vasco da Gama, oferecendo-se a tudo o que lhe de seu reino cumprisse por serviço d'el-rei de Portugal , a quem elle d'allí per diante queria

ter por irmão : porque não poderia ser amizade fingida a que tanto tempo havia que buscava , e com tantos trabalhos e perigos de seus vassallos e sujeitos , como elle dizia .

Passados tres dias , voltou o Gama (guiado do Catual) á presença d'el-rei. Entregou-lhe as cartas , e um presente , do qual o Samorim mostrou fazer pouco caso . O Gama disse - lhe : « que não estranhasse ser aquella dadiva mui desproporcionada á magestade d'um tal monarca ; porque o motivo de ser tam limitada manava da incerteza , que el-rei D. Manuel tinha do exito feliz d' aquella sua viajem ; mas , se esperava mor utilidade , considerasse quanta podia resultar ao seu reino , se a elle viessem de Portugal cada anno muitas naus carregadas de preciosas mercadorias . Per ultimo rogou-lhe não communicasse o segredo das cartas de seu rei com os Mouros , que habitavam em Calecut . Ja n'esse tempo tinha sabido de Monçaide que os taes Mouros maquinavam sua destruição . »

Em tanto faziam elles entre si frequentes congressos , em ordem á divertir os nossos navegantes da graça do rei . Corrompiam a este fim com dadivas os familiares do mesmo rei . Publicavam que o Gama era um pirata , que em todas as partes d'aquellas regiões onde fôra recebido com pretexto de hospitalidade , deixara vestigios de latrocínios . Que se este pequeno fogo no principio não fosse extinto , poderia depois fazer grandissimo danno a todo aquelle reino .

Fomentavam estas diligencias contra os Portuguezes , não só por causa do odio , que professam ao nome christão ; mas porque temiam , que da vinda d'estes áquellas partes , resultasse o seu exterminio ; ou , quando inenos , um notavel prejuizo ao seu commercio . El-rei , que d'elle tirava grandes interesses , e era de genio vario e mudavel , tendo noticia das taes maquinações , vacillava na sua resolução . Receiava incorrer na nota de perfidia , se lhe entregava em prisão os nossos ; e , se os deixava ir livremente , temia alienar da sua graça os meemos Mouros . Um d'elles , reputado mais eloquente , fez uma larga oração dos inconvenientes , que podia ter em fiar-se das palavras do Gama . Este , informado de taes operações , e de que n'ellas tinha parte o Catual , resolveu - se a sair de casa um dia de madrugada , e ir em direitura a Pandarane . Presentiram os Mouros esta ausen-

cia, e foram logo pedir a el-rei que dësse ordem a impedir a fuga. Elle, por condescender, commeteu a diligencia ao Catual. Partiu este pera tal effeito a Pandarane, e conduziu outra vez o Gama á sua casa, onde, com mor cautela, o tinha como preso; se bem dissimulava ser um modo de obsequio.

N'este tempo rogava-lhe que mandasse aos Portuguezes da sua guarda se retirassem ás naus, e que estas chegassem mais juncio á terra, e d'ellas lhe entregassem as vélas, e todo o mais apparelho; porque d'esta maneira deixaria livre ao rei de toda a suspeita, que tinha concebido, de que não arribara áquelle porto com o pretexto que publicava. Não consentiu Vasco da Gama em tal proposta. E, per ultimo, concordaram ambos, que mandaria vir a terra a fazenda que trazia, com algumas pessoas que assistissem á sua venda. Isto assim ordenado, foi posto o Gama em liberdade, e retirou-se ás naus.

Mandou logo dous feitores a Calecut com as mercadorias; porém os Mouros impediam sua venda; e, per negociado dos mesmos, passado algum tempo, mandou o Samorim prender os taes feitores, e pôr em custodia a fazenda. Requereu o Gama que lh'a mandasse restituir, e soltar os dous Portuguezes; mas não se differiu a esta supplica.

Em tanto Monçaide, que tinha passo livre pera ir fallar ao Gama, lhe revelou que o intento dos Mouros era esperar chegassem áquelle porto as naus de Meca, que costumavam vir a Calecut cada anno, pera que estas (sendo superiores em numero e forças ás nossas) as surprendesssem.

O Gama, movido de tal noticia, não tendo outro obstaculo pera partir, que recuperar a fazenda, e os dous feitores, usou pera este effeito de um estratagema; e foi, que mandou levar ancora, e pôr as naus um pouco ao largo, a tempo que n'ellas se achavam certos mercantes ricos de Calecut, a fim de que, presumindo as mulheres, e filhos dos taes Mouros, que fazia represalia nos mesmos á sua instancia, mandasse el-rei pôr em liberdade os feitores com a fazenda; como sucedeu. E enviando-os ás naus per alguns dos seus domesticos Malabares, foram n'ellas retidos alguns d'elles, que vieram ao reino; e os outros com os mercantes deixados ir livremente. Monçaide se offereceu pera vir em compagnia dos nossos; o que poz em

execução; e chegando ao reino, se bautizou, e acabou seus dias de bom catholico.

Saiu a armada de Calecut no começo da outubro; e antes de tomar terra em umas pequenas ilhas, que estão contiguas, foi acommettida de vinte navios; sete dos quaes poz em fugida, e um tomou. Era essa frota de um famoso pirata chamado Timoja; o qual tinha posto em terror todos aqueles mares. D'alli passou a Anquidiva, que é uma ilha distante duas leguas d'aquelle continente, onde fez provisão de agua, e mantimento.

Partiu de Anquidiva em cinco de outubro em direitura a Melinde, em cuja viajem gastou quatro mezes; pois em dous de fevereiro avistou a primeira terra, que foi a de Magadaxo, na costa de Ethiopia, 113 leguas abaixo de Melinde: onde tendo o Gama notícia que a tal terra era possuída de Mouros, mandou disparar a artilheria contra os muros, os quaes em boa parte ficaram demolidos. Chegou a Melinde em 7 do mesmo mez; porém n'esse porto não se dilatou mais que cinco dias, em os quaes, porque a nau de Paulo da Gama fazia muita agua, seu irmão a mandou queimar, e dividiu a gente pelas outras duas, passando á sua o dito Paulo da Gama.

Saindo de Melinde, em 18 do mencionado mez, aos 28 se achou diante da ilha de Zanzibar, a qual jaz cinco leguas desapegada da terra firme da Ethiopia. O governador d'essa ilha, bem que Mouro, tractou humanamente ao Gama.

D'ahi partiu no primeiro de março; e ainda que tomou terra na ilha de San' Jorge, uma das de Moçambique, passou sem fallar ao Xeque, e chegou á Aguada de San' Braz, onde se proveu de agua, e lenha.

Aos 20 do dito mez dobrou o cabo de Boa-Esperança com bom tempo; mas depois sobreveio um temporal, que obrigou a separar-se uma nau da outra. A de Nicolau Coelho chegou a Cascaes em direitura em 10 de julho de 1499; e d'elle soube el-rei as primeiras noticias d'esta viajem: a de Vasco da Gama foi abordar á ilha de Sanct' Iago, em 25 de abril. D'aqui, porque seu irmão Paulo da Gama vinha muito enfermo, e a sua nau fazia demasiada agua, foi-lhe forçoso demandar a ilha Terceira, onde se dilatou alguns dias para assistir a seu irmão, que ahi falleceu. E embarcando em uma caravela,

chegou a Lisboa a 30 de agosto do mesmo anno; havendo ja dous, e outros tantos mezes, que tinha saído d'aquelle porto com 148 homens, dos quaes chegaram vivos ao reino cincuenta e cinco somente. El-rei D. Manuel deu a Vasco da Gama o titulo de Dom pera elle, e seus descendentes; e despois o fez Almirante da India, e conde da Vidigueira de juro. A Nicolau Coelho fez fidalgo da sua casa; e a cadaum dos mais fez varias mercês segundo a calidade de seu serviço, e pessoa.



OS LUSIADAS.



CANTO PRIMEIRO.



I.

As armas, e os Barões assinalados ;
Que da occidental praia lusitana ,
Per mares nunca d'antes navegados ,
Passaram inda alem da Taprobana ,
Em perigos , e guerras esforçados ,
Mais do que promettia a força humana ;
E entre gente remota edificaram
Novo reino , que tanto sublimaram :

II.

E tambem as memorias gloriosas
D' aquelles rēis , que foram dilatando
A fe , o imperio ; e as terras viciosas
De Africa , e de Asia andaram devastando :
E aquelles , que per obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando ;
Cantando espalharei per toda parte ,
Se a tanto me ajudar o ingenho , e arte.

III.

Cessem do sabio Grego , e do Troiano
 As navegações grandes , que fizeram ;
 Cale-se d' Alexandro , e de Trajano
 A fama das victorias , que tiveram :
 Que eu canto o peito illustre lusitano ,
 A quem Neptuno , e Marte obedeceram :
 Cesse tudo o que a Musa antigua canta ,
 Que outro valor mais alto se alevanta.

IV.

E vós , Tagides minhas , pois creado
 Tendes em mi um novo ingenho ardente ;
 Se sempre em verso humilde celebrado
 Foi de mi vosso rio alegremente ;
 Dai-me agora um som alto e sublimado ;
 Um estylo grandíquo e corrente ;
 Porque de vossas aguas Phebo ordene
 Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V.

Dai-me uma furia grande e sonorosa ,
 E não de agreste avena , ou frauta ruda ;
 Mas de tuba canora e bellicosa ,
 Que o peito accende , e a cõr ao gesto muda :
 Dai-me igual canto aos feitos da famosa
 Gente vossa , a que Marte tanto ajuda ;
 Que se espalhe , e se cante no universo ;
 Se tam sublime preço cabe em verso !

VI.

E vós , o' bem nascida segurança
 Da lusitana antigua liberdade ,
 E não menos certissima esperança
 De augmento da pequena christandade :
 Vós , o' novo temor da maura lança ,
 Maravilha fatal da nossa idade ;
 Dado ao mundo per Deus , que todo o mande ,
 Pera do mundo a Deus dar parte grande :

VII.

Vós , tenro e novo ramo florecente
 D' uma arvore de Christo mais amada ,
 Que nenhuma nascida no Occidente ,
 Cesarea ou christianissima chamada :
 Vede-o no vosso escudo , que presente
 Vos amostra a victoria ja passada ;
 Na qual vos deu per armas , e deixou
 As que elle pera si na cruz tomou .

VIII.

Vós , poderoso rei , cujo alto imperio
 O sol , logo em nascendo , ve primeiro ;
 Ve-o tambem no meio do hemispherio ;
 E , quando desce , o deixa derradeiro :
 Vós , que esperamos jugo , e vituperio
 Do torpe ismaelita cavalleiro ,
 Do Turco oriental , e do Gentio ,
 Que inda bebe o liquor do sancto rio :

IX.

Inclinai, por um pouco , a magestade ,
 Que n' esse tenro gesto vos contempro ;
 Que ja se mostra , qual na inteira idade ,
 Quando subindo ireis ao eterno templo.
 Os olhos da real benignidade
 Ponde no chão : vereis um novo exemplo
 De amor dos patrios feitos valerosos ,
 Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria , não movido
 De premio vil, mas alto , e quasi eterno :
 Que não é premio vil ser conhecido
 Per um pregão do ninho meu paterno.
 Ouvi ; vereis o nome engrandecido
 D' aquelles de quem sois senhor superno :
 E julgareis qual é mais excellente ,
 Se ser do mundo rei , se de tal gente.

XI.

Ouvi ; que não vereis com vãs façanhas
 Phantasticas , fingidas , mentiroosas ,
 Louvar os vossos , como nas estranhas
 Musas , de engrandecer-se desejosas :
 As verdadeiras vossas são tammanhas ,
 Que excedem as sonhadas , fabulosas ;
 Que excedem Rodamonte , e o vão Rugeiro ,
 E Orlando , indaque fôra verdadeiro.

xii.

Por estes vos darei um Nuno fero ,
 Que fez ao rei, e ao reino tal serviço ;
 Um Egas , e um Dom Fuas , que de Homero
 A cithara pera elles so cubiço.
 Pois polos doze Pares dar-vos quero *para*
 Os doze de Inglaterra , e o seu Magriço :
 Dou-vos tambem aquelle illustre Gama ,
 Que pera si de Eneas toma a fama. *fava*

xiii.

Pois se a troco de Carlos rei de França .
 Ou de Cesar quereis igual memoria ,
 Vede o primeiro Afonso , cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria :
 E aquelle , que a seu reino a segurança
 Deixou co' a grande e prospera victoria :
 Outro Joanne invicto cavalleiro ;
 O quarto , e quinto Afonsos , e o terceiro.

xiv.

Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aquelles, que nos reinos la da Aurora
 Fizeram , so per armas tam subidos ,
 Vossa bandeira sempre vencedora :
 Um Pacheco fortissimo; e os temidos
 Almeidas , por quem sempre o Tejo chora;
 Alboquerque terribil , Castro forte ;
 E outros , em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quanto eu estes canto , e a vós não posso ,
 Sublime rei ; que não me atrevo a tanto ,
 Tomai as redeas vós do reino vosso ,
 Dareis materia a nunca ouvido canto .
 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos , e feitos singulares ,
 De Africa as terras , e do Oriente os mares .

XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio ,
 Em quem ve seu exicio afigurado :
 So com vos ver , o barbaro gentio
 Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado :
 Tethys todo o ceruleo senhorio
 Tem pera vós por dote apparelhado ;
 Que affeiçoadá ao gesto bello e tenro ,
 Deseja de comprar-vos pera genro .

XVII.

Em vós se vêem da olympica morada ,
 Dos dous avós as almas ca famosas ;
 Uma na paz angelica dourada ,
 • Outra pelas batalhas sanguinosas :
 Em vós esperam ver-se renovada
 Sua memoria , e obras valerosas :
 E la vos teem logar no fim da idade ,
 No templo da suprema Eternidade .

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa leito
 De regerdes os povos, que o desejam,
 Dai vós favor ao novo atrevimento,
 Pera que estes meus versos vossos sejam :
 E vereis ir cortando o salso argento
 Os vossos argonautas; porque vejarn
 Que são vistos de vós no mar irado :
 E costumai-vos ja a ser invocado.

XIX.

Ja no largo Oceano navegavam,
 As inquietas ondas apartando;
 Os ventos brandamente respiravam,
 Das naus as velas concavas inchando :
 Da branca escuma os mares se mostravam
 Cobertos, onde as proas vão cortando
 As maritimas aguas consagradas,
 Que do gado de Próteu são cortadas.

XX.

Quando os deuses no Olympo lúmindoem,
 Onde o governo está da humana gente,
 Se ajunctam em concilio glorioso,
 Sobre as cousas futuras do Oriente ;
 Pizando o crystallino ceo fermoso,
 Véem pela via-lactea juntamente,
 Convocados da parte do Tonante,
 Pelo neto gentil do velho Atlante.

XXI.

Deixam dos sete ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;
 Alto poder, que so co' o pensamento
 Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
 Alli se acharam junctos n' um inomento
 Os que habitam o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro sol se esconde.

XXII.

Estava o Padre alli sublime e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N' um assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo e soberano:
 Do rosto respirava um ar divino,
 Que divino tornara um corpo humano;
 Com uma coroa, e sceptro rutilante
 De outra pedra mais clara que diamante.

XXIII.

Em luzentes assentos marchetados
 D' ouro, e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros deuses todos assentados,
 Como a razão, e a ordem concertavam:
 Precedem os antiguos mais honrados;
 Mais abaixo os menores se assentavam;
 Quando Jupiter alto assi dizendo,
 C' um tom de voz começa grave e horrendo:

XXIV.

• Eternos moradores do luzente
 Estellifero pólo, e claro assento;
 Se do grande valor da forte gente
 De Luso, não perdeis o pensamento;
 Deveis de ter sabido claramente,
 Como é dos Fados grandes certo intento,
 Que por ella se esqueçam os humanos
 De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

• Ja lhe foi (bem o vistes) concedido
 C' um poder tam singelo, e tam pequeno,
 Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
 Toda a terra, que rega o Tejo ameno :
 Pois contra o Castelhano tam temido,
 Sempre alcançou favor do ceo sereno :
 Assi, que sempre emfim, com fama, e gloria,
 Teve os tropheos pendentes da victoria.

XXVI.

• Deixo, deuses, atraz a fama antiga,
 Que co' a gente de Romulo alcançaram,
 Quando com Viriato, na inimiga
 Guerra romana tanto se afamaram :
 Tambem deixo a memoria, que os obriga
 A grande nome, quando alevantaram
 Um por seu capitão, que peregrino
 Fingiu na cerva espiritu divino.

xxvii.

« Agora vêdes benti, que commettendo
 O duvidoso mar n' um lenho leve,
 Per vias nūticas usadas, não temendo
 De Africo, e Noto a força, a mais se atreve :
 Que havendo tanto ja que as partes vendo,
 Onde o dia é comprido, e onde breve,
 Inclinam seu proposito, e perfia,
 A ver os berços onde nasce o dia.

xxviii.

« Promettido lhe está do Fado eterno;
 (Cuja alta lei não pode ser quebrada),
 Que tenham longos tempos o governo
 Do mar, que ve do sol a roxa entrada :
 Nas aguas teem passado o duro hinverno ;
 A gente vem perdida, e trabalhada ;
 Ja parece bem feito, que lhe seja
 Mostrada a nova terra, que deseja.

xxix.

« E porque (como vistes) teem passados
 Na viajem tam asperos perigos,
 Tantos climas, e ceos exp'rimentados,
 Tanto furor de ventos inimigos ;
 Que sejam, determino, agasalhados
 N'esta costa africana, como amigos ;
 E, tendo guarnecidia a lassa frota,
 Tornarão a seguir sua longa rota. »

xxx.

Estas palavras Jupiter dizia ;
 Quando os deuses per ordem respondendo,
 Na sentença um do outro differia,
 Razões diversas dando, e recebendo:
 O padre Baccho alli não consentia
 No que Jupiter disse, conhecendo
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,
 Se la passar a lusitana gente.

xxxI.

Ouvido tinha aos Fados, e que viria
 Uma gente fortissima de Hespanha
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da India tudo quanto Dóris banha :
 E com novas victorias venceria
 A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nysa celebra itida a memoria:

xxxII.

Ve quē ja teve o Indo sujugado,
 E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado,
 De quantos beberem a agua do Parnaso :
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tam celebre nome em negro vaso
 Da agua do esquecimento, se lá chegamt
 Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII.

Sustentava contra elle Venus bella,
 Afieiçoadá á gente lusitana,
 Per quantas calidades via n' ella
 Da antigua tam amada sa romana :
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostraram na terra tingitana ;
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção, crê que é latina.

XXXIV.

Estas causas moviam Cytherea,
 E mais ; porque das Parcas claro intende
 Que ha de ser celebrada a clara dea ,
 Onde a gente bellígera se estende :
 Assi que, um pola infamia, que arrecea,
 E o outro polas honras, que pretende,
 Debatê, e na perfia permanecem ;
 A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV.

Qual Austro fero, ou Bóreas na espessura,
 De silvestre arvoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da matta escura,
 Com impetu, e braveza desmedida ;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, serve a serra erguida :
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deuses no Olympo consagrado.

XXXVI.

Mas Marte, que da deusa sustentava
 Entre todos, as partes em perfia ;
 Ou porque o amor antiquo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia ;
 D' entre os deuses em pe se levantava :
 Merencorio no gesto parecia ;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando pera traz, medonho e irado :

XXXVII.

A viseira do elmo de diamante
 Alevantando um pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer, se poz diante
 De Jupiter, armado, forte e duro :
 E dando uma pancada penetrante,
 Co' o conto do bastão no solio puro ;
 O ceo tremeu, e Apollo, de torvado,
 Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

XXXVIII.

E disse assi : « O' Padre, a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que creaste ;
 Se esta gente, que busca outro hemispherio,
 Cuja valia, e obras tanto amaste,
 Não queres que padecam vituperio,
 (Como ha ja tanto tempo que ordenaste);
 Não ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que é suspeito.

XXXIX.

« Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tam privado :
 Mas esta tençao sua agora passe,
 Porque emfim vem de estamago damnado ;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem, que outrem merece, e o ceo deseja.

XL.

« E tu, Padre de grande fortaleza ,
 Da determinação, que tens tomada,
 Não tornes pera traz, pois é fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligereza
 Ao vento leve, e á setta bem talhada,
 Lhe va mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme. »

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentiu
 No que disse Mavorte valeroso ;
 E nectar sobre todos esparziu.
 Pelo caminho lacteo glorioso
 Logo cadaum dos deuses se partiu,
 Fazendo seus reaes acatamentos,
 Pera os determinados aposentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na fermosa
 Casa etherea do Olympo omnipotente,
 Cortava o mar a gente bellicosa,
 Ja la da banda do Austro, e do Oriente ;
 Entre a costa ethiopica, e a famosa
 Ilha de san' Lourenço ; e o sol ardente
 Queimava então os deuses, que Typheu,
 Co' o temor grande, em peixes converteu.

XLIII.

Tam brandamente os ventos os levavam,
 Como quem o ceo tinha por amigo :
 Sereno o ar, e os tempos se mostravam
 Sem nuvens, sem receio de perigo :
 O promontorio Prasso ja passavam
 Na costa de Ethiopia, nome antigo ;
 Quando o mar descobrindo lhe mostrava
 Novas ilhas, que emtorno cerca, e lava.

XLIV.

Vasco da Gama, o forte capitão
 Que a tammanhas empresas se offerece ;
 De suberbo, e de altivo coração,
 A quem fortuna sempre favorece ;
 Pera se aqui deter não ve razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece :
 Per diante passar determinava ;
 Mas não lhe succedeu como cuidava.

XLV.

Eis aparecem logo em companhia
 Uns pequenos bateis, que véem d' aquella
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vella :
 A gente se alvoroça ; e de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa d' ella.
 « Que gente será esta ? (em si diziam)
 Que costumes, que lei, que rei teriam? »

XLVI.

As embarcações eram na maneira
 Mui veloces, estreitas, e compridas ;
 As velas, com que véem, eram de esteira
 D' umas folhas de palma bem tecidas :
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras accendidas,
 Ao mundo deu, de ousado, e não prudente :
 O Pado o sabe, e Lampethusa o sente.

XLVII.

De pannos de algodão vinham vestidos,
 De varias cores, brancos, e listrados :
 Uns trazem derredor de si cingidos,
 Outros, em modo airoso, sobraçados :
 Da cinta pera cima véem despidos ;
 Per armas teem adagas, e terçados ;
 Com toucas na cabeça ; e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII.

Co' os pannos , e co' os braços acenavam
 A's gentes lusitanas , que esperassem :
 Mas ja as proas ligeiras se inclinavam
 Pera que , juncto ás ilhas , amainassem :
 A gente , e marinheiros trabalhavam ,
 Como se aqui os trabalhos s'acabassem :
 Tomam velas ; amaina-se a verga alta ;
 Da ancora , o mar ferido , em cima salta.

XLIX.

Não eram ancorados , quando a gente
 Estranha pelas cordas ja subia ;
 No gesto ledos véem , e humanamente
 O capitão sublime os recebia.
 As mesas manda pôr em continente :
 Do liquor , que Lyeu prantado havia ,
 Enchem vasos de vidro ; e do que deitam ,
 Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L.

Comendo alegremente perguntavam ,
 Pela arabica lingua , « d'onde vinham ?
 Quem eram ? de que terra ? que buscavam ?
 Ou que partes do mar corrido tinham ?,
 Os fortes Lusitanos lhe tornavam
 As discretas respostas , que convinham :
 « Os Portuguezes somos do Occidente ;
 Imos buscando as terras do Oriente.

LII.

« Do mar temos corrido , e navegado
 Toda a parte do Antarctic , e Callisto ;
 Toda a costa africana rodeado ;
 Diversos ceos , e terras temos visto :
 D' um rei potente somos , tam amado .
 Tam querido de todos , e bemquisto ,
 Que não no largo mar , com ledas fronte ,
 Mas no lago entraremos de Acheronte .

LIII.

« E per mandado seu , buscando andâmos
 A terra oriental , que o Indo rega :
 Por elle , o mar remoto navegâmos
 Que so dos feos phocas se navega.
 Mas ja razão parece que saibâmos
 (Se entre vós a verdade não se nega)
 Quem sois ; que terra é esta que habitais ;
 Ou se tendes da India alguns sinais . »

LIV.

« Somos . (um dos das ilhas lhe tornou),
 Estrangeiros na terra , lei , e nação ;
 Que os proprios são aquelles , que creou .
 Natureza sem lei , e sem razão .
 Nós temos a lei certa , que ensinou .
 O claro descendente de Abrahão ,
 Que agora tem do mundo o senhorio ;
 A mãe Hebrea teve , e o pae Gentio . »

LIV.

• Esta ilha pequena,, que habitâmos,
 É em tuda esta terra certa escala
 De todos os que as ondas navegâmos,,
 De Quiloa , de Mombaça , e de Sofala :
 E , por ser necessaria,, procurâmos ,
 Como propria da terra , de habitação :
 E , porque tudo , emfim , vos notifique ,
 Chama-se a pequena ilha Moçambique..

LV..

• E ja que de tam longe navegais ,
 Buscando o Indo Hydaspe , e terra ardente ,
 Piloto aqui tereis , per quem sejais .
 Guiados pelas ondas sabiamente :
 Tambem será bem feito que tenhais
 Da terra algum refresco , e que o Regente ,
 Que esta terra governa , que vos veja ,
 E do mais necessario vos proveja . »

LVI.

Isto dizendo , o Mouro se tornou
 A seus bateis com toda a companhia :
 Do capitão , e gente se apartou
 Com mostras de devida cortezia.
 N'isto Phebo nas aguas encerrou ,
 Co' o carro de crystal , o claro dia ;
 Dando cargo á irmã , que alumiasse
 O largo mundo , em quanto repousasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria , e não cuidada ;
 Por acharem da terra tam remota ,
 Nova de tanto tempo desejada .
 Qualquer então comsigo cuida , e nota
 Na gente , e na maneira desudada ;
 E como os que na errada seita creram ,
 Tanto per todo o mundo se estenderam .

LVIII.

Da lua os claros raios rutilavam
 Pelas argenteas ondas neptuninas ;
 As estrellas os ceos acompanhavam ,
 Qual campo revestido de bcninas :
 Os furiosos ventos repousavam
 Pelas covas escuras peregrinas ;
 Porém da armada a gente vigiava ,
 Como , per longo tempo , costumava .

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
 Os fermosos cabellos espalhou ,
 No ceo sereno , abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio , que accordou ;
 Começa a embandeirar-se toda a armada ,
 E de toldos alegres se adornou ,
 Por receber com festas , e alegria ,
 O Regedor das ilhas , que partia .

LX.

Partia alegremente navegando ,
 A ver as naus ligeiras lusitanas ,
 Com refresco da terra , em si cuidando
 Que são aquellas gentes inhumanas ,
 Que os aposentos caspios habitando ,
 A conquistar as terras asianas
 Vieram ; e , per ordem do Destino ,
 O imperio tomara a Constantino .

LXI.

Recebe o capitão alegremente
 O Mouro , e toda sua companhia ;
 Da-lhe de ricas peças um presente ,
 Que so , pera este efeito , ja trazia ;
 Da-lhe conserva doce , e da-lhe o ardente
 Não usado liquor , que dá alegria :
 Tudo o Mouro contente bem recebe ;
 E muito mais contente come , e bebe .

LXII.

Está a gente marítima de Luso
 Subida pela enxarcia , de admirada ,
 Notando o estrangeiro modo , e uso ,
 E a linguagem tam barbara e enleada .
 Tambem o Mouro astuto está confuso ,
 Olhando a cõr , o trajo , e a forte armada ;
 E perguntando tudo , lhe dizia ,
 • Se per ventura vinham de Turquia ?

LXIII.

E mais lhe diz tambem, « que ver deseja
 Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
 Pera ver se conforme á sua seja,
 Ou se são dos de Christo, como crê. »
 E porque tudo note, e tudo veja,
 Ao capitão pedia « que lhe dê
 Mostra das fortes armas, de que usavam,
 Quando co' os inimigos pelejavam. »

LXIV.

Responde o valeroso capitão,
 Per um que a lingua escura bem sabia:
 « Dar-te-hei, senhor illustre, relaçāo
 De mi, da lei, das armas, que trazia.
 Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia;
 Mas sou da forte Europa bellicosa;
 Busco as terras da India tam famosa.

LXV.

« A lei tenho d'aquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil., e invisibil;
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil;
 Que padeceu deshonra, e vituperio,
 Sofrendo morte injusta e insofribil;
 E que de ceo á terra, em sim deceo,
 Por subir os mortues da terra ao ceo.

LXVI.

D' este Deus-Homem , alto e infinito ,
 Os livros , que tu pedes , não trazia ;
 Que bem posso escusar trazer escrito
 Em papel , o que n'alma andar devia .
 Se as armas queres ver (como tens dito)
 Cumprido esse desejo te seria :
 Como amigo as verás ; porque eu me obrigo ,
 Que nunca as queiras ver como inimigo . ~

LXVII.

Isto dizendo , manda os diligentes
 Ministros amostrar as armaduras :
 Véem arnezes , e peitos reluzentes ,
 Malhas finas , e laminas seguras ,
 Escudos de pinturas diferentes ,
 Pelouros , espingardas de aço puras .
 Arcos , e sagittiferas aljavas .
 Partazanas agudas , chuças bravas .

LXVIII.

As bombas véem de fogo , e junctamente
 As panellas sulphureas , tam damnosas :
 Porém aos de Vulcano não consente
 Que deem fogo ás bombardas temerosas :
 Porque o generoso animo e valente ,
 Entre gentes tam poucas e medrosas ,
 Não mostra quanto pode : e com razão ;
 Que é fraqueza , entre ovelhas , ser leão .

LXIX.

Porém d' isto que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o que viu , com olho attento ,
 Um odio certo na alma lhe ficou ,
 Uma vontade má de pensamento :
 Nas mostras , e no gesto o não mostrou ;
 Mas com risonho e ledo singimento ,
 Tratal-os brandamente determina ,
 Até que mostrar possa o que imagina .

LXX.

Pilotos lhe pedia o capitão ,
 Per quem podesse á India ser levado ;
 Diz-lhe , « que o largo premio levarão
 Do trabalho , que n' isso for tomado . »
 Promette-lh'os o Mouro , com tenção
 De peito venenoso , e tam damnado ,
 Que a morte , se podesse , n' este dia ,
 Em logar de pilotos , lhe daria .

LXXI.

Tammanho o odio foi , e a má vontade ,
 Que aos estrangeiros , subito , tomou ,
 Sabendo ser sequaces da verdade ,
 Que o filho de David nos ensinou .
 O' segredos d' aquella Eternidade ,
 A quem juizo algum não alcançou !
 Que nunca falte um perfido inimigo
 A' quelles de que foste tanto amigo !

LXXII.

Partiu-se n'isto , emfim , co'a companhia ,
 Das naus o falso Mouro despedido ,
 Com enganosa e grande cortezia ,
 Com gesto ledo a todos , e fingido .
 Cortaram os bateis a curta via
 Das aguas de Neptuno ; e recebido
 Na terra do obsequente ajunctamento ,
 Se foi o Mouro ao cognito aposento .

LXXIII.

Do claro assento ethereo o gran' Thebano ,
 Que da paternal coxa foi nascido ,
 Olhando o ajunctamento lusitano
 Ao Mouro ser molesto e avorrecido ,
 No pensamento cuida um falso engano ,
 Com que seja de todo destruido :
 E em quanto isto so n'alma imaginava ,
 Comsigo estas palavras practicava .

LXXIV.

« Está do Fado ja determinado ,
 Que tammanhas victorias tam famosas ,
 Hajam os Portuguezes alcançado
 Das indianas gentes bellicosas :
 E eu so , filho do Padre sublimado ,
 Com tantas calidades generosas ,
 Hei de sofrer que o Fado favoreça
 Outrem , per quem meu nome se escureça ?

LXXV.

« Ja quizeram os deuses que tivesse
 O filho de Philippo , n' esta parte ,
 Tanto poder, que tudo sumettesse
 Debaixo do seu jugo o fero Marte :
 Mas ha-se de sofrer que o Fado desse
 A tam poucos tammanho esforço , e arte ,
 Que eu co' o gran' Macedonio , e co' o Romano ,
 Dêmos logar ao nome lusitano ?

LXXVI.

« Não será assi ; porque antes que chegado
 Seja este capitão , astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado ,
 Que nunca veja as partes do Oriente .
 Eu descerei á terra ; e o indignado
 Peito revolverei da maura gente ;
 Porque sempre per via irá direita
 Quein do opportuno tempo se aproveita .»

LXXVII.

Isto dizendo irado , e quasi insano ,
 Sobre a terra africana descendeu ,
 Onde vestindo a fórmā , e gesto humano ,
 Pera o Prasso sabido se moveu :
 E por melhor tecer o astuto engano ,
 No gesto natural se converteu
 De um Mouro , em Moçambique conbeoido ,
 Velho , sabio , e co' o Xeque mui valido .

LXXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tempo , e horas
 A' sua falsidade accommodadas ,
 Lhe diz , « como eram gentes roubadoras
 Estas , que ora de novo são chegadas :
 Que das nações na costa moradoras ,
 Correndo a fama veio , que roubadas
 Foram per estes homens , que passeavam ,
 Que com pactos de paz sempre ancoravam .

LXXXIX.

« E sabe mais (lhe diz) como intedido
 Tenho d' estes christãos sanguinolontos ,
 Que quasi todo o mar teem destruido
 Com roubos , com incendios violentos :
 E trazem , ja de longe , engano urdido
 Contra nós ; e que todos seus intentos
 São para nos matarem , e roubarem ,
 E mulheres , e filhos cativarem .

LXXX.

« E tambem sei que tem determinado
 De vir per agua á terra , muito cedo ,
 O capitão dos seus acompanhado ;
 Que da tenção damnada nasce o medo .
 Tu deves d' ir tambem co' os teus armado
 Esperal-o em cilada , occulto e quedo ;
 Porque saindo a gente descuidada ,
 Cahirão facilmente na cilada .

LXXXI.

• E se inda não ficarem d' este feito
 Destruídos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho imaginado no conceito
 Outra manha, e ardil, que te contente :
 Manda-lhe dar piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, e tam prudente,
 Que os leve aonde sejam destruidos,
 Desbaratados, mortos, ou perdidos. •

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou
 O Mouro, nos taes casos sabio e velho,
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho :
 E logo n'esse instante concertou
 Pera a guerra o bellígero apparelho;
 Pera que ao Portuguez se lhe tornasse
 Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII.

E busca mais, pera o cuidado engano,
 Mouro, que por piloto á nau lhe mande,
 Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
 De quem fiar-se possa um feito grande:
 Diz-lhe • que acompanhando o Lusitano,
 Per taes costas, e mares com elle ande,
 Que, se d'aqui escapar, que la diante
 Va cahir, d' onde nunca se alevante. •

LXXXIV.

Ja o raio apollineo visitava
 Os montes nabatheos, accendido;
 Quando o Gama, co' os seus, determinava
 De vir per agua á terra apercebido :
 A gente nos bateis se concertava,
 Como se fosse o engano ja sabido :
 Mas pode suspeitar-se facilmente ;
 Que o coração presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra,
 De antes, pelo piloto necessario ;
 E foi-lhe respondido em som de guerra;
 Caso, do que cuidava, mui contrario :
 Por isto, e porque sabe quanto erra
 Quem se crê de seu perfido aversario,
 Apercebido vai, como podia,
 Em tres bateis somente, que trazia.

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavam pela praia,
 Por lhe defender a agua desejada,
 Um d' escudo embraçado, e de azagaia,
 Outro de arco encurvado, e setta hervada,
 Esperam que a guerreira gente saia ;
 Outros muitos ja postos em cilada ;
 E, porque o caso leve se lhe faça,
 Poem uns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andam pela ribeira alva, arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenando.
 Com a adarga, e co' a hastea perigosos
 Os fortes Portuguezes incitando :
 Não sofre muito a gente generosa.
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando :
 Qualquer em terra salta, tam ligero,
 Que nenhum dizer pode que é primeiro..

LXXXVIII.

Qual no corro sanguino o lado amante,
 Vendo a ferrosa dama desejada.,
 O touro busca; e pondo-se diana,
 Salta, corre, sibila,, acena, e brada :.
 Mas o animal atroce, n'esse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro conre, e os olhos cerrada,
 Derriba, fere, mata, e põe per terra :.

LXXXIX..

Eis nos bateis o fogo se levanta.
 Na furiosa e dura artilheria ;
 A plumbea péla mata, o brado espanta ;
 Ferido o ar retumba, e assobia :
 O coração dos Mouros se quebranta ;
 O temor grande o sangue lhe resfria :
 Ja foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventuroso.

CANTO PRIMEIRO.

3

XCI.

Não se contenta a gente portugueza ;
Mas seguindo a victoria, estrue, e mata ;
A povoação sem muro, e sem defesa,,
Esbombardea, accende, e desbarata..
Da cavalgada ao Mouro ja lhe peza,
Que bem cuidou compral-a mais barata :
Ja blasphemava da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mãe, que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando,
Sem força, de covarde, e da apressado,,
A pedra, o pau, e o canto arremessando ;
Da-lhe armas o furor desatinado :
Ja a ilha, e todo o mais desamparando,
A terra firme foge amedrontado :
Passa, e conta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII.

Uns vão nas almadias carregadas ;
Um corta o mar a nado diligente ;
Quem se afoga nas ondas encurvadas ;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente..
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios sutis da bruta gente :
D' esta arte o Portuguez em siim castiga.
A vil malicia, perfida, iniquiga.

XIII.

Tornam vitoriosos pera a armada,
 Co'o despojo da guerra, e rica presa ;
 E vão, a seu prazer, fazer aguada,
 Sem achar resistencia, nem defesa.
 Ficava a maura gente magoada,
 No odio antiquo, mais que nunca, accesa :
 E vendo sem vingança tanto dano,
 Somente estriba no segundo engano.

XIV.

Pazes commetter manda arrependido,
 O Regedor d'aquella iniqua terra ;
 Sem ser dos Lusitanos intendido,
 Que em figura de paz, lhe manda guerra :
 Porque o piloto falso promettido,
 (Que toda a má tençao no peito encerra)
 Pera os guiar á morte, lhe mandava,
 Como em signal das pazes, que tractava.

XCV.

O capitão, que ja lhe então convinha
 Tornar a seu caminho acostumado ;
 Que tempo concertado, e ventos tinha,
 Pera ir buscar o Indo desejado ;
 Recebendo o piloto, que lhe vinha,
 (Foi d'elle alegremente agasalhado)
 E respondendo ao messageiro, attento,
 As velas manda dar ao largo vento.

XCVI.

D'est' arte despedida a forte armada,
 As ondas de Amphitrite dividia,
 Das filhas de Nereu acoinpanhada,
 Fiel, alegre e doce companhia:
 O capitão, que não cahia em nada
 Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
 D'elle mui largamente se informava
 Da India toda, e costas que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruído nos enganos,
 Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
 De morte, ou captiveiro novos danos,
 Antes que á India chegue, lhe prepara:
 Dando razão dos portos indianos,
 Tambem tudo o que pede lhe declara:
 Que havendo por verdade o que dizia,
 De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais (co' o falso pensamento,
 Com que Sinon os Phrygios enganou)
 • Que perto está uma ilha, cujo assento
 Povo antiquo christão sempre habitou. •
 O capitão, que a tudo estava attento,
 Tanto com estas novas se alegrou,
 Que com dadivas grandes lhe rogava,
 • Que o leve á terra onde esta gente estava. •

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
 Que o seguro christão lhe manda, e pede ;
 Que a ilha é possuída da malina
 Gente, que segue o torpe Mafamede :
 Aqui o engano, e morte lhe imagina ;
 Porque em poder e forças muito excede
 A Moçambique esta ilha, que se chama
 Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Pera la se inclinava a led a frota :
 Mas a deusa em Cythere celebrada ,
 Vendo como deixava a certa rota ,
 Por ir buscar a morte não cuidada ;
 Não consente que em terra tam remota
 Se perca a gente d' ella tanto amada ;
 E , com ventos contrarios , a desvia
 D' onde o piloto falso a leva , e guia.

CI.

Mas o malvado Mouro não podendo
 Tal determinação levar avante ;
 Outra maldade iniqua commettendo
 Ainda em seu proposito constante ,
 Lhe diz , « que pois as aguas discorrendo ,
 Os levaram per força per diante ,
 Que outra ilha tem perto , cuja gente
 Eram christãos com Mouros junctamente . »

CII.

Tambem n' estas palavras lhe mentia,
 Como per regimento emsim levava;
 Que aqui gente de Christo não havia,
 Mas a que a Mafamede celebrava.
 O capitão, que em tudo o Mouro cria,
 Virando as velas, a ilha demandava:
 Mas não querendo a deusa guardadora,
 Não entra pela barra; e surge fora.

CIII.

Estava a ilha á terra tam chegada,
 Que um estreito pequeno a dividia;
 Uma cidade n' ella situada,
 Que na fronte do mar apparecia;
 De nobres edificios fabricada,
 Como per fóra ao longe descobria;
 Regida per um rei de antigua idade;
 Mombaça é o nome da ilha, e da cidade.

CIV.

E sendo a ella o capitão chegado,
 Estranhamente ledo; porque espera
 De poder ver o povo baptizado,
 Como o falso piloto lhe dissera:
 Eis véem bateis da terra com recado
 Do rei, que ja sabia a gente que era;
 Que Baccho muito de antes o avisara,
 Na fórm'a d' outro Mouro, que tomara.

CV.

O recado , que trazem , é de amigos ;
Mas debaixo o veneno vem coberto ;
Que os pensamentos eram de inimigos ,
Segundo foi o engano descoberto .
Oh grandes e gravissimos perigos !
Oh caminho da vida nunca certo !
Que aonde a gente põe sua esperança ,
Tenha a yida tam pouca segurança !

CVI.

No mar tanta tormenta , e tanto dano ;
Tantas vezes a morte apercebida !
Na terra tanta guerra , tanto engano ;
Tanta necessidade aborrecida !
Onde pode acolher-se um fraco humano ?
Onde terá segura a curta vida ,
Que não se arme , e se indine o ceo sereno
Contra um bicho da terra tam pequeno ?

OS LUSIADAS.



CANTO SEGUNDO.



I.

Ja n'este tempo o lucido planeta ,
Que as horas vai do dia distingundo ,
Chegava á desejada e lenta meta ,
A luz celeste ás gentes encobrindo ;
E da casa marítima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo ;
Quando as ínfidas gentes se chegaram
A's naus , que pouco havia que ancoraram.

II.

D' entre elles um , que traz encommendado
O mortífero engano , assi dizia :
• Capitão valeroso , que cortado
Tens de Neptuno o reino , e salsa via ;
O rei , que manda esta ilha , alvorçoçado
Da vinda tua , tem tanta alegria ,
Que não deseja mais que agasalhar-te ,
Ver-te , e do necessario reformar-te.

III.

«E porque está em extremo desejoso
 De te ver (como cousa nomeada)
 Te roga, que de nada receioso,
 Entres a barra tu, com toda a armada:
 E porque do caminho trabalhoso
 Trarás a gente debil e cansada,
 Diz que na terra podes reformal-a;
 Que a natureza obriga a desejal-a.

IV.

«E se buscando vas mercadoria,
 Que produze o aurifero Levante,
 Canella, cravo, ardente especiaria,
 Ou droga salutifera e prestante;
 Ou se queres luzente pedraria,
 O rubi fino, o rígido diamante;
 D' aqui levarás tudo tam sobrejo,
 Com que faças o fim a teu desejo. »

V.

Ao messageiro o capitão responde,
 (As palavras do rei agradecendo)
 E diz, «que porque o sol no mar se esconde,
 Não entra pera dentro, obedecendo:
 Porém, que como a luz mostrar per onde
 Va sem perigo a frota, não temendo,
 Cumprirá sem receio seu mandado;
 Que a mais, por tal senhor, stá obrigado. »

VI.

Pergunta-lhe despois , « se estão na terra
Christãos ? » (como o piloto lhe dizia) :
O messageiro astuto , que não erra ,
Lhe diz , « que a mais da gente em Christo criss. »
D' esta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita , e cauta phantesia :
Per onde o capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

VII.

E de alguns , que trazia condemnados
Por culpas , e por feitos vergonhosos ;
Porque podessem ser aventurados
Em casos d' esta sorte duvidosos ,
Manda douz mais sagazes ensaiados ;
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade , e poder ; e porque vejam
Os christãos , que so tanto ver desejam.

VIII.

E per estes ao rei presentes manda ;
Porque a boa vontade , que mostrava ,
Tenha firme , segura , limpa e branda ;
A qual , bem ao contrario , em tudo estava .
Ja a companhia perfida e nefanda ,
Das naus se despedia , e o mar cortava :
Foram com gestos ledos e fingidos ,
Os douz da frota em terra recebidos .

IX.

E despois que ao rei apresentaram ,
 Co' o recado , os presentes que traziam ,
 A cidade correram , e notaram
 Muito menos d'aquillo que queriam ;
 Que os Mouros cautelosos se guardaram
 De lhe mostrarem tudo o que pediam :
 Que onde reina a malicia , está o receio ,
 Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle , que sempre a mocidade
 Tem no rosto perpetua , e foi nascido
 De duas mães ; que urdia a falsidade ,
 Por ver o navegante destruido ;
 Estava n'uma casa da cidade ,
 Com rosto humano , e habito fingido ,
 Mostrando-se christão ; e fabricava
 Um altar sumptuoso , que adorava.

XI.

Alli tinha , em retrato afigurada ,
 Do alto e Sancto Espiritu a pintura ,
 A candida pombinha debuxada
 Sobre a unica phenix Virgem pura :
 A companhia santa está pintada
 Dos doze , tam torvados na figura ,
 Como os que , so das linguas que cahiram
 De fogo , varias linguas referiram.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos
 Onde, com este engano, Baccho estava,
 Poem em terra os giolhos, e os sentidos
 N' aquelle Deus, que o mundo governava.
 Os cheiros excellentes, produzidos
 Na Panchaia odorífera, queimava
 O Thyoneu; e assi, per derradeiro,
 O falso deus adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foram de noite agasalhados,
 Com todo o bom e honesto tractamento,
 Os dous christãos; não vendo que enganados
 Os tinha o falso e sancto fingimento.
 Mas assi como os raios espalhados
 Do sol foram no mundo, e n' um momento,
 Appareceu no rubido horisonte
 Da moça de Titão a roxa fronte :

XIV.

Tornam da terra os Mouros co' o recado
 Do rei, pera que entrassem, e comsigo
 Os dous, que o capitão tinha mandado,
 A quem se o rei mostrou sincero amigo :
 E sendo o Portuguez certificado
 De não haver receio de perigo,
 E que gente de Christo em terra havia,
 Dentro no salso rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou , « que em terra viram
 Sacras aras , e sacerdote santo ;
 Que alli se agasalharam , e dormiram ,
 Em quanto a luz cobriu o escuro manto ;
 E que no rei , e gentes não sentiram
 Senão contentamento , e gosto tanto ,
 Que não podia certo haver suspeita
 N'uma mostra tam clara , e tam perfeita . »

XVI.

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegremente os Mouros , que subiam :
 Que levemente um animo se fia
 De mostras , que tam certas pareciam .
 A nau da gente perfida se enchia ,
 Deixando a bordo os barcos , que traziam :
 Alegres vinham todos ; porque creem
 Que a presa desejada certa teem .

XVII.

Na terra cautamente apparelhavam
 Armas , e munições ; que como vissem
 Que no rio os navios ancoravam ,
 N'elles ousadamente se subissem :
 E com esta traição determinavam
 Que os de Luso de todo destruissem ,
 E que incautos pagassem d'este geito ,
 O mal , que em Moçambique tinham feito .

XVIII.

As ancoras tenaces vão levando ,
 Com a nautica grita costumada ;
 Da proa as vélas sos ao vento dando ,
 Inclinam pera a barra abalizada .
 Mas a linda Erycina , que guardando
 Andava sempre a gente assinalada ,
 Vendo a cilada grande , e tam secreta ,
 Voa , do ceo ao mar , como uma seta .

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereu ,
 Com toda a mais cerulea companhia ;
 Que , porque no salgado mar nasceu ,
 Das aguas o poder lhe obedecia :
 E proondo-lhe a causa a que desceu ,
 Com todos junctamente se partia ,
 Pera estorvar que a armada não chegasse
 Aonde pera sempre se acabasse .

XX.

Ja na agua erguendo vão com grande pressa ,
 Com as argenteas caudas , branca escuma ;
 Doto co'o peito eorta , e atravessa
 Com mais furor o mar do que costuma .
 Salta Nise , Nerine se arremessa
 Per cima da agua crespa , em força suma :
 Abrem caminho as ondas encurvadas ,
 De temor das Nereidas apressadas .

XXI.

Nos hombros de um tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dione furiosa :
 Não sente, quem a leva, o doce peso,
 De suberbo, com carga tam fermosa :
 Ja chegam perto d' onde o vento teso
 Enche as vélas da frota bellicosa ;
 Repartem-se, e rodeiam n' esse instante
 As naus ligeiras, que iam per diante.

XXII.

Põe-se a deusa, com outras, em direito
 Da proa capitaina ; e alli fechando
 O caminho da barra, estão de geito,
 Que em vão assopra o vento, a véla inchando :
 Poem no madeiro duro o brando peito,
 Pera detraz a forte nau forcando ;
 Outras, em derredor, levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavam.

XXIII.

Quaes pera a cova as próvidas formigas,
 Levando o peso grande accomodado,
 As forças exercitam, de inimigas
 Do inimigo hinverno congelado ;
 Alli são seus trabalhos, e fadigas ;
 Alli mostram vigor nunca esperado :
 Taes andavam as nymphas estorvando ,
 A' gente portugueza , o fim nefando.

XXIV.

Torna pera detraz a nau forçada,
 A pezar dos que leva, que gritando
 Maream vélas ; ferve a gente irada,
 O leme a um bordo, e a outro atravessando :
 O mestre astuto em vão da poppa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estava um marítimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a nau lhe mette medo.

XXV.

A medonha celeuma se elevanta
 No rudo marinheiro, que trabalha ;
 O grande estrondo a maura gente espanta,
 Como se vissem horrida batalha :
 Não sabem a razão de furia tanta ;
 Não sabem, n' esta pressa, quem lhe valha ;
 Cuidam que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser, por isso, aqui punidos.

XXVI.

Eil-os subitamente se lançavam
 A seus bateis veloces, que traziam ;
 Outros em cima o mar alevantavam ;
 Saltando n' agua, e a nado se acolhiam :
 De um bordo, e d' outro subito saltavam ;
 Que o mèdo os compellia do que viam ;
 Que antes querem ao mar aventurar-se,
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
 As rās (no tempo antiquo lycia gente)
 Se sentem per ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente;
 D' aqui, e d' alli saltando, o charco soa,
 Por fugir do perigo, que se sente ;
 E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
 Sos as cabeças n' agua lhe aparecem :

XXVIII.

Assi fogem os Mouros ; e o piloto,
 Que ao perigo grande as naus guiana,
 Crendo que seu engano estava noto,
 Tambem foge, saltando n' agua amara.
 Mas, por não darem no penedo immoto,
 Onde perciam a vida doce e cara,
 A ancora solta logo a capitaina ;
 Qualquer das outras, juncto d' ella, amaina.

XXIX.

Vendo o Gama, attentado, a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza,
 Intende o que ordenava a bruta gente :
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a nau passar avante não podia,
 Havendo-o por milagre, assi dizia :

XXX.

« Oh caso grande , estranho , e não cuidado !
 Oh milagre clarissimo e evidente !
 Oh descoberto engano inopinado !
 Oh perfida , inimiga e falsa gente !
 Quem poderá do mal apparelhado
 Livrar-se , sem perigo , sabiamente ,
 Se la de cima a Guarda soberana
 Não acudir á fraca força humana ?

XXXI.

« Bem nos mostra a divina Providencia ,
 D'estes portos a pouca segurança ;
 Bem claro temos visto na apparencia ,
 Que era enganada a nossa confiança :
 Mas pois saber humano , nem prudencia ,
 Enganos tam singidos não alcança ;
 O' tu Guarda divina , tem cuidado
 De quem , sem ti , não pode ser guardado !

XXXII.

« E se te move tanto a piedade
 D'esta misera gente peregrina ,
 Que so por tua altissima bondade ,
 Da gente a salvas perfida e malina ;
 N' algum porto seguro de verdade
 Conduzir-nos ja agora determina ;
 Ou nos amostra a terra , que buscâmos ;
 Pois so por teu serviço navegâmos . »

xxxiii.

Ouviu-lhe estas palavras piedosas
 A fermosa Dione ; e commovida ,
 D' entre as nymphas se vai , que saúdosas
 Ficaram d'esta subita partida :
 Ja penetra as estrellas luminosas ;
 Ja na terceira esphera recebida ,
 Avante passa ; e la no sexto ceo ,
 Pera onde estava o Padre , se moveo.

xxxiv.

E como ia affrontada de caminho ,
 Tam fermosa no gesto se mostrava ,
 Que as estrellas , e o ceo , e o ar visinho ,
 E tudo quanto a via , namorava.
 Dos olhos , onde faz seu filho o ninho ,
 Uns espiritus vivos inspirava ,
 Com que os pólos gelados accendia ,
 E tornava de fogo a esphera fria.

xxxv.

E por mais namorar o soberano
 Padre , de quem foi sempre amada , e cara ,
 Se lh'apresenta assi como ao Troiano ,
 Na selva Idea , ja se apresentara.
 Se a vira o caçador , que o vulto humano
 Perdeu , vendo Diana n'agua clara ,
 Nunca os famintos galgos o mataram ;
 Que primeiro desejos o acabaram .

XXXVI.

Os crespos fios de ouro se esparziaiam
 Pelo collo , que a neve escurecia ;
 Andando , as lacteas tetas lhe tremiam ,
 Com quem Amor brincava , e não se via :
 Da alva petrina flamas lhe saiam ,
 Onde o menino as almas accendia ;
 Pelas lisas columnas lhe trepavam
 Desejos , que como hera se enrolavam .

XXXVII.

C' um delgado sendal as partes cobre ,
 De quem vergonha é natural reparo ;
 Porém nem tudo esconde , nem descobre
 O véo , dos roxos lirios pouco avaro :
 Mas pera que o desejo accenda , e dobre ,
 Lhe põe diante aquelle objecto raro .
 Ja se sentem no ceo , per toda a parte ,
 Ciumes em Vulcano , amor em Marte .

XXXVIII.

E mostrando no angelico semblante ,
 Co'o riso , uma tristeza misturada ;
 Como dama , que foi do incauto amante ,
 Em brincos amorosos , maltratada ;
 Que se aqueixa , e se ri n' um mesmo instante ,
 E se torna , entre alegre , magoada :
 D'est'arte a deusa , a quem nenhuma iguala ,
 Mais mimosa , que triste , ao Padre fala .

XXXIX.

« Sempre eu cuidei , o' Padre poderoso ,
 Que pera as cousas , que eu do peito amasse ,
 Te achasse brando , assabil , e amoroso ;
 Posto que a algum contrario lhe pezasse :
 Mas pois que contra mi te vejo iroso ,
 Sem que t'o merecessae , nem te errasse ;
 Faça-se como Baccho determina ;
 Assentarei emsim que fui mosina .

XL.

« Este povo , que é meu , por quem derramo
 As lagrymas , que em vão cahidas vejo ;
 Que assás de mal lhe quero , pois que o amo ,
 Sendo tu tanto contra meu desejo :
 Por elle , a ti rogando , choro , e bramo ;
 E contra minha dita emsim pelejo .
 Ora pois ; porque o amo é maltratado ;
 Quero-lhe querer mal , será guardado .

XLI.

« Mas moura emsim nas mãos das brutas gentes ;
 Que pois eu fui... » E n'isto de mimosa ,
 O rosto banha em lagrymas ardentes ,
 Como co' o orvalho fica a fresca rosa :
 Calada um pouco , como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa ;
 Torna a seguil-a : e indo per diante ,
 Lhe atalha o poderoso e gran' Tonante .

XLII.

E d' estas brandas mostras commovido,
 Que moveram de um tigre o peito duro ;
 Co'o vulto alegre , qual do ceo subido ,
 Torna sereno e claro o ar escuro :
 As lagrymas lhe alimpa , e accendido
 Na face a beija , e abraça o collo puro ;
 De modo , que d' alli , se so se achara ,
 Outro novo Cupido se gerara .

XLIII.

E , co' o seu , apertando o rosto amado .
 Que os saluços , e lagrymas augmenta ;
 Como menino da ama castigado ,
 Que quem o afaga , o choro lhe accrescenta ;
 Por lhe pôr em socego o peito irado .
 Muitos casos futuros lhe apresenta :
 Dos Fados as entranhas revolvendo ,
 D' esta maneira emfim lhe está dizendo :

XLIV.

« Fermosa filha minha , não temais
 Perigo algum nos vossos Lusitanos ;
 Nem que ninguem comigo possa mais ,
 Que esses chorosos olhos soberanos ;
 Que eu vos prometto , filha , que vejais
 Esquecerem-se Gregos , e Romanos ,
 Polos illustres feitos , que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente .

XLV.

« Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo ;
 E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos , e a fonte de Timavo ;
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Scylla , e de Charybdis o mar bravo ;
 Os vossos , mores couzas attentando ,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI.

« Fortalezas , cidades , e altos muros ,
 Per elles vereis , filha , edificados ;
 Os Turcos bellacissimos e duros ,
 D' elles sempre vereis desbaratados :
 Os rēis da India livres e seguros ,
 Vereis ao rei potente sujugados :
 E , per elles , de tudo emfim senhores ,
 Serão dadas na terra leis melhores.

XLVII.

« Vereis este , que agora pressuroso
 Per tantos mēdos o Indo vai buscando ,
 Tremer d' elle Neptuno de medroso ,
 Sem vento suas aguas encrespando .
 Oh caso nunca visto e milagroso ,
 Que trema , e ferva o mar , em calma estando !
 Oh gente forte , e de altos pensamentos ,
 Que tambem d' ella hão mēdo os elementos !

XLVIII.

• Vereis a terra , que a agua lhe tolhia ,
 Queinda ha de ser um porto mui decente ,
 Em que vāo descançar da longa via ,
 As naus , que navegarem do Occidente .
 Toda esta costa emfim , que agora urdia
 O mortífero engano , obediente
 Lhe pagará tributos , conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo .

XLIX.

• E vereis o Mar-Roxo , tam famoso ,
 Tornar-se-lhe amarello de ensiado ;
 Vereis de Ormuz o reino poderoso ,
 Duas vezes tomado , e sujugado :
 Alli vereis o Mouro furioso
 De suas mesmas settas traspassado ;
 Que quem vai contra os vossos , claro veja ,
 Que , se resiste , contra si peleja .

L.

• Vereis a inexpugnabil Diu forte ,
 Que dous cercos terá , dos vossos sendo :
 Alli se mostrará seu preço , e sorte ,
 Feitos de armas grandissimos fazendo :
 Invejoso vereis o gran' Mavorie
 Do peito lusitano fero e horrendo .
 Do Mouro alli verão , que a voz extrema ,
 Do falso Mafamede ao ceo blasphema .

LI.

• Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá despois a ser senhora
 De todo o Oriente, e sublimada
 Co' os triumphos da gente vencedora:
 Alli suberba, altiva e exalçada,
 Ao gentio, que os idолос adora,
 Duro freio porá, e a toda a terra,
 Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII.

• Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força, e gente;
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa, e tam potente:
 E vereis em Cochim assinalar-se
 Tanto um peito suberbo e insolente,
 Que cithara jamais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome, e gloria.

LIII.

• Nunca com Marte instructo e furioso,
 Se viu ferver Leucate, quando Augusto
 Nas civis actias guerras animoso,
 O capitão venceu romano injusto;
 Que dos povos da Aurora, e do famoso
 Nilo, e do Bactra scythico e robusto,
 A victoria trazia, e presa rica,
 Preso da Egypeia linda e não pudica.

LIV.

• Como vereis o mar fervendo acceso,
 Co' os incendios dos vossos pelejando,
 Levando o idolátra, e o Mouro preso,
 De nações diferentes triumphando :
 E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
 Até o longinquo China navegando,
 E as ilhas mais remotas do Oriente ;
 Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

• De modo, filha minha, que de geito
 Amostrarão esforço mais que humano ;
 Que nunca se verá tam forte peito,
 Do gangetico mar ao gaditano ;
 Nem das boreaes ondas ao Estreito,
 Que mostrou o aggravated Lusitano ;
 Posto que em todo o mundo, de affrontados,
 Resuscitassem todos os passados. »

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia á terra ; porque tenha
 Um pacifico porto, e sosegado,
 Pera onde, sem receio, a frota venha :
 E pera que em Mombaça aventurado
 O forte capitão se não detenha,
 Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.

LVI.

Ja pelo ar o Cylleneu voava:
 Com as asas nos pes á terra dece;
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cansados adormece :
 Com esta, as tristes almas revocava
 Dos infernos ; e o vento lhe obedece :
 Na cabeça o galero costumado ;
 E d' est' arte a Melinde foi chegado.

LVII.

Comsigo a Fama leva ; porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro ;
 Que o nome illustre a um certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado, e caro.
 D' est' arte vai fazendo a gente amiga,
 Co' o rumor famosissimo e preclaro :
 Ja Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto, e modo.

LVIII.

D' alli pera Mombaça logo parte,
 Aonde as naus estavam temerosas ;
 Pera que á gente mande, que se aparte
 Da barra imiga, e terras suspeitosas.
 Porque mui pouco val esforço, e arte,
 Contra infernaes vontades enganasas :
 Pouco val coração, astucia, e siso,
 Se la dos ceos não vem celeste aviso.

LX.

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no ceo, co' a luz alheia,
Tinham o largo mundo alumiado;
E so, co' o somno, a gente se recrea.
O capitão illustre, ja cansado
De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo : « Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada, que o rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo dano :
Fuge; que o vento, e o ceo te favorece ;
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro rei mais amigo, n'outra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

LXII.

« Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava :
As aras de Busiris infamado,
Onde os hóspedes tristes immolava ,
Terás certas aqui, se muito esperas :
Fuge das gentes perfidas e feras.

LXIII.

Vai te ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade,
 La quasi juncto d'onde o sol ardendo
 Iguala o dia, e noite em quantidade :
 Alli tua frota alegre recebendo
 Um rei, com muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 E pera a India certa e sabia guia. »

LXIV.

Isto Mercurio disse ; e o sonno leva
 Ao capitão, que com mui grande espanto
 Acorda, e ve ferida a escura treva
 De uma subita luz, e raio santo.
 E vendo claro quanto lhe releva
 Não se deter na terra iniqua tanto,
 Com novo espiritu ao mestre seu mandava,
 Que as vélas désse ao vento, que assoprava.

LXV.

« Dai vélas (disse) dai ao largo vento,
 Que o ceo nos favorece, e Deus o manda ;
 Que um messageiro vi do claro assento,
 Que so em favor de nossos passos anda. »
 Alevanta-se n' isto o movimento
 Dos marinheiros, de uma e de outra banda;
 Levam, gritando, as ancoras acima,
 Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI.

N'este tempo, que as ancoras levavam,
 Na sombra escura os Mouros escondidos,
 Mansamente as amarras lhe cortavam;
 Por serem, dando á costa, destruidos :
 Mas com vista de lynces vigiavam
 Os Portuguezes, sempre apercebidos :
 Elles, como acordados os sentiram,
 Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII.

Mas ja as agudas proas apartando
 Iam as vias humidas de argento ;
 Assopra-lhe galerno o vento e brando,
 Com suave e seguro movimento.
 Nos perigos passados vão fallando ;
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, d'onde em tanto aperto
 A vida em salvo escapa per acerto.

LXVIII.

Tinha uma volta dado o sol ardente ,
 E n'outra começava , quando viram
 Ao longe dous navios , brandamente
 Co'os ventos navegando , que respiram :
 Porque haviam de ser da maura gente ,
 Pera elles arribando , as vélas viram :
 Um de temor do mal , que arreceava ,
 Por se salvar a gente , á costa dava.

LXIX.

Não é o outro , que fica , tam manhoso ;
 Mas nas mãos vai cahir do Lusitano ,
 Sem o rigor de Marte furioso ,
 E sem a furia horrenda de Vulcano :
 Que como fosse debil e medroso
 Da pouca gente o fraco peito humano ,
 Não teve resistencia ; e, se a tivera ,
 Mais danno , resistindo , recebera .

LXX.

E como o Gama muito desejasse
 Piloto pera a India , que buscava ;
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse ;
 Mas não lhe sucedeu como cuidava :
 Que nenhum d'elles ha que lhe ensinasse
 A que parte dos ceos a India estava :
 Porém dizem-lhe todos , « que tem perlo
 Melinde , onde achará piloto certo . »

LXXI.

Louvam do rei os Mouros a bondade ,
 Condição liberal , sincero peito ,
 Magnificencia grande , e humanidade ,
 Com partes de grandissimo respeito .
 O capitão o assella por verdade ;
 Porque ja lh'o dissera d'este geito ,
 O Cylleneu em sonhos ; e partia
 Pera onde o sonho , e o Mouro lhe dizia .

LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea ;
Quando um, e outro corno lhe aqueava ;
E Flora derramava o de Amalthea.
A memoria do dia renovava
O pressuroso sol, que o ceo rodea ,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito ,
O sello poz a quanto tinha feito :

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte
Onde o reino Melinde ja se via ,
De toldos adornada , e leda de arte ,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira , voa o estandarte ;
A cór purpúrea ao longe apparecia :
Soam os atambores , e pandeiros ;
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia melindana
Da gente , que vem ver a leda armada ;
Gente mais verdadeira , e mais humana ,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota lusitana :
Péga no fundo a ancora pesada :
Mandam fóra um dos Mouros, que tomaram ,
Per quem sua vinda ao rei manifestaram.

LXXV.

O rei , que ja sabia da nobreza ,
 Que tanto os Portuguezes engrandece ;
 Tomarem o seu porto tanto preza ,
 Quanto a gente fortissima merece :
 E com verdadeiro animo , e pureza ,
 Que os peitos generosos ennobrece ,
 Lhe manda rogar muito que saissem
 Pera que de seus reinos se servissem.

LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros ,
 E palavras sinceras , não dobradas ,
 As que o rei manda aos nobres cavalleiros ,
 Que tanto mar , e terras teem passadas .
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros ,
 E gallinhas domesticas cevadas ,
 Com as fruitas , que então na terra havia :
 E a vontade á dadiva excedia .

LXXVII.

Recebe o capitão alegremente
 O messageiro ledo , e seu recado ;
 E logo manda ao rei outro presente ,
 Que de longe trazia apparelhado :
 Escarlata purpúrea , cõr ardente ;
 O ramoso coral , fino , e prezado ,
 Que debaixo das aguas molle crece ,
 E , como é fóra d' ellas , se endurece .

LXXXVIII.

Manda mais um, na practica elegante,
 Que co' o rei nobre as pazes concertasse ;
 E que , de não sair n' aqueille instante
 De suas naus em terra, o desculpasse.
 Partido assi o embaixador prestante ,
 Como na terra ao rei se apresentasse ,
 Com estylo , que Pallas lhe ensinava ,
 Estas palavras taes , fallando , orava :

LXXIX.

• Sublime rei , a quem do Olympo puro ,
 Foi da Summa Justiça concedido
 Refrear o suberbo povo duro .
 Não menos d'elle amado , que temido :
 Como porto mui forte , e mui seguro ,
 De todo o Oriente conhecido ,
 Te vimos a buscar , pera que achemos
 Em ti o remedio certo , que queremos .

LXXX.

« Não somos roubadores , que passando
 Pelas fracas cidades descuidadas ,
 A ferro , e a fogo as gentes vão matando ,
 Por roubar-lhe as fazendas cubiçadas :
 Mas da suberba Europa navegando ,
 Imos buscando as terras apartadas
 Da India grande e rica , per mandado
 De um rei , que temos , alto e sublimado .

LXXXI.

Que geração tam dura ha hi de gente ,
 Que barbaro costume , e usança fêa ,
 Que não vedem os portos tamsomente ,
 Mas inda o hospicio da deserta arêa ?
 Que má tençao , que peito em nós se sente ,
 Que de tam pouca gente se arrecêa ?
 Que com laços armados tam singidos ,
 Nos ordenassem ver-nos destruidos ?

LXXXII.

Mas tu , em quem mui certo confiâmos
 Achar-se mais verdade , o' rei benino ,
 E aquella certa ajuda em ti esperâmos ,
 Que teve o perdido Ithaco em Alcino ;
 A teu porto seguros navegâmos
 Conduzidos do intérprete divino :
 Que pois a ti nos manda , está mui claro ,
 Que es de peito sincero , humano e raro .

LXXXIII.

E não cuides , o' rei , que não saisse
 O nosso capitão esclarecido
 A ver-te , e a servir-te ; porque visse ,
 Ou suspeitasse em ti peito fingido :
 Mas saberás que o fez ; porque cumprisse
 O regimento em tudo obedecido
 De seu rei , que lhe manda que não saia ,
 Deixando a frota , em nenhum porto , ou praia .

LXXXIV.

« E porque é de vassallos o exercicio ,
 Que os membros teem regidos da cabeça ,
 Não quererás (pois tens de rei o officio)
 Que ninguem a seu rei desobedeça :
 Mas as mercês , e o grande beneficio ,
 Que ora acha em ti , promette que conheça
 Em tudo aquillo que elle , e os seus poderem ,
 Em quanto os rios pera o mar correrem . »

LXXXV.

Assi dizia ; e todos juntamente ,
 Uns com outros em practica fallando ,
 Louvavam muito o estamago da gente ,
 Que tantos ceos , e mares vai passando.
 E o rei illustre , o peito obediente
 Dos Portuguezes , na alma imaginando ,
 Tinha por valor grande ; e mui subido
 O do rei , que é tam longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista , e ledo aspeito ,
 Responde ao embaixador , que tanto estima :
 « Toda a suspeita má tirai do peito ;
 Nenhum frio temor em vós se imprima :
 Que vosso preço , e obras são de geito ,
 Pera vos ter o mundo em muita estima ;
 E quem vos fez molesto tratamento ,
 Não pode ter subido pensamento.

LXXXVII.

« De não sair em terra toda a gente ,
 (Por observar a usada preeminencia)
 Aindaque me peze estranhamente ,
 Em muito tenho a muita obediencia :
 Mas, se lh' o regimento não consente,
 Nem eu consentirei que a excellencia
 De peitos tam leaes em si desfaça ,
 So porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

• Porém como a luz crástina chegada
 Ao mundo for, em minhas almidias
 Eu irei visitar a forte armada ,
 Que ver tanto desejo , ha tantos dias :
 E se vier do mar desbaratada ,
 Do furioso vento , e longas vias ,
 Aqui terá , de limpos pensamentos
 Piloto , munições , e mantimentos . ,

LXXXIX.

Isto disse ; e nas aguas se escondia
 O filho de Latona : e o messageiro
 Co' a embaixada , alegre , se partia
 Pera a frota , no seu batel ligairo.
 Enchem-se os peitos todos de alegria ,
 Por terem o remedio verdadeiro ,
 Pera acharem a terra , que buscavam ;
 E assi ledos a noite festejavam.

XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
 Os tremulos cometas imitando :
 Fazem os bombardeiros seu officio ,
 O ceo , a terra , e as ondas atroando.
 Mostra-se dos Cyclópas o exercicio ,
 Nas bombas , que de foga estão queimando :
 Outros com vozes , com que o ceo feria ,
 Instrumentos altísonos tangiam.

XCI.

Respondem-lhe da terra junctamente ,
 Co' o raio volteando , com zunido ;
 Anda em gyros no ar a roda ardente ;
 Estoura o po sulphúrea escondido ,
 A grita se elevanta ao ceo , da gente ;
 O mar se via em fogos accendido ;
 E não menos a terra ; e assi festeja
 Um ao outro , á manaira de peleja.

XCII.

Mas ja o ceo inquieto revolvendo ,
 As gentes incitava a seu trabalho ;
 E ja a mãe de Memnôn a luz trazendo ,
 Ao somno longo punha certo aatalho :
 Iam-se as sombras leptas desfazendo ,
 Sobre as flores da terra , em frio orvalho ;
 Quando o rei melindano se embarcava
 A ver a frota , que no mar estava.

XCIII.

Viam-se em derredor ferver as praias
 Da gente , que a ver so concorre ledas :
 Luzem da fina púrpura as cabaias ;
 Lustram os pannos da tecida seda :
 Em lugar de guerreiras azagaias ,
 E do arco , que os cornos arremeda
 Da lua , trazem ramos de palmeira ;
 Dos que vencem , coroa verdadeira .

XCIV.

Um batel grande e largo , que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores ,
 Traz o rei de Melinde , acompanhado
 De nobres de seu reino , e de senhores :
 Vem de ricos vestidos adornado ,
 Segundo seus costumes , e primores ;
 Na cabeça uma fota guarnevida ,
 De ouro , e de seda , e de algodão tecida .

XCV.

Cabaia de damasco rico e dino ,
 Da tyria cōr , entre elles estimada ;
 Um collar ao pescoço , de ouro fino ,
 Onde a materia , da obra é superada ;
 C' um resplendor reluze adamantino
 Na cinta a rica adaga bem lavrada ;
 Nas alparcas dos pes , emsim de tudo ,
 Cobrem ouro , e aljofar ao veludo .

XCVI.

Com um redondo amparo alto de seda ,
 N'uma alta e dourada hastea enxerido ,
 Um ministro á solar quentura veda ,
 Que não offendá, e queime o rei subido.
 Musica traz na proa , estranha e ledá ,
 De aspero som , horríssimo ao ouvido ;
 De trombetas arcadas em redondo ,
 Que sem concerto , fazem rudo estrondo .

XCVII.

Não menos guarnecido o Lusitano ,
 Nos seus bateis , da frota se partia
 A receber no mar o Melindano ,
 Com lustrosa e honrada companhia .
 Vestido o Gama vem ao modo hispano ;
 Mas franceza era a roupa que vestia ,
 De setim da adriática Veneza ,
 Carmesi , cōr que a gente tanto preza :

XCVIII.

De botões d'ouro as mangas véem tomadas ,
 Onde o sol reluzindo a vista cega ;
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal , que fortuna a tantos nega :
 E com pontas do mesmo delicadas ,
 Os golpes do gibão ajuncta , e achega ;
 Ao italico modo a aurea espada ;
 Pluma na gorra , um pouco declinada .

XIX.

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tincta, que dá o mûrice excellente,
 A varia côr, que os olhos alegrava,
 E a maneira do traço differente.
 Tal o formoso esmalte se notava,
 Dos vestidos otiados junctamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

C.

Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres, resoando :
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pelas aguas arrojando.
 As bombardas horrísonas bramavam ,
 Com as nuvens de fumo o sol tomando ;
 Amiudam-se os brados accendidos ;
 Tapam co' as mãos os Mouros os ouvidos.

CI.

Ja no batel entrou do capitão
 O rei, que nos seus braços o levava :
 Elle co' a cortezia, que a razão,
 (Por ser rei) requeria, lhe fallava.
 C' umas mostras d' espanto, e admiraçāo ,
 O Mouro o gesto, e o modo lhe notava;
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente, que de tam longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
 Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse ;
 E que, se mahtimento lhe fallecê ,
 Como se proprio fosse , lh' o pedisse :
 Diz-lhe mais , « que per faina bem conhece
 A gente lusitana , sem que a visse ;
 Que ja ouviu dizer , que n' outra terra
 Com gente de sua lei , tivesse guerra .

CIII.

• E como per toda Africa se soa ,
 (Lhe diz) os grandes feitos , que fizeraſſi ,
 Quando n'ella ganharam a coroa
 Do reino , onde as Hespéridas viveram ! *
 E com muitas palavras apregoa
 O menos , que os de Luso mereceram ;
 E o mais , que pela fama o rei sabia ;
 Mas d' esta sorte o Gama respondia :

CIV.

• O' tu , que só tiveste piedade ,
 Rei benino , da gente lusitana ,
 Que com tanta miseria , e adversidade ,
 Dos mares exp'timenta a furia insana ;
 Aquella alta e divina Eternidade ,
 Que o ceo revolve , e rege a gente humana ;
 (Pois que de ti taes obras recebemos)
 Te pague o que nós outros não podêmos .

CV.

« Tu so , de todos , quantos queima Apolo,
 Nos recebes em paz do mar profundo :
 Em ti dos ventos hórridos de Eolo
 Refugio achâmos bom , fido e jucundo.
 Em quanto apascentar o largo polo
 As estrellas , e o sol der lume ao mundo ,
 Onde quer que eu viver, com fama, e gloria ,
 Vivirão teus louvores em memoria . »

CVI.

Isto dizendo , os barcos vão remando
 Pera a frota , que o Mouro ver deseja :
 Vão as naus uma , e uma rodeando ;
 Porque de todas tudo note, e veja :
 Mas pera o ceo Vulcano fuzilando ,
 A frota co' as bombardas o festeja ;
 E as trombetas canoras lhe tangiam ;
 Co' os anafis os Mouros respondiam.

CVII.

Mas despois de ser tudo ja notado
 Do generoso Mouro , que pasmava ,
 Ouvindo o instrumento inusitado ,
 Que tammanho terror em si mostrava ;
 Mandava estar quieto , e ancorado
 N' agua o batel ligeiro , que os levava ;
 Por fallar de vagar co' o forte Gama ,
 Nas cousas , de que tem noticia , e fama.

CVIII.

Em practicas o Mouro differentes
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas e excellentes,
 Co' o povo havidas, que a Mafoma adora :
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia ultima, onde mora ;
 Agora pelos povos seus vizinhos ;
 Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso capitão,
 Nos conta (lhe dizia) diligente.
 Da terra tua o clima, e região
 Do mundo onde morais, distinctamente;
 E assi de vossa antigua geração;
 E o principio do reino tam potente,
 Co' os successos das guerras do começo ;
 Que, sem sabel-as, sei que são de preço.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado ;
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Africa ruda tem creado.
 Conta : que agora véem co' os aureos freios
 Os cavallos, que o carro marchetado,
 Do novo sol, da fria Aurora trazem :
 O vento dorme ; o mar, e as ondas jazem.

CXI.

• E não menos co' o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares ;
 Que quem ha , que per fama não conhece
 As obras portuguezas singulares ?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro sol , pera julgares
 Que os Melindantos teem tam rudo peito ,
 Que não estimem muito um grande feito.

CXII.

• Cometteram suberbos os gigantes ,
 Com guerra vâ , o Olympo claro e puro ;
 Tentou Piríthoo , e Théseu , de ignorantes ,
 O reino de Plutão horrreendo e escuro :
 Se houve feitos no mundo tam possantes ,
 Não menos é trabalho illustre e duro ,
 Quanto foi commetter inferno , e ceo ,
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII.

• Queimou o sagrado templo de Diana ,
 Do util Ctesiphónio fabricado ,
 Herostrato ; por ser da gente humana
 Conhecido no mundo , e nomeado :
 Se tambem , com taes obras , nos engana
 O desejo de um nome avantajado ;
 Mais razão ha que queira eterna gloria ,
 Quem faz obras tam dignas de memoria .

OS LUSIADAS.



CANTO TERCEIRO.

I.

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao rei o illustre Gama :
Inspira immortal canto, e voz divina,
N' este peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheu pariste, o' linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II.

Põe tu, nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente lusitana ;
Que veja, e saiba o mundo que do Tejo
O liquor de Aganippe corre, e mana.
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana ;
Senão direi, que tens algum receo
Que se escureça o teu querido Orpheo.

III.

Promptos estavam todos escutando
 O que o sublime Gama contaria ;
 Quando, depois de um pouco estar cuidando,
 Alevantando o rosto , assi dizia :
 « Mandas-me , o' rei , que conte declarando
 De minha gente a gran' genealogia :
 Não me mandas contar estranha historia ;
 Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

• Que outrem possa louvar esforço alheio ,
 Causa é que se costuma , e se deseja ;
 Mas louvar os meus proprios , arreceio
 Que louvor tam suspeito mal me esteja :
 E pera dizer tudo temo , e creio
 Que qualquer longo tempo curto seja :
 Mas , pois o mandas , tudo se te deve ;
 Irei contra o que devo , e serei breve.

V.

« Alem d'isso , o que a tudo emfim me obriga ,
 É não poder mentir no que disser ;
 Porque , de feitos taes , por mais que diga ,
 Mais me ha de ficar inda por dizer :
 Mas , porque n' isto a ordem leve , e siga ,
 (Segundo o que desejas de saber)
 Primeiro tractarei da larga terra ;
 Despois direi da sanguinosa guerra .

VI.

• Entre a zona , que o cancro senhorea,
 Meta septentrional do sol luzente ;
 E aquella , que por fria se arrecea
 Tanto , como a do meio por ardente ,
 Jaz a suberba Europa ; a quem rodea ,
 Pela parte do Arcturo e do Occidente ,
 Com suas salsas ondas , o Oceano ;
 E , pela Austral , o mar Mediterrano .

VII.

• Da parte d'onde o dia vem nascendo ,
 Com Asia se avisinha ; mas o rio ,
 Que dos montes Rhipehos vai correndo
 Na alagoa Meótis , curvo e frio ,
 As divide : e o mar , que fero e horrendo
 Viu dos Gregos o irado senhorio ;
 Onde agora , de Troia triumphante ,
 Não ve mais que a memoria , o navegante .

VIII.

• La onde mais debaixo está do polo ,
 Os montes hyperbóreos apparecem ;
 E aquelles , onde sempre sopra Eolo ,
 E , co' o nome dos sopros , se ennobrecem .
 Aqui tam pouca força teem de Apolo
 Os raios , que no mundo resplandecem ,
 Que a neve está contino pelos montes ,
 Gelado o mar , geladas sempre as fontes .

IX.

« Aqui dos Scythes grande cantidad
 Vivem, que antigamente grande guerra
 Tiveram sobre a humana antiguidade,
 Co' os que tinham então a egypcia terra :
 Mas quem tam fóra estava da verdade,
 (Ja que o juizo humano tanto erra)
 Pera que do mais certo se informara,
 Ao campo damasceno o perguntara.

X.

« Agora n'estas partes se nomea
 A Lappia fria, a inculta Noroega;
 Escandinavia ilha, que se arrea
 Das victorias, que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não refreca
 O congelado hinverno, se navega
 Um braço do sarmático Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

XI.

« Entre este mar, e o Tánais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, e Livonios.
 Sarmatas outro tempo; e na montanha
 Hercyna, os Marcomanos são Polonios,
 Sujeitos ao imperio de Alemania
 São Saxones, Bohemios, e Pannonios;
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amásis, e Alhis rio.

XII.

Entre o remota Istro , e o claro estreito
 Aonde Helle deixou co' o nome a vida ,
 Estão os Thrases de robusto peito ,
 Do fero Marte patria tam querida ;
 Onde co' o Hemo , o Rhóope sujeito
 Ao Othomano está , que sumettida
 Byzancio tem a seu serviço indino :
 Boa injuria do grande Constantino !

XIII.

« Logo de Macedónia estão as gentes ,
 A quem lava do A'xio a agua fria :
 E vós tambem , o' terras excellentes
 Nos costumes , ingenhos e ousadia ;
 Que creastes os peitos eloquentes ,
 E os juizos de alta phantesia ,
 Com quem tu , clara Grecia , o ceo penetras ,
 E não menos per armas , que per letras .

XIV.

« Logo os Dálmatas vivem ; e no seio ,
 Onde Antenor ja muros levantou ,
 A suberba Veneza está no meio
 Das aguas , que tam baixa começou .
 Da terra , um braço vem ao mar , que cheio
 De esforço , nações varias sujeitou ;
 Braço forte de gente sublimada
 Não menos nos ingenhos , que na espada .

xv.

« Emtôrno o cerca o reino neptunino ,
 Co' os muros naturaes , per outra parte :
 Pelo meio o divide o Apennino ,
 Que tam illustre fez o patrio Marte :
 Mas despois que o Porteiro tem divino ,
 Perdendo o esforço veio , e bellica arte :
 Pobre está ja de antigua potestade :
 Tanto Deus se contenta de humildade !

xvi.

« Gallia alli se verá , que nomeada
 Co' os cesáreos triumphos foi no mundo ,
 Que do Séquana , e Rhódano é regada ,
 E do Garumna frio , e Rheno fundo :
 Logo os montes da nymptha sepultada
 Pyrene , se alevantam , que (segundo
 At iguidades contam) quando arderam ,
 Rios de ouro , e de prata então correram .

xvii.

« Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha ,
 Como cabeça alli de Europa toda ;
 Em cujo senhorio , e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda :
 Mas nunca poderá com força , ou manha ,
 A fortuna inquieta pôr-lhe noda ,
 Que lh'a não tire o esforço e ousadia
 Dos bellicosos peitos , que em si cria .

XVIII.

« Com Tingitania entesta , e alli parece
 Que quer fechar o mar mediterrano ,
 Onde o sabido Estreito se ennobrece
 Co' o extremo trabalho do Thebano :
 Com nações diferentes se engrandece ,
 Cercadas com as ondas do Oceano ;
 Todas de tal nobreza , e tal valor ,
 Que qualquer d'ellas cuida que é melhor .

XIX.

« Tem o Tarragonez , que se fez claro
 Sujeitando Parthénope inquieta ;
 O Navarro , as Astúrias , que reparo
 Ja foram contra a gente mahometa :
 Tem o Gallego cauto , e o grande e raro
 Castelhano , a quem fez o seu planeta
 Restituidor de Hespanha , e senhor d' ella ,
 Bétis , Leão , Granada , com Castella .

XX.

« Eis-aqui , quasi cume da cabeça
 De Europa toda , o reino lusitano ;
 Onde a terra se acaba , e o mar começa ,
 E onde Phebo repousa no Oceano :
 Este quiz o ceo justo que floreça
 Nas armas contra o torpe Mauritano ,
 Deitando-o de si fóra ; e la na ardente
 Africa estar quieto o não consente .

XXI.

« Esta é a ditosa patria minha amada ;
 A' qual se o ceo me dá , que eu sem perigo
 Torne com esta empresa ja acabada ,
 Acabe-se esta luz alli comigo.
 Esta foi Lusitania, derivada
 De Luso , ou Lysa , que de Baccho antigo
 Filhos foram , parece , ou companheiros ,
 E n' ella , então , os íncolas primeiros.

XXII.

« D' esta o pastor nasceu , que no seu nome
 Se ve que de homem forte os feitos teve ;
 Cuja fama ninguem virá que dome ;
 Pois a grande de Roma não se atreve :
 Esta , o velho , que os filhos proprios come ,
 Per decreto do ceo , ligeiro e leve ,
 Veio a fazer no mundo tanta parte ,
 Creando-a reino illustre , e foi d' est' arte.

XXIII.

« Um rei , per nome Afonso , foi na Hespanha ,
 Que fez aos Sarracenos tanta guerra ,
 Que per armas sanguinas , força , e manha ,
 A muitos fez perder a vida , e a terra .
 Voando d'este rei a fama estranha ,
 Do herculano Calpe á cáspia serra ,
 Muitos , pera na guerra esclarecer-se ,
 Vinham a elle , e á morte offerecer-se.

XXIV.

• E c' um amor intrínseco accendidos
 Da fe , mais que das honras populares ,
 Eram de varias terras conduzidos ,
 Deixando a patria amada , e proprios lares .
 Despois que em feitos altos e subidos ,
 Se mostraram nas armas singulares ;
 Quiz o famoso Afonso , que obras taes
 Levassem premio lino , e dões iguaes .

XXV.

• D'estes Henrique (dizem) que segundo
 Filho de um rei d' Hungria exp'rimentado ,
 Portugal houve em sorte , que no mundo
 Então não era illustre , nem prezado :
 E, pera mais signal d' amor profundo ,
 Quiz o rei castelhano , que casado
 Com Teresa , sua filha , o conde fosse ;
 E , com ella , das terras tomou posse .

XXVI.

• Este , despois que contra os descendentes
 Da escrava Agar , victórias grandes teve ,
 Ganhando muitas terras adjacentes ,
 Fazendo o que a seu forte peito deve :
 Em premio d'estes feitos excellentes ,
 Deu-lhe o supremo Deus , em tempo breve ,
 Um filho , que illustrasse o nome ufano
 Do bellicoso reino lusitano .

XXVII.

« Ja tinha vindo Henrique da conquista
 Da cidade hierosólyma sagrada ,
 E do Jordão a areia tinha vista ,
 Que viu de Deus a carne em si lavada ;
 Que não tendo Gothfredo a quem resista ,
 Despois de ter Judea sujugada ,
 Muitos , que n' estas guerras o ajudaram ,
 Pera seus senhorios se tornaram.

XXVIII.

« Quando chegado ao fim de sua idade
 O forte e famoso Hungaro extremado ,
 Forçado da fatal necessidade ,
 O esp'ritu deu a quem lh' o tinha dado :
 Ficava o filho em tenra mocidade ,
 Em quem o pae deixava seu traslado ;
 Que do mundo os mais fortes igualava ;
 Que de tal pae , tal filho se esperava.

XXIX.

« Mas o velho rumor , não sei se errado ,
 (Que em tanta antiguidade nā ha certeza)
 Conta , que a mãe tornando todo o estado ,
 Do segundo hymeneu não se despreza :
 O filho orpham deixava desherdado ,
 Dizendo , « que nas terras a grandeza
 Do senhorio todo so sua era ;
 Porque , pera casar , seu pae lh' as dera .

XXX.

« Mas o principe Afonso, que d' est' arte
 Se chamava , do avô tomando o nome,
 Vendo-se em suas terras não ter parte ;
 Que a mãe , com seu marido , as manda , e come;
 Fervendo-lhe no peito o duro Marte ,
 Imagina comsigo como as tome :
 Revolvidas as causas no conceito ,
 Ao proposito firme , sigue o effeito.

XXXI.

« De Guimaraes o campo se tingia
 Co' o sangue proprio da intestina guerra ,
 Onde a mãe , que tam pouco o parecia ,
 A seu filho negava o amor , e a terra.
 Com elle , posta em campo , ja se via ;
 E não ve a suberbâ o muito que erra
 Contra Deus , contra o maternal amor ;
 Mas n' ella o sensual era o maior.

XXXII.

« O' Progne crua ! o' mágica Medea !
 Se em vossos proprios filhos vos vingais
 Da maldade dos paes , da culpa alhea ,
 Olhai que inda Teresa pecca mais.
 Incontinencia má , cubiça fea ,
 São as causas d' este erro principais :
 Scylla , por uma , mata o velho pai ;
 Esta , por ambas , contra o filho vai.

xxxiii.

« Mas ja o principe claro o vencimento
 Do padrasto , e da iniqua mãe levava ;
 Ja lhe obedece a terra n' um momento ,
 Que primeiro contra elle pelejava :
 Porém , vencido de ira o intendimento ,
 A mãe em ferros ásperos atava :
 Mas de Deus foi vingada em tempo breve :
 Tanta veneração aos paes se deve !

xxxiv.

« Eis se ajuncta o suberbo Castelhano
 Pera vingar a injúria de Teresa ,
 Contra o tam raro e ingente Lusitano ,
 A quem nenhum trabalho agrava , ou pesa .
 Em batalha cruel o peito humano ,
 Ajudado da angélica defesa ,
 Não so contra tal furia se sustenta ;
 Mas o inimigo aspérrimo afugenta .

xxxv.

« Não passa muito tempo , quando o forte
 Principe em Guimarães está cercado
 De infinito poder ; que d' esta sorte
 Foi refazer-se o imigo magoado :
 Mas , com se offerecer á dura morte
 O fiel Egas amo , foi livrado ;
 Que de outra arte podera ser perdido ,
 Segundo estava mal apercebido .

XXXVI.

« Mas o leal vassallo, conhecendo
 Que seu senhor não tinha resistencia,
 Se vai ao Castelhano , promettendo
 Que elle faria dar-lhe obediencia.
 Levanta o inimigo o cerco horrendo ,
 Fiado na promessa , e conciencia
 De Egas Moniz. Mas não consente o peito
 Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII.

« Chegado tinha o prazo prometido ,
 Em que o rei castelhano ja aguardava ,
 Que o principe a seu mando sumetido
 Lhe dësse a obediencia , que esperava.
 Vendo Egas , que ficava fementido ,
 (O que d' elle Castella não cuidava)
 Determina de dar a doce vida ,
 A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

« E com seus filhos , e mulher se parte
 A levantar com elles a fiança ;
 Descalços , e despidos , de tal arte ,
 Que mais move a piedade , que a vingança.
 « Se pretendes , rei alto , de vingarte
 De minha temeraria confiança ,
 (Dizia) eis-aqui venho offerecido
 A te pagar, co'a vida, o promettido.

XXXIX.

« Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte ;
 Se a peitos generosos e excellentes ,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos , e a lingua delinquentes ;
 N'ellas sos exp'rimenta toda sorte
 De tormentos , de mortes , pelo estillo
 De Scinís , e do touro de Perillo . »

XL.

« Qual diante do algoz o condenado ,
 Que ja na vida a morte tem bebido ,
 Põe no cepo a garganta ; e ja entregado
 Espera pelo golpe tam temido :
 Tal diante do principe indinado
 Egas estava a tudo offerecido :
 Mas o rei, vendo a estranha lealdade ,
 Mais pôde , emfim , que a ira , a piedade .

XLI.

« Oh gran' fidelidade portugueza ,
 De vassallo , que a tanto se obrigava !
 Que mais o Persa fez n' aquella empreza ,
 Onde rosto , e narizes se cortava ?
 Do que ao grande Dario tanto peza ,
 Que , mil vezes dizendo , suspirava ,
 « Que mais o seu Zopyro são prezara ,
 Que vinte Babylonias , que tomara . »

XLII.

• Mas ja o principe Afonso apparelhava
 O lusitano exército ditoso ,
 Contra o Mouro , que as terras habitava
 D' alem do claro Tejo deleitoso :
 Ja no campo de Ourique se assentava
 O arraial suberbo e bellicoso ,
 Defronte do inimigo sarraceno ,
 Postoque em força , e gente , tam pequeno .

XLIII.

• Em nenhuma outra cousa confiado ,
 Senão no summo Deus , que o ceo regia ;
 Que tam pouco era o povo bautizado ,
 Que , pera um so , cem Mouros haveria .
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais temeridade , que ousadia ,
 Committer um tammanho ajunctamento ;
 Que , pera um cavalleiro , houvesse cento .

XLIV.

• Cinco rēis mouros são os inimigos ,
 Dos quaes o principal Ismar se chama ;
 Todos exp'rimentados nos perigos
 Da guerra , onde se alcança a illustre fama .
 Seguem guerreiras damas seus amigos ,
 Imitando a fermosa e forte dama ,
 De quem tanto os Troianos se ajudaram ,
 E as que o Thermodonte ja gostaram .

XLV.

« A matutina luz serena e fria,
 As estrellas do pólo ja apartava ;
 Quando na cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Afonso , o animava.
 Elle , adorando quem lhe apparecia ,
 Na fe todo inflammado , assi gritava :
 « Aos infieis , Senhor , aos infieis ,
 E não a mi , que creio o que podeis ! »

XLVI.

« Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflammados , levantavam
 Por seu rei natural este excellente
 Principe , que do peito tanto amavam :
 E diante do exército potente
 Dos imigos , gritando o ceo tocavam ;
 Dizendo em alta voz : « Real , real ,
 Por Afonso alto rei de Portugal . »

XLVII.

« Qual co' os gritos , e vozes incitado
 Pela montanha o râbido moloso ,
 Contra o touro remette que fiado
 Na força está do corno temeroso ;
 Ora pega na orelha , ora no lado ,
 Latindo , mais ligeiro , que forçoso ,
 Até que emfim , rompendo-lhe a garganta ,
 Do bravo a força horrenda se quebranta :

XLVIII.

« Tal do rei novo o estâmago accendido
 Por Deus , e polo povo juctamente ,
 O barbaro commette apercebido ,
 Co' o animoso exército rompente.
 Levantam n' isto os perros o alarido
 Dos gritos ; tocam arma ; serve a gente :
 As lanças , e arcos tomam ; tubas soam ;
 Instrumentos de guerra tudo atroam .

XLIX.

« Bem como quando a flamma , que ateada
 Foi nos áridos campos (assoprando
 O sibilante Bóreas) animada
 Co' o vento , o secco matto vai queimando :
 A pastoral companha , que deitada
 Co' o doce sonno estava , despertando
 Ao estridor do fogo , que se ateia ,
 Recolhe o fato , e foge pera a aldeia :

L.

« D'est' arte o Mouro attónito e torvado ,
 Toma , sem tento , as armas mui depressa ;
 Não fuge ; mas espera confiado ,
 E o ginete bellígero arremessa .
 O Portuguez o encontra denodado ;
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa :
 Uns cahem meios mortos , e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão .

LI.

« Alli se vêem encontros temerosos,
 Pera se desfazer uma alta serra ;
 E os animaes correndo furiosos ,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra .
 Golpes se dão medonhos e forçosos ;
 Per toda a parte andava accesa a guerra :
 Mas o de Luso , arnez , couraça , e malha
 Rompe , corta , desfaz , abola , e talha .

LII.

« Cabeças pelo campo vão saltando ,
 Braços , pernas , sem dono , e sem sentido ;
 E d' outros as entranhas palpitando ,
 Pallida a cõr , o gesto amortecido .
 Ja perde o campo o exército nefando ;
 Correm rios de sangue desparzido ,
 Com que tambem do campo a cõr se perde ;
 Tornado carmesi de branco , e verde .

LIII.

« Ja fica vencedor o Lusitano ,
 Recolhendo os tropheos , e presa rica :
 Desbaratado , e roto o Mouro hispano ,
 Tres dias o gran' rei no campo fica .
 Aqui pinta no branco escudo ufano ,
 (Que agora esta victória certifica)
 Cinco escudos azues esclarecidos ,
 Em signal d' estes cinco rēis vencidos .

LIV.

• E n' estes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros , porque Deus fôra vendido ;
 Escrevendo a memória em varia tinta ,
 D' aquelle de quem foi favorecido.
 Em cadaum dos cinco , cinco pinta ;
 Porque assi fica o número cumprido ,
 Contando duas vezes o do meio
 Dos cinco azues , que em cruz pintando veio.

LV.

• Passado ja algum tempo , que passada
 Era esta gran' victória , o rei subido
 A tomar vai Leiria , que tomada
 Fôra , mui pouco havia , do vencido .
 Com esta a forte Arronches sujugada
 Foi juntamente , e o sempre ennobrecido
 Scalabicastro , cujo campo ameno ,
 Tu , claro Tejo , regas tam sereno .

LVI.

• A estas nobres villas sumettidas ,
 Ajuncta tambem Mafra , em pouco espaço ;
 E nas serras da lua conhecidas ,
 Sujuga a fria Cintra o duro braço ;
 Cintra , onde as Naiádes escondidas
 Nas fontes vão fugindo ao doce laço ,
 Onde Amor as enreda brandamente ,
 Nas aguas accendendo fogo ardente .

LVII.

« E tu , nobre Lisboa , que no mundo
 Facilmente das outras es princesa ;
 Que edificada foste do facundo ,
 Per cujo engano foi Dardânia accesa :
 Tu , a quem obedece o mar profundo ,
 Obedeceste á força portuguesa ,
 Ajudada tambem da forte armada ,
 Que das boreaes partes foi mandada .

LVIII.

« La do germânico A'lbis , e do Rheno ,
 E da fria Bretanha conduzidos ,
 A destruir o povo sarraceno ,
 Muitos , com tenção sancta , eram partidos .
 Entrando a bocca ja do Tejo ameno .
 Co' o arraial do grande Afonso unidos ,
 (Cuja alta fama então subia aos ceos)
 Foi posto cerco aos muros ulysseos .

LIX.

« Cinco vezes a lua se escondera ,
 E outras tantas mostrara cheio o rosto ,
 Quando a cidade entrada se rendera
 Ao duro cerco , que lhe estava posto .
 Foi a batalha tam sanguina e fera ,
 Quanto obrigava o firme presupposto
 De vencedores ásperos e ousados ,
 E de vencidos ja desesperados .

LX.

« D' est' arte , emsim, tomada se rendeu
 Aquella, que nos tempos ja passados,
 A' grande força nunca obedeceu
 Dos frios povos scythicos ousados :
 Cujo poder a tanto se estendeu ,
 Que o Ibero o viu , e o Tejo amedrontados ;
 E emsim co' o Bétis tanto alguns poderam ,
 Que á terra de Vandália nome deram .

LXI.

« Que cidade tam forte per ventura
 Haverá que resista , se Lisboa
 Não poude resistir á força dura
 Da gente , cuja fama tanto voa ?
 Ja lhe obedece toda a Estremadura ,
 Obidos , Alemquer , per onde soa
 O tom das frescas aguas , entre as pedras ,
 Que murmurando lavā , e Torres-Vedras .

LXII.

« E vós` tambem , o' terras transtaganas ,
 Afamadas co' o dom da flava Ceres ,
 Obedeceis ás forças mais que humanas ,
 Entregando-lhe os muros , e os poderes :
 E tu lavrador mouro , que te enganas ,
 Se sustentar a fertil terra queres ;
 Que Elvas , e Moura , e Serpa conhecidas ,
 E Alcacere-do-Sal , estão rendidas .

LXIII.

« Eis a nobre cidade , certo assento
 Do rebelde Sertório antiguamente ;
 Onde ora as aguas nítidas de argento
 Véem sustentar de longe a terra , e a gente
 Pelos arcos reaes , que cento , e cento
 Nos ares se alevantam nobremente ;
 Obedeceu per meio e ousadia
 De Giraldo , que mēdos não temia.

LXIV.

« Ja na cidade Beja vai tomar
 Vingança de Trancoso destruida
 Afonso , que não sabe socegar ,
 Por estender , co' a fama , a curta vida .
 Não se lhe pode muito sustentar
 A cidade ; mas sendo ja rendida ,
 Em toda a cousa viva , a gente irada ,
 Provando os fios vai da dura espada .

LXV.

« Com estas , sujugada foi Palmella ,
 E a piscosa Cezimbra ; e juntamente ,
 (Sendo ajudado mais de sua estrella)
 Desbarata um exército potente :
 Sentiu-o a villa , e viu-o o senhor d' ella ,
 Que a soccorrel-a vinha diligente
 Pela fralda da serra , descuidado
 Do temeroso encontro inopinado :

LXVI.

« O rei de Badajoz era , alto Mouro ,
 Com quatro mil cavallos furiosos ,
 Innúmeros peões , d' armas , e de ouro
 Guarnecidos , guerreiros e lustrosos .
 Mas , qual no mez de maio o bravo touro .
 Co' os ciumes da vacca arreceosos ,
 Sentindo gente o bruto e cego amante ,
 Saltea o descuidado caiminhante :

LXVII.

« D' est' arte Afonso subito mostrado
 Na gente dá , que pa-sa bem segura ;
 Fere , mata , derriba denodado ;
 Fuge o rei mouro , e so da vida cura :
 D' um pânico terror todo assombrado ,
 So de segui-lo o exército procura ;
 Sendo estes , que fizeram tanto aballo ,
 No mais que so sessenta de cavallo .

LXVIII.

« Logo sigue a victoria sem tardança
 O gran' rei incansabil , ajunctando
 Gentes de todo o reino , cuja usança
 Era andar sempre terras conquistando .
 Cercar vai Badajoz ; e logo alcança
 O fim de seu desejo , pelejando
 Com tanto esforço , e arte , e valentia ,
 Que a fez fazer ás outras companhia .

LXIX.

« Mas o alto Deus , que pera longe guarda
 O castigo d'aquelle, que o merece ;
 Ou , pera que se emende , ás vezes tarda ;
 Ou por segredos , que homem não conhece :
 Seté-qui sempre o forte rei resguarda
 Dos perigos , a que elle se offerece ;
 Agora lhe não deixa ter defesa
 Da maldição da mãe , que estava presa.

LXX.

« Que estando na cidade , que cercara ,
 Cercado n'ella foi dos Leonezes ;
 Porque a conquista d' ella lhe tomara ,
 De Leão sendo , e não dos Portuguezes.
 A pertinacia aqui lhe custa cara ,
 (Assi como acontece muitas vezes)
 Que em ferros quebra as pernas , indo acceso
 A' batalha , onde foi vencido , e preso.

LXXI.

« O' famoso Pompeio , não te pene
 De teus feitos illustres a ruina ;
 Nem ver que a justa Némesis ordene
 Ter teu sogro de ti victória dina :
 Postoque o frio P्हasis , ou Syene ,
 Que pera nenhum cabo a sombra inclina ,
 O Bootes gelado , e a Linha ardente ,
 Temessem o teu nome geralmente :

LXXII.

« Posto que a rica Arabia , e que os ferozes
 Henióchos , e Colchos , cuja fama
 O véo dourado estende; e os Cappadoces ,
 E Judea , que um Deus adora , e ama ;
 E que os molles Sophènes , e os atroces
 Cilícios , cõm a Arménia , que derrama
 As aguas dos doux rios , cuja fonte
 Está n'outro mais alto e sancto monte :

LXXIII.

« E posto emfim que desd' o mar de Atlante
 Até o scythico Tauro , monte erguido ,
 Ja vencedor te vissem ; não te espante
 Se o campo Emáthio so te viu vencido :
 Porque Afonso verás suberbo e ovante
 Tudo render , e ser despois rendido .
 Assi o quiz o conselho alto e celeste ,
 Que vença o sogro á ti , e o genro a este .

LXXIV.

« Tornado o rei sublime finalmente ,
 Do divino Juízo castigado :
 Despois que em Sanctarem suberbamente ,
 Em vão dos Sárracenos foi cercado ;
 E despois que do martyre Vicente
 O sanctissimo corpo venerado ,
 Do Sacro-promontorio conhecido ,
 A' cidade ulyssea foi trazido :

LXXV.

« Porque levasse avante seu desejo ,
 Ao forte filho manda o lasso velho .
 Que ás terras se passasse d' Alemtejo
 Com gente , e co' o bellígero apparelho .
 Sancho de esforço , e d' animo sobejo ,
 Avante passa ; e faz correr vermelho
 O rio , que Sevilha vai regando ,
 Co' o sangue mauro , barbaro e nefando .

LXXVI.

« E com esta victória cubiçoso ,
 Ja não descança o moço , até que veja
 Outro estrago , como este , temeroso
 No barbaro , que tem cercado Beja .
 Não tarda muito o principe ditoso ,
 Sem ver o sim d' aquillo que deseja .
 Assi , estragado o Mouro , na vingança
 De tantas perdas pôe sua esperança .

LXXVII.

« Ja se ajunctam do monte , a quem Medusa
 O corpo fez perder , que teve o ceo :
 Ja véem do promontório d' Ampelusa ,
 E de Tinge , que assento foi de Anteo .
 O morador de Abyla não se escusa ;
 Que tambem com suas armas se moveo ,
 Ao som da mauritana e rouca tuba ,
 Todo o reino , que foi do nobre Juba .

LXXVIII.

« Entrava com toda esta companhia
 O Mir-almuminim em Portugal ;
 Treze rês mouros leva de valia ,
 Entre os quaes tem o sceptro imperial :
 E assi fazendo quanto mal podia ,
 (O que em partes podia fazer mal)
 Dom Sancho vai cercar em Sanctarem ;
 Porém não lhe succede muito bem.

LXXIX.

« Da-lhe combates ásperos , fazendo
 Ardis de guerra mil o Mouro ioso ;
 Não lhe aproveita já trabuco horrendo ,
 Mina secreta , ariete forçoso :
 Porque o filho de Afonso não perdendo
 Nada do esforço , e acordo generoso ,
 Tudo provê com ânimo , e prudencia ;
 Que em toda a parte ha esforço , e resistencia .

LXXX.

« Mas o velho , a quem tinham ja obrigado
 Os trabalhosos annos ao socego ;
 Estando na cidade , cujo prado
 Enverdecem as aguas do Mondego ;
 Sabendo como o filho está cercado
 Em Sanctarem do mauro povo cego ,
 Se parte diligente da cidade ;
 Que não perde a presteza com a idade .

LXXXI.

« E co'a famosa gente , á guerra usada ,
 Vai soccorrer o filho : e assi junctados ,
 A portugueza furia costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina , que toda está coalhada
 De marlotas , capuzes variados ,
 De cavallos , jaezes , presa rica ,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII.

•Logo todo o restante se partiu
 De Lusitania , postos em fugida :
 O Mir-aluminim so nāo fugiu ;
 Porque antes de fugir , lhe fuge a vida .
 A quem lhe esta victória permitiu ,
 Dão louvores , e graças sem medida :
 Que em casos tam estranhos , claramente
 Mais peleja o favor de Deus , que a gente .

LXXXIII.

« De tammanhas victórias triumphava
 O velho Afonso principe subido :
 Quando , quem tudo emfim vencendo andava ,
 Da larga e muita idade foi vencido :
 A pallida Doença lhe tocava ,
 Com fria mão , o corpo enfraquecido ;
 E pagaram seus annos , d' este geito ,
 A' triste Libitína seu direito .

LXXXIV.

« Os altos promontórios o choraram,
 E dos rios as aguas saudosas
 Os semeados campos alagaram,
 Com lagrymas correndo piedosas :
 Mas tanto pelo mundo se alargaram
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu reino chamarão
 Afonso , Afonso , os ecos ; mas em vão.

LXXXV.

« Sancho forte mancebo , que ficara
 Imitando seu pae na valentia ,
 E que em sua vida ja s' exp'rimentara ,
 Quando o Bétis de sangue se tingia ;
 E o barbaro poder desbaratara
 Do Ismaelita rei de Andaluzia ;
 E mais quando, os que Beja em vão cercaram ,
 Os golpes de seu braço em si provaram :

LXXXVI.

« Despois que foi por rei alevantado ,
 (Havendo poucos annos que reinava)
 A cidade de Sylves tem cercado ,
 Cujos campos o barbaro layrava :
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da germânica armada , que passava
 De armas fortes , e gente apercebida ,
 A recobrar Judea ja perdida .

LXXXVII.

« Passavam a ajudar na sancta empreza
 O roxo Federico , que moveu
 O poderoso exército em defesa
 Da cidade onde Christo padeceu ;
 Quando Guido , co'a gente em sêde accesa ,
 Ao grande Saladino se rendeu
 No logar onde aos Mouros sobejavam
 As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII.

« Mas a fermosa armada , que viera ,
 Per contraste de vento , áquella parte ,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera ,
 Ja que em serviço vai do sancto marte :
 Assi como a seu pae acontecera ,
 Quando tomou Lisboa , da mesma arte ,
 Do Germano ajudado , Sylves toma ;
 E o bravo morador destrue , e doma .

LXXXIX.

« E se tantos tropheos do Mahometa
 Alevantando vai , tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra , usada aos casos de Mavorte :
 Até que na cerviz seu jugo meta
 Da suberba Tuí , que a mesma sorte
 Viu ter a muitas villas sas vizinhas ,
 Que per armas , tu Sancho , humildes tinhas .

XC.

« Mas, entre tantas palmas, salteado
 Da temerosa morte , fica herdeiro
 Um filho seu, de todos estimado ,
 Que foi segundo Afonso , e rei terceiro.
 No tempo d' este, aos Mouros foi tomado
 Alcacere-do-Sal per derradeiro ;
 Porque d' antes os Mouros o tomaram ,
 Mas agora , estruidos , o pagaram .

XCI.

« Morto depois Afonso, lhe sucede
 Sancho segundo , manso e descuidado ;
 Que tanto em seus descuidos se desmede ,
 Que de outrem, quem mandava, era mandado.
 De governar o reino , que outro pede ,
 Por causa dos privados , foi privado ;
 Porque (como per elles se regia)
 Em todos os seus vicios consentia.

XCII.

« Não era Sancho , não , tam deshonesto
 Como Nero , que um moço recebia
 Por mulher, e depois horrendo incesto
 Com a mãe Agrippina commettia :
 Nem tam cruel ás gentes , e molesto ,
 Que a cidade queimasse onde vivia :
 Nem tam mau, como foi Heliogabálo ,
 Nem como o molle rei Sardanapálo .

XCIII.

« Nem era o povo seu tyrannisado ,
 Como Sicilia foi de seus tyranos ;
 Nem tinha , como Phálaris , achado
 Genero de tormentos inhumanos :
 Mas o reino de altivo , e costumado
 A senhores em tudo soberanos ,
 A rei não obedece , nem consente ,
 Que não for , mais que todos , excellente .

XCIV.

« Por esta causa o reino governou
 O conde bolonhez , despois alçado
 Por rei , quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho , sempre ao ocio dado .
 Este , que Afonso-o-bravo se chamou ,
 Despois de ter o reino segurado ,
 Em dilatal-o cuida ; que em terreno ,
 Não cabe o altivo peito , tam pequeno .

XCV.

« Da terra dos Algarves , que lhe fora
 Em casamento dada , grande parte
 Recupera co' o braço ; e deita fora
 O Mouro , mal querido ja de Marte .
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania , com força , e bellica arte ;
 E acabou de opprimir a nação forte
 Na terra , que aos de Luso coube em sorte .

XCVI.

« Eis despois vem Diniz , que bem parece
Do bravo Afonso estirpe nobre e dina ;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade alexandrina.
Com este o reino próspero florece ,
(Alcançada ja a paz aurea divina)
Em constituições , leis , e costumes ,
Na terra , ja tranquilla , claros lumes .

XCVII.

« Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva ;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva .
Quanto pode d' Athenas desejar-se ,
Tudo o suberbo Apollo aqui reserva :
Aqui as capellas d' tecidas de ouro ,
Do baccháro , e do sempre verde louro .

XCVIII.

« Nobres villas de novo edificou ,
Fortalezas , castellos mui seguros ;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes , e altos muros :
Mas despois que a dura A'tropos cortou
O fio de seus dias ja maduros ,
Ficou-lhe o filho pouco obediente ,
Quarto Afonso ; mas forte e excellente .

XCIX.

« Este sempre as suberbas castelhanas
 Co' o peito desprezou firme e sereno ;
 Porque não é das forças lusitanas
 Temer poder maior, por mais pequeno :
 Mas porém, quando as gentes mauritanas
 A possuir o hespérico terreno
 Entraram pelas terras de Castella ,
 Foi o suberbo Afonso a soccorrella.

C.

« Nunca com Semirâmis gente tanta
 Veio os campos hydáspicos enchendo ;
 Nem Attíla, que Italia toda espanta ,
 Chamando-se de Deus açoute horrendo ,
 Gótthica gente trouxe tanta , quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo ,
 Co' o poder excessivo de Granada ,
 Foi nos campos tartéssios ajunctada.

CI.

« E vendo o rei sublime castelhano
 A força inexpugnabil , grande e forte ,
 Temendo mais o fim do povo hispano ,
 (Ja perdido uma vez) que a propria morte :
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano ,
 Lhe mandava a carissima consorte ,
 Mulher de quem a manda , e filha amada
 D' aquelle, a cujo reino foi mandada.

CII.

« Entrava a fermoissima Maria
 Pelos paternaes paços sublimados ;
 Lindo o gesto , mas fora de alegria ,
 E seus olhos em lagrymas banhados :
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos ebúrneos hombros espalhados :
 Diante do pae ledo , que a agasalha ,
 Estas palavras taes , chorando , espalha :

CIII.

« Quantos povos a terra produziu
 De Africa toda , gente fera e estranha ,
 O gran' rei de Marrocos conduziu
 Pera vir possuir a nobre Hespanha :
 Poder tammanho juncto não se viu ,
 Despois que o salso mar a terra banha :
 Trazem ferocidade , e furor tanto ,
 Que a vivos medo , e a mortos faz espanto.

CIV.

« Aquelle , que me déste por marido ,
 Por defender sua terra amedrontada ,
 Co' o pequeno poder offerecido
 Ao duro golpe está da maura espada ;
 E se não for comtigo soccorrido
 Ver-me-has d'elle , e do reino ser privada ,
 Viuva , e triste , e posta em vida escura ,
 Sem marido , sem reino , e sem ventura .

CV.

« Portanto , o' rei , de quem com puro medo
 O corrente Mulucha se congellà ;
 Rompe toda a tardança ; acude cedo
 A' miseranda gente de Castella :
 Se esse gesto , que mostras claro e ledo ,
 De pae o verdadeiro amor assella ,
 Acude , e corre pae ; que se não corres ,
 Pode ser que não aches quem soccorres . »

CVI.

« Não de outra sorte a tímida Maria
 Fallando está , que a triste Venus , quando
 A Jupiter seu pae favór pedia
 Pera Eneas seu filho navegando ;
 Que a tanta piedade o commovia ,
 Que cahido das mãos o raio infando ,
 Tudo o clemente padre lhe concede ,
 Pezando-lhe do pouco , que lhe pede .

CVII.

« Mas ja co' os esquadrôes da gente armada
 Os eborenses campos vão coalhados :
 Lustra co' o sol o arnez , a lança , a espada ;
 Vão rinchando os cavallos jaezados .
 A canora trombeta embandeirada ,
 Os corações á paz acostumados
 Vai ás fulgentes armas incitando ,
 Pelas concavidades retumbando .

CVIII.

« Entre todos no meio se sublima,
 Das insignias reaes acompanhado,
 O valeroso Afonso , que per cima
 De todos leva o collo alevantado ;
 E somente co' o gesto esforça , e anima
 A qualquer coração amedrontado :
 Assi entra nas terras de Castella
 Com a filha gentil , rainha d' ella.

CIX.

« Junctos os doux Afonsos finalmente
 Nos campos de Tarifa , estão defronte
 Da grande multidão da cega gente,
 Pera quem são pequenos campo , e monte.
 Não ha peito tam alto , e tam potente ,
 Que de desconfiança não se affronte ,
 Em quanto não conheça , e claro veja ,
 Que co' o braço dos seus Christo peleja.

CX.

« Estão de Agar os netos quasi rindo
 Do poder dos christãos fraco e pequeno;
 As terras , como suas , repartindo
 Antemão entre o exército agareno ,
 Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome saraceno:
 Assi tambem com falsa conta e nua ,
 A' nobre terra alheia chamam sua.

CXL.

« Qual o membrudo e barbaro gigante,
 (Do rei Saul , com causa , tam temido)
 Vendo o pastor inerme estar diante ,
 So de pedras , e esforço apercebido ;
 Com palavras suberbias , o arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido ,
 Que rodeando a funda , o desengana
 Quanto mais pode a fe , que a força humana :

CXII.

« D' est' arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos christãos , e não intende
 Que está ajudado da alta fortaleza ,
 A quem o inferno horríscio se rende :
 Coni ella o Castelhano , e com destreza ,
 De Marrocos o rei commette , e offende :
 O Portuguez , que tudo estima em nada ,
 Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII.

« Eis as lanças , e espadas retiniam
 Per cima dos arnezes : bravo estrago !
 Chamam (segundo as leis , que alli seguiam)
 Uns Mafamede , e os outros Sanct' Iago .
 Os feridos com grita o ceo feriam ;
 Fazendo de seu sangue bruto lago ,
 Onde outros nieios mortos se afogavam ,
 Quando do ferro as vidas escapavam .

CXIV.

« Com esforço tammanho estrue , e mata .
 O Luso ao Granadil , que em pouco espaço .
 Totalmente o poder lhe desbarata ,
 Sem lhe valer defesa , ou peito d'aço.
 'De alcançar tal victória , tam barata
 Inda não bem contente o forte braço ,
 Vai ajudar ao bravo Castelhano ,
 Que pelejando está co' o Mauritano.

CXV.

« Ja se ia o sol ardente recolhendo
 Pera a casa de Thétis ; e inclinado
 Pera o Ponente , o véspero trazendo ,
 Estava o claro dia memorado :
 Quando o poder do Mouro grande e horrendo
 Foi pelos fortes rēis desbaratado
 Com tanta mortandade , que a memoria
 Nunca no mundo viu tam gran' victoria.

CXVI.

« Não matou a quarta parte o forte Mario ,
 Dos que morreram n' este vencimento ,
 Quando as aguas co' o sangue do aversario
 Fez beber ao exército sedento :
 Nem o Peno , asperíssimo contrario
 Do romano poder, de nascimento ,
 Quando tantos matou da illustre Roma ,
 Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII.

« E se tu tantas almas so podeste
 Mandar ao reino escuro de Cocito ,
 Quando a sancta cidade desfizeste
 Do povo , pertinaz no antiquo rito ;
 Permissao , e vingança foi celeste ,
 E não força de braço , o' nobre Titó ;
 Que assi dos vates foi prophetizado ,
 E despois per Jesu certificado .

CXVIII.

« Passada ésta tam próspera victoria ,
 Tornado Afonso á lusitana terrá ,
 A se lograr da paz com tanta gloria ;
 Quanta soube gahhar na dura guerra ;
 O caso tristé , e dino de memoria ,
 Que do sepulcro os hómens desenterra ,
 Aconteceu da mísera e mcsquinha ,
 Que , despois de ser morta , foi rainha .

CXIX.

• Tu so , tu ; puro Amor , com força crua ,
 (Que os corações humanos tanto obriga)
 Déstca causa á molesta morte sua ,
 Como se fôra pérsida inimiga .
 Se dizem ; fero Amor , que a sêde tua
 Nem com lagrymas tristes se mitiga ;
 É porque queres , áspero e tyrano ,
 Tuas arias banhar em sangue humano .

cix.

« Estavas ; lihdä Ihez , posta em sogeo ;
 De teus ánhos colhendo doce fruto ,
 N' aquellé engano da alma , ledo e cego ;
 Que a fortuna não deixá ditar muito :
 Nos saudosoś campos do Mondego ,
 De teus fermosos olhos nunca enxuto ,
 Aos montes ensinando ; e ás hervinhás
 O nome , que no peito escripto tinhasi .

cxxi.

« Do teu principe alli té respondiam
 As lembranças ; que n' alma lhe moravam ;
 Que sempre anté seus bñhos té traziam ,
 Quando dos teus fermosos se apartavam ;
 De noite em doces sonhos , que mentiam ;
 De dia em pensamentos , que voavam :
 E quanto emsím cuidava , e quanto via ;
 Eram tudo memórias dé alegría .

cxxii.

« De outras bellas señhoras , e príncezas
 Os desejados thalamos engelta ;
 Que tudo emsím , tu , puro aír , desprezas ,
 Quando um gesto suave te sujeitas
 Vendo estas hamoradas estranhezas
 O velho pae sesudo (que respeita
 O murmurar do povo) e a phantesia
 Do filho , que casar-se não queria :

CXXIII.

« Tirar Inez ao mundo determina,
 Por lhe tirar o filho, que tem preso;
 Crendo co'o sangue so da morte indina,
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentiu que a espada fina,
 (Que poude sustentar o grande peso
 Do furor mauro) fosse alevantada
 Contra uma fraca dama delicada ?

CXXIV.

« Trazian-a os horríficos algozes
 Ante o rei, ja movido a piedade;
 Mas o povo com falsas e ferozes
 Razões, á morte crua o persuade.
 Ella com tristes e piedosas vozes,
 Saídas so da mágoa, e saudade
 Do seu principe, e filhos, que deixava,
 Que mais, que a propria morte, a magoava:

CXXV.

« Pera o ceo crystallino alevantando
 Com lagrymas os olhos piedosos;
 Os olhos; porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos:
 E despois nos meninos attentando,
 Que tam queridos tinha, e tam mimosos,
 Cuja orfandade, como mãe, temia,
 Pera o avô cruel assi dizia:

CXXVI.

« Se ja nas brutas feras , cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento ;
 E nas aves agrestes , que somente
 Nas rapinas aérias teem o intento ;
 Com pequenas crianças viu a gente
 Terem tam piedoso sentimento ,
 Como co'a mãe de Nino ja mostraram ,
 E co'os irmãos , que Roma edificaram :

CXXVII.

« O' tu , que tens de humano o gesto , e o peito ,
 (Se de humano é matar uma donzella
 Fraca e sem força , so por ter sujeito
 O coração , a quem soube vencella)
 A estas criancinhas tem respeito ;
 Pois o não tens á morte escura d' ella :
 Mova-te a piedade sua , e minha ;
 Pois te não move a culpa , que não tinha .

CXXVIII.

« E se , vencendo a maura resistencia ,
 A morte sabes dar com fogo , e ferro ;
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem , pera perdel-a , não fez erro .
 Mas se t'o assi merece esta innocencia ,
 Põe-me em perpétuo e misero desterro ,
 Na Scythia fria , ou la na Libya ardente ,
 Onde em lagrymas viva eternamente .

cxxx.

« Põe-me, onde se use toda a ferida,
 Entre leões, e tigres, e verei,
 Se n' elles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei:
 Alli co' o amor intrínseco, e vontade
 N'aquelle, por quem morro, criarei
 Estas reliquias suas, que aqui viste;
 Que refrigerio sejam da mãe triste. »

cxxx.

« Queria perdoar-lhe o rei benino,
 Movido das palavras, que o magoam;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino,
 (Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que, por bom, tal feito alli pregoam:
 Contra uma dama, o' peitos carniceiros,
 Ferços vos amostraís, e cavalleiros? »

cxxxI.

« Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha;
 Porque a sombra de Achilles a condepa,
 Co' o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serepa,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrifício se oferece : »

CXXXII.

« Taes contra Inez os brutos matadores,
 No collo de alabastro , que sustinha
 As obrãs , com que Amor matou de amores
 Aquelle , que depois a fez rainha ,
 As espadas banhando , e as brancas flores ,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha ,
 Se encarniçavam férvidos e irosos ,
 No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII.

« Bem poderas , o' sol , da vista d'estes
 Teus raios apartar aquelle dia ,
 Como da séva mesa de Thyestes ,
 Quando os filhos per mão de Atreu comia !
 Vós , o' concavos valles , que podestes
 A voz extrema ouvir da bocca fria ,
 O nome do seu Pedro , que lhe ouvistes ,
 Per muito grande espaço repetistes !

CXXXIV.

« Assi como a bonina , que cortada
 Antes do tempo foi , candida e bella ,
 Sendo das mãos lascivas maltractada
 Da menina , que a trouxe na capella ,
 O cheiro traz perdido , e a cór murchada :
 Tal está morta a pallida donzella ,
 Seccas do rosto as rosas , e perdida
 A branca e viva cór , co'a doce vida .

CXXXV.

« As filhas do Mondego a morte escura ,
 Longo tempo chorando , memoraram ;
 E , por memoria eterna , em fonte pura
 As lagrymas choradas transformaram :
 O nome lhe pozera , que inda dura ,
 Dos amores de Inez , que alli passaram .
 Vêde que fresca fonte rega as flores ,
 Que lagrymas são a agua , e o nome amores .

CXXXVI.

« Não correu muito tempo , que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas ;
 Que , em tomando do reino a governança ,
 A tomou dos fugidos homicidas :
 De outro Pedro cruíssimo os alcança ;
 Que ambos imigos das humanas vidas ,
 O concerto fizeram duro e injusto ,
 Que com Lépido , e Antonio fez Augusto .

CXXXVII.

« Este , castigador foi rigoroso
 De latrocínios , mortes , e adulterios :
 Fazer nos maus cruezas , fero e iroso
 Eram os seus mais certos refrigerios .
 As cidades guardando justiçoso
 De todos os suberbos vituperios ,
 Mais ladrões , castigando , á morte deu ,
 Que o vagabundo Alcides , ou Theseu .

CXXXVIII.

• Do justo e duro Pedro nasce o brando ,
 (Vêde da natureza o desconcerto !)
 Remisso , e sem cuidado algum , Fernando ,
 Que todo o reino poz em muito aperto :
 Que , vindo o Castelhano devastando
 As terras sem defesa , esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente ;
 Que um fraco rei faz fraca a forte gente .

CXXXIX.

• Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Lianor a seu marido ,
 E casar-se com ella , de enlevado
 N' um falso parecer mal intedido :
 Ou foi , que o coração sujeito , e dado
 Ao vicio vil , de quem se viu rendido ,
 Molle se fez , e fraco ; e bem parece ;
 Que um baixo amor os fortes enfraquece .

CXL.

• Do peccado tiveram sempre a pena
 Muitos , que Deus o quiz , e permitti ;
 Os que foram roubar a bella Helena ;
 E com A'pio tambem Tarquino o viu :
 Pois por quem David sancto se condena ?
 Ou quem o tribu illustre destruiu
 De Benjamin ? Bem claro nol-o ensina
 Por Sara Pharaó , Sichem por Dina .

CXL.I.

« E pois , se os peitos fortes enfraquece
 Um inconcesso amor desatinado ;
 Bem no filho de Alcmêna se parece ,
 Quando em Omphale andava transformado .
 De Marco Antonio a fama se escurece ,
 Com ser tanto a Cleopátra assieçoadado .
 Tu tambem Peno próspero o sentiste ,
 Despois que a móça vil na Apulia viste .

CXL.II.

« Mas quem pode livrar-se per ventura
 Dos laços , que Amor arma brandamente
 Entre as rosas , e a neve humana pura ,
 O ouro , e o alabastro transparente ?
 Quem de uma peregrina fermosura ,
 De um vulto de Medusa propriamente ,
 Que o coração converte , que tem preso ,
 Em pedra não ; mas em desejo acceso ?

CXL.III.

« Quem viu um olhar seguro , um gesto brando ,
 Uma suave e angélica excellencia ,
 Que em si stá sempre as almas transformando ,
 Que tivesse contra ella resistencia ?
 Desculpado por certo está Fernando ,
 Pera quem tem de amor experiencia :
 Mas antes , tendo livre a phantesia ,
 Por muito mais culpado o julgaria .

OS LUSIADAS.



CANTO QUARTO.

I.

« Despois de procellosa tempestade ,
Nocturna sombra , e sibilante vento ,
Traz a manhã serena claridade ,
Esperança de porto e salramento :
Aparta o sol a negra escuridade ,
Removendo o temor do pensamento :
Assi no reino forte aconteceu ,
Despois que o rei Fernando falleceu .

II.

« Porque , se muito os nossos desejaram
Quem os damnos , e offensas ya yingando
N'aquelles , que tam bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando ;
Despois de pouco tempo o alcançaram ,
Joanne sempre illustre alevantando
Por rei , como de Pedro unico herdeiro ,
(Aindaque bastardo) verdadeiro .

III.

« Ser isto ordenação dos ceos divina ,
 Per signaes muito claros se mostrou ,
 Quando em Evora a voz de uma menina ,
 Ante tempo fallando , o nomeou :
 E como cousa emfim que o ceo destina ,
 No berço o corpo , e a voz alevantou :
 « Portugal , Portugal (alcando a mão ,
 Disse) pelo rei novo Dom João . »

IV.

« Alteradas então do reino as gentes ,
 Co' o odio , que ocupado os peitos tinha ,
 Absolutas cruezas e evidentes
 Faz do povo o furor , per onde vinha :
 Matando vão amigos , e parentes
 Do adúltero conde , e da rainha ,
 Com quem sua incontinencia deshonesta
 Mais , depois de viuva , manifesta .

V.

« Mas elle emfim , com causa deshonrado ,
 Diante d'ella , a ferro frio morre ,
 De outros muitos na morte acompanhado ;
 Que tudo o fogo erguido queima , e corre :
 Quem , como Astyanax , precipitado ,
 (Sem lhe valerem ordens) de alta torre ,
 A quem ordens , nem aras , dão respeito ;
 Quem nu per ruas , e em pedaços feito .

VI.

« Podem-se pôr em longo esquecimento
 As cruezas mortaes , que Roma viu ,
 Feitas do feroz Mário , e do cruento
 Sylla , quando o contrario lhe fugiu.
 Por isso Lianor , que o sentimento
 Do morto conde ao mundo descobriu ,
 Faz contra Lusitania vir Castella ,
 Dizendo « ser sua filha herdeira d' ella .

VII.

« Beatriz era a filha , que casada
 Co' o Castelhano está , que o reino pede ,
 Por filha de Fernando reputada ,
 Se a corrompida fama lh'o concede .
 Com esta voz , Castella alevantada ,
 Dizendo « que esta filha ao pae succede , »
 Suas forças ajunta pera as guerras ,
 De varias regiões , e varias terras .

VIII.

« Véem de toda a provincia , que de um Brigo ,
 (Se foi) ja teve o nome derivado ;
 Das terras , que Fernando , e que Rodrigo ,
 Ganharam do tyranno e mauro estado .
 Não estimam das armas o perigo
 Os que cortando vão co' o duro arado
 Os campos leonezes , cuja gente
 Co' os Mouros foi nas armas excellente .

IX.

« Os Vandálos , na antigua valentia
 Ainda confiados , se ajunctavam
 Da cabeça de toda Andaluzia ,
 Que do Guadalquivir as aguas lavam.
 A nobre ilha tambem se apercebia ;
 Que antiguamente os Tyrios habitavam ;
 Trazendo per insignias verdadeiras ,
 As hercúleas eolumnas nas bandeiras:

X.

• Tambem véém la do reino de Toledo ;
 Cidade nobre e antigua , a quem cercândó
 O Tejo emtôrno vai suave e ledo ;
 Que das serras de Conca vem manando .
 A vós outros tambem não tolhe o medo ;
 O' sordidos Gallegos , dûro bando ,
 Que , perá resistirdes , vos armastes ,
 A'quelles cùsós golpes já provastes.

XI.

• Também movem da guerra ás negras fúrias
 A gente biscaínha , que carece
 De polidás razões , e que ás injuriás
 Muito mal dos estranhos compadece .
 A terra de Guipúscua , e das Asturias ,
 Que com minas de ferro se enobrece ,
 Armou d' elle os suberbos matadores ,
 Pera ajudar na guerra ás seus senhores.

xii.

« Joanne, a quem do peito o esforço crêce,
 Como a Samsão hebreu da guedelha ;
 Posto que tudo pouco lhe parece ,
 Co' os poucos de seu reino se apparellha :
 E não porque conselho lhe fallece ,
 Co' os principaes senhores se aconselha ;
 Mas so por ver das gentes as sentenças ;
 Que sempre houve; entre muitos; diferenças.

xiii.

« Não falta com razões quem desconcerte
 Da opinião de todos na vontade ,
 Em quem o esforço antiquo se cónverte
 Em desusada e má deslealdade ;
 Podendo o temor mais , gelado , inerté ,
 Que a própria e natural fidelidade :
 Negam o rei , e a patria ; e , se convém ,
 Negarão (como Pedro) o Deus ; que tem.

xiv.

« Mas nunca foi , que este erro sé sentisse
 No forte Dom Nun' Alváres; mas antes ,
 (Posto que em seus irmãos tam claro o visse)
 Reprovando as vontades inconstantes ,
 A'quellas duvidosas gentes disse
 Com palavras mais duras ; que elegantes
 (A mão na espada , irado , e não facundo ;
 Ameaçando a terra , o mar , e o mundo) :

XV.

« Como ? Da gente illustre portugueza,
 Ha de haver quem refuse o patrio marte ?
 Como ? D' esta provincia , que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte ,
 Ha de sair quem negue ter defeza ?
 Quem negue a fe , o amor , o esforço e arte
 De Portuguez ? e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito ?

XVI.

« Como ? Não sois vósinda os descendentes
 D' aquelles , que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques , feros e valentes ,
 Vencestes esta gente tam guerreira ?
 Quando tantas bandeiras , tantas gentes ,
 Pozeram em fugida , de maneira
 Que sete illustres condes lhe trouxeram
 Presos , afora a presa , que tiveram ?

XVII.

« Com quem foram contino sopeados
 Estes , de quem o estais agora vós ,
 Per Diniz , e seu filho , sublimados ,
 Senão co' os vossos fortes paes , e avôs ?
 Pois se com seus descuidos , ou peccados ,
 Fernando em tal fraqueza assi vos pôs ,
 Torne vos vossas forças o rei novo ;
 Se é certo , que co' o rei , se muda o povo .

XVIII.

« Rei tendes tal , que se o valor tiverdes
 Igual ao rei , que agora alevantastes ,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes ,
 Quanto mais a quem ja desbaratastes :
 E se com isto emfim vos não moverdes
 Do penetrante medo , que tomastes ,
 Atai as mãos a vosso vão receio ,
 Que eu so resistirei ao jugo alheio.

XIX.

« Eu so com meus vaſſallos , e com esta ,
 (E dizendo isto , arranca meia espada)
 Defenderei da força dura e infesta ,
 A terra nunca de outrem sujugada :
 Em virtude do rei , da patria mesta ,
 Da lealdade ja per vós negada ,
 Vencerei , não so estes aversarios ,
 Mas quantos a meu rei forem contrarios . »

XX.

« Bem como entre os mancebos recolhidos
 Em Canúcio , reliquias sos de Canas ,
 Ja pera se entregar , quasi movidos
 A' fortuna das gentes africanas ;
 Cornelio moço os faz , que compellidos
 Da sua espada , jurem , que as romanas
 Armas não deixarão , em quanto a vida
 Os não deixar , ou n'ellas for perdida :

XXI.

« D'est' arte a gente fôrça e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões,
 Removem o temor frio , importuno ,
 Que gelados lhe tinha os corações :
 Nos animaes cavalgam de Neptuno ,
 Brandindo , e volteando arremeções ;
 Vão correndo , e gritando , á bocca aberta :
 « Viva o famoso rei , que nos liberta . »

XXII.

« Das gentes populares , uns approvam
 A guerra com que a patria se sustinha :
 Uns as armas alimpam , e renovam ,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha :
 Capacetes estofam , peitos provam ;
 Arma-se cadaum como convinha ;
 Outros fazem vestidos de mil cores ,
 Com lettras , e tenções de seus amores .

XXIII.

« Com toda esta lustrosa companhia
 Joanne forte sai da fresca Abrantes ;
 Abrantes , que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as aguas abundantes .
 Os primeiros armígeros regia
 Quem pera reger era os mui possantes
 Orientaes exercitos sem conto ,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto .

XXIV.

« Dom Nun' Alvares , digo , verdadeiro
 Açoute de suberbos Castelhanos ,
 Como ja o fero Hunno o foi primeiro
 Pera Francezes , pera Italianos .
 Outro também famoso cavalleiro ,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos ,
 Aptº pera mandal-os e regellos ,
 Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos .

XXV.

« E da outra ala , que a esta corresponde ,
 Antão Vasques de Almada é capitão ,
 Que despois foi de Abranches nobre conde ,
 Das gentes vai regendo a sestra mão .
 Logo na retaguarda não se esconde
 Das quinas , e castellos o pendão ,
 Com Joanne rei forte em toda parte ,
 Que escurecendo o preço vai de Marte .

XXVI.

« Estavam pelos muros temerosas ,
 E de um alegre medo quasi frias ,
 Rezando as mães , irmãs , damas , e esposas ,
 Promettendo jejuns , e romarias .
 Ja chegam as esquadras bellicosas
 Defronte das imigas companhias ,
 Que com grita grandissima os recebem ; ,
 E todas grande dúvida concebem .

XXVII.

• Respondem as trombetas messageiras,
 Pisaros sibilantes , e atambores ;
 Alferezes volteam as bandeiras ,
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo , que nas eiras
 Ceres o fruito deixa aos lavradores ;
 Entra em Astrea o sol , no mez de agosto ;
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII.

• Deu signal a trombeta castelhana
 Horrendo , fero , ingente e temeroso :
 Ouviu-o o monte Artábro; e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso :
 Ouviu-o o Douro , e a terra Transtagana ;
 Correu ao mar o Tejo duvidoso :
 E as mães , que o som terribil escuitaram ,
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

XXIX.

• Quantos rostos alli se vêem sem cor ,
 Que ao coração acode o sangue amigo !
 Que nos perigos grandes , o temor
 É maior , muitas vezes , que o perigo :
 E se o não é , parece-o ; que o furor
 De offendre , ou vencer o duro imigo ,
 Faz não sentir que é perda grande e rara ,
 Dos membros corporaes , da vida cara .

XXX.

• Começa-se a travar a incerta guerra ;
 De ambas partes se move a primeira ala ;
 Uns leva a defensão da propria terra ,
 Outros as esperanças de ganhala :
 Logo o grande Pereira , em quem se encerra
 Todo o valor , primeiro se assinala ;
 Derriba , e encontra , e a terra enfim semeia
 Dos que a tanto desejam , sendo alheia .

XXXI.

• Ja pelo espesso ar os estridentes
 Farpões , settas , e varios tiros voam :
 Debaixo dos pes duros dos ardentes
 Cavallos , treme a terra , os valles soam :
 Espedaçam-se as lanças ; e as frequentes
 Quédas , co' as duras armas , tudo atroam :
 Recrescem os imigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno , que os apouca .

XXXII.

• Eis alli seus irmãos contra elle vão :
 (Caso feo e cruel !) mas não se espanta ;
 Que menos é querer matar o irmão ,
 Quem contra o rei , e a patria se alevanta :
 D'estes arrenegados muitos são
 No primeiro esquadrão , que se adianta
 Contra irmãos , e parentes (caso estranho !)
 Quaes nas guerras civis de Julio , e Manho .

XXXIII.

« O' tu Sertorio , o' nobre Coriolano ,
 Catilina ; e vós outros dos antigos ,
 Que contra vossas patrias , com profano
 Coração , vos fizestes inimigos ;
 Se la no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravíssimos castigos ,
 Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

« Rompem-se áqtl dos nossos os primeiros ;
 Tantos dos inimigos a elles vão !
 Está alli Nuno , qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão ,
 Que cercado se ve dos cavalleiros ,
 Què os campos vão correr de Tetuão ;
 Perseguem-o co' as lanças ; e elle iroso ,
 Torvado um pouco está , mas não medroso .

XXXV.

« Com torva vista os ve ; mas a natura
 Ferina , e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê ; mas antes na espessura
 Das lanças se arremeça , que recrecem .
 Tal está o cavalleiro , que a verdura
 Tinge co' o sangue alheio : alli perecem
 Alguns dos seus ; que o animo valente
 Perde a virtudē contra tanta gente .

XXXVI.

« Sintiu Joanne a affronta , que passava
 Nuno; que , como sabio capitão ,
 Tudo corria , e via , e a todos dava ,
 Com presença e palavras , coração.
 Qual parida leoa , fera e brava ,
 Que os filhos , que no ninho sos estão ,
 Sentiu que, em quanto pasto lhe buscara ,
 O pastor de Massylia lh' os furtara:

XXXVII.

« Corre raivosa , e freme , e com bramidos
 Os montes Sete-Irmãos atroa , e abala :
 Tal Joanne , com outros escolhidos
 Dos seus , correndo acode á primeira ala .
 « O' fortes companheiros , o' subidos
 Cavalleiros , a quem nenhum se iguala ,
 Defendei vossas terras ; que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança .

XXXVIII.

« Vedes-me aqui rei vosso , e companheird ;
 Que entre as lanças , e settas , e os arnezes
 Dos inimigos corro , e vou primeiro :
 Pelejai verdadeiros Portuguezes . »
 Isto disse o magnânimo guerreiro ;
 E sopesando a lança quatro vezes ,
 Com força tira ; e d' este unico tiro ,
 Muitos lançaram o último suspiro .

XLV.

« O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo , em grande glória :
 Com offertas despois , e romarias ,
 As graças deu a quem lhe deu victoria .
 Mas Nuno , que não quer per outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria ,
 Senão per armas sempre soberanas ,
 Pera as terras se passa Transtaganas .

XLVI.

« Ajuda-o seu destino de maneira ,
 Que fez igual o effeito ao pensamento ;
 Porque a terra dos Vândalos fronteira
 Lhe concede o despojo , e o vencimento .
 Ja de Sevilha a bética bandeira ,
 E de varios senhores , n' um momento
 Se lhe derriba aos pés , sem ter deseza ,
 Obrigados da força portugueza .

XLVII.

« D' estas , e outras victorias longamente
 Eram os Castelhanos opprimidos ;
 Quando a paz , desejada ja da gente ,
 Deram os vencedores aos vencidos ;
 Despois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os rês inimigos por maridos
 A's duas illustrissimas Inglezas ,
 Gentis , fermosas , inclytas princezas .

XLVIII.

« Não sofre o peito forte , usado à guerra ,
 Não ter imigo ja a quem faça dano ;
 E assi , não tendo a quem vencer na terra ,
 Vai commetter as ondas do Oceano .
 Este é o primeiro rei , que se desterra
 Da patria , por fazer que o Africano
 Conheça pelas armas , quanto excede
 A lei de Christo à lei de Mafamede .

XLIX.

« Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta ;
 Abrindo as pandas azas vão ao vento
 Pera onde Alcides poz a extrema meta .
 O monte Abyla , e o nobre fundarfeito
 De Ceita toma , e o torpe Mahotheta
 Deita fóra ; e seguirá toda Hespanha
 Da juliana , má e desleal manhã .

L.

« Não consentiu a morte tantos anos
 Que de heroe tam ditoso se lograsse
 Portugal : mas os coros soberanos
 Do ceo supremo quiz que povoasse :
 Mas pera defensão dos Lusitanos
 Deixou , quem o levou , quem governasse ,
 E augmentasse a terra mais que d'antes ,
 Inclyta geração , altos infantes .

L.I.

• Não foi do rei Duarte tam ditoso
 O tempo , que ficou na summa alteza ;
 • Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal , o gosto co' a tristeza .
 Quem viu sempre um estado deleitoso ?
 Ou quem viu em fortuna haver firmeza ?
 Pois inda n'este reino , e n'este rei ,
 Não usou ella tanto d'esta lei .

L.II.

• Viu ser captivo o sancto irmão Fernando ,
 Que a tam altas empresas aspirava ,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado , ao Sarraceno s' entregava .
 So por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava ,
 Por não se dar por elle a forte Ceita :
 Mais o publico bem , que o seu respeita .

L.III.

• Codro , porque o inímigo não vencesse ,
 Deixou antes vencer da morte a vida :
 Régulo , porque a patria não perdesse ,
 Quiz mais a liberdade ver perdida .
 Este , porque se Hespanha não temesse ,
 A captiveiro eterno se convida :
 Codro , nem Curcio , ouvido por espanto ,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto .

LIV.

« Mas Afonso, do reino unico herdeiro ,
 (Nome em armas ditoso em nossa Hesperia)
 Que a suberba do barbaro fronteiro
 Tornou em baixa e humíllima miseria ,
 Fôra por certo invicto cavalleiro ,
 Se não quizera ir ver a terra iberia :
 Mas Africa dirá ser impossibil ,
 Poder ninguem vencer o rei terribil.

LV.

« Este pôde colher as maçãs de ouro ,
 Que somente o tyrinthio colher pode :
 Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
 A cerviz inda agora não sacode.
 Na fronte a palma leva, e o verde louro
 Das victorias do barbaro, que acode
 A defender Alcácer, forte villa ,
 Tangere populoso , e a dura Arzilla.

LVI.

« Porém ellas emfim , per força entradas ,
 Os muros abaixaram de diamante
 A's portuguezas forças , costumadas
 A derribarem quanto acham diante.
 Maravilhas em armas extremadas .
 E de escriptura dignas elegante ,
 Fizeram cavalleiros n' esta empreza ,
 Mais afinando a fama portugueza.

LVII.

« Porém depois , tocado de ambição ,
 E gloria de mandar, amara e bella ,
 Vai commetter Fernando d' Aragão ,
 Sobre o potente reino de Castella.
 Ajuncta-se a inimiga multidão
 Das suberbas e várias gentes d' ella ,
 Desde Cadiz ao alto Pyreneu ;
 Que tudo ao rei Fernando obedeceu.

LVIII.

« Não quiz ficar nos reinos ocioso
 O mancebo Joanne ; e logo ordena
 De ir ajudar o pae ambicioso ,
 Que então lhe foi ajuda não pequena.
 Saiu-se emfim do trance perigoso
 Com fronte não toryada , mas serena ,
 Desbaratado o pae sanguinolento ;
 Mas ficou duvidoso o vencimento :

LIX.

« Porque o filho sublime e soberano ,
 Gentil, forte , animoso cavalleiro ,
 Nos contrarios fazendo immenso dano ,
 Todo um dia ficou no campo inteiro .
 D'est' arte foi vencido Octaviano ,
 • E Antonio vencedor, seu companheiro ,
 Quando d' aquelles que Cesar mataram ,
 Nos philíppicos campos se vingaram.

LX.

« Porém despois que a escura noite eterna
 Afonso aposentou no ceo sereno,
 O principe, que o reino então governa,
 Foi Joanne segundo, e rei trezeno.
 Este, por haver fama sempiterna,
 Mais do que tentar pôde homem terreno,
 Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
 Os términos, que eu vou buscando agora.

LXI.

« Manda seus messageiros, que passaram
 Hespanha, França, Italia celebrada;
 E la no illustre porto se embarcaram,
 Onde ja foi Parthénope enterrada;
 Napolis, onde os fados se mostraram:
 Fazendo-a a varias gentes sujugada,
 Pola illustrar no fim de tantos anos
 Co' o senhorio de ínclytos hispanos.

LXII.

« Pelo mar alto Sículo navegam;
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
 E d' alli ás ribeiras altas chegam,
 Que com morte de Manho, são famosas.
 Vão a Mêmphis, e ás terras, que se regam
 Das enchentes nilóticas undosas;
 Sobem á Ethiópia, sobre Egito,
 Que de Christo la guarda o sancto rito.

LXIII.

« Passam tambem as ondas erythreas,
 Que o povo de Israel sem nau passou ;
 Ficam-lhe atraz as serras nabatheas ,
 Que o filho de Ismael co' o nome ornou.
 As costas odoriferas sabeas ,
 Que a mãe do bello Adónis tanto honrou ,
 Cercam , com toda a Arabia descoberta
 Feliz , deixando a pétreas , e a deserta .

LXIV.

« Entram no estreito pérsico , onde dura
 Da confusa Babel inda a memoria :
 Alli co' o Tigre o Euphrates se mistura ,
 Que as fontes onde nascem teem por gloria.
 D'alli vão em demanda da agua pura
 (Que causa inda será de larga historia)
 Do Indo , pelas ondas do Oceano ,
 Onde não se atreveu passar Trajano .

LXV.

« Viram gentes incógnitas e estranhas
 Da India , da Carmânia , e Gedrosia ,
 Vendo varios costumes , varias manhas ,
 Que cada região produze , e cria .
 Mas de vias tam ásperas , tamanhas ,
 Tornar-se facilmente não podia :
 La morreram emfim , e la ficaram ;
 Que á desejada patria não tornaram .

LXVI.

• Parece que guardava o claro ceo
 A Manuel, e seus merecimentos
 Esta empresa tam árdua, que o moveo
 A subidos e illustres movimentos:
 Manuel, que a Joanne succedeo
 No reino, e nos altivos pensamentos,
 Logo, como tomou do reino o cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII.

• O qual, como do nobre pensamento
 D' aquella obrigaçāo, que lhe ficara
 De seus antepassados (cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra cara)
 Não deixasse de ser um so momento
 Conquistado no tempo que a luz clara
 Fuge, e as estrellas nítidas, que saiem,
 A repouso convidam quando caiem;

LXVIII.

• Estando ja deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas são ;
 Revolvendo contino no conceito
 De seu officio e sangue, a obrigaçāo ,
 Os olhos lhe occupou o somno acceito ,
 Sem lhe desoccupar o coração ;
 Porque, tanto que lasso se adormece ,
 Morpheu em varias fórmas lhe apparece.

LXIX.

« Aqui se lhe apresenta que subia
 Tam alto, que tocava a prima esphera ,
 D' onde diante varios mundos via ,
 Nações de muita gente estranha e fera:
 E la bem juncto d' onde nasce o dia,
 (Despois que os olhos longos estendera)
 Viu de antiguos , longinquos e altos montes
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX.

« Aves agrestes , feras , e alimarias
 Pelo monte selvatico habitavam :
 Mil arvores silvestres , e hervas varias
 O passo , e o tracto ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas aversarias
 De mais conversação , per si mostravam ,
 Que desque Adão peccou , a nossos anos .
 Não as romperam nunca pés humanos.

LXXI.

« Das aguas se lhe antolha que saíam ,
 Pera elle os largos passos inclinando ,
 Dous homens , que mui velhos pareciam ,
 De aspeito , indaque agreste , venerando :
 Das pontas dos cabellos lhe caíam
 Gottas , que o corpo todo vão banhando ;
 A còr da pelle baça e denegrida ;
 A barba hirsuta , intonsa , mas comprida.

LXXII.

D 'ambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos , e hervas tinha :
 Um d'elles a presença traz cansada ,
 Como quem de mais longe alli caminha :
 E assi a agua , com ímpetu alterada ,
 Parecia que d' outra parte vinha ;
 Bem como Alpheu de Arcádia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa .

LXXIII.

« Este , que era o mais grave na pessoa ,
 D'est' arte pera o rei de longe brada :
 « O' tu , a cujos reinos , e coroa ,
 Grande parte do mundo está guardada ;
 Nós outros , cuja fama tanto voa ,
 Cuja cerviz bem nunca foi domada ,
 Te avisâmos que é tempo que ja mandes
 A receber de nós tributos grandes .

LXXIV.

« Eu sou o illustre Ganges , que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro :
 Est' outro é o Indo , rei , que n'esta serra
 Que ves , seu nascimento tem primeiro .
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
 Mas insistindo tu , per derradeiro
 Com não vistas victorias , sem receio ,
 A quantas gentes ves , porás o freio . »

LXXV.

« Não disse mais o rio illustre e santo ;
 Mas ambos desparecem n' um momento :
 Acorda Manuel c' um novo espanto ,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeu n' isto Phebo o claro manto ,
 Pelo escuro hemispherio somnolento ;
 Veio a manhã no ceo pintando as cores
 De pudibunda rosa , e roxas flores.

LXXVI.

« Chama o rei os senhores a conselho ,
 E propõe-lhe as figuras da visão ;
 As palavras lhe diz do sancto velho ,
 Que a todos foram grande admiraçō .
 Determinam o náutico apparelho ,
 Pera que com sublime coraçō
 Va a gente , que mandar, cortando os mares ,
 A buscar novos climas , novos ares .

LXXVII.

« Eu , que bem mal cuidava que em efeito
 Se pozesse o que o peito me pedia ;
 Que sempre grandes cousas d' este geito
 Presago o coração me promettia ;
 Não sei porque razão , porque respeito ,
 Ou porque bom signal , que em mi se via ,
 Me põe o ínclito rei nas mãos a chave
 D' este commettimento grande e grave .

LXXXVIII.

• E com rogo , e palavras amorosas ,
 (Que é um mando nos réis, que a mais obriga)
 Me disse : « As cousas árduas e lustrosas
 Se alcançam com trabalho , e com fadiga.
 Faz as pessoas altas e famosas
 A vida , que se perde , e que periga ;
 Que quando ao mēdo infame não se rende ,
 Então , se menos dura , mais se estende.

LXXXIX.

• Eu vos tenho , entre todos , escolhido
 Pera uma empresa , qual a ves se deve ;
 Trabalho illustre , duro e esclarecido ;
 O que eu sei , que por mi vos será leve . »
 Não sofri mais ; mas logo : « O' rei subido ,
 Aventurar-me a ferro , a fogo , a neve ,
 É tam pouco por vós , que mais me pena
 Ser esta vida cousa tam pequena.

LXXX.

« Imaginai tammanhas aventuras ,
 Quaes Eurystheu a Alcides inventava ;
 O leão cleoneu , Harpyas duras ,
 O porco de Erymantho , a Hydra brava :
 Descer emsim ás sombras vās e escuras ,
 Onde os campos de Dite a Estyge lava ;
 Porque a maior perigo , a mor affronta ,
 Por vós , o' rei , o esp'ritu , e a carne é pronta . »

LXXXI.

• Com mercês sumptuosas me agradece,
 E com razões me louva esta vontade;
 Que a virtude louvada vive, e crece,
 E o louvor altos casos persuade.
 Acompanhar-me logo se offerece,
 (Obrigado d'amor, e de amizade)
 Não menos cubiçoso de honra, e fama,
 O caro meu irmão Paulo da Gama.

LXXXII.

• Mais se me ajuncta Nicolau Coelho,
 De trabalhos mui grande sofredor ;
 Ambos são de valia, e de conselho ,
 D'experiencia em armas , e furor.
 Ja de manceba gente me apparelho ,
 Em que cresce o desejo do valor ;
 Todos de grande esforço ; e assi parece
 Quem a tammanhas couzas se offerece.

LXXXIII.

• Foram de Manuel remunerados ;
 Porque com mais amor se apercebessessem ,
 E com palavras altas animados
 Pera quantos trabalhos succedessem .
 Assi foram os Minyas ajunctados ,
 Pera que o véo dourado combatessem ,
 Na fatídica nau , que ousou primeira
 Tentar o mar Euxino aventureira.

LXXXIV.

• E ja no porto da ínclita Ulyssca ,
 C'um alvoroço nobre , e c'um desejo ,
 (Onde o liquor mistura, e branca area ,
 Co' o salgado Neptuno o doce Tejo)
 As naus prestes estão : e não refrea
 Temor nenhum o juvenil despejo ;
 Porque a gente marítima , e a de Marte
 Estão pera seguir-me a toda parte.

LXXXV.

• Pelas praias vestidos os soldados
 De varias côres véem , e varias artes ;
 E não menos de esforço apparelhados
 Pera buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes naus os ventos socegados
 Ondeam os aérios estandartes :
 Ellas promettem , vendo os mares largos ,
 De ser no Olympo estrellas , como a de Argos.

LXXXVI.

• Despois de apparelhados d' esta sorte
 De quanto tal viajem pede , e manda ,
 Apparelhámos a alma pera a morte ,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
 Pera o summo Poder, que a ethérea corte
 Sustenta so co' a vista veneranda ,
 Implorámos favor, que nos guiasse ,
 E que nossos começos aspirasse.

LXXXVII.

« Partimo-nos assi do sancto templo,
 Que nas praias do mar está sentado ,
 Que o nome tem da terra pera exemplo ,
 D' onde Deus foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te , o' rei , que se contemplo
 Como fui d'estas praias apartado ,
 Cheio dentro de dúvida , e receio ,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio .

LXXXVIII.

« A gente da cidade aquelle dia ,
 (Uns por amigos , outros por parentes ,
 Outros por ver somente) concorria ,
 Saúdosos na vista , e descontentes :
 E nós co' a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes ,
 Em procissão solemne a Deus orando ,
 Pera os bateis viemos caminhando .

LXXXIX.

« Em tam longo caminho e duvidoso ,
 Por perdidos as gentes nos julgavam ;
 As mulheres c' um choro piedoso ,
 Os homens com suspiros , que arrancavam :
 Mães , esposas , irmãs (que o temeroso
 Amor mais desconfia) accrecentavam
 A desesperação , e frio medo
 De ja nos não tornar a ver tan cedo .

XC.

« Qual vai dizendo : « O' filho, a quem eu tinha
 So pera refrigerio , e doce amparo
 D' esta cansada ja velhice minha ,
 Que em choro acabará penoso e amaro ;
 Porque me deixas mísera e mesquinha ?
 Porque de mi te vas, o' filho caro ,
 A fazer o funéreo enterramento ,
 Onde sejas de peixes mantimento ? »

XCI.

« Qual em cabello : « O' doce e amado esposo ,
 Sem quem não quiz amor que viver possa ;
 Porque is aventurar ao mar iroso
 Essa vida , que é minha , e não é vossa ?
 Como per um caminho duvidoso
 Vos esquece a affeiçao tam doce nossa ?
 Nossa amor, nosso vão contentamento
 Quereis que com as vélas leve o vento ? »

XCII.

« N'estas , e outras palavras , que diziam
 De amor, e de piedosa humanidade ,
 Os velhos , e os meninos ós seguiam ,
 Em quem menos esforço põe a idade .
 Os montes de mais perto respondiam ,
 Quasi movidos de alta piedade :
 A branca areia as lagrymas banhavam ;
 Que em multidão com ellas se igualavam .

XCIII.

« Nós outros sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado :
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado ;
 Que, posto que é de amor usança boa ,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV.

« Mas um velho d'aspeito venerando ,
 Que ficava nas praias , entre a gente ,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça , descontente ;
 A voz pesada um pouco alevantando ,
 Que nós no mar ouvimos claramente ,
 C' um saber so d'experiencias feito ,
 Taes palavras tirou do experto peito :

XCV..

« Oh gloria de mandar ! Oh vã cubiça
 D' esta vaidade, a quem chamâmos fama !
 Oh fraudulento gosto, que se atiça
 C' uma aura popular, que honra se chama !
 Que castigo tammanho , e que justiça
 Fazes no peito vão , que muito te ama !
 Que mortes ! que perigos ! que tormentas !
 Que crueidades n'elles exp'rimentas !

XCVI.

« Dura inquietação d' alma , e da vida ,
 Fonte de desamparos , e adulterios ,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas , de reinos , e de imperios :
 Chamam-te illustre , chamam-te subida ,
 Sendo digna de infames vituperios ;
 Chamam-te fama , e gloria soberana ,
 Nomes com quem se o povo nescio engana !

XCVII.

« A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos , e esta gente ?
 Que perigos , que mortes lhe destinas
 Debaixo d' algum nome preeminente ?
 Que promessas de reinos , e de minas
 D' ouro , que lhe farás tam facilmente ?
 Que famas lhe prometterás ? que historias ?
 Que triumphos ? que palmas ? que victorias ?

XCVIII.

« Mas o' tu , geração d' aquelle insano ,
 Cujo peccado , e desobediencia ,
 Não somente do reino soberano
 Te poz n' este desterro , e triste ausencia ,
 Mas inda d' outro estado mais que humano ,
 Da quieta , e da simples innocencia
 Da idade d' ouro , tanto te privou ,
 Que na de ferro , e d' armas te deitou :

XCIX.

« Ja que n' esta gostosa vaíde
Tanto enlevas a leve phantesia ;
Ja que á bruta crueza , e feridade
Pozeste nome esforço , e valentia ;
Ja que prézas em tanta cantidade
O desprezo da vida , que devia
De ser sempre estimada ; pois que já
Temeu tanto perdel-a quem a dá :

C.

« Não tens juncto comtigo o Ismaelita ,
Com quem sempre terás guerras sobejass ?
Não segue elle do Arábio a lei maldita ,
Se tu pola de Christo so pelejas ?
Não tem cidades mil , terra infinita ,
Se terras , e riqueza mais desejas ?
Não é elle per armas esforçado ,
Se queres per victórias ser louvado ?

CI.

« Deixas crear ás portas o inimigo ,
Por ires buscar outro de tam longe ,
Per quem sè despovoe e reino antigo ,
Se enfraqueça , e se va deitando a longe ?
Buscas o incerto e incógnito perigo ,
Porque a fama te exalte , e te lisonge ,
Chamando-te senhor , com larga copia ,
Da India , Persia , Arábia , e de Ethiopia ?

CII.

« Oh maldicto o primeiro , que no mundo
 Nas ondas véla poz em secco lenho !
 Digno da eterna pena do Profundo ,
 Se é justa a justa lei, que sigo , e tenho .
 Nunca juizo algum alto e profundo ,
 Nem cíthara sonora , ou vivo ingenho ,
 Te dê por isso fama , nem memoria ;
 Mas comtigo se acabe o nome , e gloria .

CIII.

« Trouxe o filho de Jápeto do ceo
 O fogo , que ajunctou ao peito humano ;
 Fogo , que o mundo em armas accendeo ,
 Em mortes , em deshonras : (grande engano !)
 Quanto melhor nos fôra , Prometheo ,
 E quanto pera o mundo menos dano ,
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos , que a movera !

CIV.

« Não commettera o moço miserando
 O carro alto do pae , nem o ar vasio
 O grande architector, co' o filho , dando
 Um , nome ao mar , e o outro fama ao rio :
 Nenhum commettimento alto e nefando ,
 Per fogo , ferro , agua , calma , e frio ,
 Deixa intentado a humana geraçao .
 Misera sorte ! Estranha condiçao ! »



OS LUSIADAS.



CANTO QUINTO.

I.

« Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava , quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento , e do porto amado nos partimos :
E , como é ja no mar costume usado ,
A véla desfraldando , o ceo ferimos ,
Dizendo : « Boa viajem » : logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II.

« Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Neméu truculento ;
E o mundo , que com tempo se consume ,
Na sexta idade andava enfermo e lento :
N'ella ve , como tinha per costume ,
Cursos do sol quatorze vezes cento ,
Com mais noventa e sete , em que corria ,
Quando no mar a armada se estendia.

III.

«Ja a vista pouco e pouco se desterra
 D' aquelles patrios montes , que ficavam :
 Ficava o caro Tejo , e a fresca serra
 De Cintra; e n' ella os olhos se alongavam.
 Ficava-nos tambem na amada terra
 O coração , que as mágoas la deixavam ;
 E ja despois que toda se escondeo ,
 Não vimos mais emfim que mar, e ceo.

IV.

«Assi fomos abrindo aquelles mares ,
 Que geração alguma não abriu ,
 As novas ilhas vendo , e os novos ares ,
 Que o generoso Henrique descobriu :
 De Mauritânia os montes , e logares ,
 Terra , que Antheo n' um tempo possuiu ,
 Deixando á mão esquerda ; que á direita
 Não ha certeza d'outra , mas suspeita.

V.

«Passámos a grande ilha da Madeira ,
 (Que do muito arvoredo assi se chama)
 Das que nós povoámos , a primeira ,
 Mais célebre per nome , que per fama :
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe avantajam quantas Venus ama ;
 Antes , sendo esta sua , se esquecera
 De Cypro , Gnido , Páphos , e Cythere.

VI.

« Deixámos de Massylia a esteril costa ,
 Onde seu gado os Azenegues pastam ;
 Gente , que as frescas aguas nunca gosta ,
 Nem as hervas do campo bem lhe abastam :
 A terra a nenhum fruito emfim disposta ,
 Onde as aves no ventre o ferro gastam ,
 Padecendo de tudo extrema inopia ,
 Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

VII.

« Passámos o limite aonde chega
 O sol , que pera o Norte os carros guia ,
 Onde jazem os povos , a quem nega
 O filho de Clymene a côr do dia.
 Aqui gentes estranhas lava , e rega
 Do negro Sanagá a corrente fria ,
 Onde o cabo Arsinário o nome perde ,
 Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII.

« Passadas tendo ja as Canárias ilhas ,
 Que tiveram per nome Fortunadas ,
 Entrámos , navegando , pelas filhas
 Do velho Hespério , Hespérides chamadas ;
 Terras per onde novas maravilhas
 Andaram vendo ja nossas armadas :
 Alli tomámos porto com bom vento ,
 Por tomarmos da terra mantimento.

IX.

« A'quella ilha aportámos , que tomou
 O nome do guerreiro Sanct' Iago ;
 Sancto , que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 D'aqui , tanto que Bóreas nos ventou ,
 Tornámos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano ; e assi deixámos
 A terra , onde refresco doce achámos.

X.

« Per aqui rodeando a larga parte
 De África , que ficava ao Oriente ;
 A província Jalofo , que reparte
 Per diversas nações a negra gente ;
 A mui grande Mandinga , per cuja arte
 Lográmos o metal rico e lucente ,
 Que do curvo Gambéa as aguas bebe ,
 As quaes o largo Atlântico recebe :

XI.

« As Dórcadas passámos , povoadas
 Das irmãs , que outro tempo alli viviam ;
 Que de vista total sendo privadas ,
 Todas tres d' um so olho se serviam.
 Tu so , tu cujas tranças encrespadas
 Neptuno la nas aguas accendiam ,
 Tornada ja de todas a mais fêa ,
 De víboras encheste a ardente aréa.

XII.

« Sempre emfim pera o Austro a aguda proa,
 No grandissimo golpham nos mettemos,
 Deixando a serra aspérrima Leoa,
 Co'o cabo , a quem das Palmas nome deimos.
 O grande rio , onde batendo soa
 O mar nas praias nótas , que alli temos ,
 Ficou , co' a ilha illustre , que tomou
 O nonie d'um , que o lado a Deus tocou.

XIII.

« Alli o mui grande reino está de Congo ,
 Per nós ja convertido á fe de Christo ,
 Per onde o Zaire passa claro e longo ;
 Rio pelos antiguos nunca visto.
 Per este largo mar emfim me alongo
 Do conhecido pólo de Callisto ,
 Tendo o término ardente ja passado ,
 Onde o meio do mundo é limitado.

XIV.

« Ja descoberto tinhainos diante ,
 La no novo hemisphério , nova estrella ,
 Não vista de outra gente , que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta d' ella.
 Vimos a parte menos rutilante ,
 E , por falta d' estrellas , menos bella ,
 Do pólo fixo , onde inda se não sabe
 Que outra terra comece , ou mar acabe.

XV.

« Assi passando aquellas regiões,
 Per onde duas vezes passa Apolo ,
 Dous hinvernos fazendo , e dous verões ,
 Em quanto corre d' um ao outro polo ;
 Per calmas , per tormentas , e oppressões ,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo ,
 Vimos as Ussas , a pezar de Juno ,
 Banharem-se nas aguas de Neptuno.

XVI.

« Contar-te longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homens não intendem ,
 Subitas trovoadas temerosas ,
 Relampagos , que o ar em fogo accendem ;
 Negros chuveiros , noites tenebrosas ,
 Bramidos de trovões , que o mundo fendem ,
 Não menos é trabalho , que grande erro ,
 Aindaque eu tivesse a voz de ferro.

XVII.

« Os casos vi , que os rudos marinheiros ,
 Que teem por mestra a longa experienzia ,
 Contam por certos sempre , e verdadeiros ,
 Julgando as cousas so pela apparencia ;
 E que os que teem juizos mais inteiros ,
 Que so per puro ingenho , e per sciencia ,
 Vêem do mundo os segredos escondidos ,
 Julgam por falsos , ou mal intendidos.

XVIII.

• Vi, claramente visto, o lume vivo,
 Que a marítima gente tem por santo
 Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
 De tempestade escura, e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e causa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas aguas do Oceano.

XIX.

• Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar um vaporzinho, e util fumo,
 E, do vento trazido, rodear-se:
 D'aqui levado um cano ao pólo sumo
 Se via, tam delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia:
 Da matéria das nuvens parecia.

XX.

• I'a-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que um largo masto se engrossava:
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se co' as ondas ondeando;
 Em cima d' elle ùa nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada
 Co'o cargo grande d' agua em si tomada.

XXI.

• Qual roxa sanguesuga se veria
 Nos beiços da alimária (que imprudente
 Bebendo a recolheu na fonte fria)
 Fartar co' o sangue alheio a sède ardente:
 Chupando mais e mais se engrossa , e cria;
 Alli se enche , e se alarga grandemente :
 Tal a grande columna , enchendo , aumenta
 A si , e a nuvem negra , que sustenta:

XXII.

« Mas despois que de todo se fartou ,
 O pe , que tem no mar, a si recolhe ;
 E pelo ceo , chovendo , emfim voou ;
 Porque co' a agua a jacente agua molhe:
 A's ondas torna as ondas , que tomou ;
 Mas o sabor do sal lhe tira, e tolhe.
 Vejam agora os sabios na escritura ,
 Que segredos são estes da natura.

XXIII.

« Se os antiguos philosophos , que andaram
 Tantas terras , por ver' segredos d' ellas ,
 As maravilhas, que eu passei , passaram ,
 A tam diversos ventos dando as vellas ;
 Que grandes escripturas , que deixaram !
 Que influição de signos , e de estrellas !
 Que estranhezas ! que grandes calidades !
 E tudo , sem mentir, puras verdades.

xxiv.

• Mas ja o planeta , que no ceo primeiro
 Habita , cinco vezes apressada ,
 Agora meio rosto , agora inteiro
 Mostrara , em quanto o mar cortava a armada ;
 Quando da ethérea gavea um marinheiro ,
 Prompto co'a vista , « Terra , terra , » brada :
 Salta no bordo alvorocada a gente
 Co' os olhos no horizonte do Oriente .

xxv.

• A' maneira de nuvens se começam
 A descobrir os montes , que enxergâmos ;
 As ancoras pesadas se adereçam ;
 As vélas , ja chegados , amainâmos :
 E pera que mais certas se conheçam
 As partes tami remotas onde cstâmos ,
 Pelo novo instrumento do Astrolabio ,
 Invenção de sutil juizo e sabio :

xxvi.

• Desembarcâmos logo na espaçosa
 Parte , per onde a gente se espalhou ,
 De ver cousas estranhas desejosa
 Da terra , que outro povo não pizou :
 Porém eu co' os pilotos na arenosa
 Praia , por vermos em que parte estou ,
 Me detenho em tomar do sol a altura ,
 E compassar a universal pintura .

XXVII.

« Achámos ter de todo ja passado
 Do semicápro peixe a grande meta ,
 Estando entre elle , e o círculo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta.
 Eis de meus companheiros rodeado
 Vejo um estranho vir de pelle preta ,
 Que tomaram per força , em quanto apanha
 De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

« Torvado vem na vista , como aquelle
 Que não se vira nunca em tal extremo:
 Nem elle intende a nós , nem nós a elle ,
 Selvagem mais que o bruto Polyphemoo.
 Começo-lhe a mostrar da rica pelle
 De Colchos o gentil metal supremo ,
 A prata fina , a quente especiaria:
 A nada d'isto o bruto se movia.

XXIX.

« Mando mostrar-lhe peças mais somenos ,
 Contas de crystallino transparente ,
 Alguns soantes cascaveis pequenos ,
 Um barrete vermelho, cōr contente.
 Vi logo per signaes , e per acenos ,
 Que com isto se alegra grandemente :
 Mando-o soltar coimtudo ; e assi caminha
 Pera a povoacão , que perto tinha.

XXX.

« Mas logo ao outro dia, seus parceiros
 Todos nus, e da côr da escura treva,
 Descendo pelos ásperos outeiros,
 As peças véem buscar, que est' outro leva.
 Domesticos ja tanto, e companheiros
 Se nos mostram, que fazem que se atreva
 Fernan' Velloso a ir ver da terra o trato,
 E partir-se com elles pelo mato.

XXXI.

« É Velloso no braço confiado,
 E de arrogante, crê que vai seguro ;
 Mas, sendo um grande espaço ja passado ,
 Em que algum bom signal saber procuro,
 Estando, a vista alçada, co'o cuidado
 No aventureiro , eis pelo monte duro
 Apparece; e , segundo ao mar caminha,
 Mais apressado , do que fôra , vinha.

XXXII.

« O batel de Coelho foi depressa
 Polo tomar ; mas antes que chegasse ,
 Um Ethíope ousado se arremessa
 A elle , porque não se lhe escapasse :
 Outro , e outro lhe saiem : ve-se em pressa
 Velloso , sem que alguem lhe alli ajudasse ;
 Acudo eu logo ; e em quanto o remo aperto ,
 Se mostra um bando negro descoberto.

XXXIII.

« Da espessa nuvem settas , e pedradas
 Chovem sôbre nós outros sem medida ;
 E não foram ao vento emvão deitadas ,
 Que esta perna truxe eu d'alli ferida :
 Mas nós , como pessoas magoadas ,
 A resposta lhe démos tam crescida ,
 Que em mais , que nos barretes , se suspeita
 Que a côr vermelha levam d'esta feita.

XXXIV.

« E sendo ja Velloso em salvamento ,
 Logo nos recolhemos pera a armada ,
 Vendo a malicia fea , e rudo intento
 Da gente bestial , bruta e malvada :
 De quem nenhum melhor conhecimento
 Podémos ter da India desejada ,
 Que estarmos inda muito longe d'ella ;
 E assi tornei a dar ao vento a vella.

XXXV.

« Disse então a Velloso um companheiro ,
 (Começando-se todos a surrir)
 « O'lá , Velloso amigo , aquelle outeiro
 É melhor de descer , que de subir . »
 « Si é (responde o ousado aventureiro) ;
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir
 D'aquelles cães , depressa um pouco vim ,
 Por me lembrar que estaveis ca sem mim . »

XXXVI.

« Contou então , que tanto que passaram
 Aquelle monte , os negros de quem fallo ,
 Avante mais passar o não deixaram ,
 Querendo , senão torna , alli matallo :
 E tornando-se , logo se emboscaram :
 Porque saindo nós pera tomallo ,
 Nos podessem mandar ao reino escuro ,
 Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

« Porém ja cinco soes eram passados
 Que d' alli nos partíramos , cortando
 Os mares nunca d' outrem navegados ,
 Prosperamente os ventos assoprando ;
 Quando uma noite estando descuidados
 Na cortadora proa vigiando ,
 Uma nuvem , que os ares escurece ,
 Sôbre nossas cabeças apparece .

XXXVIII.

« Tam temerosa vinha e carregada ,
 Que poz nos corações um grande medo :
 Bramindo o negro mar , de longe brada ,
 Como se désse envão n' algum rochedo .
 « O' Potestade (disse) sublimada !
 Que ameaço divino , ou que segredo
 Este clima , e este mar nos apresenta ,
 Que mor cousa parece , que tormenta ? »

XXXIX.

• Não acabava , quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida ,
 De disforme e grandissima estatura ,
 O rosto carregado , a barba esquálida :
 Os olhos encovados , e a postura
 Medonha e má , e a cõr terrena e pállida ;
 Cheios de terra , e crespos os cabellos ,
 A bocca negra , os dentes amarellos.

XL.

• Tam grande era de membros , que bem posso
 Certificar-te , que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso ,
 Que um dos sete milagres foi do mundo :
 C' um tom de voz nos falla horrendo e grosso ,
 Que pareceu sair do mar profundo :
 Arripiam-se as carnes , e o cabello
 A mi , e a todos , so de ouvil-o , e vello.

XLI.

• E disse : •O' gente ousada mais que quantas
 No mundo commetteram grandes couosas ;
 Tu , que per guerras cruas , taes e tantas ,
 E per trabalhos vãos nunca repousas :
 Pois os vedados términos quebrantas ,
 E navegar meus longos mares ousas ,
 Que eu tanto tempo ha ja que guardo e tenho ,
 Nunca arados d' estranho , ou proprio lenho :

XLII.

« Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza , e do humido elemento ,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento :
 Ouvi os danos de mi , que apercebidos
 Estão a teu sobrejo atrevimento
 Per todo o largo mar , e pela terra ,
 Que inda has de sujugar com dura guerra.

XLIII.

« Sabe que quantas naus esta viagem ,
 Que tu fazes , fizerem de atrevidas ,
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos , e tormentas desmedidas .
 E da primeira armada , que passagem
 Fizer per estas ondas insosfridas ,
 Eu farei d' improviso tal castigo ,
 Que seja mor o danno , que o perigo .

XLIV.

« Aqui espero tomar (se não me engano)
 De quem me descobriu , summa vingança :
 E não se acabará so n'isto o dano
 De vossa pertinace confiança :
 Antes em vossas naus vereis cada ano ,
 (Se é verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios , perdições de toda sorte ,
 Que o menor mal de todos seja a morte .

XLV.

« E do primeiro illustre , que a ventura
 Com fama alta fiser tocar os ceos ,
 Serei eterna e nova sepultura ,
 Per juizos incógnitos de Deos .
 Aqui porá da turca armada dura
 Os suberbos e prósperos tropheos :
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quilos , com Mombacha .

XLVI.

« Outro também virá de honrada fama ,
 Liberal , cavalleiro , enamorado ,
 E comigo trará a ferinosa dama ,
 Que Amor , per gran' mercê , lhe terá dado .
 Triste ventura , e negro fado os chaina
 N'este terreno meu , que duro e irado
 Os deixará d' um cru naufragio vivos ,
 Pera verem trabalhos excessivos .

XLVII.

« Verão morrer com fome os filhos caros ,
 Em tanto amor gerados , e nascidos ;
 Verão os Cafres ásperos e avaros
 Tirar á linda dama seus vestidos :
 Os crystallinos membros e preclaros ,
 A' calma , ao frio , ao ar verão despidos ;
 Despois de ter pizada longamente
 Co' os delicados pés a areia ardente .

XLVIII.

« E verão mais os olhos , que escaparem
 De tanto mal , de tanta desventura ,
 Os dous amantes míseros ficarem
 Na férvida e implacabil espessura .
 Alli , depois que as pedras abrandarem
 Com lagrymas de dor , de magoa pura ,
 Abraçados as almas soltarão
 Da fermosa e misérrima prisão . »

XLIX.

« Mais ia per diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados , quando alçado
 Lhe disse eu : « Quem es tu ? que esse estupendo
 Corpo , certo me tem maravilhado . »
 A bocca , e os olhos negros retorcendo ,
 E dando um espantoso e grande brado ,
 Me respondeu com voz pesada e amara ,
 Como quem da pergunta lhe pesara :

L.

« Eu sou aquelle occulto e grande cabo ,
 A quem chamais vós outros Tormentorio ;
 Que nunca a Tolomeu , Pomponio , Estrabo ,
 Plinio , e quantos passaram , fui notorio :
 Aqui toda a africana costa acabo
 N' este meu nunca visto promontorio ,
 Que pera o pólo antárctico se estende ,
 A quem vossa ousadia tanto offende .

LI.

« Fui dos filhos aspérrimos da terra ,
 Qual Encélado , Egeu , e o Centimano ;
 Chamei-me Adamastor ; e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano :
 Não que puzesse serra sóbre serra ;
 Mas conquistando as ondas do Oceano ,
 Fui capitão do mar , per onde andava
 A armada de Neptuno , que eu buscava .

LII.

« Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tammanha empreza :
 Todas as deusas desprezi do ceo ,
 So por amar das aguas a princeza :
 Um dia a vi , co'as filhas de Nereo ,
 Sair nua na praia ; e logo preza
 A vontade senti de tal maneira ,
 Que inda não sinto cousa que mais queira .

LIII.

« Como fosse impossibil alcançalla
 Pola grandeza fea de meu gesto ,
 Determinei per armas de tomalla ;
 E a Doris este caso manifesto .
 De mèdo a deusa então por mi lhe falla ;
 Mas ella , c' um fermo riso honesto ,
 Respondeu : « Qual será o amor bastante
 De nympha , que sustente o d' um gigante ?

LIV.

« Com tudo por livrarmos o Oceano
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,
 Com que, com minha honra, escuse o dano : »
 Tal resposta me torna a messageira.
 Eu, que cair não pude n' este engano ,
 (Que é grande dos amantes a cegueira)
 Encheram-me com grandes abundanças
 O peito de desejos, e esperanças.

LV.

« Ja nescio , ja da guerra desistindo ,
 Uma noite de Dóris promettida ,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis única despida :
 Como doudo corri de longe abrindo
 Os braços pera aquella que era vida
 D' este corpo ; e coméço os olhos bellos
 A lhe beijar, as faces , e os cabellos.

LVI.

« Oh que não sei de nojo como o conte !
 Que crendo ter nos braços quem amava ,
 Abraçado me achei c' um duro monte
 De áspero matto , e de espessura brava .
 Estando c' um penedo fronte a fronte ,
 Que eu polo rosto angélico apertava ,
 Não fiquei homem não , mas inudo e quedo ,
 E juncto d'um penedo outro penedo .

LVI.

« O' nympha a mais fermosa do Oceano,
 Ja que minha presençā não te agrada,
 Que te custava ter-me n' este engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 D'aqui me parto irado e quasi insano
 Da magoa, e da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

LVII.

« Eram ja n' este tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deuses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos:
 E, como contra o ceo não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado imigo,
 Por meus atrevimentos, o castigo.

LVIII.

« Converte-se-me a carne em terra dura;
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros, que ves, e esta figura,
 Per estas longas aguas se estenderam:
 Emsim, minha grandissima estatura
 N' este remoto cabo converteram
 Os deuses; e por mais dobradas magoas,
 Me anda Thetis cercando d' estas agoas. »

LX.

« Assi contava ; e c' um medonho chorq
 Subito d'ante os olhos se apartou ;
 Desfez-se a nuvem negra , e c' um sonoro
 Bramido , muito longe o mar soou .
 Eu , levantando as mãos ao sancto coro
 Dos Anjos , que tam longe nos guioç ,
 A Deus pedi que removesse os duros
 Casos , que Adamastor contou futuros ,

LXI.

« Ja Phlegon , e Pyrois vinham tirando
 Co' os outros dous o carro radiante ,
 Quando a terra alta se nos foi mostrando ,
 Em que foi convertido o gran' gigante .
 Ao longo d'esta costa , começando
 Ja de cortar as ondas do Levante ,
 Per ella abaixo um pouco navegámos
 Onde segunda vez terra tomámos .

LXII.

« A gente , que esta terra possuia ,
 Posto que todos Ethiopes eram ,
 Mais humana no trácto parecia
 Que os outros , que tam mal nos receberam .
 Com bailos , e com festas de alegria ,
 Pela praia arenosa a nós vieram ;
 As mulheres comsigo , e o manso gado ,
 Que apascentavam , gordo e bem creado .

LXIII.

« As mulheres queimadas véem em cima
 Dos vagarosos bois , alli sentadas ;
 Animaes , que elles teem em mais estima
 Que todo o outro gado das manadas :
 Cantigas pastoris em prosa ou rima ,
 Na sua lingua cantam concertadas
 Co' o doce som das rústicas avenas ,
 Imitando de Tityro as Camenas.

LXIV.

« Estes , como na vista prazenteiros
 Fossem , humanamente nos trataram ,
 Trazendo-nos gallinhas , e carneiros ,
 A troco d'outras peças , que levaram :
 Mas como nunca emfim meus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançaram ,
 Que désse algum signal do que buscâmos ,
 As vélas dando , as ancoras levâmos.

LXV.

« Ja aqui tinhamos dado um gran' rodeio
 A' costa negra de Africa , e tornava
 A proa a demandar o ardente meio
 Do ceo , e o pólo Antárctico ficava :
 Aquelle ilheo deixámos , onde veio
 Outra armada primeira , que buscava
 O Tormentorio cabo , e descoberto ,
 N' aquelle ilheo fez seu limite certo.

LXVI.

« D' aqui fomos cortando muitos dias,
 (Entre tormentas tristes, e bonanças)
 No largo mar fazendo novas vias,
 So conduzidos de árduas esperanças :
 Co'o mar um tempo andámos em persias ;
 Que , como tudo n' elle são mudanças ,
 Corrente n' elle achámos tam possante ,
 Que passar não deixava per diante.

LXVII.

« Era maior a força em demasia ,
 (Segundo pera traz nos obrigava)
 Do mar, que contra nós alli corria ,
 Que por nós a do vento , que assoprava :
 Injuriado Noto da perfia
 Em que co'o mar, parece , tanto estava ,
 Os assopros esforça iradamente ,
 Com que nos fez vencer a gran' corrente.

LXVIII.

« Trazia o sol o dia celebrado ,
 Em que tres rēis das partes do Oriente
 Foram buscar um Rei de pouco nado ,
 No qual Rei outros tres ha junctamente :
 N' este dia outro porto foi tomado
 Per nós , da mesma ja contada gente ,
 N' um largo rio , ao qual o nome demos
 Do dia , em que per elle nos mettemos.

LXIX.

« D'esta gente refresco algum tomâmos,
 E do rio fresca águia; mas comtudo,
 Nenhum signal aquí da Índia achámos
 No povo, com nós outros, quasi mudo.
 Ora ve, rei, quammanha terra andámos,
 Sem sair nunca d'este povo rudo;
 Sem vermos nunca nova, nem sinal
 Da desejada parte oriental.

LXX.

« Ora imagina agora quam coitados
 Andariamos todos, quam perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Per clímas, e per mares não sabidos:
 E do esperar comprido tam cansados.
 Quanto a desesperar ja compellidos,
 Per ceos não naturaes, de calidade
 Inimiga de nossa humanidade.

LXXI.

« Corrupto ja e damnado o mantimento,
 Damnoso e mau ao fraco corpo humano;
 E além d'isso nenhum contentamento,
 Que sequer da esperança fosse engano.
 Crês tu, que se este nosso ajunctamento
 De soldados, não fôra lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Per ventura a seu rei, e a seu regente?

LXXII.

• Crês tu, que ja não foram levantados
 Contra seu capitão , se os resistira ,
 Fazendo-se piratas , obrigados
 De desesperação , de fome , de ira ?
 Grandemente por certo estão provados ;
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 D'aquella portugueza alta excellencia
 De lealdade firme , e obediencia .

LXXIII.

• Deixando o porto emfim do doce río ,
 E tornando a cortar a agua salgada ,
 Fizemos d'esta costa algum desvio ,
 Deitando pera o pégo toda a armada ;
 Porque ventando Noto manso e frio ,
 Não nos apanhasse a águia da enseada ,
 Que a costa faz alli d' aquella banda ,
 D' onde a rica Sofala o ouro manda .

LXXIV.

• Esta passada , logo o leve leme
 Encommendado ao sacro Nicolau ,
 Pera onde o mar na costa brada , e gemie ,
 A proa inclina d'uma , e d'outra nau :
 Quando indo o coração , que espera , e teme ,
 E que tanto fiou d' um fraco pau ,
 Do que esperava ja desesperado ,
 Foi d' uma novidade alvoroçado .

LXXV.

« E foi , que estando ja da costa perto ,
 Onde as praias , e valles bem se viam ,
 N' um rio , que alli sai ao mar aberto ,
 Bateis á véla entravam , e saiam.
 Alegria mui grande foi por certo
 Acharmos ja pessoas , que sabiam
 Navegar ; porque entr' ellas esperámos
 De achar novas algumas , como achámos.

LXXVI.

« Ethíopes são todos ; mas parece
 Que com gente melhor communicavam :
 Palavra alguma arábia se conhece
 Entre a linguagem sua , que fallavam :
 E com panno delgado , que se tece
 De algodão , as cabeças apertavam ;
 Com outro , que de tincta azul se tinge ,
 Cadaum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII.

« Pela arábica lingua` , que mal fallam ,
 E que Fernan' Martins mui bem intende ,
 Dizem , « que pernaus , que em grandeza iguallam
 As nossas , o seu mar se corta , e fende :
 Mas que la d' onde sai o sol , se aballam
 Pera onde a costa ao Sul se alarga , e estende ,
 E do Sul pera o sol ; terra onde havia
 Gente , assi como nós , da côr do dia . »

LXXVIII.

« Mui grandemente aqui nos alegrámos
 Co'a gente , e co'as novas muito mais:
 Polos signaes , que n'este rio achámos ,
 O nome lhe ficou dos Bons-Signais :
 Um padrão n'esta terra elevantámos ;
 (Que pera assignalar logares tais
 Trazia alguns) o nome tem do belo
 Guiador de Tobías a Gabelo.



LXXIX.

« Aqui de limos , cascas , e d' ostrinhos ,
 (Nojosa creaçao das aguas fundas)
 Alimpámos as naus , que dos caminhos
 Longos do mar , véem sórdidas e immundas.
 Dos hospedes , que tinhamos visinhos ,
 Com mostras apraziveis e jucundas ,
 Houvemos sempre o usado mantimento ,
 Limpo de todo o falso pensamento.

LXXX.

« Mas não foi , da esperança grande e immensa ,
 Que n'esta terra houvemos , limpa e pura
 A alegria ; mas logo a recompensa
 A Rhamnúsia com nova desventura .
 Assi no ceo sereno se dispensa :
 Com esta condiçao pesada e dura
 Nasceremos : o pezar terá firmeza ;
 Mas o bem logo muda a natureza .

LXXXI.

• E foi , que de doença crua e feia ,
 A mais que eu nunca vi , desampararam
 Muitos a vida ; e em terra estranha e alheia
 Os ossos pera sempre sepultaram.
 Quem haverá que seni o ver o créa ?
 Que tam disformemente alli lhe incharam
 As gingivas na bocca , que crescia
 A carne , e junctamente apodrecia .

LXXXII.

• Apodrecia c' um fetido e bruto
 Cheiro , que o ar visinho infacionava :
 Não tínhamos alli medico astuto ,
 Cirurgião sutil menos se achava :
 Mas qualquer , n' este ofício pouco instruto ,
 Pela carne ja podre assi cortava
 Como se fôra morta ; e bem convinha ,
 Pois que morto ficava quem a tinha .

LXXXIII.

• Emfim que n' esta incógnita espessura
 Deixámos pera sempre os companheiros ,
 Que em tal caminho , e em tanta desventura ,
 Foram sempre comnosco aventureiros .
 Quam facil é ao corpo a sepultura !
 Quaesquer ondas do mar , quaesquer outeiros
 Estranhos , assi mesmo como aos nossos ,
 Receberão de todo o illustre os ossos .

LXXXIV.

• Assi que d' este porto nos partimos
 Com maior esperança , e mor tristeza ,
 E pela costa abajo o mar abrimos ,
 Buscando algum signal de mais firmeza !
 Na dura Moçambique enfim surgimos ;
 De cuja falsidade , e má vileza
 Ja serás sabedor , e dos enganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

• Até que aqui no teu seguro porto ,
 (Cuja brandura , e doce tractamento
 Dará saude a um vivo , e vida a um morto)
 Nos trouxe a piedade do alto assento !
 Aqui repouso , aqui doce conforto ,
 Nova quietação do pensamento
 Nos déste : e ves-aquí (se attento ouviste)
 Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI.

• Agora julga , o' rei , se houve no mundo
 Genies , que tães caminhos commettessem ?
 Crês tu , que tanto Eneas , e o facundo
 Ulysses , pelo mundo se estendessem ?
 Ousou algum a ver do mar profundo ,
 (Por mais versos que d' elle se escrevessem)
 Do que eu vi , a poder d' esforço , e de arte ,
 (E do que inda hei de ver) a oitava parte ?

LXXXVII.

« Esse , que bebeu tanto da agua Aonia ,
 Sôbre quem tem contendâa peregrina ,
 Entre si , Rhodes , Smyrna , e Colophonias ,
 Athenas , Chios , Argo , e Salamina :
 Ess' outro , que esclarece toda Ausonia ,
 E cuja voz altísona e divina ,
 Ouvindo o patrio Míncio , se adormece ;
 Mas o Tybre , co' o som , se ensuberbece ;

LXXXVIII.

« Cantem , louvem , e escrevam sempre extremos
 D'esses seus semideuses , e encareçam
 Fingindo magas , Circes , Polyphemos ,
 Sirenas , que co' o canto os adormeçam :
 Deem-lhe mais navegar á véla , e remos
 Os Cicônes , e a terra onde se esqueçam
 Os companheiros , em gostando o loto ;
 Deem-lhe perder nas aguas o piloto :

LXXXIX.

« Ventos soltos lhe finjam , e imaginem
 Dos odres , e Calypsos namoradas ;
 Harpyas , que o manjar lhe contaminem ;
 Descer ás sombras nuas ja passadas :
 Que por muito , e por muito que se afinem
 N' estas fabulas vâs , tam bem sonhadas ;
 A verdade , que eu conto nua e pura ,
 Vence toda grandiloqua escritura . »

XC.

Da bocca do facundo capitão
 Pendendo estavam todos embebidos ,
 Quando deu fim á longa narração
 Dos altos feitos grandes e subidos.
 Louva o rei o sublime coração
 Dos rēis em tantas guerras conhecidos :
 Da gente louva a antigua fortaleza ,
 A lealdade d'ântimo , e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo , que se admira ,
 O caso cadaqual que mais notou :
 Nenhum d' elles da gente os olhos tira ,
 Que tam longos caminhos rodeou.
 Mas ja o mancebo Délío as redeas vira ,
 Que o irmão de Lampécia mal guiou ,
 Por vir a descançar nos thetios braços ;
 E el-rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII.

Quam doce é o louvor , e a justa gloria
 Dos proprios feitos , quando são soados !
 Qualquer nobre trabalha , que em memoria
 Vença , ou iguale os grandes ja passados.
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem valerosas obras exercita ,
 Louvor alheio muito o esperta , e incita.

XCIII,

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles, Alejandro na peleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos ; isso so louva , isso deseja.
 Os tropheus de Milciades famosos
 Themistócles despertam so de inveja ;
 E diz , « que nada tanto o deleitava ,
 Como a voz , que seus feitos celebrava , »

XCIV,

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas navegações , que o mundo canta ,
 Não merecem tantampha gloria , e fama ,
 Como a sua , que o ceo , e a terra espanta ,
 Si ; mas aquelle heroe , que estima , e ama
 Com dões , mercês , favores , e honra tanta
 A lyra mantuana , faz que soe
 Eneas , e a romana gloria vœ.

XCV.

Dá a terra lusitana Scipiões ,
 Cesares , Alexandros , e dá Augustos ;
 Mas não lhe dá comtudo aquelles dões ,
 Cuja falta os faz duros e robustos :
 Octavio , entre as maiores oppressões ,
 Compunha versos doctos e venustos .
 Não dirá Fulvia certo que é mentira ,
 Quando a deixava Antonio por Glaphira .

XCVI.

Vai Cesar sujugando toda França,
 E as armas não lhe impêdem a sciencia;
 Mas n'uma mão a penna , e n'outra a lança ,
 Igualava de Cícero a eloquencia :
 O que de Scipião se sabe , e alcança ,
 É nas comedias grande experiencia ;
 Iria Alexandro a Homero de maneira ,
 Que sempre se lhe sabe á cabeceira,

XCVII.

Emfim não houve forte capitão ,
 Que não fosse tambem docto e sciente ,
 Da lácia , grega , ou barbara nação ,
 Senão da portugueza tamsomente.
 Sem vergonha o não digo , que a razão
 D'algum não ser per versos excellente ,
 É não se ver presado o verso , e rima ;
 Porque , quem não sabe a arte , não a estima .

XCVIII.

Por isso , e não por falta de natura ,
 Não ha tambem Virgilios , nem Homeros ;
 Nem haverá (se este costume dura)
 Pios Eneas , nem Achilles feros .
 Mas o peor de tudo é , que a ventura
 Tam asperos os fez , e tam austeros ,
 Tam rudos , e de ingenho tam remisso ,
 Que a muitos lhe dá pouco , ou nada d'isso .

XCIX.

A's Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da pátria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome, e fama
De toda illustre e bélica fadiga :
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Callíope não tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As télas de ouro fino, e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o lusitano feito
Seu louvor, é somente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito.
Porém não deixe emfim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito ;
Que per esta, ou per outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sa valia.

OS LUSIADAS.



CANTO SEXTO.

I.

Não sabia em que modo festejasse
O rei pagão os fortes navegantes,
Pera que as amizades alcançasse
Do rei christão , das gentes tam possantes :
Pêza-lhe que tam longe o aposentasse
Das europeas terras abundantes
A ventura, que não o fez vizinho
D' onde Hercules ao mar abriu caminho.

II.

Com jogos , danças , e outras alegrias ,
(A segundo a polícia melindana)
Com usadas e ledas pescarias ,
Com que a Lageia Antonio alegra , e engana ,
Este famoso rei , todos os dias ,
Festeja a companhia lusitana ,
Com banquetes , manjares desusados ,
Com frutas , aves , carnes , e pescados.

III.

Mas vendo o capitão , que se detinha
 Ja mais do que devia , e o fresco vento
 O convida que parta , e tome asinha
 Os pilotos da terra , e mantimento ;
 Não se quer mais deter , que ainda tinha
 Muito pera cortar do salso argento :
 Ja do pagão benigno se despede ,
 Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais , « que aquelle porto seja
 Sempre , com suas frotas , visitado ;
 Que nenhum outro bem maior deseja ,
 Que dar a taes Barões seu reino , e estado :
 E que em quanto seu corpo o esp'ritu reja ,
 Estará de contino apparelhado
 A pôr a vida , e reino totalmente
 Por tam bom rei , por tam sublime gente . »

V.

Outras palavras taes lhe respondia
 O capitão ; e logo as vélas dando ,
 Pera as terras da Aurora se partia ,
 Que tanto tempo ha ja que vai buscando .
 No piloto , que leva , não havia
 Falsidade ; mas antes vai mostrando
 A navegaçao certa : e assi caminha
 Ja mais seguro do que d'antes vinha .

VI.

As ondas navegavam do Oriente
 Ja nos mares da Índia , e enxergavam
 Os thálamos do sol , que nasce ardente ;
 Ja quasi seus desejos se acabavam :
 Mas o mau de Thyoneu , que na alma sente
 As venturas , que então se apparelhavam
 A' gente lusitana , d'ellas dina ,
 Arde , morre , blasphema , e desatina .

VII.

Via estar todo o ceo determinado
 De fazer de Lisboa nova Roma :
 Não o pode estorvar , que destinado
 Está d' outro podér , que tudo doma.
 Do Olympo desce emfim desesperado ;
 Novo remedio em terra busca , e toma ;
 Entra no humido reino , e vai-se á corte
 D' aquelle a quem o mar cahiu em sorte.

VIII.

No mais interno fundo das profundas
 Cavernas altas , onde o mar se esconde ,
 La d' onde as ondas saiem furibundas ,
 Quando ás iras do vento o mar responde ,
 Neptuno mora , e moram as jucundas
 Nereidas , e outros deuses do mar , onde
 As aguas campo deixam ás cidades ,
 Que habitam estas humidas deidades .

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
 As areias alli de prata fina ;
 Torres altas se vêem no campo aberto
 Da transparente massa crystallina :
 Quanto se chegam mais os olhos perto ,
 Tanto menos a vista determina
 Se é crystal o que ve , se diamante ,
 Que assi se mostra claro e radiante.

X.

As portas d' ouro fino , e marchetadas
 De rico aljosar, que nas conchas nace ,
 De escultura fermosa estão lavradas ,
 Na qual o irado Baccho a vista pace :
 E ve primeiro em cores variadas
 Do velho Chaos a tam confusa face :
 Vêem-se os quatro Elementos trasladados
 Em diversos officios occupados.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima ,
 Que em nenhuma materia se sustinha ;
 D'aqui as cousas vivas sempre anima ,
 Depois que Prometheu furtado o tinha.
 Logo apos elle leve se sublima
 O invisibil Ar, que mais asinha
 Tomou logar ; e nem por quente, ou frio ,
 Algun deixa no mundo estar vasio.

XII.

Estava a Terra em montes revestida
 De verdes hervas , e arvores floridas ,
 Dando pasto diverso , e dando vida
 A's alimarias n'ella produzidas.
 A clara fórmá alli stava esculpida
 Das Aguas entre a terra desparzidas ,
 De pescados creando varios modos .
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N' outra parte esculpida estava a guerra ,
 Que tiveram os deuses co'os gigantes :
 Está Typheu debaixo da alta serra
 De Ethna ; que as flammas lança crepitantes :
 Esculpido se ve ferindo a terra
 Neptuno , quando as gentes ignorantes ,
 D' elle o cavallo houveram , e a primeira
 De Minerva pacífica oliveira .

XIV.

Pouca tardança faz Lyeu irado
 Na vista d'estas cousas ; mas entrando
 Nos paços de Neptuno , que avisado
 Da vinda sua , o stava ja aguardando
 A's portas o recebe , acompanhado
 Das nymphas , que se estão maravilhando
 De ver , que commettendo tal caminho ,
 Entre no reino d'agua o rei do vinho :

XV.

« O' Neptuno (lhe disse) não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes;
 Porque tambem co' os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:
 Manda chamar os deuses do mar, antes
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
 Verão da desventura grandes modos:
 Ouçam todos o mal, que toca a todos. »

XVI.

Julgando ja Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os deuses da agua fria,
 Que o mar habitam d' uma e d' outra banda:
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do rei, e de Salacia veneranda;
 Era mancebo grande, negro e feio,
 Trombeta de seu pae, e seu correio.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
 Da cabeça nos hombros, todos eram
 Uns limos prenhes d'agua; e bem parecem
 Que nunca brando pentem conheceram:
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que alli se geram;
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Uma mui grande casca de lagosta.

xviii.

O corpo nu, e os membros genitais,
 Por não ter ao nadar impedimento;
 Mas porém de pequenos animais
 Do mar todos cobertos cento e cento:
 Camarões, e cangrejos, e outros mais,
 Que recebem de Phebe crescimento;
 Ostras, e breguigões de musgo sujos;
 A's costas, com a casca, os caramujos.

xix.

Na mão a grande concha retorcida,
 Que trazia, com força ja tocava:
 A voz grande canora foi ouvida
 Per todo o mar, que longe retumbava.
 Ja toda a companhia apercebida
 Dos deuses pera os paços caminhava
 Do deus, que fez os muros de Dardania,
 Destruídos despois da grega insanía.

xx.

Vinha o padre Oceano acompanhado
 Dos filhos, e das filhas, que gerara;
 Vem Nereu, que com Dóris foi casado,
 Que todo o mar de nymphas povoara:
 O propheta Proteu, deixando o gado
 Marítimo pascer pela agua amara,
 Alli veio também; mas ja sabia
 O que o padre Lyeu no mar queria.

XXI.

Vinha per outra parte a linda esposa
 De Neptuno , de Celo , e Vesta filha ,
 Grave e leda no gesto , e tam fermosa ,
 Que se amansava o mar de maravilha :
 Vestida uma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha ,
 Que o corpo crystallino deixa ver-se ;
 Que tanto bem não é pera esconder-se .

XXII.

Amphitrite , fermosa como as flores ,
 N'este caso não quiz que falecesse :
 O Delphim traz comsigo , que aos amores
 Do rei lhe aconselhou que obedecesse .
 Co' os olhos , que de tudo são senhores ,
 Qualquer parecerá que o sol vencesse :
 Ambas véem pela mão ; igual partido ,
 Pois ambas são esposas d' um marido .

XXIII.

Aquella , que das furias de Athamante
 Fugindo , veio a ter divino estado ,
 Comsigo traz o filho , bello ifante ,
 No numero dos deuses relatado .
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas , que o salgado
 Mar sempre cria ; e ás vezes pela area
 No collo o toma à bella Panopea .

XXIV.

E o deus, que foi n'um tempo corpo humano,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe, e d'este dano
 Lhe resultou deidade gloriosa;
 Inda vinha chorando o feo engano,
 Que Circe tinha usado co'a fermosa
 Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado;
 Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Ja finalmente todos assentados
 Na grande sala, nobre e divinal;
 As deusas em riquíssimos estrados,
 Os deuses em cadeiras de crystal;
 Foram todos do padre agasalhados,
 Que co'o Thebano tinha assento igual:
 De fumos enche a casa a rica massa,
 Que no mar nasce, e a Arábia em cheiro passa.

XXVI.

Estando socegado ja o tumulto
 Dos deuses, e de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneu de seus tormentos:
 Um pouco carregando-se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 So por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falla d'esta sorte:

XXVII.

« Principe , que de juro senhoreas
 D' um pólo a outro pólo o mar irado ;
 Tu , que as gentes da terra toda enfreas
 Que não passem o termo limitado :
 E tu , padre Oceano , que rodeas
 O mundo universal , e o tens cercado ,
 E com justo decreto assi permites
 Que dentro vivam so de seus limites :

XXVIII.

« E vós , deuses do mar , que não sofreis
 Injuria alguma em vosso reino grande ,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quemquer que per elle corra , e ande :
 Que descuido foi este em que viveis ?
 Quem pôde ser que tanto vos abrande
 Os peitos , com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos e atrevidos ?

XXIX.

« Vistes , que com grandissima ousadia ,
 Foram ja comitter o ceo supreimo ;
 Vistes aquella insana phantesia
 De tentarem o mar com véla , e remo :
 Vistes , e ainda vemos cada dia ,
 Suberbas , e insolencias taes , que temo
 Que do mar e do ceo em poucos anos
 Venham deuses a ser , e nós humanos .

XXX.

« Vêdes agora a fraca geraçāo ,
 Que d'um vassallo meu o nome toma ,
 Com suberbo e altivo coraçāo
 A vós , e a mi , e o mundo todo domia.
 Vêdes , o vosso mar cortando vāo ,
 Mais do que fez a gente alta de Roma :
 Vêdes , o vosso reino devassando ,
 Os vossos estatutos vāo quebrando.

XXXI.

« Eu vi que contra os Minyas , que primeiro
 No vosso reino este caminho abriram ,
 Bóreas injuriado , e o companheiro
 A'quilo , e os outros todos resistiram.
 Pois se do ajunctamento aventureiro
 Os ventos esta injúria assi sentiram ,
 Vós , a quem mais compete esta vingança ,
 Que esperais? Porque a pondes em tardança ?

XXXII.

« E não consinto , deuses , que cuideis
 Que por amor de vós do ceo descí ,
 Nem da magoa da injúria , que sofreis ,
 Mas da que se me faz tambem a mi ,
 Que aquellas grandes honras , que sabeis
 Que no mundo ganhei , quando venci
 As terras indianas do Oriente ,
 Todas vejo abatidas d' esta gente.

XXXIII.

« Que o gran' Senhor, e Fados , que destinam ,
 Como lhe bem parece , o baixo mundo ,
 Famias mores que nunca , determinam
 De dar a estes Barões no mar profundo.
 Aqui vereis , o' deuses , como ensinam
 O mal tambem a deuses , que a segundo
 Se ve , ninguem ja tem menos valia ,
 Que quem , com mais razão , valer devia.

XXXIV.

« E por isso do Olympo ja fugi ,
 Buscando algum remédio a meus pezares ,
 Por ver o preço , que no ceo perdi ,
 Se per dita acharei nos vossos mares . »
 Mais quiz dizer , e não passou d'aqui ,
 Porque as lagrymas ja correndo a pares
 Lhe saltaram dos olhos , com que logo
 Se accendem as deidades d' agua em fogo.

XXXV.

A ira , com que súbito alterado
 O coração dos deuses foi n' um ponto ,
 Não sofreu mais conselho bem cuidado ,
 Nem dilação , nem outro algum desconto .
 Ao grande Eolo mandam ja recado
 Da parte de Neptuno , que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes ;
 Que não haja no mar mais navegantes .

XXXVI.

Bem quizerá primeiro alli Proteu
Dizer n' este negocio o que sentia ;
E , segundo o que a todos pareceu ,
Era alguma profunda prophecia :
Porém tanto o tumulto se moveu
Subito na divina companhia ,
Que Tethys indignada lhe bradou :
« Neptuno sabe bem o que mandou . »

XXXVII.

Ja la o suberbo Hippótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos , que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava ;
Que os ventos , mais que nunca impetuoso ,
Começam novas forças a ir tomando ,
Torres , montes , e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso , a leda lassa frota
Com vento socegado , proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do eoo hemispherio está remota :
Os do quarto da prima se deitavam ;
Pera o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos véem do sonno , e mal despertos ,
 Bocejando a miude se encostavam
 Pelas antennas , todos mal cobertos
 Contra os agudos ares , que assopravam :
 Os olhos contra seu querer abertos ,
 Mas esfregando , os membros estiravam :
 Remedios contra o sonno buscar querem ;
 Historias contam ; casos mil referem .

XL.

« Com que melhor podemos (um dizia)
 Este tempo passar, que é tam pesado ,
 Senão com algum conto de alegria ,
 Com que nos deixe o sonino carregado ? »
 Responde Leonardo (que trazia
 Pensamentos de firme namorado)
 « Que contos poderemos ter melhores
 Pera passar o tempo , que de amores ? »

XLI.

« Não é (disse Velloso) cousa justa
 Tractar branduras em tanta aspereza ;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa ,
 Não sofre amores , neni delicadeza :
 Antes de guerra férvida e robusta ,
 A nossa historia seja ; pois dureza
 Nossa vida ha de ser (segundo intendo)
 Que o trabalho por vir m'o está dizendo . »

XLII.

Consentem n' isto todos , e encommendam
A Velloso , que conte isto que approva.

• Contarei (disse) sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa ou nova :
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova ,
Dos nascidos direi na nossa terra ;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XL.III.

• No tempo , que do reinº a redea leve
João , filho de Pedro , moderava ;
Despois que socegado , e livre o teve
Do visinho poder , que o molestava ;
La na grande Inglaterra , que da neve
Boreal sempre abunda , semeava
A fera Erinnys dura e má cizania ,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV.

• Entre as damas gentis da corte inglesa ,
E nobres cortezãos , acaso um dia
Se levantou discordia em ira accesa ,
Ou foi opinião , ou foi perfia.
Os cortezãos , a quem tam pouco pesa
Seltar palavras graves de ousadia ,
Dizem , • que provarão , que honras e famas
Em taes damas não ha , pera ser damas.

XLV.

« E que se houver alguem com lança, e espada,
 Que queira sustentar a parte sua ,
 Que elles em campo raso , ou estacada ,
 Lhe darão sea infâmia , ou morte crua . »
 A feminil fraqueza pouco usada ,
 Ou nunca , a opprobrios taes , vendo-se nua
 De forças naturaes convenientes ,
 Soccorro pede a amigos , e parentes.

XLVI.

« Mas como fossem grandes e possantes
 No reino os inimigos , não se atrevem
 Nem parentes , nem férvidos amantes ,
 A sustentar as damas , como devem.
 Com lagrymas fermosas , e bastantes
 A fazer que em socorro os deuses levem
 De todo o ceo , por rostos de alabastro ,
 Se vão todas ao duque de Alencastro. »

XLVII.

« Era este Inglez potente , e militara
 Co' os Portuguezes ja contra Castella ,
 Onde as forças magnâimas provara
 Dos companheiros , e benigna estrella :
 Não menos n' esta terra exp'rimentara
 Namorados affeitos , quando n' ella
 A filha viu , que tanto o peito doma
 Do forte rei , que por mulher a toma.

XLVIII.

« Este , que soccorrer-lhe não queria ,
 Por não causar discordias intestinas ,
 Lhe diz : « Quando o direito pretendia
 Do reino la das terras iberinas ,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia ,
 Tanto primor, e partes tam divinas ,
 Que elles sos poderiam (se não erro)
 Sustentar vossa parte a fogo , e ferro.

XLIX.

« E se , aggravadas damas , sois servidas ,
 Por vós lhe mandarei embaixadores ,
 Que per cartas discretas e polidas
 De vosso aggravo os façam sabedores .
 Tambem per vossa parte encarecidas
 Com palavras de afagos , e de amores
 Lhe sejam vossas lagrymas , que eu creio ,
 Que alli tereis soccorro , e forte esteio . »

L.

« D' est' arte as aconselha o duque experto ;
 E logo lhe nomêa doze fortes ;
 E porque cada dama um tenha certo ,
 Lhe manda que sôbre elles lancem sortes ;
 Que ellas so doze são : e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes ,
 Cadauma escreve ao seu per varios modos ,
 E todas a seu rei , e o duque a todos.

LI.

« Ja chega a Portugal o messageiro ;
 Toda a corte alvoroça a novidade :
 Quizera o rei sublime ser primeiro ,
 Mas não lh' o sofre a régia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser, com férvida vontade ;
 E so fica por bemaventurado
 Quem ja vem pelo duque nomeado.

LII.

« La na leal cidade , d' onde teve
 Origenç (como é fama) o nome eterno
 De Portugal , armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D' armas , e roupas de uso mais moderno ,
 De elmos , cimeiras , letras , e primores ,
 Cavalllos , e concertos de mil cores.

LIII.

« Ja do seu rei tomado teem licença
 Pera partir do Douro celebrado
 Aquelles , que escolhidos per sentença
 Foram do duque inglez exp'rimentado.
 Não ha na companhia diferença
 De cavalleiro destro ou esforçado ;
 Mas um so , que Magriço se dizia ,
 D' est' arte falla á forte companhia :

LIV.

« Fortissimos consocios , eu desejo
 Ha muito ja de andar terras estranhas ,
 Por ver mais aguas , que as do Douro , e Tejo ,
 Varias gentes , e leis , e varias manhas .
 Agora que apparelho certo vejo ,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero , se me deixais , ir so per terra ;
 Porque eu serai comvosco em Inglaterra .

L.V.

« E quando caso for , que eu impedido
 Per quein das cousas é ultima linha ,
 Não for comvosco ao prazo instituido ,
 Pouca falta vos faz a falta minha .
 Todos por mi fareis o que é devido ;
 Mas se a verdade o esp'ritu me adivinha ,
 Rios , montes , fortuna , ou sua inveja ,
 Não farão que eu comvosco la não seja . »

LVI.

« Assi diz ; e abraçados os amigos ,
 E tomada licença , emfim se parte :
 Passa Leão , Castella , vendo antigos
 Logares , que ganhara o patrio Marte ;
 Navarra , co'os altissimos perigos
 Do Pyreneo , que Hespanha , e Gallia parte :
 Vistas emfim de França as cousas grandes ,
 No grande empório foi parar de Frandes .

LVII.

« Alli chegado , ou fosse caso , ou manha ,
 Sem passar se deteve muitos dias ;
 Mas dos onze a illustrissima companha
 Cortam do mar do Norte as ondas frias.
 Chegados d' Inglaterra á costa estranha ,
 Pera Londres ja fazem todos vias :
 Do duque são com festa agasalhados ,
 E das damas servidos , e animados.

LVIII.

« Chega-se o prazo , e dia assinalado
 De entrar em campo ja co' os doze Inglezes ,
 Que pelo rei ja tinham segurado :
 Armam-se d' elmos , grevas , e de arnezes :
 Ja as damas teem por si fulgente e armado
 O Mavorte feroz dos Portuguezes :
 Vestem-se ellas de côres , e de sedas ,
 De ouro , e de joias mil , ricas e ledas.

LIX.

« Mas aquella , a quem fôra em sorte dado
 Magriço , que não vinha , com tristeza
 Se veste ; por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro n' esta empreza :
 Bemque os onze apregoam , « que acabado
 Será o negocio assi na corte ingleza ;
 Que as damas vencedoras se conheçam ,
 Posto que dous e tres dos seus falleçam . »

LX.

Ja n' um sublime e público theatro
 Se assenta o rei inglez com toda a corte :
 Estavam tres e tres , e quatro e quatro ,
 Bem como a cadaqual coubera em sorte.
 Não são vistos do sol , do Tejo ao Battro ,
 De força , esforço , e d' ânimo mais forte ,
 Outros doze sair como os Ingleses
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallos , escumando ,
 Os aureos freios com feroz sembrante :
 Estava o sol nas armas rutilando
 Como em crystal , ou rígido diamante.
 Mas enxerga-se n' um , e n' outro bando
 Partido desigual e dissonante ,
 Dos onze contra os doze : quando a gente
 Começa alvoroçar-se geralmente.

LXII.

Viram todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboliço :
 Eis entra um cavalleiro , que trazia
 Armas , cavallo , ao béllico serviço :
 Ao rei , e ás damas falla , e logo se ia
 Pera os onze , que este era o gran' Magriço ;
 Abraça os companheiros como amigos ,
 A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

« A dama , como ouviu que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome , e fama ,
 Se alegra , e veste alli do animal de Helle ,
 Que a gente bruta , mais que virtude , ama .
 Ja dão signal , e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos , que inflama :
 Picam d' esporas , largam redeas logo ,
 Abaixam lanças , fere a terra fogo .

LXIV.

« Dos cavallos o estrépito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme :
 O coração no peito , que estremece
 De quem os olha , se alvoroça , e teme :
 Qual do cavallo voa , que não dece ;
 Qual co' o cavallo em terra dando , geme ;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
 Qual co' os pennachos do elmo açouta as ancas .

LXV.

« Algum d' alli tomou perpetuo sono ,
 E fez da vida ao fim breve intervallo :
 Correndo algum cavallo vai sem dono ,
 E n' outra parte o dono sem cavallo .
 Cahe a suberba ingleza de seu throno ;
 Que dous , ou tres ja sórta vão do vallo :
 Os que de espada véem fazer batalha ,
 Mais acham ja que arnez , escudo , e malha .

LXVI.

« Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros , crudas estocadas ,
 E d'esses gastiadores , que sabemos
 Maus do tempo , com fábulas sonhadas .
 Basta por fim do caso , que intendemos
 Que com finezas altas e afamadas ,
 Co' os nossos fica a palma da victoria ,
 E as damas vencedoras , e com gloria .

LXVII.

« Recolhe o duque os doze vencedores
 Nos seus paços com festas e alegria :
 Cuzinheiros occupa , e caçadores
 Das damas a fermosa companhia ;
 Que querem dar a seus libertadores
 Banquetes mil cada hora , e cada dia ,
 Em quanto se deteem em Inglaterra ;
 Até tornar á doce e cara terra .

LXVIII.

« Mas dizem , que comtudo o gran' Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes ,
 La se deixou ficar , onde um serviço
 Notavel á condessa fez de Frandes :
 E , como quem não era ja noviço
 Em todo trance , onde tu Marte mandes ,
 Um Francez mata em campo , que o destino
 La teve de Torquato , e de Corvino .

LXIX.

« Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança , e teve um fero desafio
 C' um Germano enganoso , que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio . »
 Contando assi Velloso , ja a companha
 Lhe pede que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço , e vencimento ;
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas n' este passo assi promptos estando ,
 Eis o mestre , que olhando os ares anda ,
 O apito toca ; acordam despertando
 Os marinheiros d' uma e d' outra banda :
 E , porque o vento vinha refrescando ,
 Os traquetes das gáveas tomar manda :
 « Alerta (disse) estai , que o vento crece
 D' aquella nuvem negra , que apparece . »

LXXI.

Não eram os traquetes bem tomados ,
 Quando dá a grande e súbita procella :
 « Amaina (disse o mestre a grandes brados)
 Amaina (disse) amaina a grande vella. »
 Não esperam os ventos indignados
 Que amainassem ; mas junctos dando n'ella ,
 Em pedaços a fazem , c' um ruido
 Que o mundo pareceu ser destruido.

LXXII.

O ceo fere com gritos n'isto a gente,
 Com subito temor, e desacordo ;
 Que no romper da véla , a nau pendente
 Toma gran' somma d'agua pelo bordo.
 « Alija (disse o mestre rijamente)
 Alija tudo ao mar, não falte acordo ;
 Vão outros dar á bomba , não cessando :
 A' bomba , que nos imos alagando. »

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba ; e tanto que chegaram
 Os balanços , que os mares temerosos
 Deram á nau , n'um bordo os derribaram.
 Tres marinheiros duros e forçosos
 A manear o leme não bastaram ;
 Talhas lhe punham d'uma e d'outra parte ,
 Sẽ aproveitar dos homens força , e arte.

LXXIV.

Os ventos eram taes , que não poderam
 Mostrar mais força d' impetu cruel ,
 Se pera derribar então vieram
 A fortissima torre de Babel.
 Nos altissimos mares , que creceram ,
 A pequena grandura d'um batel
 Mostra a possante nau , que move espanto ,
 Vendo que se sustem nas ondas tanto.

LXXV.

A nau grande , em que vai Paulo da Gama ,
 Quebrado leva o masto pelo meio ,
 Quasi toda alagada : a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veio.
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a nau de Coelho , com receio ;
 Com quanto teve o mestre tanto tento ,
 Que primeiro amainou , que dêsse o vento .

LXXVI.

Agora sôbre as nuvens os subiam
 As ondas de Neptuno furibundo ;
 Agora a ver parece que desciam
 As íntimas entranhas do profundo .
 Noto , Austro , Bóreas , A'quilo queriam
 Arruínar a máquina do mundo :
 A noite negra e fea se allumia
 Co'os raios , em que o pólo todo ardia .

LXXVII.

As halcyoneas aves triste canto
 Juncto da costa brava levantaram ,
 Lembrando-se de seu passado pranto ,
 Que as furiosas aguas lhe causaram .
 Os delphins namorados entretanto
 La nas covas marítimas entraram ,
 Fugindo á tempestade , e ventos duros ,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros .

LXXXVIII.

Nunca tam vivos raios fabricou
Contra a fera suberba dos gigantes
O gran' ferreiro sórdido , que obrou
Do enteado as armas radiantes :
Nem tanto o gran' Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No gran' diluvio , d' onde sos viveram
Os dous , que em gente as pedras converteram.

LXXXIX.

Quantos montes então que derribaram
As ondas , que batiam denodadas !
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas !
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca pera o ceo fossem viradas ;
Nem as fundas areias que podessem
Tanto os mares , que em cima as revolvessem.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tao perto
Do fim de seu desejo se perdia ;
Vendo ora o mar até o inferno aberto ,
Ora com nova furia ao ceo subia :
Confuso de temor , da vida incerto ,
Onde nenhum remédio lhe valia ,
Chama aquelle remédio sancto e forte ,
Que o impossibil pode , d' esta sorte :

LXXXI.

« Divina Guarda , angélica , celeste ,
 Que os ceos , o mar , e a terra senhoreas ;
 Tu , que a todo Israel refugio deste
 Per metade das aguas erythreas :
 Tu , que livraste Paulo , e o defendeste
 Das syrtes arenosas , e ondas feas ;
 E guardaste co' os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII.

« Se tenho novos mēdos perigosos
 D' outra Scylla , e Charybdis ja passados ,
 Outras syrtes , e baixos arenosos ,
 Outros Acroceraunios infamados ;
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Porque somos de ti desamparados ,
 Se este nosso trabalho não te offendc ,
 Mas antes teu serviço so pretende ?

LXXXIII.

« Oh ditosos aquellos que poderam
 Entre as agudas lanças africanas
 Morrer , em quanto fortes sustiveram
 A sancta fe , nas terras mauritanas :
 De quem feitos illustres se souberam ,
 De quem ficam memórias soberanas ,
 De quem se ganha a vida com perdella ,
 Doce fazendo a morte as honras d' ella ! »

LXXXIV.

Assi dizendo , os ventos que lutavam
 Como touros indómitos bramando ,
 Mais e mais a tormenta accrescentavam ,
 Pela miuda enxarcia assoviando :
 Relampagos medonhos não cessavam ,
 Feros trovões , que vêem representando
 Cahir o ceo dos eixos sôbre a terra ,
 Comsigo os elementos terení guerra.

LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella scintillav
 Diante do sol claro no horizonte ,
 Messageira do dia , e visitava
 A terra , e o largo mar , com leda fronte.
 A deusa , que nos ceos a governava ,
 De quem foge o ensífero Orionte ,
 Tanto que o mar , e a cara armada vira ,
 Tocada juncto foi de mèdo , e de ira.

LXXXVI.

« Estas obras de Baccho sâo por certo ,
 (Disse) mas não será que avante leve
 Tam daminada tençao ; que descoberto
 Me será sempre o mal , a que se atreve : »
 Isto dizendo , desce ao mar aberto ,
 No caminho gastando espaço breve ,
 Em quanto manda ás nymphias amorosas
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias cores
 Sôbre cabellos louros á persia.
 Quem não dirá , que nascem roxas flores
 Sôbre ouro natural, que amor enfia ?
 Abrandar determina per amores
 Dos ventos a nojosa companhia ,
 Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas ,
 Que mais fermosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi ; porque tanto que chegaram
 A' vista d' ellas , logo lhe fallecem
 As forças , com que d' antes pelejaram ;
 E ja como rendidos lhe obedecem.
 Os pés , e mãos parece que lhe ataram
 Os cabellos , que os raios escurecem.
 A Bóreas , que do peito mais queria ,
 Assi disse a bellissima Orithia :

LXXXIX.

• Não creias , fero Bóreas , que te creio
 Que me tiveste nunca amor constante ;
 Que brandura é de amor mais certo arreio ,
 E não convem furor a firme amante :
 Se ja não pões a tanta insanía freio ,
 Não esperes de mi d' aqui em diante ,
 Que possa mais amar-te , mas temerte ;
 Que amor comtigo em medo se converte . •

XC.

Assi mesmo a fermosa Galatea
 Dizia ao fero Noto ; « que bem sabe
 Que dias ha , que em vél-a se recrea ,
 E bem crè que com elle tudo acabe . »
 Não sabe o bravo tanto bem se o crea ;
 Que o coração no peito lhe não cabe :
 De contente de ver que a dama o manda ,
 Pouco cuida que faz , se logo abranda .

XCI.

D'esta maneira as outras amansavam
 Subitamente os outros ámuadores ;
 E logo á linda Venus se entregavam ,
 Amansasadas as iras , e os furores.
 Ella lhe prometteu , vendo que amavam ,
 Sempiterno favor em seus amores ,
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
 De lhe serem leaes esta viagem.

XCII.

Ja a manhã clara dava nos outeiros ,
 Per onde o Ganges murmurando soa ,
 Quando da celsa gávea os marinheiros
 Enxergaram terra alta pela proa .
 Ja fóra de tormenta , e dos primeiros
 Mares , o temor vão do peito voa ;
 Disse alegre o piloto melindano :
 « Terra é de Calecut , se não me engano .

XCIII.

« Esta é por certo a terra , que buscais
 Da verdadeira India , que apparece ;
 E , se do mundo mais não desejais ,
 Vosso trabalho longo aqui fenece . »
 Sofrer aqui não pôde o Gama mais
 De ledo em ver que a terra se conhece ;
 Os giolhos no chão , as mãos ao ceo ,
 A mercé grande a Deus agradeceo.

XCIV.

As graças a Deus dava , e razão tinha ,
 Que não somente a terra lhe mostrava ,
 Que com tanto temor buscando vinha ,
 Por quem tanto trabalho exp'rimentava ;
 Mas via-se livrado tam asinha
 Da morte , que no mar lhe apparelhava
 O vento duro , férido e medonho ;
 Como quem despertou de horrendo sonho.

XCV.

Per meio d' estes hórridos perigos ,
 D' estes trabalhos graves , e temores ,
 Alcançam , os que são de fama amigos ,
 As honras immortaes , e graus maiores :
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores ;
 Não nos leitos dourados entre os finos
 Animaes de Moscóvia zebellinos :

XCVI.

Não co' os manjares novos e exquisitos ,
 Não co' os passeios molles e ociosos ,
 Não co' os varios deleites e infinitos ,
 Que afeminam os peitos generosos ;
 Não co' os nunca vencidos appetitos ,
 Que a fortuna tem sempre tam mimosos ,
 Que não sofre a nenhum , que o passo mude
 Pera alguma obra heroica de virtude :

XCVII.

Mas com buscar co' o seu forçoso braço ·
 As honras , que elle chame proprias suas ;
 Vigiando , e vestindo o forjado uço ,
 Sofrendo tempestades , e ondas cruas ;
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul , e regiões de abrigo nuas ;
 Engulindo o corrupto mantimento ,
 Temperado c' um árduo sofrimento :

XCVIII.

E com forçar o rosto , que se enfia ,
 A parecer seguro , ledo , intiero
 Pera o pelouro ardente , que assovia ,
 E leva a perna ou braço ao companheiro .
 D' est'arte o peito um callo honroso cria ,
 Desprezador das honras , e dinheiro ;
 Das honras , e dinheiro , que a ventura
 Forjou , e não virtude justa e dura .

XCIX.

D'est' arte se esclarece o intendimento ,
Que experiencias fazem repousado ;
E fica vendo , como de alto assento ,
O baixo trasto humano embaraçado :
Este , onde tiver força o regimento
Direito , e não de affeitos ocupado ,
Subirá (como deve) a illustre mando ,
Contra vontade sua , e não rogando .

OS LUSIADAS.



CANTO SEPTIMO.

I.

Ja se viam chegados juncto á terra,
Que desejada ja de tantos fora ,
Que entre as correntes índicas se encerra ,
E o Ganges , que no ceo terreno mora.
Ora sus ! gente forte , que na guerra
Quereis levar a palma vencedora ,
Ja sois chegados , ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II.

A vós , o' geração de Luso (digo)
Que tam pequena parte sois no mundo ;
Não digo inda no mundo , mas no amigo
Curral , de quem governa o ceo rotundo :
Vós , a quem não somente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo ;
Mas nem cubiça , ou pouca obediencia
Da Madre , que nos ceos stá em essencia :

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
 Que o fraco poder vosso não pesais;
 Vós, que á custa de vossas varias mortes
 A lei da vida eterna dilatais:
 Assi do ceo deitadas são as sortes,
 Que vós, por muito poucos que sejais,
 Muito façais na sancta christandade:
 Que tanto, o' Christo, exaltas a humildade!

IV.

Vêdel-os Alemães, suberbo gado,
 Que per tam largos campos se apascenta
 Do successor de Pedro, rebellado,
 Novo pastor, e nova seita inventa:
 Vêdel-o em feas guerras occupado,
 (Que inda co' o cego error se não contenta!)
 Não contra o suberbissimo Othomano,
 Mas por sair do jugo soberano.

V.

Vêdel-o duro Inglez, que se nomea
 Rei da velha e sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem viu honra tam longe da verdade!)
 Entre as boreaes neves se recrea;
 Nova maneira faz de christandade:
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra, que era sua.

VI.

Guarda-lhe por emtanto um falso rei
 A cidade Hierosólyma terreste ;
 Em quanto elle não guarda a sancta lei
 Da cidade Hierosólyma celeste.
 Pois de ti , Gallo indino , que direi ?
 Que o nome Christianissimo quizeste ,
 Não pera defendel-o , nem guardal-o ;
 Mas pera ser contra elle , e deribal-o !

VII.

Achas que tens direito em senhorios
 De christãos , sendo o teu tam largo e tanto ;
 E não contra o Cinypho , e Nilo , rios
 Inimigos do antiquo nome santo ?
 Alli se hão de provar da espada os fios
 Em quem quer reprovar da igreja o canto .
 De Carlos , de Luis , o nome e a terra
 Herdaste , e as causas não da justa guerra ?

VIII.

Pois que direi d'aquelles , que em delicias ,
 Que o vil ocio no mundo traz comsigo ,
 Gastam as vidas , logram as divicias ,
 Esquecidos de seu valor antigo ?
 Nascem da tyrannia inimicicias ,
 Que o povo forte tem , de si imigo :
 Comtigo , Italia , fallo , ja sumersa
 Em vicios mil , e de ti mesma adversa .

IX.

O' miseros christãos ! pela ventura ,
 Sois os dentes de Cádro desparzidos ,
 Que uns aos outros se dão a morte dura ,
 Sendo todos de um ventre produzidos ?
 Não vêdes a divina sepultura
 Possuída de cães , que sempre unidos
 Vos véem tomar a vossa antigua terra ,
 Fazendo-se famosos pela guerra ?

X.

Vêdes que teem por uso , e por decreto ,
 (Do qual são tam inteiros observantes)
 Ajunctarem o exército inquieto
 Contra os povos , que são de Christo amantes :
 Entre vós nunca deixa a fera Aleto
 De semear cizâncias repugnantes :
 Olhai se estais seguros de perigos ,
 Que elles e vós sois vosso inimigos .

XI.

Se cubica de grandes senhorios
 Vos faz ir conquistar terras alheias ,
 Não vêdes que Pactólo , e Hermo rios ,
 Ambos volvem auríferas areias ?
 Em Lydia , Assyria , lavram de ouro os fios ;
 Africa esconde em si luzentes veias :
 Mova-vos ja sequer riqueza tanta ,
 Pois mover-vos não pode a Casa-santa .

XII.

Aquellas invenções feras e novas
 De instrumentos mortaes da artilheria ,
 Ja devem de fazer as duras provas
 Nos muros de Byzâncio , e de Turquia.
 Fazei que torne la ás sylvestres covas
 Dos Cáspios montes , e da Scythia fria
 A turca geração , que multiplica
 Na policia da vessa Europa rica.

XIII.

Gregos , Thraces , Arménios , Georgiatios ,
 Bradando-vos estão , «que o povo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceitos do Alcorão : » (duro tributo !)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriai de peito forte e astuto ;
 E não queirais louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV.

Mas emtanto que cegos e sedentos
 Andais de vosso sangue , o' gente insana !
 Não faltarão christãos atrevimentos
 N' esta pequena casa lusitana :
 De Africa tem marítimos assentos ;
 É na Asia , mais que todas , soberana ;
 Na quarta parte nova os campos ara ;
 E , se mais mundo houvera , la chegara.

XV.

E vejâmos em tanto que acontece
 A'quelles tam famosos navegantes,
 Despois que a branda Venus enfraquece
 O furor vāo dos ventos repugnantes;
 Despois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas perfias tam constantes,
 Onde véem semear de Christo a lei,
 E dar novo costume, e novo rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram
 Leves embarcações de pescadores
 Acharam, que o caminho lhe mostraram
 De Calecut, onde eram moradores.
 Pera la logo as proas se inclinaram;
 Porque esta era a cidade das melhores
 Do Malabar melhor, onde vivia
 O rei, que a terra toda possuia.

XVII.

Alem do Indo jaz, e á quem do Gange
 Um terreno mui grande e assás famoso,
 Que pela parte austral o mar abrange,
 E pera o Norte o Emódio cavernoso.
 Jugo de rēis diversos o constrange
 A varias leis: alguns o vicioso
 Mafoma, alguns os ídolos adoram,
 Alguns os animaes, que entre elles moram.

xviii.

La bem no grande monte , que cortando
 Tam larga terra , toda Asia discorre ,
 Que nomes tam diversos vai tomando ,
 Segundo as regiões per onde corre ;
 As fontes saiem , d'onde véem manando
 Os rios , cuja gran' corrente morre
 No mar índico , e cercam todo o peso
 Do terreno , fazendo-o Chersoneso.

xix.

Entre um e outro rio , em grande espaço ,
 Sai da larga terra uma longa ponta
 Quasi pyramidal , que no regaço
 Do mar , com Ceilão ínsula confronta :
 E juncto d'onde nasce o largo braço
 Gangético , o rumor antiquo conta ,
 Que os visinhos , da terra moradores ,
 Do cheiro se manteem das finas flores.

xx.

Mas agora de nomes , e de usança
 Novos e varios são os habitantes ;
 Os Delijs , os Patânes , que em possança
 De terra , e gente , são mais abundantes :
 Decanís , Oriás , que a esperança
 Teem de sua salvação nas resonantes
 Aguas do Gange ; e a terra de Bengala ,
 Fertil de sorte , que outra não lhe iguala .

XXXI.

O rei^o de Cambáia belicoso :
 (Dizem que foi de Póro , rei potente)
 O reino de Narsinga , poderoso
 Mais de ouro e pedras , que de forte gente :
 Aqui se enxerga la do mar undoso
 Um monte alto , que corre longamente ,
 Servindo ao Malabar de forte muro ,
 Com que do Capará vive seguro .

XXXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate ;
 Do pe do qual pequena cantidade
 Se estende ũa fralda estreita , que combate
 Do mar a natural ferocidade :
 Aqui de outras cidades , sem debate ,
 Calecut tem a illustre dignidade
 De cabeça de império rica e bella :
 Samorim se intitula o senhor d'ella .

XXXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio ,
 Um Portuguez mandado logo parte
 A fazer sabedor o rei gentio
 Da vinda sua a tam remota parte .
 Entrando o messageiro pelo rio ,
 Que alli nas ondas entra , a não vista arte ,
 A cõr , o gesto estranho , e trajo novo ,
 Fez concorrer a vél-o todo o povo .

XXIV.

Entre a gente , que a vel-o concarria ,
 Se chega um Mahometá , que nascido
 Fôra na região de Barbaria ,
 La onde fôra Antheo abedecido :
 Ou pela visinhança ja teria
 O reino lusitano conhecido ,
 Ou foi ja assignalado de seu ferro :
 Fortuna o trouxe a tam longo desterro .

XXV.

Em vendo o messageiro , com jucondo
 Rosto (como quem sabe a lingua hispana)
 Lhe disse : « Quem te trouxe a est' outro mundo ,
 Tam longe da tua patria lusitana ? »
 « Abrindo (lhe responde) o mar profundo ,
 Per onde nunca veio gente humana ,
 Vimos buscar do Indo a gran' corrente ,
 Per onde a lei divina se accrescente . »

XXVI.

Espantado ficou da gran' viagem
 O Mouro , que Monçaide se chamava ,
 Ouvindo as oppressões , que na passagem
 Do mar , o Lusitano lhe contava .
 Mas vendo emfim , que a força da messagem
 So pera o rei da terra relevava ,
 Lhe diz , « que estava fora da cidade ;
 Mas de caminho pouca cantidade .

XXVII.

« E que, emtanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa repousasse,
 E do manjar da terra comeria:
 E, despois que se um pouco recreasse,
 Com elle pera a armada tornaria;
 Que alegria não pode ser tammanha,
 Que achar gente visinha em terra estranha. »

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece;
 Como se longa fôra ja a amizade,
 Com elle come, e bebe, e lhe obedece:
 Ambos se tornam logo da cidade
 Pera a frota, que o Mouro bem conhece;
 Sobem á capitaina; e toda a gente
 Monçaide recebeu benignamente.

XXIX.

O capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella;
 Juncto de si o assenta, e prompto e quedo,
 Pela terra pergunta, e cousas d' ella.
 Qual se ajunctava em Rhódope o arvoredo,
 So por ouvir o amante da donzella
 Eurydíce, tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajuncta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa : « O' gente , que a natura
 Visinha fez de meu paterno ninho ,
 Que destino tam grande , ou que ventura ,
 Vos trouxe a commetterdes tal caminho ?
 Não é sem causa , não , occulta e escura ,
 Vir do longínquo Tejo , e ignoto Minho ,
 Per mares nunca d' outro lenho arados ,
 A reinos tam remotos e apartados .

XXXI.

• Deus por certo vos traz ; porque pretende
 Algum serviço seu , per vós obrado :
 Por isso so vos guia , e vos defende
 Dos imigos , do mar , do vento irado .
 Sabei , que estais na India , onde se estende
 Diverso povo , rico e prosperado
 De ouro luzente , e fina pedraria ,
 Cheiro suave , ardente especiaria .

XXXII.

• Esta provincia , cujo porto agora
 Tomado tendes , Malabar se chama :
 Do culto antiguo os ídolos adora ,
 Que ca per estas partes se derrama :
 De diversos rēis é , mas d' um so fora
 N' outro tempo , segundo a antigua fama :
 Saramá Perimal foi derradeiro
 Rei , que este reino teve unido e inteiro .

XXXIII.

• Porém como a esta terra então viessem
 De la do seio arábico , outras gentes ,
 Que o culto mahomético trouxessem ,
 (No qual me instituíram meus parentes)
 Sucedeu , que prégando convertessem
 O Perimal , de sabias e eloquentes ;
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto ,
 Que presuppoz de n' ella morrer santo.

XXXIV.

• Naus arma , e n' ellas mette curioso
 Mercadoria , que offereça , rica ,
 Pera ir n' ellas a ser religioso
 Onde o propheta jaz , que a lei publica :
 Antes que parta , o reino poderoso
 Co' os seus reparte ; porque não lhe fica
 Herdeiro proprio : faz os mais aceitos
 Ricos de pobres , livres de sujeitos.

XXXV.

• A um Cochim , e a outro Cananor ,
 A qual Chalé , a qual a ilha da Pimenta ,
 A qual Coulão , a qual dá Cranganor ,
 E os mais , a quem o mais serve e contenta .
 Um so moço , a quem tinha muito amor ,
 Despois que tudo deu , se lhe apresenta :
 Pera este Calecut somente fica ,
 Cidade ja per tracto nobre e rica .

XXXVI.

« Esta lhe dá co' o título excellente
 De imperador, que sobre os outros mande.
 Isto feito, se parte diligente
 Pera onde em sancta vida acabe, e ande.
 E d' aqui fica o nome de potente
 Samorim, mais que todos dino e grande,
 Ao moço, e descendentes; d'onde vem
 Este, que agora o imperio manda, e tem.

XXXVII.

« A lei da gente toda, rica e pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andam nus, e somente um panno cobre
 As partes, que a cobrir natura ensina:
 Dous modos ha de gente; porque a nobre
 Naires chamados são; e a menos dina
 Poleás tem per nome, a quem obriga
 A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

« Porque os que usaram sempre um mesmo officio
 D' outro não podem receber consorte;
 Nem os filhos terão outro exercicio,
 Senão o de seus passados, até morte.
 Pera os Naires é certo grande vício
 D'estes serem tocados; de tal sorte,
 Que quando algum se toca, per ventura,
 Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

XXXIX.

« D' esta sorte o judaico povo antigo
 Não tocava na gente de Samária :
 Mais estranhezas inda das que digo
 N' esta terra vereis de usança varia :
 Os Naires sos são dados ao perigo
 Das armas ; sos defendem da contrária
 Banda o seu rei, trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga , e na direita a espada.

XL.

« Brahmenes são os seus religiosos ,
 (Nome antiguo e de grande preeminencia)
 Observam os preceitos tam famosos
 D' um , que primeiro poz nome á sciencia :
 Não matam cousa viva , e temerosos ,
 Das carnes teem grandissima abstinencia :
 Somente no venéreo ajunctamento
 Teem mais licença , e menos regimento.

XLI.

« Geraes são as mulheres ; mas somente
 Pera os da geração de seus maridos :
 Ditosa condição , ditosa gente
 Que não são de ciúmes offendidos !
 Estes , e outros costumes variamente
 São pelos Malabares admittidos :
 A terra é grossa em tracto , em tudo aquilo ,
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo .»

XLII.

Assi contava o Mouro : mas vagando
 Andava a fama ja pela cidade
 Da vinda d' esta gente estranha , quando
 O rei saber mandava da verdade.
 Ja vinham pelas ruas caminhando ,
 Rodeados de todo sexo , e idade ,
 Os principaes , que o rei buscar mandara
 O capitão da armada , que chegara.

XLIII.

Mas elle , que do rei ja tem licença
 Pera desembarcar , acompanhado
 Dos nobres Portuguezes , sem detença
 Parte , de ricos pannos adornado.
 Das côres a fermosa differença
 A vista alegra ao povo alvoroçado :
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar , despois o fresco rio.

XLIV.

Na praia um regedor do reino estava ,
 Que na sua lingua Catual se chama ,
 Rodeado de Naires , que esperava
 Com desusada festa o nobre Gama :
 Ja na terra nos braços o levava ,
 E n' um portatil leito ña rica cama
 Lhe offerece , em que va (costume usado)
 Que nos hombros dos homens é levado.

xlv.

D'est' arte o Malabar, d'est' arte o Luso
 Caminham la pera onde o rei o espera :
 Os outros Portuguezes vao ao uso
 Que infanteria segtie , esquadra fera:
 O povo, que cbncorre , vai cotifuso
 De ver a gente estranha ; e bem quizera
 Perguhitar ; mas nõ tempo ja passado ;
 Na torre de Babel lhie foi vedado.

xlvi.

O Gama , é o Catuol lhie fallado
 Nas cousas ; que lhie o tempo differecia ;
 Moncalde ent' elles vai interpretado
 As palavras ; que de ambos intetido.
 Assi pela cidade caminhado ;
 Onde uma rica fábrica se erguid
 De um sumtuoso templo ; ja chegavam ,
 Pelas portas do qual juntos entravam.

xlvii.

Alli estao das deidades as figuras
 Esculpidas em pau , e em pedra fria ;
 Varios de gestos , varios de pinturas ,
 A segundo o demônio lhe flngia :
 Vêem-se as abominaveis esculturas ,
 Qual a Chimera em membros se varia :
 Os christãos olhos , a ver Deus usados
 Em forma humana , estao maravilhados.

XLVIII.

Um na cabeça cornos escilpidos,
 Qual Jupiter Hammoh etia Libya, estava;
 Outro n'um corpo rôstos tinhâ unidos,
 Bem como o antiguo Jânó se pintava;
 Outro com muitos braços divididos,
 A Briareu parece que imitava;
 Outro fronte cahita teth de fôra,
 Qual Anúbis metáfítico se adora.

XLIX.

Aqui feita do barbaço gentio
 A supersticiosa adoraçâo,
 Direitos vâo, sem outrô algum desvio,
 Pera onde estava o rei do povo vâo:
 Engrossando-se vâi da gente o fio,
 Co' os que vêem ver o estranho capitão:
 Estão pelos telhados; e janelas
 Velhos e moçós, donas e donzellas.

L.

Ja chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoríferos, fermosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumtuosos:
 Edificam-se os nobres seus assentos
 Per entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os reis d'aquellea gente,
 No campo, e na cidade jurictamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a sutileza
 Se enxerga da dedalea faculdade ,
 Em figuras mostrando per nobreza ,
 Da India a mais remota antiguidade :
 Afiguradas vao com tal viveza
 As historias d' aquella antigua idade ,
 Que , quem d' ellas tiver noticia inteira ,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava um grande exército , que pisa
 A terra oriental , que o Hydaspe lava ;
 Rege-o um capitão de fronte lisa ,
 Que com frondentes thyrso斯 pelejava :
 Per elle edificada estava Nisa
 Nas ribeiras do rio , que manava ;
 Tam proprio , que se alli stiver Semele ,
 Dirá por certo , que é seu filho aquele.

LIII.

Mais avante bebendo sécca o rio
 Mui grande multidão da assyria gente ,
 Sujeita a femenino senhorio
 De uma tam bella , como incontinente :
 Alli tem juncto ao lado nunca frio ,
 Esculpido o feroz ginete ardente ,
 Com quem teria o filho competencia :
 Amor nefando , bruta incontinencia !

LIV.

D'aqui mais apartadas tremolavam
 As bandeiras de Grecia gloriosas ,
 Terceira monarchia , e sujugavam
 Até as aguas gangéticas undosas :
 D' um capitão mancebo se guiavam ,
 De palmas rodeado valerosas ;
 Que ja não de Philippo , mas sem falta ,
 De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias ,
 (Dizia o Catual ao capitão)
 « Tempo cedo virá , que outras victorias ,
 Estas , que agora olhais , abaterão :
 Aqui se escreverão novas historias
 Per gentes estrangeiras , que virão ;
 Que os nossos sabios magos o alcançaram ,
 Quando o tempo futuro especularam . »

LVI.

E diz-lhe mais a mágica sciencia ,
 « Que pera se evitar força tammanha ,
 Não valerá dos homens resistencia ,
 Que contra o ceo não val da gente manha : .
 Mas tambem diz , « que a béllica excellencia
 Nas armas , e na paz , da gente estranha
 Será tal , que será no mundo ouvido
 O vencedor , por glória do vencido . »

LVI.

Assi fallando , entravam ja na sala ,
 Onde aquelle potente imperador
 N'uma camilha jaz , que não se iguala
 De outra alguma no preço , e no lavor :
 No recostado gesto se assinala
 Um venerando e próspero senhor :
 Um panno de ouro cinge , e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça .

LVII.

Bem juncto d'elle um velho reverente ,
 Co'os giolhos no chão , de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herva ardente ,
 Que a seu costume , estava rumiando .
 Um Brahmene , pessoa preeminente ,
 Pera o Gama veiu com passo brando ,
 Pera que ao grande priçipe o presente ,
 Que diante lhe açena que se assente .

LIX.

Sentado o Gama juncto ao rico leito ,
 Os seus mais afastados , prompto em vista
 Estava o Samorim no trajo , e geito
 Da gente , nunça de antes d'elle vista :
 Lançando a grave voz do sábio peito ,
 (Que grande auctoridade logo aquista
 Na opinião do rei , e polo todo)
 O capitão lhe falla d'este modo :

LX.

• Um grande rei de la das partes , onde
 O ceo volubil , com perpetua roda ,
 Da terra a luz solar co' a terra esconde ,
 Tingindo a que deixou de escura noda ;
 Ouvindo do rumor, que la responde
 O ecco , como em ti da India toda
 O principado está , e a magestade ,
 Vínculo quer comtigo de amizade .

LXI.

• E per longos rodejos a ti manda ,
 Por te fazer saber que tudo aquilo
 Que sobre o mar , que sobre as terras anda
 De riquezas , de la do Tejo aq Nilo ;
 E desde a fria plaga de Zelanda ,
 Até bem d' onde o sol não muda o estilo
 Nos dias , sobre a gente de Ethiopia ,
 Tudo tem no seu reino em grande copia .

LXII.

• E se queres com pactos , e lianças
 De paz , e de amizade sacra e nua ,
 Comïngocio consentir das abondanças
 Das fazendas da terra sua , e tua ;
 Porque cresçam as rendas , e abastanças ,
 (Por quem a gente mais trabalha , e sua)
 De vossos reinos ; será certamente
 De ti proveito , e d' elle gloria ingente .

LXIII.

« E , sendo assi que o nó d' esta amizade
 Entre vós firmemente permaneça ,
 Estará prompto a toda adversidade ,
 Que per guerra a teu reino se offereça ,
 Com gente , armas , e naus , de calidade
 Que por irmão te tenha , e te conheça :
 E da vontade em ti sobre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta . »

LXIV.

Tal embaixada dava o capitão ,
 A quem o rei gentio respondia ,
 « Que em ver embaixadores de nação
 Tam remota , gran' gloria recebia :
 Mas n' este caso a última tençao
 Com os de seu conselho tomaria ,
 Informando-se certo de quem era
 O rei , e a gente , e terra , que dissera.

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
 Passado ir repousar ; e em tempo breve
 Daria a seu despacho um justo talho ,
 Com que a seu rei resposta alegre leve .. »
 Ja n'isto punha a noite o usado atalho
 A's humanas canseiras ; porque ceve
 De doce sonno os membros trabalhados ,
 Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram juntamente
 O Gama e Portuguezes no aposento
 Do nobre regedor da índica gente ,
 Com festas , e geral contentamento.
 O Catual , no cargo diligente
 De seu rei , tinha ja per regimento
 Saber da gente estranha d'onde vinha ,
 Que costumes , que lei , que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do fermoso
 Mancebo Delio viu , que a luz renova ,
 Manda chamar Monçaide , desejoso
 De poder-se informar da gente nova .
 Ja lhe pergunta prompto e curioso ,
 « Se tem noticia inteira , e certa prova
 Dos estranhos quem são , que ouvido tinha
 Que é gente de sua patria mui visinha .

LXVIII.

« Que particularmente alli lhe desse
 Informação mui larga , pois faria
 N' isso serviço ao rei , porque soubesse
 O que n' este negocio se faria . »
 Monçaide torna : « Posto que eu quizesse
 Dizer-te d' isto mais , não saberia ;
 Somente sei , que é gente la de Hespanha ,
 Onde o meu ninho , e o sol no mar se bânhia .

LIX.

« Teem a lei d' um propheta , que gerado
 Foi sem fazer na carne detriamento
 Da mãe; tal que por hão stá approvado
 Do Deus , quem tem do mundo o regimento.
 O que entre meus antiquos é vulgado
 D'elles , é que o valor sanguinolento
 Das armas , no seu braço resplandece ,
 O quem em possos passados se parece.

LXX.

« Porque elles , com virtude sobrehumana ,
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo , e fresco Guadiana ,
 Com feitos memoraveis e famosos :
 E , não contentes inda , na africana
 Parte , cortando os mares procellosos ,
 Nos não querem deixar viver seguros ,
 Tomando-nos cidades , e altos muros .

LXXI.

« Não menos teem mostrado esforço e manha
 Em quaesquer outras guerras , que aconteçam ,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha ,
 Ou la d'alguns , que do Pyrene deçam :
 Assi que , nunca emfim com lança estranha
 Se tem , que por vencidos se conheçam ;
 Nem se sabe inda , não , te affirmo , e assello ,
 Pera estes Annibaes nephum Marcello .

LXXII.

« E, se esta informaçāo nāo for inteira,
 Tanto quanto convem , d'elles pretende
 Informar-te ; que é gente verdadeira ,
 A quem mais falsidade enqua , e offende :
 Vai ver-lhe a frota , as armas , e a maneira
 Do fundido metal , que tudo rende ;
 E folgarás de veres a polícia
 Portugueza na paz , e na milícia . »

LXXIII.

Ja com desejos q idolátra ardia
 De ver isto , que o Mouro lhe contava :
 Manda esquipar bateis ; que ir ver queria
 Os lenhos . em que o Gama navegava ;
 Ambos partem da praia , a quem seguiu
 A naira geração , que o mar coalhava ;
 A capitânia sobem forte e bella ,
 Onde Paulo os recebeu a bordo d' ella .

LXXIV.

Purpúreos são os toldos , e as bandeiras
 Do rico sôo são , que o bicho gera ;
 N'ellas estão pintadas as guerreiras
 Obras , que o forte braço ja fizerá :
 Batalhas teem campaes , aventureiras ,
 Desafios crueis , pintura ferá ,
 Que , tanto que ao gentio se apresenta ,
 Atento n'ella os olhos apascenza .

LXXV.

Polo que ve pergunta : mas o Gama
 Lhe pedia primeiro «que se assente ,
 E que aquelle deleite , que tanto ama
 A seita epicuréa experimente . »
 Dos espumantes vasos se derrama
 O liquor, que Noé mostrara á gente :
 Mas comer o gentio não pretende,
 Que a seita , que seguia , lh'o defende.

LXXVI.

A trombeta , que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra , rompe os ares :
 Co' o fogo o diabólico instrumento
 Se faz ouvir no fundo la dos mares.
 Tudo o gentio nota ; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens , que em retrato breve
 A muda poesia alli descreve.

LXXVII.

Alça-se em pe , com elle o Gama junto ,
 Coelho de outra parte ; e o Mauritano
 Os olhos põe no béllico transunto
 De um velho branco , aspeito soberano ;
 Cujo nome não pode ser defunto
 Em quanto houver no mundo tracto humano :
 No trajo a grega usança está perfeita ;
 Um ramo por insignia na direita.

LXXXVIII.

Um ramo na mão tinha... Mas o' cego
 Eu , que commetto insano e temerario,
 Sem vós, nymphas do Tejo , e do Mondego ,
 Per caminho tam árduo , longo e vario !
 Vosso favor invoco , que navego
 Per alto mar, com vento tam contrario ,
 Que , se não me ajudais , hei grande medo
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXXIX.

Olhai , que ha tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo , e os vossos Lusitanos ,
 A fortuna me traz peregrinando ,
 Novos trabalhos vendo , e novos danos :
 Agora o mar, agora exp'rimentando
 Os perigos mavórcios inhumanos ;
 Qual Canace , que á morte se condena ,
 N'uma mão sempre a espada, e n' outra a pena.

LXXX.

Agora com pobreza avorrecida
 Per hospicios alheios degradado ;
 Agora da esperança ja acquirida ,
 De novo , mais que nunca , derribado ;
 Agora ás costas escapando a vida ,
 Que d' um fio pendia tam delgado ,
 Que não menos milagre foi salvar-se ,
 Que pera o Rei judaico accrecentar-se .

LXXXI.

E ainda ; nymphas minhas ; não bastava
 Que tammanhas miserias me cercassem ;
 Senão que aquelles , que eu cantando andava ,
 Tal prémio de meus versos me tornassem :
 A troco dos descânços , que esperava ,
 Das capellas de louro , que me honrassem ,
 Trábalhos nunca usados me inventaram ,
 Com que em tami duro estado me deitaram .

LXXXII.

Vêde , nymphas , que ingenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos ,
 Que assi sabem prezar com taes favores
 A quem os faz , cantando , gloriosos !
 Que exemplos a futuros escritores ,
 Pera espertar ingenhos curiosos ,
 Pera pôrrein as cousas em memoria ,
 Que merecerain ter eterna gloria !

LXXXIII.

Pois logo em tantos males é forçado ,
 Que so vosso favor me não falleça ;
 Principalmente aqui , que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça :
 Dai-m'o vós sos , que eu tenho ja jurado ,
 Que não o empregue em quem o não mereça ;
 Nem per lisonja louve algum subido ,
 Sô pena de não ser agradecido .

LXXXIV.

Nem creais, nympahas, não, que fama desses
 A quein ab bem commum, e do seu rei;
 Antepuzer seti próprio interesse,
 Imigo da divina e humana lei :
 Nenhum ambicioso, que quizesse
 Subir a grandes cargos, cantarei ;
 So por poder com torpes exèrcicios
 Usar mais largamente de seus vicios :

LXXXV.

Nenhum, que use de seu poder bastante,
 Pera servir a seu desejo feo ;
 E que, por comprazer ao vulgo errante,
 Se muda em mais figuras que Proteo.
 Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
 Quem com hábito honesto e grave, veo,
 Por contentar ao rei no officio novo,
 A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

Nem quem acha que é justo, e que é direito
 Guardar-se a lei do rei severamente ;
 E não acha que é justo, e bom respeito,
 Que se pague o suor da servil gente :
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões aprende, e cuida que é prudente ,
 Pera taixar com mão rapace e escassa ,
 Os trabalhos alheios, que não passa.

LXXXVII.

Aquelles sos direi , que aventurearam
Por seu Deus , por seu rei , a amada vida ,
Onde perdendo-a , em fama a dilataram ,
Tam bem de suas obras merecida .
Apollo , e as Musas , que me acompanharam ,
Me dobrarão a furia concedida ;
Em quanto eu tómo alento descançado ,
Por tornar ao trabalho , mais folgado .

OS LUSIADAS.



CANTO OITAVO.

I.

Na primeira figura se detinha
O Catual que vira estar pintada,
Que por divisa um ramo na mão tinha,
A barba branca , longa e penteada :
« Quem era , e porque causa lhe convinha
A divisa , que tem na mão tomada ? »
Paulo responde (cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta) :

II.

« Estas figuras todas , que aparecem ,
Bravos em vista , e feros nos aspeitos ;
Mais bravos , e mais feros se conhecem
Pela fama , nas obras , e nos feitos :
Antiguos são ; masinda resplandecem
Co' o nome , entre os ingenhos mais perfeitos :
Este que ves é Luso , d' onde a fama
O nosso reino Lusitânia chama.

I.

« Foi filho , ou companheiro do Thebano ,
 Que tam diversas partes conquistou :
 Parece vindo ter ao ninho hispano ,
 Segundo as armas , que contino usou :
 Do Douro , e Guadiana , o campo ufano ,
 Ja dicto elysio , tanto o contentou ,
 Que alli quiz dar , aos ja cançados ossos
 Eterna sepultura , e nome aos nossos .

IV.

« O ramo que lhe ves pera divisa ,
 O verde thyrso foi de Baccho usado ;
 O qual á nossa idade amostra , e avisa ,
 Que foi seu companheiro , ou filho amado .
 Ves outro , que do Tejo a terra pisa ,
 Despois de ter tam longo mar arado ,
 Onde muros perpétuos edifica ,
 E templo a Pallas , que em memoria fica ?

V.

« Ulysses é o que faz a sancta casa
 A' deusa , que lhe dá lingua facunda ;
 Que , se la na Asia Tróia insigne abrasa ,
 Ca na Europa Lisboa ingente funda . »

« Quem será est' outro ca , que o campo arrasa
 De mortos , com presença furibunda ?
 Grandes batalhas tem desbaratadas ,
 Que as aguias nas bandeiras tem pintadas . »

VI.

Assi o gentio diz : responde o Gama :
 « Este que ves , pastor ja foi de gado ;
 Viriáto sabemos que se chama ,
 Destro na lança mais , que no cajado :
 Injuriada tem de Roma a fama ,
 Vencedor invencibil afamado ;
 Não teem com elle , não , nem ter poderam
 O primor , que com Pyrrho ja tiveram .

VII.

« Com força não , com manha vergonhosa ,
 A vida lhe tiraram , que os espanta :
 Que o grande aperto em gente , indaque honrosa ,
 A's vezes leis magnâmimas quebranta .
 Outro está aqui , que contra a patria irosa ,
 Degradado comnosco , se elevanta :
 Escolheu bem com quem se elevantasse ,
 Pera que eternamente se illustrasse .

VIII.

« Ves ? comnosco tambem vence as bandeiras
 D'essas aves de Júpiter validas ;
 Que ja n' aquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nós souberam ser vencidas :
 Olha tam sutis artes , e maneiras ,
 Pera acquirir os povos , tam singidas ;
 A fatídica cerva , que o avisa :
 Elle é Sertório , e ella sa divisa .

IX.

« Olha est' outra bandeira , e ve pintado
 O gran' progenitor dos rēis primeiros:
 Nós Húngaro o fazemos ; porém nado
 Creem ser em Lotharingia os estrangeiros :
 Despois de ter os Mouros superado ,
 Gallegos , e Leonezes cavalleiros ,
 A' Casa-sancta passa o sancto Henrique ;
 Porque o tronco dos rēis se sanctifique . »

X.

« Quem é (me dize) est' outro , que me espanta ,
 (Pergunta o Malabar maravilhado)
 Que tantos esquadrões , que gente tanta
 Com tam pouca , tem roto , e destroçado ?
 Tantos muros aspérrimos quebranta ,
 Tantas batalhas dá , nunca cansado ,
 Tantas coroas tem per tantas partes
 À seus pes derribadas , e estandartes ? »

XI.

« Este é o primeiro Afonso (disse o Gama)
 Que todo Portugal aos Mouros toma ,
 Por quem , no Estygio lago , jura a Fama
 De mais não celebrar nem hum de Roma :
 Este é aquelle zeloso , a quem Deus ama ,
 Com cujo braço o Mouro imigo doma ;
 Pera quem de seu reino abaixa os muros ,
 Nada deixando ja pera os futuros .

XII.

« Se Cesar, se Alexandre rei, tiveram
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos imigos, quantos eram
 Os que desbaratava este excellente;
 Não creas que seus nomes se estenderam
 Com glorias immortaes tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Ve que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

« Este, que ves olhar com gesto irado
 Pera o rompido alumno mal-sofrido,
 Dizendo-lhe «que o exército espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido:»
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho;
 Pera leaes vassallos claro espelho.

XIV.

« Vel-o ca vai co' os filhos a entregar-se,
 A corda ao collo, nu de seda e pano;
 Porque não quiz o moço sujeitar-se,
 Como elle promettera, ao Castelhano:
 Fez com siso, e promessas levantar-se
 O cerco, que ja estava soberano:
 Os filhos, e mulher obriga á pena;
 Pera que o senhor salve, a si condena.

XV,

« Não fez o consul tanto , que cercado
 Foi nas forcas-Caudinas , de ignorante ;
 Quando a passar per baixo foi forçado
 Do samnítico jugo triumphante :
 Este pelo seu povo injuriado ,
 A si se entrega so , firme e constante ;
 Est'outro a si , e os filhos naturais ,
 E a consorte sem culpa , que doe mais.

XVI,

« Ves este , que saindo da cilada
 Dá sobre o rei , que cerca a villa forte ?
 Ja o rei tem preso , e a villa descercada :
 Illustre feito , dino de Mavorte .
 Vel-o ca vai pintado n'esta armada ,
 No mar tambem aos Mouros dando a morte ,
 Tomando-lhe as galés , levando a gloria
 Da primeira marítima victoria :

XVII,

« É dom Fwas Roupinħo , que na terra ,
 E no mar resplandece junctamente ,
 Co' o fogo que accendeu juncto da serra
 De Abyla nas galés da maura gente .
 Olha como em tam justa e sancta guerra ,
 De acabar pelejando está contente :
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos ceos , com justa palma .

XVIII.

« Não ves ū ajunctamento de estrângiero
 Trajo, sair da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta prova?
 Olha Henrique, famoso cavalleiro,
 A palma, que lhe nasce juncço á cova;
 Per elles mostra Deus milagre visto:
 Germanos são os mártires de Christo.

XIX.

« Um sacerdote ve brandindo a espada
 Contra Arronches, que toma, per vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada
 Per quem por Mafamede enresta a lança;
 É Theotónio, prior. Mas ve cercada
 Sanctarem, e verás a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo, ergueu das quinas a bandeira;

XX.

« Vel-o ca onde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandália em fera guerra,
 Os imigos rompendo, o alferes mata,
 E o hispálico pendão derriba em terra:
 Mem Moniz é, que em si o valor retrata,
 Que o sepulcro do pae co' os ossos cerrra,
 Digno d' estas bandeiras; pois sem falta
 A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI.

« Olha aquelle que desce pela lança
 Com as duas cabeças dos vigias ,
 Onde a cilada esconde , com que alcança
 A cidade per manhas , e ousadias.
 Ella por armas toma a similhança
 Do cavalleiro , que as cabeças frias
 Na mão levava : feito nunca feito !
 Giraldo Sem-pavor é o forte peito.

XXII.

« Não vez um Castelhano , que aggravadô
 De Afonso nono rei , polo odio antigo
 Dos de Lara , co' os Mouros é deitado ,
 De Portugal fazendo-se inimigo ?
 Abrantes villa toma , acompanhado
 Dos duros infieis , que traz consigo ;
 Mas ve que um Portuguez com pouca gente
 O desbarata , e o prende ousadamente :

XXIII.

« Martim Lopes se chama o cavalleiro ,
 Que d' estes levar pode a palma , e o louro .
 Mas olha um ecclesiastico guerreiro ,
 Que em lança de aço torna o bago de ouro :
 Vel-o entre os duvidosos tam inteiro
 Em não negar batalha ao bravo Mouro ;
 Olha o signal no ceo , que lhe apparece ,
 Com que nos poucos seus o esforço crece .

XXIV.

« Ves? vão os rēis de Cordova , e Sevilha ,
 Rotos , com outros dous , e não de espaço ;
 Rotos? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deus , que não de humano braço !
 Ves? ja a villa de Alcacere se humilha ,
 Sem lhe valer defeza , ou muro de aço ,
 A dom Mattheus , o bispo de Lisboa ,
 Que a coroa de palma alli coroa .

XXV.

« Olha um mestre , que desce de Castella ,
 Portuguez de nação , como conquista
 A terra dos Algarves , e ja n'ella
 Não acha quem per armas lhe resista :
 Com manha , esforço , e com benigna estrella
 Villas , castellos toma á escala vista .
 Ves Tavila tomada aos moradores ,
 Em vingança dos sete caçadores ?

XXVI.

« Ves? com béllica astúcia ao Mouro ganha
 Sylves , que elle ganhou com força ingente :
 É dom Paio Correa , cuja manha
 E grande esforço faz inveja á gente .
 Mas não passes os tres , que em França , e Hespanha
 Se fazem conhecer perpetuamente
 Em desafios , justas , e torneos ,
 N'ellas deixando públicos tropheos .

xxvii.

« Vel-os ? co' o nome véem de aventureiros
 A Castella , onde o preço sos levaram
 Dos jogos de Bellona verdadeiros ,
 Que com damno de alguns se exercitaram.
 Ve mortos os suberbos cavalleiros ,
 Que o principal dos tres desafiam ,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea ,
 Que pode não temer a lei lethea.

xxviii.

« Attenta n' um , que a fama tanto estende ,
 Que de nenhum passado se contenta ,
 Que a patria , que de um fraco fio pende ,
 Sobre seus duros hombros a sustenta.
 Não o ves tincto de ira , que reprende
 A vil desconfiança inerte e leuta
 Do povo , e faz que tome o doce freio
 De rei seu natural , e não de alheio ?

xxix.

« Olha : per seu conselho e ousadia
 De Deus guiada so , e de sancta estrella ,
 So pode (o que impossibil parecia)
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Ves per indústria , esforço , e valentia ,
 Outro estrago , e victória clara e bella
 Na gente , assi feroz , como infinita ,
 Que entre o Tartésso , e Guadiana habita ?

XXX.

« Mas não ves quasi ja desbaratado
 O poder lusitano , pela ausencia
 Do capitão devoto , que apartado
 Orando invoca a summa e trina Essência?
 Vel-o com pressa ja dos seus achado ,
 Que lhe dizem , que falta resistencia
 Contra poder tammanho , e que viesse ,
 Porque comsigo esforço aos fracos desse. »

XXXI.

« Mas olha com que sancta confiança ,
 « Que inda não era tempo (respondia); »
 Como quem tinha em Deus a segurança
 Da victoria , que logo lhe daria :
 Assi Pompílio , ouvindo que a possançá
 Dos imigos a terra lhe corria ,
 A quem lhe a dura nova estava dando ,
 « Pois eu (responde) estou sacrificando. »

XXXII.

« Se quem com tanto esforço em Deus se atreve ,
 Ouvir quizeres como se nomeia ,
 Portuguez Scipião chamar-se deve ,
 Mas , mais de dom Nun' Alvares se arreia .
 Ditosa patria , que tal filho teve !
 Mas antes pae ; que em quanto o sol rodeia
 Este globo de Ceres , e Neptuno ,
 Sempre suspirará por tal aluno .

XXXIII.

« Na mesma guerra ve que presas ganha
 Est' outro capitão de pouca gente !
 Commendadores vence , e o gado apanha ,
 Que levavam roubado ousadamente.
 Outra vez ve que a lança em sangue banha
 D' estes , so por livrar co' amor ardente
 O preso amigo ; preso por leal :
 Pero Rodrigues é do Landroal.

XXXIV.

« Olha este desleal o como paga
 O perjurio que fez e vil engano :
 Gil Fernandes é de Elvas quem o estraga ,
 E faz vir a passar o ultimo dano :
 De Xerez rouba o campo , e quasi alaga
 Co' o sangue de seus donos castelhano .
 Mas olha Rui Pereira , que co' o rosto
 Faz escudo ás galés , diante posto.

XXXV.

« Olha que désesete Lusitanos
 N'este outeiro subidos se defendem
 Fortes de quatrocentos Castelhanos ,
 Que em derredor polos tomar se estendem :
 Porém logo sentiram com seus danos ,
 Que não so se defendem , mas offendem :
 Digno feito de ser no mundo eterno ;
 Grande no tempo antiquo , e no moderno.

XXXVI.

« Sabe-se antiguamente que trezentos
 Ja contra mil Romanos pelejaram,
 No tempo que os viris atrevimentos
 De Viriáto tanto se illustraram :
 E, d' elles alcançando vencimentos
 Memoraveis, de herança nos deixaram ,
 « Que os muitos, por ser poucos, não temamos ; »
 O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII.

« Olha ca dous ifantes , Pedro , e Henrique ,
 Progénie generosa de Joane :
 Aquelle , faz que fama illustre fique
 D'elle em Germânia , com que a morte engane :
 Este , que ella nos mares o publique
 Por seu descobridor , e desengane
 De Ceita a maura túmida vaidade ,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII.

« Ves o conde dom Pedro , que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria ?
 Ves? outro conde está , que representa
 Em terra Marte , em forças , e ousadia :
 De poder defender se não contenta
 Alcácere da ingente companhia ;
 Mas do seu rei defende a cara vida ,
 Pondo por muro a sua , alli perdida .

XXXIX.

« Outros muitos verias , que os pintores
 Aqui tambem por certo pintariam ;
 Mas falta-lhe pincel , faltam-lhe cores
 Honra , prémio , favor , que as artes criam :
 Culpa dos viciosos sucessores ,
 Que degeneram certo , e se desviam
 Do lustre , e do valor de seus passados ,
 Em gostos , e vaidades atolados .

XL.

« Aqueles paes illustres , que ja deram
 Princípio á geraçao , que d'elles pende ,
 Pola virtude muito então fizeram ,
 E por deixar a casa , que descende .
 Cegos ! Que dos trabalhos , que tiveram ,
 (Se alta fama , e rumor d'elles se estende)
 Escuros deixam sempre seus menores ,
 Com lhe deixar descansos corrutores .

XLI.

« Outros tambem ha grandes e abastados ,
 Sem nenhum tronco illustre d'onde venham ;
 Culpa de reis , que ás vezes a privados
 Dão mais que a mil , que esforço , e saber tenham :
 Estes os seus não querem ver pintados ,
 Crendo que côres vãs lhe não convenham ;
 E , como a seu contrário natural ,
 A' pintura , que falla , querem mal .

XLII.

« Não nego que ha comtudo descendentes
 De generoso tronco , e casa rica ,
 Que com costumes altos e excellentes ,
 Sustentam a nobreza , que lhe fica :
 E se a luz dos antigos seus parentes
 N' elles mais o valor não clarifica ,
 Não falta ao menos , nem se faz escura :
 Mas d'estes acha poucos a pintura . »

XLIII.

Assi estd declarando os grandes feitos
 O Gama , que alli mostra a varia tinta ,
 Que a docta mão tam claros , tam perfeitos ,
 De singular artífice alli pinta :
 Os olhos tinha promptos e direitos
 O Catual na história bem distinta :
 Mil vezes perguntava , e mil ouvia
 As gestosas batalhas , que alli via.

XLIV.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa ;
 Porque a alâmpada grande se escondia
 Debaixo do horizonte , e luminosa
 Levava aos antípodas o dia :
 Quando o gentio , e a gente generosa
 Dos Naires , da nau forte se partia
 A buscar o repouso , que descansa
 Os lassos animaes , na noite mansa.

XLV.

Entretanto os harúspices famosos
 Na falsa opinião , que em sacrificios
 Anteveem sempre os casos duvidosos ,
 Per signaes diabólicos , e indicios ;
 Mandados do rei próprio , estudosos
 Exercitavam a arte , e seus officios
 Sobre esta vinda d'esta gente estranha ,
 Que ás suas terras véem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro ,
 De como a nova gente lhe seria
 Jugo perpétuo , eterno cativeiro ,
 Destruíção de gente , e de valia .
 Vai-se espantado o attónito agoureiro
 Dizer ao rei (segundo o que intendia)
 Os signaes temerosos , que alcançara
 Nas entradas das vítimas , que olhara .

XLVII.

A isto mais se ajuncta , que a um devoto
 Sacerdote da lei de Mafamede ,
 Dos odios concebidos não remoto
 Contra a divina fe , que tudo excede ,
 Em fórmā do propheta falso e noto ,
 Que do filho da escrava Agar procede ,
 Baccho odioso em sonhos lhe apparece ,
 Que de seus odios inda se não dece .

XLVIII.

E diz-lhe assi : « Guardai-vos , gente minha ,
 Do mal , que se apparelha pelo imigo ,
 Que pelas aguas húmidas caminha ,
 Antes que esteis mais perto do perigo . »
 Isto dizendo , acorda o Mouro asinha ,
 Espantado do sonho : mas comsigo
 Cuida que não é mais que sonho usado :
 Torna a dormir quieto e socegado .

XLIX.

Torna Baccho , dizendo : « Não conheces
 O gran' Legislador , que a teus passados
 Tem mostrado o preceito , a que obedeces ,
 Sem o qual , foreis muitos bautizados ?
 Eu por ti , rudo , vélo ; e tu dormeces ?
 Pois saberás , que aquelles que chegados
 De novo são , serão mui grande dano
 Da lei , que eu dei ao nescio povo humano .

L.

« Em quanto é fraca a força d'esta gente ,
 Ordena como em tudo se resista ;
 Porque , quando o sol sai , facilmente
 Se pode n' elle pôr a aguda vista :
 Porém despois que sobe claro e ardente ,
 Se agudeza dos olhos o conquista ,
 Tam cega fica , quanto ficareis ,
 Se raízes crear lhe não tolheis . »

LI.

Isto dicto , elle e o somno se despede ;
 Tremendo fica o attónito Agareno :
 Salta da cama , lume aos servos pede ,
 Lavrando n' elle o férvido veneno.
 Tanto que a nova luz , que ao sol precede ,
 Mostrara rosto angélico e sereno ,
 Convoca os principaes da torpe seita ,
 Aos quaes , do que sonhou , dá conta estreita .

LII.

Diversos pareceres , e contrarios
 Alli se dão , segundo o que intendiam :
 Astutas traíções , enganos varios ,
 Perfidias inventavam , e teciam .
 Mas , deixando conselhos temerarios ,
 Destruição da gente pretendiam ,
 Per manhas mais sutis , e ardis melhores ,
 Com peitas acquirindo os regedores .

LIII.

Com peitas , ouro , e dádivas secretas ,
 Conciliam da terra os principaes ;
 E com razões notaveis e discretas
 Mostram ser perdição dos naturaes ;
 Dizendo que são gentes inquietas ,
 Que os mares discorrendo occidentaes ,
 Vivem so de piráticas rapinas ,
 Sem rei , sem leis humanas ou divinas .

LIV.

Oh quanto deve o rei , que bem governa ,
 De olhar que os conselheiros , ou privados ,
 De consciencia , e de virtude interna ,
 E de sincero amor sejam dotados !
 Porque , como estê posto na superna
 Cadeira , pode mal dos apartados
 Negocios ter noticia mais inteira ,
 Da que lhe der a lingua conselheira.

LV.

Nem tanq' pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciencia limpa e certa ,
 Que se enleve n' um pobre e humilde manto ,
 Onde ambição a caso ande encoberta.
 E quando um bom em tudo é justo e santo ,
 Em negocios do mundo pouco acerta ;
 Que mal com elles poderá ter conta
 A quieta innocencia , em so Deus pronta.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais ,
 Que o gentilico povo governavam ,
 Induzidos das gentes infernais ,
 O portuguez despacho dilatavam .
 Mas o Gama , que não pretende mais
 De tudo quanto os Mouros ordenavam ,
 Que levar a seu rei um signal certo
 Do mundo , que deixava descoberto :

LVII.

N'isto trabaixa so; que bem sabia,
 Que despois que levasse esta certeza,
 Armas, e naus, e gente mandaria
 Manuel, que exercita a summa alteza,
 Com que a seu jugo, e lei sumetteria
 Das terras, e do mar a redondeza:
 Que elle não era mais que um diligente
 Descobridor das terras do Oriente.

LVIII.

Fallar ao rei gentio determina,
 Porque com seu despacho se tornasse;
 Que ja sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejassee.
 O rei, que da notícia falsa e indina
 Não era d'espantar se s'espantasse;
 Que tam credulo era em seus agouros,
 E mais sendo afirmados pelos Mouros :

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito :
 Per outra parte a força da cubica,
 A quem per natureza está sujeito ,
 Um desejo immortal lhe accende , e atiça :
 Que bem ve que grandissimo proveito
 Fará, se com verdade , e com justiça
 O contracto fizer per longos anos ,
 Que lhe commette o rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos , que tomava ,
 Achava mui contrarios pareceres ;
 Que n' aquelles com quem se aconselhava ,
 Executa o dinheiro seus poderes.
 O grande capitão chamar mandava ;
 A quem chegado disse : « Se quizeres
 Confessar-me a verdade limpa e nua ,
 Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI.

« Eu sou bem informado , que a embaixada ,
 Que de teu rei me déstes , é fingida ;
 Porque nem tu tens rei , nem patria amada ;
 Mas vagabundo vas passando a vida :
 Que quem da Hespéria última alongada ,
 Rei ou senhor , de insânia desmedida ,
 Ha de vir commetter com naus e frotas ,
 Tam incertas viajens e remotas ?

LXII.

« E se de grandes reinos poderosos
 O teu rei tem a régia magestade ,
 Que presentes me trazes valerosos ,
 Signaes de tua incógnita verdade ?
 Com peças , e dões altos sumtuosos ,
 Se lia dos réis altos a amizade :
 Que signal , nem penhor não são bastante
 As palavras d' um vago navegante.

LXIII.

« Se per ventura vindes desterrados ,
 (Como ja foram homens d'alta sorte)
 Em meu reino sereis agasalhados ;
 Que toda a terra é patria pera o forte :
 Ou se piratas sois ao mar usados ,
 Dizei-m'o sem temor de infamia , ou morte ;
 Que por se sustentar em toda idade ,
 Tudo faz a vital necessidade. »

LXIV.

Isto assi dicto , o Gama , que ja tinha
 Suspeitas das insídias , que ordenava
 O mahometico ódio , d'onde vinha
 Aquillo que tam mal o rei cuidava ;
 C' uma alta confiança , que convinha ,
 (Com que seguro crédito alcançava)
 Que Venus acidália lhe influia ,
 Taes palavras do sabio peito abria :

LXV.

« Se os antiguos delictos , que a malicia
 Humana commetteu na prisca idade ,
 Não causaram que o vaso da nequicia ,
 (Açoute tam cruel da christandade)
 Viera pôr perpétua inimicicia
 Na geração de Adão co' a falsidade
 (O' poderoso rei) da torpe seita ,
 Não conceberas tu tam má suspeita.

LXVI.

« Mas, porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Sigue o temor os passos da esperança,
 Que em suor vive sempre de seu peito;
 Me mostras tu tam pouca confiança
 D' esta minha verdade, sem respeito
 Das razões em contrário, que acharias,
 Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII.

« Porque, se eu de rapinas so vivesse,
 Undivago, ou da patria desterrado,
 Como crês que tam longe me viesse
 Buscar assento incógnito e apartado?
 Por que esperanças, ou por que interesse
 Viria exp'rimentando o mar irado,
 Os antárcticos frios, e os ardores
 Que sofrem do Carneiro os moradores?

LXVIII.

« Se com grandes presentes d' alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
 Onde a natura poz teu reino antigo.
 Mas, se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne á minha patria, e reino amigo,
 Então verás o dom suberbo e rico,
 Com que minha tornada certifico.

LXIX.

« Se te parece inopinado feito ,
 Que rei da ultima Hespéria a ti me mande ,
 O coração sublime , o regio peito ,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre e gran' conceito
 Do lusitano espíritu demande
 Maior credito , e fe de mais alteza ,
 Que creia d' elle tanta fortaleza.

LXX.

« Sabe , que ha muitos annos , que os antigos
 Rêis nossos firmemente propuzeram
 De vencer os trabalhos , e perigos ,
 Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram :
 E , descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanço , pretenderam
 De saber que sim tinham , e onde estavam
 As derradeiras praias , que lavavam.

LXXI.

« Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso rei , que arou primeiro
 O mar , por ir deitar do ninho caro
 O morador de Abyla derradeiro.
 Este , per sua indústria e ingenho raro ,
 N' um madeiro ajunctando outro madeiro ,
 Descobrir pôde a parte , que faz clara
 De Argos , da Hydra a luz , da Lebre e da Ara.

LXXII.

« Crescendo co' os successos bons primeiros
 No peito as ousadias , descobriram
 Pouco e pouco caminhos estrangeiros ,
 Que uns , succedendo aos outros , proseguiram .
 De Africa os moradores derradeiros
 Austraes , que nunca as sete flamas viram ,
 Foram vistos de nós , atraz deixando
 Quantos estão os Trópicos queimando .

LXXIII.

« Assi com firme peito , e com tammanho
 Propósito vencemos a Fortuna ;
 Até que nós no teu terreno estranho
 Viemos pôr a última coluna .
 Rompendo a força do líquido estanho ,
 Da tempestade horrifica e importuna ,
 A ti chegámos , de quem so queremos
 Signal , que ao nosso rei de ti levemos .

LXXIV.

« Esta é a verdade , rei : que não faria
 Por tam incerto bem , tam fraco premio ,
 Qual , não sendo isto assi , sperar podia
 Tam longo , tam fingido e vão proemio :
 Mas antes descançar me deixaria
 No nunca descançado e fero gremio
 Da madre Thetis , qual pirata inico ,
 Dos trabalhos alheios feito rico .

LXXV.

« Assi que , o' rei, se minha gran' verdade
 Tens por qual é , sincera e não dobrada ;
 Ajuncta-me ao despacho brevidade ,
 Não me impidas o gosto da tornada :
 E , se inda te parece falsidade ,
 Cuida bem na razão , que está provada ,
 Que com claro juízo pode ver-se ;
 Que facil é a verdade d'intender-se . »

LXXVI.

Attento estava o rei na segurança ,
 Com que provava o Gama o que dizia :
 Concebe d' elle certa confiança ,
 Credito firme , em quanto proferia :
 Pondera das palavras a abastança ,
 Julga na auctoridade gran' valia :
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos , mal julgados.

LXXVII.

Junctamente a cubiça do proveito ,
 Que espera do contracto lusitano ,
 O faz obedecer , e ter respeito
 Co' o capitão , e não co' o mauro engano .
 Emfim , ao Gama manda , « que direito
 A's nau's se va ; e , seguro d' algum dano
 Possa a terra mandar qualquer fazenda ,
 Que pola especiaria troque , e venda . »

LXXVIII.

« Que mande da fazenda , emfim , lhe manda ,
 Que nos reinos gangéticos falleça ;
 Se alguma traz idónea , la da banda
 D' onde a terra se acaba , e o mar começa ..
 Ja da real presença veneranda
 Se parte o capitão pera onde peça
 Ao Catual , que d' elle tinha cargo ,
 Embarcação , que a sua está de largo .

LXXIX.

Embarcação , que o leve ás naus , lhe pede :
 Mas o mau regedor , que novos laços
 Lhe machinava , nada lhe concede ,
 Interpondo tardanças , e embaraços .
 Com elle parte ao caes ; porque arrede
 Longe , quanto poder , dos regios paços ;
 Onde , sem que seu rei tenha noticia ,
 Faça o que lhe ensinar sua malicia .

LXXX.

La bem longe lhe diz , « que lhe daria
 Embarcação bastante , em que partisse ;
 Ou que pera a luz crástina do dia
 Futuro , sua partida differisse :
 Ja com tantas tardanças intendia
 O Gama , que o gentio consentisse
 Na má tençao dos Mouros , torpe e fera ;
 O que d' elle até-li não intendera .

LXXXI.

Era este Catual um dos que estavam
 Corruptos pela ma'ometana gente ,
 O principal per quem se governavam
 As cidades do Samorim potente :
 D' elle somente os Mouros esperavam
 Efeito a seus enganos torpemente.
 Elle , que no conceito vil conspira ,
 De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requere
 Que o mande pôr nas naus , e não lhe val ;
 E , que assi lh' o mandara , lhe refere ,
 O nobre successor de Perimal.
 « Por que razão lhe impede , e lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal ?
 Pois aquillo que os rês ja teem mandado ,
 Não pode ser per outrem derogado . »

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras ; antes revolvendo
 Na phantesia algum sutil e astuto
 Engano diabólico e estupendo ;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue avorrecido , estava vendo ;
 Ou como as naus em fogo lhe abrazasse ;
 Porque nenhuma á patria mais tornasse .

LXXXIV.

Que nenhum torne á patria so pretende
 O conselho infernal dos Ma'ometanos ;
 Porque não saiba nunca onde se estende
 A terra eða o rei dos Lusitanos.
 Não parte o Gama emfim , que lh'o defende
 O regedor dos barbaros profanos :
 Nem sem licença sua ir-se podia ,
 Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados e razões do capitão
 Responde o idolátra , «que mandasse
 Chegar á terra as naus , que longe estão ;
 Porque melhor d' alli fosse , e tornasse.
 Signal é d'inimigo , e de ladrão ,
 Que la tam longe a frota se alargasse ,
 (Lhe diz) porque do certo e fido amigo
 É não temer do seu nenhum perigo . »

LXXXVI.

N'estas palavras o discreto Gama
 Enxerga bem , que as naus deseja perto
 O Catual ; porque com ferro , e flama ,
 Lh'as assalte , por ódio descoberto.
 Em varios pensamentos se derrama :
 Phantesiando está remedio certo ,
 Que désse a quanto mal se lhe ordenava ;
 Tudo temia , tudo emfim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço , ou de crystal fermoso ,
 Que do raio solar sendo ferido ,
 Vai ferir n'outra parte luminoso ;
 E , sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso ,
 Anda pelas paredes , e telhado ,
 Trémulo aqui , e alli dessocegado :

LXXXVIII.

Tal o vago juízo fluctuava
 Do Gama preso , quando lhe lembrara
 Coelho , se per caso o esperava
 Na praia co' os bateis , como ordenara :
 Logo secretamente lhe mandava ,
 • Que se tornasse á frota , que deixara ;
 Não fosse salteado dos enganos ,
 Que esperava dos feros Ma'ometanos . »

LXXXIX.

Tal ha de ser , quem quer co' o dom de Marte
 Imitar os illustres , e igualal-os :
 Voar co'o pensamento a toda parte ,
 Adivinhar perigos , e evital-os :
 Com militar ingenho , e sutil arte ,
 Intender os inimigos , e enganal-os ;
 Crer tudo emsim ; que nunca louvarei
 O capitão , que diga : « Não cuidei . »

XC.

Insiste o Malabar em tel-o preso ,
 Se não manda chegar a terra a armada ;
 Elle constante , e de ira nobre acceso ,
 Os ameaços seus não teme nada :
 Que antes quer sobre si tomar o peso
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lhe andar armando , que pôr em ventura
 A frota de seu rei , que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido ,
 E parte do outro dia ; quando ordena
 De se tornar ao rei : mas impedido
 Foi da guarda , que tinha não pequena .
 Commette-lhe o gentio outro partido ,
 (Temendo de seu rei castigo ou pena ,
 Se sabe esta malícia ; a qual asinha
 Saberá , se mais tempo alli o detinha) :



XCII.

Diz-lhe « que mande vir toda a fazenda
 Vendibil , que trazia , pera terra ,
 Pera que de vagar se troque , e venda ;
 Que quem não quer commércio , busca guerra . »
 Posto que os maus propositos intenda
 O Gama , que o damnado peito encerra ,
 Consinte ; porque sabe per verdade ,
 Que compra co'a fazenda a liberdade .

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
 Embarcações idóneas , com que venha ;
 Que os seus bateis não quer aventurar
 Onde lh'os tome o imigo , ou lh'os detenha :
 Partem as almadias a buscar
 Mercadoria hispana , que convenha :
 Escreve a seu irmão « que lhe mandasse
 A fazenda com que se resgatasse . »

XCIV.

Vem a fazenda a terra , aonde logo
 A agasalhou o infame Catual :
 Com ella ficam Alvaro , e Diogo ,
 Que a podessem vender polo que val .
 Se mais que obrigação , que mando , e rogo
 No peito vil , o prémio pode , e val ,
 Bem o mostra o gentio a quem o intenda ;
 Pois o Gama soltou pola fazenda .

XCV.

Por ella o solta , crendo que alli tinha
 Penhor bastante , d'onde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha ,
 Se o capitão mais tempo detivesse .
 Elle , vendo que ja lhe não convinha
 Tornar a terra ; porque não podesse
 Ser mais retido . sendo ás naus chegado ,
 N'ellas estar se deixa descançado .

XCVI.

Nas naus estar se deixa vagaroso ,
 Até ver o que o tempo lhe descobre :
 Que não se fia ja do cubiçoso
 Regedor corrompido e pouco nobre.
 Veja agora o juízo curioso
 Quanto no rico , assi como no pobre ,
 Pode o vil interesse , e sêde imiga
 Do dinheiro , que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o rei threicio ,
 So por ficar senhor do gran' thesouro :
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro :
 Pode tanto em Tarpeia avaro vicio ,
 Que a troco do metal luzente e louro ,
 Entrégaa aos inimigos a alta torre ,
 Do qual , quasi afogada , em pago , morre.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas ;
 Faz traidores e falsos os amigos :
 Este aos mais nobres faz fazer vilezas ,
 E entrega capitães aos inimigos :
 Este corrompe virginæs purezas ,
 Sem temer de honra , ou fama alguns perigos .
 Este deprava ás vezes as sciencias ,
 Os juizos cegando , e as conciencias.

XCIX.

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos : este faz , e desfaz leis :
Este causa os perjurios entre a gente ;
E mil vezes tyrannos torna os reis.
Até os que so a Deus Omnipotente
Se dedicam , mil vezes ouvireis ,
Que corrompe este incantador, e illude ;
Mas não sem cōr, comtudo , de virtude.

OS LUSIADAS.



CANTO NONO.

I.

Tiveram longamente na cidade,
Sem vender-se , a fazenda os dous feitores ;
Que os infieis per manha , e falsidade ,
Fazem que não lh'a comprem mercadores :
Que todo seu propósito , e vontade ,
Era deter alli os descobridores
Da India tanto tempo , que viensem
De Meca as naus , que as suas desfizessem.

II.

La no seio erythreu , onde fundada
Arsinoe foi do Egypcio Tolomeu ,
Do nome da irmã sua assi chamada ,
Que depois em Suez se converteu ;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca , que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa agua ma'ometana.

III.

Gidá se chama o porto , aonde o trato
 De todo o Roxo-mar mais floreçia ,
 De que tinha proveito grande e grato
 O soldão , que esse reino possuia.
 D'aqui os Malabares , per contrato
 Dos infieis , fermosa companhia
 De grandes naus , pelo índico Oceano ,
 Especiaria véem buscar cada ano.

IV.

Por estas naus os Mouros esperavam ,
 Que como fossem grandes e possantes ,
 Aquellas , que o commércio lhe tomavam ,
 Com flammas abrasassem crepitantes.
 N' este socorro tanto confiavam ,
 Que ja não querem mais dos navegantes ,
 Senão que tanto tempo alli tardassem ,
 Que da famosa Meca as naus chegassem.

V.

Mas o Governador dos ceos , e gentes ,
 Que pera quanto tem determinado ,
 De longe os meios dá convenientes ,
 Per onde vem a effeito o fim fadado ;
 Influui piedosos accidentes
 De affeição em Monçaide ; que guardado
 Estava pera dar ao Gama aviso ,
 E merecer por isso o Paraiso.

VI.

Este , de quem se os Mouros não guardavam ,
 Por ser Mouro como elles (antes era
 Participante em quanto machinavam)
 A tenção lhe descobre torpe e fera :
 Muitas vezes as naus , que longe estavam
 Visita ; e com piedade considera
 O damno , sem razão , que se lhe ordena
 Pela maligna gente sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas ,
 Que da arábica Meca véem cada ano ;
 Que agora são dos seus tam desejadas ,
 Pera ser instrumento d' este dano :
 Diz-lhe , « que véem de gente carregadas ,
 E dos trovões horrendos de Vulcano ;
 E que pode ser d'ellas opprimido ,
 Segundo estava mal apercebido . »

VIII.

O Gama , que tambem considerava
 O tempo , que pera a partida o chama ,
 E que despacho ja não esperava
 Melhor do rei , que os Ma'ometanos ama ;
 Aos feitores , que em terra estão , mandava
 Que se tornem ás naus : e porque a fama
 D' esta subita vinda os não impida ,
 Lhe manda , « que a fizessem escondida . »

IX.

Porêm não tardou muito , que voando
 Um rumor não soasse , com verdade ,
 Que foram presos os feitores , quando
 Foram sentidos vir-se da cidade.
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio capitão , com brevidade
 Faz represália n' uns , que ás naus vieram
 A vender pedraria , que trouxeram.

X.

Eram estes antiguos mercadores ,
 Ricos em Calecut , e conhecidos :
 Da falta d'elles , logo entre os melhores
 Sentido foi , que estão no mar retidos .
 Mas ja nas naus os bons trabalhadores
 Volvem o cabrestante , e repartidos
 Pelo trabalho , uns puxam pela amarra ,
 Outros quebram co'o peito duro a barra :

XI.

Outros pendem da vêrga , e ja desatam
 A véla , que com grita se soltava ;
 Quando com maior grita ao rei relatam
 A pressa com que a armada se levava :
 As mulheres , e filhos , que se matam ,
 D' aquelles que vão presos , onde estava
 O Samorim , se aqueixam que perdidos
 Uns teem os paes , as outras os maridos .

XII.

Manda logo os feitores lusitanos
 Com toda sua fazenda livremente,
 A pezar dos imigos ma'ometanos,
 Porque lhe torne a sua presa gente:
 Desculpas manda o rei de seus enganos.
 Recebe o capitão de melhor mente
 Os presos, que as desculpas ; e tornando
 Alguns negros , se parte as vélas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo ; porque intende
 Que em vão co' o rei gentio trabalhava
 Em querer d'elle paz; a qual pretende
 Por firmar o commércio, que tratava.
 Mas como aquella terra , que se estende
 Pela Aurora , sabida ja deixava ,
 Com estas novas torna á patria cara ,
 Certos signaes levando do que achara.

XIV.

Leva alguns Malabares , que tomou
 Per força , dos que o Samorim mandara ,
 Quando os presos feitores lhe tornou :
 Leva pimenta ardente, que comprara :
 A secca flor de Banda não ficou ,
 A noz , e o negro cravo , que faz clara
 A nova ilha Maluco , co'a canella ,
 Em que Ceilão é rica, illustre e bella.

xv.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
 De Monçaide fiel , que tambem leva ;
 Que inspirado de angélica influencia ,
 Quer no livro de Christo que se escreva.
 Oh ditoso Africano , que a clemencia
 Divina assi tirou d' escura treva ,
 E tam longe da patria achou maneira
 Pera subir á patria verdadeira !

xvi.

Apartadas assi da ardente costa
 As venturosa naus , levando a proa
 Pera onde a natureza tinha posta
 A meta austrina da esperança boa ;
 Levando alegres novas , e resposta
 Da parte oriental pera Lisboa ;
 Outra vez commettendo os duros medos
 Do mar incerto , tímidos e ledos.

xvii.

O prazer de chegar á patria cara ,
 A seus penates caros , e parentes ,
 Pera contar a peregrina e rara
 Navegaçāo , os varios ceos , e gentes ;
 Vir a lograr o prémio , que ganhara
 Per tam longos trabalhos , e accidentes ,
 Cadaum tem por gosto tam perfeito ,
 Que o coração pera elle é vaso estreito.

XVIII.

Porém a deusa cypria , que ordenada
 Era pera favor dos Lusitanos
 Do Padre eterno , e por bom genio dada ,
 Que sempre os guia ja de longos anos ;
 A gloria per trabalhos alcançada ,
 Satisfação de bem sofridos danos ,
 Lhe andava ja ordenando , e pretendia
 Dar-lhe nos mares tristes , alegria.

XIX.

Despois de ter um pouco revolvido
 Na mente o largo mar, que navegaram ,
 Os trabalhos , que polo deus nascido
 Nas amphionéas Thebas se causaram ;
 Ja trazia de longe no sentido ,
 Pera premio de quanto mal passaram ,
 Buscar-lhe algum deleite , algum descanso
 No reino de crystal líquido e manso :

XX.

Algum repouso emfim , com que podesse
 Refocillar a lassa humanidade
 Dos navegantes seus , como interesse
 Do trabalho , que encurta a breve idade.
 Parece-lhe razão que conta desse
 A seu filho , per cuja potestade
 Os deuses faz descer ao vil terreno .
 E os humanos subir ao ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido , determina
 De ter-lhe apparelhada la no meio
 Das aguas , alguma ínsula divina ,
 Ornada d' esmaltado e verde arreio :
 Que muitas tem no reino , que confina
 Da mãe primeira co' o terreno seio ,
 Afora as que possue soberanas
 Pera dentro das portas herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquáticas donzellas
 Esperem os fortíssimos Barões ,
 Todas as que teem título de bellas ,
 Gloria dos olhos , dor dos corações ,
 Com danças , e choréas ; porque n'ellas
 Influirá secretas affeições ,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeixoarem.

XXIII.

Tal manha buscou ja , pera que aquele
 Que de Anchises pariu , bem recebido
 Fosse no campo , que a bovina pelle
 Tomou d' espaço , per sutil partido :
 Seu filho vai buscar ; porque so n' elle
 Tem todo seu poder , fero Cupido ;
 Que assi como n'aquella empresa antiga
 A ajudou ja , n'est' outra a ajude , e siga.

XXIV.

No carro ajuncta as aves , que na vida
 Vão da morte as exéquias celebrando ,
 E aquellas , em que ja foi convertida
 Peristéra , as boninas apanhando .
 Em derredor da deusa ja partida ,
 No ar lascivos beijos se vão dando :
 Ella , per onde passa , o ar , e o vento
 Sereno faz , com brando movimento .

XXV.

Ja sobre os idalíos montes pende ,
 Onde o filho frecheiro estava então
 Ajunctando outros muitos ; que pretende
 Fazer uma famosa expedição
 Contra o mundo rebelde ; porque emende
 Erros grandes , que ha-dias n' elle estão ,
 Amando cousas , que nos foram dadas ,
 Não pera ser amadas , mas usadas .

XXVI.

Via Acteon na caça tam austero ,
 De cego na alegria bruta , insana ,
 Que , por seguir um feo animal fero ,
 Fuge da gente , e bella fórmá humana :
 E por castigo quer , doce e severo ,
 Mostrar-lhe a fermosura de Diana :
 E guarde-se não seja inda comido
 D'esses cães , que agora ama , e consumido !

xxvii.

E ve do mundo todo os principais ,
 Que nenhum no bem público imagina ;
 Ve n'elles , que não teem amor a mais ,
 Que a si somente , e a quem Philaucia ensina .
 Ve que esses , que frequentam os reais
 Paços , por verdadeira e sã doctrina
 Vendem adulaçāo , que mal consente
 Mondar-se o novo trigo florecente .

xxviii.

Ve que aquelles , que devem á pobreza
 Amor divino , e ao povo caridade ,
 Amam somente mandos , e riqueza ,
 Simulando justiça , e integridade .
 Da fea tyrannia , e de aspereza ,
 Fazem direito , e vā severidade :
 Leis em favor do rei se estabelecem ;
 As em favor do povo so perecem .

xxix.

Ve emfim , que ninguem ama o que deve ,
 Senão o que somente mal deseja :
 Não quer que tanto tempo se releve
 O castigo , que duro e justo seja .
 Seus ministros ajuncta ; porque leve
 Exercitos conformes á peleja
 Que espera ter co' a mal regida gente ,
 Que lhe não for agora obediente .

XXX.

Muitos d'estes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando;
Uns amolando ferros passadores,
Outros hâsteas de settas delgaçando:
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a toada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
Pera as settas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes.
As aguas onde os ferros temperavam,
Lagrymas são de miseros amantes:
A viva flamma, o nunca morto lume,
Desejo é so que queima, e não consume.

XXXII.

Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da setta aguda.
Fermosas nymphas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não somente dá vida aos mal feridos;
Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Fermosas são algumas , e outras feias ,
 Segundo a calidade for das chagas ;
 Que o veneno espalhado pelas veias
 Curan-o ás vezes ásperas triagás .
 Alguns ficam ligados em cadeias ,
 Per palavras sutis de sabias magas :
 Isto acontece ás vezes , quando as setas
 Acertam de levar hervas secretas .

XXXIV.

D' estes tiros assi desordenados ,
 Que estes moços mal destros vão tirando ,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o povo ferido , miserando :
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vêem de amor nefando ;
 Qual o das moças Bíbli , e Cinyréa :
 Um mancebo de Assyria ; um de Judéa .

XXXV.

E vós , o' poderosos , por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes ;
 E por baixos e rudos , vós senhoras ,
 Tambem vos tomam nas vulcâneas redes .
 Uns esperando andais nocturnas horas ;
 Outros subis telhados , e paredes :
 Mas eu creio que d' este amor indino ,
 É mais culpa a da mãe , que a do menino .

XXXVI.

Mas ja no verde prado o carro leve
 Punham os brancos cysnes mansamente ;
 E Dione , que as rosas entre a neve
 No rosto traz , descia diligente .
 O frecheiro , que contra o ceo se atreve ,
 A recebel-a vem , ledo e contente ;
 Véem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão á deusa dos amores .

XXXVII.

Ella , porque não gaste o tempo em vão ,
 Nos braços tendo o filhò , confiada
 Lhe diz : « Amado filho , em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada ;
 Filho , em quem minhas forças sempre estão ;
 Tu que as armas typhéas tens em nada ,
 A soccorrer-me á tua potestade
 Me traz especial necessidade .

XXXVIII.

« Beni ves as lusitânicas fadigas ,
 Que eu ja de muito longe favoreço ;
 Porque das Parcas sei minhas amigas ,
 Que me hão de venerar , e ter ein preço .
 E porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus Romanos , me offereço
 A lhe dar tanta ajuda , em quanto posso ,
 A quanto se estender o poder nosso .

XXXIX.

« E porque das insídias do odioso
 Baccho foram na India molestados ,
 E das injurias sos do mar undoso
 Poderam mais ser mortos , que cansados :
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi , quero que sejam repousados ;
 Tomando aquelle prémio , e doce gloria
 Do traþalho , que faz clara a memoria.

XL.

« E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereu no ponto fundo ,
 D' amor dos Lusitanos incendidas ,
 Que véem de descobrir o novo mundo ;
 Todas n' uma ilha juntas , e subidas ;
 Ilha , que nas entranhas do profundo
 Océano terei apparelhada ,
 De dôes de Flora , e Zéphyro adornada ;

XLI.

« Alli com mil refrescos , e manjares ,
 Com vinhos odoríferos , e rosas ,
 Em crystallinos paços singulares ,
 Fermosos leitos , e ellas mais fermosas :
 Emfim , com mil deleites não vulgares ,
 Os esperem as nymphas amorosas ;
 De amor feridas , pera lhe entregarem
 Quanto d' ellas os olhos cubicarem.

XLII.

« Quero que haja no reino neptunino,
 Onde eu nasci , progenie forte e bella :
 E tome exemplo o mundo vil , malino ,
 Que contra tua potencia se rebella ;
 Porque intendam que muro adamantino ,
 Nem triste hypocrisia val contra ella :
 Mal haverá na terra quem se guarde ,
 Se teu fogo immortal nas aguas arde. »

XLIII.

Assi Venus propoz; e o filho inico
 Pera lhe obedecer, ja se apercebe ;
 Manda trazer o arco eburneo . rico ,
 Onde as settas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto ledo a Cypria e impudico
 Dentro no carro o filho seu recebe ;
 A redea larga ás aves , cujo canto
 A phaetôntea morte chorou tanto.

XLIV.

Mas diz Cupido, « que era necessaria
 Uma famosa e célebre terceira ;
 Que, posto que mil vezes lhe é contraria ,
 Outras muitas a tem por companheira : »
 A deusa gigantéa , temeraria ,
 Jactante , mentirosa e verdadeira ,
 Que com cem olhos ve , e per onde voa
 O que ve , com mil boccas apregoa.

XLV.

Van-a buscar, e mandan-a diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
 Ja murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhara :
 Falla verdade, havida por verdade ;
 Que juncto a deusa traz Credulidade.

XLVI.

O louvor grande , o rúmor excellente
 No coração dos deuses, que indignados
 Foram per Baccho contra a illustre gente ,
 Mudando, os fez um pouco affeiçoados.
 O peito feminil, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados ,
 Ja julga por mau zelo , e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

Despede n'isto o fero moço as setas
 Uma apos outra ; gemie o mar co' os tiros :
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão , e algumas fazem giros :
 Cahem as nymphas , lançam das secretas
 Entranhos ardentissimos suspiros :
 Cahe qualquer, sem ver o vulto , que ama ;
 Que tanto , como a vista , pode a fama.

XLVIII.

Os cornos ajunctou da eburnea lua,
 Com força o moço indómito excessiva ,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhua ,
 Porque mais que nenhuma lhe era esquiva.
 Ja não fica na aljava setta algua ,
 Nem nos equóreos campos nympha viva ;
 E , se feridas inda estão vivendo ,
 Será pera sentir que vão morrendo .

XLIX.

Dai logar altas e cerúleas ondas ,
 Que , vêdes , Venus traz a medicina ,
 Mostrando as brancas vélas e redondas ,
 Que véem per cima da agua neptunina :
 Pera que tu reciproco respondas ,
 Ardentे Amor , á flamma feminina ,
 É forçado que a púdicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus amoesta .

L.

Ja todo o bello coro se apparelha
 Das Nereidas ; e juncto caminhava
 Em choréas gentis (usança velha)
 Pera a ilha , a que Venus as guiava .
 Alli a fermosa deusa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes , quando amava :
 Ellas , que vão do doce amor vencidas ,
 Estão a seu conselho offerecidas .

LI.

Cortando vão as naus a larga via
 Do mar ingente pera a patria amada ,
 Desejando prover-se de agua fria ,
 Pera a grande viagem prolongada :
 Quando juctas , com súbita alegria ,
 Houveram vista da ilha namorada ;
 Rompendo pelo ceo a mae fermosa
 De Memnónio , suave e deleitosa.

LII.

De longe a ilha viram fresca e bella ;
 Que Venus pelas ondas lh' a levava ,
 (Bem como o vento leva branca vella)
 Pera onde a forte armada se enxergava :
 Que , porque não passassem , sem que n' ella
 Tomassem porto , como desejava ;
 Pera onde as naus navegam a movia
 A Acidália , que tudo emfim podia.

LIII.

Mas firme a fez e immobil , como viu
 Que era dos nautas vista , e demandada ;
 Qual ficou Delos , tanto que pariu
 Latona Phebo , e a deusa á caça usada .
 Pera la logo a proa o mar abriu ,
 Onde a costa fazia uma enseada
 Curva e quieta , cuja branca area
 Pintou de ruivas conchas Cytherea.

LIV.

Tres fermosos oueiros se mostravam
 Erguidos com suberba graciosa,
 Que de gramíneo esmalte se adornavam ,
 Na fermea ilha alegre e deleitosa :
 Claras fontes e límpidas manavam
 Do cume , que a verdura tem viçosa :
 Per entre pedras alvas se deriva
 A sonorosa lympha fugitiva.

LV.

N'um valle ameno , que os oueiros fende ,
 Vinham as claras aguas ajuntar-se ,
 Onde uma mesa fazem , que se estende
 Tam bella , quanto pode imaginar-se :
 Arvoredo gentil sobre ella pende ,
 Como que prompto está pera affeitar-se ,
 Vendo-se no crystal resplandecente ,
 Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

Mil arvores estão ao ceo subindo ,
 Com ponios odoríferos e bellos :
 A laranjeira tem no fruito lindo
 A côr, que tinha Dáphne nos cabellos :
 Encosta-se no chão , que está cahindo ,
 A cidreira co' os pesos amarellos :
 Os fermosos limões alli cheirando
 Estão virgíneas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes , que os outeiros
 Teem com frondente coma ennobrecidos ,
 A'lamos são de Álcides , e os loureiros
 Do louro deus amados , e queridos :
 Myrtos de Cytheréa , co' os pinheiros
 De Cybélé , por outro amor vencidos ;
 Está apontando o agudo cypariso
 Pera onde é posto o ethéreo paraíso.

LVIII.

Os dões , que dá Pomôna , alli natura
 Produze diferentes nos sabores ,
 Sem ter necessidade de cultura ;
 Que sem ella se dão muito melhores :
 As cerejas purpúreas na pintura ;
 As amoras , que o nome teem de amores ;
 O pomo , que da pátria Persia veio ,
 Melhor tornado no terreno alheio .

LIX.

Abre aromâ , mostrando a rubicunda
 Cór com que tu , rubí , teu preço perdes :
 Entre os braços do ulmeiro stá a jucunda
 Vide , c' uns cachos roxos , e outros verdes :
 E vós , se na vossa árvore fecunda ,
 Peras pyramidaes , viver quizerdes ,
 Entregai-vos ao damno , que co' os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos .

LX.

Pois a tapeçaría bella e fina ,
 Com que se cobre o rustico terreno ,
 Faz ser a de Acheménia menos dina ;
 Mas o sombrio valle mais ameno .
 Alli a cabeça a flor cephisia inclina
 Sobolo tanque lúcido e sereno :
 Florece o filho , e neto de Ciniras ,
 Por quem tu , deusa páphia , inda suspiras .

LXI.

Pera julgar difficil cousa fora ,
 No ceo vendo , e na terra as mesmas cores ,
 Se dava ás flores cõr a bella Aurora ,
 Ou se lh'a dão a ella as bellas flores .
 Pintando estava alli Zephyro , e Flora ,
 As violas , da cõr dos amadores ;
 O lirio roxo , a fresca rosa bella ;
 Qual reluze nas faces da donzella .

LXII.

A candida cecem , das matutinas
 Lagrymas rociada , e a mangerona
 Vêem-se as letras nas flores hyacinthinas ,
 Tam queridas do filho de Latona :
 Bem se enxerga nos poimos , e boninas ,
 Que competia Chlóris com Pomona .
 Pois se as aves no ar cantando voam ,
 Alegres animaes o chão povoam .

LXIII.

Ao longo d' agua o níveo cysne canta,
 Responde-lhe do ramo philomella :
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n'agua crystallina e bella :
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa matta , ou tímida gazella ;
 Alli no bico traz ao caro ninho
 O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

N' esta frescura tal desembarcavam
 Ja das naus os segundos Argonautas ,
 Onde pela floresta se deixavam
 Andar as bellas deusas , como incautas.
 Algumas doces cítharas tocavam ,
 Algumas arpas , e sonoras frautas ;
 Outras co' os arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animaes , que não seguiam.

LXV.

Assi lh' o aconselhara a mestra experta ,
 Que andassem pelos campos espalhadas ;
 Que vista dos Barões a presa incerta ,
 Se fizessem primeiro desejadas.
 Algumas , que na fórmia descoberta
 Do bello corpo estavam confiadas ,
 Posta a artificiosa fermosura ,
 Nuas lavar se deixam n' agua pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos , que na praia
 Punham os pés de terra cubiçosos ;
 Que não ha nenhum d' elles , que não saia
 De acharem caça agreste desejosos ;
 Não cuidam que sem laço ou redes , caia
 Caça n' aquelles montes deleitosos
 Tam suave , doméstica e benina ,
 Qual ferida lh'a tinha ja Erycina.

LXVII.

Alguns , que em espingardas , e nas béstas
 Pera ferir os cervos , se fiavam ,
 Pelos sombrios mattos , e floréstas ,
 Determinadamente se lançavam :
 Outros nas sombras , que das altas séstas
 Defendem a verdura , passeavam
 Ao longo d' agua , que suave e queda
 Per alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
 Per entre verdes ramos varias cores ;
 Cores , de quem a vista julga e sente ,
 Que não eram das rosas ou das flores :
 Mas da lã fina , e seda diferente ,
 Que mais incita a força dos amores ,
 De que se vestem as humanas rosas ,
 Fazendo-se , per arte , mais fermosas .

LXIX.

Dá Velloso espantado um grande grito :
 « Senhores , caça estranha (disse) é esta :
 Se inda dura o gentio antiquo rito ,
 A deusas é sagrada esta floresta :
 Mais descobrimos do que humano esp'rito
 Desejou nunca ; e bem se manifesta ,
 Que são grandes as cousas e excellentes ,
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes .

LXX.

« Sigamos estas deusas , e vejamos
 Se phantasticas são , se verdadeiras . »
 Isto dicto : veloces mais que gamos ,
 Se lançam a correr pelas ribeiras .
 Fugindo as nymphas vão per entre os ramos ;
 Mas , mais industriósas , que ligeiras ,
 Pouco e pouco surrindo , e gritos dando ,
 Se deixam ir dos galgos alcançando .

LXXI.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo , e de outra as fraldas delicadas :
 Accende-se o desejo , que se ceva
 Nas alvas carnes súbito mostradas :
 Uma de indústria cahe , e ja releva
 Com mostras mais macias , que indinadas ,
 Que sobre ella empecendo tambem caia
 Quem a seguiu pela arenosa praia .

LXXII.

Outros per outra parte vão topar
 Com as deusas despidas , que se lavam:
 Ellas começam súbito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
 Umas , fingindo menos estimar
 A vergonha que a força , se lançavam
 Nuas per entre o matto , aos olhos dando
 O que ás mãos cubicasas vão negando.

LXXIII.

Outra , como acudindo mais depressa
 A' vergonha da deusa caçadora ,
 Esconde o corpo n' agua; outra se apressa
 Per tomar os vestidos , que tem fora.
 Tal dos mancebos ha , que se arremessa
 Vestido assi , e calçado (que co' a mora
 De se despir ha miedo que inda tarde)
 A matar na agua o fogo , que n' elle arde.

LXXIV.

Qual cão de caçador, sagaz e ardido ,
 Usado a tomar n' agua a ave ferida ,
 Vendo no rosto o férreo cano erguido
 Pera a garcenha , ou pata conhecida ,
 Antes que soe o estouro , mal sofrido
 Salta n' agua , e da presa não duvida ;
 Nadando vai , e latindo: assi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV.

Leonardo , soldado bem disposto ,
 Manhoso , cavalleiro e namorado ,
 A quem amor não dera um so desgosto ;
 Mas sempre fôra d'elle maltratado :
 E tinha ja por firme presupposto
 Ser com amores mal afortunado ;
 Porém não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança :

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura , que corria
 Apos Ephyre , exemplo de belleza ,
 Que mais caro que as outras dar queria
 O que deu pera dar-se a natureza.
 Ja cançado correndo lhe dizia :
 « O' fermosura indigna de aspereza ;
 Pois d'esta vida te concedo a palma ,
 Espera um corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

« Todas de correr cançam , nympha pura ,
 Rendendo-se á vontade do inimigo :
 Tu so de mi so foges na espessura ?
 Quem te disse , que eu era o que te sigo ?
 Se t' o tem dicto ja aquella ventura
 Que em toda a parte sempre anda comigo ,
 O' não a creias ; porque eu , quando a crio ,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

« Não cances ; que me canças : e se queres
 Fugir-me , porque não possa tocar-te ,
 Minha ventura é tal , que inda que esperes ,
 Ella fará que não possa alcançar-te .
 Espera : quero ver, se tu quizeres ,
 Que util modo busca de escapar-te :
 E notarás no fim d'este successo ,
 « *Tra la spiga e la man qual muro è messo.* »

LXXIX.

« O' não me fujas ! Assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua fermosura !
 Que , so com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a força dura.
 Que imperador, que exército se atreve
 A quebrantar a furia da ventura ,
 Que em quanto desejei me vai seguindo ?
 O que tu so farás não me fugindo.

LXXX.

« Pões-te de parte da desdita minha ?
 Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me um coração , que livre tinha ?
 Solta-m' o , e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tam mesquinha ,
 Que n' esses fios de ouro reluzente
 Atada levas ? Ou depois de presa
 Lhe mudaste a ventura , e menos pesa ?

LXXXI.

• N' esta esperança so te vou seguindo ;
 Que , ou tu não sofrerás o peso d'ella ,
 Ou na virtude de teu gesto lindo ,
 Lhe mudarás a triste e dura estrella :
 E se se lhe mudar, não vas fugindo ,
 Que amor te ferirá, gentil donzella ;
 E tu me esperarás , se amor te fere ;
 E se me esperas, não ha mais que espere. »

LXXXII.

Ja não fugia a bella nympha , tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia ,
 Como por ir ouvindo o doce canto ,
 As namoradas mágoas que dizia.
 Volvendo o rosto ja sereno e santo .
 Toda banhada em riso e alegria ,
 Cahir se deixa aos pés do vencedor ,
 Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta !
 E que mimoso choro , que soava !
 Que afagos tam suaves ! Que ira honesta ,
 Que em risinhos alegres se tornava !
 O que mais passam na manhã , e sesta ,
 (Que Venus com prazeres inflammava)
 Melhor é exp'rimental-o , que julgal-o ;
 Mas julgue-o quem não pode exp'rimental-o.

LXXXIV.

Dest' arte emfim conformes ja as ferinosas
 Nymphas, co' os seus amados navegantes,
 Os ornam de capellas deleitosas
 De louro , e de ouro , e flores abundantes :
 As mãos alvas lhe davam como esposas :
 Com palavras formaes e estipulantes
 Se promettem eterna companhia
 Em vida, e morte , de honra e alegria.

LXXXV.

Uma d' ellas maior, a quem se humilha
 Todo o coro das nymphas , e obedece ,
 (Que dizem ser de Celo , e Vesta filha ,
 O que no gesto bello se parece ,
 Enchendo a terra , e o mar de maravilha)
 O capitão illustre , que o merece ,
 Recebe allí com pompa honesta e regia ,
 Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI.

Que , despois de lhe ter dicto quem era ,
 C' um alto exordio de alta graça ornado ;
 Dando-lhe a intender • que allí viera
 Per alta influição do immobil fado ;
 Pera lhe descobrir da unida esphera ,
 Da terra immensa, e mar não navegado
 Os segredos , per alta prophecia ,
 O que esta sua nação so merecia : »

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva , e guia ,
 Pera o cume d' um monte alto e divino ,
 No qual ûa rica fábrica se erguia
 De crystal toda , e de ouro puro e fino .
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos , e em prazer contíno :
 Ella nos paços logra seus amores ,
 As outras pelas sombras entre as flores .

LXXXVIII.

Assi a fermosa e a forte companhia ,
 O dia quasi todo estão passando
 N' uma alma , doce , incógnita alegria ,
 Os trabalhos tam longos compensando .
 Porque dos feitos grandes , da ousadia
 Forte e famosa , o mundo está guardando
 O premio la no fim bem merecido ,
 Com fama grande , e nome alto e subido .

LXXXIX.

Que as nymphas do Oceâno tam fermosas ,
 Tethys , e a ilha angélica pintada ,
 Outra cousa não são , que as deleitosas
 Honras , que a vida fazem sublimada .
 Aquellas preeminencias gloriosas ,
 Os triumphos , a fronte coroada
 De palma , e louro , a glória e maravilha ,
 Estes são os deleites d' esta ilha .

XC.

Que as immortalidades , que fingia
 A antiguidade , que os illustres ama ,
 La no estellante Olymbo , a quem subia
 Sobre as azas inclytas da Fama
 Per obras valerosas , que fazia ,
 Pelo trabalho immenso , que se chama
 Caminho da virtude alto e fragoso ,
 Mas no fim doce , alegre e deleitoso ;

XCI.

Não eram senão premios , que reparte
 Per feitos immortaes e soberanos
 O mundo co'os Barões , que esforço e arte
 Divinos os fizeram , sendo humanos :
 Que Jupiter, Mercurio , Phebo , e Marte ,
 Eneas , e Quirino , e os dous Thebanos ,
 Ceres , Pallas ; e Juno , com Diana ,
 Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

Mas a Fama , trombeta de obras tais ,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos ,
 De deuses , semideuses immortais ,
 Indígetes , heroicos , e de manhos .
 Por isso , o' vós , que as famas estimais ,
 Se quizerdes no mundo ser tammanhos ,
 Despertai ja do somno do ocio ignavo ,
 Que o animo de livre faz escravo .

XCIII.

E ponde na cubiça um freio duro,
 E na ambição tambem , que indignamente
 Tomais mil vezes , e no torpe e escuro
 Vicio da tyrannia infame e urgente :
 Porque essas honras vãs , esse ouro puro ,
 Verdadeiro valor não dão á gente :
 Melhor é merecel-os sem os ter ,
 Que possuil-os sem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes , constantes ,
 Que aos grandes não deem o dos pequenos ;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes ,
 Contra a lei dos imigos sarracenos :
 Fareis os reinos grandes e possantes ,
 E todos tereis mais , e nenhum menos :
 Possuireis riquezas merecidas ,
 Com as honras , que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o rei , que tanto amais ,
 Agora co' os conselhos bem cuidados ;
 Agora co' as espadas , que immortais
 Vos farão , como os vossos ja passados :
 Impossibilidades não façais ;
 Que quem quiz sempre pôde : e numerados
 Sereis entre os heroes esclarecidos ,
 E n' esta ilha de Venus recebidos .

OS LUSIADAS.



CANTO DECIMO.

I.

Mas ja o claro amador de Larissea
Adúltera inclinava os animaes
La pera o grande lago , que rodea
Temistitão , nos fins occidentaes :
O grande ardor do sol Favonio enfrea
Co' o sopro , que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena , e despertava
Os lirios e jasmins , que a calma agrava :

II.

Quando as fermosas nymphas co' os amantes
Pela mão , ja conformes e contentes ,
Subiam pera os paços radiantes ,
E de metaes ornados reluzentes ;
Mandados da rainha , que abundantes
Mesas d' altos manjares , excellentes ,
Lhe tinha apparelhadas , que a fraqueza
Restaurem da cançada natureza .

III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
 Se assentam dous e dous, amante, e dama;
 N' outras, á cabeceira, d' ouro finas,
 Está co' a bella deusa o claro Gama.
 De iguarias suaves e divinas,
 A quem não chega a egypcia antigua fama,
 Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
 Trazidos la do atlântico thesouro.

IV.

Os vinhos odoríferos (que acima
 Estão não so do itálico Falerno,
 Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima,
 Com todo o ajunctamento sempiterno)
 Nós vasos, onde em vão trabalha a lima,
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração movein súbita alegria,
 Saltando co' a mistura d' agua fria.

V.

Mil prácticas alegres se tocavam,
 Risos doces, sutis e argutos ditos,
 Que entre um, e outro manjar se alevantavam,
 Despertando os alegres appetitos.
 Musicos instrumentos não faltavam,
 Quaes no profundo reino os nus esp'ritos
 Fizeram descançar da eterna pena,
 C' uma voz d'uma angélica sirena.

VI.

Cantava a bella nympha , e co' os accentos ,
 Que pelos altos paços vão soando ,
 Em consonancia igual , os instrumentos
 Suaves véem a um tempo conformando :
 Um subito silencio enfreia os ventos ,
 E faz ir docemente murmurando
 As aguas , e nas casas naturaes
 Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo á ceo
 Altos Barões , que estão por vir ao mundo ,
 Cujas claras ideias viu Proteo
 N'um globo vão , diáphano , rotundo ;
 Que Jupiter em dom lh'o concedeo
 Em sonhos , e despois no reino fundo
 Vaticinando o disse ; e na memoria
 Recolheu logo a nympha a clara historia.

VIII.

Materia é de cothurno , e não de soco ,
 A que a nympha aprendeu no immenso lago ,
 Qual Iopas não soube , ou Demodoco ,
 Entre os Pheaces um , outro em Carthago .
 Aqui , minha Calliope , te invoco
 N'este trabalho extremo ; porque em pago
 Me tornes do que escrevo , e em vão pretendendo ,
 O gosto de escrever , que vou perdendo .

IX.

Vão os annos descendo , e ja do estio
 Ha pouco que passar até o outono :
 A fortuna me faz o ingenho frio ,
 Do qual ja não me jacto , nem me abono .
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento , e eterno sono :
 Mas , tu me dá que compra , o' gran' rainha
 Das Musas , co' o que quero á nação minha .

X.

Cantava a bella deusa , que viriam
 Do Tejo , pelo mar , que o Gama abrirá ,
 Armadas , que as ribeiras venceriam ,
 Per onde o Oceano índico suspira :
 E que os gentios rēis , que não dariam
 A cerviz sua ao jugo , o ferro e ira
 Provariam do braço duro e forte ,
 Até render-se a elle , ou logo á morte .

XI.

Cantava d' um , que tem nos Malabares
 Do summo sacerdócio a dignidade ,
 Que so por não quebrar co' os singulares
 Barões os nós , que dera d' amizade ,
 Sofrerá suas cidades , e logares
 Com ferro , incendios , ira , e crueldade
 Ver destruir do Samorim potente ,
 Que taes odios terá co' a nova gente .

XII.

E canta como la se embarcaria
 Em Belem o remédio d' este dano ,
 Sem saber o que em si ao mar traria
 O gran' Pacheco , Achilles lusitano .
 O peso sentirão , quando entraria ,
 O curvo lenho , e o férvido Oceano ,
 Quando mais n' agua os troncos , que gemerem ,
 Contra sua natureza se metterem .

XIII.

Mas ja chegado aos fins orientaes ,
 E deixando em ajuda do gentio
 Rei de Cochim com poucos naturaes
 Nos braços do salgado e curvo rio ;
 Desbaratará os Naires infernaes
 No passo Cambalão , tornando frio
 D' espanto o ardor immenso do Oriente ,
 Que verá tanto obrar tam pouca gente .

XIV.

Chamará o Samorim mais gente nova ;
 Virão reis de Bipur , e de Tanor
 Das serras de Narsinga , que alta prova
 Estarão promettendo a seu senhor :
 Fará que todo o Naire enfim se movea ,
 Que entre Calecut jaz , e Cananor ,
 D' ambas as leis imigas , pera a guerra ,
 Mouros per mar , gentios pela terra .

XV.

E todos outra vez desbaratando,
 Per terra e mar, o gran' Pacheco ousado ,
 A grande multidão , que irá matando ,
 A todo o Malabar terá admirado.
 Committerá outra vez , não dilatando
 O gentio os combates apressado ,
 Injuriando os seus , fazendo votos
 Em vão aos deuses vãos , surdos e immotos.

XVI.

Ja não defenderá somente os passos ,
 Mas queimar-lhe-ha logares , templos , casas :
 Acceso de ira o cão , não vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasas ,
 Fará que os seus , da vida pouco escassos ,
 Commettam o Pacheco , que tem asas ,
 Per dous passos n' um tempo : mas voando
 D' um n' outro , tudo irá desbaratando.

XVII.

Virá alli o Samorim ; porque em pessoa
 Veja a batalha , e os seus esforce e anime :
 Mas um tiro , que com zunido voa ,
 De sangue o tingirá no andor sublime.
 Ja não verá remédio , ou manha boa ,
 Nem força , que o Pacheco muito estime :
 Inventará traições , e vãos venenos ;
 Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez sétima (cantava)
 Pelejar co' o invicto e forte Luso ,
 A quem nenhum trabalho pesa , e agrava ,
 Mas com tudo este so o fará confuso :
 Trará pera a batalha horrenda e brava ,
 Machinas de madeiros fóra de uso ,
 Pera lhe abalroar as caravelas ;
 Que até-li vão lhe fóra commettelas.

XIX.

Pela agua levará serras de fogo
 Pera abrasar-lhe quanta armada tenha :
 Mas a militar arte , e ingenho , logo
 Fará ser vā a braveza com que venha.
 Nenhum claro Barão no marcio jogo ,
 Que nas azas da Fama se sustenha ,
 Chega a este , que a palma a todos toma :
 E perdoe-me a illustre Grecia , ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados ,
 Com tantas manhas , e artes inventadas ,
 Tantos cães não imbelles profligados ;
 Ou parecerão fábulas sonhadas ,
 Ou que os celestes coros invocados
 Descerão a ajudal-o , e lhe darão
 Esforço , força , ardil e coraçao.

XXI.

Aquelle que nos campos marathonios
 O gran' poder de Dário estrue, e rende ;
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Thermópylas defende ;
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder tusco contendre
 Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII.

Mas n' este passo a nympha o som canoro
 Abaixando , fez rouco e entristecido ,
 Cantando em baixa voz , involta em choro ,
 O grande esforço mal agradecido .
 « O' Belizario (disse) que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido ;
 Se em ti viste abatido o bravo Marte ,
 Aqui tens com quem podes consolarte !

XXIII.

« Aqui tens companheiro , assi nos feitos ,
 Como no galardão injusto e duro :
 Em ti, e n' elle veremos altos peitos
 A baixo estado vir, humilde e escuro :
 Morrer nos hospitaes , em pobres leitos ,
 Os que ao rei, e á lei servem de muro.
 Isto fazem os rēis , cuja vontade
 Manda mais que a justiça , e que a verdade.

XXIV.

« Isto fazem os rēis , quando embebidos
 N' uma apparencia branda , que os contenta ,
 Dão os premios , de Aiáce merecidos ,
 A' lingua vā de Ulysses fraudulenta .
 Mas vingo-me , que os bens mal repartidos
 Per quem so doces sombras apresenta ,
 Se não os dão a sabios cavalleiros ,
 Dão-os logo a avarentos lisonjeiros .

XXV.

« Mas tu , de quem ficou tam mal pagado
 Um tal vassallo , o' rei so n' isto inico ,
 Se não es pera dar-lhe honroso estado ,
 É elle pera dar-te um reino rico .
 Em quanto for o mundo rodeado
 Dos apollíneos raios , eu te fico ,
 Que elle seja entre a gente illustre e claro ,
 E tu n' isto culpado por avaro .

XXVI.

« Mas eis outro (cantava) intitulado
 Vem com nome real , e traz comsigo
 O filho , que no mar será illustrado
 Tanto como qualquer Romano antigo .
 Ambos darão com braço forte , armado ,
 A Quiloa fertil áspero castigo ,
 Fazendo n' ella rei leal e humano ,
 Deitado fóra o pérfido tyrano .

XXVII.

« Tambem farão Mombaça , que se arreia
 De casas sumptuosas , e edificios ,
 Co' o ferro e fogo seu queimada e feia ,
 Em pago dos passados maleficios.
 Despois na costa da India , andando cheia
 De lenhos inimigos , e artificios
 Contra os Lusos , com vélas , e com remos ,
 O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII.

« Das grandes naus do Samorim potente ,
 Que encherão todo o mar , co' a ferrea pella ,
 Que sahe com trovão do cobre ardente ,
 Fará pedaços leme , masto , e vella .
 Despois lançando arpeos ousadamente
 Na capitaina imiga , dentro n' ella
 Saltando , a fará so com lança e espada ,
 De quatrocentos Mouros despejada .

XXIX.

« Mas de Deus a escondida providencia ,
 (Que ella so sabe o bem , de que se serve)
 O porá onde esforço , nem prudencia
 Poderá haver , que a vida lhe reserve .
 Em Chaul , onde em sangue , e resistencia
 O mar todo com fogo , e ferro ferve ,
 Lhe farão que com vida se não saia
 As armadas d'Egypto , e de Cambaia .

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos ,
 Que o grande esforço so com força rende ,
 Os ventos , que faltaram , e os perigos
 Do mar, que sobejaram , tudo o offende.
 Aqui resurjam todos os antigos
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende :
 Outro Sceva verão , que espedaçado
 Não sabe ser rendido , nem domado.

XXXI.

« Com toda ūa coxa fóra , que em pedaços
 Lhe leva um cego tiro , que passara ,
 Se serve inda dos animosos braços ,
 E do gran' coração , que lhe ficara :
 Até que outro pelouro quebra os laços
 Com que co' a alma o corpo se liara :
 Ella sôlta voou da prisão fora ,
 Onde súbito se acha vencedora.

XXXII.

« Vai-te , alma , em paz da guerra turbulenta ,
 Na qual tu mereceste paz serena !
 Que o corpo , que em pedaços se apresenta ,
 Quem o gerou , vingança ja lhe ordena ;
 Que eu ouço retumbar a gran' tormenta ,
 Que vem ja dar a dura e eterna pena ,
 Desperas , basiliscos , e trabucos ,
 A Cambaicos crueis , e a Mamelucos .

XXXIII.

« Eis vem o pae com ânimo estupendo ,
 Trazendo furia , e mágoa por antolhos ,
 Com que o paterno amor lhe está movendo
 Fogo no coração , agua nos olhos .
 A nobre ira lhe vinha promettendo ,
 Que o sangue fará dar pelos giolhos
 Nas inimigas naus : sentinel-o-ha o Nilo ,
 Podel-o-ha o Indo ver , e o Gange ouvilo .

XXXIV.

« Qual o touro cioso , que se ensaia
 Pera a crua peleja , os cornos tenta
 No tronco d' um carvalho , ou alta faia ,
 E o ar ferindo , as forças exp'rimenta :
 Tal , antes que no seio de Cambaia
 Entre Francisco irado , na opulenta
 Cidade de Dabul a espada afia ,
 Abaixando-lhe a túmida ousadia .

XXXV.

« E logo entrando fero na enseada
 De Diu , illustre em cercos e batalhas ,
 Fará espalhar a fraca e grande armada
 De Calecut , que remos tem por malhas :
 A' de Melique-Yaz acautelada
 Co' os pelouros , que tu Vulcano espalhas ,
 Fará ir ver o frio e fundo assento ,
 Secreto leito do húmido elemento .

XXXVI.

Mas a de Mir-Hocem , que abalroando
 A furia esperará dos vingadores ,
 Verá braços , e pernas ir nadando
 Sem corpos , pelo mar , de seus senhores.
 Raios de fogo irão representando
 No cego ardor os bravos domadores :
 Quanto alli sentirão olhos , e ouvidos ,
 É fumo , ferro , flamas , e alaridos.

XXXVII.

Mas ah , que d'esta próspera victoria ,
 Com que despois virá ao patrio Tejo ,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Um successo , que triste e negro vejo !
 O Cabo-tormentório , que a memoria
 Co' os ossos guardará , não terá pejo
 De tirar d'este mundo aquelle esp'rito ,
 Que não tiraram toda a India , e Egito.

XXXVIII.

Alli Cafres selvages poderão
 O que destros imigos não poderam ;
 E rudos paus tostados sos farão
 O que arcos , e pelouros não fizeram .
 Occultos os juizos de Deus são !
 As gentes vãs , que não os intenderam ,
 Chamam-lhe fado mau , fortuna escura ,
 Sendo so providêncial de Deus pura .

XXXIX.

• Mas oh , que lu~~s~~ tammanha , que abrir sinto ,
(Dizia a nympha , e a voz alevantava)
La no mar de Melinde em sangue tinto
Das cidades de Lamo , de Oja , e Brava,
Pelo Cunha tambem , que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar , que lava
As ilhas do Austro , e praias , que se chamam
De san' Lourenço , e em todo o Sul se afamam !

XL.

• Esta luz é do fogo , e das luzentes
Armas , com que Alboquerque irá amansando
De Ormuz os Párseos , por seu mal valentes ,
Que refusam o jugo honroso e brando.
Alli verão as settas estridentes
Reciprocar-se , a ponta no ar virando
Contra quem as tirou ; que Deus peleja
Por quem estende a fe da madre igreja.

XLI.

• Alli de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate ,
Que mortos pela praia , e mar se estendem
De Gerum , de Mascate , e Calayate :
Até que á força so de braço aprendem
A abaixar a cerviz , onde se lhe ate
Obrigação de dar o reino inico
Das perlas de Barém tributo rico.

XLII.

« Que gloriosas palmas tecer vejo ,
 Com que victoria a fronte lhe coroa ,
 Quando sem sombra vā de mēdo , ou pejo ,
 Toma a ilha illustrissima de Goa !
 Despois , obedecendo ao duro ensejo ,
 A deixa , e occasiō espera boa ,
 Em que a torne a tomar ; que esforço , e arte ,
 Vencerão a fortuna , e o proprio Marte .

XLIII.

« Eis ja sobre ella torna , e vai rompendo *
 Per muros , fogo , lanças , e pelouros ,
 Abrindo com a espada o espesso e horrendo
 Esquadrão de gentios , e de Mouros .
 Irão soldados ínclitos fazendo
 Mais que leões famélicos , e touros
 Na luz , que sempre celebrada e dina
 Será da Egypcia sancta Catharina .

XLIV.

« Nem tu menos fugir poderás d' este ,
 Postoque rica , e postoque assentada
 La no grémio da Aurora onde naceste ,
 Opulenta Malaca nomeada .
 As settas venenosas , que fizeste ,
 Os crises , com que ja te vejo armada ,
 Malaios namorados , Jaos valentes ,
 Todos farás ao Luso obedientes . »

XLV.

Mais estanças cantara esta sirena
 Em louvor do illustrissimo Alboquerque;
 Mas lembrou-lhe uma íra , que o condena,
 Posto que a fama sua o mundo cerque.
 O grande capitão , que o fado ordena
 Que com trabalhos glória eterna merque,
 Mais ha de ser um brando companheiro
 Pera os seus , que juiz cruel e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes , e asperezas ,
 Doenças , frechas , e trovões ardentes ,
 A sazão , e o logar fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes ;
 Parece de selváticas brutezas ,
 De peitos inhumanos e insolentes ,
 Dar extremo suppício pola culpa
 Que a fraca humanidade , e Amor desculpa.

XLVII.

Não será a culpa abominoso incesto ,
 Nem violento estupro em virgem pura ,
 Nem menos adultério deshonesto ;
 Mas c'uma escrava vil , lasciva e escura .
 Se o peito , ou de cioso , ou de modesto ,
 Ou de usado a crueza fera e dura , .
 Co'os seus uma ira insana não refreia ,
 Põe na fama alva , noda negra e feia.

XLVIII.

Viu Alexandre a Appelles namorado
 Da sua Campaspe , e deu-lh'a alegremente ,
 Não sendo seu soldado exp'rimentado ,
 Nem vendo-se n'um cerco duro e urgente.
 Sentiu Cyro , que andava ja abrasado
 Araspas de Panth a em fogo ardente ,
 Que elle tomara em guarda , e promettia ,
 Que nenhum mau desejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Persa , que vencido
 F ra de amor, que emfim n o tem defensa ,
 Levemente o perdoa ; e foi servido
 D' elle n'um caso grande em recompensa.
 Per for a , de Juditha foi marido
 O f rreo Baldovino ; mas dispensa
 Carlos pae d' ella , posto em cousas grandes ,
 Que viva , e povoador seja de Frades.

L.

Mas , proseguindo a nympha o longo canto ,
 De Soares cantava , « que as bandeiras
 Faria tremolar , e p r espanto
 Pelas roxas ar bicas ribeiras.
 Medina abomin bil teme tanto ,
 Quanto Mecca , e Gid  , co' as derradeiras
 Praias de Abassia : Barbor  se teme
 Do mal , de que o emp rio Zeila geme.

LI.

« A nobre ilha tambem de Taprobana ,
 Ja pelo nome antiquo tam famosa ,
 Quanto agora suberba e soberana
 Pela cortiça cálida e cheirosa ;
 D' ella dará tributo á lusitana
 Bandeira , quando excelsa e gloriosa ,
 Vencendo se erguerá na torre erguida
 Em Columbo , dos proprios tam temida .

LII.

« Tambem Sequeira , as ondas erythreas
 Dividindo , abrirá novo caminho
 Pera ti , grande império , que te arreas
 De seres de Candace , e Sabá ninho .
 Maçuá , com cisternas de agua cheas ,
 Verá , e o porto arquíco alli visinho ;
 E fará descobrir remotas ilhas ,
 Que dão ao mundo novas maravilhas .

LIII.

« Virá despois Meneses , cujo ferro
 Mais na Africa , que ca , terá provado :
 Castigará de Ormuz suberba o erro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado .
 Tambem tu , Gama , em pago do desterro
 Em que estás , e serásinda tornado ,
 Co' os títulos de conde , e d' honras nobres
 Virás mandar a terra , que descobres .

LIV.

« Mas aquella fatal necessidade ,
 De quem ninguem se exime dos humanos ,
 Illustrado co'a régia dignidade ,
 Te tirará do mundo , e seus enganos.
 Outro Meneses logo , cuja idade
 É maior na prudencia , que nos anos ,
 Governará , e fará o ditoso Henrique
 Que perpétua memória d'elle fique.

LV.

« Não vencerá somente os Malabares ,
 Destruindo Panane , com Coulete ,
 Commettendo as bombardas , que nos ares
 Se vingam so do peito , que as commete ;
 Mas com virtudes certo singulares ,
 Vence os imigos d'alma todos sete :
 Da cubiça triumpha , e incontinencia ;
 Que em tal idade é summa de excellencia.

LVI.

« Mas despois que as estrellas o chamarem ,
 Succederás , o' forte Mascarenhas ;
 E , se injustos o mando te tomarem ,
 Prometto-te que fama eterna tenhas.
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto , o Fado quer que venhas
 A mandar , mais de palmas coroado ,
 Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

« No reino de Bintão , que tantos danos
 Terá a Malaca muito tempo feitos ,
 N' um so dia as injúrias de mil anos
 Vingarás co' o valor de illustres peitos.
 Trabalhos e perigos inhumanos ,
 Abrolhos ferreos mil , passos estreitos ,
 Tranqueiras , baluartes , lanças , settas ,
 Tudo fico que rompas e sumettas.

LVIII.

« Mas na India cubiça , e ambição ,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deus , e justiça , te farão
 Vituperio nenhum , mas so desgosto .
 Quem faz injuria vil , e semrazão ,
 Com forças e poder , em que está posto ,
 Não vence ; que a victória verdadeira ,
 É saber ter justiça nua e inteira .

LIX.

« Mas comtudo não nego que Sampaio
 Será no esforço illustre e assinalado ,
 Mostrando-se no mar um fero raio ,
 Que de inimigos mil verá coalhado .
 Em Bacanor fará cruel ensaio
 No Malabar , pera que amedrontado
 Despois a ser vencido d' elle venha
 Cutiale , com quanta armada tenha .

LX.

« E não menos de Diu a fera frota ,
 Que Chaul temerá , de grande e ousada ,
 Fará co' a vista so perdida e rota
 Per Heitor da Sylveira , e destroçada :
 Per Heitor portuguez , de quem se nota ,
 Que na costa cambaica sempre armada ,
 Será aos Guzarates tanto dano ,
 Quanto ja foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

« A Sampaio feroz succederá
 Cunha , que longo tempo tem o leme :
 De Chale as torres altas erguerá ,
 Em quanto Diu illustre d'elle treme.
 O forte Baçaim se lhe dará ,
 Não sem sangue porém , que n'elle gême
 Melique , porque á força so de espada
 A tranqueira suberba ve tomada.

LXII.

« Traz este vem Noronha , cujo auspicio
 De Diu os Rumes feros afugenta ;
 Diu , que o peito e béllico exercicio
 De Antonio da Sylveira bem sustenta .
 Fará em Noronha a morte o usado officio ,
 Quando um teu ramo , o' Gama , se exp'rimenta
 No governo do império ; cujo zello
 Com mēdo o Roxo-mar fará amarello.

LXIII.

« Das mãos do teu Estêvão vem tomar
 As redeas um , que ja será illustrado ,
 No Brasil , com vencer e castigar
 O pirata francez , ao mar usado .
 Despois , capitão-mor do índico mar ,
 O muro de Damão suberbo e armado
 Escala , e primeiro entra a porta aberta ,
 Que fogo e frechas mil terão coberta .

LXIV.

« A este o rei cambaico suberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio ;
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio .
 Despois irá com peito esforçadissimo
 A tolher que não passe o rei gentio
 De Calecut ; que assi com quantos veio
 O fará retirar de sangue cheio .

LXV.

« Destruirá a cidade Repelim ,
 Pondo o seu rei com muitos em fugida :
 E despois juncto ao cabo Comorim
 Uma façanha faz esclarecida :
 A frota principal do Samorim ,
 Que destruir o mundo não duvida ,
 Vencerá co' o furor do ferro , e fogo ;
 Em si verá Beadála o marcio jogo .

LXVI.

« Tendo assi limpa a India dos imigos ,
 Virá despois com sceptro a governala ,
 Sem que ache resistencia , nem perigos ;
 Que todos tremem d' elle , e nenhum fala .
 So quiz provar os ásperos castigos
 Baticalá , que vira ja Beadala :
 De sangue , é corpos mortos ficou cheia ,
 E de fogo e trovões desfeita e feia .

LXVII.

« Este será Martinho , que de Marte
 O nome tem co' as obras derivado ;
 Tanto em armas illustre em toda parte ,
 Quanto em conselho sabio e bem cuidado .
 Succeder-lhe-ha alli Castro , que o estandarte
 Portuguez terá sempre levantado :
 Conforme successor ao succedido ;
 Que um ergue Diu , outro o defende erguido .

LXVIII.

« Persas ferozes , A'bassis , e Rumes
 Que trazido de Roma o nome teem ,
 Varios de gestos , varios de costumes ;
 (Que mil nações ao cerco feras veem)
 Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes ,
 Porque uns poucos a terra lhe deteem :
 Em sangue portuguez juram descrídos
 De banhar os bigodes retorcidos .

LXIX.

« Basiliscos medonhos , e leões ,
 Trabucos feros , minas encobertas
 Sustenta Mascarenhas co' os Barões ,
 Que tam ledos as mortes teem por certas :
 Até que nas maióres oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos , quer que fiquem
 Com fama eterna , e a Deus se sacrifiquem .

LXX.

« Fernando um d' elles , ramo da alta planta ,
 Onde o violento fogo com ruido ,
 Em pedaços os muros no ar levanta ,
 Será alli arrebatado , e ao ceo subido .
 Alvaro , quando o hinverno o mundo espanta ,
 E tem o caminho húmido impedido ,
 Abrindo-o , vence as ondas , e os perigos ,
 Os ventos , e despois os inimigos .

LXXI.

« Eis vem despois o pae , que as ondas corta .
 Co' o restante da gente lusitana ;
 E com força , e saber , que mais importa ,
 Batalha dá felice e soberana :
 Uns paredes subindo , escusam porta ;
 Outros abrem na fera esquadra insana :
 Feitos farão tam dignos de memoria ,
 Que não caibam em verso , ou larga historia .

LXXII.

« Este despois em campo se apresenta
 Vencedor forte e intrépido , ao possante
 Rei de Cambaia , e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalchão do braço triumphante ,
 Que castigando vai Dabul na costa :
 Nem lhe escapou Pondá , no sertão posta .

LXXIII.

« Estes , e outros Barões , per varias partes ,
 Dignos todos de fama , e maravilha ,
 Fazendo-se na terra bravos Martes ,
 Virão lograr os gostos d' esta ilha ,
 Varrendo triumphantes estandartes
 Pelas ondas que corta a aguda quilha ;
 E acharão estas nymphas , e estas mesas ,
 Que glorias , e honras são de arduas empresas . »

LXXIV.

Assi cantava a nympha ; e as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes davam ,
 Com que festejam as alegres vodas ,
 Que com tanto prazer se celebravam .
 « Por mais que da fortuna andem as rodas ,
 (N' uma cônsona voz todas soavam)
 Não vos hão de faltar , gente famosa ,
 Honra , valor , e fama gloriosa . »

LXXV.

Despois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia e doce suavidade
 Viram os altos feitos, que descobre;
 Tethys, de graça ornada e gravidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre
 As festas d' este alegre e claro dia,
 Pera o felice Gama assi dizia :

LXXVI.

« Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
 Suprema de co' os olhos corporais
 Veres o que não pode a vã sciencia
 Dos errados e míseros mortais.
 Sigue-me firme e forte, com prudencia,
 Per este monte espesso, tu co' os mais. »
 Assi lhe diz : e o guia per um mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
 Se acharam, onde um campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubis taes, que presume
 A vista, que divino chão pizava.
 Aqui um globo vêm no ar, que o lume
 Clarissimo per elle penetrava,
 De modo que o seu centro está evidente,
 Como a sua superficie, claramente.

LXXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga ;
Mas enxerga-se bem que está composto
De varios orbes , que a divina verga
Compoz , e um centro a todos so tem posto.
Volvendo , ora se abaixe , agora se erga ,
Nunca s' ergue , ou se abaixa; e um mesmo rosto
Per toda parte tem ; e em toda parte
Começa e acaba emfim , per divina arte :

LXXXIX.

Uniforme , perfeito , em si sustido ,
Qual emfim o Archetypo , que creou.
Vendo o Gama este globo , commovido
D' espanto , e de desejo alli ficou.
Diz-lhe a deusa : « O transumpto reduzido
Em pequeno volume , aqui te dou
Do mundo aos olhos teus , pera que vejas
Per onde vas , e irás , e o que desejas.

LXXX.

« Ves aqui a grande máquina do mundo ,
Ethérea e elemental , que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo ,
Que é sem principio , e méta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo , e sua superficie tam limada ,
É Deus : mas o que é Deus ninguem o intende ;
Que a tanto o ingenho humano não se estende.

LXXXI.

« Este orbe, que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem ;
 Que está com luz tam clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem ,
 Empyreo se nomeia ; onde logrando
 Puras almas estão d'aquelle bem
 Tammanho, que elle só se intende, e alcança,
 De quem não ha no mundo similhança.

LXXXII.

« Aqui só verdadeiros gloriosos
 Divos estão : porque eu , Saturno , e Jano ,
 Jupiter, Juno , fomos fabulosos ,
 Fingidos de mortal e cego engano :
 So pera fazer versos deleitosos
 Servimos ; e se mais o tracto humano
 Nos pode dar , é so que o nome nosso
 N'estas estrellas poz o ingenho vosso.

LXXXIII.

« E tambem porque a sancta Providencia
 Que em Jupiter aqui se representa ,
 Per espiritus mil , que teem prudencia ,
 Governa o mundo todo , que sustenta.
 Ensina-o a prophética sciencia
 Em muitos dos exemplos , que apresenta :
 Os que são bons , guiando favorecem ;
 Os maus , em quanto podem , nos empecem.

LXXXIV.

« Quer logo aqui a pintura , que varia ,
 Agora deleitando , ora ensinando ,
 Dar-lhe nomes , que a antigua poesia
 A seus deuses ja dera , fabulando :
 Que os Anjos da celeste companhia
 Deuses o sacro verso está chamando ;
 Nem nego que esse nome preeminente
 Tambem aos maus se dá , mas falsamente .

LXXXV.

« Emfim que o summo Deus , que per segundas
 Causas obra no mundo , tudo manda.
 E tornando a contar-te das profundas
 Obras da mão divina veneranda ;
 Debaixo d' este círculo , onde as mundas
 Almas divinas gozam , que não anda ,
 Outro corre tam leve e tam ligeiro ,
 Que não se enxerga : é o móible primeiro .

LXXXVI.

« Com este rapto , e grande movimento
 Vão todos os que dentro teem no seio :
 Per obra d' este , o sol , andando a tento ,
 O dia e noite faz , com curso alheio .
 Debaixo d' este leve anda outro lento ,
 Tam lento e sujugado a duro freio ,
 Que , em quanto Phebo , de luz nunca escasso ,
 Duzentos cursos faz , dá elle um passo .

LXXXVII.

« Olha est' outro debaixo , que esmaltado
 De corpos lisos anda e radiantes ,
 Que tambem n'elle teem curso ordenado ,
 E nos seus axes correm scintillantes.
 Bem ves como se veste , e faz ornado
 Co'o largo cinto d'ouro , que estellantes
 Animaes doze traz afigurados ,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

« Olha per outras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo :
 Olha a Carreta , attenta a Cynosura ,
 Andromêda , e seu pae , e o Drago horrendo :
 Ve de Cassiopéa a fermosura ,
 E de Orionte o gesto metuendo ;
 Olha o Cysne morrendo , que suspira ,
 A Lebre e os Cães , a Nau e a doce Lira.

LXXXIX.

« Debaixo d'este grande firmamento
 Ves o ceo de Saturno , deus antigo ;
 Jupiter logo faz o movimento ,
 E Marte abajo , béllico inimigo ;
 O claro olho do ceo no quarto assento ,
 E Venus , que os amores traz comsigo ;
 Mercurio de eloquencia soberana :
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

XCI.

« Em todos estes orbes differente
 Curso verás , n' uns grave , e n' outros leve ;
 Ora fugem do centro longamente ,
 Ora da terra estão caminho breve ;
 Bem como quiz o Padre Omnipotente ,
 Que o fogo fez , e o ar, o vento , e a neve ;
 Os quaes verás , que jazem mais a dentro ,
 E teem co'o mar, a terra por seu centro.

XCII.

« N' este centro , pousada dos humanos ,
 Que não somente ousados se contentam
 De sofrerem da terra firme os danos ,
 Mas inda o mar instabil exp'rimentam ;
 Verás as varias partes , que os insanos
 Mares dividem , onde se aposentam
 Varias nações , que mandam varios reis ,
 Varios costumes seus , e varias leis.

XCIII.

« Ves Europa christā , mais alta e clara
 Que as outras em polícia , e fortaleza :
 Ves Africa , dos bens do mundo avara ,
 Inculta , e toda cheia de bruteza ,
 Co'o cabo , que até-qui se vos negara ,
 Que assentou pera o Austro a natureza :
 Olha essa terra toda , que se habita
 D' essa gente sem lei , quasi infinita.

XCIII.

« Ve do Benomotápa o grande imperio ,
 De selvatica gente , negra e nua ;
 Onde Gonçalo morte e vituperio
 Padecerá pola fe sancta sua.
 Nasce per este incógnito hemispherio
 O metal porque mais a gente sua.
 Ve que do lago , d'onde se derrama
 O Nilo , tambem vindo está Cuama.

XCIV.

« Olha as casas dos negros , como estão
 Sem portas , confiados em seus ninhos ,
 Na justiça real , e defensão ,
 E na fidelidade dos vizinhos.
 Olha d'elles a bruta multidão ,
 Qual bando espesso e negro de estorninhos ,
 Combaterá em Sofála a fortaleza ,
 Que defenderá Nháia com destreza.

XCV.

« Olha la as alagôas , d' onde o Nilo
 Nasce , que não souberam os antigos ;
 Vel-o rega , gerando o crocodilo ,
 Os povos abassís , de Christo amigos :
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos.
 Ve Méroe , que ilha foi de antigua fama ,
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVI.

« N' esta remota terra , um filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro ;
 Ha de ser dom Christóvão o nome seu :
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.
 Ve ca a costa do mar , onde te deu
 Melinde hospício gasalhoso e caro :
 O Rapto rio nota , que o romance
 Da terra chama Oby , entra em Quilmance.

XCVII.

« O cabo ve ja Arómata chamado ,
 E agora Guardafú dos moradores ,
 Onde começa a bocca do afamado
 Mar-Roxo , que do fundo toma as cores .
 Este , como limite está lançado ,
 Que divide Asia de Africa : e as melhores
 Povoações , que a parte africa tem ,
 Maçuá são , Arquíco , e Suanquem.

XCVIII.

« Ves o extremo Suez , que antiguamente
 Dizem « que foi dos héroas a cidade ; »
 Outros dizem « que Arsínoe ; » e ao presente
 Tem das frotas do Egypcio a potestade .
 Olha as aguas , nas quaes abriu patente
 Entrada o gran' Moysés na antigua idade .
 Asia começa aqui , que se apresenta
 Em terras grande , em reinos opulenta .

XCIX.

« Olha o monte Sinái , que se ennobrece
 Co' o sepulcro de sancta Catharina :
 Olha Toro e Gidá , que lhe fallece
 Agua das fontes doce e crystallina.
 Olha as portas do estreito , que fenece
 No reino da secca A'dem , que confina
 Com a serra d' Arzira , pedra viva ,
 Onde chuva dos ceos se não deriva.

C.

« Olha as Arábias tres , que tanta terra
 Tomam , todas da gente vaga e baça ;
 D' onde véem os cavallos pera a guerra ,
 Ligeiros e ferozes , de alta raça.
 Olha a costa , que corre até que cerra
 Outro estreito de Pérsia , e faz a traça
 O cabo , que co' o nome se appellida
 Da cidade Fartáque alli sabida.

CI.

« Olha Dófar insigne , porque manda
 O mais cheiroso incenso pera as aras.
 Mas attenta : ja ca d'est' outra banda
 De Roçalgate , e praias sempre avaras ,
 Começa o reino Ormuz , que todo se anda
 Pelas ribeiras , que inda serão claras
 Quando as galés do Turco , e fera armada
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

« Olha o cabo Asabóro , que chamado
 Agora é Moçandão dos navegantes :
 Per aqui entra o lago , que é fechado
 De Arábia , e persias terras abundantes.
 Attenta a ilha Barém , que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas e imitantes
 A' cor da Aurora ; e ve na agua salgada
 Ter o Tygris , e Euphrates uma entrada.

CIII.

• Olha da grande Pérsia o imperio nobre ,
 Sempre posto no campo , e nos cavallos ,
 Que se injuría de usar fundido cobre ,
 E de não ter das armas sempre os callos .
 Mas ve a ilha Gerúm , como descobre
 O que fazem do tempo os intervallos ;
 Que da cidade Armuza , que alli steve ,
 Ella o nome despois , e a gloria teve.

CIV.

• Aqui de dom Philippe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara ,
 Quando com muito poucos Portuguezes
 Os muitos Párseus vencerá de Lara :
 Virão provar os golpes , e revezes
 De dom Pedro de Sousa , que provara
 Ja seu braço em Ampaza , que deixada
 Terá per terra á força so de espada.

CV.

« Mas deixemos o estreito , e o conhecido
 Cabo de Jasque , dicto ja Carpella ,
 Com todo seu terreno mal querido
 Da natura , e dos dões usados d' ella :
 Carmânia teve ja per appellido ;
 Mas ves o sermoso Indo , que d' aquella
 Altura nasce , juncto á qual tambem
 D' outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

« Olha a terra de Ulcinde fertilissima ,
 E de Jaquete a íntima enseada ;
 Do mar a enchente súbita grandissima ,
 E a vasante , que fuge apressurada.
 A terra de Cambáia ve riquissima ;
 Onde do mar o seio faz entrada.
 Cidades outras mil , que vou passando ,
 A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

« Ves corre a costa célebre indiaña
 Pera o Sul , até o cabo Comori ,
 Ja chamado Corí , que Taprobana ,
 (Que ora é Ceilão) defronte tem de si .
 Per este mar a gente lusitana ,
 Que com armas virá despois de ti ,
 Terá victorias , terras , e cidades ,
 Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII.

« As provincias , que entre um , e outro rio
 Ves com varias nações , são infinitas ;
 Um reino mahométa , outro gentio ,
 A quem tem o Demonio leis escritas .
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias sanctas e bemditas
 Do corpo de Thomé , varão sagrado ,
 Que a Jesu-Christo teve a mão no lado .

CIX.

« Aqui a cidade foi , que se chamava
 Meliapor , fermosa , grande e rica :
 Os idолос antiguos adorava ,
 Como inda agora faz a gente inica .
 Longe do mar n' aquelle tempo estava ,
 Quando a fe , que no mundo se publica ,
 Thomé vinha prégando , e ja passara
 Provincias mil do mundo , que ensinara .

CX.

« Chegado aqui prégando , e juncto dando
 A doentes saúde , a mortos vida ,
 A caso traz um dia o mar vagando
 Um lenho de grandeza desmedida :
 Deseja o rei , que andava edificando ,
 Fazer d' elle madeira , e não duvida
 Poder tiral-o a terra com possantes
 Forças de homens , de ingenhos , de aliphantes .

CXI.

« Era tam grande o peso do madeiro,
 Que so pera abalar-se nada abasta ;
 Mas o núncio de Christo verdadeiro
 Menos trabalho em tal negocio gasta :
 Ata o cordão , que traz per derradeiro
 No tronco , e facilmente o leva e arrasta
 Pera onde faça um sumptuoso templo ,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

« Sabia bem , que se com fe formada
 Mandar a um monte surdo , que se movea ,
 Que obedecerá logo á voz sagrada ;
 Que assi lh' o ensinou Christo , e elle o prova.
 A gente ficou d'isto alvoroçada ,
 Os Brahmenes o tem por cousa nova :
 Vendo os milagres , vendo a sanctidade ,
 Hão mēdo de perder auctoridade.

CXIII.

« São estes sacerdotes dos gentios ,
 Em quem mais penetrado tinha a inveja ;
 Buscam maneiras mil , buscam desvios
 Com que Thomé não se ouça , ou morto seja.
 O principal , que ao peito traz os fios ,
 Um caso horrendo faz , que o mundo veja.
 Que inimiga não ha tam dura e fera ,
 Como a virtude falsa da sincera.

CXIV.

« Um filho proprio mata , e logo accusa
 De homicidio Thomé , que era innocent ;
 Dá falsas testimunhas , como se usa :
 Condemnaran-o á morte brevemente .
 O Sancto , que não ve melhor escusa ,
 Que appellar pera o Padre Omnipotente ,
 Quer diante do rei , e dos senhores ,
 Que se faça um milagre dos maiores .

CXV.

« O corpo morto manda ser trazido ,
 Que resuscite , e seja perguntado
 Quem foi seu matador ; e será crido
 Por testimunho o seu mais approvado .
 Viram todos o moço vivo erguido
 Em nome de Jesu crucificado :
 Dá graças a Thomé , que lhe deu vida ,
 E descobre seu pae ser homicida .

CXVI.

« Este milagre fez tammanho espanto ,
 Que o rei se banha logo na agua santa ,
 E muitos apôs elle : um beija o manto ,
 Outro louvor do Deus de Thomé canta .
 Os Brahmenes se encheram de odio tanto ,
 Com seu veneno os morde inveja tanta ,
 Que persuadindo a isso o povo rudo ,
 Determinam matal-o em fim de tudo .

CXVII.

« Um dia , que prégando ao povo estava ,
 Fingiram entre a gente um arruido :
 Ja Christo n'este tempo lhe ordenava
 Que padecendo fosse ao ceo subido.
 A multidão das pedras , que voava ,
 No Sancto dá , ja a tudo offerecido :
 Um dos maus , por fartar-se mais depressa ,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

« Choraram-te Thomé , o Gange , e o Indo ;
 Chorou-te toda a terra , que pizaste ;
 Mais te choram as almas , que vestindo
 Se iam da sancta fe , que lhe ensinaste .
 Mas os Anjos do ceo cantando , e rindo ,
 Te recebem na glória , que ganhaste .
 Pedimos-te , que a Deus ajuda peças ,
 Com que os teus Lusitanos favoreças .

CXIX.

« E vós outros , que os nomes usurpais
 De mandados de Deus , como Thomé ,
 Dizei , se sois mandados , como estais
 Sem irdes a prégar a sancta fé ?
 Olhai que se sois sal , e vos danais
 Na patria , onde propheta ninguem é ,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Insieis deixo) tantas heresias ?

CXX.

« Mas passo esta materia perigosa ,
E tornemos á costa debuxada.
Ja com esta cidade tam famosa ,
Se faz curva a gangética enseada.
Corre Narsinga rica e poderosa ,
Corre Orixa de roupas abastada :
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio ;

CXXI.

« Ganges , no qual os seus habitadores
Morrem banhados , tendo por certeza
Que , indaque sejam grandes peccadores ,
Esta agua sancta os lava , e dá pureza.
Ve Cathigão , cidade das melhores
De Bengala , província , que se preza
De abundante ; mas olha que está posta
Pera o Austro d'aqui virada a costa.

CXXII.

« Olha o reino Arracão , olha o assento
De Pegú , que ja monstros povoaram ;
Monstros filhos do feo ajunctamento
D' uma mulher e um cão , que sos se acharam .
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam ; o que usaram
Per manha da raínha , que inventando
Tal uso , deitou fóra o error nefando .

CXXIII.

« Olha Tavai cidade , onde começa
 De Siam largo o império tam comprido :
 Tenassari , Quedá , que é so cabeça
 Das que pimenta alli teem produzido.
 Mais avante fareis que se conheça
 Malaca por império ennobrecido ,
 Onde toda a provincia do mar grande
 Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

« Dizem « que d' esta terra , co' as possantes
 Ondas o mar entrando dividiu
 A nobre ilha Samátra , que ja d' antes
 Junctas ambas a gente antigua viu. »
 Chersoneso foi dicta ; e das prestantes
 Veias d' ouro , que a terra produziu ,
 Aurea per epithéto lhe ajunctaram :
 Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV.

« Mas na ponta da terra Cingapura
 Verás , onde o caminho ás naus se estreita :
 D' aqui tornando a costa á Cynosura ,
 Se encurva , e pera a Aurora se endireita.
 Ves Pam , Patâne , reinos , e a longura
 De Siam , que estes , e outros mais sujeita.
 Olha o rio Menão , que se derrama
 Do grande lago , que Chiamaí se chama.

CXXVI.

• Ves n' este gran' terreno os diferentes
 Nomes de mil nações nunca sabidas ;
 Os Laos em terra e número potentes ,
 Avás , Bramás , per serras tam compridas .
 Ve nos remotos montes outras gentes ,
 Que Gueos se chamam , de selvages vidas :
 Humana carne comem ; mas a sua
 Pintam com ferro ardente : usança crua .

CXXVII.

• Ves passa per Camboja Mecom rio ,
 Que capitão-das-aguas se interpreta ;
 Tantas recebe d' outro so no estio ,
 Que alaga os campos largos , e inquieta :
 Tem as enchentes , quaes o Nilo frio :
 A gente d' elle crê , como indiscreta ,
 Que pena , e gloria teem despois de morte
 Os brutos animaes de toda sorte .

CXXVIII.

• Este receberá placido e brando ,
 No seu regaço o canto , que molhado
 Vem do naufragio triste e miserando ,
 Dos procellosos baixos escapado ,
 Das fomes , dos perigos grandes , quando
 Será o injusto mando executado
 N' aquelle , cuja lyra sonorosa
 Será mais afamada , que ditosa .

CXXIX.

« Ves corre a costa , que Champá se chama ,
 Cuja matta é do pau cheiroso ornada ;
 Ves Cauchichina está de escura fama ,
 E de Ainão ve a incógnita enseada .
 Aqui o suberbo império , que se afama
 Com terras , e riqueza não cuidada ,
 Da China corre , e occupa o senhorio
 Desd' o Trópico ardente ao Cinto frio .

CXXX.

« Olha o muro , e edificio nunca crido ,
 Que entre um imperio , e o outro se edifica ;
 Certissimo signal e conhecido ,
 Da potencia real , suberba e rica .
 Estes , o rei que teem , não foi nascido
 Principe , nem dos paes aos filhos fica ;
 Mas elegem aquelle que é famoso
 Por cavalleiro sabio e virtuoso .

CXXXI.

• Inda outra muita terra se te esconde ,
 Até que venha o tempo de mostrar-se .
 Mas não deixes no mar as ilhas , onde
 A natureza quiz mais afamar-se .
 Esta meia escondida , que responde
 De longe á China , d' onde vem buscar-se ,
 É Japão , onde nasce a prata fina ,
 Que illustrada será co' a lei divina .

CXXXII.

« Olha ca pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas :
 Ve Tidor, e Ternáte, co'o fervente
 Cume, que lança as flamas ondeadas :
 As arvores verás do cravo ardente ,
 Co'o sangue portuguez inda compradas.
 Aqui ha as aureas aves , que não decem
 Nunca á terra , e so mortas apparecem.

CXXXIII.

« Olha de Banda as ilhas , que se esmaltam
 Da varia côr, que pinta o roxo fruto ;
 As aves variadas , que alli saltam ,
 Da verde noz tomando seu tributo.
 Olha tambem Bornêo , onde não faltam
 Lagrymas no liquor coalhado e enxuto
 Das arvores , que cámphora é chamado ;
 Com que da ilha o nome é celebrado.

CXXXIV.

« Alli tambem Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutifero e cheiroso :
 Olha a Sunda tam larga , que uma banda
 Esconde pera o Sul difficultoso :
 A gente do sertão , que as terras anda ,
 « Um rio (diz) que tem miraculoso ,
 Que , per onde elle so sem outro vai ,
 Converte em pedra o pau , que n' elle cai . »

CXXXV.

« Ve n'aquella , que o tempo tornou ilha ,
 Que tambem flamas trémulas vapora ,
 A fonte , que óleo mana , e a maravilha'
 Do cheiroso liquor , que o tronco chora ;
 Cheiroso mais que quanto estilla a filha
 De Cinyras na Arábia , onde ella mora ;
 E ve que tendo quanto as outras tem ,
 Branda seda , e fino ouro dá tambem .

CXXXVI.

« Olha em Ceilão que o monte se elevanta
 Tanto , que as nuvens passa , ou a vista engana :
 Os naturaes o teem por cousa santa ,
 Pola pedra onde stá a pégada humana .
 Nas ilhas de Maldiva nasce a planta ,
 No profundo das aguas soberana ,
 Cujo pomo contra o veneno urgente
 É tido por antídoto excellente .

CXXXVII.

« Verás defronte estar do Roxo estreito
 Socotorá , co' o amaro áloe famosa ;
 Outras ilhas no mar tambem sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa ;
 Aonde sai do cheiro mais perfeito
 A massa , ao mundo occulta e preciosa :
 De san' Lourenço ve a ilha afamada ,
 Que Madagascar é d' alguns chamada .

CXXXVIII.

« Eis-aqui as novas partes do Oriente ,
 Que vós outros agora ao mundo dais ,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente ,
 Que com tam forte peito navegais .
 Mas é tambem razão , que no Ponente
 D'um Lusitano um feito inda vejais ,
 Que , de seu rei mostrando-se aggravatedo ,
 Caminho ha de fazer nunca cuidado .

CXXXIX.

« Vedes a grande terra , que contina
 Vai de Callisto ao seu contrario pollo ,
 Que suberba a fará a luzente mina
 Do metal , que a cõr tem do louro Apollo .
 Castella , vossa amiga , será dina
 De lançar-lhe o collar ao rudo collo :
 Varias provincias tem de varias gentes ,
 Em ritos , e costumes differentes .

CXL.

« Mas ca onde mais se alarga , alli tereis
 Parte tambem co' o pau vermelho nota ;
 De Sancta-Cruz o nome lhe poreis ,
 Descobril-a-ha a primeira vossa frota :
 Ao longo d'esta costa , que tereis ,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães , no feito com verdade
 Portuguez , porém não na lealdade .

CXL.I.

« Dêsque passar a via mais que mea ,
 Que ao antárctico pólo vai da linha ,
 D' uma estatura quasi gigantea
 Homens verá , da terra alli visinha .
 E mais avante o Estreito , que se arrea
 Co' o nome d' elle agora , o qual caminha
 Pera outro mar e terra , que fica onde
 Com suas frias azas o Austro a esconde .

CXL.II.

« Até-qui , Portuguezes , concedido
 Vos é saberdes os futuros feitos ,
 Que pelo mar , que ja deixais sabido ,
 Virão fazer Barões de fortes peitos .
 Agora ; pois que tendes aprendido
 Trabalhos , que vos façam ser aceitos
 A's eternas esposas e fermosas ,
 Que coroas vos tecem gloriosas :

CXL.III.

« Podeis-vos embarcar (que tendes vento
 E mar tranquillo) pera a patria amada . »
 Assi lhe disse : e logo movimento
 Fazem da ilha alegre e namorada :
 Levam refresco , e nobre mantimento ;
 Levam a companhia desejada
 Das nymphas , que hão de ter eternamente ,
 Por mais tempo que o sol o mundo aquente .

CXLIV.

Assi foram cortando o mar sereno
 Com vento sempre manso , e nunca irado ,
 Até que houveram vista do terreno
 Em que nasceram , sempre desejado.
 Entraram pela foz do Tejo ameno ;
 E á sua patria , e rei temido e amado
 O premio e gloria dão ; porque mandou ;
 E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

No mais , Musa , no mais ; que a lyra tenho
 Destemperada , e a voz enrouquecida :
 E não do canto , mas de ver que venho
 Cantar a gente surda e endurecida.
 O favor com que mais se accende o íngenho ,
 Não o dá a patria , não , que está mettida
 No gosto da cubiça , e na rudeza
 D' uma austera , apagada e vil tristeza.

CXLVI.

E não sei per que influxo do destino
 Não tem um ledo orgulho e geral gosto ,
 Que os animos levanta de cóntino
 A ter pera trabalhos ledo o rosto.
 Por isso vós , o' rei , que per divino
 Conselho estaís no régio solío posto ,
 Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
 Senhor so de vassallos excellentes !

CXLVII.

Olhai que ledos vão per varias vias,
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes, e vigias,
 A ferro, a fogo, a settas, e pelouros;
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de idolátras, e de Mouros,
 A perigos incógnitos do mundo,
 A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por vos servir a tudo apparelhados,
 De vós tam longe, sempre obedientes
 A quaesquer vossos ásperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos e contentes.
 So com saber que são de vós olhados,
 Demonios infernaes, negros e ardentes
 Committerão comvosco; e não duvido
 Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade:
 De rigorosas leis desalivai-os;
 Que assi se abre o caminho á sanctidade:
 Os mais exp'rimentados levantai-os,
 Se, com a experiencia teem bondade
 Pera vosso conselho; pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL..

Todos favorecei em seus officios ,
 Segundo teem das vidas o talento :
 Tenham , religiosos , exercicios
 De rogarem por vosso regimento ,
 Com jejuns , disciplina , polos vicios
 Communs : toda ambição terão por vento ;
 Que o bom religioso verdadeiro
 Gloria vã não pretende , nem dinheiro.

CLI.

Os cavalleiros tende em muita estima ,
 Pois com seu sangue intrépido e fervente ,
 Estendem não somente a lei de cima ,
 Mas inda vosso império preeminente :
 Pois aquelles que a tam remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente ,
 Dous inimigos vencem ; uns os vivos ,
 E (o que é mais) os trabalhos excessivos .

CLII.

Fazei , senhor , que nunca os admirados
 Alemães , Gallos , I'talos , e Inglezes
 Possam dizer , « que são pera mandados ,
 Mais que pera mandar , os Portuguezes . »
 Tomai conselhos so d' exp'rimentados ,
 Que viram largos annos , largos mezes ;
 Que , posto que em scientes muito cabe ,
 Mais em particular o experto sabe .

CLIII.

De Phormião , philosopho elegante ,
 Vereis como Annibál escarnecia ,
 Quando das artes bélicas diante
 D'ele com larga voz tractava e lia.
 A disciplina militar prestante ,
 Não se aprende , senhor , na phantesia ,
 Sonhando , imaginando , ou estudando ;
 Senão vendo , tractando , e pelejando .

CLIV.

Mas eu , que fallo , humilde , baixo e rudo ,
 De vós não conhecido , nem sonhado ,
 Da bocca dos pequenos sei contudo ,
 Que o louvor sai ás vezes acabado :
 Nem me falta na vida honesto estudo ,
 Com longa experientia misturado ,
 Nem ingenho ; que aqui vereis presente ,
 Cousas que juntas se acham raramente .

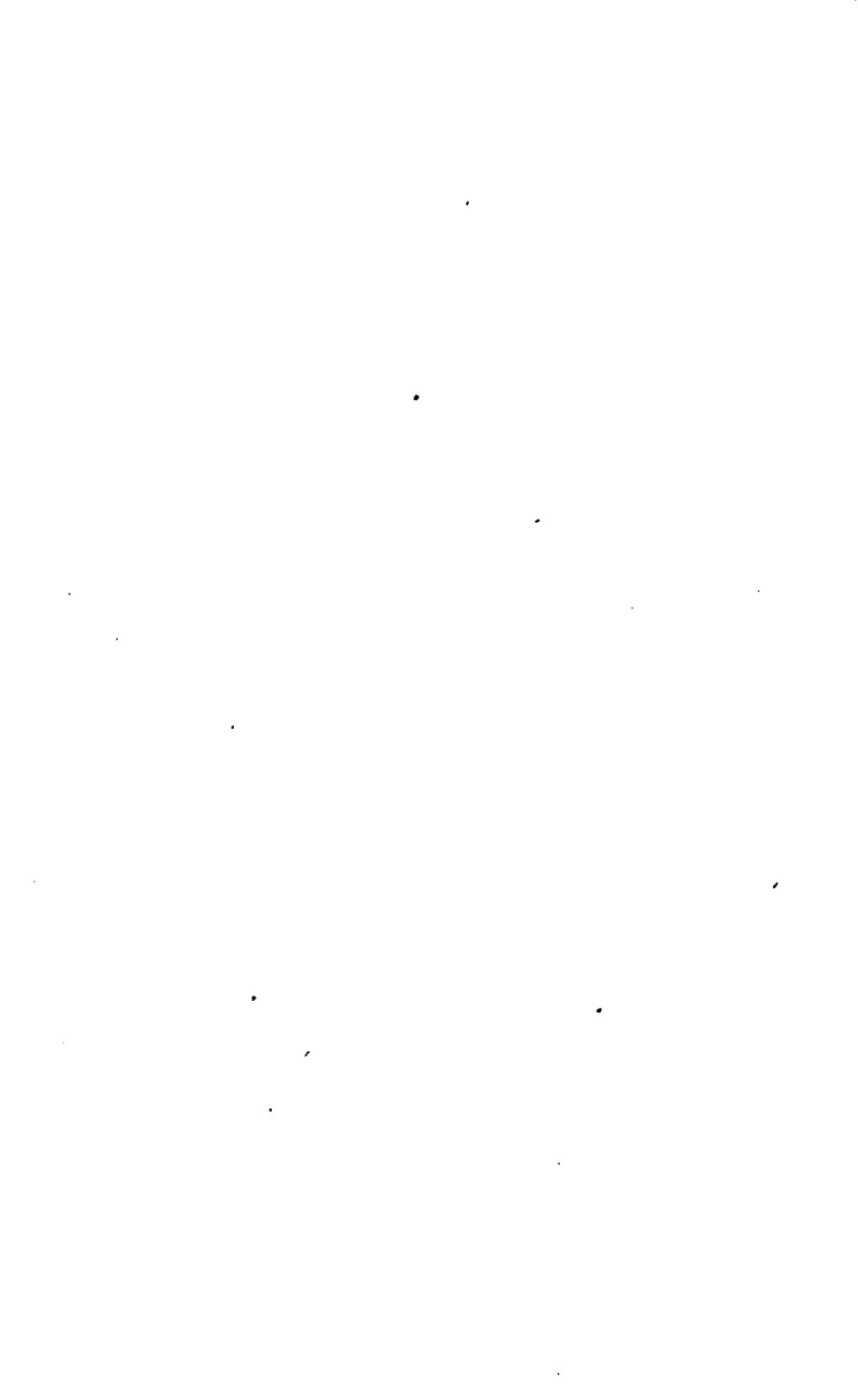
CLV.

Pera servir-vos , braço ás armas feito ;
 Pera cantar-vos , mente ás Musas dada :
 So me fallece ser a vós acceito ,
 De quem virtude deve ser prezada .
 Se me isto o ceo concede , e o vosso peito
 Digna empresa tomar de ser cantada ,
 Como a presaga mente vaticina ,
 Olhando a vossa inclinação divina :

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa ,
A vista vossa tema o monte Atlante ;
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos , e Trudante ;
A minha ja estimada e leda Musa ,
Fico que em todo o mundo de vós cante ,
De sorte que Alexandre em vós se veja ,
Sem á dita de Achilles ter inveja .

FIM.



ESTANCIAS

DESPREZADAS E OMITTIDAS

PER CAMÕES,

NA PRIMEIRA IMPRESSÃO DO SEU POEMA.

As Estancias desprezadas per Camões, e as diferentes lições do seu poema, foram achadas per Manuel de Faria e Souza na côrte de Madrid em dous diferentes manuscritos. O primeiro continha os seis primeiros cantos, e era uma copia tirada imediatamente de cadernos do Poeta : o segundo comprehendia todo o poema, e tinha sido de Manuel Correa Montenegro, e per elle em partes alterado. Assim mesmo Manuel de Faria observou o que transcrevemos (1). Accrescenta-se-lhe todas as diferenças, que se acharam nos diferentes exemplares, que se combinaram para a correcção d'esta edição.

No Canto I, depois da Estancia LXXVII, havia mais duas, e a mesma LXXVII com a mudança que aqui se verá :

« Isto dizendo, irado, e quasi insano,
Sobre a Thebana parte descedeu,
Onde vestindo a fórm'a, e gesto humano,
Pera onde o sol nasce se moveu.
Ja atravessa o mar Mediterrano,
Ja de Cleopátra o reino discorreu ;
Ja deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Libya circumstantes.

« Ja Meróe deixa atraz, e a terra ardente,
Que o septemfíuo rio vai regando,
Onde reina o mui sancto Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando :

(1) Veja-se o mesmo Faria na edição do Poeta, d'ende extrahimos o que se segue.

Ja passa a terra de aguas carecente,
Que estão as magdas sustentando ;
D'onde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

« D'aqui se Cabo Prado vai direkto ;
E entrando em Moçambique , n'esse instante
Se faz na forma Mouro contrafeito ,
A um dos mais honrados similhante.
E como a seu regente fosse aceitô ,
Entrando um poteo triste no semblante ,
D'esta sorte o Thebano lhe fallava ,
Apartando-o dos outros com que estava . »

No mesmo Canto I , depois da Estancia LXXX , havia de mais a que se segue :

« E pera que dês credito ao que fallo ,
Que este capitão falso está ordenando ,
Sabe que quando foste a visitallo
Ouve dous n'esse caso estar fallando :
No que digo não faças intervallo ,
Que eu te digo , sem falta , como , quando
Os podes destruir ; que é bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado . »

No Canto III , depois da Estancia X , havia de mais no matfuscripto a seguinte :

« Entre este mar , e as aguas onde vem
Correndo o largo Tânais de conflito ,
Os Sarmatas estão , que se mantem
Bebendo o roxo sangue , e leite equino .
Aqui vivem os Missios , que tambem
Teem parte de Asia ; povo baixo , e indino ;
E os A'blos que mulheres não recebem ;
E muitos mais , que o Borysthenes bebem . »

No mesmo Canto III , em lugar da Estancia XXIX , havia esta :

« Mas a iniqua mãe seguindo em tudo
Do peito feminil a condição ,
Tomava por marido a dom Bermudo ,
E a dom Bermudo a toma um seu irmão .
Vêde um peccado grave , bruto e rudo ,
De outro nascido ! Oh grande admiração !
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada , e por mulher . »

No Canto IV , à Estancia II , se seguiam estas tres :

« Sempre foram bastardos valerosos
Per letras ou per armas , ou per tudo :

Foran-o os maiores dos deuses mentirões,
Que celebrou o antigo povo rude.
Mercurio, e o docto Apolo são famosos
Per sciencia diversa, e longo estudo :
Outros são só per armas soberanos ;
Hercules, e Lycur, ambos Titães.

« Bastardos são tambem Homero, e Orpheu,
Dous a quem tanto os versos illustraram ;
E os dous de quem o império procedeu,
Que Troia, e Roma em Itália edificaram.
Pois se é certo o que a fama já serevam,
Se muitos a Philippo nomearam
Por pae do Macedónico manecão,
Outros lhe dão o manho Nectanebo.

« Assi é filho de Pedro Justicioso,
Sendo governador elevantado
Do reino, foi nas armas tam ditoso,
Que bem pode igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o reino receoso
De ser do Castelhano sujúgado,
Aos seus o médo tira, que os alcança ;
Aos outros a falsifica esperança. »

No mesmo Canto IV, depois da Estancia XI, havia a seguinte :

« Nem no reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio :
Nem na cidade nobre, que se abona
Com ser dos Sciphões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
Mandou soldados destros no exercicio :
Todos estes ajunta o Castelhano
Contra o pequeno reino Lusitano. »

Abi mesmo, depois da Estancia XIII, se lis está outra :

« Oh inimigos maes da natureza
Que injurias a propria geração !
Degenerantes, baixos ! Quo fráquezza
De esforço, de saber, e de razão,
Vos fez que a clara estirpe que se preza
De leal, São e limpo coração,
Offendais d'essa sorte ? Mas respeito
Que este dos grandes é o menor desfeito. »

No mesmo Canto IV, em lugar da Estancia XXI, apparecia no manuscripto
a seguinte :

« Qual o manecão claro, no Romano
Senado, os grandes médios aquebraria

Do gran' Carthaginez , que soberano
 Os cutelos lhe tinha na garganta ;
 Quando ganhando o nome de Africano
 A resistir-lhe foi com furia tanta ,
 Que a patria duvidosa libertou ,
 O que Fabio invejoso não culdou . »

Peuco mais abaixo , depois da Estancia XXVII , apparecia esta :

« Ja a fresca filha de Titão trazia
 O sempre memorando dia , quando
 As vesperas se cantam de Maria ,
 Que este mez hora , o nome seu tomado .
 Pera a batalha estava ja este dia
 Determinado : logo , em branqueando
 A alva no ceo , os reis se apparelhavam ,
 E as gentes com palavras animavam . »

No mesmo Canto IV , depois da Estancia XXXIII , havia esta :

« E vós imperadores que mandastes
 Tanta parte do mundo , sempre usados
 A resistir os asperos contrastes
 De traidores crueis , elevantados :
 Não vos queixeis : que agora se attentastes ,
 Um dos mais claros reis , e mais amados ,
 Ve contra si , contra seu reino , e lei ,
 Seus vassallos por outro estranho rel . »

No mesmo Canto IV , depois da Estancia XXXV , appareciam as tres que se seguem :

• Passaram a Giraldo co' as entranhas
 O grosso e forte escudo , que tomara
 A Perez que matou , que o seu de estranhas
 Cutiladas desfeito ja deixara .
 Morrem Pedro , e Duarte (que façanhas
 Nos Brigios tinham feito) a quem criara
 Bragança : ambos mancebos , ambos fortes ,
 Companheiros nas vidas , e nas mortes .

• Morrem Lopo , e Vicente de Lisboa ,
 Que estavam conjurados a acabarem ,
 Ou a ganharem ambos a coroa
 De quantos n'esta guerra se afamarem .
 Per cima do cavallo Afonso voa ;
 Que cinco Castelhanos (por vingarem
 A morte de outros cinco , que matara)
 O vão privar assi da vida cara .

« De tres lanças passado Hilario cai ;
 Mas primeiro vingado a sua tinha ;
 Não lhe peza porque a alma assi lhe sai ,
 Mas porque a linda Antonia n'elle vinha :
 O fugitivo esp'ritu se lhe vai ,
 E n'elle o pensamento que o sostinha ;
 E saindo da dama , a quem servia ,
 O nome lhe cortou na bocca fria. »

N'este mesmo Canto IV, em lugar da Estancia XXXIX, havia no manuscripto
 a que aqui se segue :

« Favorecem os seus com grandes gritas
 O successo do tiro ; e elle logo
 Toma outra : (que jaziam infinitas
 Dos que as vidas perderam n'este jogo)
 Corre enrestando-a forte ; e d'arte incita
 A' brava guerra os seus , que ardendo em fogo
 Vão ferindo os cavallos de esporadas ,
 E os duros inimigos de lançadas. »

Depois d'esta , e depois da Estancia XL d'este Canto IV, havia no mesmo
 original as oito que se seguem :

« Velasquez morre , e San̄ches de Toledo ,
 Um grande caçador, outro letrado :
 Tambem perece Galbes , que sem medo
 Sempre dos companheiros foi chamado :
 Montanchez, Oropesa , Mondonhedo :
 (Qualquer dentro nas armas , e esforçado)
 Todos per mãos de Antonio , moço forte ,
 Destro mais que elles , pois os trouxe á morte.

« Guevara roncador, que o rosto untava ,
 Mãos , e barba , do sangue que corria ;
 Por dizer • que dos muitos que matava
 Saltava n'elle o sangue , e o tingia : -
 Quando d'estes abusos se jactava ,
 De través lhe dâ Pedro , que o ouvia ,
 Tal golpe , com que alli lhe foi partida
 Do corpo a vã cabeça , e a torpe vida.

« Pelo ar a cabeça lhe voou ,
 Inda contando a história de seus feitos :
 Pedro , do negro sangue que esguichou ,
 Foi todo salpicado , rosto , e peitos ;
 Justa vingança do que em vida usou .
 Logo com elle ao occásio vão direitos
 Carrilho , João da Lorca , com Robledo ;
 Porque os outros fugindo vão de medo.

« Salazar, gran' tafel , e o matis antigo
 Rufião que levitha então sestinha ;
 A quem a falsa amiga , que consigo
 Trouza , de noite se fugido tinha.
 Fugiu-lhe a amiga , enfim , pera outro amigo ,
 Porque viu que o diñeiro , com que vinha ,
 Perdeu todo de um resto ; e não perdera ,
 Se uma carta de espadas lhe viera.

« O desprezo da amiga o descalço ;
 E o mundo todo , a terra , e o ceo vagante ,
 Blasphemando ameaça , e determina
 De vingar-se em qualquer que achar diante :
 Encontra com Gaspar (que Catharina
 Ama em extremo) e leva-lo montante ,
 Que no ar fere fogo ; e certo cria ,
 Que um monte da pancada fenderia.

« Bem cuida de cortal-o em dous pedaços ;
 Porém Gaspar vendo o montante erguido ,
 Cerra com elle , e leva-o nos braços :
 Comettimento destro e astrevido .
 Bracia o Castelhano , e de amasças
 Se serve ainda ; e estando ja vencido ,
 O Portuguez forçoso , em breve mória ,
 Lhe leva a arma das mãos , e saíta fóra.

« E porque elle não lhe use a propria macha
 Que este lhe usara ja , de ponta o fere :
 Nos peitos o montante , enfim , lhe banha ,
 Porque de outra vingança desespere .
 Fugiu-lhe a alma ladigaa , e na montanha
 Tartárea lida blasphemia ; allí refere
 De mais não açoutar a amiga ingrata ,
 Que os açoutes de Alecto a pena , e mata .

« E do metal de espadas aos dananados
 Diz males , e blasphemias sem medida :
 Que ja por não lhe entrar perde os cruzados ,
 E agora por entrar-lhe perde a vida .
 Por pena quer Platão de seus peccados ,
 Que se lhe mostre a amiga ja fugida ,
 Em brincos de outro , e beijos enlevadã :
 Remette elle pera elles , e acha nada . »

N'este mesmo Canto IV, depois da Estancia XLIV, havia no original as duas seguintes :

« Oh pensamento vão do peito ~~humano~~ !
 Agora n'este cego error cabiste ?

*Agora este fórmico e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste ?
Agora que com sangue, e próprio dano ,
A dura experencia acerba e triste ,
T' o tem mostrado. E agora que o provaste ,
Os conselhos darás , que não tomaste.*

« Dos corpos dos impíos cavalleiros ,
Do matto os animaes se apascentaram :
As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua distillaram.
Os pastores do campo , e os monteiroes
Da vizinha montanha , não gostaram
As aves de rapina em mais de um ano ,
Por terem o sabor do corpo humano. »

Os ultimos quatro versos da Estancia XLIX do mesmo Canto IV, estavam muito diferentes no manuscrito ; e depois d'estes havia mais duas Estancias : tudo como se segue :

« Ponderando tammanho atrevimento ,
Disse a Neptuno enião Protheu propheta :
« Temo que d'esta gente , gente venha ,
Que de teus reinos o gran' sceptro tenha . »

« Ja toma a forte porta inexpugnable ,
Que o conde desleal primeiro abriu ,
Por se vingar do amor inevitavel
Que a fortuna em Rodrigo permittiua.
Mas não foi esta a causa detestavel
Que a populosa Hespanha destruiu :
Juizo de Deos foi por causa incerta ;
A casa o mostra per Rodrigo aberia.

« Ja agora , o' nobre Hespanha , estás segura
(Se segurar te podem cavalleiros)
De outra perda como esta , iniqua e dura ,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deu á próspera ventura
Do rei Joanne a terra , que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestara ;
E vencida ficou mais nobre e clara. »

Na Estancia LXI d'este mesmo Canto IV, eram os ultimos cinco versos no manuscrito como aqui vão :

« Da próspera cidade de Veneza :
Veneza , a qual os povos que escaparam
Do gothico furor , e da crueza
De Attila edificaram pobremente ,
E foi rica despois , e preeminente. »

Depois da Estancia LXVI do mesmo Canto IV, havia no original a seguinte :

« Não foi sem justa , e grande causa eleito
Pera o sublime throno , e governança ,
Este , de cujo illustre e forte peito
Depende uma grandissima esperança :
Pois não havendo herdeiro mais direito
No reino , e mais por esta confiança ,
Joanne o escolheu , que so o herdasse ,
Não tendo filho herdeiro que reinasse . »

Quasi ao fim do mesmo Canto IV, depois da Estancia LXXXVI, havia no manuscrito as duas seguintes :

« Alli lhe prometemos , se em socego
Nos leva ás partes , onde Phebo nace ,
De , ou espalhar sua fe no mundo cego ,
Ou o sangue do povo pertinace .
Fizemos pera as almas sancto emprego
De fiel confissão , pura e verace ,
Em que , posto que Hereges a reprovam ,
As almas , como a Phenix , se renovam .

« Tomámos o divino mantimento ,
Com cuja graça sancta tantos dias ,
Sem outro algum terrestre provimento ,
Se sustentaram ja Moysés , e Helias :
Pão , de quem nenhum grande pensamento ,
Nem sutis e profundas phantesias
Alcançam o segredo , e virtude alta ,
Se do julzo a fe não suppre a falta . »

No Canto VI, depois da Estancia VII, se achava no mesmo original mais uma :

« La na sublime Italia um celebrado
Antro secreto está , chamado Averno ;
Per onde o capitão Troiano ousado
A's negras sombras foi do escuro inferno .
Per alli ha tambem um desusado
Caminho , que vai ter ao centro interno
Do mar , donde o deus Neptuno mora :
Per alli foi descendo Baccho agora . »

Depois da Estancia XXIV do mesmo Canto VI, havia a que se segue :

« A dói do desamor nunca respeita ,
Se tem culpa , ou se não tem culpa a parte ;
Porque se a cousa amada vos engelta ,
Vingança busca so de qualquer arte .
Porém quem outrem ama , que aproveita
Trabalhar que vos ame , e que se aparte

De seu desejo , e que por outro o negue ,
Se sempre fuge amor de quem o segue ? »

Ahi mesmo , depois da Estancia XL , havia as cinco seguintes :

« De que serve contar grandes historias
De capitães , de guerras affamadas ,
Onde a morte tem ásperas victorias
De vontades alheas sujugadas ?
Outros farão grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas :
Eu as farei (se for no mundo ouvido)
De como so de uns olhos fui vencido . »

« Não foi pouco aprazivel a Velloso
Tractar-se esta materia , vigiando ;
Que com quanto era duro e belicoso ,
Amor o tinha feito manso e brando.
Tam concertado vive este enganoso
Moço co'a natureza , que tractando
Os corações tam doce e brandamente ,
Não deixa de ser forte quem o sente.

« Contal (disse) senhor , contal de amores
As maravilhas sempre acontecidas ,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas . »
Concederam os maiores vigiadores ,
Que alli fossem de todos referidas
As historias que ja de amor passaram ;
E assi sua vigia começaram.

« Disse então Leonardo : « Não espere
Ninguem que conte fábulas antigas :
Que quem alheas lagrymas refere ,
Das proprias vive isento , e sem fadigas .
Porque despois que Amor co' os olhos fere ,
Nunca por tam suaves inimigas ,
Como a mi so no mundo tem ferido
Pyramo , nem o nadador de Abido . »

« Fortuna que no mundo pode tanto ,
Me deitou longe ja da patria minha ,
Onde tam longo tempo vivi , quanto
Bastou para perder um bem que tinha .
Livre vivia então ; mas não me espanto ,
Senão que sendo livre , não sostinha
Deixar de ser captivo , que o cuidado ,
Sem por que , tive sempre namorado . »

Depois da Estancia LXVI do mesmo Canto IV, h

« Não foi sem justa , e grande
Pera o sublime throno , e
Este , de cujo illustre e
Depende uma grandez
Pois não havendo ho
No reino , e mais
Joanne o escolhe
Não tendo filo »

Quasi ao fim do mesmo

• Apolo,
Elo.

• Alli , depois da Estancia XCV, continuavam no descripto as seguintes sete :

Nos
D
ano despois de um grande medo,
desejado bem logo se alcança;
também detrax de estado ledo
sistema está, certíssima mudança.
Quem quisesse alcançar este segredo
De não se ver nas coisas segurança,
Creio, se escudrinhal-o bem quizesse,
Que em vez de saber mal, endoucesse.

« Não respondo a quem disse, « que a Fortuna
Era em todas as cousas inconstante ;
Que mandou Deus ao mundo por coluna
Deusa , que ora se abalxe , ora levante. »
Opinião das gentes importuna
É ter, que o homem aos Anjos similhante,
Por quem ja Deus fez tanto, se podesse
Nas mãos do leva caso que o regesses.

« Mas quem dia « que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos; »
Que me dirá, se os maus vir sublimados?
Que me dirá, se os bons vir abatidos?
Se alguém me diz, « que nascem destinados, »
Parece razão áspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me vai ser sujeito. que malice?

a Viram-se os Portugueses em tormenta,
Que nenhum se lembrava ja da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa d'elles mais querida.
Mas o Cabral, que o numero acrecenta
Dos naufragios, na costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou per destino. Ou per acerto.

havia de perde-l-a em breve instante,
al-a primeiro, que lhe val?
alli, se é habili e prestante,
dava um bem de traz de um mal?
philosopho elegante
vio em um portal
amigos morrer vira,
que cahira.

« da Fortuna tam pesado,
nos n'um momento assi mataste !
que maior mal me tens guardado,
de d'este, que é tammanho, me guardaste? »
Bem sabia que o ceo estava irado;
Não ha demais que o seu furor abaste;
Nem fez um mal tammanho, que não tenha
Outro muito maior, que logo venha.

« Mui bem sei que não falta quem me desse
Razões sutis, que o ingenho lhe assegura;
Nem quem segundas causas resolvesse;
Materias altas, que o juízo apura.
Eu lhe fico que a todos respondesse,
Mas não o sofre a força da escriptura:
Respondo so, « que a longa experiença
Enleia muitas vezes a sciencia. »

Até-qui as Estancias, que se achavam no primeiro manuscrito. Continuam
agora as do segundo, que fôra de Manuel Correa Moncenegro.

No Canto VIII, depois da Estancia XXXII, havia as tres seguintes :

« Este deu gran' principio à sublimada
Illustrissima casa de Bragança,
Em estado e grandeza avantajada
A quantas o hespanhol imperio alcança.
Ves aquelle, que val com forte armada
Cortando o hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento que pretende,
E a villa de Assmor combate, e rende ?

« É o duque dom Gemes, derivado
Do tronco antiquo, e successor famoso,
Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso ;
Deixando d'esta vez tam admirado
A todo o mundo, e o Mouro tam medroso ,
Queinda atégora nunca ha despedido
O gran' temor entonceas concebido.

Depois d'estas cinco, e da Estancia LXXXI, seguia-se a LXXXII com esta diferença :

« Divina Guarda, angelica, celeste,
Que o astrífero polo senhoreas;
Tu que a todo Israel refugio deste
Per metade das aguas erythreas:
Se per mores perigos me trouxeste,
Que ao itacense Ulysses, ou a Eneas,
Passando os largos términos de Apolo,
Pelas furias de Tethys, e de Eolo. »

Ao fim d'este mesmo Canto VI, depois da Estancia XCIV, continuavam no primeiro manuscrito as seguintes sete :

« Olhai como despols de um grande medo,
Tam desejado bem logo se alcança;
Assi tambem detrax de estado ledo
Tristexa está, certissima mudança.
Quem quizesse alcançar este segredo
De não se ver nas cousas segurança,
Creio, se escudrinhal-o bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoudecesse.

« Não respondo a quem disse, « que a Fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou Deus ao mundo por coluna
Deusa, que ora se abaixe, ora levante. »
Opinião das gentes importuna
É ter, que o homem aos Anjos similhante,
Por quem ja Deus fez tanto, se poxesse
Nas mãos do leve caso que o regesse.

« Mas quem diz « que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos; »
Que me dirá, se os maus vir sublimados?
Que me dirá, se os bons vir abatidos?
Se alguém me diz, « que nascem destinados, »
Parece razão áspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me val ser sancto, que malino?

« Viram-se os Portugueses em tormenta,
Que nenhum se lembrava ja da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa d'elles mais querida.
Mas o Cabral, que o número acrescenta
Dos naufragios, na costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou per destino, ou per acerto.

« Se havia de perde-l-a em breve instante,
O salval-a primeiro , que lhe vai ?
Fortuna alli , se é hábil e prestante ,
Porque não dava um bem de tres de um mal ?
Bem dizia o philosophe elegante
Simóides , ficando em um portal
Salvo , d'onde os amigos morrer vira ,
Na sala arruinada , que cahira .

« Oh poder da Fortuna tam pesado ,
Que tantos n'um momento assi mataste !
Pera que maior mal me tens guardado ,
Se d'este , que é tammanho , me guardaste ? »
Bem sabia que o ceo estava irado ;
Não ha domino que o seu furor abaste ;
Nem fez um mal tammanho , que não tenha
Outro muito maior , que logo venha .

« Mui bem sei que não falta quem me desse
Razões sutis , que o ingenho lhe assegura ;
Nem quem segundoas causas resolvesse ;
Materias altas , que o julzo apura .
Eu lhe fico que a todos respondesse ,
Mas não o sofre a força da escriptura :
Respondo so , « que a longa experencia
Enleia muitas vezes a sciencia . »

Até-qui as Estancias , que se achavam no primeiro manuscripto. Continuam
agora as do segundo , que lóra de Manuel Correa Monienegro .

No Canto VIII , depois da Estancia XXXII , havia as tres seguintes :

« Este deu gran' princípio à sublimada
Illustrissima casa de Bragança ,
Em estado e grandeza avantajada
A quantas o hepanhol Império alcança .
Ves aquelle , que vai com forte armada
Cortando o hesperio mar , e logo alcança
O valeroso intento que pretende ,
E a villa de Asturias combate , e rende ?

« É o duque dom Gemes , derivado
Do tronco antiquo , e sucessor famoso ,
Que o grande feito emprende , e acabado
A Portugal dá volta victorioso ;
Deixando d'esta vez tam admirado
A todo o mundo , e o Mouro tam medroso ,
Queinda atégora nunca ha despedido
O gran' temor entones concebido .

« E se o famoso duque mais avante
 Não passa co'a cathólica conquista ,
 Nos muros de Marrocos , e Trudante ,
 E outros logares mil á escala vista ;
 Não é por falta de animo constante ,
 Nem de esforço , e vontade prompta e lista ;
 Mas foi por não passar o limitado
 Término , per seu rei assinalado . »

Depois da Estancia XXXVI n'este mesmo Canto VIII , havia mais uma , como se segue :

« Achou-se n'esta desigual batalha
 Um dos nossos de ímigos rodeado ;
 Mas elle de valor , mais que de malha ,
 E militar esforço acompanhado ;
 Do primeiro o cavallo mata , e talha
 O collo a seu senhor , com desusado
 Golpe de espada ; e passo a passo andando ,
 Os torvados contrarios val deixando . »

No Canto X , depois da Estancia LXXII , havião dês , na fórmula que se seguem :

« Verá-se , emfim , toda a India conjurada
 Com bético aparelho ; varias gentes ,
 Chaul , Goa , e Maláca ter cercada
 Em um tempo logares diferentes .
 Mas ve como Chaul quasi tomada ,
 O mar com suas ondas eminentes ,
 Val socorrer a gente portugueza ,
 Que so de Deus espera ja defexa .

« Ves qual o rei gentio presuroso
 Arde , cerca , discorre , e anda listo ,
 Incitando o exército espantoso
 A destruir um esquadrão de Christo ?
 Mas nota o ponto-de-honra generoso ,
 Em corco , nem batalha nunca visto ;
 Os soldados fugindo do seguro ,
 Passar-se ao posto perigoso e duro .

« Alli o prudentissimo Ataide ,
 Confortado da ajuda soberana ,
 Onde a necessidade e tempo o pide ,
 Socorrerá com força mais que humana .
 Até que com seus danmos se despide
 Do cru intento a gente vil , profana ,
 Que em batalhas , e encontros mil vencidos ,
 Virão a pedir paz arrependidos .

« Em quanto isto passar ca na lumiosa
Costa de Asia, e America sombria,
Não menos la na Europa bellicosa,
E nas terras da inculta Barbaria,
Mostrará a gente elysia valerosa
Seu preço , de temor tornando fria
A Zona ardente, em ver que^{que}suma conquista
Lhe não faz que das outras tres desista.

« Verão o valentissimo (1) Barriga ,
Adail de Zafim , grande , afamado ,
Sem ter per armas quem lh' o contradiga ,
Correr de Mauritania serra , e prado.
Mas ve como a infel gente inimiga
O prende por um caso desastrado ,
E com elle outra gente leva presa ;
Que em tal caso não pode ter defesa.

« Mas passado este transe perigoso ,
Olha onde preso vai , como arrebata
A lança de um dos Mouros , e furioso
Com ella a seu senhor derriba , e mata .
E revolvendo o braço poderoso ,
Os seus livra , e os inimigos desbarata :
E assi todos alegres , e triumphantes ,
Se tornam d'oncde foram presos antes.

« Eil-o ca per engano outra vez preso .
Está na escura e vil estrebaria ,
Carregado de ferros , de tal peso ,
Que de um logar mover-se não podia .
Vel-o de generoso fogo acceso ,
Que o pau ensanguentado sacudia ,
Com que ao suberbo Mouro a morte dera .
Que em sua honrada barba a mão pozera ?

« Mas ve como os infidos Agarenos ,
Per mandado lhe dão do rei descrido
Tanto açoute por isto , que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido ,
Sem que ao forte Varão vozes , nem menos
Ouvissem dar um intimo gemido :
Ja vai a Portugal despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado .

(1) Lopo Barriga foi um dos mais esforçados Portuguezes , que militaram em Africa. D'ele fazem illustre memoria as nossas historias , e com especialdade Goes em varios logares da chronica d'elrei Dom Manuel ; e o A. da Historia Genealogica da casa real portugueza , tom. XI , pag. 699.

« Olha cabô de Aguer aqui tomado
 Per culpa dos soldados de socorro :
 Ves o grande Carvalho alli cercado
 De imigos , como touro em duro corro ?
 De trinta Mouros mortos rodeado ,
 Revolvendo o montante , diz : « Pois morro ,
 Celebrem morto@ minha morte escura ,
 E façam-me de mortos sepultura. »

« Ambas pernas quebradas, que passando
 Um tiro , espedaçado lh'as havia ;
 Dos gioelhos , e braços se ajudando ,
 Com nunca visto esforço , e valentia :
 Em torno pelo campo retirando ,
 Vai a agarena , dura companhia ,
 Que com dardos , e settas , que tiravam ,
 De longe dar-lhe a morte procuravam . »

N'este mesmo Canto X , depois da Estâncie LXXIII , appareciam as onze seguintes :

« Com taes obras , e feitos excellentes
 De valor nunca visto , nem cuidado ,
 Alcançareis aquellas preminentess
 Excelencias , que o ceo tem reservado
 Pera vósoutros , entre quantas gentes
 O sol aquenta , e cerca o humor saígado :
 Que em poucos se acham poucas repartidas ,
 E em nenhuma nação juntas , e unidas.

« Religião , a primeira , sublimada ,
 De pio e sancto zelo revestida ;
 Ao culto divinal somente dada ,
 E em seu serviço e obras embebida .
 N'esta , a gente no elysio campo nada ,
 Se mostrou sempre tal em morte , e vida ,
 Que pode pretender a primazia
 Da illustre e religiosa monarchia .

« Lealdade é segunda , que engrandece ,
 Sobre todas , o nobre peito humano ;
 Com a qual similitante ser parece
 Ao côro celestial e soberano .
 N'esta per todo o mundo se conhece
 Por tam illustre o povo lusitano ,
 Que jamais a seu Deus , e rei jurado ,
 A fe devida e pública ha negado .

« Fortaleza vem logo , que os authores
 Tanto do antiquo Luso magnificam ,

Que os vossos Portugueses com maiores
Obras , ser verdadeira certificam :
Dando materia a novos escriptores ,
Com feitos , que em memoria eterna ficam ;
E vencendo do mundo os mais subidos ,
Sem nunca de mal poucos ser vencidos.

« Conquista será a quarta , que no imperio
Portuguez so reside com possança :
Pois no sublime e no infimo hemispherio
As quatro partes so do mundo alcança :
E as quatro nações d' ellas por mysterio
Com conquista , e tem certa esperança ,
Que christãos , Mouros , Turcos , e gentios ,
Junctarão n'uma lei seus senhorios.

« Descobrimento é quinta , que bem certo
A' gente lusitana so se deve ;
Pois tendo Norte a Sur ja descoberto ,
Adonde o dia é grande , e adonde breve :
E per caminho desusado , incerto ,
De Ponente a Levante ,inda se atreve
Cercar o mundo em torno per direito :
Feito despois , nem antes , nunca feito.

« Deixo de referir a piedade
Do peito portuguez , e cortezia ,
Temperança , fe , zelo , e caridade ,
Com outras muitas , que contar podia ,
Pois a segundo o ponto da verdade ,
E regras da moral philosophia ,
Não pode conservar-se uma virtude ,
Sem que das outras todas se arme , e ajude.

« Mas d'estas , como base , e fundamento
D' aquellas cinco insignes excellencias ,
Em que elles teem seu natural assento ,
E de quem tomam suas dependencias :
Não quero aqui tractar , que meu intento
Não é deser a todas minudencias ,
Que geraes são no mundo a muita gente ,
Senão das que em vós se acham tam somente.

« Mas não será de todo limpo e puro ,
O curso desigual de vossa historia :
Tal é a condição do estado escuro
Da humana vida , fragil , transitoria :
Que mortes , perdições , trabalho duro
Aguardo grandemente vossa gloria ;

ESTANCIAS OMITTIDAS.

Mas não poderá algum successo, ou fado,
Derribar-vos d'este alto e honroso estado.

« Tempo virá, que entr'ambos-hemisferios
Descobertos per vós, e conquistados,
E com batalhas, mortes, captiverios,
Os varios povos d'elles sujeitados :
De Hespanha os doux grandissimos imperios
Serão n'un senhorio so juntados,
Ficando por metrópoli, e senhora,
A cidade que ca vos manda agora.

« Ora, pois, gente illustre, que no mundo
Deus no gremio cathólico conserva,
Redemidos da pena do Profundo,
Que pera os condemnados se reserva,
Por vos dotar o que perdeu o immundo
Lusbel, com sua infame e vil caterva;
Pois sabéis alcançar a gloria humana,
Fazel por não perder a soberana. »

Ultimamente, depois da Estancia CXLI d'este Canto X, se achava mais esta
que aqui vai :

« D'aqui salindo irá, d'oncde acabada
Sua vida será na fatal ilha :
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de tam grande maravilha;
Verão a nau Victória celebrada
Ir tomar porto juncto de Sevilha,
Despols de haver cercado o mar profundo,
Dando uma volta em claro a todo o mundo.»

LIÇÕES VARIAS.

PRIMEIRO MANUSCRITO.

CANTO I.

- Est. 4. Tagides Musas. (1) *Tagides méninas. Pois sempre. Se sempre.*
5. Que Marto. *Que a Marte.*
6. Vós o sagrado rei. *Vós, poderoso rei. Mauriliano. Imaelita.*
10. Vereis o peito. *Vereis o nome.*
11. Comuns façanhas. *Com rás façanhas.*
12. Os onze. *Os doze.*
14. Invencibil. *Terrível.*
18. Muito mais do que os vossos o desejam. *De regardes os potos, que o desejam.*
20. Quatro versos no meio d'esta Est. achavam-se trocados, e um diferente d'esta maneira:
Pizando o crystallino eo formoso
Pelo caminho lácico excellente,
Se junciam em concílio glorioso.
Sobre as coisas futuras de Oriente.
22. Um gesto severo. *Gesto alto severo.*
23. Os outros mais abaixo. *Mais abaixo os menores.*
24. Deveis de ser noto, e evidente. *Deveis de ter sabido claramente.*
25. Brigio duro. *Castelhano.*
26. Por capitão geral o peregrino, que achou. *Um por seu capitão, que peregrino fingiu.*
32. Esta Est. adô estava no manuscrito.
33. Quanta similitância. *Quantas cidades.*
34. A alma dea. *A clara dea.*
38. Cujo valor. *Cuja valia. Perfeito. Direito.*
42. Ilha Madagascar. *Ilha de san' Lourenço.*
43. D'onde tomam as ondas. *Na costa da Ethiopia.*
44. O grande capitão. *O forte capitão.*
Que toda a armada manda, e lhe obedece. *Que a temeranhas empresas se oferece.*
48. A ancora o mar ferido. *Da ancora o mar ferido.*
54. E o nome da. *Chama-se a pequena.*
58. Os ventos desabridos. *Os fúriosos ventos.*

61. Conserva doce excellente, co' o purpúreo liquor que Baccho cria. *Conserves doce, e dâ-lhe o ardente, adô usado liquor, que dâ alegria.*
64. Da India valerosa. *Da India tam famosa.*
67. Maças bravas. *Chuças bravas.*
71. Que aos da armada. *Que aos estrangeiros.*
72. Do inimigo. *Do obsequente. Ao rei.* aposento. *Do cognitio aposento.*
78. Faltava no manuscrito.
79. Saberás, Xeque nosso, que sabido. *E sabe mais, lhe diz, como intendido. Teem discorrido. Teem destruído. La nos altos pensamentos. E que todos seus intentos. Para nos destruirem. São para nos malarem.*
81. Instructo. *Asituto.*
86. Qual em cavalo ardente. (1) *Um de escudo embrapado. Na mão, qual arco curvo. Outro de arco encurado.*
87. Na escaramuça polvorosa. *Pela ribeira alta arenosa. Com a lança. Com a hastea.*
88. Corre, salta, assovia. *Salta, corre, sibila.*
92. Os fortes paraus. *Os pangaios suítes. A má tenção contrária. A vil malícia perida.*
98. Povo christão habita. *Poco antigo christão.*
104. Na figura do. *Na forma de outro.*

CANTO II.

- Est. 1. Humida. *Lenta. Infidas. Fin-gidas.*
4. Ou duro diamante. *O rígido diamante.*
5. A noite o sol esconde. *O sol no mar se esconde.*
11. Co' as línguas. *Das línguas.*
12. Bromio. *Baccho.*
13. Da filha. *Da moça.*
14. Falso rio. *Salso rio.*
16. Gama illustre. *Nobre Gama.*
19. Lindas filhas. *Alvas filhas.*
20. Fresca. *Crespa. Levantadas. Encurvadas.*
24. Trabalhando. *Atrevessando.*
26. E por salvar-se a nado arremete-

(1) O redondo é o que o Poeta desprazou; os numeros são os das Estanças,

(1) Esta mudado, e emendado, com a advertencia de que alli não haviam cavalos.

- tiam. *Saltando na agua, a nado se acolhiam.*
 28. Agua clara. *Agua amara.*
 29. O capitão claro. *O Gama atentado.*
 30. Insperado. *Inopinado. A' fraca gente. A' fraca força.*
 34. Que aos deuses. *Que as estrelas.*
 36. Os frescos. *Os crespos.*
 39. Te achasse amigo brando. *Te achasse brando, afabil. A algum celeste. A algum contrario.*
 41. Como irosa. *De mimosa.*
 44. Outro algum celeste. *Ninguem comigo. Esses olhos chorosos. Esses chorosos olhos.*
 45. N'esta Est. estavam no manuscrito os dous versos de Enses antepostos aos de Antenor.
 46. Postas. *Dadas.*
 50. Estar Mavoria. *O gran' Mavorie.*
 52. Vereis mais. *E corais.*
 53. Nas actias guerras forte e venturoso. *Nas gielas actias guerras amissoso.*
 58. E claro. E raro.
N'esta Est. estava o ultimo verso primeiro quo o penultimo.
 61. Manso o vento. *Sereno o tempo.*
 64. Ve ferir. *Ve ferida.*
 68. Suspiram. *Respiram. Mansamente. Brandamente.*
 70. O illustre Gama. *O Gama muito.*
 74. Costa atraz. *Serra atraz.*
 77. La de longe tinha. *Do longe traxia Excolente. Cór ordens. Com o coral puniceo tam. O ramoso coral Ane, e.*
 80. Famosa. *Suberba. Nomeadas. Apartadas.*
 86. Temor, ou medo. *Mrio temor.*
 95. De obra sutil de poucos alcançada. *Onde a materia da obra é superada. O pyropo na adaga. Na cinta a rica adaga,*
 96. Ao sol ardente. *A solar quentura. E de outrem não sabido. Herritono ao ouvido.*
 98. Co'a pluma a gorra. *Pluma na gorra.*
 101. Ja no batel entrava o capitão do rei. *Ja no batel entrou do capitão o rei.*
 104. O sol revolve. *O ceo revolve.*
 106. As bandeiras. *As bombardas.*
 107. O illustre Gama. *O forte Gama.*
 111. Que quem é o que ignora, e não conhece as famas. *Que quem ha que per fama não conhece as obras.*
 112. Trabalho estranho. *Trabalho ilustre.*
- CANTO III.
- Est. 1. Docta dama. Linda dama. O amor divino. O amor devido.
 3. O capitão claro. O sublime Gama.
10. Fria Dania. *Loppia fria. Os Hunnos, a gran' Gotiba. Escandinavia Ilha. O desabrido. O congelado. Gran' parte. Um braço. Pelo Baltic, Russo, e Lithiano. Pelo Brusia, Suedia, e frio Dano.*
 14. Da agua, que tam humilde. *Das aguas que tam baixa. O mundo todo. Nubes varias.*
 16. França. *Gallia.*
 17. Belligeros. *Belllicos.*
 18. Estreito claro. *Sabido estreito.*
 20. O sol. *Phœbo. Com que se proprio Muritano deitou dos proprios fins. Contra o corpo Muritano, detendo-o de si fôra.*
 21. Estava d'esta sorte :
- Esta é aquella patria minha amada :
 A qual se o ceo me dâ, que torna viva,
 Com tamanha empreza ja acabada,
 Ser-me-ha gesto entre os homens excessivo.
 Esta foi Lusitania derivada
 De Luso, ou Lysa, que do antiquo Divo,
 Baccho Thebano foram companheiros,
 N'ella, parecs, em insolas primeiros.
22. D'aqui o pastor. *D'esta o pastor. A eterna Roma. A grande Roma.*
 24. Com este. *Com um. Rei. Afonso. Premios, e galardões. Premio digno, e dôes.*
 25. Lhe deram Portugal, que enlho. *Portugal houve em sorte, que. Não era conhecido. Não era illustre.*
 27. De Christo. *De Deus.*
 31. A inquietia. *A soberba.*
 33. Sentimento. *Intendimento.*
 34. Convocado da. *Pera vinger a. O tam fraco. O tam raro.*
 35. Torna o Castelhano. *Foi refazer-se o.*
 36. Do Lusitano. *Do moço illustre.*
 37. De Castella. *Castelhano.*
 38. Segurança. *Confiança.*
 40. Inclinado. *Ja entregado. Sumetido. Offrecido.*
 42. Orgulhoso. *Ditoso.*
 43. N'aquele Deus. *No summo Deus. Por muito mais doudice. Por mais temeridade.*
 44. Reissão os Mouros. *Rris Mourosendo.*
 45. Ao Principe. *A Afonso.*
 46. Por D. Afonso rei. *Por Afonso alto rei.*
 49. O cego matto. *O secco matto. Estrondo. Estridor.*
 51. Que podiam mover. *Pera se desfazer.*
 55. A secca Arronches. *A forte Arronches.*
 56. Fortes. Nobres. Forte Mastra. *Tambem Mastra.*
 58. Povos. Muitos. Mouros. *Muros.*
 59. Claro. Cheio.
 60. Que o Rheno, Albis, e Ibero. Que o Iero e viu, e o Tajo.

62. Sobre humano. Mais que humano.
 63. Vence um grande. Desbaratam.
 64. Sessenta mil peões de seda. Innumerous peões de armas. Valentos. Guerreiros.
 65. Dava o príncipe indignado. Afonso subito mestrado. Que passava. Dá, que passa. Uns captivos, outros matala. Pera, mala, derriba. Ja fuge o rei que so. Fuge o rei Mouro, e so. Porque esses. Sendo estes. Não são mais que. No mais que so.
 66. Paz Augusta. Badajoz.
 77. Dura tuba. Rouca tuba.
 78. Força. Esforço.
 83. Próspero. Príncipe.
 88. Famosa. Formosa. Que trouxera o contraste. Que viera per contraste.
 89. Gallega. Suberba.
 90. Que de antes os perros. Porque d'antes os Mours. O deixaram. O pagaram.
 93. Sublimado. Costumado E de Senhores. A Senhores. Não é. Não sor.
 96. No reino ja tranquilo. Na terra ja tranquilla.
 97. Delphico. Suberbo.
 99. Que nunca foi. Porque não é.
 100. Exército. Barroco.
 101. Muita. Grande.
 102. Paternos. Paternas.
 105. Os quatro versos do meio d'esta Est. tinham a seguinte collocação.:
*Se esse gesto que mostras claro e lodo,
 De pae o verdadeiro amor assella ;
 Rompe toda a tardança : acude cedo
 A' miseranda gente de Castella.*
 106. A bella Venus. A triste Venus.
 107. Trilhados. Coalhados.
 111. O fraco e gentil pastor. O pastor inerme estar. O sancto. O fraco.
 612. A gente. Ao reino.
 113. A que. Ali.
 114. Tammanha prestesa. Esforço tam-manko. Não lhe val elmo, malha. Sem lhe valer defesa. O duro. O forte.
 115. Altos reis. Fortes reis.
 116. Terça parte. Quarta parte. Tres moios. Alguiseas tres.
 117. Esta Est. não se via no manuscrito.
 120. Ledo. Doce. Doce. Ledo. So o soidoso campo. Nossaudoso campos.
 123. Por tirar ao. Por lhe tirar o. Do poder mouro seja. Do furor mauro, fosse.
 124. Baixa. Crua. Saudosas. Piedosas.
 125. Que ja as. Porque as.
 130. Por bons taes feltos. Por bom tal feito alli. Feros. Ferozes.
 132. Duros. Brutos. Na marmórea columna. No colo de alabastro. Tinguindo. Banhando.
 133. Crua. Seva.
 134. Assi está morta a misera. Tal está morta a pallida. Linda. Vida.
 135. Longamente. Longo tempo. Gentil. Fraca.
 136. Pedro não visse. Não visse Pedro.
 138. Viciosissimo. Sem cuidado algum.
 139. Um fraco. Um baixo.
 140, 141. Estas duas Est. não estavam no manuscrito.
 142. Meduseo, sereno, ardente. De Medusa propriamente.
 143. Riso. Gesto.

CANTO IV.

- Est. 1. Rei perdido. Rei Fernando.
 2. Fraqueza, ou descuido. Descuido remissio. Poucos dias. Pouco tempo. Que este so era então do reino. Por rei como de Pedro unico.
 4. Tambem. Então.
 7. Se o morto conde Andeiro. Se a corrompida fama.
 8. Que do antiquo Brigo o nome tomou, depois mudado. Que de um Brigo, se foi, ja teve o nome derivado. Das cidades, e vilas, que. Das terras que Fernando, e que. Com tanta honra ganhou. Ganham da tyranno.
 9. Divisas. Insignias.
 10. Toledo, obra antigua de Bruto. Toledo, cidade nobre e antigua.
 11. A guerra movem as tres. Movem da guerra as negras. Moradores. Maladeiros.
 15. O bravo. O patrio.
 16. Claros. Feros. Venceram. Vençestes.
 17. Celebrados Sublimados.
 19. Os Brigios. So estes.
 21. Aquela gente esforça Nuno. A gente forga, e esforça Nuno.
 22. Cadaum se armava, como lhe: Arma-se cadaqual como.
 24. Gallos. Francezes.
 25. Antão Vax é de Almada o. António Vasques de Almada é. Abrantes. Abranches. Claro. Forte.
 26. Gloriosas. Bellicosas. A' vista. Desfronte. Mas maior é o medo que. E todas grande dúvida.
 28. Lusitana. Castelhana. Terrífico. Terrível.
 29. A vida. Da vida.
 32. Julio, e Manho. Julio Manho.
 33. O forte. O nobre.
 36. Ferida. Parida.
 37. O monte bello, e os Sete-Irmãos. Os montes Sete Irmãos altro, e.
 38. Os dous ultimos versos digiam assim :
*Com força atira, e proga o escudo, e lado,
 Co o cavalle na terra a Maldonado.*

41. *Do vulgo*, emfim, que não tem.
Tambem do vulgo vil sem. Do Brigo.
Do inimigo.
44. A infesta séde. *A séde dura*.
48. A fe de Christo, a fe. *A lei de Christo, a lei*.
51. *Nesta Est. faltava no manuscrito o v. 6.*
53. Porque Hespanha não perecesse.
Porque se Hespanha não temesse.
54. Vencer-se de ninguem. *Poder nínguem cencor*.
58. No reino. *Nos reinos*.
61. Com presteza. *Celebrada*.
62. As ondas adriaticas. *Pelo mar alto Sículo*. Pelo mar de Canopo às costas. *E dalli d'aribeiras allas*. Sobem-se à. *Sobem d.*
63. E vendo as altas. *Ficam-lhe atraç.*
Detras o monte Caspio lhe ficou.
Que o filho de Ismael co'o nome orrou. Vendo a Felice a. *Feliz, deixando a*.
67. E como nunca ja do. *O qual como do nobre*. Deixasse deser hora; nem.
Não deixasse de ser um.
69. Debaixo. Diente. Largas. *Claras*.
74. Primeiro. *Com tudo*.
75. Caro. Escuro. Rubicunda. *Pudibunda*.
82. Entr'ambos de ou-adia. *Ambos são de calis*. Prior. *Furor*.
84. Rica area. *Branca area*.
85. Nos crois. *No Olympo*.
86. Ante. *Pers*.
87. Os dous últimos versos dixiam assim:
- Que refrar não posso os elbos d'água.
 Que a mais obrigarão lembrança e magos.
88. Dos frades n'este officio. *De mis religiosos*.
95. Um vento. *Uma aura*.
96. Chamaste. *Chamam-te*.
98. Deixou. *Desiou*.
100. Comnoso. *Contigo*. Elle nas. *Elle por*.
102. Facundo. *Profundo*.
103. A todo o. *Pers o*. De intendimento. *De altos desejos*.
- CANTO V.
- Est. 13. *Esta Est. não estava no manuscrito*.
15. Falsas aguas. *Altas ondas*.
19. No mar. *No ar*.
22. Toma. *Tira*.
27. Depressa. *Por força*.
28. Que o rudo. *Que o bruto*.
31. Diz. *Crd*.
33. Tam tecida (1). *Tam crescida*.
39. No mar. *No ar*.
43. Sabe. *Sabe*. Vós fazois. *Tu fazes*.
45. A dura Quiloa asperrima. *A destruída Quiloa com*.
49. Temeroso e rouco. *Espantoso e grande*.
51. As costas. *As ondas*.
53. Per guerra. *Per armas*.
54. Não sube. *Não pude*.
55. Linda Tebya inclitis. *Branca Te-thys utica*.
57. Vergonha. *Deshonra*.
60. Tou. *Soon Me. Nos*.
61. Rutilante. *Radiante*.
67. Co'om tammanho espaço eslava. *Co'om mar parece, tanto estaca*. Romper. *Vencer*.
76. Invenção do sagrado. *Encomendado ao sacro*.
76. Alguns nomes arabios. *Palavra alguma árabis*.
88. Que cantando. *Que co'o canto*.
91. Da nau. *Do mar*.
93. Como a voz (1). *Como a vez*.
- CANTO VI.
- Est. 1. Mouro os famosos. *Pagdo os fortes*.
2. Sereno rei. *Famoso rei*.
3. Do Mouro. *Do pagdo*.
6. A forte Lusitania. *A gente lusitana*.
8. Deuses muitos. *Deuses do mar*.
9. Rutilante. *Radiante*.
10. Da quale. *Na qualidão*. A mai. A tam.
14. Esperando. *Aguardando*.
18. Mexilhões. *Breguigões*.
25. Enriquecem os. *E m riquissimos*.
26. *Faltavam os versos 5, 6, 6*.
28. N'outro tempo. *Com razão*.
29. Tam grandissimas. *E insolencias tais*.
30. Que de um meu capitão. *Que de um vassallo meu*.
31. Aquelles. *Os Minias*.
33. Que Jupiter. *Que o gran' senhor*.
 Não por razão senão per caso o. *Como lhe bem parece o baixo*.
38. Fundo ponto. *Fundo aquoso*. Rica *Lassa*.
39. Rem. *Mal. Seus. Mil*.
40. Enganar. *Passar*.
70. D'esta arte arrazoavam vigiando, quando. *Mas n'este passo assi promptios estando, eis*.
71. A rasgam. *A fazem*.
72. Tardando. *Cessando*.
73. Rijos. *Duros*.
75. Brados. *Gritos*.
81. O Astrífero pólo. *Os céos, e mar, e terra*.
92. Baixa. Alta. *Aqui dão fim as Lições varias do primeiro MS.*

(1) A primeira Edição também trouz tecida.

(1) Dix Faria que foi arro da penna, ou da estampe.

SEGUNDO MANUSCRIPTO.

CANTO I.

- Est. 4. Musas do Tejo. *Tagides mi-nhas.*
 9. Bello gesto. *Tenro gesto.*
 10. Materno. *Paterno. Paterno. Sme-perno.*
 16. Remate. *Exicio. O collo mostra. Mostra o pescoco.*
 21. O antártico pólo. *O Austro tem.*
 22. Sereno. *Severo.*
 49. De prata. *Da vidro.*
 58. De Phebe. *Da lua.*
 62. Nautica. *Maritima.*
 67. Bestas. *Arcos.*
 89. Estiouro. *Brado.*
 106. Verme. *Bicho.*

CANTO II.

- Est. 1. Deus Neptuno. *Deus nocturno.*
 43. Segredos. *As estranhas.*
 52. Um coração tam inclito e valente. *Tanto um peito suberto e insolente.*
 53. Nas intestinas. *Nas cívis actias.*
 66. Manda o bem fallado. *Manda o consagrado.*

CANTO III.

- Est. 49. O gado. *O fato.*
 71. Que teu sogro victoria alcance in-dina. *Ter teu sogro de ti victoria dina.*
 84. Os saudosos campos. *Os semeados campos.*
 97. O supremo exercicio. *O valeroso officio.*
 126. Em cruentas rapinas. *Nas rapi-nas aereas.*
 140. D'este vicio. *Do peccado.*

CANTO IV.

- Est. 1. Tras ás vezes o sol. *Tras a ma-nhã serena.*
 16. Venceram. *Vencestes.*
 32. Caso feo, qual nas guerras de Ce-sar, e Pompeo. *Caso estranho / qualis nas guerras cívis de Júlio, e Manho.*
 39. O sangue ardente. *O fogo ardente.*

CANTO VI.

- Est. 21. Alabastrino. *Crystallino.*
 30. Firmes. *Velhas.*

CANTO VII.

- Est. 74. Vermo. *Bicho.*
 77. De um velho, de semblante so-berano (1).

CANTO VIII.

- Est. 5. Esquadras. *Batalhas.*
 62. Preciosos. *Valerosos. Liga. Lia.*
 64. Que o espiritu divino lhe infundia. *Que Venus acidida lhe infusa.*

CANTO IX.

- Est. 7. Sulphureos tiros. *Trovões hor-rendos.*
 10. Outros volvem co' peito a dura barra. *Outros quebram co' peito duro a barra.*
 17. Que não lhe cabe o coração no peito. *Que o coração para elle é vaso es-treito.*
 21. Co' o terreno que cerca o gran' Pro-teu. *Da mde primeira co' o terreno seio.*
 43. Então pudico. *E impudico.*
 49. A virtude lhe amoesta. *Lhe Venus amoesta.*
 59. Escondei-vos dos damnos. *Entro-gei-vos ao danno. Fazem na fructa. Em vós fazem.*
 76. A fortaleza. *A natureza.*
 91. Que Neptuno. *Que Jupiter.*
 95. Da fama. *De Venus.*

CANTO X.

- Est. 4. Nectar. *Ambrosia.*
 88. Tremendo. *Turbulento.*
 104. Deitada. *Deixad.: Aqui dão fim as Lições várias do segundo MS.*

(1) Este verso assim deve ler-se, e não como vai no seu lugar.

LIÇÕES VARIAS.

QUE SE LÊEM EM DIVERSAS EDIÇÕES.

CANTO I.

- Est. 1. Permittia. Promettia.
5. A que Marie. Que a Marie.
13. Alfonso. Afonso.
19. Ondas. Proas.
22. A coroa. Com a coroa.
29. Tornarão. Começardo.
40. Pera traz. Por detrás.
53. Ilha. Ilhas.
99. Que a terra. Que a ilha.

CANTO II.

- Est. 13. Da moça. Na moça.
17. Do porto não saissem. De todo
desfruissem.
29. Tendo o Game. Vendo o Game.
35. Se torna. Se mostra.
67. Escapa em salvo. Em salvo escapa.
83. N'algum. Em nenhum.
89. Enchem. Enchem-se.
99. Raíos. Os raíos.

CANTO III.

- Est. 29. Das terras. Nas terras. E o
senhorio. Do senhorio.
30. As couças. As couças.
52. Tornado. Tornado.
60. Do Betis. Co' o Betis.
68. Fez faser. Faz faser.
71. Indina. Dina. Rio Phasis. Frio
Phasis.
75. Sangue mouro. Sangue moure.
77. Rouca tuba. Ronca tuba.
80. Do Mouro. Do Mouro.
90. Destruídos. Estruídos.
94. Alfonso o terceiro. Que Afonso o
braco. E des que teve. Despôs de ter.
103. Traz. Transem.
124. Horriferos. Horríficos.
141. A moça. Ua moça.

CANTO IV.

- Est. 15. Refute. Refuse.
27. Os alferes. Alferzes.
32. Julio Manho. Julio, e Manho (1).
53. Quiz antes. Quiz mais.
55. Que elle poz. Que lhe poz.
61. Seis companheiros. Seus messa-
geiros.
67. Que à luz clara. Que à luz clara.

(1) Dix Faria que foi erro da estampa ou
da pena, porque são deus.

50. Tam grandes. Tammarhas.
90. Funeroso. Funereo.

CANTO V.

- Est. 10. Lago. Largo.
35. Ou la. O' la.
77. Nos dizem, que por naus, que es-
tas igualam na grandeza. Dizem que
por naus que em grandeza igualam
as nossas.
86. Juiga tu agora rei. Agora juiga o'
rei.
89. Os odres. Dos odres.
93. A voz. A vez.

CANTO VI.

- Est. 11. Invencibil. Invíabil.
24. D'ella sendo. D'esta sendo.
34. Se per dita. Per centura.
39. Mas estregando. Mal esfregando.
Mas esfregando.
47. Efeitos. Afectos.
56. E os altissimos. Os altíssimos.
67. Querem que. Querem.
68. La teve. Já tevo.
92. Excelsa. Celsa.
99. Affeitos. Afectos.

CANTO VII.

- Est. 2. Mas em. Mas nem.
16. Do reino Malabar. Do Malabar
melhor.
19. Lindas. Finas.
29. Toda a gente. Tal a gente.
41. E tudo. Em tudo.
52. Lirios. Thyrsoes.
58. Se vem. Vem.
59. E povo. E de povo.
77. Sobre humano. Venerando.

CANTO VIII.

- Est. 3. Ou companheiro. E compa-
nhheiro.
4. Ou filho. E filho.
12. Reis. Rei.
18. Ves o. Ves um.
28. De seu rei. De rei seu.
47. Que um. Que a um.
48. De estar. Que esteis.
49. Tudo. Rudo.
61. Quem da Hesperia. Que quem da
Hesperia. E remotas. Tam remotas.
66. Crer não. Não crer.
77. Mouro engano. Mauro engano.

CANTO IX.

- Est. 9. Represaris, Represa. Presa.
 12. E tomando. *E* tornado.
 13. Por tomar. *Por* armar.
 21. Da primeira co'o terreno seio.
 Com a primeira do terreno seio.
 Da mde primeira co'o terreno seio.
 25. Intende. *Emende.*
 30. lam. *Estado.* De ferro. *De setas.*
 Vão de. *Estado* *do.* Teada. Soada.
 35. Tomam as. *Tomam nas.*
 54. Liquidas. *Límpidas.*
 55. Enfeitar - se. *Afeitar - se.* Emfim.
 Em si.
 65. Deposta. *Posta.*
 72. A mostrar. *A gritar.*
 81. Lhe mudares. *Se lhe mudard.*
 85. Aura. *Almá.*
 93. Estas honras. *Essas honras.*

CANTO X.

- Est. 2. Apparelhado. *Apparelhados.*
 6. Ninfa. *Musa.*
 9. Ja não me. *Ja me ndo.*
 12. Em o férvido. *E o férvido.*
 14. Pera que todo o Norte. *Ford que*
 todo o Naire.
 29. Que elle. *Que ella.*
 31. Com toda da. *Com uma.*
 37. A fama. *A famosa.*
 47. Não era. *Não será.*

49. D'este. *D'ells.*
 50. Lindo. *Longo.*
 71. Feitos grandes. *Feitos farão.*
 78. D'U. *E um.* Engane voso. *In-*
 genho voso.
 84. Este nome. *Esse nome.*
 87. O outro. *Est'outro.* Axes. *Eixos.*
 Estellantes. *Estrelantes.*
 88. Rei. *Deus.*
 90. O fogo faz. *O fogo faz.* Que fazem.
 Que jazem.
 92. De bravura. *De bruteza.*
 93. Morre. *Morte.*
 97. Que a grande África alli. *Que a*
 parte afríca.
 105. A natureza e dos. *Na natureza.*
 117. Cruel lança. *Crua lança.*
 118. Mas mais. *Mais.* Da sancta. *Na*
 sancia.
 120. La com esta. *Ja com esta.*
 124. Alguns que. *Outros que.*
 125. D'aqui o mando. *D'aquí tornando.*
 137. Vereis. *Verds.*
 138. Novas portas. *Novas portas.*
 142. A's eternas esposas. *A's esposas*
 eternas.
 148. Tendes vento. *Tendes tempo.*
 154. Não me falta. *Nem me falta.*
 156. Os muros. *Os Muros.*

Adverte-se, que não fizemos caso de algumas minadengos gramaticais;
porque nada alteraram o sentido.

DIFFERENÇAS ORTHOGRAPHICAS

que apresentam as duas edições de 1572, copiadas da que, no anno
de 1819, publicou Firmino Didot em Paris.

CANTO PRIMEIRO.

	PRIMEIRA.	SEGUNDA.
Oit.	1, v. 7, edificaram.	edificarão.
	v. 8, sublimaram.	sublimarão.
Oit.	4, v. 8, nam tenham .. ás.	não tenhão.. as.
Oit.	8, v. 3, meyo.	meio.
Oit.	21, v. 2, foy.	foi.
Oit.	22, v. 4, razam... concertavam.	razão... concertavao.
	v. 7, assi.	assy.
Oit.	26, v. 1, antigas.	antigua.
	v. 7, capitam.	capitão.
Oit.	42, v. 8, peixes.	pexes.
Oit.	52, v. 7, habitais.	abitais.
Oit.	72, v. 8, aposento.	apousento.

CANTO SEGUNDO.

Oit.	2, v. 5, alveroçado.	alvorachaço.
Oit.	22, v. 1, direito.	dreito.
Oit.	76, v. 7, entam.	antam.
Oit.	100, v. 2, resonando.	resoando.

CANTO TERCEIRO.

Oit.	9, v. 4, entam.	antão.
Oit.	30, v. 2, sossego.	sosiego.
Oit.	132, v. 8, futuro.	futuro.

CANTO QUARTO.

Oit.	7, v. 6, succede.	sucede.
Oit.	14, v. 2, Alvarez.	Alverez.
Oit.	24, v. 1, Alvarez.	Alveres.
Oit.	68, v. 2, imaginações.	ymaginações.

CANTO QUINTO.

Oit.	3, v. 6, deixavam.	diyxavão.
Oit.	8, v. 1, Canarias.	Canareas.
Oit.	45, v. 3, sepultura.	sepoltura.
Oit.	53, v. 1, couss impossibil.	impossivel.
Oit.	79, v. 5, hospedes.	ospedes.
Oit.	90, v. 2, embebidos.	embibidos.

CANTO SEXTO.

Oit.	13, v. 6, ignorantes.	ignorantes (diversa pentuação).
Oit.	21, v. 7, deixa.	dexa.
Oit.	39, v. 2, miude.	miudo.
Oit.	63, v. 4, virtude.	virtude.
Oit.	89, v. 3, pões.	pôes (diversa d'acento).
Oit.	93, v. 8, agradeceeo.	agardeceeo.

CANTO SEPTIMO.

PRIMERA.	SEGUNDA.
Oit. 5, v. 8, Não.	Nam.
Oit. 64, v. 1, capitam.	capitão.
naçam.	nação.
tençam.	tençam. } em rhyma.

CANTO OITAVO.

Oit. 4, v. 7, edifica.	edefica.
Oit. 42, v. 1, à.	& (diversa d'accento).

CANTO NONO.

Oit. 15, v. 1, diligencia.	diligencia.
Oit. 32, v. 7, dá vida.	dá vida (diversa d'accento).
v. 8, poem.	poem (outra anomalia).

Oit. 36, v. 4, dicia.

decia.

CANTO DECIMO.

Oit. 38, v. 1, poderam.	poderão.
podéram.	podérão.
faram.	farão.
fixaram.	fixerão.
sam.	sam.
entenderam.	entenderão.
Oit. 37, v. 6, estrellantes.	estellantes.

 } em rhyma.

Colhe-se d'esta tabella que, nem Camões , nem os antigos escriptores tinham adoptado um sistema fixo d'orthographiar as palavras ; e que algumas são impressas (como bem disse José Maria de Souza) per quem não sabia escrevel-as) e aponta as seguintes *Impito* por *impeto*, *antre*, por *entre*, *ey* por *hei*, *asse* por *há-se*, *pubrico* por *publico*, *orfin-dade* por *orfandade*, *contrários* por *contrarios*, *sururgiam* por *cirurgido*, *cayo* por *cahio*; e alternativamente *supito* e *subito*, *variato* e *vriato*, *ande* e *hão-de*, *oceano* e *oceano*, etc.

Porém tal irregularidade orthographica deixará de admirar-nos, se reflectir-mos que n'essa época não havia um *diccionario portuguez*, que podesse servir de guia aos escriptores ; tanto assim que eu, que exactissimamente copiei, na livraria publica de Paris, um antiquo manuscrito de Fernan' de Oliveira (o qual é pelo abbad Barbosa na sua *Biblioteca lusitana* qualificado «de presbítero muito docto», assim em a lição da Historia sagrada e profana , como na intelligencia dos poetas e oradores, explicando o mais celebre de todos, qual foi Quintiliano em a Universidade de Coimbra : não sendo menos perito na *orthographia da lingua materna*, como na scienzia nautica ») posso aqui apresentar aos leitores uma amostra da *orthographia* d'esse docto, e seja ella o começo da *História de Portugal* inclusa no referido manuscrito :

« *Capítulo premeyro do premeyro liuro, no qual diz que forão os premeiros pouoadores de Portugal : dos qes elle tomou o nome, que ainda agoora tem.* »

Das pouoações , e nomes das terras dantes do diluuiio geral , que chamamos de Noe, por q̄ per elle o mandou deos denúciar ao mundo : no qual toda a terra foy allagada , e todas as memorias daq̄le tempo , não temos noticia alguma , nem sabemos que gente morou em Portugal, nem como se chamaua : e por isso diz Salamão no Ecclesiastes , que não há antre nos memoria das coussas premeyras , etc. »

ERROS

que se encontram nas duas edições de 1572, extraídos
da antiga edição de Didot.

CANTO PRIMEIRO.

Est. 29, experimentados, por experimentados.	Erros da ambas.
Est. 71, Os, por O.	
Est. 38, queiras, por queres.	
Est. 59, logo, por o logo.	
Est. 31, fortíssima, por fortíssimo.	

Neste canto a Pr. tem 11 erros, a Seg. 10, dos quais 5 lhe são próprios.

CANTO SEGUNDO.

Est. 7, que Christãos, por Christãos.	Erros da ambas.
Est. 100, bramando, por bramavam.	
Est. 55, gantico, por gantetico.	
Est. 56, Maria, por Maia.	
Est. 31, confiança (sem pont.) por confiança.	

Neste canto a Pr. tem 11 erros, a Seg. 11, dos quais 4 lhe são próprios.

CANTO TERCEIRO.

Est. 60, algum, por alguns.	Erros da ambas.
Est. 87, guidó, por Guido.	
Est. 96, liberdade, por liberalidade.	
Est. 115, incliado, por inclinado.	
Est. 65, descuidado, por descuidado.	

Neste canto a Pr. tem 22 erros, e a Seg. 13, dos quais 6 lhe são próprios.

CANTO QUARTO.

Est. 20, Camisio, por Canusio.	Erros da ambas.
Est. 75, Emisperio, por Emispherio.	
Est. 38, sopeando, por sopesando.	
Est. 76, sonhores, por senhores.	

Neste canto a Pr. tem 10 erros, de que, a Seg. conseguiu 6.

CANTO QUINTO.

Est. 5, Guido, por Gnido.	Erros da ambas.
Est. 85, reposou, por repousó.	
Est. 9, tornarmos, por tornamos.	
Est. 90, gueroas, por guerras.	
Est. 13, nuca, por nunca.	

Neste canto a Pr. tem 15 erros, a Seg. 21, dos quais 13 lhe são próprios.

CANTO SEXTO.

Pag. 97,	C. Quinto, por C. Sexto.	Erros de ambas.
Pag. 103,	C. Quinto, por C. Sexto.	Erros de ambas.
Est. 60,	cabe, por coubera.	Erros da primeira.
	Brato, por Batro.	Erros da primeira.
Est. 16,	doutro, por doutra.	Erros da segunda.
Est. 52,	cimeras, por cimeiras.	Erros da segunda.

Neste canto a Pr. tem 18 erros, a Seg. 12, dos quais 6 são proprios.

CANTO SEPTIMO.

Est. 84,	camum, por comum	erro de primeira.
Est. 86,	guardase, por guardarse.	erro de ambas.

Neste canto a Pr. tem 2 erros, a Seg. 4.

CANTO OITAVO.

Est. 49,	parti, por por ti.	Erros de ambas.
Est. 56,	deixa, por deixava.	Erros de ambas.
Pag. 128,	octavo, por octavo.	Erros da primeira.
Est. 50,	que lhe, por que.	Erros da primeira.
Est. 18,	martyrs, por martyres.	Erros da segunda.
Est. 76,	corrutos, por corrulos.	Erros da segunda.

Neste canto a Pr. tem 15 erros, a Seg. 11, dos quais 5 lhe são proprios.

CANTO NONO.

Est. 17,	tom, por tão.	Erros de ambas.
Est. 23,	Achises, por Anchises.	Erros de ambas.
Est. 30,	ondas, por obras.	Erros da primeira.
Est. 91,	dividos, por divino.	Erros da primeira.

Neste canto a Pr. tem 27 erros, a Seg. apendeu 6, e conservou 21.

CANTO DECIMO.

Est. 14,	Reis Bipuz, por Reis de Bipur.	Erros de ambas.
Est. 72,	quadrupedante, por quadrupedante.	Erros de ambas.
Est. 108,	Qui, por Que.	Erros de ambas.
Est. 45,	Alembrete, por Alembrou lhe.	Erros da primeira.
Est. 126,	vantes, por montes.	Erros da primeira.
Est. 64,	sangue, por sangue.	Erros da segunda.
Est. 101,	dentretra, por dententra.	Erros da segunda.

Neste canto a Pr. tem 18 erros, a Seg. 26, depois de corrigir 4 da Pr.

COMPARAÇÃO
*das duas edições primordiais de 1572, extraídas da referida edição
Parisina de Didot.*

CANTO PRIMEIRO.

Oit. 1, v. 7.	Pr.	ed.	Entre gente remota edificaram.
	Seg.	ed.	<i>E entre gente remota edificáro.</i>
Oit. 24, v. 4.	Pr.	ed.	<i>Do Luso não perdeis o pensamento.</i>
	Seg.	ed.	<i>De Luso, não perdeis o pensamento.</i>
Oit. 29, v. 8.	Pr.	ed.	<i>Começaram a seguir sua longa rota.</i>
	Seg.	ed.	<i>Tornarão a seguir sua longa rota.</i>
Oit. 64, v. 1.	Pr.	ed.	<i>Respondeo o valeroso capitão.</i>
	Seg.	ed.	<i>Responde o valeroso capitão.</i>
Oit. 75, v. 4.	Pr.	ed.	<i>Debaixo do seu jugo, o fero Marte.</i>
	Seg.	ed.	<i>Debaixo do seu jugo, o fero Marte.</i>
Oit. 83, v. 3.	Pr.	ed.	<i>Sagaz, astuto, e sabio em todo dano.</i>
	Seg.	ed.	<i>Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano.</i>

CANTO SEGUNDO.

Oit. 24, v. 7.	Pr.	ed.	O estava hum marítimo penedo.
	Seg.	ed.	<i>Os estava hum marítimo penedo.</i>
Oit. 74, v. 2.	Pr.	ed.	<i>De gente que vem, ver a ledia armada.</i>
	Seg.	ed.	<i>Da gente que vem ver a ledia armada.</i>
Oit. 100, v. 2.	Pr.	ed.	<i>Os animos alegres resonando.</i>
	Seg.	ed.	<i>Os animos alegres ressoando.</i>
Oit. 103, v. 6.	Pr.	ed.	<i>O menos que de Luso mereceram.</i>
	Seg.	ed.	<i>O menos que os de Luso merecerão.</i>

CANTO TERCEIRO.

Oit. 8, v. 7.	Pr.	ed.	Não me manda contar estranha historia.
	Seg.	ed.	<i>Não me manda contar estranha histeria.</i>
Oit. 34, v. 5.	Pr.	ed.	Em trabalho cruel o peito humano.
	Seg.	ed.	<i>Em batálha cruel o peito humano.</i>
Oit. 52, v. 6.	Pr.	ed.	Correm rios de sangue desparzido.
	Seg.	ed.	<i>Correm rios do sangue desparzido.</i>
Oit. 52, v. 8.	Pr.	ed.	<i>Tornando carmesi de branco e verde.</i>
	Seg.	ed.	<i>Tornado carmesi de branco e verde.</i>
Oit. 93, v. 8.	Pr.	ed.	Que nam for mais que tudo excellento.
	Seg.	ed.	<i>Que não for mais que todos excellento.</i>
Oit. 111, v. 5.	Pr.	ed.	Com palavras soberbas, e arrogante.
	Seg.	ed.	<i>Com palavras soberbas o arrogante.</i>
Oit. 118, v. 5.	Pr.	ed.	Os feridos com grita ao ceo feriam.
	Seg.	ed.	<i>Os feridos com grita o céo ferião.</i>
Oit. 117, v. 8.	Pr.	ed.	E depois de Jesu certificado.
	Seg.	ed.	<i>E depois por Jesu certificado.</i>
Oit. 130, v. 8.	Pr.	ed.	Feros vos mostrais e cavalleiros.
	Seg.	ed.	<i>Feros vos mostrais e cavalleiros.</i>
Oit. 133, v. 7.	Pr.	ed.	O nome do seu Pedro que ouvistes.
	Seg.	ed.	<i>O nome do seu Pedro que lhe ouvistes.</i>

CANTO QUARTO.

Oit. 24, v. 3.	Pr.	ed.	Como ja o forte Huno o soy primeiro.
	Seg.	ed.	<i>Como ja o fero Huno o soy primeiro.</i>
Oit. 102, v. 2.	Pr.	ed.	Nas ondas velhas pos em seco lenho.
	Seg.	ed.	<i>Nas ondas velhas pos em seco lenbo.</i>

CANTO QUINTO.

- Oit. 12, v. 5. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 41, v. 7. Pr. ed.
Seg. ed.
- O grande rio , onde batendo sca.
Co grande rio onde batendo sca.
Que eu tanto tempo ás que guardo e tenho.
Que eu tanto tempo ás ja que guardo e tenho.*

CANTO SEXTO.

- Oit. 18, v. 6. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 34, v. 5. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 41, v. 4. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 82, v. 2. Pr. ed.
Seg. ed.
- Que recebem de Phœbo crecimiento.
Que recebem de Phœbo crecimiento.
Mais quis dizer, e nam passou daqui.
Mais quis dizer, e não passou daqui.
Nam fosse amores , nem delicadeza.
Não soffre amores , nem delicadeza.
Doustra Scylla e Caribdis ja passados.
Doustra Scylla e Caribdis ja passados.*

CANTO SEPTIMO.

- Oit. 20, v. 7. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 22, v. 3. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 70, v. 3. Pr. ed.
Seg. ed.
- Agoas do Gange , e a terra do Bengala.
Agoas do Gange , e a terra do Bengala.
So estende hu'a fralda estreita , que combate.
Se estende hu'a fralda estreita , que combate.
Do rio Tejo , e fresca Guadiana.
Do río Tejo , e fresca Guadiana.*

CANTO OITAVO.

- Oit. 29, v. 8. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 32, v. 3. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 34, v. 2. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 90, v. 7. Pr. ed.
Seg. ed.
- Que entre o Tarteso , e o Guadiana habita.
Que entre o Tarteso , e Guadiana habita.
Portugues Capítam chamar se deve.
Portugues Cipido chamar se deve.
O perjuro que fez e vil engano.
O perjurio que fez e vil engano.
Lhe andar armada , que por em ventura.
Lhe andar armando , que por em ventura.*

CANTO DECIMO.

- Oit. 1, v. 1. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 10, v. 1. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 40, v. 2. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 71, v. 2. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 83, v. 7. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 88, v. 8. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 97, v. 7. Pr. ed.
Seg. ed.
Oit. 156, v. 4. Pr. ed.
- Mas ja o claro amador de Larisseia.
Mas ja o claro amador da Larisseia.
Cantando a bella Deosa , que viriam.
Confava a bella Deusa , que virião.
Armas com que o Albuquerque yra ambaando.
Armas com que Albuquerque yra amansando.
Com restante da gente Lusitana.
Co restante da gente Lusitana.
Os que são bôs , guiaando favorecem.
Os que são bôs , quando favorecem.
A Lebre , os Cães , a Nao , e a doce Lira.
A Lebre , e os Cães , a Nao , e a doce Lira.
Povoações , que a parte Africa tem.
Povoações , que a parte Africa tem.
Os mouros de Marrocos , e Trudante.
Os muros de Marrocos , e Trudante.*

NOTAS.

CANTO PRIMEIRO.

Estr. I.

As armas , e os Barões assinalados.

Aqui *Barões* devem intender-se por homens enforcados , varões , e não no sentido , que hoje lhe dâmos ; isto é , na graduação immediata ao visconde. Moreira aponta dois exemplos relativos ao primeiro sentido : eli-os :

« Bento é o Barão que per si se castiga , e per outrem não . »
VASONCALLOS , *Mafrosina* , 1. 3.

« Auctoridade dos Barões doctos . »

BARROS , *Grammatica* , f. 71.

Por mares nunca d'antes navegados.

Ha diferença entre as preposições *per* e *por*. *Per* indica o agente , o meio ; e *por* denota o objecto , o motivo , etc., como em frances *par* e *pour*. Os modernos escriptores portuguezes confundem estas preposições ; e, ignorando este princípio logico , comettem anomalias absurdas.

O nosso illustre bispo Hieronimo Osorio , em uma de suas cartas , dá-nos um exemplo assás notorio da diferença das sobreditas preposições , e n'uma so phrase :

« E viu o reino , que as pessoas per que se governava el-rei , eram da Companhia , da sua cevadeira , e feitos per ella , e por ella e para ella ser tudo em tudo (pag. 44). »

A edição de D. José Maria de Sousa , impressa per Firmino Didot em Paris , no anno de 1819 , dá esse verso assim escripto :

Por mares nunca de antes navegados.

O mesmo se lê na edição Rollandiana de 1843.

Mas eu preferi a lição acima , que é do padre Thomás José de Aquino , e acha-se na edição por elle publicada em Lisboa nos annos de 1779 e 1780. Manuel Correa escreveu :

Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ianda alem da Taprobana.

Prefiri *ianda* a *aínda* ; porque assim fica o verso mais sonoro ; e porque d'esse modo o vi escripto n'uma copia dos *Lusiadas* feita pelo inimitável Francisco Manuel , sobre um autographo de Camões ; e outrossim na edição de Manuel Correa , per Pedro Craesbeeck , em o anno de 1613.

É a ilha de Ceilão , celebre na antiguidade sob o nome de *Taprobana*.

Em perigos , e guerras esforçados.

Seria talvez melhor :
E em perigos, e guerras esforçados.

Faria e Souza escreveu :
Que em perigos; e guerras esforçados.

E d'entre gente remota edificaram.

Melhor talvez :
Entre gente remota edificaram,
 como se lê na edição do padre Aquino.

Est. II.

De África, e de Ásia andaram devastando.
 Manuel Correa escreveu este verso do seguinte modo :

D'África, e d'Ásia andaram devastando.

Mas essa lição não é tanta onomatopéia como a primeira.
 E aquelle, que per *obras valerosas*
 Se vão da lei da morte libertando.

« Bella poesia! *obras valerosas* tambem podem significar *escritos* *aceleitos*; e por isso dê valor; porque aprofundam : esta é a energia primitiva do adjetivo *valeroso*; e quem se exime da lei da morte *fica* *immortal*: ingenhosos modos de falar. Cultura, elegancia, e harmonia, são as virtudes d'este estylo. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Academia*, pag. 127.

Cantando espalharei per *toda parte*.

Os antigos poetas, e prosadores omitiam algumas vezes os artigos *o*, *a*, *os*, *as* antes dos substantivos : imitavam n'isto os Franceses, e outras nações; Exemplo :

« Toda virtude, toda fermosura. »

ANTONIO FERREIRA, *Soneto 2.*

Est. III.

Cessem do sabio Grego, e do Troiano, etc.

O sabid Grego, foi *Ulysses*, rei de Ithacá; e, o Troiano, foi *Êneas*, filho de Anchises, e de Venus.

Cal-se d' *Alexandro*, e de Trajano
 A fama das victorias, que livetam.

Ignoro porque Camões escreveu *Alexandro*, em vez de *Alexandre*; visto ja assim se pronunciar em seu tempo, como o comprovam os seguintes exemplos :

« Quâtrocentos afora à brava gente
 De pe, que setecentos ser deviam,

A quem governava o capitão valente
Alexandre, que ao Manho o preferiam. »

Luis PEREIRA, *Elegiada*, cant. 15.

«Lendo *Alexandre* a Homero descansava
 Dos trabalhos, em que passara o dia.»

MENEZES, *Malaca Conquistada*, cant. 1.

Não será erro typographicico, v. g. um o , por um e ? Esta lição acha-se em todas as edições , que consultei.

Escrevi d' em vez de de , que se lê em algumas edições dos *Lusiadas* , para evitar a pronuncia desagradável de de ; e n'isso segui a lição de Manuel Correa.

Est. IV.

E vós , Tagides minhas , pois creado
 Tendes em mim um novo ingenho ardente.

Mi , e não mim , é como pronunciavam , e escreviam os contemporâneos de Camões. Exemplo :

«Tambem , senhor, contra mi fallo e digo
 Qu'em nossas letras não está a justiça :
 Está n'um peito de justiça amigo. »

ANTONIO FERREIRA , *Certa* 11.

Todavia nossos antiguos poetas conservavam o m , quando este lhe era urgente para a rhyma. Exemplo :

«Se mais quereis , esta fonte
 Vos descubra o mais de mim :
 O que ella viu , ella o conte ;
 Porque eu vou-me para o monte ,
 Porque ha ja muito que vim. »

CAMÕES , *Filodemo* , scena 3 , act. 3.

Dai-me agora um som alto e sublimado.

Suprimei o h em toda esta edição , por não ser essencial a falta d'essa letra; e porque os Latinos , Franceses , Hespanhoes , Italianos , etc. não escrevem um com h . Francisco Manuel (Filinto Ellsio) observou constantemente este modo de orthographar , na primeira edição de seus versos , publicada em Paris , no anno de 1797. O mesmo fez o editor das poesias de Pedro de Andrade Caminha , e outros mais.

Não será , creio , desagradável aos estudiosos da lingua portugueza transcrever-lhes eu aqui o que o erudito Moraes , no seu estimavel dicionario , apontou acerca d'esse adjetivo numeral :

«Commumente escrevem um , uma com h , sem que o peça a etymologia ; pois se deriva do latim unus , e menos a pronuncia ; porque sendo o h signal de aspiração , nós não aspirámos nenhuma vogal senão é ah , interjeição , que deveria escrever-se ha ! porque a aspiração precede á vogal. De um se derivam unidade , unanimis , único , unissimo , união , uniforme , e muitos outros , que se escrevem sem h ; e , mostrando a origem de um , dão mais facil ideia do seu sentido. »

*Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrate.*

Hippocrate fonte de Beocia, nascida, segundo dizem os poetas, da ferida, que o cavallo Pérgaso allí fez com o pe; a qual é dedicada ás Musas.
E não d'agreste aveia, ou frauta ruda.

Manuel Correa escreveu :

E não d'agreste aveia, ou frauta ruda.

Gente vossa, a que Marte tanto ajuda.

Assim achei escripto este verso na edição de Manuel Correa, dada à lux em 1613. Eu prefiro essa lição á seguinte :

Gente vossa, que a Marte tanto ajuda,

que se acha na edição de Souza, e em outras : ella constitue um absurdo ; pois os Portuguezes não podiam ajudar Marte, deus da guerra, sim este áquelle. A transposição typographica da letra *a* nas duas primeiras edições dos *Lusitadas* de 1572, deu causa a este contrasenso.

A edição publicada em Hamburgo no anno de 1834, traz :

Gente vossa, que Marte tanto ajuda.

Esta lição é correcta ; porém o verso fica frouxo.

Se *tam* sublime prego cabe em verso !

Os bons autographos, e authores portuguezes sempre escreveram esse adverbio com *m* como os Latinos, e não com *o*. Exemplos :

« Porque *tam* indecente é sair da boca de um homem de alto logar, e nobre criação uma palavra rustica e mal composta, como de uma baixinha de ouro, ou rico esmalte arrancar uma espada ferrugenta. »

DUARTE NUNES DE LIXO, *Origem da lingua portuguesa*, dedicatoria.

« E se esquecido
Da honra e gloria antigua portuguesa,
Isto não concedesse, que em *tam* nobre,
Ilustre companhia, certo estava
Achar-se quem seguisse esta famosa,
E *tam* honrada empresa. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco do Dia*, cant. 13.

Est. VI.

E vós, o' bem nascida segurança
Da lusitana antigua liberdade, etc.

Nasceu el-rei D. Sebastião em 20 de Janeiro de 1554 ; e, depois da morte d'el-rei D. João III seu avô, foi entregue á tutoria da rainha D. Catharina sua avó; e, passado algum tempo, á do cardeal D. Henrique ; o qual governou até á competente idade de D. Sebastião ; que, apenas começou a reinar, armou contra os Mouros, e feneceu na batalha, que travou com elles no dia 4 d'agosto de 1578.

Um dos ultimos traductores de Virgilio diz « que Ottavia brindou esse Poeta pelos versos, que elle poz na bocca de Anchises, relativos ao moço Marcello, com um dom de 24 centos de réis. Hoje em dia não se fazem d'estas liberalidades áquelles que as mereceth. Pois presupposta a diversidade das duas linguas, os versos do nosso Camões valem de certo tanto como os de Virgilio, e não foram tam bem gratificados per el-rei D. Sebastião; o qual apenas lhe concedeu quinze mil réis de tethya, com obrigação de tirar alvará de seis em seis meses: é o grande homem pereceu de miseria e dor. Que documentos para a historia! Ora bastava que fossem gratificadas á romana as 18 oitavas da dedicatoria dos Lusiadas áquelle rei, e as 12 ultimas do poema (padrões immortaes do desmercado estro, é prodigioso saber d'este homen immortal) para fazer a fortuna mais que suficiente de um philosopho como ellé. Mas estivá à patria mettida, segundo elle mesmo diz em os seus *Lusiadas*, cant. 10, est. 145 :

Nó gosto d'a cubicaçā , e na rúdeza
De uma austera ; apagada e vil tristeza.

Dado ao mundo per Deus, que todo é mande;

Esta lição de Manuel Correa pareceth-me mais exacta que tal' blitra do Souza, etc. :

Dada ao mundo per Deus , que todo o mundo;

pois o participio *dadô* deve untes concordar com o nome d'el-rei D. Sebastião subintendido , que com o substantivo maravilha.

Pera do mundo a Deus dar parte grande;

Pera, e não *para*, é contio articularam, é escreveram todos os quinhentistas. Citaréi douz exemplos :

« *Pera que é sobre isto guerra ?* »

Sa de MIRANDA, Ecloga 3.

« Conforme a seu penar,
Aquella terra busouo ,
Pera de si se vingar. »

BERNARDIM RIBEIRO, Ecloga 5.

Ora se Bernardes, etc., contemporaneo de Cáمدes, escreveu *pera*, como podia este escrever *para*? Se todos os prosadores d'então escreveram *pera*, para que mudaram os editores das *Lusiadas* esta preposição em *para*?

Est. VII.

Vós, tenro e novo fámio *florecehle*.

Manuel Correa escreveu :

Vós tenro e novo ramo *florescente*.

Vos amostra a *victoria* ja passada.

Allude o Poeta à batalha ganhada aos Mouros per el-rei D. Afonso Henriques, no campo d'Ourique.

EST. VIII.

Vós, poderoso rei, cujo éto império
O sol, logo em nascendo, ve primeiro;
Ve-o tambem no meio do hemisferio;
E, quando derrubá, o deixa derrotado.

« Quem pois considerar o domínio portuguez povoando o mundo de cidades, províncias, reinos, e empórios, sem dúvida que dirá, « se é um corpo ainda mais que ugigantado, e estendido pelo orbe com mais gloria (pois com maior fama, e com mais triunfos) que em Sicília o de Tiphéti. »
Francisco Lúcio Fratello, *lives dos roteiros*.

Queinda bebe o líquor do santo rio.

Escrevo *líquor*, e não *lícör*; porque assim encóstome á etymologia latina *liquor*, como fizeram os nossos escriptores de bom seculo. Exemplo:

« Rossa, em manhã de abril, que da passada
Humida, fria noite, um *Liquor* leve,
E um celeste rocio em si recolhe. »

Jeronimo Coarta Real, *Novo ruyto de Sepulcros*,
cant. i.

É o Ganges, rio sagrado na opinião dos Indios; no qual, lavando-se, reputam-se limpos de seus delictos e peccados.

EST. IX.

De amor dos patrios feitos valerosos.

Esta lição do padre Aquino é mais euphonica e conforme á pronuncia classica, que a seguinte do Souza:

De amor dos patrios feitos valentosos.

EST. XI.

Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, inaque fôra verdadeiro.

Rugeiro está aqui em vez de *Rogerio* tam semente em consideração da rhyma.

Camões tambem empregou (como julga Faria) *turbulento* por *turbamento*, sendo consoante de *horrendo*; *manhos* por *magnos*, consoante de *estranhos*, *frente* por *fronte*, consoante de *frendente*, *Venoe* por *Venus*, consoante de *menos*, etc.

N'estes dous versos allude Camões aos poemas de Ariosto, e de Bolardo.

EST. XII.

Por estes vos darei um *Nuno* fero.

Nuno Alvares Pereira, condestavel d'este reine, e defensor d'elle.

Um *Egas*, e um *Dom Fuas*, etc.

Foi *Egas Moniz*, aio d'el-rei D. Afonso Henriques, e *Dom Fuas Roupinho*, cavalleiro portuguez valerosissimo.

Manuel Correa escreveu assim este verso :

Um Egas, e um dos Fuas, etc.

Pois polos doze Pares dar-vos quere
Os doze de Inglaterra , e o seu Magriço.

Deve escrever-se *polos* e não *pelos*, como se acha na edição do Souza, e em outras mais; pois da preposição *por* juncta ao artigo plural *os*, formaram os classicos *polos*; e, de *per*, *pelos*.

Magriço : Assim se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho. Foi um dos doze Portuguezes, que passaram a Inglaterra, em favor das doze damas.

Est. XIII.

Pois se a troco de Carlos rei de França.

O Poeta falla de Carlos-Magno, ou talvez de Carlos VII, chamado o vitorioso.

Outro Joenne invicto cavalleiro.

Foi el-rei Dom João o primeiro, chamado de boa memoria.

Est. XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquellos, que nos reinos la de Aurora
Se fizeram per armas tam subidos ,
Vossa bandeira sempre vencedora.

Confesso que a construcção d'estes versos sempre me pareceu enleada: o verbo *deixarão* concorda optimamente com o pronome *aquellos*; mas *vossa bandeira*, etc., fica sem regime. Eu tenho para mim que a partícula *se*, que devia ser collocada apds o verbo *fizeram*, foi, pelo compositor typographo, posta antes d'elle. Ora as pessoas avezadas a corrigir provas d'imprensa não ignoram ser mui facil tomar um *e* cheio de tincta o logar d'un *o*; mormente na época, em que os *Lusíadas* foram estampados, na qual os ó erão rarissimos. Concluo pois, que a emenda deve ser *Fizeram*, so per armas, etc., entre virgulas: d'esta sorte fica correcta a concordancia grammatical do pensamento de Camões; pensamento que elle exprimiu, segunda vez, com variados termos, no canto 10 do mesmo poema, est. 148 :

So com saber que são de vós olhados,
Demonios infernaes, negros e ardentes
Committerão com vosco; e não duvide
Que vencedor vos façam, não vencido.

Manuel Correa escreveu :

Aquellos que no reino la d'Aurora.

Mas o verso da primeira lição satisfaz mais o ouvido.

Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.

Duarts Pacheco Pereira tendo vencido sete vezes o Samorim, veio a morrer, após muitas perseguições, n'um hospital.

Esses *Almeidas* foram *D. Francisco de Almeida*, primeiro vice-rei da India, e *D. Lourenço d'Almeida* seu filho.

Albuquerque terrível, *Castro* forte.

« Escrevo *Albuquerque*, porque este nome se deriva do latim — *albo queru*. — E, se bem me lembro ainda do que li em Lisboa, assim creio que vinha escrito nos seus *Commentários*. »

Nota de FRANCISCO MANUEL.

Albuquerque não somente se acha assim escrito na edição dos taes *Commentários*, que em Lisboa saiu á lux no anno de 1774; mas até na edição Rollandiana do *Naufrágio de Sepulveda*, publicada em 1783; como o mostra o seguinte exemplo do cant. 14 :

« *Albuquerque* também são os primeiros,
Que dos corações mostram a ousadia. »

Castro : Foi *Dom João de Castro*, vice-rei da India.

Est. XVI.

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem ve seu exílio afigurado.

« Considerando o grande Camões, ao levantar o edifício da sua immortal epopeia, que os poetas seus nacionaes, ou antiguos, ou contemporaneos, não tinham cuidado em formar aquella linguagem, com que se deve fallar a sublime poesia, entrou elle n'esta grande empresa. Como era profundamente versado assim na lição dos poetas latinos, como nas especulações poeticas, soccorrido com as auctoridades dos primeiros mestres, começo a enriquecer a sua epopeia de infinitas vozes novas, e estranhas, tiradas da linguagem, que inventaram (imitando aos Gregos) os poetas latinos. Para esta introduçao mil vezes o obrigou a necessidade; mas muitas mais a pompa e grandeza do estylo, em que cantava; a que elle ora chama *altíloquo*, ora *altísono*, ora *grandíloquo*, e *grandísono*.

Bem previa elle, que de alguns contemporaneos seria estranhado, como na verdade foi; mas tambem via (fiado no merecimento das suas obras) que seria limitado da posteridade, e eternamente engrandecido por pae da nossa linguagem poetica, em que apenas temos que invejar á italiana, e inglesa.

Camões usou pols de *estellifero*, *dea*, *obsequente*, *plumbeo*, *rúbito*, *celeuma*, *bellacíssimo*, *instructo*, *revocar*, *lanígero*, *horrisono*, *inuisitado*, *rábido*, *estríador*, *nítido*, *baccaro*, *inerme*, *horríscio*, *horrisero*, *mauro*, *inconcesso*, *armigero*, *estridente*, *sistibundo*, *pando*, *nilótico*, *lasso*, *longínquo*, *hirsuto*, *intenso*, *pudibundo*, *vociferar*, *término*, *avena*, *salso argento*, *insania*, *obumbrar*, *ensifero*, *divicias*, *inimicicia*, *gemma*, *Germanos*, *Letheu*, *arúsپice*, *nequicia*, *undivayo*, *crástina*, *bovino*, *flaucia*, *crebro*, *insidias*, *estellante*, *natura*, *equoreo*, *fulvo*, *imbelle*, *profilar*, *munda*, *plaga*, *pressante*, *módulo*, *aimo*, *protervo*, *semíviro*, *crepitlar*, *gladio*, *gdr-*

rua, fárida, somida, funereo, dura, mérrios, mutante, fumamento, immanidade, etc.

FRANCISCO JOSÉ FAXIAS, *Dicionário poético*,
Discurso preliminar, pag. 30, 31 e 22.

Tethys todo o cépticoa sephoria
Tem pera rós por dote apparelhado;
Que affilosa ao gesto bello e lepro,
Dencia da canapar-vos para gomzo.

Imitação de Virgilio :

« *Teque sibi generum Tethys smat omnibus undis.* »
Georgicas, liv. I. v. 31.

Est. XVII.

Dos deus avós as almas ca famosas.

El-rei Dom João III, e o Imperador Carlos V.

Est. XVIII.

E costumai-vos ja a ser invocado.

Imitação de Virgilio :

« et votis iam quicq; aspergat vocari. »
Georgicas, liv. I. v. 42.

Est. XIX.

Já no largo Oceano navegavam.

A palavra *Oceano* quasi sempre é de quatro syllabas, como se ve no verso acima; mas também pode ser de tres, pela licença poetica *synesthesia em em' ouigo*:

« Do grande Oceano visitando a esposa. »

MENEZES, *Malaca conquistada*, cant. 9, est. 134.

As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de *Próteu* são cortadas.

« *Próteu* levo quasi sempre, nos tempos de Camões, a primaica longa. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyze*, pag. 241.

Proteu, filho do Oceano, e de *Tethys*: tinha a seu cargo os *monstros marinhos*,

Est. XX.

Convocados da parte do Tonante.

Esta lição de Manoel Correia é mais correcta que a seguinte:

Convocados da parte de Tonante,

que se lê nas edições do Souza, do Aquino, etc.

Pelo neto gentil do velho Atlante.

E *Mercurio*, filho de Jupiter, e de Maya, e esta filha d'Atlas.

Est. XXI.

Alli se acharam *juncos* n'um momento.

Os nossos antigos authores, que mais se cingiram á etymologia das palavras, sempre escreveram este adjectivo com *c*, como fizeram os Latinos nas vozes *junctura*, *junctus*, etc. Exemplo :

« O qual (cippo) um lavrador descobriu com o dental do arado, *juncto* de um edifício destruído. »

André na Resposta Histórica de Evora, pag. 37.

Est. XXII.

O ouro, e de perlas, mais abaixo estavam.

Assim achel este verso impresso na edição de Pedro Graesbeeck, publicada no anno de 1651 : as outras que consultei trazem :

De ouro e de perlas mais abaixo estavam.

Perlas por perolas tem exemplo nos boas poetas quinhentistas. Eis-aqui um :

« vermelhos rubis, e orientaes perlas, &
JERONIMO CORTE REAL, Naufragio de Sepulveda,
cânt. 6.

Est. XXIV.

*Se do grande valor da forte gente
De Luso, não perdeis o pensamento.*

Ellas a Mção do padre Thomás José de Aquino. A de José Maria de Souza é :

Do Luso não perdeis o pensamento.

O leitor adoptará a que melhor lhe parecer.

Luso foi companheiro ou filho de Baccho, de cujo nome Portugal se diz *Lusitania*. Reinou 33 annos. Era por extremo amado, dos povos, e reedificou muitas cidades. Morreu no anno de 2487.

*Deveis de ter sabido claramente,
Como é dos Fados grandes certo intento, etc.*

Escrevi é, terceira pessoa do indicativo presente do verbo *ser*, sem *h*; porque assentei poder omitir esta letra; mormente achando exemplo d'esse modo d'ortographar (além de outras sábias peanas modernas) em Moraes, author do melhor dicionario portuguez, que temos, e em Francisco Manuel, que constantemente o seguiu em suas composições em prosa e verso.

Est. XXV.

C um poder tam singelo, e tam pequeno.

Manuel Correa escreveu :

Com poder tam singelo, e tana pequeno.

Assi, que sempre emfin, com fama, e gloria, etc.

Assi, em vez de assim, é como disseram, e escreveram os contemporaneos de Camões. Exemplo :

« Como estás do teu Proléu *assí esquecida?* »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio do Sepulcros*,
cant. 6.

EST. XXVI.

Deixo, deuses, atraç a fama antiga,
Que co' a gente de *Romulo* alcançaram,
Quando com *Víriato*, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram.

Romulo, primeiro fundador, e primeiro rei de Roma. *Víriato*, Portuguez valerosissimo : ele defendeu Lusitania contra os Romanos espaço de 14 annos.

Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando elevaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cerva espiritu divino.

Foi *Sertorio*, natural de Nursia, hoje Nessa em Italia ; o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos Romanos. Assentou morada em Evora.

Eis o que o benemerito editor do *Hyssope*, poema de Antonio Diniz, edição de 1821, escreveu tocante á final ío do verbo *fingio*.

« Devemos outra satisfação orthographica acerca da desinencia em u da terceira pessoa singular de alguns preteritos, no modo indicativo dos verbos. Os nossos Maiores quasi sempre a terminaram em u , e não em o. Hoje algumas pessoas escrevem *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc., e carregam a penultima com accentos, ora agudos, ora circumflexos. Os antigos quasi sempre escreveram *leu*, *ouviu*, *feriu*, etc., sem accento algum ; pois não o precisam estas palavras, cujas desinencias, compostas de duas vogaes, formam duas syllabas. »

EST. XXVII.

.... não temendo
De *Africo*, e *Noto* a força, a mais se atreve.

Africo, vento, que os maritimos chamam oés-sudueste. *Noto*, é o vento sul, ou vendaval.

Inclinam seu proposito, e *perfia*.

Assim escreveu Manuel Correa, contemporaneo e amigo de Camões, este verso ; e com razão ; pois *perfia*, e não *porfia* era a pronuncia d'essa epoca. Confirmal-a-hei com um exemplo :

« Não vedes com que amor, com que *perfia*
As Musas a cantal-a se offerecem ? »

DIOCO BRANQUERES, o *Lyma*, ecloga 7.

Inclinam seu proposito, e *perfia*,
A ver os berços onde nasce o dia.

« Imagem digna de um tam sublime pincel , na qual a pureza , e a harmonia resplandecem em grau summo. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 297.

Estr. XXIX.

Tornardo a seguir sua longa rota.

Esta lição de Manuel Correa parece-me mais exacta que est' outra do Souza , do padre Aquino , etc. :

Começando a seguir sua longa rota.

O verso citado , para ter o acento predominante na sexta syllaba , e ficar certo , deve escrever-se :

Começando seguir sua longa rota.

No manuscrito de Francisco Manuel lê-se :

« *Tornardo com mais peito a longa rota.* »

Porém as pessoas versadas na leitura das obras d'esse insigne poeta , não porão em dúvida ser este verso composto per elle.

Estr. XXXI.

Da India tudo quanto Doris banha.

Doris, nympha marina; toma-se aqui pelo mesmo mar.

De que Nysa celebrainda a memoria.

Nysa , antigua cidade da India , situada áquem do rio Indo , não longe do Cophen ou Cophen. N'ella nasceu Baccho.

Estr. XXXII.

Ve que ja teve o Indo sujugado.

O particípio *sujugado* assim escrito na edição de Pedro Craesbeeck , accommoda-se á pronuncia dos contemporaneos de Camões , como mostra o seguinte exemplo :

« Vedes per esta gente os Rumes duros
Tantas vezes fugir desbaratados ;
Assoladas as forças , e altos muros
De Ormuz , os reis da India sujogados . »

MENDES, *Malaca conquistada*, liv. vi. est. 7.

Ora é claro que esse verso dos *Lusiadas* , lido segundo a antigua pronúncia , é menos aspero que o que trazem quasi todas as edições dos mesmos *Lusiadas* :

Ve que ja teve o Indo sobjugado.

De quantos bebem a agua do Parnaso.

Preferi esta lição , por mais correcta , a est' outra , que se acha nas edições do Aquino , e do Souza :

De quantos bebem a agua de Parnaso.

Alem de que , o mesmo verso ja assim vem escripto na edição Rollan-diana de 1843.

Est. XXXIII.

Per quantas calidades via n' ella.

Calidades, e não *qualidades* é como escreveram, e pronunciaram os bons authores quinhentistas : e, em verdade, essa palavra, assim articulada, torna o verso mais doce , evitando o mau conjunto *qua qua* assás desagradavel aos ouvidos. Eis um exemplo extraido d' outro poeta contemporaneo a Camões :

« Mais de que alegra o bem , cança a tristeza ,
Deixa breve prazer, longa saudade ,
Corta pelo amor da natureza
A grande obrigação da *calidade*. »

Luis PEREIRA , *Elegiada*, cant. II. est. 85.

Da antigua tam amada *sa* romana.

Todas as edições dos *Lusiadas*, que consultei , dão este verso estampado do seguinte modo :

Da antigua tam amada *sua* romana.

O que o volve pesado e prosaico. « *Sua* (disse Francisco Dias Gomes , nas Memorias de Litteratura portugueza , tom. IV, pag. 252) pronunciava-se então *sa* , à maneira dos Provençais , com mais ou menos modificação do som, como o comprova este exemplo :

« Vinha Amor pelo campo trebelhando
Com *sa* fermosa madre , e *sas* donzelas . »

FERRIRA , *Poemas*, liv. II. soneto 25.

E na lingua , na qual quando imagina ,
Com pouca corrupção , crê que é *leína*.

« É certo que a nossa lingua portugueza é de todas as da Europa a mais chegada á latina ; e tanto , que até nos termos do uso commun , nos sorridos , e pudendos, mui pouco declina d'ela , conservando quasi sempre a simplicidade da sua syntaxe , as desinencias dos nomes e verbos , das primeiras, segundas, e terceiras declinações , e observando quasi que a mesma economia nos generos, e anomalias. Esta verdade é manifesta a todos os que temem estudo profundo de ambos os idiomas : de maneira que se podem compor muitos periodos , e orações , que juntamente sejam latinos e portuguezes . »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Obras poéticas* ,
pag. 293 e 294.

Est. XXXIV.

..... porque das Parcas claro *intende* , etc.

Como o verbo *entende* deriva de *intelligo* , mudel-lhe o primeiro e em f. Assim o escreveu , em nosso seculo aureo, o doctor André de Resende , bem que em diversa accepção :

« Eu ando todo ocupado em um livro de architectura per mandado de

el-rei nosso senhor; de modo que em outro studo não intendo, excepto o prégar, que sem errar a Deus, não lexaria.»

Historia de Evora, Dedicatoria.

*Assi que, um pola infamia, que arrecea,
E o outra polas honras que pretende,
Debatê, etc.*

Nossos antigos poetas escreviam este adverbio com *m* ou sem elle, segundo lh' o pedia a rhyma; porém nas edições menos deformadas, sempre lhe falta o *m*, quando o consoante o não requer. Vejam-se os seguintes exemplos de Camões :

« E queréis ver a que assi
Em mi tanto bem se pôs?
Porque quiz amor assim
Que por ves verdes a vós
Tambem me visseis a mim. »

Rhythmas, parte 2^a.

« Favores assi a mólhos. »

Rhythmas, parte 2^a.

A construcção d'estes dous versos dos *Lusiadas* não me parece correcta : essa falta de concordancia desparecerá, talvez, se Camões os escrevesse d'este modo :

Assi que, um pola infamia que arrecea,
(Baccho)
E a outra polas honras que pretende,
(Venus)
Debatê, etc.

Mas como todas as edições assim os dão escriptos, não ousei tocal-os.

Debatê, e na perfia permanecem.

Eis como deve escrever-se este verso, e não
Debatem, e na perfia permanecem,

para ter o accento na sexta syllaba aguda *ñ*. Os modernos editores dos *Lusiadas* não advertiram que os quinhentistas costumavam pôr um ~ sobre a vogal ultima d'algumas vozes, fazendo d'esse modo synalepha com a vogal per que começava a palavra seguinte. Notei isto em uma antiga edição de Camões , da qual não cito exemplo, porque a não tenho. Posso todavia comprovar o que acabo de dizer , copiando aqui duas ou tres phrases extrahidas do manuscripto de Fernâdo Oliveira , per mim fielmente copiado na Bibliotheca real de Paris, com a sua genuina orthographia :

« Assi chamárho tambem aos que pouoárão outras terras naquelles premeyros principios, posto que não fossem filhos, né ouuessem sido alagados ; mas erão , e descendentes daquelles, como era Tubal e seus companioneyros. »

Est. XXXV.

*Qual Ameiro fero, ou Bóreas na espessura,
De silvestre arvoredo abastecida, etc.*

O s posto antes de consoantes tambem faz som aspero, e pouco suave, e limita bem o sibilante zunido dos ventos, o murmúrio doce das águas, etc.

Est. XXXVI.

Morencoiro no gesto parecia.

Morencoiro por melancolico ou enfadado, carregado, era como se pronunciava em tempo de Camões : todavia Manuel Correa escreveu :

Menencorio no gesto parecia.

Eis como eu achei impressa esta palavra nos autores antigos :

« *Malenconico*, triste e pensativo. »

JERONIMO CORTE REAL, *Newfragio de Sepulveda*,
cant. I.

« *Como manencorio* de si, determinou de não ir ao paço tam asinha. »

BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e moça*, cap. 6.

Est. XXXIX.

Porque enfim vem de *estamago* damnado.

Conselvel esta lição de Manuel Correa ; porque os quinhentistas escreveram, e pronunciaram *estamago*, e não *estomago* como hoje dizemos. Citarei douz exempllos em abono d'esta afirmativa :

« O *estamago* damnado em mal converte
Qualquer que n'ele bom liquor se ponha. »

FRANCKA, *carta* 12, liv. II.

« Mas quanto mais o *estamago* sedento
Se farta, tanto n'ele vai crescendo
A sede. »

FERNAN' D'ALVARES DO ORIENTE, *Lusitânia Transformada*, livro II.

Eu ignoro porque os modernos editores dos *Lusiadas* mudaram a pronuncia antigua d'este vocabulo, e a conservaram em *morencoiro*, etc.

Est. XL.

Não tornes pera *traz*, pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

O primeiro verso, assim escripto per Manuel Correa, pareceu-me mais correcto e sonoro que o seguinte das modernas edições dos *Lusiadas* :

Não tornes por *detraz*, etc.

Ora por *detraz*, ou melhor per *detraz*, não é para *traz*, como requer o sentido d'esta oitava. *Por detraz* significa pelo reverso d'un objecto, e *para traz* indica retrogradação para o mesmo assumpto ou lugar. A diferença é palpável.

Est. XLII.

Em quanto isto se passa na *fermosa*
Casa etherea do Olympo omnipotente, etc.

Bem que a etymologia latina exija que esse adjetivo se escreva com o e não com e, todavia conservei o verso qual o escreveu Manuel Correa; porque tal era a pronuncia do seculo em que Camões floresceu. Eis o que João Franco Barreto, no prologo da Eneida de Virgilio, disse acerca do sobredito adjetivo :

«Tambem advirto que *formosa*, e *formosura*, etc., não é orthographia minha, mas *fermosa*, *fermosura*, etc.»

E Antonio Ferreira, na sua ecloga 1 assim s'exprime :

«..... um campo chão
Morada do verão, das mais *fermosas*
Hervas, e mais cheirosas flores cheo
Se faz alli.»

Os modernos editores de Camões escreveram *formosu*.

Entre a costa ethiopica, e a famosa
Ilha de *san' Lourenço*, etc.

Deve escrever-se *san'* Lourenço, e não *sgo* Lourenço como trazem os modernos editores dos *Lusiadas*, *san'* é contracção de *sancio*.

..... e o sol ardente
Queimava então os deuses, que *Typheu*,
Co' o temor grande, em peixes converteu.

Andava o sol, ou antes a terra, no signo de Piscis; isto é, corriam os ultimos dias do mez de severo.

Typheu foi um dos gigantes, que escalaram o ceo. Havendo-se affeiçado a Venus, seguiu-a té ás margens do Euphrates; mas douz grandes peixes passaram-a com seu filho á outra parte d'esse rio. Os taes peixes foram postos no numero dos doze signos do Zodiaco.

Est. XLIII.

O promontorio *Prasso* ja passavam.

Da-se-lhe hoje o nome de *Cabo-das-correntes*.

Est. XLIV.

De soberbo, e de alívio coração.

O adjetivo *soberbo*, por motivo de sua etymologia latina, como se ve n'este verso :

«Quos illi bello profugos egere *superbo*,»

deve escrever-se com u e não com o.

Est. XLVI.

A gente da cér era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras ascendidas,
Ao mundo deu.

Ovidio disse :

« *Sanguine tunc credunt in corpora summa vocato
Ethiopum populos nigrum traxisse colorem.* »
Metamorphoses, liv. II. v. 236.

Eis o que diz Duarte Nunes de Líão acerca das vozes accentuadas :

« Onde o accento faz mudança de significação, o notaremos sempre, como nas terceiras pessoas do preterito perfeito do modo demonstrativo de todas as conjugações. Porque concorrem com as terceiras pessoas do futuro do mesmo modo, e numero em as mesmas syllabas, senão que dif-ferem em accento. Ca as vozes do preterito teem o accento agudo na penultima, e as do futuro na ultima. Polo que pera tirar-mos a dife-rencia dos modos, e tempos de que fallámos, quando for preterito dire-mos *amára, léra, ouvira*. E quando futuro diremos *amará, lera, ouvirá*, etc.

O mesmo usaremos nos nomes, onde assi for necessário, como n'esta palavra *cór* por vontade, que notaremos com accento agudo, á diferença de *côr* por *color*, que o tem circumflexo, etc. »

Orthographia, pag. 314.

E Madureira, *Orthographia*, pag. 19 :

« Quanto ao uso d'estes accentos, na nossa língua, so é frequente, e precisamente necessário n'aquellas palavras, que se equivocam com ou-tras, e so pelos accentos se pode conhecer a sua diversidade, princi-palmente n'aquellas que se escrevem com as mesmas letras, e teem di-versa significação, v. g. : *amára, léra, ouvira*, etc., ou *emprégo, tem-péro*, nomes, e *emprego, tempéro*, verbos, etc. »

O *Pado* o sabe, e *Lampethusa* o sente.

Pado, rio d'Italia : os Gregos chamaran-o Eridano, e hoje chama-se Pô.

Lampethusa, foi irmã de Phaetonte; a qual com suas irmãs prantea-ram tanto a cahida d'esse mancebo, que movidos os deuses á piedade, converteran-as em álamos.

EST. XLVII.

Da cinta para cima vêem despidos.

A edição Rollandiana de 1843 traz :

Das cintas para cima vêem despidos.

Não adoptei esta lição ; porque *cinta* é termo collectivo, bem como *gente*, *ouvido*, etc., e os nossos classicos, em tal caso, faxiam *syllepsis* de numero, como se pode ver nos seguintes exemplos :

« O mar era cheio de bateis mui ataviados, assi os da armada, como outros, de *gente*, que iam ver. »

BARROS, *Decada 2. liv. III. cap. 1.*

E Frei Luis de Souza escreveu :

« Povoavam os degraus multa sorte de *gentes*, que pareciam pobres. »

Assim Camões podia tambem dizer correctamente :
 Tapam co'as mães os Mouros o *cavalo*.

Anafis sonorosos vão tocando.
 Morses define assim esse vocabulo :
 « *Anafis* trombeta direita, como charameia, senão que tem menos boca, e mais largura, usada entre Mouros. »

Manuel Correa escreve *anafis*; Damião de Goes *anafies*; porém Jeronimo Corte Real, no *Cerco de Díu*, cant. 31, disse *anafis* como Camões; eis os seus versos :

« Trombetas e *anafis* verás que os ares ,
 Com espantoso e rouco estrondo , rompem . »

Est. L.

Imos buscando as *terras* do Oriente.

Manuel Correa escreveu :

Imos buscando as *partes* do Oriente.

Est. LI.

D'um rei potente somos , tam amado ,
 Tam querido de todos , e benvisto ,
 Que não no largo mar, com leda frente ,
 Mas no lago entraremos de Acheronte.

« Grande e verdadeiramente epico modo de fallar. Feliz aquelle monarca, que der motivo a uma tam sublime como elegante hyperbole ! Não se pode escrever com mais exacção na prosa. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Anafies*, pag. 232.

Mas no lago entraremos de Acheronte.

Manuel Correa escreveu :

Mas no lago entraremos d'Asheronte.

Est. LII.

Que se dos *feios* phocas se navega.

Feios, e não *feios* é como fallavam e escreviam os contemporaneos a Camões. Exemplo :

« Os reis que *feios* casos commetteram
 Em tempo antiquo , etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulveda*,
 cant. 13.

Mas os editores das obras de Camões impressas em Hamburgo escreveram *feios* não sei com que motivo.

Est. LIII.

Que os proprios são aquelles , que creou
 A natureza sem lei , e sem razão.

Manuel Correia escreveu :

Natureza sem lei , e sem razão.

Eu adoptei esta lição.

Nós temos a lei certa , que ensinou
O claro descendente de Abrabão ,
Que agora tem do mundo o senhorio :
A mãe Hebreia teve , e o pae Gentio.

O Poeta allude aqui a Masoma , o qual descende de mãe Judia , e pae idolatra . A religião mahometana é um composto de tradições judaicas , e da antiga idolatria dos Arabes.

EST. LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou ,
No ceo sereno abrindo a roxa entrada
Ao claro *Hyperionio* que accordou , etc.

« Esta é (disse Francisco Dias Gomes) uma das mais famosas pinturas da manhã que em toda a poesia se encontra : n'ella se acha em ponto mais subido o soberano incanto da mais amavel elocução poetica.»

Hyperionio é o sol ; do qual singem os poetas que, após derramar luz n'este hemispherio , se acolhe ao mar , e com Tethys passa a noite , descançando do trabalho diurno.

EST. LX.

..... Em si cuidando (o Regedor)
Que são aquellas gentes ínheimensas ,
Que os aposentos caspios habitando ,
A conquistar as terras asianas
Vieram ; e, per ordem do Destino ,
O imperio tomará a Constantino.

Não so os Mouros , a quem o Gama falla aqui , tinham vindo pelo Mar Vermelho estabelecer-se nas costas orientaes de Africa , e commerciar nos portos indisticos ; mas até os Turcos começavam a mostrar seu poder n'esses mares.

O imperio *tomará* a Constantino.

Assim deve escrever-se este verso , para que o assento predominante caia na sexta syllaba *ma* do verbo *tomaram* , fazendo synalepha co'a vogal seguinte *a* ; licença que a cada passo s'encontra nos poetas quinhentistas. Gendron estampou :

O imperio *tomar* a Constantino.

A edição Rollandiana traz :

O imperio *tomaram* a Constantine ,
alongado este verso a doze syllabas.

E a de Hamburgo :

O imperio *tomárdo* a Constantino.

Camões refere-se no sobreditto verso a Constantino Paleólogo, último imperador do Oriente, durante o qual governo foi Constantinopla tomada pelos Turcos em 2º de maio de 1453.

Est. LXIV.

Responde o valeroso capitão.

Preferi esta lição de Manuel Correa á seguinte do José Maria de Souza :

Respondeu o valeroso capitão;

porque o verso soa melhor ; alem de que , ella ja se acha na edição Roliandiana de 1843 ; na de Hamburgo de 1834, e na do padre Aquino.

« Dar-te-bei , senhor illustre , relação
De mi , da lei , das armas , que traxia .

Aqui escreveu Camões *que traxia* em vez de *que frago*, por motivo do consoante *sabia* no primeiro verso.

Est. LXV.

« A lei tenho d'aquele , a cujo imperio
Obedece o visibil , e invisibil .

A desinencia em *bil* é mais euponica que a em *vel*; a qual carece de analogia para a formação dos superlativos em *bellissímo* , assás usuais em nosso idioma. De *culpabil*, *terrível*, *horribil*, etc., vêem mais naturalmente os superlativos *culpabilíssimo*, *terrívelíssimo*, *horribilíssimo*, que dos positivos *culpavel*, *terrivel*, etc. : por isso Camões , e outros escriptores de bom seculo sempre formaram seus superlativos segundo o methodo latino.

« E que de ceo à terra emfim desejo .

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque , tanto para a vista , quanto para a oreilha , rhyme melhor com a palavra *ceo* do verso seguinte. Os mais editores dos *Lustadas* escreveram *deseo*.

Est. LXVI.

« Cumpride esse desejo te seria .

Sería usá-se aquí em lugar de *será* , crescendo-lhe uma syllaba por motivo do consoante, que se tornava necessário. Camões, por esta mesma causa , faz muitas outras alterações nos tempos dos verbos , e nunca acrescenta (segundo nota Faria e Souza) o *m* ás vozes *assí* , e *me* , senão quando é a isso obrigado pela consonancia do fim.

Est. LXVII.

Pelowros , espingardas de aço puras.

Manuel Correa escreveu :

Pilonros , espingardas d' aço puras.

NOTAS

Est. LXX.

De peito venenoso e tam damnado.

Manuel Correa disse :

De peito venenoso e tam danado.

Est. LXXI.

Que nunca falte um perfido inimigo
A'quelles de que foste tanto amigo!

Eis como Manuel Correa nos deixou esse segundo verso ; mas as edições, que tive presentes , trazem de quem.

Est. LXXIII.

Olhando o ajunctamento lusitano
Ao Mouro ser molesto e avorrecido.

Assim escreveu Manuel Correa este verso ; porque na sua época (que foi a de Camões) todos pronunciavam *avorrecer*, *avorrecido*, e não *aborrecer*, *aborrecido* como hoje. Exemplo :

« Tu, cruel, contra mi so te endureces,
E tu so , tanto amor, tanto avorreces ! »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio do Sepulveda*,
cant. 7.

Est. LXXV.

« Ja quizeram os deuses que tivesse
O filho de Philippo, n'esta parte,
Tanto poder, que tudo sumettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte.

A palavra *sومettesse* torna este verso escabroto ; pôr isso (encostando-me ao exemplo dos nossos bons poetas quinhentistas) suprimi o b para amaciar-lhe a pronuncia. A edição impressa em Hamburgo , e a do padre Aquino trazem.

Tanto poder que tudo somettesse.

Debaixo do seu jugo o fero Marte.

Na segunda edição de 1572 lê-se :

Debaixo de seu jugo o fero Marte.

Est. LXXVI.

« Não será assim , etc.

Os nossos clássicos como articularam *mí*, *assí*, em vez de *mím*, *assím* (qual hoje escrevemos e pronunciamos) evitaram este vício nasal.

Est. LXXVII.

No gesto natural se converteu
De um Mouro , em Moçambique conhecido.

Prefiri esta lição de Manuel Correa; porque assim fica o verso mais cheio; e, per conseguinte, mais harmonico. As outras edições dos *Lusiadas* teem.

D'hum Mouro em Moçambique conhecido.

Mas o padre Aquino, e os editores da impressa em Hamburgo, adoptaram o verso qual o escreveu Manuel Correa.

Est. LXXX.

« Tu deves d'ir tambem co' os teus armado.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, para evitar a repetição desagradável *de de* que se acha n'esse verso assim escripto pelos outros editores dos *Lusiadas*:

« Tu deves *do* ir tambem co' os teus armado.

Est. LXXXI.

« E se inda não ficarem d'este *feito*.

Feito, segundo a definição auctorizada de Moraes, é *modo de pelejar*; sentido apropriado a este verso, onde se tracta d'uma emboscada; porém a voz *feito* (feição, modo) que se acha em outras edições, não me parece tam natural.

Est. LXXXII.

Tanto que estas palavras *acabou*:

Por agente do verbo *acabou* deve subintender-se Baccho, e não o Mouro do verso seguinte. Para o que pux douz pontos no fim do verso. Alguns editores lançaram-lhe uma vírgula, e outros nada.

Est. LXXXIII.

E busca mais pera o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nau lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano.

Prefiri esta lição de Manuel Correa; porque o artigo *o* modifica algum tanto o som duro *do da*. A mesma lição foi tambem adoptada pelos editores dos *Lusiadas* impressos em Hamburgo, e na typographia Rollan-diana. Os outros escreveram:

Sagaz, astuto, e sabio em *todo dano*.

—
Va cahir, d'*onde* nunca se elevante.

Esta lição de Manuel Correa foi adoptada pelo editor dos *Lusiadas* estampados per Rolland. Eis o que elle disse em nota:

« Quasi todas as edições leem *onde*, o que é erro manifesto, que não pode ser attribuido a Camões. — Esta correcção é tambem da pequenina edição de 1651. »

Est. LXXXIV.

Ja o raio apollineo visitava
Os montes nabatheos accendido.

São montes da Arabia, assim chamados, por terem sido a primeira morada de *Nabath*, primogenito de Ismael.

Quando o Gama co' os seus determinava.

Acolhi esta emenda da edição Rollandiana, escorado no que diz o seu sábio editor. Eis suas palavras :

« Quando Gama lêem as duas edições de 1572, e as suas copias; mas que lêem mal o mostram todos os logares paralelos do poema sem exceção » (e cita os taes logares).

De vir per agua d terra apercebido.

Manuel Correa pôz um accento agudo sobre o *a*; o que torna este verso mais numeroso que

De vir per agua a terra apercebido,
como o deixaram outros editores.

Est. LXXXV.

Quem se crê de seu perfido adversario.

Substitui *aversario* a *adversario*; porque assim fica o verso mais candente. Os nossos bons escriptores suprimiam n'este substantivo a consoante *d*, a qual o torna escabroso na pronuncia.

Est. LXXXVI.

Um d' escudo embracado , e de azagaia.

Outros editores escreveram :

Um de escudo embracado e de azagaia.

Mas eu prefiro a lição de Manuel Correa; pois ella evita a repetição pouco euponica de *de*.

Est. LXXXVIII.

Qual no corre sanguino , etc.

Bernardo Tasso disse :

« Come toro tal hor....
Per vendicor il recente ultragio ,
Le corna abassa , e gli si lencis addoso . »

Canto IX. est. 63.

Salta , corre , sibila , acena , e brada.

Em todas as edições, que consultei li *sibila*; so a de Manuel Correa traz *assovia*; voz que não me parece tam poetica e euponica como *sibila*.

Derriba , fere , mata , e põe per terra.

Assim escreveram este verso Manuel Correa , e o padre Aquino : outros editores acrescentaram-lhe uma conjunção :

Derriba , fere , e mata , e põe per terra.

De Camões se poderiam allegar muitos exemplos d'este genero ; pois

nenhum outro poeta, entre nós, soube mais maravilhosamente exprimir com o som das vozes a natureza e propriedade das cousas, que tracia.

Est. LXXXIX.

*Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa e dura artilheria.*

Fóra talvez mais regular a syntaxe d'esse verso escripto d'este modo :
Da furiosa e dura artilheria.

*A plumbosa pélia mata, o brado espanta;
Ferido o ar retumba e assobia.*

Assobia, e não *assobia* era a pronuncia dos nossos autores quinhentistas. Exemplo :

« Niso e Cilia crespes assoviam. »

Luis PEIXOTO, *Elegiada*, cant. 4.

No verbo *assobia* foi acertadíssima e mui natural a permutação de *b* em *v*, para que o dito verbo imite a disposição dos labios, e o som, quando se forma o silvo.

Est. XCII.

A pedra, o pau, e o cauto arremessando.

Moraes no seu dicionario define a palavrà *canto* pedra grande para esquadria, etc., e cita o seguinte exemplo colhido em Barros, *Decada I* :

« Com pedras, e cautos (que os Mouros atiravam) impediam a passagem per baixo. »

De-lhe armas e furor desatinado.

Furor armas ministreſ.....

VIRGILIO, *Eneida*, liv. I. v. 154.

Est. XCII.

Os pangaios sutis da bruta gente.

Os nossos poetas quinhentistas tambem custumavam suprimir o *n*este, e outros adjectivos, para lhe amaciarem a pronuncia.

Est. XCIII.

*Ficava a maura gente magoada,
No odio antiquo, mais que nunca, accesa :
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estribá no segundo engano.*

Este quarto verso ficaria mais cheio se se lêesse assim :

Somente estribam no segundo engano.

Est. XCV.

O capitão, que ja lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado, etc.

Manuel Correa escreveu :

Tornar a seu caminho costumado.

Porém acostumado boleia melhor o verso.

E respondendo ao messageiro attento.

Eis o que um atilado critico escreveu tocante a essa voz :

« É com tudo bem singular a variedade, que acerca d'esta desinencia en temos notado em algumas edições antigas : para exemplo, citaremos as palavras *message*, e *messageiro*, que em Barros, Frei Luis de Souza, e outros, assim se acham impressas ; quando em todas as edições das obras de Camões achâmos *mensagem*, e *messageiro*. Estas palavras vindo-nos da língua francesa, que as formou das duas vozes latinas — *míssum gerens* ou *qui míssum gerit*, messenger, — e *míssum gestum*, message, d'ellas igualmente fizeram os Italianos *messaggio* e *messaggiero* ; parece pois bem extraordinario que Camões, bom sabedor que foi não só das línguas grega, latina, e da nossa, que tanto enriqueceu ; mas até da italiana, e da francesa, como nolo certifica Fernan' Alvares do Oriente (*prosa vi, ltv. 2.* da *Lusitania Transformada*) houvesse de escrever *mensagem*, e *messageiro*, quando a propriedade de nossa língua, segundo Duarte Nunes de Lião, e a prova constante da etimologia nas palavras derivadas do latim, é de fugir o *n*. Devemos imputar a amanuenses, e impressores anomalia tam desarrazoada, e não a Camões, que certamente não teve a pertenção de adulterar tal palavra com sons nazaes, nas syllabas primeira e ultima. Em quanto não apparecer alguma autographo de Camões, d'essa, e de outras poucas falhas em orthographia, que se acham na primeira edição dos *Lusiadas* de 1572, não lhe faremos cargo : e, quando sórা possibl apparecer com elias, diríamos que, alguma vez tambem poudre dormitar, qual outro Homero. »

Os seguintes exemplos confirmam a opinião do author d'esta nota :

« Vereis em agua uns olhos consumidos
Messageiros de amor não contrafeito. »

ANTONIO FERREIRA, *Soneto 51.*

« Suspiros *messageiros* da vontade. »

DIOGO BERNARDES, *Edogas 1.*

Est. XCVIII.

E diz-lhe mais (co'o falso pensamento,
Com que Sinon os Phrygios enganou) etc.

Sinon foi o mais resolhido e artificioso dos homens. Quando os Gregos quizeram dar a intender que levantavam o cerco de Troia, **Sinon** deixou-se tomar pelos Troianos, e disse-lhes « que os Gregos o quizeram matar, e que assim vinha buscar asyllo entre seus inimigos : » empregou outras muitas razões para os ganhar a si, e obteve sua liberdade. Assim que o cavallo de madeira esteve dentro na cidade, foi elle quem de noite lhe abriu o bojo onde os Gregos jaziam escondidos ; e eis como lhes entregou Troia.

Est. XCIX.

Que a *íllas* é possuída da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede.

A lição de Manuel Correa é :

Que a *terra* é possuída da malina, etc.

Aqui o engano, e morte lhe imagina.

Manuel Correa suprimiu o artigo *o*, e escreveu :

Aqui engano, e morte lhe imagina.

Porém a dita supressão torna este verso languido.

Est. CVI.

Que não se arme, e se *indigne* o ceo sereno, etc.

Conservei esta lição de Manuel Correa, tanto porque assim pronunciavam esse verbo os quinhentistas, como também porque elle torna o verso sonoro; o que não acontece com *indigne*, qual se acha em outras edições.

CANTO SEGUNDO.

Est. I.

Ja n'este tempo o lucido pianeta,
Que as horas val do dia distinguindo,
Chegava à desejada e lenta meta,
A luz celeste às gentes encobrindo;
E da casa marilima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo, etc.

« Esta é uma das mais notáveis pinturas do pôr do sol que se acha na poesia, cuja phrase é summamente poetica e harmoniosa. O deus da noite abrindo a porta ao sol, é ideia sublime, e propria de um cerebro inspirado. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 293.

Quando as *infidas* gentes se chegaram
Às naus, que pouco havia que ancoraram.

Adoptei esta lição de Manuel Correa; porque o adjetivo *infidas*, sobre ser mais poetico, caracterisa melhor os Mouros, que o adjetivo *singidas*, que se iê em outras edições dos *Lustadas*.

Est. II.

D' *entre* elles um, que traz encommendado
O mortífero engano, assim dizia, etc.

Eis como escreveu Manuel Correa o primeiro verso; mas *entre* em vez de *entre* torna o dito verso algum tanto aspero.

Est. III.

« Te roga, que de nada reccioso,
Entre a barra tu, com toda a armada.

O artigo *a*, que alguns editores suprimiram antes do substantivo armada, é aqui indispensável; pois satisfaz mais o ouvido na leitura total do verso em que se acha.

Est. IV.

« E se buscando vas mercadoria,
Que produse o aurifero Levante, etc.

Produse por produs foi licença poética assim usada nos poetas quinhentistas, como o confirma o seguinte exemplo :

« Vendo o famoso Souza que lhe falta
Mantimento, e que a terra o não produze, etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio do Sepulveda*,
cant. 6.

Est. V.

« Que a mais, por tal senhor, s/d obrigado.

Os nossos bons escriptores, nas palavras derivadas do latim, costumavam suprimir a vogal *e*, quando bem lhe parecia. Essa suppressão é aqui necessária para a melodia do verso.

Duarte Nunes de Lião, na regra VI da sua *Orthographia da língua portuguesa*, corrobora o que acima fica dito. Eis os seus próprios termos :

« Não sigamos o abuso de acrescentar a todas as díclções latinas, que começam em *s* um *e*, fazendo-as sempre de mais uma syllaba, do que tem de sua colheita; porque dizem vulgarmente, *escrivido*, *esperar*, *espíritu*, etc., e outros infinitos; o que é grande erro, e má maneira de escrever. E o que enganou aos vulgares foi que o *s* como é mais assovio que letra, dá uma apparencia de lhe preceder um *e*; mas os doctos, que são os que fazem o costume, não escrevem assim. E assim vemos que os Italianos, e Franceses, que da mesma maneira tomaram dos Latinos as ditas díclções, não as escrevem, nem pronunciam per *e*. Assi que hemos de dizer, *stado*, *studo*, *star*, *statua*, *spiritu*, *sperar*, *scriptura*, *scrivão*, etc. »

Est. VI.

Toda a suspeita, e cauta *phantasia*.

Os contemporaneos a Camões assim articulavam essa palavra. Exemplo.

« É Alcippe, ou m'engana a *phantasia*. »

ANTONIO FERREIRA, *Poemas Lusitanos*, eclog. 6.

Est. X.

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mães, etc.

O Poeta allude aqui a Baccho, filho de Semele, a quem a ciosa Juno

aconselhou, durante a sua prenhez, pedisse a Jupiter, pae do mesmo Baccho, se lhe mostrasse em toda sua gloria. Jupiter annuiu-lhe dificultosamente ao pedido; porém a magestade do deus pegando fogo á casa, Semele pereceu nas chamas. Jupiter recolheu Baccho na barriga da perna, onde o guardou o resto dos nove meses. Eis como elle teve duas mães.

EST. XI.

Alli tinha, em retrato, afigurada
Do alto e Sancto Espírito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura.

« Seria per ventura mais feliz na expressão picturesca o pincel do Corregio, ou do Albano? Executariam elles este assumpto com mais bizarria, com mais frescura de tintas, mais suaves, mais expressivas? N'este gênero de pintura é que Camões se mostra verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado.

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyze*, pag. 155.

EST. XII.

Poem em terra os *giolhos*, etc.

Giolhos, e não *joelhos* é como se escrevia e pronunciava em tempo de Camões. Exemplo :

« Ouvindo o viso-rei tam boa nova,
Asenta-se em *giolhos*. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 14.

EST. XIII.

Da moça de Titão a roxa fronte.

« O uso vulgar tem hoje transferido a palavra *moça* da sua nativa significação para outra indecente e baixa. Assim não obrariamos agora bem se, como Camões, chamassemos à Aurora a *moça de Titão*, devendo antes denomial-a, segundo elle mesmo fez em outro lugar, *esposa de Titão*. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*.

EST. XVII.

E com esta traição determinavam.

Preferi essa lição de Manuel Correa por, alem de mais correcta em syntaxe, dar mor assonia ao verso. Outras edições trazem

E n' esta traição determinavam.

EST. XVIII.

Voa, do ceo ao mar, como uma setta.

Virgilio escreveu :

« *Illa volat, celerique ad terram turbine fertur :*
Non secùs ac nervo per nudem impulsa sagitta. »

Eneida, liv. xii. v. 855.



Est. XX.

Doto co'o peito cortá, e atravessa, etc.

Em ambas as edições de 1572. lê-se *Cloto*, em vez de *Doto* (veja-se a advertencia, que antecede a rica edição de José Maria de Souza). É muito provável que Camões tivesse aqui em lembrança o lugar de Virgílio :

« *Mortalem cripiam formam, magnique jubebo
Æquoris esse deas : quales Nereia Doto
Et Galatea secant spumantem pectora ponum.* »

Eneida, liv. ix. v. 101, etc.

Est. XXI.

*Nos hombros de um tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Diana furiosa.*

Diana é mãe de *Venus*, e filha do *Oceano*, e de *Tethys*; mas aqui toma-se pela mesma *Venus*.

Est. XXII.

Põe-se a deusa, com outras, em direito
Da proa *capitaina*, etc.

Capitaina, e não *capitania* é como os escriptores de bom século escreveram e pronunciaram. Exemplo :

« E chegando onde estava a *capitaina*, etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 16.

Est. XXIII.

Quaes pera a cova as próvidas *formigas*,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo hinverno congelado;
Alli são seus trabalhos, e fadigas;
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as *nymphas* estorvando,
A' gente portugueza, o fim nefando.

Imitação de Virgílio :

« *Ac veluti ingentem formicæ farris acervum
Cùm populant, hymnis memores, lectoque reponunt;
It nigrum campis agmen, prædamque per herbas
Convectant calle angusto*, etc. »

Eneida, liv. iv. v. 402.

Est. XXV.

A *medonha celeuma* se elevanta.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, para evitar o conjunto desagradável *ma me* no seguinte verso de outras edições :

A *celeuma medonha* se elevanta.

Est. XXVI.

Outros em cima o mar elevavam,
Saltando n'água, e a nadar se acolhiam.

Eis a nota que o eruditó editor da edição Rollandiana escreveu acerca do segundo verso aqui citado :

« Todas as edições, ainda as tidas por mais puras, têm :

Saltando n'água, a nado se acolhiam.

Pareceu-nos com tudo que a pequena alteração feita n'este verso pelo meio do acrescentamento de uma vírgula, e da conjunção e tornava mais digno do reconhecido bom juízo do Poeta ; visto ser muito possível haver aqui falta typographica. »

EST. XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rds, etc.

O Ariosto disse :

« *Come dà verde margine di fossa,
Dove trovato havean lista pastura
Le rane soglion fer subita mossa,
E nel l'acqua saltar fañgosa e oscura,
Se dà vestigio humano l'herba percosse,
Ostrepito vicin lor fa paura.* »

Aditamento ao Furioso, est. 62.

EST. XXXV.

Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, ja se apresentara.

Esse *Troiano* foi Páris, ante quem Venus se apresentou nua para melhor ganhar o premio da beleza.

Se a vira o espador, que e valte humano
Perdeu, vendo Diana n'água clara,
Nunca es famintos galgos o mataram, etc.

Foi *Acleron* convertido em veado, e espedaçado per seus proprios cães.

EST. XXXVI.

Da alva petrina flamas lhe saiam.

Moraes diz, citando este verso de Camões, ser a petrina o lugar onde se ella aperta; isto é, a cintura.

Em uma poesia d'Arnaud de Maruell :

Dona gensor, acha-se
Mento e gola e petrina
Blanca co neus ni flor d'espina.

Mas o Tasso, que traduziu quasi o 5º e 6º verso d'esta estancia, intendeu bem essa palavra, dizendo :

« Mostra il bel petto le sue neve ignude,
Onde il foco d'amor si nutre e desta. »

Da alva petrina flamas lhe saiam.

« Os nossos bons poetas servem-se de muitos termos novos e alatinas-

dos, querendo antes inovar palavras, do que usar das *prosaicas e ordinarias*, como improprias da pompa e galhardia poetica.

Causará não pequeno embaraço aos pouco exercitados na poesia differencear as vozes *prosaicas das poeticas*. Em geral devem estes advertir, que as palavras então se julgam *poeticas*, se forem bellas, polidas e harmoniosas, e não vulgarmente usadas na prosa, e muito menos triviaes e familiares aos discursos do povo.

Porém, o que sobre tudo poderá dar este conhecimento, é a frequente lição dos nossos melhores poetas, particularmente a de Camões; per cujo melo se val pouco a pouco aprendendo a *linguagem poetica*, do mesmo modo que se aprendem as linguas estrangeiras, quando se procura saber-as. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*, pag. 74 e 75.

EST. XXXVII.

O veo, dos roxos *lirios* pouco avaro. •

Em algumas edições dos *Lusiadas*, e bem assim em outras obras de antiguos poetas e prosadores, achei escripto este substantivo com *y*, porém sendo notorio que elle procede do *lilium* dos Latinos, para conservar-lhe a orthographia etymologica, mudel o *y* em *t*. Assim vem no dicionario de Moraes, e assim anda ja impresso em bons livros modernos.

EST. XXXVIII.

E mostrando no angelico *sembrante*, etc.

Não adoptei o verso assim escripto per Manuel Correa; porque em tempo de Camões ora se escrevia e pronunciava *sembrante*, e ora *semblante*.

Semblante é aqui mais conveniente que *sembrante*.

Que se *aqueixa*, e se ri n'um mesmo instante, etc.

Manuel Correa escreveu :

Que se *queixa*, e se ri n'um mesmo instante.

Mas a voz *aqueixa* torna o verso mais cônsongo.

EST. XLI.

• Mas *moura* emfim nas mãos das brutais gentes.

Moura por morra foi mui usual nos poetas quinhentistas. Exemplo :

« Porque, senhora, vas assi queixosa
De mi, que por amar-te *mouro* ardendo? »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufragio de Sepulteda*,
cant. 7.

EST. XLII.

Co' o *vulto* alegre, qual de ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro.

Imitação de Virgilio :

« Vultu , quo calum tempestatesque serenat . »
Eneida, liv. I. v. 250.

Est. XLIII.

E co'o seu, apertando o rosto amado ,
 Que os *saluços* , e lagrymas augmenta , etc.

Saluços , e não *soluços* é como se dizia no seculo de quinhentos.
 Exemplo :

« Da grave e interna dor, que n'ella mora,
 Dando os olhos cançados e serenos
 Claro signal, a voz já não podendo
 Por *saluços* a estarem interrompendo. »

Luis PEREIRA , *Elegiada*, cant. 6.

As outras edições trazem *soluços* como agora se escreve e articula.

Que quem o afaga , o choro lhe acrecenta.

Esta lição de Manuel Correa, e do padre Aquino parece-me mais correcta, que est' outra que se lê em algumas edições :

Que quem no afaga , o choro lhe acrecenta.

Os editores deviam escrever este verso do seguinte modo:

Que quen o a afaga , o choro lhe acrecenta.

Est. XLV.

« E se Antenor os seios penetrou
 Illyricos penetrare sinus, alqu intima fuitus
 Regna Liburnorum et fontem superare Tímaci.

Eneida, liv. I. v. 246, etc.

« Os vossos , mores couzas *attentando* ,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

Aqui a voz *attentando* deve ser tomada no sentido de *emprendendo* , segundo Moraes. Na edição de Craesbeck, lê-se :

Os vossos , mores couzas *intendendo* , etc.

Barros, *Decad.* I, liv. IV, cap. II, diz :

« Uma nação (a portuguesa) a que Deus deu tanto animo , que se tivera criado outros mundos , ja la tivera mettido outros padrões de victoria. »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Obras poéticas* , pag. 303.

Est. XLVII.

« Ob caso nunca visto e milagroso ,
 Que trema , e serva o mar , em calma estando !

Castanheda , na sua *História da India* , liv. VI, cap. 71, conta o tal caso do modo seguinte :

« e perto da costa d'ella (India) uma noite dos seis dias de setembro , ao quarto d'alva , tremeu o mar muito rijo , e per bom espaço : e

pela primeira vez se cuidou na frota que dava em alguns baixos de peneira, até que cabiram no que era. »

Est. XLIX.

« Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado.

« Acharam-se muitos corpos dos mesmos Mouros (refere-se a uma batalha naval que lhe deu Afonso d'Albuquerque ante Ormuz) atravessados com suas proprias frechas, sem entre os nossos haver algum, que tirasse com arco de que elles usam. »

BARNES, *Decada II*, part. I. liv. II. cap. 3.

Est. L.

« Invejoso vereis o gran' Mavorte
Do peito insitano fero e horrendo.

Gran' contracção de *grande*. Em bons manuscritos portugueses acha-se *gran*, *gram*, ou *grand*. Hoje té nas melhores edições vé-se este adverbio representado pela palavra *grão*, que corresponde a *granum* em latim, ou a *graine* em francez. Tambem se n'ellas encontra *grão* rainha, *grão* Pacheco, *grão* Moisés, etc. Na edição das poesias de Pedro de Andrade Caminha, publicada pela Academia, em 1791, notam-se a paginas 28, e 29, os seguintes versos :

« Mil vezes ouvirás que não he tanto
Gram nome, como grão merecimento.
Nom Julios, nom Augustos, nom Trajanos. »

E outras mais anomalias, e erros, que não menciono.

Est. LI.

« E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto um peito suberbo e insolente.

Falla aqui o Poeta do grande Duarte Pacheco. (V. cant. 1º, est. XII, e XXV.)

Est. LIII.

« Nunca com Marte instruço e furioso,
Se viu servir Leucate, quando Augusto
Nas civis actias guerras animoso,
O capitão venceu romano injusto;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Báctra scythico e robusto
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica.

Esse capitão foi Marco Antonio, e a *Egypcia* foi Cleopatra. Câmpes teve em vista este logar da *Eneida*, liv. VIII, v. 685, etc. :

« Hinc ope barbaric, variisque Antonius armis
Victor, ab Aurora populis et littore rubro,
Ægyptium, etresque Orientis, et ultima secum
Bactra cehit; sequiturque, nefas! Ægyptia confusa. »

Est. LIV.

« Levando o *ídolatria*, e o Mouro preso.

Algumas edições trazem *ídololatra*, voz que não achei em nenhum poeta quinhentista, e a qual atribuo a erro typographico; isto é, às letras *lo* de mais.

Est. LV.

« Nem das boreaes ondas ao Estreito
Que mostrou o *agregado Lusitano*.

Foi Fernando de Magalhães; o qual, no anno de 1520, descobriu o Estreito ao Sul da America, e elle tomou o seu appellido.

Est. LVI.

Come isto disse, manda e consagrado
Filho de Maia à terra.

Camões allude aqui a Mercurio.

Est. LVII.

Ja pelo ar o *Cylenos* voava:
Com as asas nos pés á terra dece;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece.

É ainda Mercurio. Virgilio na *Eneida*, liv. IV, v. 249, etc., diz:

« *Tum virgam capit: hac animas illa evoca;* Oros
Pallentes, alias sub Tartara tristis militat;
Dat somnos adimicere, et lumina mortis resignat.
Illi freat agit ventos, et turbida transat
Nubila.....»

Est. LVIII.

De ver da gente forte o gesto, e modo.

Esse verso ficaria mais cheio e correcto, se assim andasse escripto:

De ver da gente forte o gesto, e o modo.

Est. LXI.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: « *Fuge, fuge*, Lusitano,
Da cilada, que o rei malvado tece, etc.

Os nossos antigos escriptores ora diziam *fuge*, e ora *foge*. Camões exprime-se de ambos os modos, assim como ora diz *ímigo*, ora *inimigo*, etc. Jeronimo Corte Real disse tambem:

« *Ah fuge, fuge a terra perigosa!* »

Naufrágio do Sepulveda, cant. 15.

Imitação de Virgilio:

« *Hec fuge crudelis terras, fuge kittus avarum!* »
Eneida, liv. III. v. 44.

Est. LXII.

« As aras de *Busiris* inflamado, etc.

Imitação de Virgilio :

« *Aut illaudati..... Busiridis aras.* »

Georgicas, liv. III. v. 5.

Est. LXIII.

« La quasi juncto d'onde o sol ardendo,
Iguala o dia, e noite em *cantidad*.»

Refere-se Camões á cidade de Melinde, a qual jaz em 3°, 9' de latitudo austral.

Cantidad, segundo a pronuncia dos nossos antigos poetas, por *quantidade*,olve este verso mais euphonico.

Est. LXIV.

Isto Mercurio disse ; e o sonno leva
Ao capitão, etc.

Virgilio escreveu :

« *Dat somnos adimitque.....* »

Eneida, liv. IV. v. 244.

Est. LXV.

Alevanta-se n'isto o movimento
Dos marinheiros, de uma e de ouira banda ;
Levam , gritando, as ancoras acima ,
Mostrando a rude força, que se estima.

Manuel Correa escreveu :

Mostrando a rude força, que se estima.

Porém o adjetivo *rude* não torna o verso tam onomatopico como *ruda*. Este ultimo é usado pelos poetas contemporaneos a Camões. Eis um exemplo :

« Alli a minha (lingua) que tu ves tam muda
Praticando entre aquelles aldeãos,
Será havida por branda , e não por *ruda*.

Diogo BERNARDES, o Lima, carta 12.

Est. LXX.

Porém dizem-lhe todos « que *tem* perto
Melinde, onde *achardá* piloto certo. »

A quem fallavam esses Mouros, a Vasco da Gama , ou aos Portuguezes todos que se achavam em a nau ? Eu penso que elles endereçavam a voz sonante ao capitão. Em tal caso , como pode aqui ter logar o verbo *achardá* ? Não é este mais um erro typographico que mancha as edições dos *Lusiadas*? Parece-me pois que os citados versos devem ler-se :

Porém dizem-lhe todos « que *tem* perto
Melinde, onde *achardá* piloto certo. »

Tanto mais, que na estancia LXXI Vasco da Gama..... partia
Pera onde o sonho, e o Mouro lhe dísia.

Est. LXXII.

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea;
Quando um, e outro corno lhe aqueitava;
E Flora derramava o de Amalthea.

Petrarca disse, cap. I :

« Scaldava il sol già l'uno e l'altro corno. »

A memoria do dia renovava
O pressuroso sol, que o ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello pox a quanto tinha feito.

Foi em Domingo-de-Pascoa; o qual n'esse anno de 1498 respondia a
5 d'abril.

Est. LXXIV.

Enche-se toda a praia melindana
Da gente, que vem ver a leda armada.

Esta lição de Manuel Correa é preferivel a est' outra que se lê em al-
gumas edições :

Da gente, que vem ver a leda armada.

O sentido é mais conforme á boa syntaxe, e o verso fica mais cheio.

Est. LXXVI.

São offerecimentos verdadeiros.

« Este verso é fraco e prosalco. por Camões ter usado n'elle duas pa-
lavras mui grandes; pois como o accento em dlcções taes escassamente
se percebe, d'ahi veni ser o verso pouco sonoro. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portugueza*.

Manda-lhe mais lanígeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as *fruitas*, que então na terra havia.

Fruitas, e não *fructas* é como fallaram e escreveram os contemporâ-
neos a Camões. Exemplo :

« Não amas Phyllis ja a quem trazias
Na doce primavera, doces *fruitas*. »

DIOGO BERNARDES, o Lima, ecloga 4.

Est. LXXVII.

Escarlata purpurea, cór ardente.

Escarlata, panno de fina lã carmesim.

O ranozo coral, fino, e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E, como é fóra d'ellas, se endurece.

Ovidio disse :

*« Sic et coralium quo primam contigit aurae
Tempore durescii, mollii suis horba sub undis. »*

EST. LXXX.

« Não somos roubadores, que passando, etc.

Camões imita aqui Virgilio :

*« Non nos aut ferro Libycos populare penates
Venimus, aut raptae ad littora vertere prædas.
Eneida, liv. I. v. 531 e 532. »*

« A ferro , e a fogo as gentes vão matando.

Manuel Correa escreveu :

« A ferro , e fogo as gentes vão matando.

EST. LXXXI.

« Que geração tam dura ha hi de gente, etc.

Virgilio disse :

*« Quod genus hoc hominum? Quarov hunc tam barbare merem
Permittit patria? Hospitio prohibemur arena!
Bella cœnt, primisque velant consistere terræ. »
Eneida, liv. I. v. 543, etc.*

Hi por ahi foi muito usado nos antiguos tempos, e até nos modernos, alguns bons poetas , e prosadores o empregaram, como se ve no des exemplo seguintes :

« Creer que outra cousa ha hi de mor espanto. »

ANTONIO FERREIRA, Soneto 8.

« Que homem ha hi tam bronco em nossa historia,
Que ignore as perdas que custou á lingua
O reinado da insipida ignorancia? »

FRANCISCO MANUEL, *Possias*, tom. I.

« Não ha hi cousa , que estando em meu poder, eu não faça. »

BARROS, *Clarimundo*, f. 6.

EST. LXXXII.

« E aquella certa ajuda em ti esperamos ,
Que leve o perdido Ithaco em Alcino.

Foi *Ulysses*, a quem esse rei dos *Pheacos* acolheu em sua casa humilhissimamente.

EST. LXXXIII.

« E não cuides, o' rei, que não sahisce
O nosso capitão esclarecido
A ver-te , e a servir-te, etc.

Assim escreveu Manuel Correa este terceiro verso. Outras edições trazem :

« A ver-te , ou a servir-te.

Est. XC.

Não faltam alli os raios de artificio,
Os tremulos *cometas* imitando.

« Na figura apparente , assemelha - se na cauda um foguete-do-ar a um *cometa*; e, esta symbolidade, deu fundamento ás translações, que chamaram *cometas* aos foguetes. O nosso Camões, relatando as festas, que fez o seu heroe no porto de Melinde, assim nomela esse meteoro da arte.

Mas parece que as tinctas d'esta descrição foram tomadas das que usou Lucrecio, pintando a estrella da alva :

« *Rubrum tremulis jubar ignibus.* »

Livro IV.

É sem dúvida que a proporção d'esta metaphora se tomou d'aquella setta, que voou do arco de Acestes, nos jogos de Sicilia :

« *Volans liquidis in nubibus arrit arundo*
Signacitque viam flammis.....

VIRGILIO, *Eneida*. liv. v.

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

Est. XCI.

A grita se elevava ao ceo , da gente.

A edição de Manuel Correa traz :

A grita se levanta ao ceo , da gente.

Est. XCV.

Cabeia de damasco rico e fino , etc.

Roupa apertada no corpo , e comprida até o artelho.

Onde a materia da obra é superada.

Ovidio disse :

Materiam superabat opus.....

Metamorphoses, II. v. 5.

Est. XCVI.

De aspero sem horrissimo ao ouvido.

O verso ficaria mais poetico e digno de Camões se, em lugar do superlativo *horrissimo*, tivesse :

De aspero bom *horrisono* ao ouvido.

Est. XCIX.

Tal o fermoso esmalte se mostrava,
Dos vestidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha , filha de Thaumante.

Admira-se, felizmente executado n'esta imagem como Camões (que em tal artificio foi incomparavel) nos põe diante dos olhos a variedade das

alegres cōrēs, de que iam vestidos os que em Melinde acompanharam o Gama nas vistas, que teve com o rei.

Virgilio disse :

*..... cœu nubibus arcus
Mille trahit varios aduerso sole colores.*

Eneida, liv. v. v. ss.

Est. CI.

O Mouro o gesto, e o modo lhe notava.

Pedro Craesbeeck escreveu :

O Mouro o gesto, e modo lhe notava.

Est. CIV.

*O' tu, que so tiveste piedade,
Rei benino, da gente lusitana, etc.*

Benino, como pronunciavam nossos classicos, volve este verso mais euphonico que *benigno*.

A *beneficencia* ou se engrandece, ou se diminue. Engrandece-se de tres modos : 1º Pela qualidāda da pessoa, a quem se faz o *beneficio*, se é desvalida, ou se acha na extrema indigencia. 2º Pela natureza do mesmo *beneficio*, quando é importante, difícil de conseguir, extraordinario e inesperado. 3º Pela pessoa que o faz, quando ella é a primeira, unica, ou a que para elle mais contribue.

Essas tres circunstancias fazem avultar o *beneficio*, que o Gauna agradece ao rei de Melinde, nas estancias CIV e CV.

Est. CV.

*Em quanto apascentar o largo polo
As estrelas, e o sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama, e gloria
Viverão teus louvores em memoria.*

Virgilio disse :

*Dum juga montis aper, fluvios dum piscis amabit,
Dumque thymo pascentur apes, dum rore cicadas,
Semper honor, nomenque tuum, laudesque manebunt.*

Elogia v. o. 76.

Est. CVII.

*Mas depois de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro, etc.*

Manuel Correa escreveu :

*Mas depois de ser tudo ja notado
Do generoso Mouro, etc.*

Porém *despois*, e não *depois*, era como fallavam e escreviam os quinhentistas. Exemplo :

*Crescia a grossa espiga, e se segava
Despois que ja quebrava de madura.*

Ferreira, Elogia I.

Est. CX.

« Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa África *rude* tem creado.

Na edição de Pedro Craesbeck lê-se :

« Que a nossa África *rude* tem creado.

Est. CXI.

« Que quem ha, que per fama não conhece
As obras portuguezas singulares?

Virgilio, na *Eneida*, liv. I, v. 569, etc. disse :

« *Quis genus Aineadum, quis Trojæ nesciat urbem,*
Virtutesque virosque, aut tanti incendia bellii?
Non obtusa adeo gestamus pectora Parni,
Nec tam aversus equos Tyrid Sol jungit ab urbe. »

« Não tanto desviado resplandece
De nós o claro sol, pera julgares
Que os Melindanos teem tam rudo peito,
Que não estimem muito um grande feito.

O discurso do rei melindano é qual convém a um príncipe, do qual Ostorio diz :

« *In omni autem sermone princeps ille non hominis barbari specimen dabat, sed ingenium et prudentiam eo loco dignam pra se ferbat.* »

De reb. Emmanuelis.

Est. CXII.

« Com guerra vã, o Olympo claro e puro, etc.

« Phrase propria da magestade epica, nascida da leitura do grande Epico latino, nos seguintes logares da *Eneida*, livro X, v. 1.

« *Panditur interea domus omnipotens Olympi.* »

Abre-se em tanto a casa resplidente
Do soberano Olympo omnipotente.

« Tentou Pirithoo, e Théseu, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro.

« Esta pintura tem todos os caracteres necessarios para inspirar horror, por virtude dos dous epithetos, e accentuação longa da sexta cesura; de sorte que elegância e harmonia concorrem para fazer a energia de uma pintura ideal; milagre so concedido aos grandes genios. O primeiro verso parecerá duro a quem não reflectir, que o nome *Theseu* está accentuado, não como nós usámos agora, mas sim á maneira dos Gregos, e Latinos, onde sempre foi dyssyllabo com a primeira longa, conforme a natureza da prosodia grega, onde o *eta* foi sempre longo. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 234.

Theseu baixou aos infernos com *Pirithoo* para o ajudar a roubar Proserpina; mas foi ahi condemnado per Plutão a ser amarrado a uma pedra,

onde se conservou, até que Hercules, enviado per Eurystheu, o veio pôr em liberdade.

Est. CXIII.

« O desejo de um nome *aventajado*.

Manuel Correa disse :

O desejo de um nome *aventajado*.

CANTO TERCEIRO.

Est. I.

Assi e claro inventor da medicina,
De quem Orpheu pariste, o' linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido como *sos*.

Sos por costumar foi mui usado dos classicos; e, modernamente, pelos que melhor os imitaram, como assás o mostram estes exemplos :

« Aquelle sol fermo, que na sorra
Nos *sos* amanhecer, vós o encobristes. »

ANTONIO FARIAZA, *Soneto* 13.

« Qual *sos* entre as estrellas
De Venus distinguir-se a luz graciosa. »

DINIZ, *Poesias*, tom. III. pag. 257.

Est. II.

Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banhar-me Apollo n'agua soberana.

« Não ha palavras que assás possam louvar a beleza d'estas expressões verdadeiramente filhas do entusiasmo. Que versos! que admiraveis versos! que amabilissima poesia! As expressões d'estas *dous hendecasyllabos* são todas symbolicas, e o estylo é..... um estylo divino. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 125.

Senão direi, que tens algum *reco*
Que se escoreça o teu querido *Orpheo*.

Acceitei esta lição de Manuel Correa; porque se adapta melhor á pronuncia dos contemporaneos a Camões. Exemplos :

« Um desce attentamente com silencio,
Outro seguindo vai os mesmos passos,
Picando do terceiro o triste esp'ritu
Com medroso *reco* trabalhado. »

JERONIMO CORTE REAL, *Corte do Dia*, cant. 12.

« Mas com que nova dôr, com que brandura
Cherariam *Orpheo*, e a consorte. »

DIOGO BERNARDES, *o Líme*, carta 26.

Algumas edições trazem *receio*, e *Orpheio*, rhyma forçada e alheia à pronuncia classica.

Est. III.

Promptos estavam todos escutando
O que o sublime Gama contaria.

Escutar, e não *escutar* era usual nos classicos. Eis um exemplo :

« D'estes escuta tu o doce canto. »

DIOGO BERNARDES, *o Lima*, carta 7.

Est. VI.

« Entre a zona, que o canoro senhorea,
Meta septentrional do sol luzente;
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Fax a soberba *Europa*, etc.

« Considerando os philosophos e geografos, a esta similitudão o mundo, fazem do Oriente a mão direita, do Occidente a esquerda, e do Pólo arctico a cabeça; e, a este respeito, *Europa* está na parte superior, presidindo ás mais, como cabeça de todas. »

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 7.

Est. IX.

« Ao campo damasceno o perguntara.

N'esse campo (segundo dizem) formou Deus Adão e Eva.

Est. XII.

« Onde co'o Hémo, o Rhôdope sujeito
Ao Ottomano está, que sumettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Rea injuria do grande Constantino!

Aqui a voz *sumettida*, qual a pronunciavam os nossos classicos, torna o verso mais harmonico que *sobmettida*.

« Tendo Constantino determinado de não viver em Roma, e buscando um sítio capaz do seu grande imperio, deixando os fundamentos, que tinha ja lançado junto do antiquo Ilion, velo edificar a grande e nobilissima cidade de Constantinopla, que perdeu d'allí per diante o antiquo nome de *Byzancio*. »

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 10.

Est. XIII.

« Logo de Macedonia estão as gentes.
A quem lava do Á'xio a agua fria:
E vós tambem, o' terras excellentes
Nos costumes, ingenhos e ousadia;
Que creastes os peitos eloquentes
E os juizes de alta phantasia, etc.

Sannazaro no seu poema de *Partus Virginis*, lib. 2º, disse :

*«Qua Macedum per saxa ruit torrentibus undis (Auxius),
Antiquæ Grajorum urbes, gens optima morum
Formatrix, clara ingenii et fortibus ausis.»*

«Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos per armas, que per letras.

Manuel Correa escreveu:

«Com que tu, clara Grecia, o céo penetras.

Est. XIV.

«Onde Anseñor ja muros levantou.

Allude Camões á cidade de Padua, fundada per Antenor, Troiano, que escapara á ruina de Troia. Virgilio disse :

*¶ Hic tamen illo urbem Palavi, sedesque locavit
Teucrorum, et genti nomen dedit, armaque fixit
Troia.*

Encida, liv. I. v. 251, etc.

EST. XV.

« Co'os muros naturaes per outra parte.

Polybrio denomina os Alpes *muros da Italia*.

EST. XVII.

« Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli da Europa toda.

É a *Hespanha* limitada ao Norte pelos Pyreneus, que a separam da França; ao Levante pelo Mediterraneo; ao Meio-dia pelo Estreito de Gibraltar; ao Poento pelo reino de Portugal, e pelo Oceano atlantico: seu comprimento orça a duzentas sessenta e algumas leguas, do Sudoeste ao Nordeste: sua largura abrange cento e setenta leguas.

«Mas nunca poderá com força, ou manha,
A fortuna inquieta pôr-lhe noda.

• « Os nossos antigos quasi sempre diziam *noda*; e assim devrá ser, visto ser o termo latino *nota*, mudado o *t* em *d*: costume antigo nos que formavam o idioma; os quaes convertiam as consoantes asperas, em outras de mais suave pronunciacão, que a elias correspondessem. »

FRANCISCO DIAS GOMES. *Obras poéticas*. Pág. 205.

EST. XVIII.

«Onde o sabido *Estreito* se ennobrece
Co' o extremo trabalho do *Thebano*.

Gibraltar, a quem os Mouros chamaram *Giblaltath*; nome que significa *monte-da-entrada*; isto é, a chave d'essa porta pela qual o Oceano entra no Mediterraneo. O *Thebano* foi Hercules.

EST. XXI.

« Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o ceo me dá, que eu sem perigo
Torne com esta empresa ja acabada,
Acabe-se esta luta alli comigo.

« Aqui se ve que *luz* está significando *vida*, por virtude da metaphorá. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 24.

« Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou *Lysa*, etc.

Lysia, ou *Lysias*, do qual se disse tambem o reino *Lysitanía*: governou so 20 annos, em que sex reinar a torpeza e as delicias. Morreu anno de 2653.

EST. XXII.

« D'esta o *pastor* nasceu, que no seu nome
Se ve, que de homem forte os feitos teve.

Vírito Lusitano, de *pastor*, por desesperado, se fez bandoleiro, por valoir, capitão. Testimunha da cruel tyrannia dos Romanos, larga o cajado pola espada. Defensor da patria, venceu a Vellio, mortos quatro mil Romanos no primeiro combate, dês mil no segundo. Ao pretor Caio Plancio mata quatro mil de cavallo, e o vence com valor outra vez. Vence e destroea o exercito do pretor Claudio Unimano, e o de Caio Nigidio. Venceu tambem a Quinto Fabio, consul. Foi igualmente vencido per *Vírito* o consul Fabio Emiliano. Seis foram as principaes victorias de *Vírito*, que obrigou a Metello a justasse com elle pazes. Quinto Fabio com os elefantes foi destroçado. Quinto Servilio, consul, tambem experimentou o valor dos Lusitanos: mas ganhou tres officiaes estrangeiros, que militavam com *Vírito*, para o degollarem de noite dormindo, depois de pôr terror aos Romanos mais de dês annos, pelos de 3864.

« Esta, o *ceiho*, que os filhos proprios come, etc.

É o *Tempo* ou *Saturno*: a cubija que teve de reinar, foi causa de que accettasse a coroa de Titan, seu irmão mais velho, com condição de que não crearia filhos machos; mas que, apenas algum houvesse nascido, os devoraria. Rhea achou modo de subtrahir á sua crueldade Jupiter, Neptuno, e Plutão.

EST. XXVII.

« Ja tinha vindo *Henrique* da conquista
Da cidade Hierosólyma sagrada, etc.

« Passando o conde *D. Henrique* em Palestina, andou visitando aquelles sanctos logares onde Christo obrou nossa redempçao, e pelejando com os inimigos da fe, com animo igual ao zelo, que o moveu a partir de suas terras; pera as quaes se tornou, não a descansar, mas a emprender novas conquistas contra os Mouros, e contra os Lioneses que, sem causa, lhe inquietaram seus vassallos no tempo de sua ausencia. »

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios históricos dos reis de Portugal*.

« Que não tendo *Gothfredo* a quem resistia,
Despois de ter Judea sujugada, etc.

Gothfredo foi filho de *Eustacio*, e de *Ida*, duque de *Letena*: partiu para a *Judea* com um exercito de setenta mil infantes, e dés mil cavallos. Elle foi bem sucedido; porque dentro de quatro annos se fez senhor primeiramente de *Nicéa* na *Bithynia*, depois d'*Antiochia* na *Syria*, e ultimamente de *Jerusalem* na *Palestina*; de que se fez coroar primeiro rei no anno de 1099.

Est. XXIX.

« (Que em tanta antiguidade só ha certeza).

Eis como deve escrever-se esse verso para ficar certo. *Manuel Correa* deitou-o assim:

« (Que em tanta antiguidade só ha certeza).

N'outras edições lê-se d'este mesmo modo, mas sem parenthesis.

Est. XXX.

« Resolvidas as causas no conceito.

Manuel Correa escreveu:

Resolvidas as causas no conceito.

Não será esta melhor lição? Ela acha-se em outras edições.

« Ao proposito firme *sigue* o effeito.

Changes, e os sensos obreos declinavam o verbo seguir: *Eu sigo, tu sigues, elle sigue, etc., sigue tu, etc.* (Vejam-se *Rudimentos da gramática portuguesa*, por Pedro José da Fonseca, pag. 331).

Est. XXXI.

« Mas n'ella o sensual era o maior.

Outras edições trazem:

« Mas n'ella o sensual era maior.

Portém a falta do artigo e torna esse verso prosaico e frouxo.

Est. XXXII.

« Scylla, por uma, mata o velho pae.

(*Vede Ovílio, Metamorphoses*, liv. viii).

Est. XXXIV.

« Contra o tam raro e íngreme Lusitano.

Esta lição de *Manuel Correa* pareceu-me mais adequada ao sentido da estancia, que est'outra que se lê em algumas edições:

Contra o tam raro em gente Lusitano.

Est. XXXV.

« Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo , etc.

O contexto d'esta oitava, e da seguinte, bem dão a ver quanto discordam os pareceres dos homens, segundo suas diferentes idades; pois aquillo mesmo que o velho e prudente aio pacteia com o rei de Castella, sem attender mais do que ao util, não sofre entrada no alvivo coração do principe mancebo.

Est. XXXVII.

« Que o principe a seu mando *susmetido*, etc.

Este verso, assim escripto per Manuel Correa, é mais euphonico que o seguinte; que se acha em quasi todas as edições das *Lustidas*:

« Que o principe a seu mando *sobmetido*.

Est. XXXVIII.

« E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança.

Preferi esta lição de Manuel Correa; porque ella evita o hiato, que fôr-mâni as duas vogais *A* a no verso assim escripto:

A alevartar com elles a fiança.

Est. XXXIX.

« Vés aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte.

« Vés aqui, vale o mesmo que *eis*, que é o *ecce* dos Latinos, como advertiu Manuel de Faria, e se mostra no mesmo Camões, cant. III, est. xxxviii.

« ... *eis-aqui* venho oferecido
A te pagar co'a vida o premetido. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 246.

« De tormentos, de mortes pelo estúlo

- De Scinis, e do touro de Perito.

Scinis foi um famoso ladrão, que devastava os arrabaldes de Corintho. Atava os infelizes, que *lhe caíham nas mãos*; *nos ramos* de duas grossas arvores, que havia dobrado, e abaixado té o chão; os quaes endireitando-se de subito, faziam pedaços os corpos dos taes infelizes. Theseu deu-lhe morte per meio do mesmo supplicio.

Perito, homem de grande ingenho, originario d'Ateneas; o qual inventou a Phalaris tyranho um genero de tormento para matar os homens, a que era naturalmente pouco inclinado; e foi esse tormento um touro de metal, em cujo bojo mettidos os homens, e posto fogo debaixo, bramavam como touros. O primeiro que padeceu essa cruelissima morte foi o proprio artifice.

Est. XL.

« Qual diante do algos o *condemnado*, etc.

Tasso pae disse :

« Qual prigioner que la schelha attenda. »

Canto xv. est. 41.

E Ariosto :

« Non più di lei, che a ceppo si faccio, accorda. »
Canto XLV. est. 66.

« Tal diante do principe indinado , etc.

Eis o que o erudito Moraes, no seu excellente dicionario, diz acerca do verbo *indinar*, e seus derivados : « Os nossos poetas classicos, e ainda os modernos, usam de *indino*, e outros vocabulos, que alliás se escrevem com *igno*; que os editores teem o cuidado de imprimir, sem attenção à rhyma consoante em *ino*, accrescentando-lhe o *g* antes do *n.* »

Est. XLI.

« Que mais o seu Zopyro são prezara,
Que vinte Babylonias , que tomara.

Zopyro, cortezão de Dariu, rei da Persia, volveu-se famoso pelo estratagema de que usou para render a cidade de Babylonie cercada per esse monarca. Após haver-se cortado nariz, e orelhas, apresentou-se assim mutilado aos Babylonios, dizendo-lhes « ser Dariu quem o maltratara d'aquelle maneira. » Os Babylonios, na persuasão de que elle se vingaria de similhante ultraje, confiaram-lhe a defensa de Babylonie ; mas elle franqueou entrada a Dariu, após um cerco de 20 mezes.

Das grandes, ou maiores cidades que teve o mundo, foi *Babylonia*; porque (como diz Diodoro Siculo) « tinha de circuito 360 estadios. »

Est. XLII.

« Postoque em *força*, e *genio* , tam pequeno.

Todas as edições, que tive ante os olhos, trazem esse verso assim escripto ; porém Manuel Correa deixou-o como se aqui lê :

« Postoque em *força grande* , tam pequeno.

Est. XLIII.

« Que tam pouco era o povo *baptizado*.

Os nossos bons authores escreviam e pronunciam *baptizado*, e não *baptizado* como hoje. Exemplo :

« *Baptizada* (ambição) em zelo. »

PAIVA, *Sermões*, t. I. f. 87.

Est. XLIV.

« Seguem guerreiras damas seus amigos.

« O termo *amigo* não offerece , ao presente , a ideia de uma affeição licita entre os douos sexos. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA , *Tratado da versificação portugueza.*

« Imitando a *fermosa e forte dama* ,
De quem tanto os Troianos se ajudaram.

Foi a celebre Penthesilea , rainha das Amazonas ; a qual , segundo os poetas , veio soccorrer Priamo em a guerra de Troia.

« E as que o Thermodonte ja gostaram.

São as Amazonas . moradoras , conforme a antigua opinião , juncto ás orlas do Thermodonte , rio do Ponto , na menor Asia ; das quaes disse Virgilio :

*« Quales Threicia , cùm flumina Thermodoontis
Pulsant , si pictis bellante Amazones armis.»*

EST. XLV.

« A matutina luz serena e fria ,
As estrelas do pólo ja apartava ;
Quando na cruz o Filho de Maria ,
Amostrando-se a Afonso , o animava.
Elle , adorando a quem lhe apparecia ,
Na se todo inflammando , assi gritava :
« Aos infieis , Senhor , aos infieis ,
E não a mi , que creio o que podeis ! »

« Proseguiu el-rei D. Afonso as conquistas da Beira , e Estremadura portugueza : passou ao Alem-Tejo , aonde triumphou de cinco reis mouros , e quinze regulos , cujo principal imperador era Ismael , com infinita multidão de barbaros. Afonso cheio de piedade , e confiança em Deus , attendia á oração e lição sancta entre o maior estrondo das armas. Leu alta noite a victoria milagrosa de Gedeão , com trezentos homens sem armas , contra o formidavei exercito dos Madianitas. Elevou o pensamento ao ceo , fallou a Deus , e disse : « Senhor todo poderoso , bem sabeis que so para gloria do vosso adoravel nome tomei as armas contra os inimigos da fe : igualmente podeis dar a victoria a muitos ou a poucos. Se querveis que eu seja morto ás mãos dos inimigos , cumpra-se vossa vontade sancta. Se me concedeis a victoria , será vossa toda a gloria. Adormeceu vestido , inclinada no livro a cabeça : viu em espíritu o nuncio do Rei eterno , que lhe dizia : « Confia , que vencerás estes infieis ; e o Senhor te manifestará sua misericordia. » A este tempo D. João Fernandes de Souza , camareiro do principe , o despertou , dizendo-lhe : « Ah! está um veneravel velho a procurar-vos. » Respondeu : « Entre , se é christão. » Tanto que o viu , conheceu ser o que na visão se lhe mostrara : ao qual ouviu dizer : « Tende bom animo , venceréis , e não seréis vencido. Sois amado per Deus , que tem posto os olhos de sua misericordia em vós até a decima sexta geração , na qual , attenuada , outra vez obrará novos benefícios per effeito de sua piedade. Deus me envia , que ao toque da campainha da minha cella , esta noite , no deserto em que vivi entre os barbaros ha sessenta annos , guardado pelo Senhor , vades sem testimonhias , gozar as' maravilhas do Altissimo. »

. Venerou Afonso ao Senhor , e seu enviado. Disposto em oração , ao toque signalado foi ; e viu de repente fóra dos arraiaes , ao nescente , um raio de luz mais brilhante que o sol , no meio vinha Jesu-Christo crucificado , aos dous lados anjos em forma de mancebos resplandecentes , inclinados a adorar o Senhor. Largou armas e sapatos , prostrado em terra ,

Janbado em ternissimas lagrymas, exclamou : « Para que vindes a mim Senhor ? quereis aumentar minha fe ? N'ella educado desde o baptismo, que recebi menino, vos confesso Deus verdadeiro, Filho do Eterno Padre, e da Virgem Maria. Ide manifestar-vos aos infieis, para que todos em vós creiam. » Sem nada se turbar rogava ao Senhor confortasse seus vassallos. « Confia Afonso, lhe diz Christo da cruz : venho estabelecer os principios de teu reino sobre pedra firme : vencerás não so agora, mas sempre que tomares armas contra os inimigos da cruz. Acharás os teus alegres ; acceta o titulo de rei, que te derem ; pois eu (a quem so pertence edificar, e destruir os imperios) quero em ti, e teus descendentes estabelecer para mim um reino sanctificado , puro na fe, amavel na piedade, que d'elle seja levado meu nome ás nações estranhas. Para teus sucessores conhecerem quem lhes entregou o dominio, comporás as armas das cinco chagas , com que remi o genero humano , e dos dinheiros , com que fui vendido aos Judeus. »

AZORES, Epitome da Historia portuguesa.

Est. XLVII.

« Qual c'os gritos e vozes incitado
Pela montaña , o râbido molasso.

Luis Alamani disse :

« qual jovine alap. »

Archiaide , canto xxxii.

E Tasso põe :

« Con quel furor che suol far gran molasso. »

Amadige , canto LXXXVIII. est. 43.

Est. XLVIII.

« Tal do rei novo o estamago accendido, etc.

É incrivel a irregularidade , que reina em todas as edições dos *Lustidas* ! A Rolländiana diz, n'este verso, *estamago*, e na estancia XXXIX do canto I, *estomago* (animo, intenção).

« Levantam n'isto os perros o alarido
Dos gritos ; tocam arma ; ferve a gente.

Adoptei esta lição de Manuel Correa ; porque ella evita o hiato á arma ; (qual trazem algumas edições) e porque assim se lê em outros bons poetas. Exemplo :

« Toca arms em Calecut o povo adusto. »

MENEZES , *Malaca conquistada*. liv. 1. est. 14.

« Tubas soam .
Instrumentos de guerra tudo atroam.

O § é imagem de um som mudo e obtuso, como o mostra o exemplo citado ; no qual, à imitação de Virgilio, Camões junctou em grande copla o t, q u, e o r, para assinhar arremedar o proprio toque das trombetas.

Est. XLIX.

« Bem como quando a *flamma*, que ateada, etc.

Bernardo Tasso disse :

« *Como talor dal ciel caduto foco
In secca selva.* »

Canto LXY, est. 33.

Est. LI.

« Alli se vêem encontros temerosos,
Pera se desfazer uma alta *serra*.

O benemerito corrector e annotador da edição Rollandiana de 1843, escreveu, acerca d'este segundo verso, a seguinte nota :

« Na milícia antiga era designada pelo nome de *serra* o esquadrão formado de muitos angulos a modo de dentes de serra. (Vede Bluteau, *Diccionario*, etc.) E é provavelmente n'este sentido que o Poeta emprega aqui o vocabulo *serra* »

Est. LII.

« Com que tambem do campo a cér se perde,
Tornado carmesi de branco, e verde.

Segui esta lição de Manuel Correa, por mais correcta que est' outra de José Maria de Souza :

« *Tornando carmesi* de branco, e verde.

Est. LIII.

« Desbaratado e roto o *Mouro* hispano.

Esta lição, que vem na edição publicada per Pedro Craesbeeck, no anno de 1631, é preferivel á seguinte, que se lê em outras :

« Desbaratado e roto o *Mauro* hispano.

Veja-se a sabia nota que, acerca de *Mouro* e *Mauro*, escreveram o editor da ultima edição Rollandiana dos *Lusiadas*.

Est. LV.

« *Scalabicasstro*, cujo campo ameno , etc.

Os autores designaram sempre, em latim, a villa de Sanctarem pelo vocabulo *Scalabicastrum*, e nunca per *Scabelicastrum* ou *Scabelicasstro*, como escrevem todos os editores dos *Lusiadas*. (Vede nota. 11, do canto III, na edição Rollandiana de 1843.)

Est. LVII.

« E tu, nobre *Lisboa*

• • • • •
Obedeceste á força portugueza,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das boreaes partes foi mandada.

« Os primeiros habitadores, que ocuparam *Lisboa* foram os *Turdulos*

antigos. Depois os Romanos, introduzindo-se na Lusitania, fizeram sua a cidade de *Lisboa*.

Concluída a famosa batalha de Munda contra os filhos de Pompeio, se viu a nossa província pacificada com a presença do imperador Julio Cesar, a quem *Lisboa* (ja n'aquelle tempo de grande nome) pelo proceder benefico do imperador, lhe deu homenagem. Tanto estimou Cesar este lance de obediencia que, para premio da cidade, e expressão do seu gosto, ou para melhor perpetuar sua fama, mandou que d'alli per diante *Lisboa* se denominasse *Felicitas Julia*; isto é, *Felicidade de Julio Cesar*; e que seus cidadãos gezassem o soro municipal, que consistia em poderem militar nas legiões romanas, gozando alli das honras que merecessem.

Lisboa foi depois possuída pelos Alanos, Vandalos, Suevos, Godos; e, a final, pelos Sarracenos.

Per esse meio tempo é crivel que os Mouros corrompessem o nome antigo *Olysipo* da cidade, chamando-a *Lisibo*, por não terem no seu idioma uso da letra P. Depois disseram *Lisboa*, e ultimamente *Lisboa*, que hoje permanecece. »

JOÃO BAUTISTA DE CASTRO, *Mapa de Portugal*.

« El-rei D. Afonso (diz Duarte Galvão) tomou *Lisboa* na era de Cesar de 1184, no mez de outubro, que concorre com o anno de nosso Senhor Jesu-Christo, de 1147. O que eu acho certo, assi per esse Chronista, como principalmente per duas pedras, que na Sé de Lisboa estão. Uma mais antiga, e de melhor letra, que está á porta do sol da Sé, da parte de dentro, que diz em versos latinos :

« Então se computavam os annos do Senhor, mil com cento e quatro vezes dês e quatro e tres, quando a cidade de *Lisboa* foi tomadas per os christãos, e per elles tornada á fe catholica. »

A outra está á mão direita da porta principal, no coberto, e diz o mesmo; salvo que accrescenta «que foi em dia dos sanctos martyres Crispino e Crispintiano.»

Eu tenho um breve sumario dos réis Godos até el-rei D. Afonso Henrique, em latim, tal qual aquelles tempos usavam, e concerta com isto, não somente no anno e dia do mez, masinda diz, «que era uma sexta-feira, á sexta hora do dia ; havendo cinco mezes que el-rei a tinha cercado ; isto é, desde junho até outubro. »

ANDRÉ DE RESENDE, *História de Évora*, cap. 13.

Est. LVIII.

« La do germanico A'lbis , e do Rheno ,
E da Iria Bretanha conduzidos
A destruir o povo sarraceno ,
Muitos , com tenção sancta , eram partidos .
Entrando a boca ja do Tejo ameno ,
Co' o arraial do grande Afonso unidos ,
(Cuja alta fama então subia aos céos)
Foi posto cerco aos muros ulyskeos .

» Na segunda-feira , depois do Espírito-Santo, entrando pela barra do

rio Douro , arribámos ao Porto , onde achámos o bispo d'aquelle cidade que , com anticipada ordem d'el-rei , esperava alvorçoado a nossa vindia. Ali nos demorámos onze dias , aguardando pelo conde Arnoldo de Ardescot , e o Condestavel , que se haviam separado de nós , por causa da tempestade ; e , em todo este tempo , experimentámos no bom commodo dos viveres , com outras delicias , e refrescos do paiz , a benevolencia do rei.

Chegado o conde , e o Condestavel , fomos continuando a nossa viagem ; e , ao segundo dia de jornada , entrando pela foz do Tejo , na vigilia dos Apostolos san' Pedro , e san' Paulo , démos fundo em Lisboa ; cuja cidade , conforme a tradição das historias dos Sarracenos , foi edificada por Ulyses , depois da destruição de Troia : e está ella fundada com admiravel estructura de muros e tórras sobre um monte insuperavel ás forças humanas.

Assim que pozemos pés em terra , armámos barracas ; e , ajudados do favor Divino , em o primeiro de julho , tomámos os arrabaldes da cidade. Depois de varios assaltos contra as muralhas (não sem grande prejuizo de parte a parte) gastámos em preparar machinas até o primeiro d'agosto.

Juncto da praia fabricámos duas sumptuosas tórras , uma para a parte do Oriente , onde se tiuham aquartelado os Flamengos , outra na parte occidental , onde estavam alojados os Ingleses ; e fizemos tambem varias pontes para nos facilitar a entrada da cidade per cima dos seus muros.

No dia da invenção do Protomartyr sancto Estevão se começaram a mover para a bateria as machinas , e as naus ; porém rebatidas não so do vento contrario , mas dos instrumentos bellicos , com que nos sacudiam , nos retirámos com algum damno ; e no tempo que os nossos pugnavam com os Sarracenos , defendendo os Ingleses com menos vigilancia a sua tórra , não a poderam livrar do improvise incendio , que a abrasou.

Logo com certa machina começámos a romper a muralha ; o que vendo os Mouros , lançando per cima d'ella fogo oleoginoso , a reduziram a cinzas , experimentando-se então de parte a parte innumeravel mortandade , que causavam os arremessos das settas , e os tiros de outras armas offensivas. Quebrantados algum tanto os nossos com a derrota da machina , e da gente , se applicaram a fazer novos reparos , e ingenhosos artifícios , esperando sempre da misericordia de Deus.

Padeciam n'esta occasião os Sarracenos dentro da cidade os effeitos da falta de viveres ; porque supposto que alguns se achavam com abundancia de mantimentos , se fecharam com elles de modo , que muitos dos miseraveis paizanos morriam á fome ; outros sem horror algum tragavam cães e gatos. A maior parte d'estes miseraveis se passavam aos christãos , pedindo que os baptizassem. Taes houve que desfalecidos sobre os muros , ja com as mãos cortadas , eram apedrejados pelos proprios. Outros muitos successos prosperos e adversos nos aconteceram , segundo permittem os varios movimentos da guerra : os quaes deixámos de referir por evitá prolíxidade.

Era dia da Natividade de Maria Sanctissima , quando certo Italiano , natural de Pisa , homem de grande industria , começou a edificar uma altissima tórra de madeira , no mesmo sitio onde se tinha quemado a dos

Inglezes; para cujo complemento concorrendo dispendio regio, e diligencia do exercito, se gastou todo o meado de outubro. Com Iguas actividade outro ingenheiro fez grandes cavas per debaixo dos muros, cuja operação mal sofrendo os Mouros, fazendo occultamente uma saída, pelejaram com os nossos sobre a cava a pelo descoberto, desde as dês horas da manhã até á tarde, em o dia festivo do Archanjo san' Miguel.

Porém os nossos, amparados com alguns frecheiros, que lhes resistiam, de tal sorte entupiram as passagens que, ao recolher-se os Mouros, apenas escapou algum d'ellos sem golpe ou ferida; e continuando em abrir, e fundar a mina de dia e de noite, a acabaram de encher de madeiros no dia proprio, em que el-rei, juntamente com os Inglezes, vinha encostar aos muros a sua torre. Pondo-se então fogo á mina, em a noite de san' Gallo abbade, ardendo a fachina, rebentou um lanço da muralha, cahindo d'ella quanto ocupava o espaço de duzentos pés.

Ao estrondo da ruina, acordando os nossos, pegaram em armas, e acommettendo com grandes alardos a brecha, esperavam que fugissem os que vigilavam, e guarneclam os muros: porém acudindo os Arabes em grande numero, se poseram em defesa na parte, em que a eminencia de um monte fazia difficil a entrada: continuando todavia a combater desde a meia-noite até á hora nona do outro dia, em que finalmente os nossos fatigados, e bastante feridos, foram desamparando a peleja, a tempo que a torre se ia appropinquando; de que o povo barbaro andava pelas ruas tumultuariamente vexado.

Chegou a torre guarnecidá de bellicosos soldados a sobreintestar com a muralha, quando dado signal, se viu ao mesmo tempo investir contra os Mouros, com maravilhoso assalto, o exercito da nossa parte, e os Lorenzes na cortadura dos muros. A soldadesca d'el-rei, que pelejava na fortaleza da torre, atormentada com as descargas dos Sarracenos, se mostrou então com menos alento; de tal forma que os Mouros, que saíram fóra dos muros, queimariam sem duvida a torre, se alguns dos nossos que, per acaso tinham alli vindo, os não embaraçassesem.

Como a notícia d'este perigo chegasse aos ouvidos do nosso exercito, se despediram promptamente os melhores batalhões d'elle para defendarem a torre; por se não frustrar na perda d'ella a nossa esperança. Vendo então os Sarracenos o grande valor com que os Lorenzes, e Flamengos subiram para a fortaleza da torre, ficaram tam preocupados de medo que, arremessando os alfanges aos pés, mostravam as mãos desarmadas por signal da paz que pediam.

Com effeito, o alcaide-mor, ou o governador do castello, dispondo-se a partido com os nossos, pacteu em que recebessemos todas as alfaias preciosas de ouro e prata que possuiam, e que el-rei tomasse posse da cidade, e seus moradores com toda a mais terra, que lhe pertence: e assim se concluiu esta victoria, mais divina que humana, com a perda de duzentos mil e quinhentos Mouros, em dia das onze mil virgens.»

*(Carta latina d'ARNULFO, escripta au bispo de Terone,
MILON, em 1147.)*

Est. LXI.

« per onde sea
O tom das frescas aguas entre as pedras ,
Que murmurando lavâ , e Torres-Vedras.

(Veja-se a nota a este terceiro verso na edição Rollandiana já citada.)

Est. LXIII.

« Onde ora as aguas nitidas de argento
Vêem sustentar de longo a terra , e a gente.

Esta lição de Manuel Correa pareceu-me mais conforme ao sentido de Camões ; pois allude aqui ao famoso aqueducto romano, que jaz fóra de Evora. Outras edições trazem :

« Onde ora as aguas nitidas de argento
Vêem sustentar de longo a terra , e a gente.

« Eis a nobre cidade.

Obedeceu per meio e ousadia
De Giraldo , que medos não temia.

« Partindo Giraldo do seu castello, descobriu aos de sua companhia o proposito que trazia de ganhar a cidade de Evora ; mandando-lhes que o aguardassem alli (n'um bosque) en quanto elle, sem nenhuma outra companhia, nem socorro , ia descobrir as vélas de uma atalaya , que hoje se ve no outeiro de san' Bento , onde estava por sentinelha um Mouro com uma filha sua ; e d'allí, quando sentiam algum rumor, faziam suas almenaras a outra tórra da cidade, e avisavam o que convinha. Cobriu-se Giraldo de ramas, por se não differencar de outro arvoredo, e chegou Juncto da tórra, a tempo tam venturoso , que o Mouro dormia , e a filha encostada na janella da tórra , que ollia pera o nascente , estava presa de um saboroso somno ; bem descuidada de quam perto tinha o fim da vida. Alegrou-se o animoso cavalleiro sobre modo, vendo quam bem se lhe encaminhavam suas cousas : e lançando de si a rama, de que vinha coberto, subiu com ligelreza notavel pela parede da tórra ; que não tem porta, nem outra nenhuma entrada mais que a janella onde a Moura estava , e se subia a ella per uma escada de mão, que se recollhia dentro , tanto que subham as vélas ; e chegando á Moura, a lançou sobre os penedos , em que a tórra está fundada , com tal impetu , que logo perdeu a vida : e achando dentro em uma pequena abobada , que tem , o pae entregue ao somno , lhe tirou a cabeça de um golpe , levando-a juntamente com a da moça nas mãos, pera próspero índictio de sua boaventura : e animando seus companheiros , apartou alguns cento e vinte de cayallo , mandando - lhes que fossem fazer trilha contra aquella parte onde agora está fundada a casa de Nossa Senhora do Espinheiro , até ouvirem o rumor e gritos da cidade ; e elle , com o restante da gente , se fol direito á tórra da atalaya ; e subindo n'ella, fez signal com o fogo que accendeu, que havia christãos contra aquella parte. Respondeu-lhe a tórra da

cidade ; e logo se appellidou a gente toda , e o alcalde : pôstos em som de guerra , sahiu ao rebate , mandando primeiro suas escutas , e descobridores , de quem foi avisado « que havia gente de cavallo no campo , ainda que a trilha não era de muita cópia . » Então os cento e vinte , que foram fazer a trilha , dando-lhe pelas costas , os romperam , e pozeram em desbarato .

O retrato de Gíraldo vestido de armas em seu cavallo , levando na espada nua espetada a cabeça do Mouro , e pendurada da mão esquerda , a cabeça da filha , tomaram os Eborenses por brazão de sua notável nobreza , e ainda hoje são as armas da cidade . »

FREI BERNARDO DE BRITO , *Chronica de Cister* ,
liv. V. cap. 12.

Est. LXV.

« Sentiu-o a villa , e viu-o o senhor d'ella .

Adoptei esta lição de Manuel Correa , por ser mais genuína que a seguinte , que se acha em outras edições :

« Sentiu-o a villa , e viu-o a serre d'ella .

(Leia-se a nota que a este verso fez o atilado editor da edição Rollan-diana .)

Est. LXVI.

« Mas , qual no mez de maio o bravo touro , etc .

Bernardo Tasso escreveu :

« Come gagliardo indomito torello , etc . »

Canto LV , est. 53.

« Fuge o rei mouro , e so da vida cura .

Todas as edições , que tive ante os olhos , apresentam este verso assim escrito . Mas se Camões , com todos seus contemporaneos , conjugava o verbo *fugir* : eu fupo , tu fuges , elle fuge , fuge tu , etc. , como podia agora dizer n'esta estancia : lhe *foge* a vida ? Devemos attribuir tal irregularidade a descuido de copista ; tanto mais , que o nosso Poeta no canto III , oitava 61 , ja tinha pôsto a seguinte exclamação na boca de Mercurio :

« Fuge , fuge Lusitano
Da cilada , que o rei malvado tece .

Est. LXVII.

« Sendo estes , que fizeram tanto abalo ,
No mais que so sessenta de cavallo .

Adoptei esta lição de Manuel Correa ; porque os nossos antigos autores escreviam assim esta negativa , quando seguida do adverbio *mais* . Eis dous exemplos :

« Porque el-rei de Cambaia estava vinte
Leguas no mais d'allii . »

JERONIMO CORTE REAL , *Cerco de Diu* , cant. 19.

« No mais , no mais agora afflicta Musa .

LUIS PEREIRA , *Elegiada* , cant. XI .

EST. LXVIII.

« Logo sigue a victória sem tardança.

O nosso Poeta , e os outros escriptores seus contemporaneos diziam :
Eu sigo, tu sigues, elle sigue, e não segue como hoje.

« Que a fax fazer ás outras companhia.

Assim se lê na edição de Manuel Correa : algumas trazem :

« Que a fax fazer ás outras companhia.

EST. LXXI.

« Nem ver que a justa Némesis ordene
 Ter teu sogro de ti victória dínea.

Na edição de Hamburgo lê-se :

« Ter teu sogro de ti victória indínea.

Esta lição parece-me preferivel à primeira. (Veja-se a sabia nota que a este verso fizeram os editores da sobredita edição.)

EST. LXXIII.

« Assi o quiz o conselho alto e celeste, etc.

Preferi esta lição de Manuel Correa ; porque a conjunção e torna o verso citado mais numeroso. Outras edições trazem :

« Assi o quiz o conselho alto , celeste.

—
 « Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

Manuel Correa escreveu :

« Que vença o sogro a ti , o genro a este.

EST. LXXIV.

« Despois que em *Sanctarem* suberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foi cercado.

Sanctarem e não *Santarem* (qual se lê em todas as modernas edições) é como se deve escrever esse vocabulo. Exemplo :

« A terceira (parte) foi *Sanctarem*. »

ANDRÉ DE RESENDE , *Historia de Evora*, cap. 11

« E despois que do martyre Vicente
 O sanctissimo corpo venerado ,
 Do Sacro-promontorio conhecido ,
 A' cidade ulysses foi trazido.

Foi san' Vicente martyrisado em Valença de Aragão per Daclano, perseguidor dos christãos. Passado muito tempo o corpo do sancto foi mettido em uma barca ; a qual veio aportar ao cabo de Sagres , onde os que o trouxeram , o enterraram. D'ahi, per ordem d'el-rei D. Afonso Henriques, foi trasladado a Lisboa.

Est. LXXV.

« Sancho de esforço, e d'animo sobejo.

Assim achel escripto este verso na edição de Pedro Crasbeck, publicada no anno de 1631. Outras trazem :

« Sancho, d'esforço, e d'âmo sobejo.

Mas o verso não fica tam sonoro.

Est. LXXVII.

«Ja vêem do promontorio d'Ampelusa.

Eis como Manuel Correa nos deixou este verso. N'outras edições lê-se :
« Ja vêem do promontorio de Ampelusa.

Mas a preposição *de* sem apostrophe volta o verso algum tanto escabroso.

Esta voz *Ampelusa* é grega : ella deriva-se d'*αμπελος*, vinha; talvez porque outrora esse promontorio jazia coberto d'ellas.

« E de Tinge, que assento foi de Anteo.

Assim escreveu Manuel Correa este verso. Outros editores poseram :

« E do Tinge, qte assento foi de Anteo.

—
«Ao som da mauritana e ronca tuba.

Assim se acha em Manuel Correa este verso de Camões. Outras edições trazem :

« Ao som da mauritana e ronca tuba.

Li attento os nossos poetas quinhentistas, e não deparei o vocabulo *ronca* como adjetivo, sim como verbo. É mui natural que o *n*, no tal vocabulo, seja um *u* virado para baixo; cousa que acontece frequentemente na imprensa.

Est. LXXX.

« Mas o velho, a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos ao socego, etc.

Manuel Correa escreveu :

« Mas o velho, a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos a socego.

—
« Que não perde a presteza com a idade.

Assim se lê este verso na edição de Manuel Correa: algumas trazem :

« Que não perde a presteza co'a idade.

Porém este segundo verso não é tam numeroso como o primeiro.

Est. LXXXI.

« De marlotas, capuzes variados.

« Marlota, segundo Bluteau, é o vestido meurisco, com que se cinge

e aperta o corpo, ou capa curta à mourisca. Conforme o author dos *Vestígios da lingua árabe em Portugal*, é vestido curto, de que usam os da Persia e India. » (Nota da edição Rollandiana.)

Est. LXXXIV.

« Os altos promontórios o choraram,
E dos rios as águas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrymas corredio piedosas :
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas ,
Que sempre no seu reino chamarão
Afonso, Afonso, os ecos ; mas em vão.

Uma alluvião quasi geral extremou o mez de dezembro, anno 1185, em que morreu Afonso Iº. As torrentes das montanhas cahiram furiosas nos plainos, e os rios rebeçaram sua agua. Camões, mediante uma audáz propopopeia, dá choro aos *altos promontórios*, cujas lagrymas incham os taeis rios. Virgilio usou igual figura no episodio d'Aristeu :

« *Flerunt Rhodopeia arces*
Allaque Pangaea, et Rhosi montes tellus;
Allaque Geta, aliquo Hebrus, et Actias Orithyia. »

Est. LXXXV.

« *Sancho* forte mancebo , etc.

« El-rei D. Sancho ennobreceu Portugal com muitos nobres logares;
polo que merece ser chamado o *povoador*. »

DUARTE GALVÃO, in ejus vita.

« E que em sua vida ja se exp'rementara.

Não será talvez melhor

O que em sua vida ja se exp'rementara?

Est. LXXXVII.

« Quando *Guido*, co'a gente em sede accesa ,
Ao grande *Saladino* se rendeu.

Saladino, soldão do Egypto , alcançou em 1187 uma celebre victoria dos principes christãos perto de Tiberiade, onde *Guido de Luzinhais*, rei de Jerusalem , e o gran' Mestre dos Templarios ficaram prisioneiros.

Est. LXXXIX.

« Viu ter a muitas villas *sas* visinhas, etc.

N'este verso empregou Camões *sas* por *suas*; pois (qual anda escripto nas outras edições) é inteiramente prosaico.

Est. XCI.

« Que de outrem, quem mandava , era mandado.

Em Manuel Correa lê-se :

« Que d'outrem, quem mandava , era mandado.

Est. XCII.

« Nem tam mau como foi *Heliogabalo*.

Heliogabalo, imperador romano, estabeleceu um senado de mulheres, do qual sua mãe era presidente, para julgar as causas das pessoas do sexo, e mandou matar alguns senadores, por não terem querido approvear tal estabelecimento.

« Nem como o molle rei *Sardanapalo*.

Sardanapalo, ultimo rei dos Assyrios, monstro de sensualidade e luxuria.

Est. XCVII.

« E de *Helicona* as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fértil herva.

Manuel Correa escreveu :

« E de *Helicon* as Musas fez passar-se , etc. »

Não será lição melhor que a primeira ?

« Aqui as capellas dão tecidas de ouro ,
Do *bacchô* , e do sempre verde leuro.

Virgilio disse :

« Baccare frontem
Cingite, ne catti noceat mala lingua futuro. »

Est. CI.

« Pedindo ajuda ao forte Lusitano ,
Lhe mandava a caríssima consorte ,
Mulher de quem a manda , e filha amada
D' aquelle , a cujo reino foi mandada.

Camões desculda-se ás vezes n'estes joguetes de palavras ; joguetes em que tambem cahiram outros grandes Ingenhos.

Est. CII.

« Entrava a fermosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados ;
Lindo o gesto , mas fora de alegria ,
E seus olhos em lagrymas banhados , etc.

« Se o semblante e os olhos fallam sua diversa linguagem á proporção dos affectos, de que o espiritu se acha dominado, com quanta maior razão o semblante da oração ; isto é, as palavras e as figuras da mesma oração, se devem proporcionar á natureza da paixão, que convem exprimir. Virgilio, nas personagens de Evandro, Mezencio, e da mãe de Eurialo nas mortes de seus filhos, como tambem na de Dido, pela ausencia de Eneas, nos ensina a natural linguagem da afflição, e animos consternados. Camões a imitou com bastante fidelidade na falla de D. Inez de Castro ; e ainda mais ao vivo n'esta da rainha D. Maria.

PEDRO JOSÉ DA FONSECA , *Poética de Horacio*, pag. 132.

Est. CIII.

« Quantos povos a terra produziu
De Africa toda, gente fera e estranha,
O gran' rei de Marrocos conduziu
Pera vir possuir a nobre Hespanha.

« Um antigo letreiro diz :

« Era 1378 annos, rei Abenemarim, senhor de alem do mar, confiando de si, e do seu grande haver e poder, passou á quem do mar, com a Forra, filha do rei de Tunis, pera perseguir e destruir os christãos. Cercou Tarifa, e o seu poder era tanto que se não pôde sommar. E pois rei D. Afonso de Castella viu que não podia ser certo, houve receo, e per si veio a Portugal demandar ajuda ao quarto Afonso, rei de Portugal seu sogro. A elle proue muito de lh'a fazer com seu corpo, e com seu poder. Logo sem tardança começou o caminho pera a fronteira, e mandou que os seus se fossem em pós elle. De Evora levou cem cavallos e mil peões. Gonçalo Esteves Carvoeiro foi per alferes. Lidaram com os Mouros; e, rei de Portugal, intendeu em rei de Granada; e, rei de Castella em rei Abenemarim. E mercê foi de Deus que nunca Mouro tornou rostro : e morreram d'elles tantos que não poderam dar conta. Rei Abenemarim, e rei de Granada fugiram. No arraial de rei Abenemarim acharam grande haver em ouro e em prata, e houve o rei de Castella. Mataram douz filhos de Alboacem, a Forra, e outras Mouras muitas, e meninos infândos. Captivaram um filho de Abenemarim, e uma sua neta. Deus seja pera todo sempre bento, por tanta mercê quanta fez aos christãos. »

ANDRÉ DE RENDEZ, *História de Evora*, cap. 17.

Est. CV.

« O corrente *Mulucha* se congella.

Algumas edições trazem :

O corrente *Molaca* se congela.

Mulucha grande rio da Mauritania, no reino de Fez.

Est. CIX.

« Juntos os dous Afonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão de fronte
Da grande multidão da cega gente, etc.

« No anno 1340, unido o nosso rei D. Afonso IV com o rei de Castella D. Afonso XI, se deu a grande batalha do rio Salado, onde foi desbaratado o exercito mouro do rei Abenemarim ou Alboacem. »

ANTONIO PEARNA, *Compendio das épocas*.

Est. CX.

« Que com título falso possuindo
Esíd o famoso nome *saraceno*.

Na edição de Hamburgo lê-se :

Esido o famoso nome *saraceno*.

(Leia-se acerca d'esse vocabulo a súbia nota do editor da edição Rolandiana).

Est. CXI:

« Qual o membrudo e barbado *gigante*,
(Do rei Saul, com causa tam temido)
Vendo o pastor inerme estar diante,
So de pedras, e esforço apercebido , etc.

Foi Goliath , famoso gigante Philisteu , natural de Geth , a quem David matou d'uma pedrada , em 1063 antes de Jesus-Christo.

Bolardo disse :

« Um gigante membrudo , etc. »

Est. CXII.

« O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reiho de Granada.

Esse reiho fazia parte da antigua Betica , e era habitado pelos Bastulos , Sextianos , etc. Tem de comprido cosa de setenta leguas , e de largo trinta.

Est. CXIV.

« Sem lhe valer defesa , ou peito d'aco.

Adoptei esta lição de Manuel Correa ; porque ella torna o verso mais sonoro , evitando o tom escabroso de que apresenta o mesmo verso assim escrito em outras edições :

« Seta lhe valer defesa ou peito d'aco.

Est. CXVI.

« Não matou a quarta parte o forte Mário.

Na victoria contra os Cimbros , ganhada pela hoste romana Juneto á cidade de Vercellii , no Piemonte , orgam os historiadores a cento e vinte mil o numero dos mortos , e a sessenta mil o dos prisioneiros.

« Nem o Peno , asperissimo contrario.

Foi Annibal , general carthaginez : elle derrotou na batalha de Cannas ao consul Therencio Varro , em cujo campo ficou morto seu collega Paulo Emilio com 40,000 de pe , e 2,700 de cavallo ; flor da nobreza romana. Annibal mandou a Carthago tres alqueires de annuis de 5630 cavalheiros mortos na dita batalha.

Manuel Correa escreveu :

« Nem o Peno , asperissimo contrario.

Est. CXVII.

« E se tu tantas almas so podesse
Mandar ao reino escuro de Cocio , etc.

« Eis-aqui está Cocyto por Plutão : na metonymia , contumemente pelo conteúdo. N'estes dous versos começa uma artificiosa e vehementissima

apostrophe a Tito ; à qual é um dos maiores rasgos da eloquencia poetica. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 235.

Est. CXVIII.

« O caso triste, e díno de memoria,
Que do sepulcro os homens desenterra ,
Acontenteu da misera e mesquinha ,
Que, depois de ser morta, foi rainha.

Conservei esta lição de Manuel Correa; porque o vocabulo *díno* escripto sem *g*, qual o articulavam nossos clássicos, torna este verso mais macio. O exemplo seguinte confirma o que acabo de dizer :

« O teu suave canto, e meu fadou
Fas, de louvar cantando e que cantaste;
E, para não chorar, sei que te alçaste,
Deixando a terra, ao ceo de que eras díno..»

DIOGO BERNARDES, *Flores do Lima*, soneto 91.

« O episodio de D. Ines de Castro é o mais resplandecente lasee de eloquencia affectuosa que posse a língua portuguesa. Eu nunca o li que não chorasse. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 315.

Est. CXX.

« Estavas linda Inez posta em socego, etc.

Ines ou *Inez* é como os bons poetas coevos a Camões escreveram esse nome. Exemplos :

« E pôde
O' Dona Inez (me diz) pôde seu peito
Conceber tal receo? »

ANTONIO FERREIRA, *Castro, tragédia*, act. I.

« Vem, Hymeneu, vem, não te detenhas;
Porque já a clara Inez com justa causa
Consente que te chame, e quer que venhas..»

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA, *Poesias*, pag. 244.

A mor parte das edições trazem *Iynez*; o qual vocabulo, assim estampado, admite a pronuncia *Iguenez* ou talvez *Inhez*.

« Foi D. Inez de Castro dotada de tanta beleza, que sua memoria pera todo sempre permanecerá, cognominada per excellencia *collo-de-prata*. Estando com ella occultamente casado o principe D. Pedro seu leal esposo, velho de Monte-mor, o velho seu paes el-rei D. Afonso o IV com muita cavalaria a Coimbra, e foi cruelmente morta ás estocadas per Diogo Lopez Pacheco, per Antonio Gonçalves, moirinho-mor, e per Pedro Coelho : não valendo a esta clarissima infante vir em pessoa buscar o seu colérico sogro á porta, e lançar-se a seus pés com as mãos levantadas, nem os filhos, que diante lhe oferecia por netos. »

GASCO, *Conquistas, etc. de Coimbra*.

« Estavas , Linda Inez, posta em socego ,
De teus annos coibendo doce *fruito*,
N' aqueile engano da alma, ledo e cego ,
Que a fortuna não deixa durar *muito* :
Nos saudosos campos do Mondego ,
De teus fermosos olhos nunca *enxuto*,
Aos montes ensinando, e á hervinhas
O nome , que no peito escripto tinhas.

Eu fui o primeiro que, no *Parnaso lusitano*, impresso em Paris, em o anno de 1827, assim restabelei esta bellissima oitava, escorado nos seguintes exemplos :

« Polos doces amores, doce *frueto*.»

FERREIRA.

« De quem são estas obras maravilhosas e de espantar ? Per ventura não d'aquelle que, em outro tempo, tornou o mar em secco, e os filhos de Israel fez passar per elle a pe *enxuto*? »

D. CATHARINA, *Perfeição da vida monastica*.

Os leitores curiosos podem ver como os outros editores dos *Lusiadas* escreveram essa estancia. Os nossos antigos poetas rhymaram *escutárias* com *muitas*, *Orpheo* com *reco*, *Hemispherios* com *captiverios*, etc.

Estr. CXXI.

« As lembranças , que na alma lhe moravam.

Adoptei esta lição de Manuel Correa , para evitar o hiato que apresenta este verso escripto do seguinte modo :

« As lembranças , que na alma lhe moravam.

Estr. CXXIV.

« Ela com tristes e piedosas vozes ,
Saidas so da mágoa , e *saudade*
Do seu príncipe , e filhos , que deixava , etc.

« A palavra *saudade* é derivada da latina *solitatem*; porque os Latinos usavam alguma vez de *solitas*, em logar de *solitudo*; assim como em portuguez usámos de *solidão* e *soledade*, um derivado de *solitudo*; outro de *solitatem*; e *saudade*, derivado do mesmo, tem a significação do nome *desiderium*, pelo qual exprimiam os Latinos a mesma idéia complexa , que temos em *saudade*. »

NEVES, *Causas da decadência da língua portuguesa*, pag. 428.

Estr. CXXV.

« Pera o ceo crystallino elevantando ,
Com lagrymas , os olhos piedosos ;
Os olhos ; porque as *medos* lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos.

Virgilio disse :

« *Ad celum tendens ardentia lumina frustra ,*
Lumina ; nam teneras arcebant vincula palmas. »
Eneida, liv II. v. 405, etc.

Est. CXXVI.

« Como co'a mõe de Nino ja mostraram,
E co'os trm̄dos, que Roma edificaram.

Semíramis foi criada pelas pombas, e *Romulo* e *Remo* per uma loba.

Est. CXXIX.

« Alli co'o amor intrinseco, e vontade,
N'aquelle, por quem morro, criarei
Estas reliquias suas, etc.

Mouro por morro (como eu ja disse) é verbo antiquissimo no idioma portugues: attesta-o este quarteito extraido d'uma carta, que D. Viegas, insigne poeta de seu tempo, escreveu á sua ingrata senhora:

« Bedes morro, bedes morro
Violante:
Longe vos o sestro agouro
Per diante. »

GASCO, Conquista, etc. de Coimbra.

Est. CXXX.

« Queria perdoar-lhe o rei benino, etc.

« No anno 1355 mandou o nosso bravo rei D. Afonso IV matar em Coimbra a fermoissima D. Inez de Castro, com quem o principe D. Pedro, havia muitos annos, andava d'amores, e de quem ja tinha alguns filhos. Os cruéis matadores, que a isso mesmo induziram *el-rei*, foram D. Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves. Os nossos historiadores concordam, que muito antes de morrer a sua amada, se tinha o principe casado com ella de conscientia, presente D. Gil, deão então da Guarda, depois bispo. E o mesmo principe o confirmou quando, logo que subiu ao throno, fez trasladar de sancta Clara de Coimbra para o real mosteiro d'Alcobaça os ossos de D. Inez, com um apparato e pompa de rainha. »

ANTONIO PEREIRA, Compendio das epochas.

« Os que, por bom, tal feito alli pregoam.

Pregoar por *apregoar* foi usual em nosso classicos. Este verso, como se acha em algumas edições,

« Os que, por bom, tal feito alli spregoam,

é inteiramente prosalico.

Est. CXXXI.

« Qual contra a linda moça Policeia, etc.

« Para demonstração evidentissima e tragica da morte de D. Inez de Castro, achou Luis de Camões exemplar similitudine em Pollicena; pois uma e outra fermoura, tanto se proporcionaram nos successos, que parece que as mesmas circumstancias identificaram as pessoas: em ambas o odio foi ministro do cutello; ambas acabaram victimas do amor; e ambas sentiram o saudoso apartamento das prendas que deixavam. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, Arte de conceitos.

« Esta pintura é digna de admiração, pela pureza, pela elegancia da phrase, e pela deliciosa harmonia do metro. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analysis*, pag. 153.

Est. CXXXII.

« No futuro castigo não cuidosos. »

Aqui, pela figura syncope, cortou Camões á palavra *cuidadosos* uma syllaba.

Per essa figura se acha a cada passo no verso *differente, gran', mor, reprensão, sp'ritu, imigo, etc.*, e tambem *estetis, is, soidade, perla, desparecer, desalivar, muto, adormido, lumioso, etc.*, em lugar de *differente, grande, maior, reprehensão, espiritu, inimigo, estejais, ides, soledade, perola, desapparecer, desalivtar, mutto, adormecido, lumenoso, etc.*

Est. CXXXIII.

« Como da séva mesa de *Thyestes*,
Quando os filhos per mão de Atreu comia. »

Thyestes, filho de Pelops, e de Hippodamia, e irmão d'Atreu, foi incestuoso com sua cunhada Erope, mulher d'Atreu; o qual, para se vingar, espedeçou o filho que d'ella nascera, e apresentou seus membros a *Thyestes* n'um banquete. Dizem que o sol não se deixara ver em tal dia no horizonte, só a flim de não allumiar tam detestavel crime.

Est. CXXXIV.

« Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella, etc. »

Imitação de Virgilio :

« *Purpurous veluti cum floe succus oreiro
Languecunt moriens; lassova papacora collo
Deniscere caput, pluvia cum forte gravantur.* »

Enaida, liv. IX. v. 435, etc.

Ou tambem liv. XI. v. 68 :

« *Qualem virginico demessum politice florem.* »

Bernardo Tasso escreveu :

« *Como da falce il flor reciso langue, etc.* »

Canto 10.

Est. CXXXV.

« As filhas do Mondego a morte escura,
Longo tempo chorando, memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrymas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, queinda dura,
Dos amores d'Inex, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores;
Que lagrymas são a agua, e o nome amores. »

Pedro Cræsbeeck dá assim esse verso :

« Que lagrymas são agua, e nome amores. »

« Esta estancia é uma das mais sublimes das *Lusiadas*, pola estranha imagem phantastica, de que usou o Poeta, por causa da paixão, fingindo a bellissima e propriissima metamorphose em allusão à *fonte-dos-amores*, que ainda hoje existe em Coimbra em uma quinta, que foi jardim do palacio em que viveu esta infeliz princeza. »

FRANCISCO JOSEPH FERREIRA, *Arte poetica*, tom. I. p. 111.

Est. CXXXVI.

« Não correu muito tempo, que a vingança
Não viu Pedro das mortaes feridas, etc.

« Ja viuuo, sucedeu D. Pedro no reino, zeloso da justiça, que fazia executar sem excepção de pessoas. Fez concordata com Castella, para se entregarem os reos de lesa-majestade : apanhou Pedro Coelho, e Alvaro Gonçalves, por terem machinado a morte a D. Inex ; arrancou-lhes os corações, a um pelas costas, a outro pelos peitos, e os fez queimar : d'onde lhe deram o nome de *cru ou cruel*. Diogo Lopes, comprehendido no mesmo crime, escapou avisado de um pobre. Era mui liberal : sem opprimir os vassallos, deixou copiosissimos theandros reais. Andava pelo reino a tomar conhecimento das causas dos vassallos, dando a cadaum o que lhe era devido ; tendo a todos contentes e seguros ; limpas as estradas, e terras de ladrões e facinorosos, aos quais não perdeava. »

AZEVEDO, *Epitome da historia portuguesa*.

« O concerto fizeram duro e injusto,
Que com *Lepido*, e *Antonio* fez *Augusto*.

Marco Lepido, com *Cesar Octaviano*, e *Marco Antonio* fizeram uma liga e concerto em que cadaum d'elles entregasse seus inimigos.

Est. CXXXVIII.

« Do Justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vede da natureza e desconcerto!)
Remisso, e sem cuidado algum, *Fernando*,
Que todo o reino por em muito aperio.

« Esteve o reino quasi destruido pelos Castelhanos, por *D. Fernando* faltar á paz, e ajuste, e não querer a infanta da Espanha, que tinha perdido por esposa, Lisboa era assolada ; quando intervindo o papa Gregorio II, pelo cardenal Guido, se renovou a paz, avistados os reis *Fernando* de Portugal, e *Henrique* de Castella, no meio do Tejo, desfronte de Sancta-rem. Outra vez, embarcado na guerra, padecou o reino maiores estragos dos Ingleses aliados, que dos Castelhanos inimigos. Feita a paz, logo morreu o rei *D. Fernando* em Lisboa, a 22 de outubro, de 1384, com 16 de governo, e 38 annos de idade. »

AZEVEDO, *Epitome da Historia portuguesa*.

Est. CXXXIX.

« De tirar *Leonor* a seu marido, etc.

Leonor, e não *Leonor* é como escreveram e pronunciaram os authores quinhentistas. Exemplo :

« Assi Líenor sentindo na alma o ferte,
Ameroso, cruel, dourado tiro,
Nem se move d'alli. »

JERONIMO CORTE REAL, *Naufrágio de Sepulveda*,
cant. 8.

Est. CXL.

« Ou quem o tribo illustre destruiu
De Benjamin ?

O vocabulo *tribo*, que hoje pertence aos dous generos, e é mais frequentemente empregado no feminino, foi do genero masculino em tempo de Camões : comprova isto o seguinte exemplo :

« Como manso cordeiro offerecido
Por si á morte, como gran' leão
Vence o tribo de Juda prometido. »

ANTONIO FRANCA, *Elegia 9.*

Est. CXLI.

« Despois que a móça vil na Apulia viste. »

Ela a lição de Pedro Craesbeeck. Outros escreveram :

« Despois que tua móça vil na Apulia viste. »

CANTO QUARTO.

Est. I.

« Despeis de procellosa tempestade,
Nocturna sombra , e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento. »

« Os dous primeiros versos são tam sonoros, que parece se estão ouvindo os brados de uma tempestade, no final do primeiro, e um surdo estrondo, que succede aos bramidos do vento, no final do segundo : segue-se depois uma pintura a mais cheia de alegria e amenidade : ella faz com a precedente um maravilhoso contraste, e graduação de cores : n'isto é que se conhece o grande homem , o verdadeiro poeta : onde falta esta preciosa qualidade, não ha poesia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Análise*, pag. 186.

« Removendo o temor do pensamento.

« Removendo o temor *ao* pensamento, como lêem a maior parte das edições, não me parece boa syntaxe ; por isso corrigimos como vai no texto. A troca de um *a* por um *d* em caracteres itálicos, como são os das duas primeiras edições, e tam imperfeitas, era muito facil de ser commettida pelos typographos. Esta mesma lição é tambem da edição de 1651, ja per nós indicada como de todas a menos incorrecta. » (Nota do editor da edição Rollandiana de 1843.)

Est. II.

« Joanne sempre illustre alestanto
Por rei , etc.

« Com a retirada da rainha D. Leonor, teve o Mestre logar de convocar cõrtes em Coimbra, aonde acudiram as pessoas da sua facção, e reduzindo o estado das cousas a termos accommodados ao tempo em que se acharam, aprovando-o alguns, consentindo os mais, foi o Mestre aclamado rei com a voz do povo, e silencio dos nobres, a quem conveio seguir o parecer dos que aprovaram o levantamento del-rei, e dar mostras de alegria; ainda que a muitos pareceu a resolução temeraria, crendo que não lhe bastariam as forças para sustentar o novo titulo de rei que tomava contra tam poderoso inimigo como tinha.»

FREI BRANCARDO DE BAIRRO, *Elogios Historicos dos reis de Portugal.*

Est. III.

« Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo faliando, o nomeou.

« Ebora ou Evora é cidade de Lusitania muito celebre, e muito nobre, por n'ella residirem muitas vezes os reis de Portugal, cujo bispado se ve ser antiquissimo; porque os Eborenses tiveram ao beato Mancio discípulo de Jesu-Chrito, por primeiro pregador da palavra divina; e, como é verosímil, por bispo Quinceano (bispo tambem d'esta cidade) o qual foi presente no concilio Elberitano.»

VASCO, tom. I. init. cap. 20 in Proem.

Est. V.

« Mas elle enfim, com causa deshonrado ,
Diante d'ella , a ferro frio morre.

« Então se despediu o Mestre da rainha muito quieto, sem mostra de perturbação alguma, e tomou o conde pela mão; e saíram ambos da camara a uma grande casa, que estava diante, e os do Mestre todos com elle, e Ruy Pereira, e Lourenço Martins mais perto: e chegando-se o Mestre com o conde para junclo de uma fresta, sentiram os seus que o Mestre lhe começava de fallar a passo; e as palavras foram poucas, e que ninguem intendeu. E sendo mais tempo de o matar, que de o ouvir, o Mestre tirou um traçado, e deu-lhe um golpe pela cabeça: os que com o Mestre estavam, vendo isso, arrancaram das espadas para lhe dar: querendo-se elle acolher á camara da rainha com aquella ferida, que não era mortal, Ruy Pereira metteu n'elle um estoque de armas, de que logo caiu em terra morto: os outros quizeram dar-lhe mais feridas, mas o Mestre lh'o não consentiu.»

DUARTE NUNES DE LIAO, *Chronica d'el-rei D. Jodo I.*
cap. 8.

« Quem, como Astyanax, precipitado ,
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem oras, nem respeito ;
Quem nu per ruas, e em pedaços feito.

Confesso que o sentido do terceiro verso é para mim um enigma. A quem se refere o dito verso? ao bispo D. Martinho? ou fala o Poeta collectivamente? Se fala collectivamente, há aqui erro do copista ou mudança de letras. Ora como antigamente estampavam *dam* em vez de *dão*, não será o verso, qual o escreveu Camões,

«A quem ordens, nem aras dão respeito?

Eis esse horroso caso, qual se acaba na Chronica d'el rei D. João I, cap. 7, escripta per Duarte Nunes de Líao:

«Estando pera se assentarem á mesa a comer, veio recado ao Mestre que acudisse ao bispo, que os do povo o queriam matar. O Mestre quiserá ir lá; mas o conde o estorvou, dizendo «que não curasse d'isso, quer o matassem, quer não; que não faltaria outro bispo portuguez, que servisse melhor, se o matassem.» E assim cessou o Mestre. O bispo, que era de nação Castelhano, por nome D. Martinho, homem grande letrado, e virtuoso prelado, e que de bispo de Silves, per seus merecimentos, o veio a ser de Lisboa, e habitava em umas casas, que estavam sobre a claustra da Sé, pera d'ahi poder mais facilmente vir a todas as horas, a officios divinos: e o dia, que o Mestre matou o conde, e aquella hora, que era tempo de comer, estava elle á mesa com o prior de Guimarães, que era seu amigo, e o tinha por hospede; e assim um tabalhão de Silves, seu familiar, que também chegara n'esse mesmo dia; e ouvindo os gritos das mulheres, e arrojados da gente, que la pela rua pera os paços da rainha, e dia, matarem o Mestre, levantou-se da mesa, e com aqueles convidados, e seus familiares, se deceu á claustra: e d'ahi, fechadas bem as portas da igreja, se subiram todos á torre dos sinos. E quando Alvaro Paes passou, bradaram aos de cima «que replicassem.» O Innocente bispo com o grande arrojado das voges não sabia que volta era aquella; nem porque mandavam tocar os sinos: e porque seria grande alvoroço na cidade replicar na Sé, duvidou se o mandaria fazer. Quando a gente popular viu que o bispo não mandava replicar, e que estavão na torre dos sinos, e com as portas da igreja fechadas, e que se não podiam facilmente quebrar, trouxeram escadas, e entraram na igreja per uma fresta, e a pressa abriram as portas, e entraram quantos quizeram, mas os mais ficavam de fóra: todos bradavam «que fossem acima, e vissem quem estava na torre, que não quizera replicar os sinos; e, se fosse o bispo, o lançassem a baixo.» Um procurador do conselho, e o alcalde da cidade, e outros subiram pelo caracol da torre, per onde não podia ir senão um ante outro, nem entrar na torre, se lh'ho alguém quizesse defender. O bispo se quizera pôr em defensa, por ser Castelhano, e se temer da ira d'aquelle povo: mas confiado em sua innocencia, e tendo seguro dos que subiam pera si, e pera os que com elle estavam, os deixou entrar: e sendo perguntado «porque não mandara replicar, e sendo-lhe requerido pelo provo?» se desculpou com razões mui sufficientes, e de que se satisfizeram os que lh'as ouviram. A multidão da gente debaixo, que estava ao pe da torre, começou a bradar «que deitassem o bispo a baixo» ameaçando aos que la foram «que também os haviam de deitar a elles.» Quanta malta detença faziam

os de cima , tanto as ameaças e gritas des debaixo eram maiores : polo que elles mataram o bispo , e o lançaram da torre abaixo , e com elle o prior de Guimarães , e o tabalhão . E como a gente baixa de sua natureza é vil , e inclinada ao mal , malormente quando se acha sótia , e juneta em um corpo , não contente com terem morto seu pastor , e pontífices tam sem causa , depois de ficar nu de todas suas vestiduras , de que logo foi despojado , o alaram com um barço , e arrastando-o pela cidade com as partes vergonhosas descobertas , e com ignominiosos pregões diante , o levaram ao Rocio , onde o comeram os cães até o outro dia que , por o mau cheiro , o mandaram soterrar , como também fizeram ao prior e ao tabalhão . »

Collige-se da presente citação , que Camões falla não somente do bispo precipitado , mas até do prior , e do tabelião que o foram com elle : eis porque eu emendei o terceiro verso qual vai no texto .

Est. VIII.

« Véem de toda a província , que de um Brigo ,
(Se foi) ja teve o nome derivado ,

Brigo , filho e sucessor de Jubalda , povoou muitas cidades de Lusitânia . Mandou povoadores portuguezes á Phrygia da Asia , e outras partes . Morreu anno de 2108 , com 52 de rel .

Est. XI,

« Armeu d'elle os suberbos matadores .

A edição de Hamburgo traz :

« Armeu d' elle os suberbos moradores .

(Leia - se a nota que a este verso fizeram os editores da sobredita edição .)

Est. XII.

« Como a Samsão hebréu da guedeira .

O vocabulo hebréu tem n'este verso tres syllabas pela figura diéresis .

Est. XIV.

« (A mão na espada , irado , e não facundo ,
Ameaçando a terra , o mar , e o mundo) .

« A ira no frado não lhe dá tempo a desafogar sua colera com subtis e estudados pensamentos : as primeiras palavras , que a paixão lhe arroja á boca , são o desafogo do seu incendio , e natural phrase do seu animo : por isso o grande Camões , dístico em debuxar estas figuras , e appropriar - lhe as devidas tintas , quando introduz o Condestável , empunhando co - lerico a espada , não o descreve facundo e eloquente ; porque a locução da colera é aspera e confusa , e não periodica , nem adereçada : quem a dicta , e influe é a perturbação do animo , e não o artifício do ingenho ; porque o estro das paixões não attende a subtilizar discursos . »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA , *Arte de conceitos*.

Est. XV.

« Como? da gente illustre portugueza,
Ha de haver quem *refuse* o patrio marte?

O verbo *refusar*, do francez *refuser*, não é galicismo, como algumas pessoas imaginam: elle foi, além de Camões, usado per todos os classicos portugueses. Exemplos :

« Não *refuses* a minha companhia. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 20.

« Porque elle nunca *refusara* polejar. »

ALBOQUERQUE, *Commentarios*, tom. II, pag. 70.

Não defender a patria, e consentir que ella seja sujeita a seus inimigos, é indicio de cobardia, e vileza de animo : e d'aqui procede o pejo que o Condestavel move em seus ouvintes.

Est. XVI.

« Como? Não sois vósinda os descendentes
D'aquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencesstes esta gente tam guerreira?

Allude Camões á batalha de Valdevez, na qual o senhor D. Afonso Henriques, ainda infante, desbaratou tam completamente a hoste castelhana, que a planicie onde ella foi dada, cognominou-se *Campo-damatanga*. N'essa batalha ficou ferido el-rei de Castella ; e foram prisioneiros sete officiaes-generaes, intitulados *condes*.

Na edição feita em Hamburgo, e na Rollandiana, lê-se *venceram*; e esta parece-me a melhor lição; porém como todas as outras (inclusas as duas primeiras de 1572) trazem *vencesstes*, não ousei alterar este vocabulo.

Est. XIX.

« Eu so com meus vassalios, e com esta,
(E dizendo isto, arranca metà espada).

« Luis de Camões, quando nos pinta o Condestavel inflammado em colera guerreira, e nada facundo nas palavras, não intendeu ser a ira militar falta de eloquencia; mas quiz mostrar que a paixão de D. Nuno, n'aquelle occasião, brilhou mais ingeniosa nas acções, que nos discursos: pois quem não ve que o arrancar *meia espada*, para persuadir com o exemplo (o que talvez não conseguia com a voz) foi metaphora viva do valor, não so como hyperbole da ousadia, mas como hyperbole da herolidade?»

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de concetos*.

Est. XX.

« A' fortuna das *gentes* africanas, etc.

Algumas edições trazem :

« A' fortuna das *forças* africanas, etc.

« Cornelio moço os faz, que compellidos, etc.

Foi Publico Cornelio Scipião, cognominado depois o *primeiro Africano*.

Est. XXIII.

« Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

Xerxes, rei da Persia, resolveu fazer guerra aos Gregos; e marchou contra elles com um exercito de 800,000 homens, e uma esquadra de 1,000 vélas. Elle lançou uma ponte sobre o Estreito do Hellesponto, e mandou romper o isthmo do monte Athos.

Est. XXIV.

« Como ja o fero Hunno o foi primeiro
Pera Francezes, pera Italianos.

Allude aqui o Poeta ao celebre Attila, rei dos Hunnos.

Est. XXVII.

« Alforezes volteam as bandeiras , etc.

Alguns dos nomes , que agora acabam em *es* , e antigamente em *es* no singular, ainda em authores muito elegantes se acham com terminação em *exes* no plural, assim como *alforezes*. (Souza, *Véde*. liv. VI, cap. 13. Pinto Ribeiro, *Relac.* 2. num. 8 e 11. Barros, *Decad.* liv. IV, cap. 8, etc.)

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Rudimentos da Grammatica portugueza*, pag. 317.

Est. XXVIII.

« Deu signal a trombeta castelhana.

Para me cingir á etymologia d' este substantivo , que é o *signum* dos Latinos, accrescentel-lhe um *g*. Ja em tempo de Camões assim o escrevia André de Resende : como se ve n'esta phrase :

« Mandando-lhes que estivessem prestes pera sua tornada , a um *signal* que-lhes faria »

Historia de Evora, cap. 14.

« Ouviu-o o monte Artábro ; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso :
• • • • •
E as mdes , que o som terrível escutaram,
Aos peitos os filinhos apertaram.

Imitação de Virgilio :

« Contremuit nemus, et silvas intonuere profunda
Auditi et Trivias longe lacus, audiit amnis
Sulphurea Nar albus aqua, fontesque Velini ;
Et trepidas matres pressore ad pectora malos. »

Eneida, liv. VII. v. 515, etc.

E Lucano, na *Pharsalia*, lly. VII :

« *Excepit rorantis clamorem vallibus Homines,*
Peliasque dedit rursum geminare cavernis :
Pindus agit fremitus. Pangueaque saxe resultanti,
Melanchque gemini rupes. »

Est. XXIX.

« Que hos perigos grandes o temor
 É maior, muitas vezes, que o perigo:
 E se o não é, parece-o; que o furor
 De offendr, ou vencer o duro inimigo,
 Faz não sentir, que é perda grande é rara,
 Dos membros corporaes , da vida cara.

A edição de Hamburgo traz :

« Que nos perigos grandes o temor
 É menor, muitas vezes, que o perigo.

A edição de Paullo Craesbeeck , publicada em Lisboa no anno de 1661 ,
 offerece a seguinte lição :

« E se o não é, parece ; que o furor, etc.

Est. XXXII.

« (Caso fio e cruel) mas não se espanta , etc.

Na edição de Pedro Craesbeeck le-se :

« (Caso fio e cruel) mas não se espanta.

—
 « Contra irmãos, e parentes (caso estranho !)
 Quaes nas guerras elva de Julio, e Manho.

Julio Cesar, e Pompeu o Magno. Humas edições trazem *Julio magno* ,
 outras *Julio e Magno* , sem advertirem seus editores que aquil a rhyma
 pede *Manho* , como se acha em nossos antiguos poetas. Exemplo :

« Que teme então turbar-se o manho imperio. »

Luis Pereira, *Elegiada* , cant. II.

Est. XXXIII.

« Se la no reino escuro de Sumano
 Receherdes gravissimos castigos , etc.

Sumano é o mesmo que Plutão, a quem os antiguos chamaram deus do
 inferno.

Est. XXXIV.

« Qual pelos outeiros
 De Ceifa está o fortissimo ledo.

Os nossos classicos escreviam pronunciavam *Cetia* ou *Septa* , e não
Ceuta como hoje.

Alamani disse :

« E qual fero leon soverchio oppresso. »

Avarchiado , cant. 130.

Est. XXXVI.

« Qual parida leoa, fera e brava , etc.

Estacio disse na sua *Thebaida* :

« *Ubi leo, quam sebo statim pressere cubit
Venantos Numidas, natos erecta superstis,
Mondo sub incertis toruum ac miserabile frondens.* »

Est. XXXVII.

« Os montes Sete-Irmados atroia , e abala.

Foram assim chamados pelos Portuguezes, por apresentarem o mesmo aspecto.

Est. XXXIX.

« De uma nobre vergonha, e honroso fogo.

Assim se lê este verso na edição de Pedro Craesbeeck : outras trazem :

D'uma nobre vergonha, e honroso fogo.

Est. XL.

« Onde o triunfo cão perpetua fome
Tem das almas, que passam d'este mundo.

É o *Cerberus*, que guardava a porta dos infernos. Dissem que amanhava as almas infelizes, que la desciam, e devorava as que d'ahi queriam sair.

« E porque mais aqui se amanhece , e dorme
A suberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi devorada aos pés da lusitana.

Não como Duarte Nunes de Llido refere esse sucedido na *Crónica d'el-rei D. João I*, cap. 58 :

« Crecendo cada vez mais a fúria da batalha , e sendo mui reabunda de ambas os partos, a bandeira real de Castella foi abatida , e o pendão da deviza com ella, etc. »

E no capítulo 59 :

« El-rei cansado do grande trabalho que passara, lançou-se à repousar sobre um vil e baixo encosto , que ali achou, até que lhe viesse algum cavalo, em que cavalgasse; e tendo presos juncto consigo D. Pedro de Castro, e Vasco Pires de Camões; e jazendo assi d'aquella maneira, chegou António Vasques de Almeida embrulhado na bandeira real de Castella, e a apresentou a el-rei, vindo batendo com ella por graça: ao que el-rei não respondeu cousa alguma , nem fez mais que rir-se ; e a mandou guardar. »

Est. XLII.

« Ja de Castella o rei desbaratado
Se ve, e de seu propósito mudado.

« Pelojaram em sitio igual, e sem vantagem ; salvo que pelo o exercito de Castella a tinha em lhe dar o sol nas costas ao tempo da batalha, e no ex-

cessivo numero de gente ; a qual toda foi em menos de meia hora , e a flor de Hespanha , posta a fio de espada : *el-rei D. João de Castella* vendo a ruina de seu campo , e o pouco remedio que tinha para reparar tammanha perda , ainda que estava com maleitas , e mal debilitado , se por em um cavallo á gineta , e aquella noite correu nove leguas , que ha do logar da batalha até a villa de Sanctarem ; d'onde se foi per mar a Sevilha , onde se vestiu de lucto , e fez outras demonstrações de sentimento , dizendo a quem lh'o estranhava , « que o não fazia por perder uma batalha , sendo causa tam ordinaria entre os reis ; mas por ser vencido de tam pouca gente tam mal armada , e de quem elle não fazia conta . »

Esta victoria , e muitas outras , que el-rei houve per industria e valor de D. Nuno Alvares Pereira , seu condestavel , seguraram a el-rei D. João na posse do reino de Portugal .»

FREI BERNARDO DE BRITO, *Elogios históricos dos reis de Portugal.*

Est. XLVII.

« A's duas illustrissimas Inglesas ,
Gentis , fermosas , inclytas princezas .

Foram as duas filhas do duque de Lancastre. A primeira chamada D. Filippa casou com el-rei de Portugal , o senhor D. João I ; e a segunda D. Catharina com D. Henrique III , filho d'el-rei de Castella D. João I .

Est. XLIX.

« Abrindo as pandas asas vão ao vento .

« Garces Ferreira escreveu a seguinte nota acerca d'este verso :

« Abrindo as pandas asas é um pleonasm ; pois pandas quer dizer estendidas .»

É engano o presumir pleonasm no *abrindo as pandas asas* ; pois *pandas* não quer dizer *estendidas* ou *abertas* , mas sim *encurvadas* ou *cónicas* , como o Poeta as denomina em outra parte (*Lusíadas*, cant. I, est. 19) , epitheto que quadra bem a vélas , quando inchadas do vento. A esta intelligencia se accommoda Faria e Souza , dizendo : « El Poeta por *pandas* entiende *curvas ó cónicas*..... y tambien puede entender *duras*, *tiesas* por *pandas* , segundo Nebrissa : y será epitheto muy proprio , por quan *tiesas* son las vélas .»

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Traité de versificação portuguesa.*

« e segura toda Hespanha
Da juliana , má e desleal manha .

Bem notorio é a todos que Rodrigo , tendo abusado d'uma joven e bella dama da sua corte , chamada Cava , e expulsado indignamente o conde Julião , pae d'essa dama (o qual pedia a elle Rodrigo reparação de sua honra ultrajada) para vingar-se de tam grande menoscabo , chamou os Mouros á Hespanha .

Est. LII.

« So por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava.

« El-rei de Portugal fez uma armada em que mandou os ifantes D. Henrique e D. Fernando seus irmãos á África com quatro mil homens de cavalo e dês mil de pe, e pozeram cerco á cidade de Tanger; na qual havendo muitos mil homens de cavalo pera a poderem defender, os vieram soccorrer os reis de Fez e Tafilete com noventa mil homens de cavalo, e numero sem conta de gente de pe.

E como os christãos se viram em tanto aperto, pera se salvarem da morte, de que não podiam escapar, vieram a partido, que os Mouros deixassem ir aos christãos; com tanto que el-rei de Portugal lhes largasse a cidade de Septa, que lhes tinha tomado, e lhes desseni pera isso arrefens. Entre os ifantes D. Henrique, e os capitães portuguezes foi assentado que o ifante D. Fernando se entregasse aos Mouros em penhor até a entrega de Septa.

Çala-Bem-Çala, que fôra senhor de Septa, o levou a Fez, onde o entregou a Lazaraque, o mais cruel Mouro que o mundo viu; o qual lançou o ifante n'uma horrivel massmorra, onde jazeu até que acabou a vida.»

DUARTE NUNES DE LIAO, *Descripção do Portugal*.

Est. LVII.

« Vai commetter Fernando d'Aragão.

Assim escreveu Manuel Correa este verso. Em outras edições lê-se :

« Vai commetter Fernando de Aragão.

—
« Desde Cadiz ao alto Pyreneu.

Segui esta lição de Manuel Correa. A edição Rollandiana de 1843 traz :

« Desde Caliz ao alto Pyreneu.

Est. LX.

« Porém despois que a *escura noite eterna*
Afonso aposentou no ceo sereno, etc.

« Aqui vemos — *noite* — exprimindo *morte*, per translação metaphórica, e per virtude do epitheto *eterna*, com um accidente de mais, para avivar a energia picturesca d'esta imagem no adjetivo *escura*.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 242.

Est. LXI.

« Manda seus messageiros, que passaram
Hespanha, França, Itália celebrada, etc.

Per terra enviou D. João II a Pedro da Covilham, e Afonso de Palva, que penetrasssem a India, aonde desejava levar a luz do Evangelho. Chegaram a Rhodes, Alexandria, e Cairo : apartados, buscou o Palva a Etiopia; o Covilham a India : este, vóltio da Asia, achou no Cairo

morto o companheiro : observou grande parte dos reinos orientaes ; viu o Preste João ; foi o primeiro de Hespanha , e de Portugal que entrou n'aquelle imperio.

Est. LXII.

« E d'alli ás ribeiras altas chegam ,
Que com morte do *Manho*, são famosas.

A edição Rollandiana dá assim este verso :

« Que co'a morte do *Magno* são famosas.

E a de Hamburgo :

« Que com morte do *Magno* são famosas.

Nem uma, nem outra me agradaram. A primeira apresenta o con-juncto insuportavel *Que co'a*; e ambas o vocabulo *Magno*, que deve escrever-se e pronunciar-se *Manho*, em razão da melodia metrica.

Refere-se aqui o Poeta á cidade d'Alexandria no Egypto , em cujas praias foi assassinado Pompeu o *manho ou magno*.

Est. LXIII.

« As costas odoriferas sabeias,
Que a mãe do bello *Adonis* tanto honrou.

Allude Camões á celebre Myrrha ; a qual, em castigo da sua paixão incestuosa, foi convertida, segundo a fabula, na arvore que dá o incenso. (*Véde Ovidio , Metamorphoses , liv. 10, v. 461, etc.*)

Est. LXIV.

« Que as *fontes* onde nascem teem por gloria.

Corria entre os antiguos , que as *fontes* dos rios Tigre e Euphrates jaziam no Paraiso-Terreal.

« D'alli vão em demanda da *agua pura* ,
Que causa infa sera de *larga historia*.

Vasco da Gama pre-sentia ja os grandes feitos, que seus conterraneos obrariam no Oriente. Via-os, no porvir, combatendo ás orlas do Indo , e a Musa da historia traçando seus triumphos.

Est. LXV.

« Que cada região produze , e cria.

Manuel Correa escreveu :

« Que cada região produz , e cria.

Est. LXVI.

« Logo , como tomog do reino o cargo , etc.

Eis como Manuel Correa nos transmittiu esse verso ; e eu preferi-o , por mais numeroso e correcto, a est'outro que se lê em algumas edições :

« Logo , como tomou do reino cargo.

Est. LXVII.

«..... No tempo que a lux clara
Fuge, e as estrellas nitidas, que saem,
A repouso convidam quando caiem.

Virgilio disse :

«..... *Et jam nox humida calo*
Principitat, ruidentque cadentia sidera somnos.»

Eneida, liv. II. v. 8, etc.

(Leia-se a sabia nota que a estes versos fez o editor da edição Rollan-diana.)

Est. LXX.

« Aves agrestes, feras, e alímerias
Pelo monte selvatico habitavam.

« *Alímeria* é derivado de animal, como *alma* de anima, com pequena diferença; mas a supersticiosa adhesão do Madureira à etimologia material, lhe fez dizer « que se João de Barros nas *Decadas*, e Camões nos *Cantos* usaram da palavra *alímeria*, foi mais por ser esta a pronunciação do vulgo, que a propriedade da palavra. » Não eram estes autores tam leves, que seguissem a corruptela do vulgo; antes tiveram mais juizo em seguir o uso; contentando-se com a derivação que elle approvara. »

NUNES, *Causas da decadencia da língua portuguesa*,
pag. 383.

Est. LXXI.

« Das aguas se lhe antolha que salam,
Pera elle os largos passos inclinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspetto,inda que agreste, venerando :
Das pontas dos cabellos lhe caiam
Gottas, que o corpo todo vão banhando ;
A cér da pele baça e denegrida;
A barba hirsuta, intensa, mas comprida.

Adoptei essa lição da edição de Gendron, dada á luz em 1750; porque me pareceu menos escabrosa que est' outra, que se lê na edição Rollan-diana ja citada :

« *Par' elle* os largos passos inclinando, etc.

Outras trazem :

« *Para elle* os largos passos inclinando.

Virgilio disse :

« *Huic Deus ipse loci fluvio Tiberinus amano*
Populeas inter senior se attollere frondes
Vixis; cum tenuis glauco velabat amictu
Carbasus, et crines umbrosa tegebat arundo.»

Eneida, liv. VIII, v. 32, etc.

Est. LXXIV.

« Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro.

Opinaram alguns authores que o Ganges (bem como o Tigre, o Euphrates, e o Nilo) tinha o seu nascimento no Paraíso-Terreal; d'onde, depois de haver corrido longo espaço per debaixo da terra, saia juncto do monte Imauz. Camões mostra aqui abraçar esta opinião. — Serve também esta mesma nota para explicar a expressão do verso 4º, est. I, do cant. 7:

E o Ganges, que no ceo terreno mora.

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

EST. LXXVII.

« Me põe o inclito rei nas mãos a chave
D'este commellimento grande e grave.

« *D. Manuel, rei de Portugal*, a 8 de julho de 1437, enviou Vasco da Gama per mares nunca antes navegados, climas desconhecidos, regiões brutas. Com quatro navios passou a festa do Natal defronte da costa, a que deram este nome. Sem verem Sofala, entraram no rio dos bons-signaes, chegaram a Moçambique, cujo rei dissimulado deu um piloto, que os perdesse; mas Deus, que escolhia os Portuguezes para levar seu nome ás nações distantes, os livrou de todo o perigo. Em Melinde acharam boa hospedagem. Chegou o grande Vasco da Gama a Calecut; conheceu os reinos de Malabar, Cranganor, Cochim, Coulão. Em Calecut fallou ao Samorim, poderoso monarca da Índia; e estabeleceu com elle paz. O mundo pasma na Europa, ouvindo que Vasco entrara pelo Tejo, vindo do outro mundo, e terras dos Antipodas.»

AZEVEDO, *Epítome da História portuguesa*.

EST. LXXX.

« Onde os campos de *Dite* a Estyge lava.

Dite é o mesmo que Plutão, deus dos infernos.

« Por vós, o' rei, o esp'ritu, e carne é pronta.

Assim se acha impresso este verso nas edições, que consultei: todavia, o artigo *a*, parece-me necessário; porque, com elle, fica o verso mais correcto e numeroso. Emendei pois, e escrevi:

« Por vós, o' rei, o esp'ritu, e carne é pronta.

EST. LXXXI.

« Acompanhar-me logo se oferece, etc.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, em vez d'est' outra, que se acha n' algumas edições:

« A acompanhar-me logo se oferece, etc.,

para evitar o hiato desagradável que formam as duas vogais seguidas *A a.*

« (Obrigado d'amor, e de amizade.)

Este verso, que assim nos deixou Pedro Crasbeck, é mais numeroso que o seguinte:

« (Obrigado d'amor, e d'amizade.)

Est. LXXXIII.

«Assi foram os Minyas ajunctados,
Pera que o véo dourado combatessem,
Na fatídica nau , que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

Foi a nau Argos, segundo a mythologia, construída de madeira da floresta Dódona, cujas arvores prediziam o futuro. Jason, vóltio de sua expedição, consagrhou a dita nau á deusa Pallas, que a poz no ceo.

Est. LXXXV.

« *Elas* prometem , vendo os mares largos ,
De ser no Olympo estrelas, como a de Argos .

« Falla o Poeta das naus, que foram descobrir a India, allegorizando à expedição do Vellozinho-de-ouro, na antigua Grecia. »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Anályse* , pag. 220.

Est. LXXXVI.

« Pera o summo Poder, que a ethérea corte
Sustenta so co'a vista veneranda ,
Implorámos favor, que nos guiasse ,
E que nossos começos aspirasse.

« N' elle (templo de Belem) se recolheu Vasco da Gama, na vespera do dia de seu embarque , empregando a noite inteira em orações e votos, na companhia dos religiosos do proximo convento : e no dia seguinte, com quantos tinham vindo para despedir-se d' elle e de seus companheiros , foi com grande sequito acompanhado até os batels. E então , não somente os religiosos, mas todos os mais em altas vozes, e os olhos cheios de lagrymas , pediam a Deus que tam perigosa navegação lhes fosse a todos prospera e boa ; e que tendo dado bom acabamento áquelle feito, voltassem todos á patria com salvamento : e ja mesmo entre muitos se levantava tal pranto, e taes lamentos , que disseras os levavam ao molimento; rompendo n' estas lastimas : « Ah miseros mortaes , onde nos arrojou tal ambição, e tal cubica ! Que mais hórridas justiças fariam n' estes coitados, a terem n' algum facinoroso crime decabido ! Tam longos e desmesurados mares, que teem de perpassar, tam despideladas montanhas de ondas, que teem de atravessar, e os riscos, que em tantas paragens lhes estão a vida ameaçando ! Não lhes fôra mais comportavel acabal-os com qualquer felicão de morte, que lançal-os, em tal desvio da patria, n'uma campa de salgadas ondas ? » Estas e outras muitas vozes, a este sabor, diziam , quando ainda no peito lh'as representava mais maviosas o receio : em quanto o Gama (ainda que algumas lagrymas dava á sua saudade, confiado toda-via no bom rosto da esperança) subiu mui despejado á capitania com feliz auspicio. n'um sabbado 8 de julho do anno de 1497. Nem se quizeram arredar da praia os que assistiram á partida, que não perdessem de vista as naus, a quem prospero vento ensunava em cheio as vélas. »

OSORIO, *Vida d' el-rei D. Manuel.*

Est. LXXXVII.

« Partimo-nos assi do sancto templo , etc.

« *Nossa Senhora de Belém*, de religiosos de san' Jeronimo. È edificio nobilissimo e magestoso, onde (como bem diz Manuel de Faria) se ve acompanhada a grandezza de curiosidade, de arte a architectura, e depreço a materia. Fundou-o juncto do mar, não muito distante da foz do Tejo, el-rei D. Manuel, no anno de 1499, que el-rei D. João III, seu filho, ampliou com igual magnificencia, conforme expressam os disticos latinos compostos pelo mestre André de Resende, que estão gravados em pedra per cima da portaria do convento, e dizem :

« *Vasta mole sacrum Divinæ in littore Matris
Rex posuit Regum Maximus Emmanuel.
Auxil opus heres Regni, et pietatis ulterque
Structuræ certant, religione pares.* »

Defronte d'esta sagrada e real fabrica , dentro da agua , fez edificar o mesmo rei D. Manuel , da parte do Norte , uma torre de estructura quadrada e magnifica, munida com duas baterias alta e baixa, para defender, não só o convento, mas a entrada do porto de Lisboa . »

CASTRO , *Mapa de Portugal*.

« Que nas praias do mar está sentado.

Os nossos poetas, assim antigos como modernos , costumavam e costumam suprimir uma syllaba nas vozes, que lhe concediam e concedem essa suppression , quando a harmonia do verso o pede : v. g. *repender por arrepender*, *desparecer por desapparecer*; e outras muitas. Moraes disse no seu diccionario : « *Sentar* (V. *Assentar*) posto que de ordinario se diz *sentu-te*, *sente-se*, etc. Deve porém advertir-se que, n'este logar, a sobredita voz significa *edificado*, *fundido*. » Outras edições trazem :

« Que nas praias do mar está assentado. »

Verso duro e mui prosaico.

Est. LXXXIX.

« Miles, esposas, irmãs (que o temeroso
Amor mais desconha) acrecentavam
A desesperação, e frio medo
De ja nos não tornar a ver tam cedo.

Dou esse verso assim escrito per Manuel Correa; porque o verbo acrecentavam, sem s (qual então se pronunciava) torna o mesmo verso mais euphonico.

Est. XCI.

« Porqué is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que é minha, e não é voessa?

Is por *ides* foi muito costumado de nossos classicos. Exemplo :

« E vós, bella companha, que subida
Per altos montes is exercitando
A dura caça com veloz corrida , etc. »

JERONIMO CORTE REAL, *Navífrégio de Sepultado*, cant. 2.

EST. XCIII.

« Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, n'este estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado :
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado ;
Que, posto que é de amor usança boa ,
A quem se aparta , ou fica , mais magoa.

« A patria deve preferir-se no amor aos amigos, parentes, e até aos proprios paes e filhos. Camões não se esquece em assignar ao seu heroe e illustres companheiros, na citada oitava, esta brillante qualidade. Este amor da patria é dado pela natureza até aos mestros barbaros. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Poética de Horacio*,
pag. 212.

EST. XCV.

« Oh gloria de mandar ! Oh vã cubica
D'esta vaidade, a quem chiamámos fama ! etc.

« A elegantissima falla , com que Camões termina o canto IV dos *Lusíadas* , tambem nos pinta , no caracter de um velho (alem da desconfiança) a censura e reprehensão dos valerosos mancebos, que via apostados á empresa, que elle considerava cheia de tanto perigo e dúvida. E so lhe parece bem a continuação da guerra africana ; talvez por nenhum outro motivo mais que por haver sido n'ella creado. D'onde se ve que , ao passo que estranha a novidade da expedição asiatica , louva o que estava approvado pelo uso do seu tempo. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Poética de Horacio*,
pag. 166.

« Oh fraudulento gosto, que se alia
C'uma aura popular, que honra se chama !

« *Aura* por favor é todo tirado do latim per Camões. É phrase propria da poesia epica e lyrica , polo que tem de sublime e audaz : a qual é tam frequente nos latinos poetas e prosistas , que excuso relatar exemplos. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 123.

EST. CI.

« Porque a fama te exalte, e te lisonge.

Aqui, pela figura apócope, cortou Camões á palavra *lisongeite* uma syllaba : o que tambem sucede frequentemente nas vozes *dés* e *guar-te*, etc., em lugar de *désde* e *guarda-te*, etc.

« Da India , Persia Arábia , e de Ethiopia.

Adoptei esta lição de Manuel Correa, para evitar a concurrencia da da que se acha em outras edições, como se aqui ve :

« Da India , Persia , Arábia , e da Ethiopia.

Est. CII.

« Oh maldicio o primeiro, que no mundo
Nas ondas vélas poz em secco lenho !

Horacio disse :

« *Illi robur si es triplex*
Circa pectus erat, qui fragilem truci
Commisit pelago ralem
Primus. »

Ode III.

« Digno da eterna pena do *Profundo*, etc.

« Escrevemos com inicial o vocabulo *Profundo*, em oposição ao que se encontra em outras edições; por servir aqui para designar substantivada e antonomastica a ideia do *Abysmo* ou *Inferno*.—Igual correcção, e por identidade de razão, fizemos na est. 41, v. 2, e na est. 44, v. 6, d'este mesmo canto. »

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

« Mas comtigo se acabe o nome , e gloria.

Esta lição de Manuel Correa torna o verso mais sonoro, que est' outra que se lê em algumas edições :

« Mas comtigo se acabe o nome , e a gloria.

Est. CIII.

« *Trouxe o filho de Japeti do ceo*
O logo , que ajuntou ao peito humano , etc.

Imitação de Horacio :

« *Audax Japeti genus*
Ignem fraude mali gentibus intulit :
Post ignem ethered domo
Subductum , macies et nove febrium
Terris incubuit cohors. »

Liv. I. od. 3.

Est. CIV.

« Não commettera o moço miserando
O carro alto do pae , etc.

Foi *Phasonte*, o qual querendo governar o carro de seu pae *Apollo*, abrasou o mundo ; mas Jupiter o matou com um raio.

« O grande architector, co' o filho dando
Um , nome ao mar, e outro fama ao rio.

O grande architector é Dedalo , e o filho é Icaro.

Esta lição de Manuel Correa pareceu-me inferior á seguinte que se acha n'outras edições :

Um nome ao mar, e o outro fama ao rio.

« Nenhum compromisso.....
Deixa intentado a humana geração.

Horacio disse :

« *Nil intentatum nostri liquere.....* »
Epistola aos Pisões, v. 285.

CANTO QUINTO.

EST. II.

« Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Neméu truculento.

É o leão que Hercules matou no bosque *Nemeu*, em Achaia.

EST. IV.

« As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso *Henrique* descobriu.

O infante D. *Henrique* não só foi o primeiro descobridor de novas terras per seus enviados, mas inspirou o gosto dos descobrimentos com que depois se fizeram tam grandes cousas.

« Terra, que *Antheo* n'um tempo possuiu,
Deixando à mão esquerda; que à direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

Antheo foi um gigante filho da Terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.

« Christovão Colombo somente na sua terceira viagem, em 1498, foi que descobriu o continente americano ao Norte da linha; por isso o Gama apenas podia suspeitar a sua existencia no anno de 1497, em que saiu de Lisboa. A parte d'aquelle continente ao Sul da linha foi descoberta em 1500 per Pedr' Alvares Cabral. »

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

EST. V.

« Passámos a grande *Ilha da Madeira*,
(Que de muito arvoredo assi se chama)
Das que nós povoámos, a primeira.

« No anno 1419, sendo rei de Portugal D. João I, debaixo dos auspícios do Infante D. Henrique, descobriu João Gonçalves Zarco a *Ilha da Madeira*, d'onde trouxe para si e seus descendentes o illustre appellido da *Camara*; e com que abriu caminho ás grandes conquistas, que depois fizeram os Portuguezes na Africa, e na Asia. »

ANTONIO PEREIRA, *Compendio das épocas.*

« Antes, sendo esta sua, se esquecera
De *Cipro*, *Gnido*, *Paphos*, e *Cythera*.

Cypro, e não *Cypre* é como pronunciavam os contemporaneos a Camões. Exemplo :

« A fresca e fertil *Cypro*, onde se honrava
Antiguamente a bella Cytherea. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cerco de Diu*, cant. 13.

Est. VI.

« Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os *Azenegues* pastam, etc.

Descreve Camões n'esta estancia o vasto deserto de Saara.
Era o rio do Senegal, conhecido dos antiguos sob o nome d'*Azenegues*.
« Onde as aves no ventre o ferro gastam.

A Massylia, hoje o Dahra é, por assim dizer, a patria das *avestruzes*, as quaes ahi andam em bandos. Sua voracidade inspirou aos viajantes, e aos naturalistas a ideia de que essas aves digeriam o ferro.

Est. VII.

« Onde jazem os peves, a quem nega
O filho de *Clymene* a cér do dia.

Clymene, nympha, filha do Oceano, e de Tethys. Amou-a Apollo; casou-a; e houve d'ella Phaetonte com suas irmãs Lampecia, Phaethusa, e Lampethusa.

« Aqui gentes estranhas lava, e rega
Do negro *Sanagá* a corrente fria.

Camões, pela figura hypallage, attribue ao proprio rio a cér dos habitantes d'esse paiz. A dita figura de transposição acha-se a miude nos Poetas. Virgilio disse com bastante elegancia :

« *Ibant obscuri soldi sub nocte silentes.* »

Est. VIII.

« Entrámos, navegando, pelas filhas
Do velho Hespírio, *Hespérides* chamadas.

Allude o Poeta ás *ilhas de Cabo-verde*; bem que alguns escriptores antiguos designem tambem, pelo nome *Hespérides*, as ilhas Canarias.

Est. IX.

« D'aqui, tanto que Bóreas nos ventou,
Tornámos a cortar o *immenso lago*.

« Pintura sublime no sentido, e no estylo! A ultima clausula do desredo verso pinta, com a maior liberdade, a extensão immensa do Oceano. A metrificação, e o estylo são cheios de tanta harmonia e cultura, que não podem ser excedidos.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 238.

Est. XI.

« As Dórcades passámos, povoadas
Das Irmãs, que outro tempo alli viviam.

Per outro nome chamadas *Gorgonas* : querem alguns sejam as *Ilhas de san' Thomé*, e *Príncipe*, Juncto a Manicongo.

« Tu so, tu cujas tranças encrespadas, etc.

Medusa. (*Véde Metamorphoses* de Ovidio, liv. 1, v. 738, etc.)

Est. XII.

« No grandissimo golpham nos mettemos,
Deixando a serra asperrima leoa.

O choque das ondas, que se espedaçam nos escolhos que orlam a costa, similia o rugido que, ao longe, ecoa. Eis porque os navegantes portuguezes a denominaram assim.

Camões, insigne poeta imitativo, duplica n'este verso a concurrencia dos *rr*, para designar o tal rugido e a escabrosidade da serra. António Ribeiro dos Santos, disse tambem na sua ode aos Lusos argonautas :

« Sem medo o Bojador bramar ouviram;
Troar o carro dos tremendos deuses;
Rugir a serra asperrima leoa ;
E assobiar com silvos horrorosos
O dragão das Hespérides,
As víboras das Górgonas. »

Est. XIII.

« Per onde o Zaire passa claro e longo.

Esse rio nasce em a Negriça ; rega o Congo ; e lança-se no Oceano atlântico com tal impetu, que o refluxo de suas aguas se faz sentir em pleno mar, e isso a algumas leguas da margem.

Est. XIV.

« Ja descoberto tinhamos diante,
La no novo hemisphério , nova estrela.

É essa nova estrela a constellação do *Cruzeiro*, a qual serve aos nauticos para marcarem o polo do Sul.

Est. XV.

« Vimos as *Ussas*, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno.

Calysto, sendo enganada per Jupiter, pariu *Arcas*; e a ciosa Juno metamorphoseou-os em *ursos*; mas Jupiter collocou-os no ceo. *Calysto* é a *ursa maior*, e *Arcas* a menor ou *Bootes*.

Ussa, e não *ursa* foi como pronunciaram e escreveram os quinhentistas. Exemplo :

« Se tal razão em tal materia é dina,
Bem te podem meus versos parecer,
Pois m'os inspira amor, pois m'os ensina.

Ha n'elles que cortar, ha qu'estender :
 Vão como paro d'essa, buscam vida,
 Outra forma melhor, um novo ser. »

DIOGO BERNARDES, *O Lírio*, carta 2.

Est. XVI.

« Aindaque tivesse a voz de ferro.

Assim dão escripto este verso as edições que consultei; mas o prenome *eu* subintendido parece-me indispensavei: elle torna o verso mais numeroso e digno da magestade epica. Emendel pois :

« Aindaque *eu* tivesse a voz de ferro.

Est. XVIII.

« Vi, claramente visto, o lume vivo,
 Que a maritima gente tem por santo.

É o phenomeno igneo, que apparece aos marinheiros durando a tormenta, cognominado *Sanct' Elmo* ou *Corpo-Sancto*, etc.

« causa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas aguas do Oceano.

São as trombas-marítimas, phenomeno horroroso e frequente no mar das Indias. Plínio o naturalista descreveu-as em poucas palavras :

« *Fit et caligo, bollua similis nubes, dira navigantibus: vocatur et columna quem spissatus humor rigensque ipse se sustinet et in longam veluti fistulam nubes aquam trahit.* »

Est. XXI.

« Qual roxa sanguesuga se veria.
 Nos beicos da alimaria (que imprudente
 Bebendo a recolheu na fonte fria)
Fartar co'o sangue albeio a séde ardente :
Chupando mais e mais se engrossa , e cria;

« Horacio disse na *Arte poetica* :

« *Non missura cutem, nisi plena cruxoris, hirudo.* »

« N'essa estancia os vocabulos *sanguesuga*, *beicos*, *alimaria*, *fartar* e *chupar*, nada teem de nobres; mas a propriedade, proporção e evidencia com que representam o modo assimilhado, lhes dão o esplendor, de que a vulgaridade dos objectos , a humildade das acções , e a plebeia communum locução os tem privado. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de conceitos*.

Est. XXIII.

« Se os antiguos philosophos, que andaram
 Tantas terras, por ver segredos d'ellas,
 As maravilhas, que eu passei, passaram,
 A tam diversos ventos dando as vellas, etc.

« Todo o resto da estancia contem pensamentos relativos a estes quatro

versos allegados, e são um pinho-de-euro. Tanto é superior o verso rhymado ao que o não é! »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 310.

Est. XXVI.

« Desembarcamos logo na espaçosa
Párté, per onde a gente se espalhou, etc.

Foi na angra de sancta Helena, em 32° 40' de latitude meridional.

• Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

O astrolabio foi inventado em Portugal, no reinado de D. João segundo, pela volta do anno 1480, dês scie annos, pouco mais ou menos, antes da expedição do Gama.

Est. XXVII.

« Achámos ter de todo ja passado
Do semidípro peixe a grande meta.

É o signo-de-Capricornio, o qual serve para marcar e designar o trópico do mesmo nome. Representan-o algumas vezes sob a figura d'um bode, rematada inferiormente em cauda de peixe.

Est. XXVIII.

« Selvagem mais que o bruto Polyphemo.

Polyphemo foi um Cyclope, filho de Neptuno e da Terra; o qual, segundo os poetas, tinha um só olho na tésta, tam grande como uma rodelha. Era fero, cruelissimo, e comedor de carne humana.

Est. XXX.

« Domesticos ja tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernan' Velloso a ir ver da terra o trato.

Fernan' é abreviatura de Fernando, como gran' de grande, sanct' ou san' de sancto, etc.

As outras edições trazem :

« Fernão Velloso a ir ver da terra o trato.

Est. XXXIII.

A resposta lhe démos tam lecida, etc.

Eu emendei :

A resposta lhe démos tam crescida, etc.

(Lêa-se a sabia nota a este verso feita pelos editores da edição de Hamburgo.)

Est. XXXV.

« Disse então a Velloso um companheiro ,
(Começando-se todos a surrir)

« Olá Velloso amigo , aquelle outeiro
É melhor de descer , que de subir . »
« Si e (responde o ousado aventureiro)
Mas quando eu pera ca vi tantos vir
D'aquelles cães , depressa um pouco vim ,
Por mè lembrar que estaveis ca seu mato . »

« Esta resposta de Velloso ao camarada , que engracadamente o picava ,
pola ligeireza com que se retirara dos cafres , é não menos jovial que delicada : ella salva-o da vergonha que o mesmo camarada lhe procurava causar pela fugida . »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA , *Poética de Horacio* , pag. 134.

Virgilio escreveu :

« Illum et labentem Teucri , et risere natiorem ,
Et saltos rident removentem pectore fluctus . »
Enfida , liv. v. v. 181 , etc.

Camões , em vez de *mi* , empregava este prenome , como hoje se escreve e articula , quando a *rhyma lh' o* pedia .

EST. XXXVI.

« Porque saindo nós pera tomallo
Nos podessem mandar ao reino escuro ,
Por nos roubarem mais a seu seguro . »

« A simplicidade da narração de um acontecimento , que nada tem de extraordinario , se communica ao estylo d'esta passagem ; cuja phrase é conforme ao assumpto , como costumam fazer os Genios sabios , e só se distingue na pureza e harmonia . »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyse* , pag. 235.

EST. XXXIX.

Não acabava , quando uma figura
Se nos mostra no *er* , robusta e edilida .

« Estes esdruxulos contribuem muito para o sublime , sendo collocados em seu devido lugar ; e podem-se reputar palavras sesquipedaes das linguas vivas , que mais affinidade teem com a latina . »

« A beleza da pintura , no primeiro verso , consiste nas cesuras do meio , e no fim do ultimo hemistichio : começa a beleza no *er* sem coníracção , e nos dous epithetos do fim , em que parece que a figura se val ergundo visivelmente . »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Obras poéticas* , pag. 313.

Francisco Manuel , ao ler tam sublime episodio , escreveu as seguintes estrofes :

« Olha a rama vivaz , que a frente cinge
De Camões sublimado e sonoro :
Va como o Adamastor desmesurado ,
Para elle se debruga ;
E ao largo da alta espádua lhe dá mostra
Do honrado cavaleiro , e gentil dama
Que viu morrer de fome os filhos caros
Nas ardentes areias . »

Est. XL.

« Tam grande era de membros, que bem posse
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que um dos sete muiagres foi do mundo.

« Na hyperbole d'extensão quantitativa, se houve o nosso Camões com mais ingenho, atenção e economia que Homero e Virgilio: um descrevendo a estatura da *Discordia*, e outro a da *Fama*; tendo cadauma os pés na terra, e a cabeça alem das nuvens: pois na imagem que faz do gigante Adamastor, não o compara na grandeza com o monte, que n'elle se intedia; mas com o *colosso rhodiano*, que foi uma hyperbole visivel, que subiu a settenta covados de altura, e uma das sette maravilhas, com que a arte humana ennobreceu o mundo, e admirou a natureza, tornando-se d'este modo verosimil a exageração da apparente estatura do gigante, com a probabilidade do *colosso*, a quem (á vista do cabo tormentorio) conferir uma e outra machina: assim o ideiou Vasco da Gama a el-rei de Melinde per boca do Poeta. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de concursos*.

Est. XLIII.

« E da primeira armada, que passagem
 Fizer per estas ondas insofridas,
 Eu farei d'improvviso tal castigo,
 Que seja mor o damno, que o perigo.

« Foi esta armada a de Pedr' Alvraes Cabral que, de treze navios que a compunham, lhe socobraram quatro, sem d'elles escapar ninguem com vida, em uma violentissima borrasca, que o assaltou n'essas alturas.

Pedr' Alvares Cabral em 1500, na segunda armada que de Portugal saiu para a India, descabiu muito do Equador ao Sul para montar melhor o cabo da Boa-Esperança, foi dar, em 24 d'abril, em costas nunca vistas, praias Incognitas do 10 até 17 graus e meio, 450 leguas occidentaes ás da conhecida Africa. Admiraram o bom clima, e fertilidade do paiz donde, ouvida missa, arvoraram o standarte da *Sancta-Cruz*; nome que ficou ao sitio, trocado em *Brasil*, polas muitas arvores d'esta madeira. Ficaram douz Portuguese entre os Americanos para saber sua lingua e costumes. Veio o capitão Gaspar de Lemos a Portugal com a noticia. »

AZEVEDO, *Epítome da história portuguesa*.

Est. XLIV.

« Aqui espero tomar (se não me engano)
 De quem me descobriu, summa vingança:

Antes da viagem de Vasco da Gama, *Bartholomeu Dias* tinha navegado té o *Cabo-das-tormentas*, e mesmo alem; mas so na volta, o descobriu. A expedição do Gama teve lugar após essa noticia, todavia *Bartholomeu* não entrou na dita expedição; sim na esquadra de Pedro Alvares Cabral, e morreu n'uma furiosa procela que a saíteou.

De vossa perniciosa confiança :

Camões, pela figura paragoge, acrescentou uma syllaba ao vocabulo *pertinaz*.

EST. XLV.

« E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Per juizos incógnitos de Deos.

Foi *D. Francisco d'Almeida*, 1º vice-rei da India; o qual, no 1º de março de 1510, foi morto em uma briga entre os indígenas, e os da sua companhia, juncto á Bahia do-Saldanha.

EST. XLVI.

« Outro tambem virá de honrada fama,
E comigo trará a formosa dama, etc.

Manuel de Souza de Sepulveda, e sua esposa *D. Leonor de Sa* que, com seus filhos, pereceram desgraçadamente na Cafraria.

Camões descreve n'esta estanca, e nas duas seguintes, o lamentavel fin d'esses douis esposos, per modo que, sem o ver-mos, não faz differente effeito, que fizera presenciado.

EST. L.

« Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
A quem chamais vós outros tormentorio;
Que nunca *Ptolomeu*, Pomponio, Estrabão,
Plínio, e quantos passaram, fui notorio.

Eis como se acha impresso o nome *Ptolomeu* em todas as edições dos *Lusitadas* que consultei; mas os seus editores não repararam que esse vocabulo assi escripto volta o verso asperissimo, pela concurrence das syllabas *Pto* e *Pom*. Os nossos bons autores, mormente os poetas, davam de mão á etymologia, quando ella lhe arranhava os ouvidos. Eis porque, tanto Camões, quanto seus contemporaneos, escreveram e articularam a voz *Ptolomeu*, do latin *Ptolemaeus*, como se lerá nos seguin tes exemplos.

« Abi, sem passar mar, nem mudar sella,
Vereis pintado o mundo, ou per escrito
Em Plínio, *Tolomeu*, Pomponio-Mella. »

DIOGO BERNARDES, *O Lima*, carta 27.

E Luis Pereira, *Elegiada*, cant. 6 :

« Não ves como sem medo o africano
Terreno atravessam os que penduram
De *Tolomeu* as falsas esperanças,
E quam erradas são taes confianças? »

Escorado pois em tam graves auctoridades, emendei o verso de Camões como aqui vai :

« Que nunca a *Tolomeu*, Pomponio, Estrabão, etc.
E ell-o sem escabrosidade alguma.

Est. LI.

« Fui dos filhos asperrímos da Terra ,
Qual *Encelado*, *Egeu*, e o *Centimano*.

Gigantes que quizeram escalar o ceo na guerra que fizeram aos deuses.

Est. LII.

« Amores da alta esposa de Peleo , etc.

Foi *Thetis*, esposa de Peleo, e mãe de Achilles; e não Tethis, consorte de Neptuno.

Est. LIV.

« Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.

A voz *abundanças* foi empregada per Camões para rhymar com *esperanças*; pois no seu tempo ja se dizia *abundancia*.

Fernan' d'Alvares do Oriente escreveu :

« Despois me fez com grandes abundanças
De promessas mui rico e de favores,
Tributarios a medos e a mudanças. »

Lusitania Transformada, liv. I.

Est. LVI.

« Não fiquei homem não , mas mudo e quedo ,
E juncto d' um penedo outro penedo.

« Conta-se que o famoso Lope de Vega, estando pela primeira vez lendo este admiravel episodio , e chegando ao citado verso

« Não fiquei homem não , mas mudo e quedo ,

parou , e fez toda a diligencia para acabar a estancia com pensamento e phrase proporcionada ao assumpto. Vendo pols que toda a fadiga lhe era inutil, continuou na leitura, e ficou cheio de pasmo quando viu a facilidade , com que Camões havia conclujo o fecho da estancia com o seguinte verso . »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 311.

Est. LX.

« Assi contava , e c' um medonho choro
Subito d' ante os olhos se apartou.

Prefei esta lição de Manuel Correa; porque a preposição de sem apostrophe torna o verso mais numeroso. Outras edições trazem :

Subito de ante os olhos se apartou.

Est. LXI.

« Ja *Phlegon*, e *Pyrois* vinham tirando
Cô' os outros deus , o carro radiante.

Imitação d'Ovidio :

NOTAS

« Interes colores Pytrois, sous si Ethan,
Solis equi, quartusque Phlegon.... »

Mélamorphoses, liv. II, v. 153, etc.

« Quando a terra alta se nos foi mostrando
Ela que foi transformado o grão' gigante.

Dobrou a armada de Vasco da Gama o cabo da Boa-Esperança em 20 de novembro de 1497.

« Onde seguindo Vés terra tornâmos.

Na baía agora denominada Ayuda-de-San' Dres.

Est. LXII.

« Com festas, e com festas de alegria.

Conservei esse verso, qual o escreveu Manuel Corrêa, porque os quincentistas diziam desto, e não destos como hoje.

Est. LXIII.

« Cantigas pastoris em prosa ou rima.

Esta lição de Pedro Craesbeeck parece-me mais correcta que est'outra, que apresentam algumas edições :

« Cantigas pastoris da prosa ou rima.

« Imitando de Tityro as Camenas.

Pastor celebrado de Virgílio. Camenas são as Musas.

Est. LXV.

« Já àquela vinheta dado um grão' ruçado
A costa negra de África, etc.

Chama Camões *negra* a costa de África, para denotar pela negridão, os seus habitadores.

N'aquelle ilho foy seu limite certo.

Jak este ilho a quarenta e tantas leguasalem do cabo da Boa-Esperança; e é termo da primeira navegação de Bartolomeu Dias, que o meou *Sexto-Cruzeiro*.

Est. LXVI.

« Co' o mar um tempo andámos em perolas;
Que, come tudo n'elle não invidezes,
Corrente n'elle achámos tanta possessão,
Que passar não deixava por diante.

Foi esta corrente quem embargou Bartholomeu Dias de ir áente. Chama-se esse cabo *Cabo-das-correntes*. Vasco da Gama só pôde dobral-o ajudado d'um vento mui favoravel; o qual, soprando do Norte, impelia-o da costa.

Est. LXVIII.

« Traxia o sol o dia celebrado,
Em que tres reis das partes do Oriente
Foram buscar um Rei de pouco nado, etc.

Os tres róis são os róis Magos, os Rós de peso nado é Jesus-Christo.

« No qual Ros outros tres ha juntamente.

Allude aqui Camões à Trindade-Sanctissima ?

« N' um largo rio , ao qual o nome demos
Do dia , em que por elle nos mettemos.

Falla aqui o Poeta do Rio-dez-róis.

Est. LXXIII.

« E tornando a cortar a agua salgada ,
Fixemos d' esta costa algum desvio ,
Deitando para o pégo toda a armada .

« O termo pégo é o vocabulo latino ou grego *pelagus* , per suppressão syllabica : figura que os grammaticos denominam *syncope*. Significa ordinariamente a parte mais funda de um rio ; assim como na lingua grega a parte mais funda do mar. Tambem costumâmos applicar este termo a outros sentidos per varias translações. D'aqui vem pois a tomar-se metonymicamente pelo *mar* , na lingua latina e na portugueza : parte pelo todo. Assim vimos a possuir tres vocabulos positivos, que exprimem a massa commun das Aguas do universo , *mar* , *pégo* e *pélago* : este ultimo é o segundo *pégo* entendido pela poesia , á qual ficou consagrado , sem se afastar do latino *pelagus* . A phrase d'esta passagem é menos que simples , propria de um reteiro em verso . »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyses* , pag. 240.

Est. LXXVII.

« Dizem , « que per nosas , que em grandaza ignallam
As nossas , o seu mar se corta , e fende .

Pertenciam essas *nauas* a mercadores da Meca , e dos portos do Mar-Vermeilho ; as quaes , de primeiro , iam ás Indias , e abicavam a Sofala , antes de volverem ao seu paiz .

Est. LXXVIII.

« o nome tem de belli
Guiaador de Tobias a Gabello.

Gabello foi certo morador de Reges , na Media , de quem indo Tobias , per mandado de seu paiz , arrecadar um pouco de dinheira , e não se atrevendo ir so , lhe apareceu o *Arremjio am' Raphael* , e o acompanhou té o logar onde se dirigia .

Est. LXXIX.

« Houvemos sempre o usado mantimento ,
Limpo de todo o falso pensamento .

A edição da Manuel Correa traz :

Limpo de todo falso pensamento .

Est. LXXX.

« mas logo a recompensa
A Ressuscitação com nova desventura .

Deusa da vingança e indignação, adorada em Rhâmnas, aldeia de Atica; e por isso chamada *Rhamnúsia* ou Nemesis.

Est. LXXXIII.

« Emfim que n'esta incognita espessura
Deixámos pera sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura,
Foram sempre commosco aventureiros.

Virgilio disse :

» *Nudus et ignotus, Palinure, jacebis arend* »

« Estranhos, assi mesmo como aos nossos, etc.

Não ficaria talvez mais correcto esse verso, lendo-se
Estranhos, assi mesmo como nossos ?

Est. LXXXV.

« (Cuja brandura, e doce tractamento
Dera saude a um vivo, e vida a um morto).

Esta lição da edição de Pedro Craesbeeck parece-me menos conforme á
boa syntaxe, que est' outra :

« (*Dará* saude a um vivo, e vida a um morto.)

Est. LXXXVI.

« *Agora julga, o' rei, se houve no mundo, etc.*

Este verso, assim escripto na edição de Hamburgo, parece-me mais
correcto que est'outro, que se acha na mor parte das edições :

« *Julgas agora, rei, que houve no mundo, etc.*

Outras trazem :

« *Julgas agora, rei, se houve no mundo, etc.*

Est. LXXXVII.

« *Esse*, que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, *Rhodes*, *Smyrna*, e *Colophonias*,
Athenas, *Chios*, *Argo*, e *Salamina*.

Allude Camões a Homero.

Este logar nos *Lusiadas* é uma versão literal do antiquo distico citado per Aulo-Gellio :

« *Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri,*
Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Chios, Argos, Athenae. »

« *A cuja voz altisona e divina*
Ouvindo o patrio Mincio se adormece.

A cuja voz ouvindo o patrio Mincio se adormece, parece-me construc-

ção alheia da boa syntaxe. Emenda! E cuja voz, etc. Camões allude aqui a *Virgílio*.

Est. LXXXIX.

« Vientos soltos lhe finjam, e imaginem
Dos odres, e Calypsoas namoradas;
Harpyas, que o manjar lhe contaminem;
Descer ás sombras nuas ja passadas, etc.

« Não é possível que se encontre poesia mais rica do que a d'estes quatro versos, onde se ve recopilado o maravilhoso principal da *Odyseea*, e da *Eneada*. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 236.

Est. XCIII.

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandre na peleja, etc.

Um coração generoso e sensível á emulação, se lhe proponser-mos a glória e celebreidade do nome, em recompensa de suas acções, sentirá o que de *Alexandre*, e de Themistocles canta o nosso Poeta n'esta estancia.

Est. XCIV.

Sí; mas aquelle heroe, que estima, e ama
Com dões, mercês, favores, e bona tanta
A lyra mantuana, faz que soc
Eneas, e a romana gloria vœ.

Sí e não *sím* é como escreveram e pronunciaram nossos classicos.
Exemplo :

« *Sí*, ba, tornou o religioso. »
Faz: HEITOR PINTO, *Imagen da vida christã*,
pag. 46.

Est. XCV.

Dá a terra lusitana *Scipiões*,
Cesares, *Alexandros*, e dá *Augustos*;
Mas não lhe dá comido aqueles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos.

« Advirto que a palavra *dom*, quando é prenome de nobreza, faz no plural *dões*; e quando significa beneficio, ou doação, faz no plural *dões*: o primeiro vem de *dominus*; o segundo de *donum*. Polo que se não confundam os pluraes, que são diferentes diptongos. »

ALVARO FERREIRA DE VERA, *Orthographia*, f. 26.

« A respeito do plural *dões*, no sobredito sentido, não ha dúvida haver-se antigamente usado sempre d'esta maneira: hoje porém o uso mais commun é dizer-mos *dons*, tanto pola analogia com os demais nomes, que tem singular em *om*, como porque assim pronunciam e escrevem pessoas, que bem falam a nossa lingua. O padre Vieira usa de ambas as terminações. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Rudimentos da grammatica portugueza*,
nota III, pag. 17.

Est. XCVI.

O que de Scipião se sabe e alcança
É nas comedias grande experiência.

« Esta passagem de Camões nada mais tem de relevantes que uma facilidade inherente ao seu estylo, posto que apparente n'este logar, onde falta o verbo *ter*, que se deve suprir per um genero de ellipse, pouco natural á syntaxe da nossa lingua. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 120.

Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

« Alexandre Magno de dia as traxia (obras de Homero) nas māos , e de noite as tinha com sigo á cabeceira : e affirma Plutarcho, que tendo-se-lhe uma vez apresentado uma caixa preciosissima que fôra d'el-rei Dariu , disse « que era boa pera guardar n'ella a Ilíada de Homero. »

FARI HAXILO PINTO, *Imagen de vida christi*, pag. 15.

Est. XCVII.

Porque, quem não sabe a arte, não a estima.

Este verso, assim escripto per Manuel Correa, fica mais apto á boa pronuncia, que o seguinte :

Porque, quem não sabe a arte, não ne estima.

Os editores deviam escrever o dito verso do modo seguinte :

Porque, quem não sabe a arte, non-a estima.

Eis o que o eruditio editor do *Hysope*, poema heroi-comico de Antonio Diniz, disse acerca d'essa terminação em *n* :

« Apezar da manifesta aversão de nossos maiores contra a letra *n*, que em todas as desinencias elles supriam com a consoante *m*, como pouco soante , e muito menos nasal; notaremos porém que, para evitar os *hiatos*, costumavam, em algumas desinencias, conservar o som e a força do *n*, para ferir com elle a vogal que dêsse principio á palavra seguinte, nromente sendo artigos. Em alguns manuscritos dos xvi e xvii séculos, temos encontrado palavras acabadas em *n*, em vez de *m*, la onde a voz seguinte principia per vogal ; e todos nossos poetas, e prosadores dam-nos repetidas e sobejias provas d'este uso que, a favor da euphonía, reclama o emprego do *n*; mas achamol-o empregado de um modo que desfigura totalmente a razão de sua origem. Na *Lusitana Transformada* de Fernan' Alvares do Oriente vemos o exemplo seguinte (pag. 45, ediç. de 1781) :

« E os pastores *acata-mos* em vez de *acata-o*. »

O mesmo editor cita, alem de outros, o seguinte exemplo de Francisco de Sa de Miranda, na carta 2º, ao senhor de Basto, quentinha 86 :

« Almas', que sonhando andais,
O muito *non-o* troqueis
Por nadais, como o trocais :
As perolas orientais
Aos porcos *non-as* lanceais. »

Est. XCIX.

A's Musas agradeça a nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome, e fama
 De toda illustre e bellica fadiga :
 Que elle, nem quem na estyrpa tem se abome,
 Calliope não tem por tam amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As télas de ouro fino, e que o cantassem.

Os versos d'esta oitava parecem confirmar um antiquo boato que corre; e é que, interlado o descendente qu descendentes de Vasco da Gama, que estava para sair á lux um poema, que immortalizaria esse heroe, responderam com orgulhosa estulticia: « Nós temos os titulos e não carecemos de poema. » Casp effeito, palavras taes bem cabiam na boca de quem podia a si applicar ga seguintes versos de Camões :

Mas o peor de tudo é, que a ventura
 Tam asperos os fez, e tam austeros,
 Tam rudas, e de impôrdo tem escáudea,
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d' isso.

As télas de ouro fino, e que o cantassem.

Esse verso, assim escripto per Manuel Correa, fica mais cheio, que este de outras edições :

As télas d' ouro fino, e que o cantassem.

Est. C.

Não perderá seu preço, e sa valia.

« Os quaes idiomas (o castelhano, o italiano, e o portuguez) tendo mui proxima affinidade entre si, como os mais derivados do latino, e grego, adoptaram as mesmas regras de economia metrica, que os Provençaes lhes communicaram, e com elles as mesmas liberdades, as quaes se foram mais ou menos modificando nos ditos idiomas; segundo o grau de perfeição, que estes foram recebendo: por exemplo, em sua, parte feminina do possessivo seu, raramente deixavam de contrahir todos os melhores poetas que escreveram nos sopreditos idiomas modernos, fazendo de sua sa, á manelra dos Provençaes. Assim se usou em Italia desde Dante até ao Tasso: o mesmo em Castella desde Gonzalo Berbeso até D. Alonso de Ercilia; e o mesmo se praticou em Portugal desde o nosso rei D. Diniz até ao grande Camões. E antiquamente se costumava dizer, quer fosse no verso, quer na prosa, sa madre, sa vida, sa inclinaçao, por sua madre, sua vida, sua inclinaçao; some se pode ver nos hnos sonetos do dito rei D. Diniz, os quaes andam nas obras de António Ferreira. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 208.

CANTO SEXTO.

Est. I.

A ventura, que não o fez vizinho, etc.

Preferi esta lição de Manuel Correa a est' outra, que vem n' algumas edições :

A ventura que não no fez vizinho, etc.

Est. II.

Com que a Lagoia Antonio alegra, e engana.

Foi Cleopatra, rainha do Egypto, aquil designada pelo appellido da sua dynastia ; a qual começara em Ptolomeu, filho de *Lago*.

Est. VI.

Mas o meu de Thyoneu, que na alma sente, etc.

Não ficaria talvez melhor este verso assim escripto :

Mas o meu Thyoneu, que na alma sente? etc.

Est. X.

Do velho Chaos a tam confusa face.

Emprega Camões a figura synergia na voz *Chaos*, reduzindo-a n'este verso a monosyllaba.

Est. XIV.

*A's portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, etc.*

A edição de Hamburgo diz :

*E ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, etc.*

Est. XVI.

*Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei, e de Salacia veneranda.*

« A quem não parecerá, n'esta vivissima descripção e imagem poetica, que está vendo com os seus próprios olhos a esse monstro marinho ? Quanto melhor é esta hypotyposis feita em estylo asiatico, do que a que nos deixou Virgilio do mesmo monstro, retratando-o com ideia attica na poppa de uma nau, dizendo na *Enseada*, l. 10 :

*« Hunc vehit immanis Triton, et cœrulea concha
Exterrens freta, cui laterum tonus hispida nanti
Frons hominem præsert, in pristin desinit alvus. »*

Ignacio Garcez Ferreira, nas notas que fez a este poema (os *Lusiadas*) judiciosamente diz d'estas estancia : « Entra o Poeta a fazer uma admirável hypotyposis do *Tritão*, em que se observa uma singular fecundidade

de imagens poeticas, todas propriissimas, e (a meu ver) todas originaes do seu raro ingenho.»

FRANCISCO JOSEPH FAKIR, *Arte poetica*, tom. I. pag. 99 e 100.

Est. XVII.

*Nas pontas pendurados não falecem
Os negros maxilhões, que alli se geram.*

Manuel Correa escreven :

Os negros maxilhões, que alli se geram.

Est. XVIII.

Ostras, e breguições de musgo sujos.

Em Manuel Correa lê-se :

Ostras, e breguições de musgo sujos, etc.

A edição de Hamburgo traz :

Ostras, e maxilhões de musgo sujos.

Est. XXIII.

*Aquela, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello ífante,
No numero dos deuses relatado.*

Foram *Ino*, e seu filho *Melicerte* convertidos em divindades marítimas, com os nomes de *Leucóthea* e *Palémo*.

Ifante, e não ífante é como os quinhentistas dixiam. Exemplo :

« É morto o meu senhor? o meu ífante? »

ANTONIO FERREIRA, *Castro, tragedia*, act. 3.

Est. XXIV.

E o deus, que foi um tempo corpo humano, etc.

Allude Cambes á fabula de *Glaucos*, o qual de pescador foi convertido em divindade marítima, por ter comido certa herva. Namorou-se d'elle a maga Circe; mas vendo que *Glaucos* lhe preferia a fermosa Scylla, instigada pelo ciume, houve artes para converter a sua rival em um monstro marinho, envenenando a fonte onde esta tinha per costume ir lavar-se.

Scylla, que elle ama, d'esta sendo amado.

Na edição de Manuel Correa lê-se :

Scylla, que elle ama, d'ella sendo amado.

Est. XXV.

*De fumos enche a casa a rica massa,
Que no mar nasce, e a Arábia em cheiro passa.*

É o *ambaz*, substancia odorifera, que se encontra ás orlas do mar em certas paragens.

Que no mar nasce, e a Arábia em cheiro passa.

Esta lição de Manuel Correia faz o verso mais numeroso, que a seguinte d'outras edições :

Que no mar nason, e Arábia em cheira passa.

EST. XXIX.

« Vistes, que com grandissima quæsida,
Foram ja commetter o ceo supremo, etc.

Allusão à ode 3^a, liv. 1, das poesias lyricas de Horacio :

« *Expertus vacuum Dædalus aëra
Pennis non hominis datus;*
Nil mortaliibus arduum est;
Colum ipsum postimus stultitudi...»

« Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar contra vela, e romo,

Horacio disse :

« *Commixtis pelego relata.* »
Ode III, liv. 1.

« Vistes, e ainda venem cada dia,
Suberbas, e insolencias tales, que temo
Que do mar e da terra em poucos annos
Venham deuses a ser, e não humanos,

« Incribel e invencional era que os deuses viessem a ser humanos, e os humanos deuses, como inferiu Baccho ; que se possam na fama immortalizar os homens per empresas grandes e ilustres, e serem na veneração dos séculos, semideuses e heroes, ja o cantou Virgilio de Salonino, filho de Polílio :

« *Illi Deum vilam sociari, Divisque videtis
Permixtos heroes.* . . . , . . . , »

Elegia IV.

Porém o acerrimo odio, e temor extraordinario, que Baccho mostrou, e concebeu da navegação dos Portuguezes ás regiões da India, donde elle havia dilatado seu nome, e seus triumphos ; o ciúma de que outras prov. zas, e outra gloria o eclipsassem ; a desconfiança, a inveja, a emulação, e presagio de ver-se excedido e escurecido, dão aquella exagerante conclusão, deduzida de antecedencias, e circumstancias tam notórias, uma tal similitudânia de verdade, que a faz não parecer hyperbole.»

FRANCISCO LÍGITO FERREIRA, *Arte de concetos.*

EST. XXX.

« Vedes, o vosso reino devassando, etc.

A edição de Pedro Craesbeeck traz :

« Vedes, que o vosso reino devasaundo, etc.

Est. XXXI.

« Eu vi qua contra os Minyas, etc.

Foram os Argonautas.

Ovídio disse :

« Jamque fratrum Minye Paganus puppe secabat. »

Est. XXXII.

« E não consinto, deuses, que cuideis,
Que por amor de vós do vos dei, etc.

O verbo *descí* sem *s*, qual o escreveu Manuel Correa, torna este verso menos euphemico.

Est. XXXVII.

Ja ia o suberbo *Hippótades* soltava
De cercero fechado os furiosos
Ventos, etc.

Hippótades é Eolo, rei dos ventos; por ser casado com Sergesta, filha de *Hippotas* Trolano.

Est. XXXIX.

Bocejando a miúdo, se encostavam
Pelas antenass, etc.

Na edição de Manuel Correa lê-se :

Bocejando a miúdo se encostavam, etc.

Os olhos, contra seu querer abertos;
Mas estregando, os membros estiravam,

Na edição publicada em Paris per Firmino Didot, lê-se assim este verso :
Mas estregando, os membros estiravam.

A pezar da nota que o Souza faz a este verso, derivando-o do latim *estregando*, a diferença d'um e outro vocabulo se consiste na letra *f* posta em vez da *t* per descuido typographico.

Est. XL.

« Com que melhor podémos (um dizia)
Este tempo passar, que é tam pesado, etc.

Esse colloquio, que Camões põe na boca d'um maneebo e na de Leonardo e Velloso, volvے-se adequadissimo (em tam monótona navegação) a ameigar-lhes o tedio. A aventura cavalleiresca narrada per Velloso, fornece um bellissimo episodio apôs o do inimitavel Adamastor.

Est. XLVI.

« Se vão todas ao duque de Alenquer.

Foi esse duque sogro d'el-rei D. João e Iº, e irmão d'el-rei Duarte de Inglaterra.

Est. XLVII.

« Onde as forças magnâimas prevara
Dos companheiros, e benigna estrella.

Estas elegacias, que exprimem com decencia e sublimidade as consolações, e os descanços tam appetecidos de todos aquelles que cultivam as artes, são proprias da nossa lingua, e tiradas da navegação, a que sempre se deu a nação portugueza.

Est. XLVIII.

« Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tam divinas, etc.

« A vos partes é de significado honesto ; mas a pezar d'issò se deve usar acauteladamente ; pois que é facil interpretala de sorte que passe a ser torpe.»

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Traitéado da versificação portugueza*, pag. 71.

Est. LXIX.

« Com palavras de afagos, e de amores, etc.

O verso assim escripto per Manuel Correa, fica mais numeroso que o seguinte em algumas edições :

« Com palavras d'afagos, e d'amores.

Est. L.

« D'est'arte as aconselha o duque experto ;
E logo lhe noméa doze fortes.

Foram elles : Alvaro Vaz d'Aimada, filho do Aimada que regia a ala esquerda da hoste portugueza na batalha d'Aljubarrota, Lopo Fernandes Pacheco, João Fernandes Pacheco, irmão do precedente, Pedro Homem da Costa, João Pereira, sobrinho do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, Luis Gonçalves Malafala, Alvaro Mendes Cerveira, Rui Mendes Cerveira. Rui Gomes da Silva, Soeiro da Costa, Martim Lopes de Azevedo, Alvaro Gonçalves Coutinho, cognominado Magriço, filho de Gonçalves Vaz Coutinho, primeiro Marechal de Portugal, e irmão do primeiro conde de Marialva.

Est. LII.

« La na leal cidade , d'onc teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, etc.

É a *cidade do Porto*, cognominada pelos antiguos *cals*. De *Porto* e *cals* se compoz o nome *Portugal*.

« De elmos, cimeiras, letras, e primores.

A edição de Manuel Correa tem :

« D'elmos, cimeiras, letras, e primores.

Est. LIII.

« Mas um so , que Magriço se dizia , etc.

Se o illustre *Magriço* passando per Flandres se demora alli, e entra em Inglaterra depois dos onze companheiros, não é por motivo de descuido ou de querer desgostar a dama, a quem fôra dado em sorte, é sim para que a sua entrada subita cause um alvoroço geral.

Est. LIV.

« Fortíssimos consocios, eu desejo
Ha muito ja de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.

e Dizemos que a raposa é *manhosa*, por astuta ; de uma pessoa, que é *manhosa*; isto é, *maliciosa, ardilosa* : de outra dizemos, que tem *máis manhas*; isto é, *maus costumes*, principalmente de furtar ; e, per analogia, diz-se de uma bêsta, que tem *manha* : de forma que pelo abuso burlesco, que se fez do vocabulo, *manha*, este perdeu o antigo uso serio em que os nossos autores o tomaram per *habilidade, destreza, indústria*, que é a ideia primeira que se lhe deu. »

Neves, *Causas da decadencia da língua portugueza*, pag. 397 e 398.

Est. LVI.

« No grande emporio foi parar de Flandres.

A *cidade de Bruges* aqui designada per *grande emporio, grande praga-de-commercio*, tinha-se volvido sob Filipe-o-bom, duque de Borgonha e conde de Flandres, uma das mais floreantes cidades do Norte.

Est. LVII.

« E das damas são servidos, e animados.

Outras edições trazem :

« E das damas são servidos, e andados.

Chapadíssimo absurdo ; pois os doze campeões portuguezes não temiam medir suas forças com os doze ingleses.

Est. LX.

« Não são vistos do sol, do Tejo ao *Bactro*, etc.

Bactro ou *Oxus* dos antigos é um grande rio da Asia, hoje denominado *Gihon* ou *Dgeikoun*, na Tartaria Independente.

Est. LXI.

« *Mastigam* os cavallos, escumando,
Os aureos fretos com feroz sembrante, etc.

Assim n'esta, como na seguinte oitava, vemos com admiração a prodigiosa abundancia com que a inexhausta phantasia de Camões variava o seu estylo, e como ao mesmo passo ia enriquecendo a lingua de vozes e phrases nobres e elegantes.

« quando a gente
Começa alvoropar-se geralmente.

Prefiri esta lição de Manuel Correa a est' outra :

« Começa a alvoroçar-se geralmente,
para evitar o hiato que formam as tres vogais seguidas a a a.

Est. LXIII.

« A dama, como ouvia que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Holle,
Que a gente bruta, mais que a virtude, ama.

« La em cima diz que a dama se vestiu com tristeza ; isto é, se vestiu
de negro ; e aqui diz que logo se vestiu de brocado de ouro, do animal de
Holle ou de amarelo, que, assim como o encarnado, é cor própria da
regaliza. Esta phrase é um dos mais notáveis estrengimentos de eloquio,
que se encontram na nossa lingua : certamente nôo tem a poesia de Flan-
darre mestres dedicados , a pensar da liberdade que lhe dava uma lingua a
mais abundante de expressões figuradas. Estes rodeios sublimes são res-
gos que acompanham o fôrro da phantasia altamente agitada pela im-
pulsão de um entusiasmo verdadeiramente grande, verdadeiramente ins-
pirado ; que, para se exprimir conforme à dignidade da sua concepção ,
cria novas formulas, e nova linguagem. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analysis*, pag. 223 e 224.

Est. LXV.

« Algum d'alli tomou perpetuo sono.

« Aqui está *perpetuo* por *eterno*, com diferente operação no accidente.
Verso harmonico e elegante. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analysis*, pag. 244.

Est. LXVIII.

« La se dethou Rour, onde um servizo
Notavel á condessa fez o Flandres.

A infanta D. Isabel, filha d'el-rei D. João I, que casou com Philippe de
Borgonha e Flandres. Em uma contestação suscitada entre este e Carlos
VII, rei de França, a dita infanta propôz se decidisse o negocio pela via
das armas. Magriço foi o campeão per ella escolhido ; o qual venceu o
cavalleiro frances que sustentava as partes d'el-rei de França.

« Um Frances mata em campo , que o destino
La teve de Torquato , e de Corvino.

Torquato chama-se Tito Manho, homem excellente, e tam observador
da disciplina militar, que fez morrer um proprio filho, aindaque vence-
dor, por haver vencido sem sua ordem.

Corvino : Valerio Messalla, tribuno de soldados, saindo a desafio
com um Frances, teve em sua ajuda um corvo ; o qual pondo-se-lhe em
cima do capacete, de quando em quando fazia d'alli suas arremetidas
contra o Frances, aferrando-lhe no rosto, e nos olhos , com que o Ro-
mano ficou vencedor, e d'allí per diante com o apelido de *Corvino*.

Est. LXIX.

« Outro também dos doze em Alemanha, etc.

Pel Álvore Vax d'Almada, o qual aceitou o desafio proposto por um Alemão sob condição de que remorriam com o lado direito descoberto : sabendo porém depois que seu antagonista era canhoto, indignado d'essa perfídia, lançou-se a elle, e sufocou-o entre seus braços.

Est. LXXIII.

« Se aproveitar dos homens força, e arte.

Assim se acha escrito esse verso na edição de Manuel Correa, publicada no anno de 1613, e na pequenina de 1651 :

Na de Pedro Crassbeck, anno de 1634, lê-se :

« Sem aproveitar dos homens força, e arte.

Na do padre Aquino, 1815, e na de Hamburgo, 1834 :

« Sem aproveitar dos homens força, e arte.

E na parisina dada ás per Firmino Didot, em 1819 :

« Se aproveitar dos homens força, e arte.

Sé por sém, pola figura octáope, foi não se usada per Camões, mas até per outros poetas quinhentistas.

Est. LXXV.

Quebrado leva o masto pelo meio.

Assim se acha escrito este verso na edição de Manuel Correa. A palavra *mastro* com r torna a pronuncia escabrosa.

Est. LXXVII.

As halcyónicas ávés triste canto
Juneto da costa brava teventaram, etc.

Ceix, esposo idolatrado de *Alcione*, morreu em um naufrágio : e diz a fabula que os deuses transformaram os dous consortes em aves ; as quaes, segundo se conta, alçam triste canto durante as tormentas marítimas.

Est. LXXVIII.

Nem tanto e gran' Tonante arremessou, etc.

Imitação de Horacio :

..... et ruboris
Dextord sacras jaculatus arces,
Tertuī urbem :
Terruit genos, gravis no reddire
Seculum Pyrrhæ.....»

Liv. I. od. 2.

No gran' diluvio, d' onde sos viveram
Os dons, que via gente as pedras conververam.

Deucalion e Pyrrha sua esposa ; os quaes foram preservados do diluvio. Havendo consultado o oraculo de Themis, aconselhou-lhes este « que lançassem os ossos de sua mãe ; isto é, as pedras, para traz das costas per cima das cabeças : » cujas pedras, saindo-lhes das mãos, se metamorphosavam, as de *Deucalion*, em homens, e as de *Pyrrha*, em mulheres.

Est. LXXX.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdio, etc.

« O maior dos males, na ordem da natureza, é sem dúvida a morte ; mas os homens só então a temem quando a consideram proxima, como em tempo de epidemia, de terremoto, de tempestade, ou de doença grave. Por este motivo é mui natural o temor no Gama em a tormenta descripta. »

FRANCISCO LEITÃO FERREIRA, *Arte de concisos*.

Est. LXXXI.

« Tu, que livraste Paulo, e o defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas seas, etc.

« Allude ao perigo em que se achou a nau que transportava ssn' Paulo a Roma ; como consta do capítulo 27 dos actos dos Apostolos. Bellos e excellentes quadros, traçados com summa elegancia e vivacidade, especialmente o segundo no segundo verso, onde os adjectivos arenosas e seas exprimem a força do colorido da pintura. Antiguamente dizia-se areoso, que sendo mais conforme á analogia, era menos sonoro que arenoso, palavra consagrada per Cambes á mais elegante poesia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 190.

Outras edições trazem :

« Tu que livraste a Paulo, e defendeste.

O artigo o parece-me necessário para que o verso fique mais correcto e numeroso.

Est. LXXXII.

« Se tenho novos medos perigosos
D'outre Scylla, e Charybdis ja passados, etc.

Nas mais edições, salvo na de Hamburgo, acha-se :

» D'outro Scylla, e Charybdis ja passados, etc.

« O erro D'outro Scylla, que se lê na primeira edição (1572) torna-se ainda mais patente, confrontando este logar com o da est. XXIV, v. 6 e 7 d'este mesmo canto VI, e da mesma edição — *Co'a formosa Scylla.* »
(Nota do editor da edição Rolladiana.)

A edição de Manuel Correa traz :

D'outra Scylla, e Charybdis ja passados.

E a de Firmino Didot :

« D'outro Scylla, e Charybdis ja passados.

A mesma lição se lêna do padre Aquino.

« Outros *Acroceraunios infamados*.

Horacio disse :

« *Infames scopulos Acroceraunia.*

Liv. I. od. 3.

Est. LXXXIII.

« Oh ditosos aqueles que poderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer.

Imitação de Virgilio :

« *O ter quaterque beati*
Quis ante ora patrum Troja sub manibus altis
Contigit oppelli! »

Eneida, liv. I. v. 94, etc.

Ou liv. III. v. 321, etc.

« *O felix una ante alias Priameia virgo,*
Hostilem ad tumulum, Troja sub manibus altis,
Jussa mori.... »

Est. LXXXV.

Mas ja a amorosa estrella scintillava
Dianco do sol claro no horizonte,
Messageira do dia, e visitava
A terra , e o largo mar, com *leda fronte*.

« Aqui apparece, pela primeira vez, o verbo *scintillar* todo latino ; o qual dá extrema vivacidade á expressão : a pintura intermediaria, incluida no segundo verso, está expressada com a mais aurea simplicidade. *Messageira do dia*, especie de episodio da preposição geral, que declara uma propriedade : está-se vendo no quarto verso a pintura cheia de alegria na clausula *leda fronte*. É notavel a propriedade, e a harmonia picturesca dos verbos *scintillava* e *visitava* : o primeiro tem tal e tam brillante viveza nas cesuras — *til-la* —, que pinta ao vivo o resplendor da estrella d' alva pululando aos olhos, ficando a segunda-*til-commum*, e a terceirala-longa com som abertissimo : o mesmo efecto se ve na penultima de *visitava*. O conhecimento da teoria do mechanismo metrico, não é menos essencial na poesia, do que aquelle que conduz o intendimento à organização das ideias na invenção , e na disposição : todas as vezes que elle se não achar inteiramente iniciado nos seus mysterios , nunca ja mais pedera dar colorido conveniente aos seus conceitos : e por mais sublime que invente e discorra, nunca será lido, se as graças da elocução não derem ao seu estylo aquella illusão magica, que tam soberanamente incanta o leitor sensivel ás bellezas da phrase. Dado o genio, é da primeira necessidade a sciencia do idioma, que ha de servir de instrumento aos seus desenhos: e esta sciencia ha de ser levada a grau supremo, para que o poeta venha a ser habil em todo o genero de operações metricas, para dar variedade ás suas enunciações , para ser forte, claro e harmonioso : isto foi o que mais distingulu , talvez, as poesias de Homero que , polo seu es-

NOTAS

tylo incantador, eram recitadas per todas as cidades de Grecia, que d'ellas faziam as suas maiores delicias; e ainda agora causam summo deleite a quem as pode ler no seu original: o mesmo devemos sentir de Virgilio nas Georgicas em especial, e na Enéada: o mesmo de Tibullo e Ovidio. Quem poderia sofrer a fúria do Furioso de Ariosto, se as graças do seu estylo a não fizessem tam recommendavel? Emfim, quem quizer ser lido sempre, faça por ter um bom estylo, alias renuncie á gloria de escriptor.

*« Sans la langue, en un mot, l'auteur le plus détesté
Est toujours, quoi qu'il fasse, un méchant écrivain. »*

*« Sem a lingua, a final, author exímio,
Mau escritor será, por mais que faça. »*

disse Boileau no canto I da Poetas, verso 161 e 162.

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 221 e 222.

De quem foge o ensifero *Orionte*, etc.

Orionte, constellação juncto ao signo de Touro. Os poetas v falam filho de Neptuno e de Mercurio, gerado da urina de ambos.

EST. LXXXVI.

*« Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.*

Ninfa deve escrever-se com *y* e *ph*, em razão da sua brigem, como se ve n'estes versos da 7^a ecloga de Virgilio:

*« Nymphæ, nosler amor, Libelhrides, aut mihi carmen,
Quale meo Codro, concedite proxima Phabi
Ferribus ille facit); aut, si non possumus omnes,
Hic arguta sacrâ pendebit fetula pinu. »*

EST. XCIV.

*Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores, etc.*

« D'este modo devem compor todos os que se sentem inspirados do dom divino da poesia, ensinando e deleitando: de outro modo é prostituir e desilustrar a mais amável e sublime de todas as artes. Os poetas foram os primeiros philosophos da terra: e ainda agora os que não são agitados de uma estolidia mania de metrificar, sem genio, nem sciencia, são tidos pelos mais respeitáveis de todos os homens, cuja memoria nunca ha de acabar, qual a de um Ariosto, de um Tasso, de um Camões, de um Metastasio, de um Molière, de um Racine, e de um Voltaire, por não faltar nos da antiguidade. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 108.

EST. XCVI.

Não co'os nunca vencidos appetitos, etc.

Camões seguiu n'este vocabulo a desinencia em os unicamente para a rhyma; pois ja no seu tempo os outros poetas diziam *appetites*, como o mostra o seguinte exemplo:

« A quantos derribou os fundamentos
De seus vãos appetites derivados? »

FARI AGOSTINHO DA CAUT, *Poesias*, cart. 3.

Todavia Sa de Miranda escreveu em prosa :

« Assi como aqui ha muitas sortes de appetites, etc.

Os Filhospedes, comédia, act. 1. scen. 3.

E Caminha, *Poesias, epistola*, 21 :

« Em ti sempre a virtude e a razão mundo :
Nunca appetito algum, nunca algum vício. »

Est. XCVIII.

Pora o pilouro ardente, que assavia, etc.

Ainda escreveu Manuel Correa essa palavra; mas como a achei tambem
em outros autores excripta com e, não mudai e e em i.

Est. XCIX.

..... onde tiver força e regimento
Direito, e não de afeções ocupado, etc.

Na edição de Hamburgo lê-se :

Direito, e não de afeções ocupado, etc.

Mas seus editores amodernaram esse vocabulo, não sei per qual motivo.

CANTO SEPTIMO.

Est. I.

Ora sus! gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Ja sois chegados, ja tendes diante
A terra de riquezas abundante.

« Não perdes ainda Gembos títulos à imortalidade por ter desacreditado o seu poema com— Ora sus! »

FILMTO EUSTO, *Versos*, tom. 4. pag. 169 e 170. edição de 1802.

Essa interjeição, que vai tanto como acima! tende avante! orguei os
espíritus! foi usada per outros bons poetas. Exemplos :

« Disse comigo, ora sus!
Se erros fiz, erros paguei. »

SA DE MIRANDA, *Elogia 8.*

« Sus! oh mortaes, minhas vozes ouvi. »

ANTONIO DURAS, *Poesias*, tom. 3.

Até Ronsard, antiquo poeta francez, disse :

« Or sus, mon frère en Christ, tu dis que je suis prétre,
J'allez à l'Eternel que je le courrai ôtre. »

Est. IV.

Védel-os Alemães, suberbo gado,
 Que per tam largos campos se apascenta
 Do successor de Pedro, rebellado,
 Novo pastor, e nova seita inventa :
 Védel-o em feas guerras ocupado,
 Que inda co' cego error se não contenta;
 Não contra o *superbíssimo* Othomano,
 Mas por sair do jugo soberano.

As contendidas do lutheranismo agitavam então toda a Alemanha.

Em todos os poetas contemporaneos a Camões achel algumas vezes este superlativo; mas achel-o sempre impresso com *b* e não com *p* segundo o latim *superbissimus*. Ora que necessidade tinha Camões d'assim escrever e pronunciar essa palavra? Então devia tambem escrever *superba de superbìa*, *superbamente de superbè*; mas visto que taes vocabulos não se acham d'estes modos estampados no corpo do seu poema, devo concluir que, sendo a primeira edição do mesmo poema impressa em caracteres *íaticos*, não ha cousa mais facil na composição typografica do que voltar um *b*, e eil-o feito um *p*. Alem de que, essa letra volve aspera a pronuncia do verso sobredito; e Camões tinha o ouvido muito apurado para consentir durezas no metro. Emendel pois como val no texto; por quanto na estancia LXIV do canto X, v. 1, acha-se :

« A este o rei cambaico *superbíssimo*, etc.

Est. V.

Védel-o duro *Inglez*, que se nomea
 Rei da *velha e sanctissima cidade*,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem viu honra tam longe da verdade !)
 Entre as boreaes neves se recrea ;
 Nôva maneira faz de christandade :
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra, que era sua.

« N' esta oitava, e nos quatro primeiros versos da seguinte, allude o Poeta a *Henrique VIII* que, intitulando-se, como outros monarcas de Inglaterra, rei de *Jerusalem*, fez uma igreja a seu modo, da qual se intitulou supremo cabeça, depois de haver-se separado da communhão romana.— Mais ainda : a sua memoria é tristemente celebre, polas perseguições que ordenou contra Catholicos e Protestantes, e pola crueldade contra suas proprias esposas.»

(Nota do editor da edição Rollandiana de 1843.)

Est. VI.

Guarda-lhe por emtanto um falso rei
 A cidade Hierosólyma terreste,
 Em quanto *elle* não guarda a sancta lei
 Da cidade Hierosólyma celeste.
 Pois de ti, *Gallo indino*, que direi,
 Que o nome Christianissimo quizeste,

Não pera defendel-o , nem guardal-o ;
Mas pera ser contra elle , e derribal-o !

Esta apostrophe é dirigida contra *Francisco I*, rei de França, por haver soccorrido ao Gran' Turco Solimão no cércio naval posto per 'elle á cidade de Nice , em Italia ; e por causa da sua conquista do Milanex.

Est. VII.

E não contra o *Cinypho* , e Nilo , rios, etc.

É o *Cinypho* um rio de África , que nasce no Bledulgerid , atravessa o territorio de Tripoli , e vem desaguar ao Mediterraneo com o nome de *Macres*.

De *Carlos*, de *Luis* o nome e a terra
Herdaste , e as causas não da justa guerra?

Allude Camões a *Carlos Magno* , e a *Luis IX* ou *sav' Luis*.

Est. VIII.

Nascem da tyrannia inimicicias
Que o povo forte tem de si iníigo.

Assim se lê este segundo verso na edição de Gendron. Outras trazem :

Que o povo forte tem de si inimigo.

Porém o verso fica então deslavadíssima prosa.

Comtigo , Italia , falso , ja sumersa
Em vicios mil , etc.

Suprими no vocabulo *submersa* o *b* ; porque d'este modo fica o verso maclo na pronuncia. Os nossos bons poetas assim o fixeram a miude. Moreas , no seu *dicionario* , cita o sobredito verso qual eu o emendei no texto.

Est. IX.

O'miseros christãos ! pela ventura,
Sois os dentes de *Cádmo desparzidos* , etc.

Cádmo , filho de Agenor , rei de Phenicia ; o qual indo per mandado de seu pae buscar Europa , filha sua , que Jupiter furtara ; e como não a achasse , nem se atrevesse tornar a seu pae sem ella , fundou em Beocia a cidade Thebas. Ora como seus companheiros fossem ja todos mortos per uma grande serpente , que saiu d' uma fonte onde tinham ido per agua , *Cádmo* , em vingança d'elles , a matou ; e , *semeando seus dentes* , nasceram d'elles homens armados ; os quaes pelejando entre si , se mataram , excepto um , com que edificou a cidade.

Est. X.

Entre vós nunca deixa a fera Alete
De semear cizâncias repugnantes.

Na edição de Hamburgo lê-se :

E entre vós nunca deixa a fera Alete , etc.

NOTAS

Est. XII.

Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortais de artilharia,
Ja devem de fazer as duras provas
Nos muros de *Byzancio*, e de Turquia.

O invento da artilharia traslada-se ao anno 1335. Petrarca, em um de seus dialogos latinos, deploia amargamente o tal invento : eis suas vozes :

« *Non erat satis de calo tonantis tra Dei immortalis, nisi hominum*
- *cio (o crudelitas funcia superbiae !) de terra etiam tonuisse.* »

A França começou a usar peças-d'artilharia em o anno 1338.

« *Byzancio* é hoje *Constantinopla*, a qual jaz em uma peninsula da Propontide, donde ajuntando-se a terra da Ásia e de Europa, fazem estreito canal per onde se entra ao Ponto-Euxino ou Mar-Maior ; e sendo ella de forma triangular, tem os dous lados cercados do mar da Propontide, e de um braço que saindo d'elle, a divide de Péra per espaço de uma milha, e pelo outro lado é fortificada com uns muros, que chega de mar a mar. »

LUIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 182 e 183.

Farei que torne la ás sylvestres covas
Dos Cáspios montes, e da Scythia fria
A turcos gerado, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.

Mahomet II apoderou-se de Constantinopla em 1453. Selim Iº acrescentou novas conquistas ás de Mahomet. Solimão, filho de Selim, prosseguiu a obra de seu pae, e deliou té os muros de Vienna.

Est. XIII.

Gregos, Traces, Armenias, Georgianos,
Bradando-vos estão, « que o povo bruto
Lhe obriga os *cetros filhos* aos profanes
Preceitos de Alcerão : » (duro tributo !)

Os Turcos compozeram os corpos dos Janizarios de *mentinos chistidos*, que os Gregos tributarios lhes davam, ou dos que elles Turcos arrebavam em annos tenros. Seu querer era que essa milícia não conhecesse paes nem patria, mas tam somente Mahomet e o sultão.

Est. XIV.

Mas emtante que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, o' gente insana !
Não faltarão chistidos alrevimentos
N'esta pequena casa lusitana :
De Africa tem marítimos assentos ;
É na Asia, mais que todas, soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E, se mais mundo houvera, la chegara.

« Os nossos Portuguezes, indaque principalmente se movam per astor

de Christo, todavia muito os excita a benignidade do seu rei, e as mercês, que lhe faz. D'onde vem terem feitas, em nossos tempos, em África, e em Asia, façanhas tam excellentes e pasmosas, que as gregas, tam cantadas de Homero, e Thucydides, e as latinas, tam celebradas de Lucano e Tito-Lívio falam, em sua comparação, um pequeno outeiro a par do alto monte Olympo : porque dizem bem, «que convém comprar a fama larga a troco da vida curta. »

FARI HERÓA PINTO, *Imagem da vida sárdica*, pag. 80 e 81.

Estes pois são , sem hyperbole , os braços da gente portugueza ; gente, que fez com elles para si tanto logar no mundo , que em todas as suas partes semeou victorias, que depois produziram monarchias.

Est. XVII.

..... o Emodio cavernoso.

É uma ramificação do Caucaso ou monte Imaus.

Est. XIX.

Sai da larga terra ~~uma~~ longa ponta
Quasi pyramidal , etc.

Assim deve escrever-se este verso onomatópico. Algumas edições trazem :

Sai da larga terra ~~de~~ longa ponta.

Disse-me Francisco Manuel (Filinto Elycio) «que Camões fizera esse verso assim desalinhado para retratar fielmente a extensão da dita ponta pyramidal; bem como José Basílio da Gama , no seu poema Uragual , escreveu :

«Tropel confuso de cavalaria,
Que combate desordenadamente,»

para imitar a confusão com a qual os cavaleiros indílicos combatiam. » So os grandes Genios é que sabem conhecer tais matizes : os outros são cegos, não distinguem cores.

E juncto d' onde nasce o largo braço
Gangético , o rumor antiquo conta ,
Que os vizinhos , da terra moradores ,
Do cheiro se manteem das finas flores.

Fabula é essa adoptada per Plínio , escorada em os naturalistas gregos ; mas desmentida per nossos modernos viajores. Quiçá seja hyperbole inventada para exprimir a gran' somma de mel, que dava a esses povos (sob um ceo puro e uma terra sempre salpicada de flores) a criação das abelhas.

Est. XXXIII.

Sucedeu , que prégando convertessem
O Perimal , de sabias e eloquentes.

Este adjetivo refere-se á palavra gentes do segundo verso da estância.
As outras edições trazem :

O Perimal , de sabias e eloquentes.

Est. XXXVI.

« Samorim, mais que todos *digno* e grande.

O *g* no adjetivo *digno* volve algum tanto escabroso a pronuncia d'este verso; eis porque, escorado eu na auctoridade de Camões, e na de outros classicos, supprimi-o.

Est. XL.

« Observam os preceitos tam famosos
D'um, que primeiro por nome à sciencia.

Camões refere-se aqui a Pythagoras.

Est. XLIII.

O remo *compassado* fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

Estes douos versos são obra-prima de poesia imitativa. O participio *compassado* junclo ao verbo *fere* seguido do adjetivo *frio*, arremeda admiravelmente o bracejo dos remos. Os *Lusiadas* offerecem mil exempllos d'esta especie.

Est. XLIV.

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Ja na terra nos braços o levava,
E n'um portatil leito ña rica cama
Lhe offerece, em que va (costume usado)
Que nos hombros dos homens é levado.

É o *palanquim* uma lala de andor de pau pintado e dourado, longo de sete palmos, e largo de quatro, com uma reborda em cada extremo, primorosamente lavrada. Estende-se no dito *palanquim* um tapete persico, e em cima d'este um couro moscovita (em razão do mesmo tapete aquecer demasiado as costas) e tambem duas almofadas de setim em cima das quaes a pessoa se deita ou reclina. Enfia-se depois em cordas ou argolas ferreas o bambu; isto é, uma grossa canna-da-India; após o que, quatro negros alcâm o *palanquim* aos hombros, e camiuham assim em fila. Um avultoso guarda-sol, arvorado per um escravo, ou preso ao bambu, resguarda da quentura d'esse astro a sobredita pessoa.

Est. XLVI.

Assi pela cidade caminhando,
Onde uma rica fábrica se erguia
De um sumptuoso templo, ja chegavam,
Pelas portas do qual junctos entravam.

« D'este logar foram conduzidos pelo Catual a um *templo* d'elles venerado que, pela opinião que o Gama tinha de andarem muitos christãos derramados per aquellas partes, assentou ser *templo* christão: tanto mais, que a magnificencia d'elle, e sua vastidão o confirmavam n'ella; além de outros signaes, que lhe não pareceram, de principio, dissimilarem muito

do *templo* da religião romana. Ao entrar do *templo*, vieram a elles quatro varões da ciuta para cima nus, e que d'ella até aos pés deixavam cahir cabaisas. Cadaum d'elles trazia do hombro direito tres fios a tiracollo sobre o quadril esquerdo, e debalxo d' este braço com um nó atados. Com aguas de ilustração aspergiram os nossos, e a cadaum davam um pó de madeira de suavissimo cheiro pizada, para com elles persignarem as frontes. Pelas paredes do *templo* estavam debuxadas muitas imagens, e no meio d'elle se ergula em forma circular um oratorio, a que se subia per quantiosa escadaria, e tinha de bronze a porta, que muito estreita era. Dentro d'elle pousava, contra a parede fronteira à porta, uma estatua, cuja forma não poderam distinguir os nossos, por ser tam escuro o sitio que, esquivo a todo o raião do sol, apenas algum clarão de escaça lux lhe penetrava. Nem lhe foi aos nossos permitido la entrar, que para os ostiarios sos e sacerdotes se descerrava. Quatro ostiarios d'estes chegando perto da estatua, e applicando-lhe um dedo, clamam per duas vezes Maria: logo o Catual, com todos os de seu sequito, se estendem per terra com os braços em cruz. D'abi erguem-se e rezam oração à sua usança. Os nossos que imaginavam que era pedir amparo á Virgem mãe de Deus, lançam-se de joelhos, e oram como entre nós se costuma a Deus e a Nossa Senhora, que os cubra com a sua graça. Saindo d' este *templo*, se foram a outro de não menor sumptuosidade, e d'elle aos paços d'el-rei. »

Osorio, Vida d'el-rei D. Manoel.

EST. XLVII.

Alli estão das *deidades* as figuras
Esculpidas em pau, e em pedra fria;
Vários de gestos, *vários* de pinturas, etc.

Aqui, por *deidades*, devem subintender-se *ídolos*, para concordar com *vários*, etc.

EST. XLVIII.

Outro fronte canina tem de fora,
Qual *Anubis* memfítico se adorá.

Anubis, em lingua egypcia, significa *cão*, em cuja forma os Egypciós honraram ao deus Mercurio.

EST. L.

. regios aposentos,
Altos de torres não, mas *sumptuosos*.

É evidente a todos os que tem apurado ouvido, que a letra *p*, no adjetivo *sumptuosos*, volve a pronuncia d' este verso algum tanto escabroso. Auxiliado pois com o exemplo que me oferecem os contemporaneos a Camões, suprimi essa letra, e deixei o verso qual vai no texto. O mesmo practiquei em outros.

EST. LI.

Afiguradas vão com tal viveza
As historias d'aquelle antiqua idade, etc.

Virgilio disse :

..... *Vides Ríacas ex ordine pugnas
Bellaque jam sumū totum vulgata per ordem.*
Eneida, liv. I. v. 458, etc.

Est. LIII.

Mais avançá, bebendo, sécca o rio
Mui grande multidão da assyriā gente,
Sujeita a feminino sonhorio
De uma tam bella, como incontinente.

Camões allude aqui a *Semiramis*. Ella māndou fazer os muros de Babylonia, os quaes tinham de circuito doze leguas, e eram tam largos que, per cima d'elles, podiam andar seis carros apparelhados. A altura dos taes muros chegava a trezentos e sessenta e seis pés. Toda essa fábrica se acabou em um anno.

Est. LIV.

De progenie de Jupiter se exalta.

Alexandre-Magno para inspirar mor respeito aos povos per elle vencidos, deu-se por filho de Jupiter Ammon.

Est. LIX.

Sentado o Gama juncto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da genio, nunca de antes d'elle vista.

Camões emprega algumas vezes na rhyma o mesmo vocabulo. Acaso fez elle isso de propósito ou meramente per descuido?

Lançando a grave vez da sabio poite
(Que grande auctoridade logo aquistá
Na opinião do rei, e povo todo) etc.

Preferi esta lição de Pedro Craesbeeck á seguinte:

Na opinião do rei, e do povo todo, etc.

que se lê na edição do padre Aquino, na de Firmino Didot, e na Rolandiana. A de Hamburgo traz:

Na opinião do rei, do povo todo, etc.

Esta emenda torna o verso menos prosaico e duro que o das tres susoditas.

Est. LXII.

« E se quereis com pactos, e fianças, etc.

Pela figura apheresis se diz frequentemente no verso *fiança, ante, ínta, onde, té, traz, lampear, rependimento, venturar, delgaçar*, etc., em vez de *alliança, diante; ainda, aonde, até, aíraz, relampagar, arrepentimento, aventurar, adelgaçar*, etc.

Est. LXIX.

« Teem a lei de um propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento

*Da mão ; tal que por baixo está aprovado
De Deus, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos é vulgado
D'ellos, é que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.*

« Eis como o grande Camões introduz a falar um Mouro, da nossa religião, com termos e sentimentos decentíssimos, e adequados ainda segundo as leis do Alcorão. Esse Poeta se mostrou a todas as lusas admirável n'esta representação, pelas vozes iam próprias e peregrinas de que usou. »

FRANCISCO JOSEPH FAHRAZ, *Arte poética*, tom. I. p. 69.

Est. LXX.

« Do rico Tejo , e fresco Guadiana.

Preferi esta lição de Pedro Crasbeeck ; porque Camões deu o genero masculino a esse rio, na est. XXVIII do cant. 4 :

« Deu signal a trembeta castelhana
Horrendo , fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artábro, e Guadiana
Atraz tornou as águas de medroso.

A edição do padre Aquino, a de Firmino Didot, a de Hamburgo, a Rollandiana, etc., trazem :

« Do rico Tejo , e fresco Guadiana.

—
« E não contentesinda, na africana
Parte, etc.

A suppressão da conjunção *e* antes da palavra *africana*, per nós feita, a qual superabunda nas duas primeiras edições, é correção claramente exigida pela boa intelligencia da frase. Esta lição é também da edição de 1651.

(Nota do editor da edição Rollandiana.)

As outras edições trazem :

« E não contentesinda, e na africana
Parte, etc.

Est. LXXI.

« Ou das gentes belligeras d' Hespanha.

Eis a lição de Manuel Correa. Em algumas edições lê-se :

« Ou das gentes belligeras de Hespanha.

—
« Ou la d'alguns , que de Pyrene degam.

Pyrene foi filha d'el-rei Bebryce ; a qual morta pelas feras, jaz sepultada nos montes, que de seu nome se chamam *Pyreneus*, e dividem a França de Hespanha.

« Nem se sabe inda , não , te afirmo , e assejlo,
Pera estes Annibaes nenhum *Marcello*.

Marco Claudio Marcello, celebre general romano, extremou-se per seu valor. Guerreou os Gaulzezes, e matou, com sua propria mão, o rei d'esse povo, chamado Viridomare, e tomou Syracusa, após um assedio de tres annos. Regeu depois um exercito contra Annibal; mas foi morto n'uma ciada.

Est. LXXVII.

De um velho branco , aspeito soberano.

Outras edições trazem :

De um velho branco , aspeito venerando.

(Veja-se a nota a este verso na edição Rollandiana.)

Est. LXXVIII.

Vosso favor invoco , que navego
Per alto mar, com vento tam contrario ,
Que , se não me ajudais, hei grande medo
Que o meu fraco batel se alague cedo.

«O' que bella poesia ! Que admiravel incanto de expressão , onde o pathetico vai começando a desinvolver-se para se vir a dilatar com a energia, com que adiante se manifesta ! Pede favor ás Musas, entidades symbolicas, em que se personalizam as artes. É cheia de artificio a pintura do ingenho desamparado e perseguido, representada debaixo da bella allegoria de um batel em mar tempestuoso , assim como Horacio configurou a republica no *liv. I, od. 14*, tam conhecida em toda a litteratura.»

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyse*, pag. 113 e 114.

Est. LXXIX.

Qual *Canace* , que à morte se condena ,
N'uma mão sempre a espada , e n'outra a pena.

Namorou-se *Canace* de seu irmão *Machareu*; o que sabido per seu pae *Eolo*, mandou-lhe um punhal, e ordem de se punir a si mesma. Ovidio representa-a escrevendo a *Machareu*, quasi a ponto de se ferir, no seguinte verso imitado per Camões :

« *Dextra tenet calamum, strictum tenet altera ferrum.* »
Heroides, epist. II. v. 3.

Est. LXXX.

Agora da esperança ja *adquirida*, etc.

Assim achel escripta essa palavra nas edições que tive ante os olhos; mas como não advertiram seus editores que ella tornava o verso duro e prosalco ? A verdade é que os antiguos costumavam , para volvel-a mais euphonica, substituir um *c* ao *d*, e diziam *acquirir*, em vez de *adquirir*, etc , como o mostra o seguinte exemplo :

« Este so caminho ordenou pera *acquirir* louvor. »
Diogo DE COUTO, *Decada* V. *liv. 1. cap. 2.*

Que pera o *Rei judaico* accrescentar-se.

Foi elle Ezechias, rei d'Israel.

Est. LXXXI.

E ainda, nymphas minhas, não bastava
Que tammanbas miseras me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal prémio de meus versos me tornassem:
A troco dos descânjos que esperava,
Das capelias de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tam duro estado me deitaram.

Antiguamente os poetas eram coroados com uma *coroa de era*, como diz Horacio no liv. I, epist. 3 :

« *Prima fersa hederae vicitris præmia.* »

Depois deraun-lhe *coroas de louro*, por serem alumnos do deus Apollo.

« Elegante piutura d'aquellea fatalidade que acompanhou sempre os talentos em Portugal, onde parece que o merecimento, longe de grangear honra, é desprezado, e muitas vezes perseguido. Fatalidade digna de lamentar-se, contra a qual todos os nossos sabios tanto em vão tem declamado. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Anályse*, pag. 178 e 179.

Est. LXXXIII.

Sô pena de não ser agradecido.

Sô por *sob* foi assim costumado de nossos classicos, como se collige d'esta preposição assim escripta per Manuel Correa : ella torna o verso mais doce na pronuncia. As outras edições trazem :

Sob pena de não ser agradecido.

O nosso grande epico, assim n'esta como nas tres seguintes oitavas, tinha em lembrança a bellissima estrophe da ode 3º, do livro III, de Horacio :

« *Justum, et tenacem propositi cirum
Non civium ardor prava jubentium,
Non cultus instantis tyranni
Mente qualit solidi,* etc.

Est. LXXXV.

Nenhum, que use de seu poder bastante
Pera servir a seu desejo *feio*,
E que, por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que *Proteio*.

Proteio para rhymar com *feio* é voz desconhecida dos nossos poetas quinhentistas, e correção moderna. Elles sempre rhymaram *Proteo* com *feo*, *reco*, etc. Os que hão lido nossos classicos attentamente não ignoram que estes modificavam a seu libito os vocabulos rythmicos. Eis porque escreveram *seo* por *seio*, *cheo* por *cheio*, *feo* por *feio*, *veo* por *veio*, *esteo* por *esteio*, *meneo* por *mensio*, *enleo*, por *enleio*, *esté* por *esteja*, *objeito* por *objecto*, *espedo* por *despede*, *ivos* por *ide-vos*, *fructo* por *fructo*, *defecto* por *desfeito*, *chuiva* por *chuva*, e muitos outros.

A edição do padre Aquino traz :

Pera servir a seu desejo fôr

Se muda em mais figuras que Protheo.

A de Firmino Didot, à Röllandiana, e a de Hamburgo :

Pera servir a seu desejo fôr

Se muda em mais figuras que Protheo.

Finalmente a de Manuel Correa :

Se muda em mais figuras que Protheo.

Quem com habite honesto e grave voo.

CANTO OITAVO.

Est. IV.

« Ves outro , que do Tejo a terra piso , etc.

Em tempo de Gorgoris , rei dos Lusitanos , vieram os Gregos a Portugal . Ulysses fundou Lisboa com seu templo de Minerva , deusa da eloquencia , e casou com Calypso , filha de Gorgoris .

Est. VI.

« Este que ves , pastor ja foi de gado ;
Viríatio sabemos que se chama ,
Destro na lança mais , que no cajado :
Injerida tem de Roma a fama ,
Vencedor invencível afamado .

« Viríatio se começou levantar com Lusitania , e depois com toda Hespanha cerca do anno sexto-centesimo-oitavo da edificação de Roma , sendo consules Gneo Cornelio Lentulo , e Lucio Mumiano , como escreve Paulo Horosio , que foram cento e quarenta annos antes que nosso senhor Jesu-Christo tomasse carne . E quanto antes d'isto havia que era , não me consta . Basta que ja antes era : do que eu não menos me devo dar por contente que Ulpliano , ff. de concid . L. Scindendum , vom dizer « que a colonia de Tyro , d'onde elle trazia sua origem , era antiquissima , e sem dizer quem fôra o fundador . »

ANDRÉ DE RESENDE , *História de Evora* , cap. 11.

Não tem com elle , não , nem ter poderam
O primor , que com Pyrrho ja tiveram .

Pyrrho , rei dos Epirotas , abriu guerra aos Romanos ; e , mediante os elephantes , ganhou-lhes uma grande batalha juncite ao rio Siris , após a qual avançou té sete leguas de Roma . Houve com os Romanos outra batalha perto d'Ascoli , na Apulha , que tambem ganhou ; mas a sua hoste ficou debilitadíssima . Emfim , travou terceira batalha co'os Romanos , na

qual o constil Curto Dentato o derrotou. Este infiusto sucesso obriga-o a volver ao Epiro.

Est. VIII.

« Elle é Sertório , e ella sa divisa.

« Correndo pois os tempos, e levantando-se Lusitania com *Sertório* valeroso capitão cerca do anno seis-centesimo-sessagesimo segundo da edificação de Roma, por Evora ser de nobre e grande povo, fez grande ajuda ao mesmo *Sertório*, dando-lhe uma cohorte de seiscentsos soldados para serviço da guerra; os quaes o serviram tam bem, que elle, por gratificar este serviço, e tambem por esta cidade (Evora) ser em meio de Lusitania, que faz muito para senhorcar o mais : ca , segundo julgam os peritos na arte militar, quem é senhor do campo, é senhor de toda essa terra. Tomou em ella seu assento (se as continuas guerras lh'o leixaram ter) e fez sua casa, que indo agora se chama de *Sertório*, em a qual tinha uma mulher sua domestica, e tres libertos que com ella estavam. »

ANBAS DE RIBEIRÃO, *História de Evora*, cap. II.

Sertório metten na cidade d'Evora grande abundancia de agua, a qual fez adjuntar de muitas fontes, e trazer de quasi doze mil passos per níveis de uma maravilhosa obra, como o atesta um letreiro latino, cuja versão é a seguinte :

« Quinto *Sertório* em louvor de seu nome, e da companha dos mui esforçados Eborenses, per seu ardimento na guerra Celtiberia , cercou e afortalezou a cidade Municipio de soldados velhos, e aposentados, e fez trazer per níveis muita agua colhida de varias fontes para proveito publico do dito Municipio. »

« Elle é Sertório , e ella a sua divisa.

Assim se lê este verso na edição de Firmino Didot , na de Hamburgo , na Rollandiana , e em outras mais.

O padre Aquino escreveu :

« Elle é Sertório , e ella sua divisa.

Mas como não repararam todos os correctores das sobreditas edições no prosaísmo do mesmo verso ? Acaso podia o grande e sonoro Camões escrevel-o assim ? não de certo : usou (como ja fizera n'outro lugar) de sa por sua , e traçou-o do modo seguinte :

« Elle é Sertório , e ella sa divisa.

Deve attribuir-se a typographos ignorantes asemelhante descuido.

Est. IX.

« Nós Hângaro o fazemos ; porém nadõ
Creem ser em Lotharingia os estrangeiros.

« *Henrique*, conde de Portugal, e tronco dos reis que despois o senhorearam, foi natural de Besançon, filho de Guido, conde de Vernoil, e de Joanna filha de Gerolaldo, duque de Borgonha (segundo a melhor opinião) o qual, com zelo da exaltação da fe catholica, e desejo de alcançar fama pelas armas, ouvindo as continuas guerras que el-rei D. Afonso VI de

Castella traxia com os Mouros, se velo á Hespanha. Esse rei vendo o extremo de valentia de *D. Henrique*, deu-lhe D. Theresa sua filha, e em dote as terras que em Portugal eram ganhadas aos Mouros, com o titulo de condado, e a conquista das que ainda tinham usurpadas, que era a maior parte das que hoje são reino de Portugal. »

FRII BERNARDO DE BRITO, *Elogios históricos dos reis de Portugal*.

Est. XI.

« Este é o primeiro Afonso (disse o Gama)
Que todo o Portugal aos Mouros toma,
Por quem, no *Estígio lago*, jura a fama
De mais não celebrar nenhum de Roma.

« Todas as vezes que um poeta ler este ou similhantes logares, e se não sentir intimamente agitado de admiração em tal ponto que degenera quasi em delirio, desconfie dos seus talentos, e não se tenha por sacerdote das Musas. Sim : entes são rasgos, e vôos immortais per onde altamente se manifesta um ingenho sublime, um ingenho altamente inspirado que, com toda a verdade, e sem cahir no desfeito de vaidoso, pode dizer de si : — *Est Deus in nobis, agitante calcicimus illo.*»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 233.

Est. XII.

« Se Cesar, se *Alexandre* rei tiveram
Tam pequeno poder, etc.

N'esta estancia diz Camões *Alexandre*, e na est. III do cant. I, diz *Alexandro*. A caso este nome pronunciava-se de ambos os modos em tempo do nosso Poeta, como o indicam os seguintes exemplos ?

« Chega Geinal; e conhecendo quanto
Com prova heroica ser fiel mostrara,
Assi lhe disse ; « o' da Ásia illustre espanto,
Digno de que *Alexandre* te invejara , etc. »

MENEZES, *Malaca conquistada*. liv. IX. est. 10.

« Que quem possue o seu valor supremo
Põe adiante o passo
De Romulo, *Alexandro*, Remo, e Crasso. »

FERNAN' D'ÁLVARES DO ORIENTE, *Lusitania Transformada*,
pag. 138.

A verdade é que, em todas as edições que tive ante os olhos, n'esta ultima *Alexandre*, e não *Alexandro*.

Est. XV.

« Não fez o consul tanto , que cercado
Foi nas forcas-Caudinas de ignorante.

Dous foram, e não um so , esses consules. Chamaram-se *T. Veturius Calvinus*, e *Spurius Postumius Albinus*. D'estes o segundo foi pelos Romanos entregue aos Samnitas, que o não quizeram receber.

Est. XVII.

« É Dom *Fuas Roupinho*, que na terra,
E no mar resplandece juntamente.

Esse valeroso Portuguez desbaratou juncto á villa de Porto-de-Mós, no anno de 1180, a Gamir, rei Mburo de Mérida, ao qual aprisionou com um seu irmão. O mesmo *D Fuas* ganhou, pouco depois, duas batalhas navaes aos Mouros, uma nas alturas do cabo d'Espichel, e outra juncto a Ceuta. Acabou porém gloriosamente a vida, em uma nova expedição marítima cerca da mesma cidade.

Est. XVIII.

« Olha *Henrique*, famoso cavalleiro, etc.

Foi um cavalleiro Alemão, que morreu combatendo a favor dos Portuguezes, na tomada de Lisboa pelo senhor D. Afonso Henriques.

Est. XIX.

« Um sacerdote ve brandindo a espada
Contra Arronches, que toma per vingança, etc.

« Não deixou san^t *Theotonio* de ser mui valeroso, que tomou per armas a villa de Arronches aos Mouros, logar inexpugnabil, e fez grandes matanças nos inimigos em Alemtejo, por lhe terem tomado Leiria, que era sua. »

GASCO, Conquista, etc. de Coimbra.

Virgilio disse :

« *Tertius ille hominum dicāmque interpres Asylas
Cui pecudum fibrae, casti cui sidera parent,
Et lingua volucrum, et præsgri fulminis ignes
Mille rapit densos acie, atque horrentibus hastis.* »

Enclida, liv. x. v. 175, etc.

« Por quem por Mafamede enresta a lança.

O não terem feito os editores dos *Lusiadas* a distincta diferença nas preposições *per* e *por* deu causa á absurda anomalia, que se acha n'este verso, onde o agente indicado pela preposição *per* não existe; mas tam somente o objecto, o motivo. Os Francezes, os Italianos, etc., observam rigorosamente essa distincção : os nossos classicos tambem a observaram : porque não a observámos nós ?

Est. XX.

« *Mem Moniz é*, que em si o valor retrata,
Que o sepulcro do pae co' os ossos, cerra.

Esse esforçado cavalleiro, na grande batalha de Sevilha, derribou o pendão real dos Mouros : na tomada de Sanctarem foi o primeiro que lhe arvorou no muro as quinas portuguezas ; e (como diz certo traductor dos *Lusiadas*) « reproduziu esse valor que dorme no tumulo com os ossos de seu pae. »

Est. XXIII.

« Mas elha um escleristicus guerreiro,
Que em lança de aço terpa o hage de ouro.

D. Sisoiro Piegas foi o nome d'esse bispo de Lishes, e não *D. Afastatus*, como na estancia seguinte lhe chama Camões; o qual estando sitiando a villa de Alcacer com poucos soldados, aceitou a batalha, que lhe ofereceu uma grande besta de Mouros, das quais alcançou ampla victoria.

Est. XXIV.

« Vés? vão os reis de Cordova, e Sevilha
Rotos com outros dous, e não de espaço.

Assim escreveu Manuel Correa este verso. Algumas edições trazem:

Rotos co'os outros dous, e não de espaço.

Em socorro dos Mouros de Alcacer vieram *quatro reis* tambem Mouros, a saber: o de Cordova, o de Sevilha, o de Badajoz, e o de Jaen.

Est. XXV.

« Com manha, esforça, e com benigna estrela,
Villas, castellos tomá á escala vista.

« Aqui se ve *estrela* significando felicidade, influxo, e auxilio; no primeiro verso apparece uma bella economia de conjuncções, cuja disposição era desconhecida dos descriptores que precederam a Camões, e assim o executa todas as vezes que se lhe oferece occasião. No princípio de segundo verso estão dous substantivos sem nexo expresso; artificio excelente que pinta a actividade de um conquistador ardente.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Análise*, pag. 223 e 229.

« Ves Tavira tomada aos moradores,
Em vingança dos seis caçadores.

Não será talvez:

« Ves Tavira tomada aos moradores?

Sete Portuguezes, que caçavam no campo, foram de golpe atacados por um troço da guarnição de Tavira (Tavira). Eles defendenderam-se valerosíssimamente; porém morreram todos co'as armas na mão. Correu a cunhio-lhes; mas foi tarde. Acoçou então seus assassinos, alcançaram-os junto aos muros de Tavira, e entrou de rondão com elles a cidade; a qual, após sanguinolento combate, se rendeu aos Portuguezes.

Est. XXXI.

« Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria , etc.

Foi *Numa Pompilio*, segundo rei dos Romanos; e qual instituiu cerimónias religiosas, e erigiu um templo a Vesta. Morreu no anno 82 de Roma, 672 antes de Jesu-Christo, após um reinado de 42 annos.

Est. XXXIV.

« Olha este desíjal e sema paga
O perjuria , que fes , e vil engana.

Foi Paio Rodrigues Martins, alcaide-mor de Campe-maior ; o qual tendo seguido as partes de Castella contra o senhor D. João I, prendeu à falsa fe a Gil Fernandes d'Elvas ; mas este, resgatado, o prendeu depois, e o matou.

Est. XXXV.

« Olha , que desseste Lusitanos
N'este outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos Castelhanos.

Teve logar essa bella defensa junto á villa d'Almada , na guerra entre D. João I de Castella , e o Mestre d'Aviz ,

Est. XXXVI.

« Sabe-se antiquamente que trezentos
Ja contra mil Romanos pelejaram.

Trezentos Lusitanos carregados de despojos, accomettidos per mil cavallos romanos , os mataram , e contínuam a jornada.

Est. XXXVII.

« Olha ca dous filantes Pedro , e Henrique
Progenie generosaq de Joanne :
Aquelle , faz que fama illustre fique
D'ello em Germania , com que a morte engane.

Pelejando contra os Turcos no exercito do imperador Sigismundo.

Est. XXXVIII.

« Vés o cande dom Pedro , que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbária.

Foi D. Pedro de Meneses, primeiro governador de Ceuta.

« Vés outro condé asti

D. Duarte de Meneses, filho do antecedente ; o qual á custa da sua vida salvou a d'el-rei D. Afonso V em África.

Est. XXXIX.

« Que degeneravam certo , e se desviaram
Do lustre , e do valor de seus passados.

Assim se lê em Manuel Correia este ultimo verso. Outros editores escreveram :

« Do lustre , e do valor dos seus passados.

Est. XLV.

Entretanto os heróspicos famosos
Na falsa opinião , que em sacerdícies
Anteveem sempre os casos duvidosos ,
Per signaes diabólicas , e indícios ;

Mandados do rei próprio, estudosos
Exercitavam a arte, e seus officios
Sobre esta vinda d'esta gente estranha,
Que ás suas terras véem da ignota Hespanha.

Um adivinhalho indiatico mostrou ao Samorim, em certo vaso cheio d'água, muitas naus que, de longe terra, endireitavam para a India; e vaticinou-lhe, outro-sim, que a nação a cujas eram, destruiria no Oriente o poder dos Mouros.

Est. XLVI.

Destruição de gente, e de valia.

A palavra *Destruição* tem neste verso quatro syllabas pela figura diéresis.

Est. XLVII.

A isto mais se ajunta, que a um devoto.

A edição parisina de Firmino Didot traz:

A isto mais se ajunta, que um devoto.

Contra-senso manifesto produzido pela falta da preposição *a* que escapou ao corrector-das-provas

Não ficaria o verso 7º d'esta estancia mais correcto lendo-se

Baccho odioso em sonhos apparece?

Est. XLIX.

«Eu por ti, tudo vélo; e tu dormeces?

A edição impressa per Pedro Graesbeeck, no anno de 1681, dá este verso como se aqui ve:

«Eu por ti, tudo vélo, e tu adormeces?

Mas o vocabulo *adormeces*, assim impresso, torna o mesmo verso duro e prosaico. Camões fez sem dúvida o dito vocabulo de tres syllabas pela figura apheresis, e escreveu *dormeces*, bem como n'outros logares por *imaginação* em vez de *imaginação*, venturar por *aventurar*, etc.

Est. LII.

Astutas traíções enganos varios

.....

Destruição de gente pretendiam.

O vocabulo *traíções* tem tres syllabas, e *destruição* tem quatro, pela figura diéresis.

Com peitas acquirindo os regedores.

Acquirindo por *adquirindo* volve-se aqui necessário para a melodia metrica. Essa voz foi muito costumada de nossos classicos.

Est. LIV.

..... pode mal dos apartados

Negocios ter notícia mais inteira,

Da que lhe der a lingua conselheira.

A syntaxe d'este verso, assim escripto na edição de Hamburgo, pareceu-me mais regular que a d'est'outro, em algumas edições :

Do que lhe der a lingua conseilheira.

Est. LXVII.

N'isto trabalha so ; que bem sabia , etc.

Esta lição da edição de Hamburgo pareceu-me preferivel a est'outra que se acha em varias edições :

N'isto trabalha so , quem bem sabia , etc.

Armas , e naus , e gentes mandaria , etc.

Na edição de Manuel Correa lê-se :

Armas , e naus , e gentes mandaria , etc.

Est. LXI.

« Eu sou bem informado , que a embaixada
Que de teu rei me dêste , é flingida.

Adoptei esta lição de Manuel Correa ; porque o verso assim escripto evita a repetição *que que que* , a qual volve tam desagradaveis os dous citados versos, como aqui se pode ver, sendo citados quaes se acham em outras edições.

*Eu sou bem informado , que a embaixada ,
Que de teu rei me dêste , que é flingida.*

Est. LXII.

« Com peças , e dões altos sumptuosos.

Manuel Correa escreveu :

« Com peças , e dões altos sumptuosos.

« Que signal , nem penhor não são bastante
As palavras de um vago navegante.

As outras edições trazem :

« Que signal , nem penhor não é bastante
As palavras de um vago navegante.

(Leia-se a nota que ao primeiro verso fez o eruditio corrector da edição Rolladiana.)

Est. LXIV.

C'uma alta confiança , que convinha.

O citado verso d'esta oitava não ficaria mais correcto d'este modo :

C'uma alta confiança , qual convinha ?

Est. LXV.

« Não causaram que o vaso da inequicícia , etc.
(Açoite tam cruel da christandade)

Viera per perpetua inimicicia
Na geração de Addo co'a falsidade , etc.

Eis a lição que appresenta a edição Rollandiana de 1843 , outras trazem :

« Não causaram quê o vaso da iniquicia , etc.

« *Addo* deriva-se de *ashamedā*, palavra hebreia, que quer dizer terra; porque os homens são de terra.»

FAXI HENRIK PINTOR, *Imagem da vida christã*, pag. 19.

Outras edições trazem :

« Viera per perpetua inimicicia , etc.

(Veja-se a nota que acarea d'esse verso escrevem o editor da edição Rollandiana.)

EST. LXVI.

« Mas , porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões , e em todo o feito , etc.

Manuel Correa appresenta :

« Sem grandes oppressões em todo feito , etc.

EST. LXVII.

..... e os ardores ,
Que sofrem do Carneiro os moradores ,

Allude o Poeta ao signo de *Aries* ou do *Carneiro* , mareado no equador celeste; querendo per esta expressão dar a entender a *Zona-Torrada*.

EST. LXXI.

« Conceito digno foi do ramo clavo
Do venturoso rei , que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador da Ábyla defradeiro.

« *D. João I* por ensanguentar suas armas em infieis , como fizera até então nos catholicos , desejando aumentar a fé cathólica , e estender a coroa de seus reinos alem do mar, fez massá da melhor e mais escolhida gente, que tinha no reino de Portugal, com a qual passou à Africa, onde ganhou per força de armas a cidade de Ceita, em 21 de agosto do anno 1415. »

FAXI BERNARDO DE BRISTO, *Elogios históricos dos reis de Portugal*.

De Argos, da Hydra a lux, da Lebre , e da Ara.

São constellações do hemisphério do Sul.

EST. LXXII.

..... caminhos estrangeiros
Que uns , sucedendo aos outros , prosseguiram.

Em Manuel Correa lê-se :

« Que uns , sucedendo a outros , prosseguiram.

..... que nunca as *seis flamas virath.*

A constelação da Ursa poliar do Norte, composta de sete estrelas, denominadas *septentrionais*.

EST. LXXIV.

« Esta é a cordade, rei, etc.

É a resposta de Vasco da Gamá uma cabal refutação às acusações dos Mouros. Pode avaliar-se a tal resposta um protótipo de logica e firmeza. Os discursos, n'este infinitável poema, são veramente admiráveis.

EST. LXXV.

« Não me impidas o gosto da jornada.

Assim conjugavam nossos bons escriptores o verbo *impedir*, como se nota no seguinte exemplo :

« Verá o imperio seu tam estendido
Que elle mesmo se *impida* e crescente. »

Castro, *Ulyssea*, cant. IV. est. 115.

Esses escriptores diziam igualmente, *elle despide*, *elle compite*, *elle consinte*, *elle minte*, *elle prosigue*, *elle acude*, *elle detinhe*, *elle fuge*, *elle sacude*, *elle induxe*, *elle produze*, *elle reflui*, *elle traduze*, *elle sinta*, *elle consuma*, *elle luze*, *elle advirte*, etc.

EST. LXXVI.

Os Catuaes corruçõez mal julgados.

Assim se lê este verso na edição de Manuel Correa.

EST. LXXVII.

Que *pela especiaria* troque e venda.

Eis a lição que oferece Manuel Correa. As outras edições trazem *pela especiaria*; erro manifesto.

EST. LXXVIII.

« Que *manda* da fazenda, enfim lhe *manda*, etc.

O nosso Camões cahe ás vezes em sibilhantes trocadilhos, ou por melhor dizer em taes descuidos. Aqui vem a propósito o *bensus dormitac* *Homerus de Heracle*.

EST. LXXXI.

Corruptos pela *ma' omelana* gente.

Eis como Manuel Correa escreveu esse verso:
A edição de padre Aquino traz :

Cortuptos pela *ma' omelana* gente.

A Parisina de Firmino Didot :

Corruptos pela *ma' omelana* gente.

A de Hamburgo :

Corruptos pela *moumela* gente.

E a Rollandiana concorda co's do padre Aquino.

Est. LXXXII.

O Gama com instancia lhe *requere*

Que o mande pôr nas naus, e não lhe val, etc.

Aqui, pela figura paragoge, accrescentou Camões uma syllaba ao primeiro verso na voz *requere*; assim como se fôr a outros nas seguintes palavras *pertinace*, *Isabella*, *Joanne*, *martyre*, *produxe*, *reluze*, *fugace*, etc., em lugar de *pertinaz*, *Isabel*, *João*, *martyr*, *produz*, *reluz*, *fugaz*, etc.

Os nossos antiguos escriptores até escreviam a dita voz em prosa como o nosso Poeta a escreveu em verso. Exemplo :

« Mas agora que so a morte os pode apartar, digo-vos que me *requere* dura couça. »

Sa de Miranda, *Os Vilapendes*, act. II. scen. 6.

Est. LXXXVII.

Qual é reflexo lume do polido
Espelho de ago, ou de crystal fermoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n'outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
Peia casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Trémulo aqui, é alli dessocegado, etc.

Imitação de Virgilio :

« *Sicut aqua tremulum labris ubi lumen ahenis,*
Sole repercutsum, aut radiantis imagine lunæ,
Omnia percolat late loca, jamque sub auras
Erigitur, summiq[ue] ferit laquearia lecti. »

Eneida, liv. VIII. v. 22, etc.

Est. LXXXIX.

. que nunca louvarei
O capitão que diga : « *Não cuido*. »

Seneca disse :

« *Turpissimam, aiebat Fabius, Imperatori excusationem esse :*
« *Non putavi.* »

De Ird, liv. II. cap. 31.

Camões emprega raramente nos *Lusiadas* o verbo *cuidar* : serve-se de *imaginar*, *crer*, etc. Todavia esse verbo, alem de antiquissimo idioma, até foi outrora costumado em França, como o provam os seguintes versos do satyrico poeta Regnier :

« *Il se plaist aux trésors qu'il cuide ravager,*
Et que l'honneur lui rie au milieu du danger. »

Est. XCIII.

Embarcações idóneas com que venha , etc
Não ficaria melhor este verso assim escripto ?

Embarcações idóneas em que venha?

Est. XCVII.

A Polydoro mata o rei Threicio.
A diéresis, na palavra *Threicio* dá-lhe tres syllabas.

Est. XCVIII.

Este aos mais nobres faz fazer vilezas.
Em outras edições lê-se :
Este e mais nobres faz fazer vilezas.

CANTO NONO.

Est. I.

Era deter ali os descobridores , etc.
N'este verso , por isso que a synalepha não se fax na sexta syllaba, logo proprio do accento, fica ella sendo aspera e desagradavel.

Est. II.

La no seio erythreu , onde fundada
Arcinoe foi do Egypcio Tolomeu , etc.

Arsínoe foi filha ou irmã de Ptolomeu, rei do Egypcio; a qual fundou um lugar, que de seu nome se chamou *Arsínoe*, e agora Suez, na costa do Mar-Roxo.

Da religiosa agua ma' ômetana.

Poco sagrado de *Zemzem* ou d'*Agar*, juncto ao templo denominado *Caaba* em Meca, a cuja agua attribuem os Mahometanos a virtude de purificar de todos os peccados ; por correr tradição de que n'ella se lavava Mahomet.

Est. X.

Outros quebram co'o peito duro a barra.

Barra é a alavanca de pau, que serve em os navios para fazer voltar os cabrestantes.

Est. XIV.

« A secca frol de Banda não ficou.

Assim se lê esse verso na edição de Manuel Correa; e com effeito *frol*, em vez de *fior* , era pronuncia mui usual nos quinhentistas. Exemplos :

« Acude aqui a *frol* dos Sarracinos. »

JERONIMO CORTE REAL, *Cörper de Diu*, cant. 9.

« E o escaraceo arrebentava todo em frol. »

FERNAN' MENDES PINTO, *Peregrinações*, cap. 61.

« Quebrava o mar em frol. »

BARROS, *Decada 3.*

Mas como todas as edições dos *Lusiadas* trazem flor, não mudei este vocabulo em frol.

EST. XVI.

Levando alegres novas, e repôs.

Manuel Correa escreveu a voz *réposta* tem s. Essa supressão adoça mais a pronuncia do verso aqui citado.

EST. XXI.

Da primeira co'o terreno sélo.

A voz *primeira* tem, pela figura diéresis, quatro syllabas. A ilha que Camões aquí chama *primeira*, parece ser a ilha de Ceilão, em contraposição á ilha da *Madeira*, per telle contida como derradeira no verso 5º est. V, do cant. 5. (Nota do editor da edição Rollandiana.)

Eu conservei porém a lição

Da *m e primeira* co'o terreno sélo.

escorrido nas sables reflexões que fizaram a esse verso os editores da edição de Hamburgo.

O commentador Manuel Correa escreveu acerca do mesmo verso a seguinte nota :

« Assim fez Luis de Camões este verso, e não como ainda impresso :

Da *m e primeira* co'o terreno sélo;

que foi acresentamento da syllaba *m e*, por crerem que faltava ao verso, o que não é. Nem a palavra *m e* n'aquele logar quer dizer essa que satisfaça : quando as syllabas da palavra *primeira* tem quatro ; pois tem quatro vogaes. E ainda que o ei seja diphongo , e se tome por uma syllaba só , costumam os poetas dividir - os. E assim o ouvi a Luis de Camões. Os que quizerem que errasse Luis de Camões , façam o verso d'esta maneira :

Da *primeira* com o terreno sélo. »

Eu respeito muito a auctoridade de Manuel Correa ; mas tanto o verso como a emenda são pessimos. De mais, eu não achel o vocabulo *primeira* assim escripto em nenhum poeta contemporaneo a Camões. *Primeira* é pronuncia alheia aos bons authores portuguezes.

Eis como o judicioso traductor italiano Carlos Antonio Paggi traspasou para o seu idioma a parte da oitava que inclue o mencionado verso :

« Che nel Regno ha pur molto , a cui confina ,
De la madre primiera il terren pland ,
Oltre di quelle , che le d e la sorta
Di sommo pregio entro l' Erculeo porto .»

EST. XXIV.

*E aquelas, em que foi já convertida
Peristéa, as beninas espanhando.*

São as *pombas*. Cupido, segundo a fabula, converteu em uma d' essas aves a *nymphá Peristéa*.

EST. XXVII.

*Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente.*

Os antigos diziam *consínte* em vez de *consente*; mas Camões foi aqui obrigado a exprimir-se do segundo modo por causa da rhyma.

EST. XXX.

Suave a letra, angélica a toada.

Assim se lê esse verso na edição de Pedro Craesbeeck, e esta lição pareceu-me mais conforme à boa pronuncia do mesmo verso; pois evita a que involuntariamente s' expelle da bocca: isto é, *assmada* (motim, etc.). As outras edições trazem:

Suave a letra, angélica a soada.

EST. XXXI.

Nas fragas immortae, onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entrinhas inda palpitantes:
As aguas onde os ferros temperavam,
Legrymas são de miserios amantes,
A viva chamma, o nunca morto lume,
Desejo é so que queima, e não consume.

• Veja-se como por causa do affecto é artificiosa esta imagem phantastica, vestida de uma tam bella gala de novas e originaes cores poeticas. « *Tâes* são (como diz Garcez Ferreira) as da exquista parabola de *corações por lenha*, e do *desejo por lume*. » Até na dicção é admiravel esta estancia, para em tudo ser óptima; pois os versos não podem ser mais numerosos, nem os periodos mais bem compassados. E, tanto dizem os pintores, uma pincelada de mestre. »

FRANCISCO JOSEPH FAZIRE, *Arte poetica*, tom. I. pag. 110.

EST. XXXIV.

*Qual o das moças Bibli, e Cingrás;
Um mancebo de Assyria, um de Judéa.*

Moça de Mileto perdida de amores por seu irmão *Cauno*.
Myrrha, a qual se namorou, e concebeu de seu pae *Cinyras*.
O filho do rei Antiochus, apaixonado per sua madrasta; ou *Nino*, filho de Semiramis, que teve amores com sua mãe.
O filho de David, que violentou sua irmã *Thamar*.

Est. XXXVII.

« Amado filho em cuja mão
Toda minha potencia está fundada ,
Filho , em quem minhas forças sempre estão ;
Tu que as armas tytheas tens em nada , etc.

Virgilio disse :

« *Nate , mea vires , mea magna potentia solus ,
Nate , patris summi qui tela Typhoëa temnis .* »
Eneida , liv. I. v. 664 , etc.

Est. XL.

« Ilha , que nas entranhas do profundo
Océano terei apparelhada ,
De dões de Flora , e Zéphyro adornada .

« Boa poesia ! comtudo sendo a sua phrase bela e purissima está forçada na passagem do primeiro para o segundo verso ; mas isto é venialdade : é notavelmente poetica a clausula d'esta pintura — *entranhas do profundo Océano* . — Elegancia , e harmonia . »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyse* , pag. 240.

Est. XLI.

De amor feridas , pera lhe entregarem , etc.

A proposição *de sem apostrophe* (qual se nota no dito verso assim impresso na edição de Manuel Correa) enche mais o mesmo verso que o que apresentam outras edições :

D'amor feridas , pera lhe entregarem , etc.

Est. XLV.

Ven-a buscar , e manden-a diante .

Eis a correcta orthographia d'este verso , como eu ja disse em outra nota. Gendron escreveu :

Vdo-na buscar , e mandam-na diante .

A edição parisina de Firmino Didot traz :

Vdo a buscar , e mandado a diante .

A do padre Aquino :

Vdo-na buscar , e mandam-na diante .

A de Hamburgo concorda com a do sobredito padre ;
E a Rollandiana com a de Didot .

Est. XLVI.

No coração dos deuses , que indignados , etc.

Na edição de Hamburgo lê-se :

O coração dos deuses , que indignados .

Est. XLVIII.

Os cornos ajunctou a eburnea *lúa*,
Com força o moço indômito excessiva;
Que Tethys quer ferir mais que *nenhùa*,
Porque mais que nenhùa, lhe era esquiva.
Ja não fica na aljava setta *algùa*, etc.

Eis como estes versos se lêem nas edições mais correctas ; porém seus editores não advertiram que o ~ suprindo as consoantes *n*, ou *m*, a voz *lua* pronunciava-se tendo o ~ sobre o *u*, *luna* ou *luma*, e por conseguinte, a dita voz sim rhymava com *nenhuma*, *alguma* ; porém nenhum poeta quinhentista (que eu saiba) chamou *luna* ou *luma* ao vocabulo *lua*. A verdade é, que os taes poetas supprimiam o ~ nos sobreditos termos, quando estes formavam consoante. Sa de Miranda disse :

« Coroada, e debaixo os pés a *lua*,
São vindas minhas culpas e querellas
Sobre mì tantas, valei-me aos desmaios,
De muitas que possa ir chorando *algua*
Não me deixaram desculpa *nenhua*. »

Obras, tom. II. pag. 6.

Se nos dous ultimos versos está o ~ sobre as palavras *algua*, *nenhua*, é per incuria do amanuense ; pois Sa de Miranda não podia rhymar *lua* com *alguma*, *nenhuma*.

A' vista do citado exemplo, e outros mais que aqui não menciono, restabelei os mencionados versos como se acham no texto.

Ja não fica na *aljava* setta *algua*.

Aljava foi como escreveram e pronunciaram os contemporaneos a Camões. Exemplo:

« Furtou a *aljava* a Amor (quando dormia)
Lesbia. »

ANTONIO FERREIRA, *Poemas Lusitanos*, tom. I. pag. 26.

Assim se lê tambem na edição de Manuel Correa ; mas como todas as dos *Lusiadas* trazem *aljava*, não ousei mudar o *v* em *b*.

Est. LI.

Rompendo pelo ceo a *mde fermota*
De *Momadrio*, suave e deleitosa.

Foi filho de Titão, e da *Aurora*, quem (morto per Achilles) foi convertido em ave.

Est. LIV.

Tres fermosos ouleiros so mostravam
Erguidos com *suberba graciosa*,
Que de gramineo esmalte se adornavam.

« Bellos e elegantissimos versos ! — *Suberba graciosa* é elegancia que se podia sair da pena do grande Camões : mas que diremos do terceiro verso ? Não é o seu estylo absolutamente novo, e desconhecido não

so dos escriptores, que precederam a Camões, mas tambem dos seus contemporaneos? »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 267.

Est. LVIII.

As amoras, que o nome tem de amores.

Poucas pessoas ignoraram o lastimoso caso de Pyramo e Thisbe: ambos eram de Babylonia. Constrangidos por seus pais, que recompunham unil-eis, convieram achar-se junto ao tumulo de Nino, sob uma amoreira branca, contigua a uma crystallina fonte,

« Arbor ibi nectis uberrima pomis
Arbuta morma, etat pulido conterminta fonte. »

OVIDIO, *Metamorphoses*, liv. IV. v. 88.

Thisbe chegou primeiro ao logar do ajuste; e antolhando uma leoa co' as fauces ensanguentadas, deixou cair o véo, e qual logo foi espedeçado e tincto de sangue pela tal leoa. Chegado Pyramo depois ergueu o véo, e julgando ter sido Thisbe devorada, embebeu no peito um estoque. Voltando Thisbe, achou Pyramo expirando, e varou-se com o mesmo estoque. Os fructos da amoreira (a cuja sombra isto aconteceu) volveram-se negras, sendo ále-lí brancas.

Est. LIX.

E vós, se na vossa arvore secunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao danno, que co' os bicos
Em vós fazem os passaços injicos.

• Tam doces, tam saborosas são as *peras pyramidaes*, que os passaços as comem; e tantas e tammanhas, que grande beneficio é para elhas, que os mesmos passaços com os bicos lhes diminuam o peso; porque de outra sorte não poderiam conservar-se na pereira, »

(Nota dos editores da edição de Hamburgo.)

Est. LX.

Peis a *tapecaria bella e fina*
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemónia menos dina;
Mas o sombrio valle mais ameno.

« Nenhuma circumstancia omittiu o Poeta para fazer esta passagem amena e brillante. A fermosura da *tapecaria* que cobre o rustico terreno está designada com duas qualidades procedentes uma da outra no adjetivo *bella*, e cuja força resulta do adjetivo *fina*, que exprime n'este logar ideia analoga á perfeição. Tudo isto está pintado com tanta bizarrria, que com singular felicidade se conhece quanto nessas graças da representação campestre excede o natural ao artificial. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 302.

Alli a cabeca a flor *cephisia* inclina.

A flor *cephisia* é o *Narciso*, na qual, dia a fabula, fôrça convertido

um moço assim chamado. A designação porém de cephísia é derivada do patronímico *Céphiso*, nome de seu pae.

Manuel Correa escreveu :

Alli a cabeca a flor cephisie inclina.

« *Frol* disseram os nossos antepassados, formando o vocabulo de origem latina, mas com dissimilhança, para que se conhecesse portuguez. Este se mudou depois em *flor* : e porque ? seria para o aproximar á origem latina ? Não havia n'isso interesse : polo gosto do ouvido ? isso sim. »

NEVES, *Causas da decadencia da Lingua portuguesa*, pag. 384.

Eu presumo que esse vocabulo foi mudado em *flor* pelos editores dos *Lustadas*; pois (como ja mostrei com exemplos de contemporaneos a Camões) tal era a pronuncia no seculo em que este eximio poeta viveu.

*Florece o filho, e noite de Cintra,
Por quem tu, deusa páphia, inda suspiras.*

É a anónoma, em que foi convertido *Adonis*, havido por Clivras em sua filha Myrrha. Venha amou-o estremecidamente ; mas um javali matou-o n'uma caçada. A mesma deusa metamorphoseou esse gentil mancebo em anemona.

EST. LXI.

*Pera julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
Se daya ás flores cor a bella Aurora,
Ou se lib'a dão a ella as bellas flores.*

São esses quatro versos uma quasi fiel traducção dos dous do Idyllo de Ausonio relativos à rosa :

*Ambigeres rapere sine rasis aurora ruborem,
An daret, et flores tingeret orta dies.*

*Pintando estava alli Zephyro, e Flora
As violas da cõe das amaderes,
O lirio roxo, a fresca rosa bella
Qual reluze nas faces da donzelha,*

« Nem no bello episodio da ilha de Alcina, no *Furioso*, de Ariosto, nem no de Armida, na *Jerusalém do Tasso*, nem na pintura do *Paraíso* de Milton, nem finalmente na admiravel descripção do *templo do Amor*, no canto 9º da *Henriguísade* de Voltaire, se acha pintura, não digo que exceda a esta, mas nem ainda que a iguale. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 299 e 300.

EST. LXII.

A candida cecem.

Cecem o mesmo que assucena.

*Vêem-se as letras nas flores hyacintinas,
Tam queridas de filha de Laione.*

Allude Cambes, n'este logar, aos versos de Ovidio :

*Ipse suos gemitus solitis depingit, et si ai
Flos habet inscriptum.
Metamorphoses, liv. x. v. 215, etc.*

Que competia Chlóris com Pomena.

Chloris é a mesma que Flora.

Est. LXIII.

Ao longo da agua o nivco cysne canta.

Ao longo da agua, e não a longo da agua é como se lê na pequenina edição de 1651.

Est. LXXI.

De uma os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e de outra as fraldas delicadas.

A edição do padre Aquino, e a de Hamburgo trazem :

..... e d'outra as fraldas delicadas.

E a do Souza :

..... e da outra as fraldas delicadas.

Est. LXXIV.

Vendo ao rosto o ferreo cano erguido, etc.

Outras edições trazem :

Vendo ao rosto o ferreo cano erguido, etc.

Est. LXXVII.

« Quem te disse, que eu era o que te sigo ?

« Quem duvida, qué é mais conforme à analogia o modo de conjugar certos verbos, conservando as letras iniciais, e a figurativa da sua raiz, como seguir, sigo, sigues, impedir, impido, impides, fugir, fujo, fuges, medir, mido, mides, mida, mento, mentes, ou minto, mintes, etc. P»

NEVES, *Causas da decadencia da língua portuguesa*, pag. 347.

Est. LXXVIII.

« Tra la spiga e la man qual muro è messo. »

É um verso de Petrarca no soneto 43.

Est. LXXXI.

« Lhe mudardá a triste e dura estrella.

N'outras edições lê-se :

Ss lhe mudardá a triste e dura estrella.

Est. LXXXII.

Volvendo o rosto ja *sereno e sancto*, etc.

« Communmente as pinturas de sentimento costumam ter uma harmonia menos notada : esta pelo contrario é tam cantante na sexta, oitava, e decima pausa, que está ensinando a recitar. Nos dous epithetos, ou accidentes está posposto o antecedente ao consequente : porque *santio* denota predicado honorífico d'alma, cuja consequencia é *serenidade* ou gentileza corporal, que é o que está significando este logar. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 152.

Est. LXXXIII.

O que mais passam na manhã e na sesta, etc.

Assim achei escripto este verso nas edições, que tive ante os olhos; porém a repetição da partícula *na* volve-o insulsíssima prosa : a tal partícula foi sem dúvida descuido typographicó. Emendei qual vai no texto.

Est. LXXXIX.

Que as nymphas do Oceano tam fermosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa *não são*, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada.

(Leia-se, acerca d'essa emenda, a nota do atilado corrector da edição Rollandiana.)

Est. XC.

Sobre as azas inclytas da Fama.

A falta de synalepha na segunda syllaba torna este verso languido e curto.

« Os antigos poetas desprezaram frequentemente o uso da synalepha ; e, a respeito das mesmas vozes, umas vezes se serviam d'ella, outras não ; e assim mediam os versos pelo modo que melhor lhes agradava. Este defeito foi notado até no mesmo Camões, dizendo-se (como testilica Leonel da Costa, na epistola ao leitor, da traducção das *Eclogas* e *Georgicas* de Virgilio) « que muitos dos seus versos não estavam constantes ; mas faltos e imperfeitos, por deixar algumas vezes de fazer a synalepha, que se ha de fazer na ultima vogal precedente, e na primeira da seguinte, » sem advertirem que o verso latino, d'onde se inventaram os vulgares, deixa algumas vezes de a fazer, fazendo syllabas ambas as vogaes precedente e seguinte. »

PEDRO JOSÉ DA FONSECA, *Tratado da versificação portuguesa*.

Est. XCII.

Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no mundo nomes tais estranhos,
De deuses, semideuses imortais,
Indigetes, heroicos, e de magnos.

Eis como todas as edições que consultei, apresentam a voz *magnos*,

a qual não pode rhymar com *estranhos*, visto a sua pronuncia ser *me-gueños*; porém eu ja adverti n'outra nota que os antiguos poetas escreviam *manho* por *magnó*.

Aqui vem a proposito o que o sabio philologo e poeta Francisco Dias Gomes escreveu relativamente ao vocabulo *magnó*. Eis *seus proprios termos*:

«O primeiro verso do logar do nosso Epico é de nobre aiento poeticó: o segundo pouco menos: os dous ultimos não teem circunstancia notável mais do que a licença na desinencia em *anhos* da palavra *magnos*, á maneira dos Italianos: liberdade de que raramente usou, e lhe deve ser desculpado pelo sem numero de bellezas com que enriqueceu a nossa poesia, e a lingua portugueza, na qual ainda estava em uso este final no tempo de Camões; como se collige de varios escriptos, especialmente dos de Frei Bettor Pinto, sabio e elegante escriptor, que constantemente usa d'elle. O *gn* nas vozes derivadas do latim, vale *n*, o qual uso passou das Provençaes para os Italianos, ondeinda permanece: nós tambem o adoptámos, e o fomos emendando, exprimindo-nos conforme os Latinos. Esta dissonancia (se é)inda conservámos em *tammanho*, e *anho*, que significa cordeiro, usado este nas províncias; as quaes vozes são as latinas *tunc magnus, quam magnus, e agnus*.»

Anályse, pag. 128 e 129.

EST. XCIV.

Ou dai na paz as *leis* iguas, constantes,
Que aos grandes não decam e dos pequenos;
Ou vos vesti nas *armas* rutilantes,
Contra a lei dos inimigos sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos terrei mais, e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que ilustrem tanto as vidas.

«Pera os nossos ganharem os grandes reinos da India, e destruifrem n'ella a gentilidade e selta mahometica, lhe aproveitou muito o invencivel animo coni que pelejaram, e o singular e valeroso esforço com que, nas batalhas navaes, tingiam o mar, e o tornavam sanguineo, e nas da terra a semeavam de corpos mortos, regando os campos com o sangue da barbara gente inimiga de Christo. Mas pera se isto sustentar, foram as *leis* sumamente necessarias, e ainda pera se commetter; porque ja de ca law as *leis* e regimentos, que os capitães haviam de ter em conquistar, e os cavalleiros em lhe obedecer; com as quaes *leis* movidos, e governados, commetteram cousas terríveis, não estimando a vida pola gloria; tendo por mais honrosa aquella victoria aonde as pessoas com maior risco se aventuravam.»

FREI HEITOR PINTO, *Imagen da vida christã*, pag. 106.

CANTO DECIMO.

Est. I.

Mas ja o ciare amador de Larisse.

Coronis chamada *Larisse*, por ser natural de *Larisse*, cidade thessalica, assentada nas orias do rio *Peneu*, foi amada d'Apólio, o qual a fez mãe do celebre Esculapio. Tendo-se porém entregado a outro amante, durante sua prenhez, Apólio, no primeiro assomo de cossa, matou-a ás frechadas; do que muito se arrependeu depois. Poude todavia salvar o filho, tirando-lh'o do ventre; e entregou-o, para que o educasse, ao Centauro Chiron.

*Temistílio nos fins occidentaes.*Nome antigo do *Mexico*, derivado da sua capital assim dita outrora.

Est. II.

Mesas d'eltes manjares, excellentes.
Lhe tinha *apparelhadas*, etc.

A edição de Manuel Correa traz:

Lhe tinha *apparelhados*, etc.

Est. III.

A quem não chega a egypcia antiga fama.

Allude Camões aos sumptuosos banquetes dadas por Cleopatra a António.

Est. VIII.

Qual *Iopas* não soube, ou *Demodóeo*.

Iopas exímio muíaco africano, e *Demodóeo* outro muíaco também exímio, da ilha dos Pheacos, hoje dita Corfú.

Est. XI.

Cantava d'um, que tem nos Malabares
Do summo sacerdócio a dignidade.

O celebre *Trínumpara*, rei de Cochim, e cabeça dos Bramanes do seu reino; o qual foi o primeiro aliado dos Portuguezes na India.

Est. XII.

Quando mais n'água os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.

Virgilio disse:

“ simul accipit alio
Ingenium Æneas. Gemult sub pondere cymba.”
Enéida, liv. vi, v. 412, etc.

Est. XVI.

Fará que os seus, da vida pouco escassos, etc.

Outras edições trazem :

Fará que os seus, de vida pouco escassos, etc.

Est. XVII.

*Virá alli o Samorim; porque em pessoa
Veja a batalha, e os seus esforços e anime :
Mas um tiro, que com zunido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime.*

« Pacheco, que pelas reaes insignias o conheceu (Samorim) lhe mandou assestar uma bombarda : lançou subito a bala aos pés dilacerados dous dos seus íntimos domesticos ; de que tal susto cobrou el-rei, que se poz em retirada. »

OSORIO, Vida d'el-rei D. Manuel.

Est. XXI.

*Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O passo de Thermópilas defende.*

Leonidas, rei d'Esparta, defendeu o passo de Thermópilas na Thessalia, hoje chamado *bocca di lupo*, com 4000 Lacedemonios, os quaes mataram cerca de 20000 Persas.

Est. XXII.

*Mas n'este passo a nympha o som canoro
Abaixando, fez rouco e entristecido,
Cantando em baixa voz, involta em choro,
O grande esforço mal agradecido.*

« El-rei D. Manuel escreveu a quasi todos os principes christãos cartas recamadas de louvores devidos ás façanhas de Pacheco, para que seu nome em toda a christandade com resonante gloria se espalhasse. Para que porém intendâmos quam falsarias são as humanas confianças, não será desacerto cifrar aqui quaes foram os *galardões*, com que per ultimo pagos foram os serviços de tam valerosissimo varão. Intendendo el rei que Pacheco ficara muito attenuado, por ter consumido em guerras o pouco que possuía ; e que da India so comsigo trouxera (capitaneando com esforço e ventura tam guerreadas pelejas) egregio renome, o nomeou governador de san' Jorge-da-Mina, cidade da Etiópia, d'onde sohe vir muito ouro a Portugal ; para que, em tal governo, olhasse por seus interesses. Mas como andasscm ateadas n'elle as invejas de muitos, estas crestarão sua probidade e honra, per modo que o accusaram de ter defraudado a el-rei de grandissima quantia de ouro, e de muitos outros crimes, e maus feitos. Pois que mandou Sua Alteza lh'o trouxessem com ferros aos pés a Portugal, onde lançado n'um calabouço miserrimamente jouve, até que examinados com mais apuramento os capitulos, saliu claro, que os delitos, que os inimigos lhe imputaram, eram em parte falsos, e em parte leves. Então é que o despejaram dos grilhões, e lhe restituíram as honras, sem contudo o proverem da recompensa merecida por tam inclita

virtude : assim viveu indigente vida. Tanto pode o que maus insinuam aos ouvidos dos reis, inda os mais extremados, que os desviam multíssimas vezes de acudir com os dons devidos á virtude, que é onde mais reluz a grandeza do real elogio ! »

Osozio, *Vida d'el-rei D. Manuel*.

« O' Belizarrio (disse) que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido ;
Se em ti vise abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolarte.

« Belizarrio, capitão do imperador Justiniano, depois de vencer os Vandals, e triunfar dos Persas, e livrar Italia dos barbaros, veio a ser invejado e murmurado. E sendo por seus grandes sucessos suspeito ao imperador, que temia que se lhe levantasse com o imperio, foi d'ele privado dos olhos, e despojado de toda sua riqueza. Emfim, veio a tam triste estado, que fez uma pocilga juncto de um caminho, donde estava pedindo esmola aos que passavam, com estas palavras : « Caminhante, dá uma esmola a Belizarrio , ao qual a virtude engrandeceu , e a inveja cegou.»

FRI HEITOR PINTO , *Imagen da vida christã*, pag. 139.

Est. XXIV.

« Mas vingo-me , que os bens mal repartidos
Per queiu so doces sombras apresenta ,
Se não os dão a sabios cavalleiros ,
Dão-nos logo a avaracos lisonjeiros.

É provavel que esta amarissima apostrophe não somente se endereçasse aos dous irmãos Jesuitas que dirigiam o joven rei D. Sebastião ; mas até aos escriptores contemporaneos ao nosso Poeta. « Porque (tão palavras do atilado Francisco Dias Gomes relativas a Sa de Miranda, Ferreira, Bernardes e Caminha) não deram elles a Camões os grandes louvores que liberalizaram a poetas ineptos e sem merecimento ? A causa é clara. Estes quatro poetas eram pessoas nobres , abastadas , e so se dignavam louvar outros nobres e opulentos : Camões, não obstante ser nobre de nascimento, era extremamente sabio, e extremamente pobre ; qualidades, que em todos os tempos grangearam inveja e desprezo : parece desar da opulencia abaixar-se a venerar talentos sepultados na miseria ; mas elles tambem se vingam em não fazer o menor caso d'ella , como fez Camões , que do Caminha, Miranda, Ferreira, e do Bernardes não fez a mais leve commemoração.»

Analyze, pag. 258 e 259.

Eis como se acha impresso em algumas edições o verbo *dar*; o que é erro manifesto. A partícula *nos* assim escripta constitue um prenome pessoal e não um artigo plural como ser deve realmente. Similhantes irregularidades mancham as obras de Camões e outros classicos : obras a que remetemos os estudiosos.

Est. XXV.

« Mas tu , de quem ficou tam mal pagado
Um tal vassallo , o' rei so n'isto inúco , etc.

O nosso Afonso d'Albuquerque conquistou três reinos para Portugal, e o galardão que teve d'el-rei D. Manuel foi ordem para vir para Lisboa. Com Duarte Pacheco foi este rei igualmente investido, e com outros mais, credores de grandes premios.

Est. XXVI.

« Mas eis outro (cantava) intitulado
Vem com nome real, e traz consigo
O filho, que no mar será ilustrado.

Reflete-se Camões a D. Francisco d'Almeida; 2º vice-rei da Índia, em 1503: o filho é D. Lourenço d'Almeida.

Est. XXIX.

« O mar todo com fogo e ferro ferve.

« N'este verso (como observa Faria) junctou o Poeta as tres vozes, que começam per f, para, com ellas, pintar o fervor da peleja.»

Est. XXX.

« Outro Sceva verão, que espêdaçado, etc.

Foi Sceva um centurio romano, que servia na hoste de Cesar contra Pompeu, em a guerra civil, tornada famosissima pela batalha de Pharsalita. Lucano, em o seu poema assim dito, descreve, no liv. 6, as heroicas proezas do tal centurio na defensa d'um forte Juncto á cidade Dyrrachium, hoje Durazzo.

Est. XXXI.

« Até que outro pelourinho quebra os lagos,
Com que co'a alma o corpo se liera.

« D. Lourenço a todos animava, a todos via, e acudia com o que era de estética, exermando as vezes de óptimo general; e como per si um pelourinho lhe despedaçasse uma perna, mandou vir uma cadeira, e sentado n'ella Juncto ab mastro, d'allí mui animoso dava as ordens; d'allí lhes advertiu «que só com esforçadas obrás se mostra quem têm valor e briga.» Uma baía que vêlo disparada ao peito, lhe afogou com a vida estes honrados gritos. »

Osorio, Vida d'el-rei D. Manuel.

O nosso insigne escriptor João de Barros referindo esse déplorável caso, empregou a seguinte phrase:

« Assi atroou a nau a pancada, que o seu corpo deu em baixo, que muito maior terror fez no animo de todos o tom d'esta cabida, que a vez da sua morte. »

Est. XXXII.

« Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena.

« A nossa alma (deixadas as falsas opiniões dos antigos) é uma substancia participante de razão, incorpórea, imortal, invisibil, accom-

modada a reger o corpo, similitante a Deus, creada d'ele de nada pera os bens eternos; a qual tem a imagem de seu Creador.»

Faz: BERTON PRATO, *Imagen da vida christiana*, pag. 25.

« Que eu ouço retumbar a gran tormenta,
Que vem ja dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mameliucos.

A cadencia d'este primeiro verso, e bem assim os da oitava XXXVI, retractam admiravelmente a ira de D. Francisco d'Almeida, pola morte de seu filho D. Lourenço.

Est. XXXV.

« Fará ir ver o fundo e frio assento,
Secreto leito do húmido elemento.

« Isto é que é elocução verdadeiramente poetica: depois de dizer *frio* e *fundo assento* com dous epithetos, que exprimem duas qualidades, acrescenta — *Secreto leito* — como clausula declaratoria da ideia antecedente, e logo outra formula em ultimo logar — *húmido elemento* — que acaba de dar a conhecer o assumpto da pintura. Phrase nobre e harmoniosa é a de que se compõe tam bella poesia.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 241 e 242.

Est. XXXVI.

« Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperar dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.

« Barros (fallando dos cuidados em que os nossos passaram a noite antecedente à batalha naval, que esperavam ter com a armada de Mir-Hocem) diz na *Decada II*, liv. 8, cap. 5: « A noite quasi toda foi vigiada, uns concertando suas armas, outros a consciencia.»

ANTONIO PEREIRA, *Dissertação académica*, pag. 15.

Est. XXXVIII.

« Alii Cafres selcafes poderão
O que destros inimigos não poderam, etc.

« D. Francisco d'Almeida, ao pôr-se em ato de resistir de novo ao inimigo, veio um zarguncho, que lhe trespassou a garganta: e fui lembrado a dôr, e a afflicção tam apertada que, falecendo-lhe d'um traete as forças todas, fraqueou á terra; e so firme nos joelhos enflava ao eco as mãos, e os olhos. Estes foram os ultimos signaes de ingenita religião que, nos derradeiros limites da vida, deu de si aquelle homem tam egregio per sua probidade, liberal condição, e feitos dignos de imortal lembrança.»

OSSUARO, *Vida d'el-rei D. Manuel*.

Occultos os juizes de Deus são:
As geníes vãs, que não nos intenderam, etc.

Eis a lição que apresentam todas as edições dos *Lusiadas*, menos a de Manuel Correa, a de Hamburgo, e a Rollandiana.

Acerca d'esse verso de Camões trasladarei aqui as palavras d'um atilado escriptor:

«Os editores ou impressores de nossos classicos julgando que a lingua portugueza não admittia desinencias em *n*, e desejando, comtudo, conservar esta união euphonica, imprimiram *em na*, *em no*, etc. Tam palpável absurdo, torna difícil, e até amphibologica, a leitura de nossos bons authores, como o mostra este exemplo em Camões (e cita os dous versos acima). Onde em vez de *não nos*, devêra estar *não os*; porque *os* é aquil artigo relativo a *juizos*, e não o pronome pessoal *nos*. Muitos erros d'esta natureza mancham as melhores edições de Camões, e d'outros classicos. Bemque nosso idioma não tenha, por ora, uma orthographia razoavel, teve antigamente outra menos absurda. »

Est. XXXIX.

« Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será seu nome em todo o mar que lava
As ilhas do Austro, etc.

Tristão da Cunha foi o commandante da frota, que levou á India o grande Afonso d'Albuquerque: o seu nome ficou immortal no archipelago austral, que d'ele se appellida.

Est. XL.

« Alli verão as *selvas estridentes*
Reciprocar-se, a ponta no ar virando.

Este facto (ja tocado per Camões no cant. II, est. 49) é descripto per Barros, e per Castanheda quasi pelas mesmas palavras, foi explicado pelo bispo Osorio, com melhor critica, do que pelos sobreditos historiadores.

Est. XLI.

« Alli de *sal* os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pelas praias, e mar se estendem
De Gerum, de Mascate, e Calayate.

A ilha d'Ormuz jaz na embocadura do golpho persico, afastada duas estendidas leguas da terra-firme. Elia tem tres milhas de ambito e não produz arvores, nem herva, pois está alastrada de *sal* branquissimo: causa esta de sua esterilidade.

Est. XLII.

« Que gloriosas palmas terer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vā de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de *Goa*.

« A cidade de *Goa*, depois de se acabar de fortificar, será inexpugnável; sendo per natureza muito forte, estando toda cercada de mar, e bra-

cos, que d'elle saiem, que a dividem da terra do Idaicão, fazendo-a
ilha. »

Luis MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 173.

..... occasião espera boa,
Em que a torne a tomar, etc.

Esta lição da edição de Hamburgo pareceu-me preferível a est' outra
que se acha em algumas edições :

Com que a torne a tomar, etc.

Est. XLIII.

« Na luz que sempre celebrada e dina
Será da Egypcia *santa Catharina*.

Foi a cidade Goa, pela segunda vez, tomada per Afonso d'Alboquerque
em o dia de *santa Catharina*, a 25 de novembro do anno 1510 ; e, dès
então, ficou sendo cabeça das possessões portuguezas na India.

Est. XLIV.

« Nem tu menos fugir poderás d'este,
Posto que rica, e posto que assentada
La no grémio da Aurora onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada.

Antonio de Abreu, amigo e companheiro de Camões, celebrou em algu-
mas estancias essa famosa cidade. Eis a primeira :

« N'este rico archipélago do Oriente
Pera a parte do Arcticó assentada ,
Jaz n'uma estancia fértil e eminente,
De Maleca a cidade memorada :
De povos orientaes e do occidente,
Por causa do comércio, frequentada ;
Querida dos amigos per preceitos ;
Temida dos inimigos per seus feitos. »

— « Os crises com que ja te vejo armada , etc.

São os crises, com felição de adagas, usados pelos Mouros.

Est. XLV.

Mas lembrou-lhe uma ira , que o condena.

Outras edições trazem :

Mas alembrou-lhe uma ira , que o condena.

Verso prosaico e intoleravel.

Est. XLVI.

Dar *extremo supplicio* pola culpa ,
Que a fraca humanidade , e amor desculpa.

Allude Camões n'estes versos a Ruy Dias, o qual Afonso d'Alboquerque
mandou *enforcar*, porque entrava de noite na sua camara do leme pela

parte de fora , e dormia com uma moça moura das que haviam sido tomadas em Goa, e elle guardava para mandar a Portugal á rainha.

Nos commentarios de Afonso d'Alboquerque, cap. 41, lê-se o seguinte :

« Estando o grande Afonso d'Alboquerque no rio de Goa passando estes trabalhos, que tenho dito, e com muita gente doente, e muita falta de mantimentos, e o tempo ser tal, que não podiam sair pela barra fóra, vieram-lhe dizer « que um Ruy Dias, homem-d'armas, havia muitos dias que entrava de noite com as Mouras, que tomara em Goa. Sabido isto, e arrecedendo que nosso Senhor lhe dêsse algum grande castigo se não acudisse a um caso como este, mandou chamar Pero d'Alpoem ouvidor, e encomendou-lhe muito que secretamente se informasse d'este negocio como passava, e que fosse seu escrivão Lourenço de Paiva secretario, e achando a Ruy Dias culpado, o prendesse, e procedesse contra elle como fosse justica. Pero d'Alpoem começou a tirar sua devassa secretamente, e achou, per muitas testemunhas, que havia dias que Ruy Dias entrava com elles. Vistas as culpas, e o lugar, e tempo em que commetera este delicto, julgou que morresse morte natural, e mandou-o enforcar na nau Flor-de-Rosa. »

Est. XLVIII.

Viu Alexandre a Apelles namorado, etc.

Aqui o artigo *a*, sobre fazer o verso mais choio, salva o equívoco que, no primeiro lanço-de-olhos apresenta o nome *Appelles* unido ao de *Alexandre*, dando-lhe similitudine de sobrenome d'uma só pessoa. A edição de Hamburgo emendou essa falta. Em outras edições lê-se :

Viu Alexandre Apelles namorado, etc.

Est. XLIX.

Per força, de Judith fei marido
O ferreo Baldorino; mas dispensa
Carlos pae d'ella, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Flandres.

Allude Camões a um tal *Baldovíno* monteiro-mor de Flandres, o qual arrebatou *Judith*, filha de *Carles-o-calvo*. Este rei perdoou-lhes; uniu-os; e fez *Baldovíno* conde de Flandres.

Os quinhentistas diziam *Flandres* e não *Flandres* como hoje; e bem assim *Ingrizes*, *Janícaros*, e muitos outros.

Est. L.

Mas proseguindo a nympha o longo cátib,
De Soares cantava, etc.

Foi Lopo Soares d'Albergaria, o qual sucedeu a Afonso d'Alboquerque no cargo de capitão-mor e governador da India, no anno de 1515.

Est. LI.

« Ja pelo nome antiquo tam famosa , etc.

Taives Camões se refere ao nome *Lencá* ou *Lancão*; isto é, *Paraíso-terreal*, per que foi designada outrora a ilha Ceilão.

DO CANTO DECIMO.

385

« Pela certa calida e cheirosa, etc.

A conjunção e torna este verso mais numeroso que est'outro que apresentam algumas edições.

« Pela certa calida, cheirosa, etc.

Est. LIII.

« Tambem Sequeira as ondas erythreas, etc.

Diogo Lopes de Sequeira, o qual abriu a primeira comunicação da corte de Portugal, pela via da India, com o imperio do Preste, na Ethiopia ou Abissinia.

« Maçud, com cisternas de agua chess, etc.

« *Maçud* é uma ilha pequena, muito rasa; e n'ella antiguamente foi edificada Tolloaida das feras : terá esta ilha de comprido um quinto de legua, e de largo um tiro de espingarda. Jaz mettida dentro de uma grande e curva enseada muito chegada à ponta da enseada que está da banda do Noroeste. A cidade de esta ilha, chamada assi mesmo *Maçud*, tem de levantão do polo 15 graus e pera a parte do Norte : é situada na ponta da ilha, que se oppõe ao vento oessudeste. »

D. Joao de CASTRO, *Moletivo*, pag. 58 & 59

Est. LIII.

« Virá despois Meneses, cuja ferro
Mais na Africa, que ca, terá provado.

Foi D. Duarte de Menezes; o qual, após ter goverrado com grande gloria a cidade de Ceuta, foi suceder a Sequeira no governo da India, em 1521.

« Tambem tu Gama, em pago do desterro,
Em que estás, e serásinda tornado, etc.

D. Vasco da Gama, vice-rei, e sucessor do antecedente, em 1524, faleceu em Cochim em véspera do Natal d'esse mesmo anno.

Est. LIV.

« Outro Meneses logo, etc.

Foi D. Henrique de Menezes, que se seguiu ao conde almirante, com o título de capitão-mor e governador, em 1525.

Est. LVI.

« Sucoederás, o' forte Mascarenhas.

Pedro Mascarenhas era o primeiro nomeado capitão-mor e governador da India nas sucessões, per elito de D. Henrique de Menezes; mas como era capitão da Malaca, foi aberta sucessão; e por elle ficou governando interinamente Lopo Vaz de Sampaio, em 1530.

Est. LIX.

« Mas comido não nego que Sampaio, etc.

Lopo Vaz de Sampaio competidor no governo da India com *Pedro*

Mascarenhas, governou a final sosinho apôs sentença que, acerca d'esta contenda, foi dada a seu favor em Cochim, a 21 de dezembro de 1527.

« Despols a ser vencido d'elle venha
Cutiale com quanta armada tenha.

Foi *Cutiale* o chefe mais famigerado que os Mouros antão houveram na Índia. Commandava uma frota de cento e cincuenta embarcações de todo o porte na batalha que Camões menciona.

Est. LXI.

« A Sampalo feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme :
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto *Diu* illustre d'elle treme.

D. Nuno da Cunha, sucessor de Lopo Vaz de Sampalo, o qual governou a Índia per tempo de dês annos dês 1529, com o título de capitão-mor e governador.

Quando *Nuno da Cunha* entrou em *Diu*, na era de 1535, apresentou-se-lhe um velho cujos annos se estendiam a 335; e, com elle, um seu filho de idade d'olentia. O tal velho tinha mudado tres vezes dentes e barba, a qual se volteava preta, de branca que fôra. Elle pediu a *Nuno da Cunha* uma rupia diaria, dizendo-lhe « que o sultão Badur lhe dera esta sombra. » *Nuno* outorgou tres a esse Phenix indiano, em attenção á sua respeitável vetustez. Referem os historiadores que tudo quanto elle contava coincidia exactissimamente com os passados successos. Emfim, expirou ao cabo de 400 e tantos annos.

Est. LXII.

« Traz este vem *Noronha*, cujo auspicio
De *Diu* os Rumes feros afugenta.

D. Garcia de Noronha, successor de *D. Nuno da Cunha* 11º governador da Índia, e 3º vice-rei d'ella, em 1539. A proxima chegada d'esse grande capitão resolveu o soldão do Egypto a levantar o cerco que punha aquella fortaleza.

« Quando um teu ramo, o' Gama, se exprimenta
No governo do imperio, etc.

Allude Camões a *D. Estevão da Gama*, filho do conde almirante, o qual entrou no governo da Índia em 1540.

Est. LXIII.

« Das mãos do teu *Eslêdo* vem tomar
As redeas um, que ja será illustrado
No Brasil, etc.

Foi *Martim Afonso de Souza*, ja famoso pela sua expedição ás costas do Brasil, Capitão-mor do mar da Índia em tempo do capitão-mor e governador *D. Nuno da Cunha*: tomou posse do governo da Índia em maio de 1542.

Est. LXVII.

«Succeder-lhe-ha alli Castro, etc.

D. João de Castro capitão-mor governador, e depois 4º vice-rei da India, sucessor de Martim Afonso de Souza, em setembro de 1545.

Est. LXIX.

« Basiliscos medonhos e leões,
Trabucos feros, minas encobertas
Sustenta Mascarenhas, etc.

João Mascarenhas, governador de Diu durante o segundo cerco, etc.

« Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrificuem.

« *D. João de Castro*, quarto vice-rei da India, em 1545, sustentou com invencível constância a porfiada guerra com Hidaicão, para segurar a Meale, que se valeu do nosso amparo. Defendeu Diu contra todo o poder de Cambala, donde seus dous filhos obraram maravilhas; e um foi morto, sendo milagrosa a victoria. D. João de Castro com tres mil Portuguezes invadiu em Surrate o sultão, que tinha trezentos mil homens. Triumpharam nossas armas na Arabia, Molucas, Ormuz, e per toda a India. Morreu o vice-rei D. João de Castro pobre; pois chegou a empregar as barbas para defender a Diu, e lhe foi preciso pedir esmola em Goa, na doença de que morreu, aos mesmos a quem entregou o governo; que lha mandaram dar da fazenda-real. Expirou nos braços de san' Francisco Xavier, anno de 1548. »

AZEVEDO, *Epitome da Historia portugueza*.

« Eu vos mando filho (disse esse grande homem a D. Fernaldo) com este socorro a Diu que, pelos avisos que tenho, hoje estará cercado de multidão de Turcos: polo que tóca á vossa pessoa, não fico com cuidado; porque, por cada pedra d'aquella fortaleza, arriscarei um filho. Encargo-vos que tenhais lembrança d'aqueles de quem vindes; que pera a linhagem são vossos avós, e pera as obras são vossos exemplos: farei por merecer o apelido que herdastes; acordando-vos que o nascimento em todos é igual: as obras fazem os homens diferentes; e lembro vos, que o que vier mais honrado, esse será meu filho. Esta é a benção, que nos deixaram nossos maiores, morrer gloriosamente pola lei, polo rei, e pola patria. Eu vos ponho no caminho da honra; em vós está agora ganhai-a. »

JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. João de Castro*.

Est. LXX.

« Fernando um d'elles, ramo da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao ceo subido.

« Rebentou logo a mina com espantoso estrondo, e aquelles valerosos defensores sustentaram mortos o lugar, que defenderam vivos. Aqui aca-

bou *D. Fernando de Castro*, em idade de desenove annos, levantado de uma doença, que a natureza podera fazer leve, e o valor fez mortal.»

JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. João de Castro*.

Est. LXXXI.

« Este orbe , que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos , que em si tem , etc.

É o sistema dos Peripateticos , os quaes admittem onze globos , e a terra no meio. O decimo ceo , per elles chamado mobil - primo , gyrava incessante de Oriente a Occidente , e attrahia , em seu movimento , todos os mais ceos. Sobe o sistema de Galilieo ao anno 1632.

Est. LXXXIV.

« Quer logo aqui a pintura , que varia ,
Agora delectando , ora ensinando .

Allusão aos dous versos de Horacio na epistola aos Pírdos , v. 342, etc.

« Omne tulit punctum , qui miscuit utile dulci ,
Lectorum delectando , pariterque monendo . »

—
« Nem nego que esse nome preeminente , etc.

Em outras edições lê-se :

« Nem nega que esse nome preeminente , etc.

Est. LXXXVI.

« Com este rapto e grande movimento ,
Vão todos os que dentro temem no seio .

«.... e sendo a noite muito serena e quieta, alcançaram pela demarcação feita, que a estrella (chamada Norte) rodeara claramente, segundo o movimento ordinario do ceo , que chamam rapto, que é de Oriente a Poente.

SOUZA , *Historia de san' Domingos*, part. I. liv. V. cap. 6.

Est. LXXXVIII.

« E de Oriente o gesto metuendo .

Escorado na sabia nota do editor da edição Rollandiana, substitui metuendo , por motivo da rhyma, a turbulentoo , que se acha nas edições do Souza, e do padre Aquino. Na de Hamburgo lê-se tremendo .

Eis o que Farla e Souza escreveu acerca da voz susodita :

« Yo sospecho que el Poeta escribio Turbulendo , que bien lo pudo hacer con un poco de licencia . »

Est. LXXXIX.

« O claro olho do ceo no quarto assento .

« Olho do ceo é o sol , que por analogia ou similitudão é porta ou janela , assim como costumámos chamar aos olhos , janelas do rosto. Esta phrase teve algum seguito na poesia antigua , d'onde passou para a mo-

deras, como se vê no 4º livro das *Metamorphosae*, verso 238. — *Mundus oculos* — olho do mundo. Depois d'elle Plinio entre os Latinos, e Epicteo entre os Gregos, usaram d'esta formula. Esta falando da lúa, aquella das estrelas. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Análise*, pag. 296.

EST. XCIII.

« Va do Benomotápa o grande imperio, etc.

« Que cousa ha no mundo, que se possa comparar com o commercio do *Benomotápa*, d'onde por muito pouco preço, e por vilissimas cousas, se resgata grande quantidade de ouro, e d'onde não é necessário fazer conquistas, nem aventurear exercitos para trazer a esta cidade (Lisboa) frotas carregadas de praia e ouro. »

LEIS MENDES DE VASCONCELLOS, *Sítio de Lisboa*, pag. 18.

« Onde Gonçalo morte e vituperie
Padecerá pola fe sancta sua.

Foi o Jesuita P. Gonçalo da Silveira, morto pelos bárbaros Africanos, em 1561.

EST. XCIV.

« Combaterá em Sofála a fortaleza,
Que defenderá Nádia com destreza.

Pedro de Nádia com quarenta homens, ou poucos mais, todos doentes, repeliu uma grande multidão de Cafres em Sofála.

EST. XCVI.

« N' esta remota terra, um filho teu
Nas armas contra os Turcos será claro;
Má de ser dom Christendo o nome seu :
Mas contra o fim fatal não ha reparo.

Christendo da Gama tinha sido enviado por seu irmão Estevão (então vice-rei da Índia) em auxilio do imperador dos Abexins contra o rei de Zeila. De primeiro, obteve grandes sucessos; mas, impelido por seu denodo, ficou prisioneiro dos inimigos; os quais, após infinitos ultrajes, degolaram-o.

EST. XCVII.

« Mar-Roxo , que do fundo toma as cores.

« A agua do *Mar-Roxo*, substancialmente tomada, nenhuma diferença tem da outra em sua cór; porém em muitas partes d'elle, per acidente, vem as suas ondas parecer muito vermelhas; o que se causa por esta maneira. Da cidade de Suanquem até Alcoçer, que será caminho de 486 leguas, é o mar todo coalhado de restingas, e parcelas; e o fundo d'estas restingas é de uma pedra chamada pedra-coral, a qual nasce em umas árvores e pinhas, lançando para uma parte e outra umas pernas muito grandes, propriamente como faz o coral: e é esta pedra tam similhante a elle, que enganará toda pessoa, que não for muito practica em seu nascimento, e natureza. A cór d'esta pedra é em duas maneiras, uma muito

branca á maravilha, e a outra grandemente vermelha. E por caso que a pedra das restingas era a maior parte de coral vermelho, crelo ser a razão porque ganhou o nome de *Mar-Roxo*. O modo que tive pera alcançar este segredo, foi surgir muitas vezes em cima das restingas onde me o mar parecia vermelho, e mandar mergulhadores, que me trouxessem as pedras que jaziam no fundo. A maior parte das pedras, que arrancavam eram de coral vermelho, e outras de coberto de musgo alaranjado. Do que podia nascer, que dando algumas navegações relação da cōr vermelha que viam per este mar, como da maior e mais compendiosa de todas, ignorando a causa, ou não querendo dizer-a, por accrescentarem admiração a suas navegações e caminhos, viessem os homens não somente a conhecer este mar per nome de *Mar-Vermelho*, mas cressem que as aguas d'elle fossem de seu natural vermelhas. »

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*.

« Povoações, que a parte africa tem,
Maçú são, Árquico, e *Suanquem*. »

« *Suanquem* antiquamente foi chamada o *Porto-Aspi*; como podémos ver em Tolomeu, tavoa terceira d'Africa. O dia d' hoje é uma das riquíssimas cidades entre todas as do Oriente : está assentada dentro do Sino Arabico, nas praias da Etiópia sob Egypto, chamada agora a terra e costa do Abbexi. Em ella o pólo do Norte está elevantado 19 graus. »

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*, p. 95.

Est. XC VIII.

« Ves o extremo *Suez*, que antiquamente
Dizem « que foi dos *heroas* a cidade; »
Outros dizem « que Arainoe; » e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade. »

« *Suez* deve-se haver por averiguado chamar-se em outro tempo a cidade dos *heroas*; porque n'altura, sítio, confrontações não descrepam em cousa alguma; assi como podémos ver em Tolomeu, tavoa 3 de Africa : malormente jazendo *Suez* assentado nas ultimas praias da enseada, onde se vai acabar este mar de Meca ; nas quaes a cidade dos *heroas* era posta, segundo se lê em Strabão, liv. 17. »

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*, pag. 212.

Est. XCIX.

« Olha o monte Sinái , que se enobrece
Co' o sepulcro de *santa Catherina*. »

Foi essa *sancta* martyrisada em tempo do imperador Maximino, e sepultada no monte Sinái.

« Olha *Toro* e *Gidá*, que lhe fallece
Água das fontes doce e crystallina. »

« Ao logar de *Toro*, fazendo boa consideração, antiquamente chamaram *Ellana*. Agora sabemos que o *Toro* tem 28 graus $\frac{1}{2}$ de levacão do pólo , e jaz assentado ao longo de uma praia muito direita e comprida. »

D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro*, pag. 196.

« Olha as portas do estreito , que fenece
No reino da secca A'dem , que confina
Com a serra d'Arzira , pedra viva ,
Onde chuva dos ceos se não deriva.

« Esta cidade está edificada nas baixas raizes de uma serra mais notável , e conhecida de todas estas praias . A'dem jaz em 12 graus e $\frac{1}{2}$. »

D. JOÃO DE CASTRO , *Roteiro* , pag. 28 e 29.

Est. CI.

« Quando as galés do Turco , e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.

Elle destruiu , juncto a Ormuz , uma grossa armada de Mouros , Turcos e Persas .

Est. CII.

« Olha o cabo Asabro , que chamado
Agora é Moçandão dos navegantes :
Per aqui entra o lago que é fechado
De Arábia , e persas terras abundantes .

« É boa e simples descrição do Selo-Persico . O termo *lago* está sem accidente algum , e com razão , visto não haver circumstancia notável que o distinga . Aqui significa *lago* propriamente *mar* . A phrase é corrente e harmoniosa . »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analyze* , pag. 239.

Est. CIII.

« Mas ve a ilha Gerum , etc.

Assim chamam os Persas a ilha de Ormuz .

Est. CIV.

« Aqui de dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara ,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párses vencerá de Lara.

D. Philippe , com poucos soldados , rompeu uma numerosa hoste , que abalara de Laristan , província persica , em auxilio d'Ormuz . A cidade *Lar* ou *Lahar* , denominada *Lara* per Camões , é vultosa , em razão de suas manufaturas e estofo de seda .

Est. CVIII.

« Um reino mahometa , outro gentio ,
A quem tem o Demônio leis escritas .

Os *Vedes* ou *Vedas* , e o *Alcorão* ou *Corão* . Os primeiros são os livros sagrados das nações do Indostão . O *Alcorão* contem a lei de Maomé . *Al* é o artigo arabe , *corão* significa leitura « a leitura excellentissima . »

« Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas

Do corpo de *Thomé*, cerdo sagrado,
Que a Jesus-Christo teve a mão no lado.

Eis o que se achou escripto acerca de *san' Thomé* n'uma pedra anti-quissima :

« Despois que appareceu a lei dos christãos no mundo , d'alli a trinta annos, a vinte um de dezembro, morreu o Apostolo *san' Thomé* em Meliapor, onde houve conhecimento de Deus, e mudança de lei, e destruição do demonio. Este Deus ensinou a doze Apostolos, e um d'elles veio a Meliapor com um bordão na mão, onde fez um templo ; e el-rei do Malabar, Choromandel, e Pandi, e outros de diversas nações, e seitas, se sujeitaram voluntariamente á lei de *Thomé*. Velo tempo em que o sancto foi morto per mãos de um Bramane, e com seu sangue fez esta cruz . »

JACINTO FREIRE DE ANDRADA, *Vida de D. Jodo de Castro*.

N'esta oitava lê-se *tarão* e n'outras *barão* : de ambos os modos corre impresso em as numerosas edições dos *Lusitadas*. A quem devemos atribuir esta irregularidade orthographica , ao Poeta ou aos typographos ?

Est. CIX.

« Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande e rica.

Segundo um escriptor moderno , *Meliapor*, em idioma malabar, significa *pavão*.

Esr. CX.

« Forças d'homens, de ingenhos, de *alifantes*.

Alifantes, e não *elefantes* é como escreveram e pronunciaram os coevos a Camões. Exemplo :

« Olha o grande poder de armas , e gente,
De espantosos e armados *alifantes* . »

JERONIMO CORTE REAL, *Circo de Deus*, cant. 21.

Est. CXIII.

« O principal , que ao peito traz os *flos*.

Oe flos, insignia dos Bramanes : consiste n'uma linha dobrada em tres flos, lançada a tiracollo dès o hombro esquerdo para o lado direito.

Est. CXIV.

« Um filho proprio mata , e logo accusa , etc.

N'outras edições lê-se :

« Um filho proprio mata : logo accusa , etc.

Est. CXVIII.

« Choraram-te *Thomé* , o *Gange* , e o *Indo* ;
Chorou-te toda a terra que pizaste , etc.

Imitação de Virgilio :

« *Te nemus Angustias, vitred te Fucinus unda,
Te liquidi febre lacus.* »

Eneida, liv. VII. v. 759, etc.

« *Illum etiam lauri, illum etiam febre myrica,
Pinifor illum etiam sole sub rups jacentem
Menalus et gelidi feverunt saxa Lycæi.* »

Ecloga x.

« Onde é que se pode achar uma força de pathetico tam cheia de interesse tam amavel e enternecido como n'esses a todos os olhos maravilhosos versos de Camões? Este artificio de expressado é logar commun summamente nobre e ingenhoso , usado de todos os poetas antiguos e modernos , e em especial do mesmo Camões. »

FRANCISCO DIAS GOMES , *Analysis* , pag. 266.

Est. CXXIV.

« Dizem , que d'esta terra , co' as pestantes
Ondas e mar entrando , dividiu
A nobre ilha Samâo , que ja d'antes
Juntas ambas a gente antiqua viu.

A' similihança do que da Sícilia narra Virgilio na Eneida , liv. III , v. 414, etc.

Est. CXXVI.

« Que Gueos se chamam de selvages vidas.

Os nossos bons escriptores costumavam n'este e outros vocabulos de igual desinencia , suprimir o *m* no singular e o *n* no plural. Como o comprova o seguinte exemplo :

« Nubios , e Garamantes , e os selvages
Tregoliditas , etc. »

Jeronimo Coite Real , *Naufragio de Sepulveda* , capl. 2.

Est. CXXVIII.

« Este receberá placido e brando
No seu regaço o canto , que molhado
Vem do naufragio triste e miserando ,
Dos procellosos baixos escapado.

« Em logar de *cantos que molhados* no segundo verso , e de *escapados* no quarto , como lêem as duas edições de 1572 , e muitas das que se fizeram depois (não assim a de 1631) , corrigimos como vai no texto ; por assim o pedir a rhyma , e o são juizo. E é para se notar , tenham hesitado em fazer uma tal correccão , e tam palpavel , editores que se julgaram auctorisados para fazerem outras muito mais substanciaes. »

(Nota do atilado editor da edição Rollandiana.)

« Das fomes , dos perigos grandes , quando
Será o injusto mando executado
N'aquele , cuja lyra senorosa
Será mais afamada , que díosa.

« O grande Camões ; isto é , o maior homem de Portugal , viveu sempre

na maior miseria , do fundo da qual se fez notavel pelo seu ingenho ; e jazendo os Crassos do seu tempo (que tanto o desprezaram) no mais profundo esquecimento , o seu nome é pronunciado no mundo com admiração e respeito.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 44.

Est. CXXX.

« Olha o *muro* , e edifício nunca erido ,
Que entre um imperio , e o outro se edifica.

« Este *muro* vi eu algumas vezes , e o medi , que é per todo geralmente de seis braças de alto , e quarenta palmos de largo no mocoço da parede ; mas das quaes braças pera baixo corre um entulho a modo de terrapleno alambrado da face de fóra de um betume como argamassa de mais largura que o mesmo *muro* , per onde fica sendo tam forte que nem mil basiliscos o poderão derrubar : e em lugar de tórres ou baluártes , tem umas guaritas de douos sobrados armados sobre estelos de pau preto , a que elles chamam *Caubesy* , que quer dizer , *pau-ferro* , de grossura de uma pipa cadaum , e muito altos : por onde estas guaritas parece que ficam sendo muito mais fortes que se foram de pedra e cal . Este *muro* , ou *chanfacau* , como elles (Chins) lhe chamam , que quer dizer resistência forte , corre todo o fio igualmente até entestar nos agros das serras , que no caminho se lhe offerecem ; as quaes pera poderem tambem servir de *muro* vão todas chanfradas ao picão ; com que esta obra fica sendo muito mais forte que o mesmo *muro* em si . E assi se ha de intender que em toda esta distancia de terra não ha mais *muro* que o que toma os espaços que ha entre serra : no mais as mesmas serras servem de *muro* . E em todas estas trezentas e quinze leguas não ha mais entradas que so cinco , que os rios da Tartaria fazem per estas partes ; pelos quaes descendo com impetuosa corrente , com que cortam per este sertão espaço de mais de quinhentas leguas , se vão metter no mar da China , e da Cauchenchina .»

FERNAN' MENDES PINTO , *Peregrinações* , cap. 95.

Est. CXXXII.

« Aqui ha as *aureas aves* que não decem
Nunca à terra , e so mortas aparecem .

Allude o Poeta n'esses douis versos ás aves chamadas *do Paraíso*.

Est. CXXXV.

« e a maravilha
Do cheiroso *liquor* , que o tronco chora .

É o *beijoim* , especie de gomma ou de rezina aromatica.

Est. CXXXVI.

« Nas ilhas de Maldiva nasce a *plantia* ,
No profundo das aguas soberana ,
Cujo *pomo* contra o veneno urgente
É tido por antídoto excellentíssimo .

É o *coqueiro das Maldivas* .

Est. CXXXVII.

« Aonde sahe de cheiro mais perfeito
A ~~messa~~, ao mundo occulta e preciosa.

Falla Camões do *ambar*, o qual apparece arrojado pelo mar nas costas orientaes de África, e ilhas circumvizinhas.

Est. CXXXVIII.

« Eis-aquí as novas partes do Oriente
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tam forte peito novegais.

« Quadro sublime, proprio da magestade epica. O exemplo está no terceiro verso, do qual tudo quanto se disser em seu louvor é diminuto; e bem mostra ser producção do maior alento poetico que em toda a Espanha se tem visto até aos nossos dias. Sublimidade, e harmonia são as graças de tam bella poesia.»

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analysis*, pag. 292.

Est. CXXXIX.

« Vedes a grande terra, que continua
Vai de Callisto ao seu contrario pollo,
Que suborba a fará a luxente mina
Do metal, que a cõr tem do louro Apolle.

Camões allude à *America*.

Est. CXL.

« Ao longo d'esta costa, que tereis,
Irás buscando a parte mais remota
O *Magalhães*, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

Fernan' de Magalhães Portuguez, aggravado d'el-rei D. Manuel, se passou a Castella, d'onde partiu com cinco vélas para as ilhas de Maluco, em cuja viagem descobriu o Estreito, que de seu nome se chama de *Magalhães*.

Est. CXLI.

« D'uma existura quasi gigantes
Homens verá, da terra alli vizinha.

Cognominam-se os habitantes d'essa região *Patagões*. Os primeiros viajores que la arribaram, avaliaram-os *gigantes*.

Est. CXLV.

O favor com que mais se accende o ingenho,
Não o dá a patria, não, que está metida
No gosto da cubica, e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

« O sentido d'estes versos moralisa altamente. Nas terras onde as artes não florescem, onde a *cubica*, e a riqueza valem por todas as virtudes, em lugar d'um nobre orgulho, e alegria sublime nascida da cultura das

artes, que só podem dar elevação ao espiritu, e verdadeiro contentamento, somente se mostra a secura da tristeza de uma alma hydropica de cubiga e abrasada da sede de ouro que a devora. Esta enfermidade moral é muito conhecida, e onde mais reina a ignorancia. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 112 e 113.

Est. CXLVI.

E não sei per que influxo do destino , etc.

Outras edições trazem :

E não sei per que influxo de destino , etc.

Est. CXLVII.

A perigos incógnitos do mundo ,
A naufragios , a peixes , ao profundo.

« Esta pintura representa o sugelto pela sua qualidade : é uma construcção á maneira dos Latinos , na qual se supre o substantivo intelectualmente per ellipse. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Analyse*, pag. 242.

Est. CXLVIII.

Por vos servir a tudo apparelhados ,
De vós tam longe , sempre obedientes
A quaesquer vossoz ásperos mandados ,
Sem dar resposta , promptos e contentes .
So com saber que são de vós elhados ,
Demonios infernaes , negros e ardenes
Committerão comvoso ; e não duvido
Que vencedor vos façam , não vencido.

« A lealdade dos Portuguezes , afamados per todo o mundo , alem de se mostrar em muitas couzas , se ve claramente na conquista de Africa , e Asia , que tendo elles conquistadas muitas cidades e grandes reinos , e ganhadas as Indias , até o cabo do mundo , aonde fizeram em armas façanhas tam espantosas que excederam as dos Gregos e Romanos , e alcançaram pera si perpetua memoria , nunca la houve Portuguez que se levantasse ou rebeliasse a seu rei : o que nunca me lembra que lésse de nenhuma outra nação. »

FARI HEITOR PINTO, *Imagen da vida chrisitã*, pag. 200.

Est. CL.

Todos favoreci em seus officios ,
Segundo teem das vidas o talento.

« Os premios movem as vontades , e estas fazem os artifícios , os quaes despois o amor da profissão convida a fructificar em beneficio communum. »

GASPAR ESTAÇO , *Antiguidades de Portugal*.

« Uma das virtudes de que foi louvado o grande Constantino foi , que aos homens baixos , a quem quiz bem , antes que fosse imperador , depois d'alcancado o imperio , lhe fez mercê de dinheiros , mas não de offerto da

república, salvo aos que pera isso tinham habilidade e merecimento : « porque (dizia elle) que os cargos publicos, e magistrados, não se haviam de dar per affeção, mas per razão. »

FRI. HISTOR PINTO, *Imagen da vida christã.*

Est. CLIV.

Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiençia misturado ,
Nem ingenho ; que aqué coroas prezando ,
Cousas que juntas se acham raramento.

« A grande e altissima epopeia do divino Camões é para a nação portuguesa de tanta ou de maior gloria, que o assumpto da mesma. »

FRANCISCO DIAS GOMES, *Obras poéticas*, pag. 293.

Est. CLV.

So me fallece ser a vós accinto.

Outras edições trazem :

So me fallece ser de vós accinto.

Est. CLVI.

Os muros de Marrocos , e Trudante.

Em algumas edições lê-se :

Os Mours de Marrocos , e Trudante.

Adoptei esta segunda lição , por me parecer mais exacta que a primeira.

De sorte que Alexandre em vós se veja ,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

« Todos esses bellos conselhos foram baldios ; por quanto as grandes victorias que se alcançaram na India, e outras similhantes, que cada dia se ouviam de Africa , e o animo , e inclinação natural d'el-rei D. Sebastião, lhe involviam o pensamento em grandes empresas, crendo que pois a seus capitães eram possíveis de alcançar as que o mundo celebrava per estranhas, lhe ficava a elle obrigaçao de emprender outras tam diferentes d'aquelleas, como elle o era de quem as alcançava.

Pera este fin mandou alistar gente de guerra per todo o reino , reparar armas, eleger capitães , e officiaes de milicia , que exercitassem a gente , e fazer todas as mais cousas convenientes a seus intentos.

A esta inclinação d'el-rei se ajunetou a ordinaria inventão dos privados, que buscando modo de o contentar conformato-se com ella , e vendo n'ele a de armas, e guerra, lhe engrandeciam sua potencia, e fingiam, em discursos militares, abatidas a seus pés as bandeiras africanas, e posta sobre sua cabeça a coroa de Marrocos.

Levado das quaes persuasões fiz uma jornada aos logares de Africa tam desacompanhado de soldados, e mais cousas necessarias pera fazer cousa de importancia , que com nome de visitar aquellas fronteiras, se tornou ao reino não arrependido de seu intento , mas com dobrada vontade de o executar.

Ao que lhe abriu caminho Mulei Mahameth, rei de Marrocos que, havia pouco, fôra lançado de seu estado per Mulei Abdelmelech, e se velo valer de seu soccorro , promettendo-lhe vassalagem.

Ordenou-se a partida com grande repugnancia dos fidalgos antiguos, que tinham experiença das cousas da guerra , e muito applauso dos que viam agradar-se el-rei de suas confianças , e abonações; mas ja se faziam de modo, que se deixava ver n'elles uma tristeza manifesta ; porque nunca se persuadiram que a jornada viesesse a effeito , nem se executassem seus conselhos: mas quando ja viram o fruito d'elles, dissimulavam com sua magoa, não se atrevendo a reprovar o que elles proprios tinham ordenado.

Concluiu-se enfim a jornada com tam pouca ordem , e tam grandes despesas, que as peisoas experimentadas na guerra adivinhavam d'estes principios o successo que velo a ter.

Levou quasi onze mil Portuguezes , e os mais d'elles pouco exercitados na guerra, e alguns Alemães, e Flamengos, e outras nações estrangeiras, que por todos seriam seis mil : e com este pequeno exercito passou em Africa, onde em poucos dias, cahiu el-rei no engano, com que alguns privados seus lhe engrandeciam as forças , e riquezas de seu reino ; porque começaram a faltar pagas pera os soldados.

Mas como era de anjmo grande, e se via entre dous extremos (aes, como eram aventurar-se a uma batalha dada com vantagem notoria do inimigo, ou tornar-se a seu reino, necessitado da falta de dinheiro, e mantimentos, sem outro effeito de tam grande apparato, escolheu o mais arriscado, e menos affrontoso, e foi demandar o inimigo pelo sertão dentro pelejando com as calmas da Africa, com a terrivel séde, e falta de refresco, e depois com um dos copiosos exercitos, que se viram n'aquellas partes , em que haveria bem dés Mouros pera um christão.

Deu-se a batalha do modo que vinham marchando , sem se entrincheirar o campo, nem fazer as fortificações costumadas. E como a mais da gente era blonha (despois de mortos os soldados velhos que tiveram a victoria em dúvida per muito espaço , e a vanguarda inimiga desbaratada, se deixaram romper da furla dos barbaros , em quatro dias do mez de agosto do anno do Senhor de mil e quinhentos e setenta e oito.

Na qual se perdeu a nobreza , e reputação dos Portuguezes conservada per tanto numero de annos ; e o que foi mais lamentavel, um rei de vinte e quatro annos, que (fóra de n'este caso acceptar poucos conselhos) era em tudo o mais ornado de virtudes , e dons naturaes convenientes a um justo e virtuoso principe.

Accrescentou a magoa d'esta perda ficar o reino sem successor, e serem os que alcançaram tammanha gloria os proprios que sempre foram tributarios aos reis portuguezes.

Foi memorável este recontro, por morrerem n'elle tantos reis em menos de tres horas, que foram Mulei Abdelmelech , de sua doença (inda que outros me affirmaram que de uma bala de mosquete). Mulei Mahameth afogado em um rio, indo-se retirando ; e D. Sebastião (dizem) que de feridas mortaes com que acharam o corpo atravessado , depois da batalha , e houve quem o reconhecesse , e venerasse por tal.

N'este fim vieram a parar aquellas *grandes esperanças*, que os Portu-

guezes tinham em seu rei, e aquelles bons intentos que o moveram a emprender esta jornada contra os inimigos da fe catholica : tudo por seguir conselhos de quem os dava encaminhados mais a seus proprios interesses, que ao bem commun. Foi sua perda no dia e anno, que ja disse, aos 24 de sua idade, de que reino vinte e um.

O corpo (assim como se achou na batalha) foi depositado em Alcacere ; e d'ahi levado a Celta ; e ultimamente ao mosteiro de Belem, onde ao presente está. »

FAZI BERNARDO DE BRITO , *Elogios historicos dos reis de Portugal.*

Todas as pessoas admiradoras do homem de genio, podem (depois de haver lido os *Lusitadas*) applicar a Camões as mesmas vozes , que Francisco Dias Gomes applicou a Torcato Tasso ao ler estes bellissimos versos na invocação da *Jerusalem* :

*O Musa, tu che di caduchi allori
Non circondi la fronte in Elicona,
Ma su nel cielo infra i beati cori
Hai di stelle immortali aurea corona, etc.*

« Venturoso d'aquelle que tem a felicidade de conceber partos tam admiraveis ! Venham todos os trabalhos, todos os flagellos , com que a vida, sem amparo, nem protecção alguma costuma ser agitada , que para quem for d'este modo favorecido da natureza , não poderá haver calamidade que o consterne. »

INDEX

De algumas palavras que, por vindas do latim, ou por antiquadas, não estão ao alcance de todos; precedidas de suas competentes explicações, quaes se acham no diccionario da lingua portuguesa, composto per Antonio de Moraes e Silva.

CANTO PRIMEIRO.

- Est. III. v. 5.* Que eu cante o *peito* illustre lusitano (i. é, o anime, o valor).
Est. IV. v. 6. Um estylo *grandiloquo* e corrente (i. é, de grande eloquencia, sublime, epico).
Est. IX. v. 3. Que ja se mostra, qual na *inteira* idade (i. é, perfeita, completa).
Est. IX. v. 8. Em versos divulgado *numerosos* (i. é, em que se observa o numero poetico).
Est. X. v. 4. Per um pregão do *ninho* meu paterno (i. é, patria, morada).
Est. X. v. 6. D'aquelle de quem sois senhor *superno* (i. é, excellente, soberano).
Est. XVI. v. 1. Em vós os olhos tem o Mouro *frio* (i. é, assustado, medroso).
Est. XVI. v. 2 Em quem ve seu *execto* afigurado (i. é, ruina, fim, perdição total).
Est. XVIII. v. 5. E vereis ir cortando o *salso argento* (i. é, o mar).
Est. XXII. v. 7. Com uma coroa, e sceptro *ruílante* (i. é, que reflecte lum miui viva).
Est. XXIV. v. 2. *Estellifero* polo, e claro assento (i. é, estrellado).
Est. XXXIV. v. 4. Onde a gente *belligera* se estende (i. é, guerreira).
Est. XXXVI. v. 6. Merencorio no gesto parecia (i. é, melancolico ou enfadado, carregado).
Est. XXXIX. v. 6. Porque enfim vem de *estamago* damnado (i. é, de animo).
Est. XLII. v. 2. Casa *etherea* do Olympo omnipotente (i. é, celeste).
Est. XLVII. v. 4. Outros, em modo airoso, *sobrapados* (i. é, mettidos debaixo do braço, para ahí segurar-os).
Est. LVIII. v. 6. Pelas covas escuras *peregrinas* (i. é, estranhas, reconditas).
Est. LXVII. v. 7. Arcos, e *sagittiferas* aljavas (i. é, que levam setas).
Est. LXII. v. 7. Na terra do *obsequente* ajuntamento (i. é, que obsequia).
Est. LXXXVI. v. 3. Um d'escudo *embracado*, e de azagaia (i. é, mettido o braço pela embracadeira do dito escudo).
Est. LXXXIX. v. 3. A *plumbea* *péla* mata, o brado espanta (i. é, a bala de chumbo).

CANTO SEGUNDO.

- Est. I. v. 7.* Quando as *infidas* gentes se chegaram (i. é, não fieis, desleais).
Est. II. v. 2. O *mortifero* engano, etc. (i. é, que traz ou causa a morte).
Est. IV. v. 2..... o aurifero Levante (i. é, que traz ouro ou o tem em suas veias).
Est. IV. v. 4..... droga salutifera e prestante (i. é, que faz saude, saudavel).
Est. XII. v. 6..... Panchaia odorifera (i. é, que exhala vapor cheirose, aromatico).
Est. XIII. v. 7..... rubido horizonte (i. é vermelho, arroxeadoo, ardente).
Est. XIV. v. 8. Dentro no *salso* rio entrar queria (i. é, salgado).
Est. XX. v. 2..... argenteas caudas (i. é, da cor de prata).

- Est. XXXIII. v. 1..... as próvidas formigas (i. é, providentes, cuidadosas em prover).*
- Est. XXV. v. 1. A medonha celeuma se levanta (i. é, a vozeria).*
- Est. XXV. v. 4..... horrido batalha (i. é horrenda).*
- Est. XXVIII. v. 5..... penedo immoto (i. é, sem movimento, ou immobili).*
- Est. XXXIX. v. 3. Assentarei enfim que fui moña (i. é, infeliz, desgraçada).*
- Est. XLVI. v. 3. Os Turcos bellacissimos e duros (i. é, muito guerreiros).*
- Est. XLVIII. v. 6..... mortífero engano (i. é, que traz ou causa a morte).*
- Est. LIII. v. 1..... Marte faustico e furioso (i. é, provido).*
- Est. LXVII. v. 3. Assopra-lhe galerno o vento brando (i. é, fresco).*
- Est. LXXXVI. v. 5. Manda-lhe mais longeros carneiros (i. é, que tem lâ).*
- Est. LXXXVIII. v. 1..... a luz erástica.... (i. é, do dia seguinte).*
- Est. XC. v. 8. Instrumentos altonos tangiam (i. é, que tem som alto).*
- Est. XCIV. v. 5. Cum resplandor reluz adamantino (i. é, de diamante).*
- Est. XCIX. v. 2..... tincta, que dá o murice excellente (i. é, certo caracol marinho, que tem uma como veia esbranquiçada, cujo líquido aplicado à lençaria se faz verde, e depois purpúreo, e não se tira com a lavagem).*
- Est. C. v. 8. As bombardas horrissimas brá�avam (i. é, de som horrível).*
- Est. CVI. v. 7..... as trombetas canoras lhe tangiam (i. é, suaves, harmónicas).*
- Est. CVII. v. 3. Ouvindo o instrumento inusitado (i. é, desusado).*

CANTO TERCEIRO.

- Est. I. v. 8. Te negue o amor devide como eos (i. é como costume (*sicut lat.*)).*
- Est. X. v. 3. Escandinavia ilha, que se arres, etc. (i. é, que se adorna).*
- Est. XXI. v. 8. E n'ella então os incolas primeiros (i. é, os moradores).*
- Est. XXIV. v. 1..... um amor íntinseco, etc. (i. é, interior, intimo).*
- Est. XXVI. v. 3. Ganhando muitas terras adjacentes (i. é, vizinhas, proximas, commarcas).*
- Est. XXXIV. v. 8..... o inimigo aspéríssimo asfugenta (i. é, asperíssimo).*
- Est. XLV. v. 1. A matutina lux serena e fria (i. é, da manhã).*
- Est. XLVII. v. 2..... o rábido moloso (i. é, o cão-de-fila).*
- Est. XLVIII. v. 4..... ao animoso exército rompente (i. é, que rompe).*
- Est. XLIX. v. 5. A pastoral companha, etc. (i. é, companhia).*
- Est. XLIX. v. 7. Ao estridor de fogo, etc. (i. é, ao sôido agudo, aspero, desagradavel).*
- Est. I. v. 4. E o ginete bellígero arremessa (i. é, guerreiro).*
- Est. CVII. v. 7..... fulgentes armas, etc. (i. é, que luxem como o fuzil ou clarão que precede ao trovão (do Latim *fulgens*)).*
- Est. CXI. v. 3. Vendo o pastor terner se estar diante (i. é, desarmado).*
- Est. CXII. v. 4. A quem o inferno horrílico se rendo (i. é, que causa horror).*
- Est. CXLI. v. 2. Um inconscesso amor desatinado (i. é, desuso, prohibido moralmente).*

CANTO QUARTO.

- Est. XIX. v. 5. Em virtude do rei, da patria mesta (i. é, triste, afflictia).*
- Est. XXIII. v. 5. Os primeiros armigeros regis (i. é, que trazem armas).*
- Est. XXV. v. 4. Das gentes vai regendo a sesira mão (i. é, esquerda).*
- Est. XXXI. v. 1 e 2..... os estridentes*
Farpões, setas, etc. (i. é, que zunem, que fazem som agudo, que rechinam).
- Est. XL. v. 3..... trífauce cão (i. é, de tres guelas ou gargantas).*
- Est. XLVII. v. 8. Gentis fermosas, incliyas princezas (i. é, illustres, famosas, notáveis).*
- Est. LXXI. v. 8. A barba hirsuta, intensa, mas comprida (i. é, cabelluda).*

CANTO QUINTO.

- Est. XXIV. v. 5.* Quando da *ethérea* gava um marinheiro, etc. (i. é, alta, elevada).
- Est. XXXIX. v. 4.* O rosto carregado, a barba *esquálida* (i. é, suja).
- Est. XLI. v. 5.* Pois os vedados *termínos* quebrantas (i. é, os termos, limites, fins).
- Est. XLVIII. v. 8.* Da fermosa e *miseríssima* prisão (i. é, muito misera).
- Est. LXXXVII. v. 6..... vox altissima e divina* (i. é, que tem som alto; sublime).
- Est. LXXXIX. v. 8..... grandilocca escritura* (i. é, de grande eloquencia, sublime, epica).

CANTO SEXTO.

- Est. LXXXV. v. 6.* De quem foge o *ensífero* Oriente (i. é, que traz espada ou se pinta armado com elia).

CANTO SEPTIMO.

- Est. VIII. v. 3.* Gastam as vidas, logram as dívicias (i. é, as riquezas).
- Est. VIII. v. 5.* Nascem da *tyrannia inimicicias* (i. é, inimizades).
- Est. XI. v. 4.* Ambos volvem *auríferas* areias? (i. é, que trazem ouro ou o teem em suas veias).
- Est. LIX. v. 6.* (Que grande auctoridade logo aquista) (i. é, adquire).
- Est. LXVII. v. 1..... igneus carros....* (i. é, de fogo e luz).

CANTO OITAVO.

- Est. VIII. v. 7.* A *fatalica* cerva que o avisa (i. é, que prediz os fatos e destinos).
- Est. LXV. v. 3..... o vaso da nequicia* (i. é, maldade).
- Est. LXVII. v. 2.* *Undeago*, ou da patria desterrado (i. é, que vague pelas ondas, pelo mar).
- Est. LXXXIII. v. 5.* Rompendo a força do líquido *estenso* (i. é, do mar).
- Est. LXXIV. v. 6 e 7.* No nunca descansando e fero *gremio*
Da madre *Thetis*, etc. (i. é, no regaço).
- Est. XCIII. v. 2.* Embarcações *ídóreas*, etc. (i. é, aptas, proprias, capazes, suficientes).

CANTO NONO.

- Est. XX. v. 2.* *Refocillar* a lassa humanidade (i. é, fomentar, dar alentos).
- Est. XXI. v. 3..... insula divina* (i. é, ilha).
- Est. XXII. v. 1..... aquáticas donzelas* (i. é, que residem na agua).
- Est. LXIII. v. 5.* Aqui a *fugace* lebre se levanta (i. é, que foge rapidamente).
- Est. LXXIII. v. 6.* (.... que co' a mora, etc.) (i. é, tardança, demora).
- Est. XC. v. 4.* Sobre as azas *inclytas* da Fama (i. é, illustres, famosas, notáveis).

CANTO DECIMO.

- Est. III. v. 7..... pratos de fulto ouro* (i. é, amarelo).
- Est. VII. v. 4.* N'um globo vño, diáphano, *rotundo* (i. é, redondo).
- Est. X. v. 5 e 6.* E que os gentios reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, etc. (i. é, o collo, a garganta).
- Est. XX. v. 4.* Tantos cães não imbelles *profígidos* (i. é, não desguerreiros ou desbaratados).
- Est. XLIII. v. 6..... leões famélicos*, etc. (i. é, famintos, esfaimados).
- Est. CXXXIV. v. 2.* Sândalo *salustifero* e cheiroso (i. é, que faz saude, saudavel).

DICCIONARIO

DE ALGUNS NOMES PROPRIOS NÃO INCLUSOS EM AS NOTAS
PRECEDENTES.

A.

Abassia, parte de Africa, cujos povos se chamam Abyxins ou Abassis.
Abráhão, primeiro patriarca.
Abranches, lugar e condado de França.
Abrantes, villa de Portugal.
Abyla, monte de Africa, sobre o qual está a cidade Ceuta.
Accias guerras, as que houve entre Augusto e Marco Antonio, no cabo Figalo, que os Antigos chamam *Actio*.
Acheménia, região da Persia.
Acheronite, rio infernal.
Achilles, principe grego fortíssimo, filho de Peleu, rei de Thessalia, e de Tethys, filha de Chiron.
Acidália, sobrenome de Venus, dita assim por uma fonte d'este nome, que está em Beocia.
Acrocerauños, montes de Epyro, hoje chamado Albania.
Acrysio, rei dos Argivos, filho de Abante.
Adamastor, um dos gigantes filhos da Terra : foi transformado no cabo chamado da Boa-Esperança.
Addo, primeiro homem : viveu 939 annos.
Adem, cidade na Arabia-Feliz.
Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cíniras, e de sua filha Myrrha.
Adriática Veneza, chama-se assim esta cidade por estar fundada no mar Adriático.
Africa, nome da terceira parte do mundo.
Aganippe, fonte de Beocia, dedicada ás Musas.
Agar, escrava de Abrahão, da qual procedem os Agarenos.
Agrippina, mãe do imperador Nero.
Atace, filho de Telamon, e de Hesione. Foi o mais valeroso e esforçado de todos os Gregos, depois de Achiles.
Atindo, ilha sita em uma ponta de terra da China, na qual se pesca aljofar, e perolas.
Albú, rio de Germania, chamado vulgarmente Elva ou Elba.
Alcáçar-do-Sal, villa do Alentejo.
Alcides, cognome de Hercules, d'Alceu seu avô.

Alcino, rei dos Pheacos, na ilha Corcyra: recebeu em sua casa a Ulysses affligido, humaníssimamente.
Alcmena, mãe de Hercules.
Alcordo, livro da lei de Maftoma.
Alecto, uma das tres Furias infernaes.
Alemanha, província d'Europa bem conhecida.
Alemquer, villa de Portugal.
Alexandro ou *Alexandre*, cognominado o Magno : foi liberalíssimo.
Algarves, reino anexo ao de Portugal.
Aloe, genero de pau muito pesado, similitante ao de Aquila.
Alpheu, rio que nasce junclo a Helis, cidade d'Arcadia.
Alvaro, Alvaro de Braga ou Alvaro Dias, com Diogo Dias ou Correa, ficaram em Calicut por seidores, em quanto se a fazenda vendia.
Amathéa, ilha de Meliso, rei de Grecia, a qual tinha um corno chamado Cornucopia.
Amasis, rio d'Alemanha.
Ambrosia, especie de herva ou manjar dos deuses.
Ampaxa, cidade da Persia, nos confins d'Ormuze.
Ampeleusa, promontorio entre Ceuta e Tanger.
Amphion Thebas, foi Amphion um musico tam excellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguiam as cousas insensíveis, como pedras, paus, etc. : d'esta maneira ajuntou a pedra com que fez os muros a Thebas.
Anchises, filho de Capis, e pae d'Eneas, ao qual houve na deusa Venus.
Andaluzia, é toda aquella terra que está desde o rio Guadiana, até o mar Mediterraneo, e desde o mar Oceano, até o rio Xucar, assim como cahe no mar Mediterraneo.
Andromeda, filha de Copheu, rei d'Etiopia, e de Cassione: é tambem um Signo celeste.
Annibal, capitão valerosissimo, natural de Carthago, cidade antiqua de Africa.
Andó Vasquez de Almada, Portuguez valerosissimo.
Antenor, um dos principaes Troianos, que entregaram por traição Troia

- gos Gregos**; a qual queimada, se acolheu a Itália, e edificou no território de Veneza uma cidade, que de seu nome se chamou Antenória, e hoje Padua.
- Antheo**, gigante filho da Terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.
- António**, um é António da Silveira, capitão de Diu, a qual elle defendeu valerosamente de Solimão Baxá, rei do Cairo.
- Aonia**, parte montuosa da Beocia, na qual havia uma fonte, que todos os que bebiam d'ella becavam poetas.
- Apelles**, pintor exímio.
- Apeninos**, montes altíssimos, situados justamente no meio da Itália.
- Apio**, foi governador de Roma; o qual por querer tomar uma Virgínia a seu pae, acabou mal a vida preso em ferros.
- Apollo**, filho de Júpiter e de Latona.
- Apulia**, região de Itália, vizinha ao mar Adriático.
- Aquilo**, vento septentrional.
- Ara**, constelação celeste.
- Arabia**, região de África.
- Arábica língua**, a língua dos Arabes.
- Arabio**, o natural de Arabia, d'onde era Mafamede.
- Aragão**, reino de Espanha.
- Araspas**, certo Médo, a quem Cyro, rei dos Persas, deu a guardar Panthea, mulher de Abradatas, rei dos Susos, que captivara no arraial dos Assyríos.
- Arcadia**, província da Morea.
- Archétypo**, é o trasiado primeiro ou principal fórmula de qualquer cousa; e o Poeta o toma por Deus Nossa Senhor, Creador de todas as coisas.
- Arcturo**, estrela na parte Septentrional, que é o Norte.
- Arethusa**, fonte de Sicilia, junta a Siracusa.
- Argo**, cidade de Grecia, dedicada à deusa Juno.
- Argonautas**, cavaleiros gregos que, em a nau Argos, foram na conquista do Velincino de Colchos.
- Aries**, constelação na Zona-torrida, a qual é um dos doze Signos celestes.
- Armenia**, região de Ásia, entre os montes Tauro e Cáucaso.
- Armusa**, cidade antiga na terra de Magostão, vizinha de Ormuz.
- Arómata**, é o cabo Guardafui.
- árquico**, logar d' Etiópia.
- Arraco**, reino que confina com o de Bengala, nas partes da Índia.
- Arronches**, logar d' Alemtejo.
- Arzinario cabo**, é o que nós agora chamámos Verde.
- Arainos**, filha ou irmã de Ptolemeu, rei do Egypto; a qual fundou um logar, que de seu nome se chamou Arsinóes, e agora Suez.
- Artabro**, monte, a que hoje chamamos Cabo-de-Finisterra.
- Arzira**, serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.
- Assyria**, província de Ásia.
- Astrea**, filha d' Astreu gigante, e da Aurora; ou, segundo outros, de Júpiter, e Themis.
- Asturias**, província d' Espanha.
- Astyanez**, filho único de Heitor, e Andrómacha, ao qual Ulysses lançou d'uma tórra abaiixo, quando os Gregos entraram na cidade de Troia.
- Athamante**, foi conduzido per Juno a tanta furia, que saindo-lhe ao encontro seu filho Learco, o matou; do que espantada e atemorizada Ino, sua mulher, com outro filho Melicerta, se lançou no mar; e foram convertidos em deuses marinheiros.
- Athenas**, cidade na Grecia.
- Atila**, rei dos Hunos, e de Dacia, chamado agoute-de-Deus.
- Atlante**, filho de Japeto, e Clymene ou Ásia nympha, e irmão de Prometeu, foi rei de Mauritania, do qual se diz que tem o mundo em os homens.
- Atropos**, uma das tres Parcas.
- Augusto**, significa logar venerando, e sacro, com alguma ceremónia.
- Aurca-Chersoneso**, é Malaca.
- Aurora**, filha do Sol e da Terra, mulher de Titão, e mãe de Memnon, rei d' Etiópia.
- Ausonia**, foi antigamente parte de Itália: hoje se toma por toda Itália.
- Austró**, vento da parte do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.
- Atás**, povos do Oriente, sujeitos ao rei de São.
- Axio**, rio, chamado hoje Brade ou Varadi.
- Azenegues**, povos d' África, dos quaes se começa a terra de Guiné.

B.

- Babel**, em vez de Babylonia.
- Bacaim**, logar entre Chaul, e Diu.
- Bacanor**, logar da Índia, na costa do Malabar.
- Badajoz**, cidade d' Espanha, fronteira a Elvas.
- Baldoino**, um esfoggado cavalleiro no tempo de Carlos II, imperador des Romanos, a quem furtou uma filha, per nome Juditha; e o imperador não somente dissimulou a alfronta; mas com ella lhe deu a terra de

Flandres, que n'aquelle tempo era deserta, e elle a aproveitou, e povou.

Banda, são cinco ilhas d'esse nome, em as quaes ha muita noz-moscada, cujas arvores são como loureiros.

Barbaria, terra de Africa, onde antigamente foi rei Anteo, um dos filhos da Terra.

Borbora, lugar em Africa, muito abundante.

Barem, uma ilha d'Ormuz, onde se pesca o aljofar.

Baticalda, fortaleza na costa de Malabar.

Beadala, cidade junto ao Comori.

Beatriz, foi filha d'el - rei D. Fernando de Portugal, casada com el-rei D. João de Castella.

Beja, cidade de Portugal, na provin- cia do Alentejo.

Bellona, deusa das batalhas, irmã e cocheira de Marte.

Bengala, reino Oriental, abundante e rico.

Benjamim, tribo entre os Hebreus; o qual, por forçarem uma mulher do tribo de Levi, acabou-de todo, e a terra foi assolada.

Bethis, é o mesmo que Guadalquivir, rio d'Hespanha.

Bistdo, reino da India.

Bispo, lugar na costa do Malabar.

Biscainho, o natural de Biscaia.

Bohemios, são os de Bohemia, provin- cia d'Europa.

Bolonex, esse conde de que o Poeta faz menção foi D. Afonso, irmão d'el-rei D. Sancho de Portugal.

Bootes, constelação celeste Septen- trional.

Bóreas, é o vento que communmente chamam Nordeste.

Bornou, ilha muito grande, e muito fértil.

Brachmanes, religiosos que seguem a seita de philosopho Pythagoras.

Bramd, nação sujeita ao rei de São.

Braos, cidade na costa de Melinde.

Bretanha, é Inglaterra.

Briores, gigante célebre, filho da Terra; do qual dizem « tinha cin- coenta corpos, e cem braços.»

Brussios ou *Barussois*, povos de Brussia, província de Sarmecia.

Busiris, tyranno do Egypcio, e qual sacrificava os hospedes a seus ídolos.

C.

Cairo, grandissima e admiravel ci- dade, edificada no coração do Egypcio.

Calagato, lugar de Socotorá para Or- muz.

Calecut, cidade do Malabar, e a mais rica de toda a India.

Calíope, uma das nove Musas : é a principal.

Calpe, um monte de Gibraltar.

Calypso, ilha de Teihys, e Oceano : foi amada d'Ulysses.

Cambodia, reino muito rico e abastado.

Cambalo, é uma pequena ilha juneto a Cochim.

Camboja, reino marítimo, sujeito ao reino de Sião.

Campaspo, uma das principaes concubinas d'Alexandre Magno; o qual mandando-a retratar per Apelles, viu-o a pintar tam namorado, que lh'a deu por mulher.

Cononor, reino da India, na costa de Malabar.

Conard, são os moradores do reino Bisnaga.

Cameras, doze tibas, no mar Oceano.

Cancro, Signo celeste.

Candace, rainha d'Etiópia, no tempo de Augusto.

Cannas, lugar d'Apulia, juncto ao qual Annibal desbarcou os consules Paulo Emilio, e Terencio Varrão, com morte de 40,000 Romanos.

Cannus, lugar d'Apulia, vizinho de Cannas.

Cappadoces, os moradores de Cappa- docia.

Carmânia, região da India.

Carpella, é o cabo Jasque, fóra da garganta do Estreito Persico.

Carthago, cidade celebre de Africa.

Caspia serra, *Caspios montes* e *Caspios aposentos*, tudo vem a ser uma região de Scythia.

Cassope ou Cassiopéia, mulher de Cepheu, rei d'Etiópia.

Cassio Soera, capitão d'uma com- panhia de Cesar; o qual estando á porta de um lugar de Macedonia, foi commetido per muitos inimigos; e tendo ja um olho quebrado, muito mal ferida uma coxa, e o braço, e o escudo espedaçado, com muitas feridas per todo o corpo, numea se quiz render.

Castelbranco, foi D. Pedro de Castelbranco, capitão de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Turcos.

Castella, são duas províncias d' Hespanha com este nome.

Catherina, virgem e martyr, sepulta no monte Sinal.

Catilina, Lucio Sergio Catilina, con- sul romano ; o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderar-se de Roma.

Cauchichina, reino oriental juneto a Cambata.

- Caudinas forces*, aquellas per onde os Samnites obrigaram passar sem armas aos Romanos, capitaneados pelo consul Sp. Posthumo.
- Ceilão*, ilha que está para o Sul do cabo de Comori.
- Cephisia*, flor, é o lirio, em que Narciso, filho da nympha Liriópe, e do rio Céphiso, foi convertido.
- Caximbra*, logar marítimo de Portugal.
- Chaul*, cidade, no reino Adeção.
- Chersoneso Aures*, é Malaca.
- Chiamai*, lago onde nasce o rio Menão.
- Chimera*, monte de Lycia, o qual lança fogo pelo mais alto, e no tempo passado era muito povoado de leões, cabras montezas, serpes e outros bichos venenosos, d'onde os Antigos fingiram ser um monstro de tres cabeças, de leão, cabra, e dragão, por cujas boccas saia muito fogo.
- China*, imperio grande e rico do Oriente.
- Chloris*, assi se chamava Flora, rainha das flores, antes que se casasse com Zephyro.
- Christovodo (D.)* intende-se da Gama; o qual indo por mandado de D. Estevão da Gama, governador da India, em favor do Preste João, contra el-rei de Zeila, desbaratou duas vezes os Mouros com 500 Portuguezes que levava.
- Cicero*, é M. Tullio, filho de um Tullio, e de Elbia sua mulher, consul romano.
- Cicones*, povos de Thracia.
- Cilicios*, são os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, região da Menor Asia.
- Cingapura* é um cabo de terra de frente da ilha Samatra.
- Cintra ou Sintra*, logar de Portugal, na costa do mar Oceano.
- Cinyras*, rei de Chypre, o qual de uma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis.
- Cingree*, é Myrrha, filha de Cinyras; a qual foi convertida em uma arvore de seu nome.
- Circes*, são as feiticeiras; porque Circe filha do Sol, e de Persé nympha, o foi tam famosa, que com seus incantos e feiticerias transformou (segundo contam as fabulas) os companheiros d'Ulysses em porcos.
- Cleoneu*, leão: é o que matou Hercules juncto a uma aldeia chamada Cleoneu, entre Argos e Corinho.
- Clicie*, nympha, a quem Apollo foi muito affeiçado.
- Cloto*, uma das tres Parcas.
- Cochim*, cabeça de um reino assim cha-
- mado, 30 leguas de Calecut, na costa do Malabar.
- Cocles*, foi Horacio Cocles, nobre Romano; o qual na guerra que Porsena, rei de Etruria, teve com os Romanos, pela restituicão dos Tarquinos, sussteve o impetu dos inimigos com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Subícia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os Romanos tiveram logar de derribar a ponte; e estando ja seus companheiros em salvo, armado como estava, se lançou ao rio, e a nado passou sem perigo algum aos seus; polo que os Romanos lhe levantaram uma estatua.
- Cocyto*, rio do Inferno.
- Codro*, rei dos Athenienses; o qual por salvar sua patria, se entregou à morte.
- Colchos*, região de Asia, em a qual (diziam) estava um vello-de-ouro, chamado communmente o Vellecino.
- Colosso*, estatua de metal em Rhodas, dedicada ao Sol.
- Columbo*, logar pequeno, mas o principal porto da ilha de Ceilão.
- Comorim*, cabo de frente de Ceilão.
- Conca*, cidade de Castelia-a-Velha.
- Congo*, reino antiquissimo de Africa.
- Cordova* cidade d' Espanha Bética.
- Cori*, o mesmo que Comorim.
- Cortilano*, varão illustre romano; o qual sendo em umas dissensões lancado fora de Roma, por vingar sua injúria, lhe fez depois muita guerra.
- Couido*, terra da província do Malabar.
- Coulete*, outro logar na costa do Malabar, seis leguas de Calecut.
- Cranganor*, terra da mesma província.
- Crocodilo*, animal grandissimo, da espécie de lagarto.
- Cuama*, rio que nasce na alagôa do Nilo.
- Cupido*, bem conhecido é de todos.
- Curcio*, Marco Curcio, foi tam afegado á sua patria, que não recouperou perder a vida por amor d'ella.
- Cybele*, mãe dos deuses gentílicos e mulher de Saturno.
- Cyclopes*, foram tres: Brontes, Steropes e Pyramon, filhos de Neptuno.
- Cylleneo*, é Mercurio.
- Cyniphio*, rio de Africa.
- Cynosura*, constelação celeste, chamada por outro nome Ursa-maior.
- Cyparissso*, filho de Telepho, matando por desastre um cervo, a que elle amava muito, ficou tam sentido, que Apollo (de quem foi muito

amado) lendo piedade d'elle o converteu em cipreste.
Cypria deusa, é Venus.
Cipro, é a Ilha de Chypre, no mar Mediterraneo.
Cyro, rei dos Persas.
Cithera, ilha no Peloponeso, chama da hoje Cetige, dedicada a Venus; a quem, per essa razão, chamam Cytherea.

D.

Dabul, lugar de Cambaia.
Dalmatas, os de Dalmacia, que agora se chama Esclavonia.
Damdo, cidade no Guzarate, reino da India.
Damascono, de Damasco.
Dano, é o morador de Dania, que agora chaumámos Dinamarca.
Danubio, o maior e mais celebrado rio de toda Europa.
Daphne, nymphá filha do rio Peneu, convertida em louro por causa de Apolo.
Dardania, assim se chamou Troia, de Dardano, rei d'ella.
Dario, rei dos Persas.
David, rei sanctissimo e propheta.
Decios, Romanos fortíssimos; os quaes amaram tanto sua patria, que se sacrificaram por ella; o pae na guerra latina, o filho na etrusca, e o neto na guerra que Pyrrho fez pelos Tarentinos.
Dedalea faculdade, obra e artifício de Dedalo, architecто famoso.
Deti, reino muito grande no Oriente.
Delio, é o sol.
Delos, ilha no mar Egeu, ou Myrtleu, onde Latona pariu a Apollo, e a Diana.
Diana, filha de Jupiter, e de Latona, deusa da castidade, e da caça. É a mesma que lua no ceo, e Proserpina no inferno.
Dina, filha de Jacob, a quem a furtou Sichem, filho de Hemor, per cuja causa foi morto, e todos os seus, e a terra destruída.
Dinis, é D. Dinis, rei de Portugal, filho d'el-rei D. Afonso o terceiro.
Dio ou Diu, cidade marítima, em o reino de Cambaia.
Diogo Dias, um dos douos feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas.
Diomedes, tyranno cruelissimo de Thracia; o qual sustentava os cavallos com a carne e sangue dos hom-pedes que agasalhava.
Dofar, cidade insignie na costa de Arabia-Feliz, donde vem o melhor incenso.
Douro, o maior rio d' Hespanha.

Dueris, primeiro do nome, e undécimo rei de Portugal.

E.

Eboenses campos, os de Evora cidade.
Egyptia terra, é o Egypcio.
Eicas, cidade na arraia de Portugal.
Elyrios, os campos Elyrios, onde os bemaventurados, depois de passar d'esta vida (conforme a opinião dos Ethnicos) iam descansar e gozar de perpetua felicidade.
Emathio, campo de Emathia, região da Grecia.
Eniacos, povos de Samarcia asiatica, que hoje chamámos Moscovia.
Eolo, filho de Jupiter, e de Sergesta, rei das ilhas Eulias, dicto rei dos ventos, e das tempestades.
Eoo, é o mesmo que do Oriente.
Ephyra, nymphá filha do Oceano, e de Teibys.
Epicurea seita, a de Epicuro, philoso-pho de Athenas ou Samos, o qual tinha por opinião, que a nossa alma era mortal, e corruptivel.
Erostrato, um louco e perdido, o qual queimou o templo de Diana Ephesia, só por adquirir fama imortal no mundo.
Erycina, é Venus.
Erymantho, rio d' Arcadia.
Erythreas ondas, as do Mar-Roxo.
Erythrea seio, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito Mar-Roxo para dentro.
Escandinavia, é uma peninsula, onde está o reino de Suevia, e outros.
Estrabo, philosophe cretense, e geographo insigne nos tempos d' Augusto.
Estygio lago, o que os poetas fingem haver no inferno.
Ethiopia, região de Africa, entre Araby, e Egypcio.
Etna, monte altíssimo de Sicilia.
Euphrates, rio celebre d' Asia.
Europa, uma das quatro partes da terra.
Eurydice, mulher de Orpheu, musico e tangedor excellentissimo.
Eurytene, rei de Grecia; o qual á ins-tancia de Juno, mandava Hercules a varias empresas, todas muito pe-rigosas, a fim de que em alguma pe-recesse.
Euxino mar : é o que hoje chamam mar Negro.

F.

Palerno, monte de Campania, no qual se dão vinhos excellentissimos.
Farlaque, cidade principal na costa d' Arabia-Feliz.

Favonio, vento Occidental, que per outro nome se diz Zephyro.

Flora, tida entre os Antigos por deusa das flores.

Francisco, foi o vice-rei D. Francisco d' Almeida.

Frades, região da Gallia-Belgica.

Fulvia, mulher de Marco Antônio.

G.

Gaditano mar, é o Occidental, dito assim de Gades, que e aí ha de Cadiz.

Galatea, nympha do mar, filha de Nereu e Doris.

Galerno, o mesmo que Favonio, vento ou Zephyro.

Gallegos, povos d' Hespanha.

Gallia, França.

Gallo, o Francez.

Gambela, rio d' África.

Ganges, couso do Ganges.

Garumna, rio d' França.

Gata, monte do reino de Narsinga.

Gedrosia, província d' África, na costa de Guiné.

Georgianus, povos d' Asia-menor.

Germano, quer dizer Alemão.

Gidd, cidade na costa d' Arábia.

Gigantea, cou-a de gigante.

Gigantes, foram, segundo os poetas, filhos de Iúno, e da Terra; os quais determinaram subir ao céo, e lançar a Jupiter fóra d'elle.

Gil Fernandes, per alcunha ou sobre-nome, de Elvas, foi falsamente preso per Pai- Rodrigues Marinho, que era Alcaide-mor de Campo-Maior, o qual tinha a voz de Castella; mas, resgatado, se encontrou depois com elle, entre Elvas, e Campo-Maior, onde Paio Rodrigues foi preso e morto.

Glyphyra, per cujos ditos, chistes e trovinhos, Marco Antônio deixava a sua mulher Fulvia.

Grado ou Caido, ilha do mar Carpathio.

Gonçalo Ribeiro, chamava-se Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual, com Vasco Aves, coloco da rainha D. Maria de Castella, e Fernan' Martins de Sanciarim, fizera grandezas cou-sas em França, onde passaram a ganhar fama, per sua cavalaria, como então se costumava, e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Castella, matou em desafio a um Castelhano, e em unhas justas reaes, que el-rei de Castella fez a sua instância, fiveram todos tres muitas vantagens.

Gothica gente, os Gódos, povos de Scybia.

Granadil, o de Granada.

Grecia, região d' Europa.

Guadalquivir, é o Bétis, rio que passa per Sevilha.

Guadiana, rio d' Hespanha.

Guardafu, o cabo a que os Antigos chamam Arômata, no fin da terra d' África, e principio de Asia.

Guces, povos sujeitos ao rei de Sião.

Guido, cognominava-se Lusigniauo, e foi ultimo rei de Hierusalem

Guzarates, são os moradores do reino de Cambaia.

H.

Harpias, aves mui sujas e golosas.

Hebreu a mãe, intende Emina mãe do Masamede, cujo pae foi Abdela, genito de nação.

Hector, um foi Hector de Sylveira, que desbaratou a Halixa capitâo-mor da armada de Diu: e ouiro (a quem o poeta o compara) Hector Troiano, filho de Priamo, rei de Troia, e de Hecuba sua mulher; o qual per muitas vezes desbaratou os Gregos no cerco de Troia.

Helicon, monte de Beocia.

Helle, filha d' Athamante, rei de Thebas, e de Nepheles; a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do odio e traïções de sua madrasia Ino, e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pae lhe dera, afiou no mar; o qual per esta occasião se ficou d' alli chamando Hellesponto.

Hellesponto, e um braço de mar que divide Asia d' Europa.

Hemisferio, quer dizer meia-esphera, que significa redondona.

Hemo, monte da Thracia alissimo.

Hercynia montanya, dizem ser um bosque muito grande, e muito espesso, entre o qual, e a terra de Sarmacia, está Alemanha.

Hermo, rio de Lydia, com o qual se mistura o Pactolo: ambos levam areias de ouro.

Heroas e Heroess, chamavam os Antigos aos varões illustres, e de grande valor, que per suas façanhas, e virtudes, mereceram ser tidos por iguaes aos deuses; e d' abi cousa heroica.

Hesperia, a ultima ou menor, é Hespanha: a primeira ou maior, é Itália.

Hesperides, foram tres: Eglo, Arethusa, e Hesperethusa, filhas de Hespero, rei d' África, as quais se diz nham um pomar que dava fructos de ouro, e era guardado per um dragão, que nunca dormia; mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Elas habitavam as ilhas hoje da Cabo-Verde.

Hesperio, o mesmo que Hespéro.
Hidalcó, príncipe poderosíssimo da Índia.
Hierosólyma, cidade de Hierusalem.
Hierusalem, cidade principal do Judea.
Hippolates, é Eolo, rei dos ventos.
Homeru, poeta grego, e príncipe dos poetas.
Horizonte, no sentido do Poeta é aquella parte do seo onde o sol começa mostrar seus raios.
Hunno, o Hunno iero, foi Attila.
Hyacinthus Flores, de Hyacintho, amancebo amado d' Apollo, o qual se maoou a si mesmo; e não podendo Apollo remediar sua morte, o converteu n'uma flor,
Hydaspe ou *Idaspe* rio da Índia.
Hymenau, ilha do deus Bacche, e da deusa Vénus.
Hyperborées montes, são uns que ficam na parte septentrional de Europa.

■.

Ibero, é o Ebro, rio d' Espanha.
Idatio, riante, bosque, na ilha de Chypre, dedicada a Vénus.
Idea setca, uma do monte Ida, Juncto a Troia, em a qual deu Paris o julgamento das tres deusas, Juno, Pallas e Vénus.
Illyricos, d' Illyrico ou Illyris, região na costa do mar Adriático.
India, região saluberríssima e bem conhecida.
Indo, um dos maiores rios do mundo, que rexa, e dá nome à India.
Inglaterre, ilha, no mar Oceano.
Ios ou *Chios*, ilha, no mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o poeta Homero.
Ismael, ilho d' Abrão, e d' Agar escrava sua; do qual os Mouros são chamados Ismaelitas.
Ismar, um dos cinco reis mouros, a quem el-rei D. Afonso Henriques venceu no campo-d' Ourique.
Israel, nome que o Anjo pôz a Jacob.
Istro, rio grandíssimo d' Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.
Italia, nobilíssima região d' Europa.
Ithaco, é Ulysses.

■.

Jano, rei antiquissimo d' Italia, ao qual pietavam com deus rostos.
Jáos, gente de Jaca, província do Oriente.
Japón, ilha d' Oriente, a qual (dizem) terá 600 leguas de comprido, e 300 de largo, sujeita todo a um só rei.

Japeto, gigante, filho de Titão, e da terra, e pai de Prometeu.

Jaque, lugar do reino de Cambaia, ao longo da costa.

Jaque, um cabo nas partes da Índia, chamado antiquamente Carpeila, cujo serião e mui esteril, e foi ditâ Carmânia.

Judeico rei, intende Esse bias; o qual estando ja sentenciado per Deus à morte, foi milagrosamente per suas lagrymas resucitado.

Judea, região de Syria, na Ásia-menor.

Juditis, vede *Baldino*.

Juno, filha de Saturno, e d' Opis, irmã e mulher de Jupiter.

Jupiter, filho de Opis, e de Saturno: e o maior de todos os deuses.

■.

Lactea-via ou *Lácito-caminho*, é o que chamaõos communmente caminho de Sanct' Iago.

Lamo, cidade, na costa de Melinde.

Lampécia, irmã de Phaeonte, filha do Sol.

Laos, povos sujeitos ao rei de Sião.

Luprásia, província da Europa septentrional.

Lara, cidade de Persia, nos confins d' Onus.

Latona, mãe d' Apollo.

Leão, reino d' Espanha, sujeito à coroa de Castella.

Leiria, cidade de Portugal.

Leva, serra asperissima, na costa d' África.

Leonardo, chamaõa-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama.

Leonor, foi D. Leonor Teles de Meneses, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem el-rei D. Fernando a tornou, e se casou com ella.

Leucate promontorio no Epiro, que hoje se chama Albânia.

Leucotbos nymphæ, ilha d' Orchamo, rei de Babylonia.

Levante, o oriente e sol nasce.

Líbívora, deusa dos sepulcros, e se toma pela mesma Morte.

Líbya, o mesmo que África.

Lipruscia ou *Gripussem*, província de Biscaia.

Liconior, povos d' uma província de Sarmòia, chamada agora Livonia.

Londres, cidade antiquissima d' Inglaterra, e cabeça de todo o reino.

Lotharingia, província de Europa, a qual antiquamente se diaia a Austria, e Austrasia.

Loix, arvore em que foi convertida uma nympha d'este nome.

Lourenço, é D. Lourenço d' Almeida

o qual, de fronte de Cananor, com onze velas, em que iam somente 800 homens, desbaratou uma armada do Samorim, composta de 80 naus grossas, e 170 menores, em que havia gente sem conto.

Lourenço (San') ilha famosa na costa da Ethiopia.

Lusis, foi nome do nome em França e dos reis 45.

Lusitadas, o mesmo que Lusitanos, Portuguezes.

Lyes, um dos nomes que os poetas dão a Baccho.

Lynxes, animaes que vêem muito.

III.

Macedonia, província d' Europa, dita assim de Macedon, filho d' Osiris.

Macua, cidade posta n' uma ilha do mesmo nome em a costa d' África.

Madagascar, é a ilha de san' Lourenço.

Mafoma ou Mafamedo, Arabe inventor e principe da seita mahometana.

Mafra, villa, no termo de Cintra.

Mago em a lingua persica, Mago é o mesmo que na grega philosopho, e na nossa sabio.

Magica sciencia, a feiticeria.

Mahomela, cousa de Mouros, os quaes se chamam Mahometanos.

Malabar, reino do Oriente.

Malaca, cidade nobilissima no Oriente.

Malaios, os moradores e povos de Malaca.

Maldive, uma das ilhas d'este nome, e principal de todos elles, sitas de fronte da costa india.

Maluco, são cinco ilhas d'este nome, em as quaes se dá o cravo.

Mandinga, província grandissima de Negros, na costa d' África, a qual é muito abundante de ouro.

Manuel, foi el - rei D. Manuel, pri-meiro do nome.

Marathonios campos, jazem na região Attica de Grecia.

Marcio jogo, é a guerra de Marte.

Marcomanos, povos d' Alemanha, chamados hoje Moravos.

Maria, foi a rainha D. Maria, filha d'el-rei D. Afonso, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com el - rei D. Afonso, segundo do nome em Castella.

Mario, capitão valeroso entre os Romanos, mas cruel e inhumano.

Marrocos, cidade de Barbária, e cabeça d' um reino assim chamado.

Marte, filho de Jupiter, e de Juno, a quem os Antigos tinham per deusada

guerra, e consummamento se tem a pela mesma guerra.

Martim Lopes, foi um fidalgo português muito esforçado; o qual na entrada que em Portugal fez D. Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos condes de Lara se havia lançado com os Mouros, e chegou a tomar Abrantes, com pouca gente e desbaratou e prendeu.

Martinho, foi este Martinho Afonso de Souza, excellentissimo capitão, e sabio governador na India.

Mascate, logar que está de Socotra para Ormuz.

Mattheus (D.) bispo de Lisboa, dando batalha a quatro reis mouros, a saber, ao de Cordova, ao de Sevilla, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinham a socorrer os Mouros d' Alcaçar; com muito menos gente os venceu, e os quatro reis foram mortos, e muita de sua gente.

Mavorte, é o mesmo que Marte.

Marcocios perigos, os da guerra.

Meca, cidade d' Arabia, em a qual ha um poço, com cuja agua dizem os Mouros se lavava Mamafede.

Mecom, rio grandissimo, o qual nasce na China, e corre pelo reino de Camboja.

Medea, filha d' Eta, rei de Colchos, grande feiticeira, e mui esperdiçada per Jason, por cujo amor matou a seu irmão; e fugindo pelo caminho em pedaços; porque assim tivesse tempo para fugir, em quanto seu pae se detinha em os recolher.

Medina, logar pequeno d' Arabia.

Mediterraneo mar, é aquele que divide a Africa da Europa.

Medusa, filha de Phorco, e d' um monstro marinho, cujo rosto mudava a quem o via, em pedra.

Megera, filha d' Acheronte, e da Noite, uma das tres furias que os poetas fingem haver no Inferno.

Meliapor ou *Meliapur*, cidade no reino de Narsinga, em a qual padeceu martyrio o Apostulo san' Thomé.

Melique-Yaz, um Mouro, que de captivo d' um mercador, veio a ser senhor de Diu, cidade rica e bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, aio e amo d'el - rei D. Afonso Henriques: foi esforçadissimo cavaleiro.

Mem Rodrigues de Vasconcellos, foi fidalgo mui valeroso no tempo d'el - rei D. João o Primeiro.

Memon, filho de Titão, e da Aurora, de quem, morto per Achilles, foi convertido em ave.

- M**
Memphis, é hoje a gran' cidade do Cairo no Egypto.
Memphítico, quer dizer cousa do Egypto, onde Anubis ídolo era adorado em figura de cão.
Mendo, rio, divide de alto abaxio o reino de Síao.
Menezes, o primeiro foi D. Duarte de Menezes. O segundo foi D. Henrique de Menezes, o roxo d'alcunha.
Meotis, lagos de Scythia, na região septentrional.
Meroe, ilha grandissima do Nilo, em a qual ha uma cidade do mesmo nome.
Miltiades, capitão famoso ateniense, o qual com muito pouco poder desbaratou juncto a um logar chamado Maratobus, Date general d'el-rei Dario.
Mincio, rio que passa juncto a Mantua.
Minerva, filha de Jupiter, e deusa da Sabedoria, e de todas as artes.
Minho, rio assás conhecido n'estas nossas partes.
Miramumínim, em lingua arabiga quer dizer príncipe dos Crentes.
Mir-Hocem, foi um capitão do Soldão d' Egypto.
Moçambique, uma província pequena eia costa d' Ethiopia.
Mocandão, é um Cabo chamado por outro nome Asaboro, entre Arabia e Persia.
Mogor, é o que commummente chama-mos Tartaro.
Moloso, o lebreu, chamado assim de Molosia, província d' Epiro.
Mombaca, lugar, na costa de Melinde.
Mondego, rio, entre nós bem conhecido.
Morpheu, flingiram os poetas ministro ou filho do Sonno.
Moscus, os de Moscovia.
Moscota, per outro nome a Russia.
Moura, villa de Portugal, na província d' Alemtejo.
Móysés, primeiro legislador e doctor da Lei Divina.
Murice, certo marisco, do qual se tira a cór vermelha, que chamam púrpura.
Musas, foram nove filhas de Jupiter, e Mneusyne, as quaes se diz inventaram os versos, e por isso são invocadas dos poetas.
Myrrha, ilha de Cinyras, rei de Chypre, e mãe d' Adonis.
- N**
Naiades ou Naidés são as nymphas das fontes, e dos rios.
- Náreas**, sobrenome dos nobres entre os Malabares, gente da India.
Napoles, chamada Parthenope, de uma sirenha d'este nome, é una ilustre e fermosa cidade na Campânia, região d'Italia, e cabeça do reino do mesmo nome.
Narsinga, reino grande e rico do Oriente.
Nassara, parte e reino septentrional d'Hespanha.
Navarro, o de Navarra.
Nectar, dizem os poetas, que é o beber dos deuses, como a Ambrosia, o comer.
Nemeu, animal, é o leão que Hércules matou no bosque Nemeu, em Achaea.
Nemesis, chamada por outro nome Rhampusia: foi filha do Oceano, e da Noite, e tida dos Antigos por deusa da Justiça.
Neptuno, filho de Saturno, e de Opis: foi entre os Antigos tido por deus do mar.
Nereidas, as nymphas filhas de Nereu, e de Doris.
Nereu, deus do mar, filho do Oceano, e de Thétys.
Nero, cruelissimo imperador dos Romanos.
Nicolau sacro, bemaventurado san' Nicolau, grande advogado dos navegantes.
Nicolau Coelho, capitão d' um dos quatro navios (tres de guerra, e um de mantimentos) com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.
Nilo, rio grandissimo d' Egypto.
Niloticas enchentes, as do Nilo.
Nino, filho de Belo, o qual foi o primeiro rei d' Assyria, e de Semiramis. Diz-se que esta foi creada pelas pombas.
Niobe, filha de Tantalo, irmã de Peleope, e mulher d' Amphion, rei de Thebas.
Nise, nympha do mar, filha de Nereu.
Nóbá: vede *Meroe*.
Nocturno, deus é Erebo, que os poetas fazem casado com a Noite, e dizem ser o porteiro do Sol.
Noé, pae de Sem, Cam, e Japhet: foi o primeiro patriarca da segunda idade.
Noroega, província da Europa septentrional.
Nymphas, deusas que os poetas flingem.

O.

- Obí**, rio do Oriente.
Obidos, villa de Portugal.
Oceano, filho de Celo e Vesta, deus do mar.

Octaviano, Cesar Octaviano, imperador de Roma.

Octavio, e o mesmo que Octaviano.

Ogiva, ilha, no mar funio.

Oja, cidade, na costa de Melinde.

Olynica morada, é o ceo.

Olympos, monte de Macedonia.

Omphale, rainha de Lycia.

Ophir, região abundantissima de ouro.

Orida, povos ao longo do rio Ganges.

Oriente, onde o sol nasce, e assim se toma pela India.

Orithya, nome d'uma das nymphas do mar, amada do vento Bóreas.

Orixa, reino do Oriente.

Orlando, loi um d'aquelle Paladinos valerosos e esforçados nas armas.

Ormuz, cidade inclyta da India.

Orpheu, filho d'Apollo, e da mussa Calliope, poeta excellentissimo, e amante d'Eurydice.

Ottomano, nome dos imperadores de Turquia.

Ourique, lugar no reino do Algarve.

P.

Pactolo, rio de Lydia, que dizem levar areias de ouro.

Paio, é D. Paio Correia, Portuguez de nação, Mestre de Calatrava em Castella, grande cavalleiro, e perseguidor de lóchieis.

Pallas, e Minerva.

Palmella, villa de Portugal.

Pam, reino do Oriente.

Panne, uma das principaes povoações d'el-rei de Calecut.

Panchala, região d'Arabia, em que ha muitas arvores de encenso.

Pannonios, os de Pannonia, região vastissima d'Europa, agora dita Hungria.

Panopea, nympha do mar, filha de Nereu e Doris.

Pantaea, mulher d'Abraadatas, rei dos Susos, fermissa e casta.

Paphia deusa, e Venus, de Paphos.

Paphos, cidade da ilha de Chypre.

Parcas, sôs tres : Cloio, Lathesis e Atropos, Ilhas d'Erebo, e da Noite. Pares, eram doze pessoas, seis eclesiasticos, e seis seculares, que Carlos Magno, rei de França escolheu entre os principaes do reino, para os levar consigo a guerra, e chamou-os *Pares*, que foi tanto como se os chamara *iguales*. Por outro nome se dizem *Paladinos*.

Parnaso, monte de Phocis, dedicado ás Musas.

Parseus, o mesmo que Persas.

Parthenope : véde *Napoles*.

Patanes, povos da India, poderosos em gente e terras.

Pegu, reino oriental, em que ha muito ouro, e outros pedras preciosas.

Peleu, rei de Thessalia, o qual foi casado com Tethys, senhora do mar.

Penates, os deuses, a que borravam os genitos dentro de suas casas.

Persas, são os moradores de Persia.

Persia, região d'Asia.

Phalaris, tyranno de Sicilia; o qual não passava o tempo mais que em inventar genros de tormentos com que matar os vassallos, depois de lhes tirar as fazendas.

Pharad, rei do Egypcio.

Phasis, rio grandissimo que nasce no monte Caucaso.

Phaeaces, ilha, a que hoje chamamos Corfù, e outros Corcyra.

Phœbus Apollo, são nomes do Sol.

Phenix, ave unica e so no mundo, e qual dizem vive em Arabia.

Philautia, é o amor proprio.

Philippos de Menezes (D.) capitão d'Orinuz, o qual houve grandes victorias na India.

Philippicos campos, chamados assim da cidade Philippes, em os quases foi aquella batalha de Octaviano e Marco Antonio, contra Bruto, Cassio e outros conjurados.

Philippo ou Philippe, rei de Macedonia, pae do grande Alexandre.

Phiomela, é o rouxinol, em que foi convertida uma filha de Pandião d'este nome.

Phlegon, um dos cavallos do Sol.

Phocas, lobos-marinhos.

Phormio, philosopho da seita dos Peripateticos.

Phrygios, o mesmo que Troianos.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Plinio, dito *Caius Plinio segundo*, natural de Verona.

Plutdo, rei dos infernos.

Poleds, são pola maior parte escravos dos Naires, na India.

Policena, filha de Iriamo, rei de Troia.

Polidoro, filho de Priamo, rei de Troia, ao qual matou Polimnestor, rei de Thracia, per avaraze.

Polimnestor, rei de Thracia.

Polonios, os de Polonia, província d'Europa.

Polos, são dous pontos astrologicos, que communmente chamamos Norte e Sul.

Pomona, tinham-a os Antigos por deusa da fructa.

Pompeio, chamado *Magnus* por suas

victorias, e triumphos, foi renomeado de Cesar.

Ronda, fortaleza de Hidalcão.

Poenus, onde o sol se pôe.

Poro, antigo rei de Guzaiato.

Progne, filha de Pandion, rei d' Athénas, e irmã de Philomela; a qual matou a seu filho, e o deu a coíner a Tereu seu pae, convertida depois em andorinha.

Prometheu: véde *Japeto*.

Ptolemeu, astrologo insignre, natural d' Egypcio.

Pyros, nome d' um dos cavallos do Sol.

Pyrrho, filho d' Achilles, e de Deidamia; o qual por vingar a morte de seu pae, sacrificou em seu sepulcro Polioena, filha de Priamo, rei de Troia.

Q.

Quedda, cidade do reino de Sião.

Quimane, lugar situado na bocca do rio Raps, chamado por outro nome *Obl*.

Quilios, cidade, na costa de Melinde. *Quintus Petlio*, cognominado Maximo, dictador romano; o qual com cautelas, e artis, destruiu a Annibal sem lhe dar batalia.

Quirino, é Romulo, primeiro fundador de Roma.

R.

R'gula, foi *Marco Accio Régulo*, consul romano; o qual quiz antes perder sua vida, que não se perdesse sua patria.

Repetum, cidade no Malabar.

Rhaso, pequeno rio, que nasce do Apenino.

Rhadana, chamado por outro nome *Rhone*, rio que nasce nos Alpes, e entra no mar Mediterraneo.

Rhodes, ilha no mar Carpathio.

Rhudope, monte de Thracia.

Ripheus, montes septentrionaes de Scythia.

Rogatiga, cabo insigne na Arabia Feliz.

Rodamonte, um famoso Paladino, em as poesias d' Orlando.

Rodrigo, intende-se *Biter*, chamado comunumente o *Cid Muys Dias*.

Rogeiro, um dos Paladinos, de que tratou na dirçao Orlando.

Roma, cidade a mais célebre e nomeada de todo o mundo.

Romanos, os de Roma.

Rui Pereira, cavalleiro esforçado e leal Portuguez.

Rumes são os Turcos, chamados assim

por virgem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Ruthenos, chamados por outro nome Roxolianos ou Russicos.

S.

Sobá, foi rainha do grande império do Preste João, na Etiópia.

Sabæas costas, as de Arabia, onde está a cidade Sabá.

Salucia, deusa do mar, mulher de Neptuno.

Salamina, ilha, no mar Euboico, de frente de Athenas, onde Xerxes, per valor de Themistocles, foi desbaratado.

Samaria, cidade de Syria.

Samatra, ilha grandissima e muito famosa, no Oriente.

Samnitico jugo: véde *Caudines forcas*.

Samorim, é o nome appellativo do senhor do reino Calecut, o qual soa tanto como imperador, por elle ser o maior rei de toda aquella costa.

Sanayd, rio que divide a terra dos Mouros Azenegues, em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chameados Gelefos.

Sancho, o primeiro foi el-rei D. Sancho, filho d'el-rei D. Afonso Henriques : o segundo el-rei D. Sancho segundo, chamado Capello, filho d'el-rei D. Afonso o segundo, remisso e desriduado.

Sanctarem, villa nobre de Portugal, juncio ao Tejo.

Sanct' Iago, Apostolo sagrado, padroeiro dos Hespanhóes.

Sanso, Hebreu de nação, filho de Manué : forte nos cabellios da cabeça.

Sara, mulher d' Abrahão. Véde *Pharao*.

Sarama Perimal, o derradeiro rei de todo o Malabar.

Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarmatas, os de Sarmacia, província sinistra, chamada agora Livonia.

Sarracenos, nome de que os Mouros

se jaciam muito, dizendo « que procedem de Sara, mulher d' Abrahão. »

Saul, primeiro rei d' Israel, em cujo tempo o santo David matou aquele suherbo gigante Goliath ou Golias.

Saxones, povos d' Alemanha.

Scylla, de duas faz a puerla menção.

Uma foi filha de Phorco, amante e amada de Glauco, a qual foi convertida em um gachopo que está no estreito de Messina, entre Italia, e Sicilia, per arte e industria da ciosa Circe : a outra foi filha de Niso, rei dos Magarenses; a qual foi occisião da morte de seu pae, por amor

- d'el-rei Minos, a quem elle muito queria.
- Scythas**, os da Scythia, vastissima região septentrional.
- Semela**, mãe de Baccho.
- Septentrional metá**, é o Norte.
- Sequana**, é rio Sena.
- Serpas**, villa de Portugal.
- Scritha**, cidade celebre em Hespanha.
- Sido**, reino poderoso de India.
- Sichem**, filho de Hemor: foi morto, e todos os seus, e a terra destruída, por tomar Dina a Jacob seu pae.
- Sicilia**, ilha famosa, e assás conhecida.
- Stculo mar**, o de Sicilia.
- Stene**, cidade d' Egypio, em a qual dizem, que em certo tempo do anno são n'ella tam direitos á hora de meio dia os raios do sol, que em nenhum parte ha sombra.
- Stndi**, monte altissimo de Arabia.
- Sintra**, terra de Portugal, tam fresca, que no mesmo tempo em que inui-los logares ao redor d'ella estão ardendo em fogo, tem grandes orvalhados, e rios.
- Siqueira**, foi Diogo Lopes de Siqueira, que sucedeu na governança da India a Lopo Soares d' Albergaria.
- Siracusa**, cidade de Sicilia.
- Smyrna**, cidade, na Menor-Asia.
- Sacolorá**, ilha entre o cabo de Farta-que, e o de Guardafú.
- Sofala**, povoação, na costa de Monbaça.
- Soldado**, título dos reis d' Egypio.
- Sophenos**, os de Sopheno, província de Suria: gente molle e effemi-nada.
- Suecio**, o de Suecia, província d' Es-candinavia.
- Sunda**, ilha do Oriente, alem de Sa-matra.
- Sylla**, nobre Romano, da antigua fa-mília dos Scipões, mas cruel e fa-cinoroso.
- Sylres**, cidade, no reino do Algarve.
- T.
- Tagides**, as nymphas do rio Tejo, cha-mado antiquamente Tago.
- Tanais**, dito communemente Tana, rio que nasce nos montes Tipheus, e divide a Asia da Europa.
- Tanor**, lugar, na costa de Melindo.
- Tarifa**, cidade d' Andalusia, dita antiquamente Tarteso.
- Tarpetia**, uma donzella, filha de Tar-peo romano, alcaide-mor da forta-leza de Roma; a qual com cubica de umas manilhas que os Sabinos, ini-migos dos Romanos, lhe promettem-ram, deu ordem para entrarem no castello, e em lugar de manilhas lhe deram á morte.
- Tarquino**, foi Sexto Tarquino, filho de Tarquino o soberbo de alcunha: por commetter adulterio com Lu-crecia, mulher do Collatino, acabou mal fora de Roma, e seu pae per-deo o reino.
- Tarragonex**, o da província Tarrago-nense, uma das tres em que Hes-paña foi dividida.
- Tartesos**, são os Andaluzes, de Tar-teso, que é Tarifa, cidade d' Andaluzia.
- Tauro**, um dos maiores montes do Mundo.
- Tavas**, cidade antiquamente do reino de Sião.
- Tavila**, lugar, no reino do Algarve.
- Tejo**, rio mui celebrado dos Antiguos per suas areias de ouro.
- Temessri**, cidade do reino de Sião, no Oriente.
- Teressa**, mulher do conde D. Hen-rique, pae d'el rei D. Afonso Hen-riques, o primeiro de Portugal, a qual foi filha d'el-rei D. Afonso o sexto, imperador d' Hespanha.
- Ternato**, uma das ilhas de Maluco, da qual saiem chamas de fogo.
- Tethys**, filha de Celo, e Vesta deusa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar.
- Thaumante**, pae de Iris, messageira dos deuses, e principalmente de Juno: toma-se pelo arco celeste.
- Thebanos**, é Baccho.
- Themistocles**, capitão ateniense de grande nome.
- Theotonio**, foi D. Theotonio, prior de Sancta-Cruz de Coimbra.
- Thermópyles**, passo aspero e estreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, região da Gre-cia, o qual Leonidas, rei de Sparta, com pouca gente, defendeu d'um grandissimo exercito de Xerxes, rei dos Persas.
- Thesiphonio ou Ctesiphonio**, artifice famoso, que fez o templo de Diana, em Epheso.
- Thomé**, san' Thomé, Apostolo de Nos-so Senhor Jesu-Christo, o qual es-teve e padecceu martyrio na cidade de Meliapor, onde está sepultado.
- Thrazes**, os de Thracia, região de Grecia, chamada hoje Romania.
- Thyoneu**, é Baccho.
- Tibre**, celebríssimo rio d' Italia.
- Tidore**, uma das ilhas de Maluco, na India.
- Tigris**, rio famoso, na menor Armenia.
- Tímaro**, rio dos Venezianos, ao qual os Antiguos chamavam mar, por ter a agua salgada.

Timor, ilha do Archipelago.
Tinge, cidade, na Mauritania.
Tingitana terra, quer dizer: terra de Barbaria.
Tirinchio, é Hercules.
Titio, fingem os poetas pae da Aurora, que é a manhã.
Titio, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, e a assolou, e queimou.
Tobias, nome proprio, celebrado nas sagradas letras: pelo seu guia dor se intende o Archanjo san' Raphael.
Toledo, reino d' Hespanha.
Tosanite, é Jupiter.
Tomentorio Cabo, é o que chamamos da Boa-Esperança.
Torres-Vedras, villa de Portugal.
Trajano, imperador dos Romanos, Hespanhol de nação.
Trancoso, villa famosa de Portugal.
Tritão, filho de Neptuno e de Salacia.
Troia, cidade antiguamente celebre em a Phrygia, provincia d' Asia-Menor, juncito do Hellesponto; a qual foi destruida pelos Gregos.
Tropico, são os Tropicos certas baixas terminos do ceo, entre os quaes anda o sol, sem passar nehum d'elles. Um se chama de Cancer, da banda do Norte: outro de Capricornio, da banda do Sul.
Trudante, cidade populosa de Barbária.
Turcos, os povos de Turquia.
Tuscos, o mesmo que Toscanos.
Tutuado, logar fronteiro d' Africa.
Tuy, cidade, no reino de Galliza.
Typeas armas, são os raios de que Jupiter usava.

Tyria cor, é a grã, chamada assim de Tyro, cida de de Phenicia.
Tyrios, os da cidade Tyro.

U.

Ulcinda, reino, no Oriente, entre Persia e Cambaia.

Ulysses muros, os de Lisboa.
Ungaro ou Hungaro, o de Ungris.
Ursas, são as que chamámos guardas-do-Norte.

V.

Vandalia, é Andalusia.
Venero, cousa de Venus.
Veneza, cidade fermosa, rica, de grandissimo trasto e commercio.
Venus, entre os Antiguos tida por deusa da fermosura, e dos amores lascivos.

Vespero ou Herpero, é o Planeta Venus, que nas partes occidentaes, em se pondo o sol, aparece primeiro que todas as estrelas, e planetas, e antes que o sol saia, se ve tambem no ceo depois de escondidas as outras estrelas.
Vesta, filha de Saturno, e de Opis, mãe de Tethys, senhora do mar.
Vulcano, filho de Jupiter e Juno, entre os Antiguos venerado por deus do fogo, e se toma pelo mesmo fogo.

X.

Xeque, quer dizer governador, na lingua arabiga.
Xerez, logar de Castella.
Xerxes, filho de Dario, o mais poderoso rei dos Persas.

Z.

Zebellinos, animaes, são os que comumente chamámos arminhos.
Zeila, logar na costa d' Africa.
Zelanda, terra do Norte.
Zephyro, vento que, por outro nome, chamámos Favonio.
Zona, circulo com que os geographos dividem a terra, os quaes são cinco.

CATALOGO

RAS OBRAS QUE AUCTORISAM A PRONUNCA DE CANÕES, COM OS NOMES
DE SEUS AUTORES, E O ANNO EM QUE FORAM IMPRESSAS.

- AGOSTINHO DA CRUZ (Frei) *Marias poesias*, Lisboa, no officio de Miguel Rodrigues, 1771.
- ANTONIO FERREIRA, *Poemas lusitanos*, Lisboa, na regia officina typographica, 1771.
- BERNARDO RIBEIRO, *Menina e moça*, Lisboa, na officina de Domingos Gonsalves, 1783.
- DIOCO BERNARDOS, *O Lima*, Lisboa, na officina de António Vicente da Silva, 1761.
- *Flores de Lima*, Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, 1770.
- *Rhymas ao bom Jesus*, Lisboa, na officina de Miguel Rodrigues, 1770.
- FRANAN' d' ALVARES DO ORIENTE, *Lusitania Transformada*, Lisboa, na regia officina typographica, 1781.
- FRANCISCO DE SA DE MENESES, *Malaoa conquistada*, Lisboa, na officina de José de Aquino Builhões, 1779.
- GABRIEL PEREIRA DE CASTRO, *Ulyssea*, Lisboa, na officina de Lourenço Craesbeeck, 1636.
- JERONIMO CORTE REAL, *Coroa de Diu*, Lisboa, na officina de Simão Thaideo Ferreira, 1781.
- *Naufragio de Sepulveda*, Lisboa, na typographia Rollandiana, 1783.
- LOUIS PRAKIRA, *Elegiada*, Lisboa, na officina de José da Silva Nazareth, 1785.
- PEDRO DE ANDRADE CAMINHA, *Poetas*, Lisboa, na officina da Academia real das sciencias, 1791.
- SÁ DE MIRANDA, *Obras*, Lisboa, na typographia Rollandiana, 1784.

FIM.

Lusitania, 22/9/73

PARIIS.—NA TYPOGRAPHIA DE PAIN E TRUNOT, RUA RACINE, 28.

860172

2
2



